Benito Bisso Schmidt

O PATRIARCA E O TRIBUNO:

CAMINHOS, ENCRUZILHADAS, VIAGENS E PONTES DE DOIS LÍDERES SOCIALISTAS - FRANCISCO XAVIER DA COSTA (187?-1934) E CARLOS CAVACO (1878-1961)



Tese de Doutorado apresentada ao ***Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas*** *sob a orientação do Prof. Dr. Claudio H. M. Batalha.*

Este exemplar corresponde à redação final da tese de doutorado defendida e aprovada pela comissão julgadadora em 30/08/2002

BANCA:

Prof. Dr. Claudio H. de M. Batalha ***(orientador)***
Prof. Dr. Alexandre Fortes
Prof. Dr. Michael Hall
Prof. Dra. Regina Horta Duarte
Prof. Dra. Sílvia R. F. Petersen

SUPLENTES:

Prof. Dra. Luzia Margareth Rago
Prof. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha

Agosto/2002

UNICAMP

UNIDADE IFCH
Nº CHAMADA T/UNICAMP
Sch52p
V ____ EX ____
TOMBO BC/ 50944
PROC 16.837/02
C ____ DX ____
PREÇO R$ 11,00
DATA 26/09/02
Nº CPD ____

CM00173423-5

BIB ID 259076

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

~~Sch94p~~
Sch52p

Schmidt, Benito Bisso
O patriarca e o tribuno : caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961) / Benito Bisso Schmidt. - - Campinas, SP : [s. n.], 2002.

Orientador: Cláudio Henrique de Moraes Batalha.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Socialismo - Brasil. 2. Movimento operário – Brasil. 3. Socialistas - Biografia. 4. Rio Grande do Sul - História. I. Batalha, Cláudio Henrique de Moraes. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(...)
Os escafandristas virão
Explorar sua casa
Seu quarto, suas coisas
Sua alma, desvãos
Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco das antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização.
(Chico Buarque, *Futuros Amantes*.)

(...) o biógrafo lida com o passado, e um passado morto, faz a autópsia de um morto; não para dissecar o corpo, para falar das vísceras, dos membros, das feridas, mas para reanimá-lo, trazê-lo outra vez à vida, ressuscitá-lo e lhe emprestar uma nitidez que, na verdade, ele nunca teve. (...) E o que se espera é que essa vida escrita que o biógrafo oferece ao leitor seja muito mais precisa, direta, sem simulações, objetiva do que a vida real, a vida vivida pelo biografado. Pode haver, eu pergunto, atitude mais onipotente? Pode haver, também, verdade mais enganosa?
(José Castello, *Carta a um jovem biógrafo*.)

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Para Bernardo.

Agradecimentos

Ao meu orientador Claudio Batalha que, desde o início, apoiou o projeto, incentivou minha ida a Campinas e a ajudou-me a superar os inconvenientes de uma orientação à distância. Sua leitura crítica certamente contribuiu para que essa tese ganhasse em qualidade (o que não me exime da total responsabilidade pelo resultado final).

Aos membros da banca do exame de qualificação - professores Marco Aurélio Garcia, Margareth Rago e Michael Hall -, que me auxiliaram com suas críticas e sugestões. Margareth brindou-me com a sua amizade em Campinas e Michael, como de praxe, foi generoso ao indicar autores e caminhos de pesquisa.

Aos colegas do Curso de Doutorado - especialmente Alexandre, Andréa, Clara, Fábio, Maria Elena, Mauro e Suzana -, profissionais competentes e amigos queridos. Lembro sempre com muito carinho das nossas discussões, das nossas festas e dos nossos fuxicos. Clarinha ajudou-me a ver a vida com outros olhos, mais felizes e generosos.

Aos colegas do Departamento de História da UFRGS - sobretudo aos amigos Cesar Guazzelli, Regina Xavier (recém chegada aos pampas) e Sílvia Petersen - que me substituíram nas tarefas docentes e administrativas durante o meu afastamento. Sílvia

tem sido sempre um exemplo de profissionalismo, dedicação ao ensino público e amizade. É uma honra e um prazer poder chamá-la de colega.

Aos membros do GT "Mundo do Trabalho" da ANPUH/RS - notadamente Adhemar Lourenço da Silva Jr., Beatriz Loner, Evangelia Aravanis, Isabel Bilhão e Sílvia Petersen - por me propiciarem um importante espaço de trocas afetivas e intelectuais.

Ao Professor Jean-Louis Robert, meu orientador no "doutorado sanduíche", e à Professora Sabina Loriga, que muito contribuiu para a definição da perspectiva teórica da tese.

Ao "irmão" Luiz Antônio Mazzini Fontoura, que, mesmo sem querer, me fez descobrir os encantos de Campinas.

Ao Temístocles e a Eliane, pelo apoio e carinho em Paris.

Às famílias Toribio-Pannerai e Aurivel (em Paris) e Berardinelli (em Petrópolis), por me guiarem e acarinharem em terras estranhas. Frédéric me fez entender que a expressão "cidade luz" não era apenas metafórica.

A D. Anita Xavier da Costa e à família Cavaco, que dividiram comigo as suas lembranças.

A Júlio Petersen, cidadão de Porto Alegre, pelo empréstimo de fontes imprescindíveis à pesquisa.

A João Batista Marçal, por me emprestar alguns documentos importantes de seu valioso acervo pessoal.

Ao Professor René Gertz, por generosamente me auxiliar com as fontes e a bibliografia escritas na misteriosa língua de Goethe.

Aos amigos Cristina Lima, Martha Hameister e Roberto Cataldo, pelo auxílio com as imagens utilizadas nesse trabalho.

À amiga e "colega biógrafa" Haike Kleber da Silva, pelo incentivo e pela leitura atenta na "fase crítica".

À direção e aos funcionários das instituições onde realizei a pesquisa.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas - Ana Paula, Carolina, João Júlio, Laetitia, Luiza, Pedro, Sheila, Rafael, René e Ricardo - que, em sua "amizade na diversidade", indicam muitos caminhos para um futuro mais feliz e fraterno.

À minha família e aos meus amigos, tesouros maiores da minha vida.

Ao Edgar, que acompanhou a gestação dessa pesquisa. A ele agradeço por seu companheirismo e exemplo de garra. Espero que os nossos caminhos possam voltar a se cruzar muitas vezes, fraternalmente.

Aos pesquisadores Ernani Roggia (bolsista FAPERGS), Francisco Vargas (bolsista FAPERGS), Tiago Oliveira e João Alexandre Fontoura Corrêa, pelo auxílio na localização e transcrição das fontes de pesquisa.

À UFRGS e à CAPES, pela concessão das bolsas PICDT e "sanduíche" (com a nota triste da extinção do Programa PICDT, forma pérfida de ataque às universidades públicas e gratuitas).

Porto Alegre, agosto de 2002.

Resumo

A tese apresenta as biografias de Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e de Custódio Carlos de Araújo "Cavaco" (1878-1961), dois dos mais destacados líderes socialistas do movimento operário brasileiro na Primeira República e no pós-1930. Parte-se do princípio comum aos estudos micro-históricos de que a redução da escala possibilita a observação de processos, relações e causalidades pouco ou não perceptíveis nas investigações centradas nos aspectos estruturais, coletivos, repetitivos, macro-orientados em suma. Pretende-se, assim, através da narração, da análise e do cruzamento das trajetórias desses personagens, responder às seguintes questões: 1) Por que indivíduos com experiências de vida tão diferenciadas sentiram-se atraídos pelo socialismo do final do século XIX e início do XX?; 2) Quais foram os instrumentos, estratégias e espaços por eles utilizados para construírem, consolidarem e manterem a sua liderança no movimento operário sul-rio-grandense na Primeira República?; 3) Que socialismo Xavier da Costa e Cavaco defendiam? Ou seja, em termos teóricos, quais eram as suas idéias centrais e fontes de inspiração? e 4) Como se explica a adesão dos personagens ao Partido Republicano Rio-Grandense e ao regime instaurado pela Revolução de 30?

Para tanto, no **Capítulo I**, narra-se os percursos de Xavier da Costa e de Cavaco antes de ingressarem no movimento operário. Ao examinar as múltiplas e variadas experiências dos personagens na infância e na juventude, procura-se identificar alguns fatores que contribuíram para a sua adesão posterior à causa do socialismo. No **Capítulo II**, aborda-se, primeiro, os passos iniciais de Xavier da Costa no movimento operário de Porto Alegre e a progressiva construção de sua liderança junto a parcelas significativas dos trabalhadores do estado na última década do século XIX. Em seguida, trata-se da inserção de Cavaco nos círculos de sociabilidade literária da Capital gaúcha, após a sua chegada à cidade no ano de 1904. No **Capítulo III**, examina-se, inicialmente, a conjuntura que precedeu a eclosão da primeira greve geral do Rio Grande do Sul em 1906; a seguir, a participação de Xavier da Costa e de Cavaco na greve - momento culminante de sua militância conjunta - e, por fim, a atuação de ambos após o movimento, ora em prol de causas comuns, ora separadamente. O **Capítulo IV** é dedicado à análise das idéias e das influências teóricas e políticas dos dois líderes socialistas, bem como dos grupos que eles consideravam inimigos do operariado. No **Capítulo V**, investigam-se os novos espaços de atuação de Xavier da Costa após a sua adesão ao PRR em 1912; os itinerários de Cavaco nessa época - sobretudo os escândalos amorosos nos quais se envolveu em 1913 e 1918 e as suas andanças pelo Brasil e por outros países da América do Sul e da Europa - e a postura desses dirigentes operários frente à Revolução de 1930 e o governo de Vargas. Encerro, discutindo as possíveis razões do apoio de muitos socialistas gaúchos à "política burguesa" (o republicanismo de cunho positivista e o getulismo).

Abstract

This thesis presents the biographies of Francisco Xavier da Costa (187?-1934) and Custódio Carlos de Araújo "Cavaco" (1878-1961), two outstanding socialist leaders in the Brazilian workers' movement during the so-called First Republic and in the post-1930 period. Our starting point is the principle common to micro-historical studies, according to which scale reduction allows the observation of processes, relations and causalities little or non-perceptible in investigations focused on structural, collective, recurring, in sum, macro-oriented aspects. Therefore, by narrating, analyzing and cross-examining those figures, we intend to answer the following questions: 1) Why were individuals with so distinct life experiences attracted to socialism at late 19th Century and early 20th Century?; 2) Which were the tools, strategies and spaces they resorted to in order to build, strengthen and hold their leadership within the workers' movement in the southern Brazilian state of Rio Grande do Sul, during the First Republic?; 3) Which kind of socialism was advocated by Xavier da Costa and Cavaco? That is to say, theoretically speaking, which were their main ideas and inspirational sources? And 4) How can their joining the *PPR*-

Partido Republicano Rio-Grandense (Rio Grande do Sul Republican Party) and the regime established after the 1930 revolution be explained?

In order to do that, in **Chapter I**, we narrate Xavier da Costa and Cavaco's life course before they entered the workers' movement. Examining their multiple and varied childhood and youth experiences, we seek to identify some elements that contributed to their later joining the socialist cause. In **Chapter II**, we firstly approach Xavier da Costa's initial steps within the workers' movement in Porto Alegre and the gradual build-up of its leadership among significant portions of the state's workers in the last decade of the 19th Century. Next, Cavaco's participation in the circles of literary sociability at the state capital after his arrival in 1904 is examined. **Chapter III** examines, at first, the conjuncture which preceded the breaking of the first general strike in Rio Grande do Sul, in 1906; Xavier da Costa and Cavaco's participation in that strike – the upmost moment if their political activity together – and finally, the actions of both after that movement, whether in behalf of common causes or separately. **Chapter IV** is aimed at the analysis of ideas and theoretical influences on both socialist leaders, as well of those groups they saw as the workers' enemies. **Chapter V** investigates Xavier da Costa's new areas of activity after he joined the PPR in 1912; Cavaco's whereabouts at the time – above all, the love scandals he got involved in 1913 and 1918, and his travels around Brazil and other South American as well as European countries. Besides, it looks into the stance taken by both men regarding the 1930 Revolution and Getúlio Vargas' government. I finally close discussing the possible reasons for the support lent by several socialist leaders in the state to the "bourgeois politics" (positivist republicanism and Getulism).

Índice

ABREVIATURAS – ACERVOS CONSULTADOS.....17

INTRODUÇÃO.....19

I - OS PRIMEIROS ANOS: a infância e a juventude.....35
1.1 - Francisco: um mulato entre alemães.....37
1.2 - Custódio Carlos: de "Toco" a "Cavaco".....53

II - A CONQUISTA DE PORTO ALEGRE: militância e literatura.....85
2.1 - Xavier da Costa: a construção de uma liderança operária.....85
2.2 - Carlos Cavaco: a busca de espaço junto a "bohemia da penna".....137

III - A GREVE DE 1906: dois socialistas agitam a cidade.....165
3.1 - Antes da greve: embates e alianças do/no movimento operário.....165
3.2 - A greve: "ordem e união".....212
3.3 - Depois da greve: encontros e desencontros.....268

IV - QUAL É O NOSSO SOCIALISMO?: as idéias socialistas de Xavier da Costa e de Cavaco (e talvez de muitos de seus companheiros).....363
4.1 - Ampliação da cidadania: a grande reivindicação.....365
4.2 - Os "luzeiros do socialismo": o Panteão de Xavier da Costa e de Cavaco.....379
4.3 - A "sublime doutrina": entre a ciência e a moral.....397

4.4 - Quem são os nossos adversários?: burgueses, soldados, padres e anarquistas.....415

V - E A LUTA CONTINUA! (mas nada será como antes...): a adesão à "política burguesa".....427

5.1 - O Conselheiro Xavier da Costa: novos espaços de atuação política.....428

5.2 - Carlos Cavaco: "Don Juan dos Pampas" e "Gorki americano".....467

5.3 - A Revolução de 1930: em busca da terra da promissão.....524

5.4 - "Peleguismo"?: as possíveis razões de adesão.....578

CONCLUSÃO.....587

FONTES E BIBLIOGRAFIA.....595

Abreviaturas
Acervos Consultados

ABM/IHG-RS - Arquivo Borges de Medeiros / Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS.

ABM/ILEA/UFRGS - Acervo Benno Mentz / Instituto Latino-americano de Estudos Avançados / Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS.

ACMPOA - Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

AHPA - Arquivo Histórico de Porto Alegre "Moysés Vellinho".

AHRS - Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS.

ALZEB - Acervo Literário Zeferino Brazil - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS.

APAXC - Arquivo Pessoal de D. Anita Xavier da Costa - Porto Alegre/RS.

APHC - Arquivo Pessoal de D. Heloísa Yolanda Bezerra de Cavaco - Petrópolis/RJ.

APRS - Arquivo Público do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS.

BMP - Biblioteca Municipal de Petrópolis/RJ.

BN - Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/RJ.

BNL - Biblioteca Nacional - Lisboa/Portugal.

BPE - Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS.

BPJBM - Biblioteca Particular de João Batista Marçal - Porto Alegre/RS.

BPJP - Biblioteca Particular de Júlio Petersen - Porto Alegre/RS.

BRG - Biblioteca Rio-Grandense - Rio Grande/RS.

CDHPRGS - SC - Centro de Documentação da História Política do Rio Grande do Sul - Solar dos Câmara - Porto Alegre/RS.

CMPOA - Biblioteca da Câmara Municipal de Porto Alegre.

CPDOC/FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil / Fundação Getulio Vargas - Rio de Janeiro/RJ.

CPPOA - Capela Positivista de Porto Alegre.

FALSJ - Fichamento Adhemar Lourenço da Silva Jr..

FBL - Fichamento Beatriz Loner.

FIB - Fichamento Isabel Bilhão.

FJBM - Fichamento João Batista Marçal.

FSP - Fichamento Sílvia Petersen.

IHG-RS - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS.

IIHS - Instituto Internacional de História Social ("Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis") - Amsterdã/Holanda.

MCSHJC - Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa - Porto Alegre/RS.

NPH - Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS - Porto Alegre/RS.

Introdução

Em outubro de 1906, milhares de trabalhadores e trabalhadoras ocuparam as ruas e praças de Porto Alegre, reivindicando a adoção da jornada de 8 horas nas fábricas e oficinas da cidade. A Capital gaúcha vivia sua primeira greve geral. À frente das manifestações, estavam os socialistas Francisco Xavier da Costa e Carlos Cavaco.

O primeiro participava do movimento operário porto-alegrense desde a última década do século XIX e havia conquistado uma posição de liderança em seu seio. Por isso, foi considerado o **Patriarca** do socialismo no Rio Grande do Sul[1]. Já Cavaco aderiu a esse movimento pouco antes da eclosão da greve, a convite de Xavier da Costa, conhecedor de sua reputação de **Tribuno** talentoso[2]. Encerrada a "parede", continuaram a participar das lutas do operariado, ora lado a lado, ora separadamente. Em 1912, Xavier da Costa aderiu ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), situacionista, e foi eleito Conselheiro Municipal. Alguns anos depois, Cavaco, após

[1] Segundo o jornalista e historiador diletante João Batista Marçal. Ver: MARÇAL, J. B. Francisco Xavier da Costa, Patriarca do Socialismo no Rio Grande do Sul. *A Luta, órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro - Rio Grande do Sul*, nº 46, junho de 1996. p. 5.

envolver-se em dois escândalos amorosos, fugiu de Porto Alegre e viajou por diversos países e por outros estados do Brasil. Quando da eclosão da Revolução de 30, ambos apoiaram o novo regime e procuraram atrair os trabalhadores para a política sindical varguista.

Na atualidade, esses outrora ilustres personagens - hoje quase desconhecidos - emprestam seus nomes a ruas de diferentes municípios. A Rua Conselheiro Xavier da Costa, tranqüila e arborizada, fica na zona sul de Porto Alegre, no Bairro de Ipanema. O visitante curioso encontrará nas placas de esquina uma breve caracterização do homenageado: "zeloso líder operário e conselheiro municipal". Se a descrição lhe parecer insuficiente, poderá recorrer à coluna "Ruas da cidade", publicada no jornal *Correio do Povo* em 22 de janeiro de 1961. Seu autor, Dante Pianta, apresenta o Conselheiro como um "hábil gravador, cujos trabalhos eram grandemente solicitados", "inteligente e culto", "homem de confiança da administração municipal", político "combativo", e acrescenta que, graças a seus esforços, "a cidade recebeu uma longa série de benefícios, que vieram incentivar o progresso da Capital gaúcha"[3]. Porém, silencia sobre a militância socialista de Francisco.

A Rua Carlos Cavaco, bem mais estreita mas igualmente tranqüila, situa-se a muitos quilômetros dali, na cidade fluminense de Petrópolis. Na placa, não há nenhuma informação a respeito desse homem de sobrenome esquisito. Entretanto, na deliberação nº 2.301 da Câmara de Vereadores local, constam alguns dados biográficos de Cavaco, justificando a imortalização de seu nome no logradouro.

---

[2] O também jornalista e historiador diletante Ivo Caggiani escreveu uma biografia de Cavaco cujo subtítulo enfatiza, justamente, a eloqüência do personagem. Ver: CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco: a vida quixotesca do tribuno popular de Porto Alegre*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1986.

[3] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 22/01/1961 (APAXC). Nessa tese, todas as citações documentais tiveram sua ortografia atualizada.

Segundo o documento, ele foi "escritor, poeta, teatrólogo e tribuno dos mais arrebatados, (...) autor de várias obras, (...) algumas traduzidas na Argentina e no Uruguai"; além de membro da Academia Petropolitana de Letras, sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e colaborador de vários jornais de Petrópolis. E ainda: "em sua agitada vida política", "foi revolucionário em 30 com destacada atuação junto a Getulio Vargas"[4]. Como no caso de Xavier da Costa, nada é dito a respeito de suas lutas em prol do socialismo.

Afrânio Peixoto, na crônica "O nome das ruas", escreveu: a "toponímia (...) de qualquer cidade é uma história miúda divertidíssima". História que serve tanto à lembrança quanto ao esquecimento. O escritor ilustra tal fato com uma anedota: "Souza Bandeira perguntando a um sujeito, em Montpellier, quem era Auguste Comte, cujo nome lia numa esquina", recebeu a seguinte resposta: "é o sujeito que deu o terreno...". Tenho dúvidas se o viajante moderno, visitando Porto Alegre ou Petrópolis, ouviria algo diferente ao passear pelas ruas mencionadas acima. "Anonímia de esquina ou de placa; de praça, ou de mármore ou bronze...", afirma Peixoto[5].

O objetivo maior da presente tese é, pois, dissipar a anonímia que hoje envolve Xavier da Costa e Cavaco; não apenas para contar uma "história miúda" - também divertidíssima em certas passagens - mas, sobretudo, para permitir uma compreensão matizada e plural do movimento operário de orientação social-democrata[6] em Porto Alegre ao longo da Primeira República e seus desdobramentos

---

[4] Deliberação nº 2.301 da Câmara de Vereadores de Petrópolis. Fichário sobre ruas da cidade (BMP). O documento é datado de 26 de novembro de 1965.

[5] PEIXOTO, Afrânio. O nome das ruas. In: ___. *Miçangas, fama (folclore) e história*. Rio de Janeiro, Editora Cátedra, 1977.

[6] Estou usando os termos "socialismo" e "social-democracia", e seus derivados, indistintamente, pois é assim que eles aparecem na documentação consultada.

no pós-1930. Com esse intuito, construí as biografias do Patriarca e do Tribuno do socialismo no Rio Grande do Sul.

* * *

Convém deixar claro, inicialmente, a que tipo de biografia estou me referindo. Afinal, sob esse rótulo, encontram-se trabalhos de diferentes teores, escritos com referências e preocupações variadas e por profissionais de diversas áreas. Certamente, não falo das biografias tradicionais - narrativas factuais e lineares da vida dos "grandes homens" desde o nascimento até a morte -, cujo objetivo principal é o de apresentar o biografado como modelo de conduta a ser seguido: um "discurso de virtudes", nas palavras de Michel de Certeau[7]. Nem das biografias sensacionalistas - do estilo "Os segredos de...", "A vida íntima de..." -, destinadas a saciar os apetites voyeuristas dos leitores. Refiro-me, sim, às biografias que, partindo das experiências de um indivíduo, abordam questões mais gerais relacionadas à época na qual o mesmo viveu.

Essa perspectiva norteou os estudos clássicos de Lucien Febvre sobre Martin Lutero, Margarida de Navarra e Rabelais[8]. No último, por exemplo, Febvre analisou a vida e a obra do escritor renascentista para demonstrar a impossibilidade do ateísmo no século XVI. Tal procedimento metodológico difundiu-se na historiografia contemporânea. Cito, nesse sentido, o famoso livro de Carlo Ginzburg, *O queijo e os*

---

[7] DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982. p.p. 272. Sobre as biografias tradicionais, ver: GÉRARD, Alice. Le grand homme et la conception de l'histoire au XIX[e] siècle. *Romantisme, revue du dix-neuvième siècle*. Paris, XXVIII[e] année, n° 100, 1998. Um exemplo dessa perspectiva encontra-se em CARLYLE, Thomas. *Les héros*. Paris, Éditions des deux mondes, 1998.

[8] FEBVRE, Lucien. *Martin Lutero: um destino*. México, FCE, 1956; ___. *Autour de l'Heptaméron*. Paris, Gallimard, 1944 e ___. *Le problème de l'incroyance du 16 siècle*. Paris, Albin Michel, 1974.

vermes. Nele, o autor, por intermédio da reconstituição de fragmentos da vida e do pensamento do obscuro moleiro Menocchio, perseguido pela Inquisição no século XVI, formulou uma interpretação sobre a "circularidade" entre a cultura camponesa e a cultura da elite na Europa pré-industrial[9].

Ao construir as biografias dos dois líderes socialistas, segui um caminho semelhante, ou seja, através da investigação e do cruzamento de seus itinerários pessoais, busquei responder aos seguintes problemas de pesquisa:

- Por que indivíduos com trajetórias de vida tão diferenciadas - como era o caso de Xavier da Costa e de Cavaco - sentiram-se atraídos pelo socialismo do final do século XIX e início do XX?

- Quais foram os instrumentos, estratégias e espaços utilizados por esses personagens para construírem, consolidarem e manterem a sua liderança no movimento operário sul-rio-grandense na Primeira República?

- Que socialismo eles defendiam? Ou seja, em termos teóricos, quais eram as suas idéias centrais e fontes de inspiração?

- Como se explica a adesão de muitos socialistas gaúchos - Xavier da Costa e Cavaco entre eles - ao PRR e ao regime instaurado pela Revolução de 30?

Essa proposta de investigação inspira-se na perspectiva da micro-história que, segundo Giovanni Levi, um de seus principais expoentes, "(...) é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental". De acordo com ele, "o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica

[9] GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

revelará fatores previamente não observados"[10]. Assim, optei por examinar o socialismo em Porto Alegre na República Velha e após 1930, tendo como fio-condutor as vivências de Xavier da Costa e de Cavaco, a fim de compreender processos, relações e causalidades pouco perceptíveis nos estudos voltados ao estrutural, ao coletivo, às regularidades, ao "estatisticamente mais freqüente"[11].

Entretanto, os protagonistas da tese não foram reduzidos a meras cobaias para a solução de problemas de pesquisa pois, conforme afirma Jacques Le Goff, "(...) a biografia histórica deve se fazer, ao menos em um certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos eventos individuais ou coletivos - uma biografia não 'événementielle' não tem sentido". E também: "uma verdadeira biografia é inicialmente a vida de um indivíduo e a legitimidade do gênero histórico passa pelo respeito a este objetivo: a apresentação e a explicação de uma vida individual na história"[12].

O principal desafio que se coloca, então, aos historiadores biógrafos é o de articular narração e explicação ou, em termos caros ao grupo dos *Annales*, história narrativa e história-problema. Citando novamente Le Goff, esse declara, a respeito de sua pesquisa sobre o Rei da França Luís IX, o "São Luís":

> Rei e santo, São Luís entra em uma categoria da Idade Média, aquela dos santos reis. Ele se conformou ao modelo desta categoria ou

[10] LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992. p.p. 136 e 139, respectivamente. Sobre a micro-história, consultar, entre outros: LIMA FILHO, Henrique Espada. *Micro-historia: escalas, indícios, singularidades*. Campinas, PPG em História da UNICAMP, 1999 (tese de doutorado); PESAVENTO, Sandra Jatahy. Esta história que chamam micro. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso e XAVIER, Regina Célia Lima (org.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2000; REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1998; SERNA, Justo e PONS, Anaclet. El ojo de la aguja. De qué hablamos cuando hablamos de microhistoria? In: TORRES, Pedro Ruiz (org.). *La historiografia*. Madrid, Marcial Pons, 1993; ___. *Cómo se escribe la microhistoria*. Madrid, Cátedra, 2000 e VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história. Os protagonistas anônimos da História*. Rio de Janeiro, Campus, 2002.

[11] Expressão de GINZBURG, C., op. cit., p. 27.

[12] LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?. *Le Débat*, n° 54, março-abril 1989. p.p. 49-50.

> manifestou diferenças devidas à época ou ao que se pode reconhecer como sua individualidade? A biografia parte assim, na tradição do espírito dos *Annales*, de uma questão, se formula como um caso de história-problema[13].

De forma semelhante, Georges Duby - autor da biografia de Guilherme Marechal, cavaleiro medieval que foi regente do Rei da Inglaterra Ricardo III -, ao comentar as motivações que o levaram a escrever a obra, afirmou:

> (...) eu podia ser acusado de trair o "espírito dos *Annales*". Eu era, com efeito, o primeiro dentre os epígonos de Marc Bloch e Lucien Febvre a aceitar escrever a biografia de um "grande homem". Mas na realidade não me desviava nem um milímetro de meu percurso. A única modificação - das mais importantes, reconheço - dizia respeito à forma. Eu estava voltando sem rodeios à narrativa. Contava uma história, seguindo o fio de um destino pessoal. Mas continuava atendo-me à história-problema, à história questão. Minha pergunta continuava sendo a mesma: que é a sociedade feudal?[14]

Sem estar comprometido com o "espírito" de alguma escola historiográfica, procurei, partindo das considerações de Le Goff e de Duby, conciliar a narrativa das trajetórias de vida de Xavier da Costa e de Cavaco com o objetivo de responder aos problemas de pesquisa referidos acima.

* * *

Outra questão importante a ser enfrentada pelos historiadores biógrafos diz respeito à representantividade dos personagens analisados. Até que ponto eles representam a sua época, a sua classe ou, nesse caso específico, os seus companheiros de militância?

Alguns estudos recentes indicam que, por mais singular que seja um indivíduo, existem sempre pontos de contato entre as suas vivências e concepções e as

---

[13] Idem ibidem, p. 51. Ver: ___. *Saint Louis*. Paris, Gallimard, 1996.
[14] DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro, Zahar/UFRJ, 1993. p.p. 137-8. Ver: ___. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro, Graal, 1987.

de seus contemporâneos, pois todos compartilham, em menor ou maior grau, determinados códigos culturais, os quais permitem a convivência e a comunicação. O já citado Ginzburg, interrogando-se sobre a relevância de se pesquisar as idéias e crenças de Menocchio, salienta: "da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um"[15]. Robert Darnton, partindo de referenciais teóricos diferentes, chega a uma formulação semelhante: "(...) a expressão individual ocorre dentro de um idioma geral, de que aprendemos a classificar as sensações e a entender as coisas pensando dentro de uma estrutura fornecida por nossa cultura"[16].

Apoiando-me em tais pressupostos, analisei as "expressões individuais" de Xavier da Costa e de Cavaco na tentativa de compreender melhor o "idioma geral" de sua época e de seu meio social, a "jaula flexível e invisível" onde eles viveram e atuaram. Tenho claro os riscos do empreendimento - especialmente o de se explicar o indivíduo pelo contexto ou, de forma inversa, o de se reduzir o social ao individual - e, por isso, busquei estabelecer, ao longo da narrativa, uma permanente tensão entre os constrangimentos sociais e as liberdades individuais. Não se pode esquecer que, a cada momento de suas vidas, esses homens tinham diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faziam escolhas no âmbito de um "campo de possibilidades historicamente determinadas". Se hoje esse futuro já é passado, e os resultados das escolhas feitas, conhecido, o biógrafo precisa recuperar o "drama da

[15] GINZBURG, C., op. cit., p. 27.
[16] DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos. E outros episódios da história cultural francesa.* Rio de Janeiro, Graal, 1986. p. XVII.

liberdade" dos personagens - as incertezas, oscilações e incoerências -, mostrando que suas trajetórias não estavam pré-determinadas desde o início[17].

Nessa pesquisa, porém, não considerei os indivíduos biografados apenas como representativos de um determinado meio e de uma determinada época, mas igualmente como reveladores da "(...) fisionomia variada do devir histórico (...)"[18]. De acordo com Sabina Loriga, "só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais (...)"[19]. Logo, as trajetórias de Xavier da Costa e de Cavaco, por um lado, possibilitam a compreensão de aspectos gerais da história do movimento operário gaúcho e, por outro, permitem trazer à tona a variedade das práticas e das idéias presentes no seu interior.

* * *

[17] A noção de "campo de possibilidades historicamente determinadas" é de GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades à margem de "Il ritorno de Martin Guerre", de Natalie Zemon Davis. In: ___. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1989. p. 183. A expressão "drama da liberdade" aparecem em LORIGA, Sabina. Mannequins ou faiseurs d'histoire?. *Critique*, n^{os} 632-3, janeiro-fevereiro, 2000. p. 138. Segundo a autora, "inicialmente, quando os eventos ocorreram, durante o desenrolar da ação, outras possibilidades se ofereceram, outros fatos poderiam ter se realizado: elas foram jogadas na sombra pelo resultado final, e mesmo apagadas, mas isto não significa que não tenham existido". Portanto, "(...) o curso dos acontecimentos só estabelece *a posteriori* sua própria necessidade" (p. 137). Para Michel de Certeau, é justamente nesse ponto que reside a diferença entre biografia e hagiografia: "Enquanto que a biografia visa colocar uma evolução e, portanto, as diferenças, a hagiografia postula que **tudo é dado na origem** com uma 'vocação', com uma 'eleição' ou como nas vidas da Antigüidade, com um ethos inicial". DE CERTEAU, M., op. cit., p. 273. Grifo do autor.

[18] LORIGA, S. *Mannequins...*, op. cit., p. 144.

[19] LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (org.), op. cit., p. 249. Loriga oferece um ótimo exemplo de tal perspectiva em seu livro sobre o exército piamontês no século XVIII, mostrando a diversidade das percepções e vivências existentes no seio dessa "instituição total". Ver: LORIGA, Sabina. *Soldats. Un laboratoire disciplinaire: l'Armée Piémontaise au XVIII^{e} siècle*. Paris, Mentha, 1991.

A essa altura, o leitor já deve estar curioso para saber por que escolhi biografar, justamente, Xavier da Costa e Cavaco, e não outros socialistas atuantes no Rio Grande do Sul no mesmo período.

A escolha de um tema de pesquisa - sobretudo de uma pesquisa biográfica, na qual a relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento é, literalmente, pessoal - está sempre ligada a fatores pouco mensuráveis, como a empatia (ou a antipatia), a admiração (ou o desprezo) e a curiosidade. Todavia, ela deve obedecer, também, a critérios mais racionais e objetivos.

Assim, tanto a documentação quanto a historiografia previamente consultadas indicavam que Xavier da Costa havia sido a principal liderança socialista de Porto Alegre na Primeira República, assertiva que espero ter confirmado nessa tese. Além disso, ele possui as características "clássicas" dos dirigentes operários do período: o artesão qualificado que começa a militar nas associações de seu ofício e depois passa a participar de organizações e movimentos pluri-profissionais. Assim, a opção por biografá-lo derivou, especialmente, de sua importância enquanto líder do movimento operário porto-alegrense.

Carlos Cavaco, igualmente, destacou-se como dirigente socialista na Capital gaúcha nas primeiras décadas do século XX. Contudo, sua trajetória difere bastante da de Francisco, com quem estabeleceu laços pessoais e políticos: ele não era operário nem artesão qualificado e parece ter abraçado a causa dos trabalhadores motivado muito mais por um ideal estético-emocional do que por razões propriamente ideológicas.

Acredito, pois, que a construção e o cruzamento dessas biografias permite ilustrar e entender as diversas formas de "ser socialista" naquele período

* * *

O foco da pesquisa recaiu, portanto, na atuação de Xavier da Costa e de Cavaco como líderes do movimento operário. Segundo Batalha, para fins práticos, é possível falar da existência de três tipos de militantes no Brasil no pré-1930: os militantes de base, os quadros intermediários e as lideranças. Os primeiros formam o maior grupo, "composto por aqueles que apenas exercem uma militância eventual, que são a base de todas as organizações, que estão presentes nos momentos de ascenso dos movimentos e os abandonam nos momentos de refluxo". Os quadros intermediários, por seu turno, são os que participam ativamente da vida da categoria, integram direções de entidades, assinam manifestos, mas raramente escrevem sobre sua prática e muito menos produzem teoria. Finalmente, há uma minoria de militantes que "chega a escrever nos jornais operários e tem uma atuação que transcende os limites de sua categoria profissional", as lideranças operárias[20].

Os protagonistas dessa história podem ser incluídos, sem dúvida, no último grupo: eles escreveram em jornais, fundaram associações, organizaram greves e congressos e, muitas vezes, lideraram diversas categorias profissionais. Por isso, suas trajetórias são bem documentadas, pois o "nosso conhecimento sobre cada um desses tipos de militantes é inversamente proporcional ao seu peso numérico"[21].

A escolha desse enfoque - a militância no movimento operário - não significa conferir às biografias dos personagens uma identidade estável, um sentido linear e

[20] BATALHA, Claudio H. M. Vida associativa: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário. *Anos 90*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, nº 8, dezembro 1997. p. 93.
[21] Idem Ibidem.

uma coerência *ex-post*, aquilo que Pierre Bourdieu chamou de "ilusão biográfica"[22]. Significa, sim, priorizar, na análise, um ângulo bastante significativo de suas multifacetadas trajetórias. Dessa forma, procura-se superar a idéia, tão cara às biografias tradicionais, "de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma 'intenção' subjetiva e objetiva, de um projeto (...)"[23]. Para Loriga, igualmente, "(...) o estudo do passado continua a privilegiar uma concepção aritmética do indivíduo, pré-psicanalítica, e mesmo pré-dostoievskiana - concepção que não oferece ao personagem-homem senão uma alternativa: desempenhar o papel de um ser consciente e coerente ou então o de um peão no tabuleiro de xadrez da necessidade". A autora propõe, ao contrário, que se aceite as incertezas do passado e que se renuncie ao "simulacro da integridade individual", indo "(...) além da continuidade aparente do devir para recuperar os desvios, as fissuras e os acidentes, mas também as potencialidades do passado"[24].

Seguindo tais indicações, procurei construir os personagens da tese como seres plurais, nos quais múltiplas identidades convivem, dialogam e entrechocam-se.

O desafio de acompanhar os itinerários de Xavier da Costa e de Cavaco rompendo com a ilusão da identidade homogênea e estável implica, também, desconstruir as fontes de caráter biográfico e autobiográfico que, via de regra, expressam uma imagem pautada pelos pressupostos da coerência, da linearidade e do sentido[25]. Em geral, suas trajetórias são apresentadas - por eles mesmos, por seus contemporâneos e, inclusive, por parcelas da historiografia - como realizações de um

---

[22] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1996.
[23] Idem ibidem, p. 184.
[24] LORIGA, S. *A biografia...*, op. cit., p.p. 245 e 248, respectivamente.

projeto, com sentido claro e inexorável, assentado no idealismo e nas lutas em prol dos trabalhadores. Algumas dessas representações podem ser ilustradas pelos seguintes versos da poesia "Profissão de fé", de autoria de Cavaco:

> Imperturbavelmente! A minha vida
> segue na reta que eu determinei.
> E, embora ulule a turba presumida
> não me afasto da linha que tracei![26]

A vontade de viver a vida "em linha reta" coaduna-se com a posição política dos personagens. Para preservarem a sua posição de liderança, eles precisavam apresentar-se enquanto exemplos de conduta e de moralidade, enquanto portadores de convicções firmes e inabaláveis, que não hesitam diante das adversidades e das "tentações da burguesia", lutando sempre em prol da emancipação da classe operária.

Desconstruir essas fontes, percebendo os condicionantes de suas narrativas e os seus objetivos implícitos e explícitos, não significa desqualificá-las como "falsas". Pelo contrário, elas são muito úteis para se compreender as imagens que Xavier da Costa e Cavaco formularam sobre si e as que outros construíram a seu respeito. Porém, a narrativa aqui proposta, sem a pretensão de ser mais "verdadeira", parte de outros pressupostos: não a unidade, a linearidade e o sentido inexorável; mas a multiplicidade, a diversidade de caminhos e possibilidades e a liberdade de escolha, em um campo de possibilidades historicamente determinadas, onde os "sentidos" são construídos durante o itinerário e não previamente. Com tal intuito, procurei cruzar diferentes tipos de fontes - jornais, entrevistas, documentos oficiais, escritos literários, memórias, iconografia etc. -, localizadas em arquivos públicos e privados, a fim de construir biografias multifacetadas do Patriarca e do Tribuno.

---

[25] Ver: MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya*. Santa Maria, nº 34, julho/dezembro 2000.

* * *

A exposição segue, em geral, uma ordem cronológica e foi dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo, narro os percursos de Xavier da Costa e de Cavaco antes de seu ingresso no movimento operário. Ao examinar as múltiplas e variadas experiências dos personagens na infância e na juventude, procuro identificar alguns fatores que contribuíram para a sua adesão posterior à causa do socialismo. Não quero, com isso, construir uma idéia de predestinação mas, pelo contrário, mostrar a variedade de caminhos abertos a cada um e a importância das escolhas feitas por eles nesse período.

Começo o segundo capítulo, abordando os passos iniciais de Xavier da Costa no movimento operário porto-alegrense e a progressiva construção de sua liderança junto a parcelas significativas dos trabalhadores do estado na última década do século XIX. Em seguida, trato da inserção - nem sempre tranqüila - de Cavaco nos círculos de sociabilidade literária da Capital gaúcha, após a sua chegada à cidade no ano de 1904.

No terceiro, central e mais longo capítulo da tese, examino, inicialmente, a conjuntura que precedeu a eclosão da primeira greve geral do Rio Grande do Sul em 1906; a seguir, a participação de Xavier da Costa e de Cavaco na parede - momento culminante de sua militância conjunta - e, por fim, a atuação de ambos após o movimento, ora em prol de causas comuns, ora separadamente.

O penúltimo capítulo é dedicado à análise das idéias e das influências teóricas e políticas dos dois líderes socialistas, bem como dos grupos que eles consideravam inimigos do operariado.

---

[26] CAVACO, Carlos. *Versos de barricada!* América do Sul (sic), s/e, 1924. p. 15 (BPJP).

No capítulo final, investigo os novos espaços de atuação de Xavier da Costa após a sua adesão ao PRR em 1912; os itinerários de Cavaco nessa época - sobretudo os escândalos amorosos nos quais se envolveu em 1913 e 1918 e as suas andanças pelo Brasil e por outros países da América do Sul e da Europa - e a postura desses dirigentes operários frente a Revolução de 1930 e o governo de Vargas. Encerro, discutindo as possíveis razões do apoio de muitos socialistas gaúchos à "política burguesa" (o republicanismo de cunho positivista e o getulismo).

Pois bem leitores... é hora de conhecer as biografias do Patriarca e do Tribuno.

I - OS PRIMEIROS ANOS: *a infância e a juventude*

De maneira geral, as fontes referentes aos "primeiros anos" das vidas de Xavier da Costa e de Cavaco, sobretudo as de caráter autobiográfico, enfatizam, simultaneamente, a pobreza dos pais e o orgulho das origens. Xavier da Costa, por exemplo, declarou em 1905: "Filho de pai operário e de mãe pobre como ele, quando compreendi isto tornei-me nobremente orgulhoso"[1]. Cavaco, igualmente, assinalou: "(...) meu pai (...) deixou para a sua numerosa família uma herança de pobreza e de glória"[2]. Tais narrativas assemelham-se ao que Michel de Certeau chamou de "tópica hagiográfica", na qual destaca-se a ascendência nobre dos santos e heróis enquanto sinal da predestinação divina: "O sangue é a metáfora da graça. Daí a necessidade das genealogias"[3].

Os protagonistas dessa história também consideravam-se predestinados e buscavam, nos antepassados, a fonte de sua eleição para conduzir as lutas dos

[1] *A Democracia*. Porto Alegre, 20/08/1905. p. 1 (MCSHJC).
[2] Apud CAGGIAGI, I., op. cit., p. 12 (sem referência da fonte).
[3] DE CERTEAU, M., op. cit., p. 272.

trabalhadores[4]. Essa concepção transparece nos versos do poema "O meu berço", de Cavaco:

> Latino, americano, brasileiro,
> por estas veias impetuosas passa
> o sangue altivo que eu herdei da raça
> retemperada a golpes de "pampeiro".
>
> Levo comigo o traço verdadeiro
> da nobre estirpe que um brasão enlaça.
> Porém, adoro a Deusa - populaça
> e tenho arrojos de dinamiteiro[5].

De forma semelhante, Xavier da Costa escreveu:

> Ao atingir a adolescência vislumbrei dois caminhos diante de mim: um, o do servilismo (...); outro, o da altivez honesta, que me faria passar a existência que passo - pobre, mal visto algumas vezes, apreciado outras, porém em certas emergências, temido também porque (...) sou independente, porque não troco o desafogo de minha consciência pelas materiais conveniências de uma posição rendosa e brilhante ou possível de o ser no conceito da astuta burguesia.
>
> Preferi o segundo caminho (...)
>
> Sou um pobre operário e, acentuo ainda uma vez, orgulhoso disto; sou um simples trabalhador que convencido de que se cabem deveres ao proletário cabem-lhe, igualmente, direitos (...) e tais direitos são sonegados - luta por todos os meios ao seu alcance, com a pena e com a palavra, na imprensa e na tribuna, contra a iníqua usurpação do poderoso capitalismo e contra as legiões de outros exploradores que engordam à custa do sacrossanto suor dos pobres que de fato trabalham[6].

Em ambas as citações, apesar de suas formas diferenciadas, os autores apresentam uma auto-imagem semelhante: a de homens destemidos e altivos que lutam, por todos os meios ao seu alcance - a dinamite a pena, a palavra, a imprensa, a tribuna -, em benefício dos necessitados - a "populaça", o "proletário", os "pobres" - e contra a injusta organização social vigente. Essa missão parece lhes ter sido outorgada no próprio berço, pelo "sangue da raça", no caso de Cavaco, ou pelos pais pobres e

---

[4] Como salienta Sirot, ao analisar a autobiografia do secretário-geral do Partido Comunista Francês Maurice Thorez (1900-1964), "os laços e as relações orgânicas com o povo representam o elemento central fundador da identidade do dirigente operário exemplar (...), ele é o produto, a emanação do povo", o que o habilita a ser o seu "representante emblemático". SIROT, Stéphane. *Maurice Thorez*. Paris, Presses de Sciences Po, 2000. p. 29.

[5] CAVACO, C., op. cit., p. 16.

[6] *A Democracia*. Porto Alegre, 20/08/1905. p.p. 1-2. (MCSHJC)

operários, no de Xavier da Costa. Reforça-se, assim, a coerência e a linearidade de suas trajetórias, como se a militância fosse a realização de um projeto em germe desde o nascimento.

Ao analisar a infância e a juventude dos protagonistas dessa história, não busco reforçar a idéia de predestinação. Pelo contrário, procuro mostrar a variedade dos caminhos abertos a cada um e a importância das escolhas feitas por eles nesse período, as quais ajudam a explicar a sua adesão posterior à causa do socialismo.

1.1 - Francisco: um mulato entre alemães

Essa história começa em Porto Alegre, no dia 3 de dezembro de um ano incerto da década de 1870. No seio de "uma família muito unida", nasceu Francisco, filho do baiano José Pereira da Costa e da gaúcha Carolina dos Reis Costa[7].

Não sabemos nem quando nem porque José veio para o Rio Grande do Sul. Talvez ele fosse um dos homens livres de cor engajados no exército brasileiro por

[7] A documentação consultada apresenta datas diferentes para o nascimento de Xavier da Costa. Alguns exemplos: no registro de seu casamento religioso, ocorrido em 5 de fevereiro de 1898, consta que ele tinha então 27 anos de idade (*Livro de assuntos de casamento da Nova Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Porto Alegre* - ACMPOA). O ano de 1871 é retomado em um texto escrito em sua homenagem, publicado no jornal *O Independente* (Porto Alegre, 29/06/1908. p. 1 - APAXC) e no referido artigo de Marçal (MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit.). Já no *O Echo do Mar* (Rio de Janeiro, 25/12/1909. p. 1 - APAXC) afirma-se que ele nasceu em 1872. Na sua carteira de identidade de 27/04/1917 e nos seus títulos de eleitor de 14/02/1922 e de 04/04/1933, aparece 1873 como ano de nascimento. Contudo, no título de eleitor de 04/03/1914, registra-se que ele estava com 35 anos (APAXC). Mesmo seus necrológios são contraditórios: o do *Correio do Povo* (Porto Alegre, 12/05/1934. p. 7 - MCSHJC) afirma que ele contava com 62 anos ao morrer e o *Diário de Notícias* (Porto Alegre, 12/05/1934, recorte sem referência de página - APAXC) dá a idade de 63 anos. Porém, não há discordâncias quanto ao local, dia e mês de nascimento, nem quanto à filiação. A expressão "uma família muito unida" é de D. Anita Xavier da Costa em entrevista ao autor, Porto Alegre, 13/09/1999. A depoente, professora aposentada, com 85 anos na época da entrevista, é a filha mais moça, e única viva, de Francisco.

ocasião da Guerra do Paraguai que acabaram se estabelecendo no estado sulino[8]. Segundo D. Anita, seu avô possuía "(...) uma casa de negócios pequena. Assim, de fim de linha como chamam"[9]. Discursando no Conselho Municipal em 1929, Francisco manifestou seu orgulho de ser um "rio-grandense de origem baiana", "(...) filho de um nato da terra maravilhosa e bendita que surgiu aos olhos atônitos do argonauta luso como uma miragem edênica, a apontar para cima, para a amplidão cerúlea e intérmina, para o alto, para muito alto, com esse indicador colosso que é o Monte Pascoal (...)"[10].

Já Carolina nasceu por volta de 1855 e, quando conheceu José, homem "simples e muito trabalhador", era uma "viúva muito pobre", com duas filhas do primeiro casamento, Maria e Maria Francisca, a "Noquinha". Porém, apesar dos pais diferentes, "os três irmãos eram como se fossem de um casal só". Ao falecer, em 1922, a "veneranda senhora", mereceu do jornal *O Independente* as seguintes palavras: "Mãe, como poucas o são foi Dona Carolina dos Reis Costa amantíssima e dedicada, preparando seus dignos rebentos para com estoicismo e grandeza d'alma enfrentarem as vicissitudes da vida (...)"[11].

---

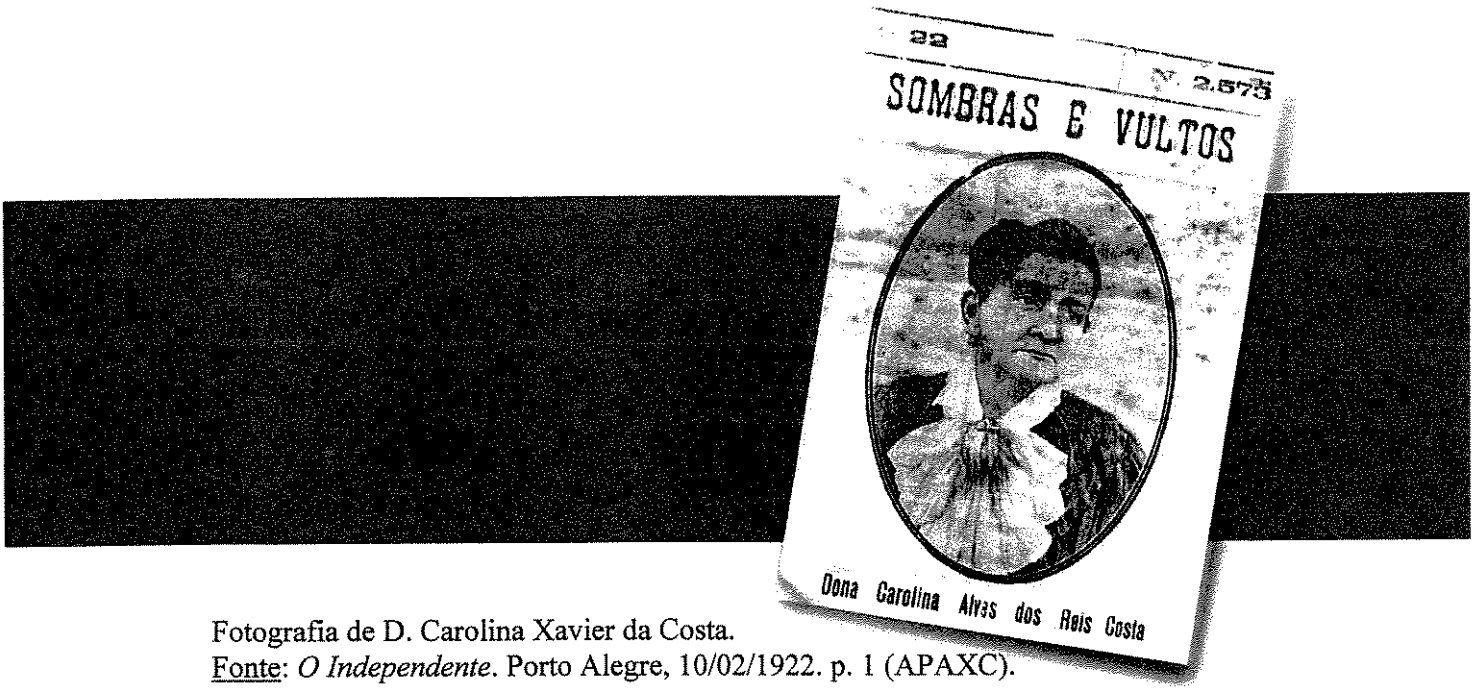
[8] Ver: MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Sobre fronteira e liberdade - representações e práticas dos escravos gaúchos na Guerra do Paraguai (1864-1870). *Anos 90*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, nº 9, julho de 1998 e SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

[9] Entrevista ao autor, op. cit. Na *Lista geral dos cidadãos qualificados votantes da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Porto Alegre em o ano de 1880* (AHRS), encontram-se as seguintes informações sobre José Pereira da Costa: 38 anos, solteiro, carpinteiro, filiação ignorada, domiciliado na Margem, renda conhecida de 300$000 réis, sabe ler e escrever. Porém, como esse é um nome muito comum, não se pode dizer que se trata do pai de Francisco (agradeço ao colega Paulo Moreira pela informação).

[10] *A Federação*. Porto Alegre, 12/11/1929. p. 3 (APAXC).

[11] *O Independente*. Porto Alegre, 10/02/1922. p. 1 (APAXC). Nesse necrológio, afirma-se que "contava a veneranda finada a idade de 67 anos (...)". As demais informações sobre D. Carolina foram fornecidas por D. Anita Xavier da Costa. Entrevista ao autor, op. cit.

Estou ciente das especificidades da fonte oral, principalmente no que se refere à seletividade da memória e à participação do entrevistador na sua construção. O depoimento de D. Anita foi por mim analisado com mais vagar em SCHMIDT, Benito Bisso. Anita Xavier da Costa: memórias da filha de um pioneiro do socialismo no Rio Grande do Sul - da fogueira das lembranças ao álbum de



Fotografia de D. Carolina Xavier da Costa.
Fonte: *O Independente*. Porto Alegre, 10/02/1922. p. 1 (APAXC).
Reprodução: Roberto Cataldo.

Os epítetos atribuídos a José e a Carolina expressam as concepções dominantes na época a respeito das virtudes que enobreciam cada sexo. Nesse sentido, o homem precisava ser trabalhador e a mulher, sobretudo, "mãe (...) amantíssima e dedicada"[12].

Infelizmente, a documentação disponível não apresenta muitas informações sobre a infância de Francisco. Não sabemos quais foram suas brincadeiras, suas travessuras, seus sonhos de criança... Porém, pela sua condição étnica e de classe, é possível presumir que ele tenha sentido na pele as discriminações presentes na sociedade brasileira nas última décadas do século XIX, relativas aos pobres de cor.

---

recordações. *Horizontes antropológicos: cultura oral e narrativas*. Porto Alegre, PPG em Antropologia Social da UFRGS, ano 5, nº 12, dezembro de 1999.

[12] Esse tipo de representação da "família ideal" - na qual a mulher é associada às qualidades afetivas e à maternidade e o homem ao trabalho - aparece também nos escritos de Antônio Guedes Coutinho (1868-1945), outro militante socialista que atuou no Rio Grande do Sul na virada do século XIX. Ver: SCHMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2000. Para um quadro mais geral das relações de gênero no sul do Brasil, ver: PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997.

Em primeiro lugar porque era mulato, ou "pardo" como se dizia na época[13]. Francisco nasceu antes da abolição da escravidão, em um período no qual os negros e mulatos, ainda que livres, como parecia ser seu caso, apesar de constituírem um contigente expressivo da população de Porto Alegre[14], sofriam toda a sorte de preconceitos e enfrentavam inúmeras barreiras sociais. Na imprensa local, por exemplo, mesmo depois de 1888, diversos artigos difundiam uma imagem pejorativa dos afro-descendentes. Assim, a *Gazeta da Tarde*, em 1896, referia-se dessa forma à "Colônia Africana", região da cidade habitada preponderantemente por negros: "um tenebroso inferno (...). Não há dia em que não role o pau por certas tabernas ali situadas, onde se juntam os avinhados heróis do cacete e da faca"[15]. Com termos semelhantes, o jornal descreveu, no ano anterior, um homem a quem se atribuía práticas de feitiçaria, o "Tio Pedro": "(...) na fisionomia uma expressão de malvadez que o torna repelente. Quem o olha adivinha logo que ali está um mau sujeito e não pode deixar de dizer com os seus botões: - Este negro tem muitos crimes na consciência"[16].

Imagens desse tipo deviam circular nas mentes e nas conversas dos habitantes da Capital gaúcha e não é despropositado pensar que o menino Francisco tenha se defrontado, e sofrido, com tais preconceitos. Entretanto, a condição de mestiço do personagem raramente aparece mencionada nas fontes. Mesmo D. Anita refere-se à questão de maneira eufêmica, afirmando que seu pai era "indiático"[17].

---

[13] Em sua carteira de identidade de 27/04/1917 e no seu título de eleitor de 14/02/1922, a "cútis" de Xavier da Costa é definida como "parda" (APAXC).

[14] Dados estatísticos referentes à população de Porto Alegre em 1888 indicam a existência de um contingente de 6.903 pardos, 5.231 pretos, 221 índios e 26.462 brancos, perfazendo um total de 38.817 habitantes. Assim, os ex-escravos, de alforria mais antiga ou mais recente, perfaziam 31,2% da população total da cidade. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A emergência dos subalternos: trabalho livre e ordem burguesa*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1989. p. 69.

[15] *Gazeta da Tarde*. Porto Alegre, 13/07/1896. p. 1 (MCSHJC).

[16] *Gazeta da Tarde*. Porto Alegre, 15/05/1895. p. 2 (MCSHJC).

[17] Entrevista ao autor, op. cit.

Além disso, sendo filho de família pobre, ele, provavelmente, não desfrutou por muito tempo da fase idílica e sem compromissos normalmente associada à infância, característica das crianças das classes abastadas. O fato que determinou seu ingresso no mundo do trabalho foi a morte do pai. Como único homem da casa, em conformidade com os padrões de gênero então dominantes, Francisco passou a ser o responsável pelo sustento da mãe e das irmãs.

Evocando as histórias contadas por Xavier da Costa, D. Anita afirmou:

> Este segundo marido dela [de Carolina] também faleceu cedo. E foi aí então que o meu pai se viu na obrigação de sustentar esta família. Esse se desdobrava: ele atendia o pedido de um recado para outra pessoa, levar alguma encomenda, e ele fazia. Assim ele vivia. Trazia aqueles patacões, como chamavam, prá casa para o sustento. E tinha muito, muito cuidado com as duas meninas. Achava que ele tinha a obrigação de cuidar das jovenzinhas[18].

Aos 11 anos de idade, Francisco empregou-se em uma das mais importantes oficinas litográficas da cidade, de propriedade de Emílio Wiedemann e de Domingos Cândido Siqueira, a "litografia do velho Wiedemann", como era familiarmente conhecida. Esse estabelecimento - fundado em 1854 e instalado na Rua do Ouvidor, atual Rua General Câmara - ganhou maior destaque na década de 1870 com a ampliação das diversas seções - litografia, tipografia, pautação, encadernação de livros em branco etc. -, redundando em uma visível melhora de sua produção artística. O jornal *A Reforma*, convidado a visitar as novas instalações, declarou:

> Pelas máquinas e aparelhos de que dispõe e pelo habilíssimo corpo de artistas empregados em suas oficinas, acha-se (...) em condições de executar qualquer trabalho. Vimos em execução um retrato do Dr. João Mendonça, copiado sobre pedra e creiom, dum cartão, pelo hábil artista Sr. J. Brueggmann, ex-professor da Academia de Belas-Artes de Copenhagem e ultimamente chegado a esta capital. É um trabalho perfeito. Além disso, vimos mapas, cartões, plantas e outros desenhos também perfeitos.

[18] Idem.

Nesse ambiente, em meio a tão modernas máquinas e a tão talentosos artistas, Francisco começou a aprender o ofício de litógrafo, ao qual se dedicou durante toda a sua vida. Inicialmente, foi ajudante de tipógrafo e, depois, deixou os tabuleiros de composição e passou a utilizar os instrumentos de litografia. Ao cabo de cinco anos, havia se tornado um hábil perito oficial gravador. Durante esse percurso, pôde contar com os ensinamentos de Antônio Koch, Araújo Guerra e João Petersen, reputados entre os melhores artistas gráficos de Porto Alegre na época[19].

Trabalhar fora não era um caminho incomum para as crianças pobres no Brasil naquele momento. Aproximadamente no mesmo período em que Xavier da Costa ingressou na empresa de Wiedemann, anúncios de estabelecimentos industriais solicitando os serviços de crianças e adolescentes multiplicaram-se na imprensa paulistana[20]. No Rio Grande do Sul, embora o processo de industrialização seguisse um ritmo mais lento, a julgar pelos dados disponíveis, o trabalho infantil também foi largamente utilizado[21].

Em Porto Alegre, outras possibilidades de sobrevivência se colocavam aos meninos e meninas das classes populares: a delinqüência, a prostituição, a mendicância e o exercício de trabalhos informais, como a venda de doces nas ruas e a tarefa de engraxar sapatos na Praça da Alfândega[22]. Xavier da Costa, por razões que

---

[19] Ver: DAMASCENO, Athos. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900) - (Contribuição para o estudo do processo cultural sul-rio-grandense)*. Porto Alegre, Editora Globo, 1971 (de onde retirei a citação do *A Reforma*, p. 352) e *O Independente*. Porto Alegre, 29/06/1908. p. 1 (APAXC). Sobre Koch, há uma contradição entre as fontes: Damasceno informa que esse desapareceu misteriosamente em meados de 1875, supondo-se que haja cometido suicídio (p. 353). Se tal informação é correta, ele não pode ter sido "mestre" de Xavier da Costa, como quer a matéria do *O Independente*, pois o último ainda era muito jovem quando de seu suposto falecimento.

[20] Ver: MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1999. p. 262.

[21] Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os trabalhadores do futuro. O emprego do trabalho infantil no Rio Grande do Sul da República Velha. *História*. São Paulo, UNESP, nº 14, 1995.

[22] Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O cotidiano da república: elites e povo na virada do século*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1990.

nos escapam, acabou seguindo uma via mais "honrada", de acordo com os padrões morais da época. Afinal, uma representação recorrente no final do século XIX a respeito das crianças brasileiras é a de que elas constituiriam o futuro da pátria em gestação. No caso das famílias pobres, as elites recomendavam a inserção dos menores na atividade produtiva, a fim de que esses aprendessem um ofício e incorporassem "hábitos de trabalho", possibilitando o seu afastamento dos "perigos" das ruas[23].

O jornal *Gazetinha*, em 1898 - do qual Xavier da Costa veio a se tornar assíduo colaborador - assim se manifestou sobre o problema da infância desamparada:

> A educação moral das crianças é a base sobre que repousa a verdadeira felicidade de um povo. Aquele que for criado no seio duma família honesta, cujo chefe compenetrado de sua verdadeira missão e auxiliado pela mulher na mais delicada fase de sua existência - esposa - imprimir no lar doméstico a virtude, o amor pátrio, a honra, o dever, não por meio de castigos e asperezas, mas por conselhos havidos como só os sabem dar uma mãe meiga e carinhosa e por exemplos frisantes como compete a um verdadeiro pai (...) pode (...) tornar-se um cidadão útil à sociedade[24].

O trecho expressa claramente a percepção referida acima da criança enquanto "futuro da pátria" que, para bem cumprir o seu destino, deveria adquirir na família, alicerçada nos papéis de gênero dominantes, uma série de qualidades e valores morais necessários à formação do "cidadão útil à sociedade". Porém, ao contrário das elites, os jornais que pretendiam ser porta vozes das classes populares - e esse era o caso da *Gazetinha* - condenavam o trabalho infantil e insistiam na necessidade de uma melhor remuneração dos homens adultos, responsáveis pela manutenção de suas esposas e filhos: "os pais de uma dessas infelizes crianças, quando a joga na rua, em busca de

[23] MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Meninos e meninas na rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, nº 37, 1999. p. 96.
[24] Apud PESAVENTO, S. J. *O cotidiano...*, op. cit., p.p. 77-8.

alguns vinténs, é porque faltam-lhes completamente os recursos, para alimentá-la e vesti-la"[25].

Francisco, filho de família "pobre mas honrada", frente às circunstâncias da morte do pai e da falta de recursos, seguiu, portanto, um caminho que, se não era o único, também não era inusual às crianças de sua classe, além de apresentar-se como o mais digno aos olhos da sociedade da época. O que talvez possa parecer estranho é o fato dele ter trabalhado em um estabelecimento dirigido pelo imigrante alemão Wiedemann, onde também trabalhavam diversos indivíduos teutos e teuto-brasileiros[26]; pois é sabido que, naquele momento, em geral, os donos de oficinas e indústrias, sobretudo os estrangeiros, preferiam contratar empregados europeus ou de origem européia, havendo forte discriminação em relação aos negros e mulatos[27].

Se, logo após seu ingresso na oficina de Wiedemann, o personagem exercia apenas funções subalternas, mais adequadas a um menino "pardo"[28]; progressivamente, ele foi adquirindo posições de destaque na hierarquia do ofício, tornando-se, mais tarde, um perito oficial gravador. Essa ascensão profissional, e a superação de possíveis preconceitos, talvez possa ser creditada a uma boa dose de determinação e talento. Nesse sentido, ressalvando-se o caráter laudatório das fontes, o jornal *O Independente* afirmou que Xavier da Costa trabalhava com "gosto e

---

[25] Apud idem ibidem, p. 78.

[26] Damasceno cita alguns profissionais que trabalharam nas oficinas de Wiedemann, entre os quais pude identificar um nascido na Alemanha (Augusto Lanzac von Chanac), um filho de imigrantes dessa origem (Inácio Weingartner), outros quatro que, pelos sobrenomes, possivelmente também eram teutos ou teuto-brasileiros (Emílio Pauly, J. Brueggmann, Antonio Koch e João Petersen), além de Carlos e Luiz Wiedemann, filhos do proprietário. Dos empregados mencionados pelo autor, apenas Xavier da Costa tem sobrenome luso. DAMASCENO, A., op. cit., p.p. 196, 331-2 e 353. Agradeço as informações do colega René Gertz sobre esse ponto.

[27] Ver: PESAVENTO, S. J. *A emergência...*, op. cit., p. 75.

[28] Segundo Gertz, "parece que os empresários industriais (e também os das grandes empresas comerciais) importavam com certa freqüência mão-de-obra especializada da Alemanha, enquanto os trabalhadores não especializados eram recrutados a nível local". GERTZ, René E. Um jornal anarquista em Porto Alegre: *Der freie Arbeiter. Veritas*. Porto Alegre, v. 35, nº 140, dezembro 1990. p. 607.

assiduidade" e, nas palavras do historiador Athos Damasceno, ele era "estudioso e compenetrado de suas obrigações (...)"[29].

A proximidade de Francisco com a colônia teuta de Porto Alegre teve conseqüências importantes para a sua trajetória futura, em diversos aspectos. Nesse meio, Francisco aprendeu o idioma alemão, fundamental, conforme será visto no próximo capítulo, no delineamento de sua militância e de sua vida afetiva. Na "oficina do velho Wiedemann", ele conheceu diversas pessoas, com as quais estabeleceu laços pessoais, profissionais e políticos. Tal é o caso, por exemplo, da família Weingärtner.

Inácio Weingärtner (1845-1908), filho mais velho de um imigrante alemão homônimo, também trabalhou na oficina de Wiedemann. Em 1885, tornou-se proprietário, com seus irmãos Jacob e Miguel, da litografia Casa Weingärtner, na qual Francisco empregou-se em 1898, aproximadamente[30]. As famílias Weingärtner e Xavier da Costa tornaram-se muito próximas. Segundo D. Anita, eles "eram muito amigos (...). O Miguel [seu irmão] foi afilhado de um Weingärtner (...) ele tinha até o mesmo nome dele [de seu padrinho]"[31].

No ambiente das artes gráficas, o personagem conheceu, igualmente, algumas pessoas, de origem germânica ou não, possuidoras de uma visão crítica da sociedade existente, que podem ter contribuído para o seu contato com as idéias socialistas. Tal foi o caso de João Guerra (1869-1937), um dos mestres no ofício da litografia.

---

[29] *O Independente*. Porto Alegre, 29/06/1908. p. 1 (APAXC) e DAMASCENO, A. op. cit., p. 346.

[30] Segundo o jornal *O Independente*, "há 10 anos que Francisco Xavier da Costa é empregado da casa Weingärtner, onde goza da estima e consideração de seus chefes". *O Independente*. Porto Alegre, 29/06/1908. p. 1 (APAXC).

[31] Entrevista ao autor, op. cit. Damasceno, ao comentar a passagem do pintor Eugenio Latour por Porto Alegre, afirma: "deixou-lhe [a Miguel Weingärtner, de quem Latour era amigo], ao regressar para o Rio de Janeiro, várias lembranças - esboços, notas, livros e um excelente retrato a óleo, atualmente em poder do engenheiro civil Miguel Xavier da Costa, afilhado de"[31]. DAMASCENO, A., op. cit., p. 401. Tive a oportunidade de ver esse quadro na casa de D. Anita, juntamente com algumas pinturas de Pedro, o mais célebre dos irmãos de Inácio, presenteadas a Francisco. Sobre a obra de Pedro Weingärtner, consultar, entre vários outros: GUIDO, Angelo. *Pedro Weingärtner*. Porto Alegre, SEC, 1956.

Português de nascimento, chegado à Província em torno de 1878, Guerra publicou ilustrações e caricaturas em periódicos como *O Século* e *A Lente*. No último, conforme Damasceno, "zurzia os proclamados e abominados erros e vícios da hodierna sociedade burguesa". Em setembro de 1884, participou da Feira Emancipacionista de Porto Alegre, voltada à arrecadação de fundos destinados à compra de alforrias. Para a inauguração do evento, pintou um imponente quadro a óleo, intitulado *Liberdade a defender um escravo, depois de lhe haver quebrado as algemas*. Sua alegoria produziu muito efeito, recebendo elogios das folhas abolicionistas da cidade. Além disso, Guerra atuou em

> (...) todos os movimentos renovadores da época - a propaganda da República, a defesa do proletariado, a emancipação feminina, a separação da Igreja do Estado, a instituição do casamento civil, a luta contra o obscurantismo jesuítico, etc., a serviço de cujos postulados se colocara sem rebuços, quer como profissional da imprensa, quer como simples cidadão (...)[32].

Ou seja, esse artista levantou muitas bandeiras que, posteriormente, foram também brandidas por Xavier da Costa. Assim, durante o aprendizado da litografia, o jovem Francisco possivelmente ouviu de seu mestre severas críticas à ordem social e moral vigentes, aos poderes constituídos, à exploração do trabalho etc.

Pedindo perdão pelo trocadilho, a principal arma de Guerra na luta à "hodierna sociedade burguesa" foi a caricatura. Através dela, o gravador exercitava sua visão mordaz dos poderosos locais, sobretudo dos políticos e dos clérigos. De acordo com Pesavento,

> na Porto Alegre da virada do século [XIX] aos anos 10, jornais e revistas caricaturavam a vida político-partidária e as instituições da terra, aludiam à precariedade dos serviços públicos urbanos e às más condições de vida e trabalho do povo, zombando também dos hábitos da nascente burguesia. Personalidades políticas e populares, mulheres e

[32] DAMASCENO, A., op. cit., p.p. 284 e 326.

> negros, padres e freiras, maridos e esposas não eram poupados pelo desenho irreverente dos caricaturistas da época (...)[33].

Francisco passou a fazer parte desse grupo de "calunguistas", ao lado de Guerra e dos já referidos Inácio Weingärtner e João Petersen. Inácio, "(...) apesar da moderação em que se mantinha no trato de suas caricaturas, (...) às vezes licenciava o lápis, carregando nos temperos com que adubava a sátira"[34]. Já o "boêmio e seresteiro" João criticava os costumes sociais e os acontecimentos políticos de seu tempo[35]. Enfim, por meio do humor e da ironia, do exagero e do grotesco, eles contestavam determinados aspectos da sociedade em que viviam.

A capacidade subversiva da charge deve ter causado forte impressão naquele jovem aprendiz de litógrafo, que vivenciava, no quotidiano, uma série de preconceitos e discriminações. Ao iniciar sua trajetória de militante, na última década do século XIX, Xavier da Costa esgrimiu seu lápis contra as injustiças sociais, em expressivos desenhos publicados na *Gazetinha*. Mas isto é assunto para o próximo capítulo...

* * *

Peço desculpas ao leitor pouco afeito às discussões historiográficas, e curioso para continuar acompanhando o itinerário de Francisco, mas quero fazer uma pausa a fim de dialogar com outros historiadores - diletantes e acadêmicos - a respeito da influência dos imigrantes alemães na formação socialista do personagem e, de maneira genérica, na difusão dessa doutrina no estado.

Segundo Marçal, Xavier da Costa "(...) lia, falava, escrevia e discursava em alemão, por que foi educado pelos social-democratas alemães". Na mesma linha,

---

[33] PESAVENTO, Sandra Jatahy. O diabo escondido (da arte do cômico). In:___ (org.). *Porto Alegre caricata: a imagem conta a história*. Porto Alegre, EU/SMC, 1993. p.p. 24-26.
[34] DAMASCENO, Athos. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre, Globo, 1962. p. 18.
[35] DAMASCENO, A. *Artes plásticas...*, op. cit., p.p. 330-2.

Sílvia Petersen e Maria Elizabeth Lucas afirmam que ele foi "(...) criado por alemães socialistas"[36].

Tais asserções precisam ser relativizadas. As fontes disponíveis não permitem dizer que Francisco tenha sido educado e, muito menos, criado por alemães. Ele era "filho legítimo"[37] de José e Carolina e passou a infância e juventude no seio dessa família, à qual sempre se referia com muito orgulho. Seus contemporâneos e sua filha também não mencionam outras pessoas que pudessem ter participado de sua criação.

Quanto à educação, Francisco cursou os colégios Cabral e Villanova, sendo obrigado a abandoná-los devido aos afazeres profissionais. Continuou, porém, a instruir-se à noite com um professor particular, provavelmente o renomado Ignácio Montanha, conhecido por amparar "(...) os ávidos de saber e falhos de recursos" [38]. Acima de tudo, foi um autoditada, como boa parte dos primeiros líderes operários atuantes no Brasil, e talvez em outros países[39]. Os alemães com quem conviveu - principalmente os que trabalhavam na oficina de Wiedemann - participaram de sua formação em sentido amplo, mas não foram, certamente, os únicos responsáveis por ela.

Assim, acredito que o papel da colônia teuta porto-alegrense na introdução de Xavier da Costa ao socialismo deve ser pensada de forma mais matizada e difusa. O

---

[36] MARÇAL, João Batista. Tudo começou com a social democracia. *Coojornal*. Porto Alegre, junho 1980. p. 26 e PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz e LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - Tchê!, 1992. p. 29.

[37] Expressão que consta no seu registro de casamento. *Livro de Assuntos de Casamento...*, op. cit. (ACMPOA).

[38] Ver: FORTINI, Archimedes. *O passado através da fotografia*. Porto Alegre, GRAFIPEL, 1959. p.p. 234-6 (sobre Montanha); *O Independente*. Porto Alegre, 29/06/1908. p. 1 (APAXC) e MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit.

[39] Sobre a questão do autodidatismo como fenômeno característico da classe operária em sua "idade de ouro", ver as considerações da militante anarquista Luce Fabbri (1908-2000) em RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, UNESP, 2001. p.p. 217-20.

aprendizado da língua e os contatos pessoais e profissionais com indivíduos de origem germânica certamente facilitaram seu acesso a livros, jornais e opúsculos vindos da Alemanha, que divulgavam o pensamento socialista e as realizações do vigoroso Partido Social Democrata (SPD) daquele país. Tais leituras, provavelmente, eram discutidas em rodas de amigos e colegas, nas quais o personagem delineou suas posições político-ideológicas.

De forma mais geral, convém lembrar que o peso dos imigrantes alemães na difusão do socialismo no Rio Grande do Sul é objeto de controvérsias entre os historiadores. De acordo com Marçal,

> os colonos alemães que aqui chegaram - na grande maioria eram mão-de-obra especializada: tecelões, carpinteiros, artesãos - vinham marcados politicamente pela social-democracia. Eles iniciaram todo o trabalho de arregimentação e de organização [da classe operária gaúcha], não só (...) em Porto Alegre como em Pelotas e Rio Grande.

Petersen, igualmente, ressalta: "os jornais operários gaúchos do final do século XIX, publicados principalmente em Rio Grande, Porto Alegre e Pelotas, de um modo geral receberam a influência predominante das idéias da social-democracia, que chegaram ao Rio Grande do Sul através de imigrantes alemães operários". E ainda, com Lucas:

> Na vanguarda deste processo [de organização da classe operária no estado] encontrar-se-ão sobretudo os imigrantes alemães que serviam de mão-de-obra às nascentes indústrias e eram os portadores das concepções políticas da social-democracia alemã (...).
>
> (...) a influência alemã parece ter sido a mais significativa, já que nesta época aparecem muitos nomes alemães em eventos destacados do movimento operário[40].

Trabalhos mais recentes vêm mostrando a incorreção dessas generalizações. Inicialmente porque se, como será visto ao longo da tese, a influência dos imigrantes alemães foi importante, mas não a única, na divulgação do socialismo em Porto

Alegre, ela não deve ser estendida a outras áreas do estado, incluindo o eixo Rio Grande e Pelotas. De acordo com Jorge Jardim, "pelo menos quanto à imprensa socialista do século XIX no interior (...) seria muito difícil atribuir-se aos imigrantes alemães a sua fundação e desenvolvimento (...)", pois ela "(...) foi obra de luso-brasileiros, que não 'trouxeram', no caso dos imigrantes, o socialismo e sim aqui entraram em contato com estas idéias vindas do exterior por fontes escritas ou talvez até mesmo por contatos pessoais". Beatriz Loner também critica "(...) a visão superdimensionada do papel dos imigrantes alemães como os elementos introdutores do pensamento socialista no estado e responsáveis pelas primeiras organizações e lutas". A partir de estudos localizados,

> viu-se que este modelo não se sustenta para o conjunto do estado, embora possa ter relevância para algumas áreas, entre elas, Porto Alegre. O papel representado pelos elementos nacionais e portugueses, na sustentação de alguns dos principais jornais e associações do interior do estado, foi muito significativo. Por exemplo, em Rio Grande e Pelotas, os elementos germânicos tiveram pequeno papel no movimento[41].

Em relação especificamente à afirmação de Marçal - ressalvando-se o fato de que a maior parte dos imigrantes teutos chegados ao Rio Grande do Sul no século XIX dedicou-se à agricultura -, parece acertado dizer que, na Capital gaúcha, uma parcela significativa desses constituiu-se de trabalhadores qualificados. Entretanto, não se pode associá-los automaticamente à defesa da social-democracia, pois muitas

---

[40] MARÇAL, J. B. *Tudo começou...*, op. cit.; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. A mulher na imprensa operária gaúcha do século XIX. *Revista de História*. Porto Alegre, IFCH/UFRGS, nº 1, 1986/87. p. 83 e PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 29.

[41] JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. *Comunicação e militância. A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)*. Porto Alegre, CPG em História da PUCRS, 1990 (dissertação de mestrado). p.p. 182 e 184 e LONER, Beatriz Ana. A história operária no Rio Grande do Sul. *História Unisinos*. São Leopoldo, Unisinos, número especial, 2001. p.p. 63-4. A autora utiliza-se de farta documentação para comprovar a sua hipótese em: LONER, Beatriz A. *Construção de classe operária: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas, UFPel/Unitrabalho, 2001. No mesmo sentido, vão os trabalhos de, entre outros: SHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit. e XERRI, Eliana Gasparini. *Uma incursão ao movimento operário de Rio Grande no início do século XX*. Porto Alegre, CPG em História da PUCRS, 1996 (dissertação de mestrado).

correntes de pensamento estavam presentes no seio da comunidade germânica local: o luteranismo, o catolicismo (jesuítico, em especial), o livre pensamento etc[42].

* * *

Segundo D. Anita, desde muito jovem, Xavier da Costa manifestou uma grande curiosidade intelectual:

> Ele sempre procurou trabalhar perto dos livros. Isso já era uma queda que ele tinha. E quando se dava alguma coisa, já ele mocinho, estava lá com o caderninho rabiscando sempre pensamentos, isso ou aquilo. (...) Quando ele passou de meninote, sempre dentro das paredes ou de litografia ou enfim... ambiente de livraria, à noite sempre estudava, sempre estava se aprimorando num estudo, numa coisa ou outra, sempre estava procurando (...)[43].

O fato de possuir uma "educação forte"[44] era motivo de muito orgulho para o jovem litógrafo. No ano de 1907, em uma polêmica com Octávio Rocha - então diretor do jornal governista *A Federação* -, que o havia chamado de analfabeto, Francisco respondeu com um tom de desafio: "Doutor! A quem é analfabeto não confiam a redação de um órgão tão importante [o jornal *A Democracia*] nem tampouco os colegas da imprensa fazem francos elogios como fizeram a mim, apesar de ser eu apenas humilde operário. E o Doutor, que é tão erudito, mereceu elogios assim, alguma vez?"[45].

Afirmações desse tipo faziam parte do esforço de auto-legitimação de Xavier da Costa enquanto líder do movimento operário, tanto em relação às elites quanto junto aos trabalhadores. Frente às primeiras, mostrando que, apesar de sua origem humilde, era capaz de discutir "de igual para igual" os problemas sociais. Adentrar no mundo erudito, escrever artigos repletos de citações de autores consagrados, muitas

---

[42] Ver: GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1996 (dissertação de mestrado).
[43] Entrevista ao autor, op. cit.
[44] Expressão de MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit.
[45] *A Democracia*. Porto Alegre, 20/08/1907. p. 2 (MCSHJC).

vezes com expressões em língua estrangeira, auxiliavam-no a desfazer uma imagem de inferioridade e, conseqüentemente, de submissão. Além disso, nesse período, considerava-se a "elevação cultural" como imprescindível à emancipação do proletariado, cabendo aos dirigentes da classe trabalhadora "levar a luz" aos companheiros menos educados. Não busco, com tais considerações, negar o talento de Francisco, nem o seu esforço para se instruir, mas sim evidenciar a utilização dessas qualidades pessoais na construção da sua liderança no meio operário[46].

O "desejo de cultura" de Xavier da Costa encontrou um forte estímulo no ambiente das artes gráficas, onde existia uma abundante circulação de leituras e a exigência de um certo nível intelectual[47]. Entre artistas, livros e máquinas, foi se constituindo o militante socialista, que assumiu um papel de proa na organização do movimento operário gaúcho.

[46] Essa importância conferida à educação e à cultura na construção da imagem pública dos líderes do movimento operário também é visível nos escritos autobiográficos de outros personagens. O socialista Antônio Guedes Coutinho, contemporâneo da militância de Xavier da Costa, por exemplo, afirmou sobre si: "teve sempre o defeito de não querer ser dos mais ignorantes (...)" e "teve sempre o vício de gastar quanto podia em comprar livros que lia com frenesi" (*Echo Operário*. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2 - NPH). Em outro contexto, o líder comunista francês Maurice Thorez, ao rememorar sua infância e juventude, escreveu: "eu começava minha educação geral pelas leituras abundantes. Eu lia (...) tudo que me caía nas mãos" e "eu devorava jornais, revistas e brochuras" (Apud SIROT, S., op. cit., p. 34).

[47] A expressão "desejo de cultura" é de Luce Fabri. Apud RAGO, M., op. cit., p. 216. Como salienta Artur José Renda Vitorino, "(...) o tipógrafo devia ter um bom conhecimento de ortografia, gramática, aritmética e dos códigos da própria tipografia", o que "(...) fazia do labor tipográfico (...) uma profissão altamente qualificada". VITORINO, Artur José Renda. Classe contra classe: tipógrafos e linotipistas.

1.2 - Custódio Carlos: de "Toco" a "Cavaco"

Cavaco, o outro protagonista dessa história, evocou sua infância no poema significativamente intitulado "Autobiografia":

> Nasci numa cidade da fronteira;
> mas, ao nascer, eu tive, com certeza,
> para animar minha alma brasileira,
> alguma coisa da alma portuguesa[48].

A cidade da fronteira referida é Santana do Livramento, na divisa do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Lá, em 18 de setembro de 1878, veio ao mundo o sétimo filho de Custódio Carlos de Araújo, de quem o menino recebeu o nome, e de Rosa Soares de Araújo. Juntou-se a uma prole já extensa, composta pelo primogênito Tomaz e as meninas Rosa ("Lola"), Rosina ("Loloca"), Magdalena ("Lutaca"), Matilde ("Tica") e Amanda ("Lindesa"). Depois dele, veio ainda "Chatinha", que faleceu de sarampo com menos de um ano de idade[49].

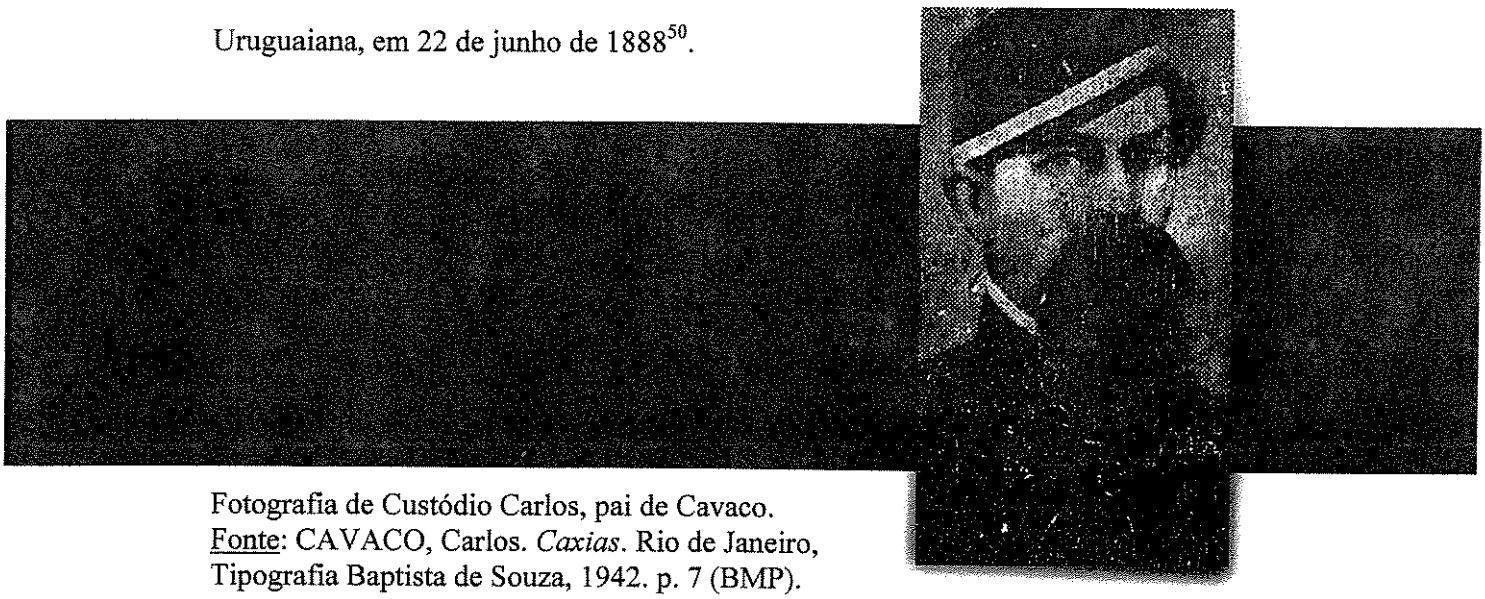
Custódio Carlos, o pai, era filho de Matilde Carolina de Araújo e Antônio Carlos de Araújo. O último, paulista, chegou ao estado pouco antes do início da Revolução Farroupilha (1835-45) e estabeleceu-se na localidade de Itaquatiá, no interior do município de Livramento. Já Rosa nasceu na então Vila de Encruzilhada, filha de Antônio José Machado e de Guiomar Soares Machado, e transferiu-se com a família para a fronteira na década de 1850. Os pais de Cavaco casaram-se a 10 de outubro de 1863, na Matriz de Santana. Custódio Carlos, logo depois do nascimento do primeiro filho, ao lado dos irmãos Moysés Carlos e Cândido Carlos, juntou-se aos "voluntários da Pátria" na Guerra do Paraguai. Durante o conflito, foi ajudante de

---

Trabalhadores: fábrica e cidade. Campinas, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo/Prefeitura Municipal de Campinas, nº 4, 1989. p. 31.

[48] CAVACO, C., op. cit., p. 59.

campo do Duque de Caxias, recebeu condecorações por atos de bravura e galgou diversos postos na hierarquia militar, chegando à capitão. Finda a Guerra, em 1870, retornou à Livramento e continuou sua vida de soldado até morrer na cidade de Uruguaiana, em 22 de junho de 1888[50].



Fotografia de Custódio Carlos, pai de Cavaco.
Fonte: CAVACO, Carlos. *Caxias*. Rio de Janeiro, Tipografia Baptista de Souza, 1942. p. 7 (BMP).
Reprodução: Bernardo Zortea.

Custódio Carlos, o filho, tinha então nove anos. Provavelmente, quando criança, ouviu muitas histórias sobre a Guerra contadas pelo pai e, após a morte desse, por Rosa e seus tios, que se encarregaram de perpetuar a memória da bravura do capitão. Já adulto, Cavaco referia-se a ele com orgulho e mesmo com veneração. Em 1942, na dedicatória de sua peça *Caxias*, escreveu:

> Meu Pai: presto-te aqui, neste livro onde procuro realçar a vida honrada e gloriosa do grande Caxias, uma homenagem de amor, de admiração e de respeito. (...)
>
> Orgulhoso de ti, meu pai, encho esta página com o teu nome que eu não cesso de formar com as mais belas estrelas do céu brasileiro[51].

---

[49] CAGGIANI, L., op. cit., p. 11. O autor cita a certidão de batismo de Cavaco, na qual consta sua filiação e data de nascimento.

[50] Idem ibidem, p.p. 15-16. Dona Heloísa, segunda esposa de Cavaco, mostrou-me uma "Carta pela qual Vossa Majestade Imperial há por bem nomear Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro o Tenente Custódio Carlos de Araújo", tendo em vista os serviços militares por ele prestados "nos combates de 16 e 17 de abril e de 2 e 24 de maio do corrente ano". Palácio do Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1866 (APHC).

[51] CAVACO, Carlos. *Caxias*. Rio de Janeiro, Tipografia Baptista de Souza, 1942. p. 7

Como no caso de Francisco, a morte do pai levou Cavaco a se defrontar com as privações e com a luta pela sobrevivência. Nas palavras do último:

> Quando, hercúleo, forte, magnífico de vida e de ilusões sentiste no peito robusto explodir o teu generoso coração, nós, os teus filhos, as tuas filhas, e nossa Mãe, - tua fiel e dedicada Esposa, - ficamos com as carnes cortadas pelo frio e com os estômagos torturados pela fome, contemplando, orgulhosos, a tua Fé de Ofício, onde estavam registradas todas as tuas promoções por atos de "repetidas bravuras", e todas as condecorações (...). Deixaste-nos (...) na pobreza absoluta; porém, milionários com o nome impoluto que nos legaste! Sem pão para as bocas e sem roupas para os corpos, não deixamos, um dia, sequer, de abençoar a tua memória querida[52].

Com essa herança de pobreza e de glória, Rosa e suas filhas viram-se obrigadas a costurar para um alfaiate da cidade, a fim de complementarem o soldo de cadete de Tomaz, que "(...) mal chegava para a carne e para o pão" [53]. Quando da morte da mãe, Cavaco dedicou-lhe um soneto, do qual extraí a seguinte estrofe:

> Foste uma santa no teu padecer.
> E depois de sofrer e de sentir,
> era mister, para não mais sofrer,
> deixar a vida, alar, fugar, partir[54].

Nos trechos citados, vislumbra-se, novamente - como nas representações referentes à família Xavier da Costa -, a presença dos papéis de gênero valorizados enquanto dignos e honrados na sociedade da época. Em tal partilha, os homens eram associados à força e à coragem, cabendo a eles o papel ativo, a tomada das decisões, a vida pública. Às mulheres estavam reservadas a resignação, a aceitação, o apoio às atitudes do marido e os cuidados com o lar e com os filhos. Nessa perspectiva, o trabalho de Rosa e de suas filhas aparecia como marginal, fruto de uma situação

[52] Idem ibidem.
[53] Apud CAGGIAGI, L., op. cit., p. 12 (sem referência da fonte).
[54] CAVACO, Carlos. *Musa vermelha*. São Paulo, Livraria Teixeira, 1928.

indesejável (a morte do marido e o soldo insuficiente do filho), e como extensão das tarefas domésticas (a costura)[55].

"Filho de um guerreiro e de uma santa", Cavaco entrou "na vida pela mão de um destino cruel", que o obrigou a lutar muito cedo pela sobrevivência[56]. Como Francisco, Custódio Carlos tornou-se aprendiz. Porém, diferentemente do menino pardo de Porto Alegre, não ingressou em uma oficina, mas nos campos de batalha; não aprendeu a manejar os instrumentos de litografia, mas a lança; não se viu em meio a talentosos artistas mas diante de destemidos soldados.

Aos quinze anos, ou pouco mais, o personagem incorporou-se às colunas maragatas durante a Revolução Federalista (1893-95), o mais sangrento conflito armado ocorrido no Rio Grande do Sul. A "Revolta da Degola" - como ficou conhecida devido à forma de execução muito praticada pelas facções em luta - opôs os dois principais grupos políticos da classe dominante gaúcha: os republicanos ou chimangos (chamados pejorativamente de "pica-paus"), que haviam ascendido ao governo do estado em 1889, liderados por Júlio de Castilhos, e os federalistas (ou "maragatos"), alijados do poder com a proclamação da República, encabeçados por Gaspar Silveira Martins[57]. Esse acontecimento marcou, nas memórias de Cavaco, sua passagem definitiva ao mundo adulto:

---

[55] Pesquisas recentes vêm mostrando que, no século XIX e primeira metade do XX, inúmeras famílias eram chefiadas por mulheres. Nesse sentido, a idéia do homem como provedor do lar constituía muito mais uma aspiração de certos setores da sociedade - expressa em discursos médicos, jurídicos, religiosos, patronais, de certos setores organizados do movimento operário etc. -, do que uma realidade efetiva. Ver, por exemplo, para São Paulo: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984 e, para o Rio Grande do Sul: FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres...*, op. cit. No caso da fronteira gaúcha, convém ressaltar também que, várias vezes, cabia às mulheres a subsistência dos filhos e a gerência dos negócios do marido, devido ao "nomadismo" dos homens, provocado pelas guerras constantes e, em tempos de paz, pelas atividades da pecuária, as quais exigiam longos deslocamentos e prolongadas ausências.

[56] As expressões entre aspas são de Cavaco. Apud CAGGIANI, I., op. cit., p. 12 (sem referência da fonte).

[57] A bibliografia sobre a Revolução Federalista é muito ampla. Para uma exaustiva revisão da literatura, sugiro: PICCOLO, Helga. A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul: considerações

> Em verdade eu nunca tive infância, uma vez que nunca brinquei com outras crianças, nunca possui um polichinelo entre as mãos, nunca me contaram histórias de fadas ou de almas de outro mundo...
>
> Não tendo conhecido infância; pois, aos 11 anos de idade, na fronteira com o Uruguai, onde nasci, substituíram nas minhas mãos de criança o polichinelo pela lança de meia-lua (...).
>
> - E sua infância?
> - Poderia responder que não tive infância, porque o brinquedo que me puseram nas mãos foi uma lança (...).
>
> Quantas vezes, na idade em que os outros meninos brincam e vivem felizes na tranqüilidade dos lares, fui eu despertado, alta noite, nos acampamentos provisórios, dormindo sobre a neve das geadas, mal vestido e mal alimentado; quantas vezes fui despertado sob o chuveiro de balas dos governistas![58]

Longe do idílio, da inocência e da despreocupação associadas à infância, Cavaco partiu para a luta em fevereiro de 1893. Levava na mão a lança que substituiu o brinquedo e, na cabeça, um chapéu de abas largas com uma faixa vermelha, bordada por D. Rosinha, na qual se lia: "Liberdade, ou morte!". Com ele, marchavam soldados experimentados, que já haviam combatido ao lado de seu pai na Guerra do Paraguai[59].

Cabe agora perguntar porque Custódio Carlos seguiu esse caminho.

É impossível responder à questão de modo peremptório. Afinal, são muitas as motivações que levam à tomada de uma decisão individual, a maior parte delas não registradas nos documentos, sem falar no papel do acaso. Não creio também, conforme disse anteriormente, na idéia de um destino pré-fixado, dado de antemão, como herança, missão ou carma. Entretanto, considero importante apontar alguns fatores, levantados a partir das fontes disponíveis, que podem ter impulsionado Cavaco a empunhar sua lança em tão sangrento conflito.

---

historiográficas. In: ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique (org.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande, Editora da FURG, 1993.

[58] Palavras de Cavaco transcritas, respectivamente, de: CAGGIANI, I., op. cit., p. 12 (sem referência da fonte); CAVACO, Carlos. *Caminhos do meu destino*. Rio de Janeiro/São Paulo, Livraria Freitas Bastos, 1960. p. 82; entrevista concedida à publicação *Vida Doméstica*. Rio de Janeiro, 05/1931. Apud Idem ibidem, p. 112 e UCHA, Danilo. Revolucionário desde os 12 anos. *Zero Hora*. Porto Alegre, 08/10/1982. p. 7 (sem referência da fonte).

Nesse sentido, Caggiani afirma: "o espírito guerreiro, herdado de seu pai, desde cedo manifestou-se no jovem Custódio Carlos (...)"[60]. Como ressaltei algumas linhas atrás, não acredito na transmissão hereditária das qualidades e características pessoais, idéia que conduz a uma explicação determinista das trajetórias de vida. Contudo, no caso de Cavaco, não se pode negligenciar a influência da família no seu encaminhamento para a atividade militar.

Antes salientei que o jovem santanense tinha uma grande admiração pelo pai e vangloriava-se de suas promoções e condecorações. As referências à Guerra do Paraguai e à bravura de seus heróis devem ter sido recorrentes nas conversas do Capitão com os filhos, calando fundo no coração dos meninos. Muitos anos depois, Cavaco, ao justificar a razão de ter escrito uma peça sobre Caxias, escreveu:

> Filho do ajudante de campo de Caxias, aprendi, desde criança, a admirar e a venerar o nome glorioso do maior general americano. Meu Pai, quando precisava exemplificar alguma coisa superior, onde repontasse a Honra, a Bravura e a Bondade, dizia sempre: ... "o velho Caxias era assim". Eduquei-me, pois, nesta escola de civismo[61].

Os valores da vida militar eram, portanto, transmitidos como referências morais a Cavaco pelo pai, tios e quem sabe por quantos outros?... Afinal, essa "cultura da guerra" encontrava um ambiente favorável na fronteira gaúcha no século XIX. Nesse período de formação dos Estados nacionais latino-americanos, os limites entre os países ainda estavam mal definidos, sendo objeto de freqüentes negociações diplomáticas e litígios armados. Tal era o caso da Região Platina, onde instalou-se uma oligarquia de estancieiros-soldados, encarregados de defender as fronteiras e de preencher os vazios político-administrativos do poder central. Assim, os caudilhos da área envolveram-se em diversos conflitos ao longo dos oitocentos. Por exemplo: a

---

[59] CAGGIANI, I., op. cit., p. 23 e CAVACO, C. *Caminhos...*, op. cit., p. 83.
[60] CAGGIANI, I., op. cit., p. 22.
[61] CAVACO, C. *Caxias*, op. cit., p. 9.

Guerra Cisplatina pela posse da Banda Oriental (1825-1828), a Revolução Farroupilha (1835-45), as guerras contra os caudilhos Oribe no Uruguai (1848-1851) e Rosas na Argentina (1851-2), a luta contra o uruguaio Aguirre (1864) e a Guerra do Paraguai (1865-1870)[62]. Não cabe aprofundar aqui as causas específicas de cada episódio mencionado, mas sim mostrar que Cavaco passou a infância em uma região com profunda tradição militar, fruto de um ciclo quase ininterrupto de guerras e revoluções.

Em Santana do Livramento, a atmosfera belicosa envolvia o quotidiano dos moradores. Cidade geminada com a uruguaia Rivera, nela, eram constantes as escaramuças entre os habitantes dos dois países:

> (...) durante muitos anos, no século passado e primeiros deste, houve sérias rivalidades entre os jovens santanenses e riverenses.
>
> Às tardes de domingo, bandos de meninos combatiam sobre a linha divisória usando como armas paus e pedras e até facas feitas de arcos de barril. Essas "batalhas" terminavam sempre com cabeças quebradas, rostos feridos, roupas rasgadas e a intervenção de policiais uruguaios e brasileiros que dispersavam os combatentes[63].

Esse cotidiano militarizado e violento manifestava-se até mesmo nas brincadeiras dos meninos que ali viviam. Custódio Carlos, segundo Caggiani, "(...) aos dez anos era um veterano brigador, cuja 'funda', como a de David, já causara grandes estragos entre as hordas de castelhanos..."[64]. Cito também outra brincadeira, a qual, além de evidenciar a valorização da "cultura da guerra" na região, explica a origem do apelido "Cavaco", que passou a acompanhar o personagem, incorporando-se ao seu sobrenome.

De acordo com Caggiani, Custódio Carlos herdou do pai uma "avantajada compleição física". Desde criança, "seus músculos eram fortes e seus punhos

---

[62] Ver: FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1996. p.p. 34-45 e PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984. p.p. 54-62.

poderosos" e, por esse motivo, recebeu o apelido de "Toco", que literalmente significa o tronco cortado de uma árvore.

> Submetido regularmente a exercícios, a fim de tornar-se cada vez mais forte, mais vigoroso, quando atingiu cinco anos era capaz de proezas incríveis para a sua idade. Uma delas consistia em levantar, utilizando apenas uma das mãos, com a ponta do sabre paterno, uma pesadíssima carabina "Menier".
>
> Essa demonstração de força e habilidade sempre lhe valia aplausos que enchiam de justificado orgulho ao seu pai. Certa vez, porém, chamado a executar essa façanha, que já se tornara costumeira, diante de amigos do seu progenitor e que participavam de uma roda de chimarrão, talvez por nervosismo, não conseguiu realizá-la.
>
> Custódio Carlos de Araújo, diante daquele fracasso, sem poder conter sua decepção, exclamou:
>
> - "Você não é 'toco'! É um 'cavaco' [que significa estilha ou lasca de madeira]!"...
>
> O menino chorou desconsolado e convulsivamente. Pediu desculpas... Mas de nada valeu... Seus irmãos passaram daí em diante a tratá-lo de 'Cavaco'...
>
> E a cada traquinagem que cometia, lá vinha a título de reprovação:
>
> - "Você é um 'cavaco'!"
>
> Os seus protestos contribuíram para consolidar aquele qualificativo que ficou "colado" ao seu nome.
>
> Dessa forma Custódio Carlos avançou pela vida, carregando o apelido "Cavaco"...[65]

A partir dessa longa anedota, pode-se inferir que Cavaco, ainda criança, participou de redes de sociabilidade masculina, nas quais a força física e a virilidade eram atributos altamente valorizados. Reunidos em rodas de chimarrão, esses homens, muitos deles soldados nas inúmeras batalhas travadas na fronteira, exibiam a macheza de seus rebentos, recriminando-os quando não conseguiam executar as façanhas prometidas. Naquele contexto, tornar-se homem era tornar-se macho, ou seja, demonstrar força e coragem em rituais de iniciação públicos e lúdicos, como

---

[63] CAGGIANI, L., op. cit., p. 22.

[64] Idem ibidem.

[65] Idem ibidem, p.p. 20-21. Caggiani não esclarece quem lhe contou a história citada. De qualquer forma, ela foi incorporada à memória da família Cavaco, em versão ligeiramente modificada. Dona Heloísa, segunda esposa do Tribuno, contou-me, entre risos, que seu marido, instado pela mãe (e não pelo pai), não teria conseguido levantar um tronco de árvore (ao invés de uma carabina). Entrevista de D. Heloísa Cavaco ao autor. Petrópolis, 27/11/1999. A depoente casou-se com Cavaco em 1927, tinha 92 anos na época da entrevista. Ainda segundo Caggiani, Lindolfo Collor aconselhou Cavaco a incorporar o apelido ao sobrenome, cabendo a Evaristo de Moraes legalizar a situação (p. 21).

aconteceu com o pequeno Custódio Carlos. Nas suas palavras, "fui, desde menino, uma criatura estranha, longe das outras crianças, misturado com gente de briga, com homens que usavam bombachas largas, chapéus de abas grandes, botas de couro cru e adaga que parecia cortar o próprio pensamento"[66].

Brincando com fundas, adagas e carabinas, e não com polichinelos; ouvindo histórias de guerra, e não de fadas ou de almas de outro mundo; não é de se estranhar que o personagem tenha introjetado tais valores. Em uma poesia, sintomaticamente denominada "Macho!", ele escreveu:

> O que detem a tentação da gente
> que me deseja ver subjugado,
> é simplesmente o tórax potente
> que faz de mim o macho respeitado.
>
> São os pulsos de ferro que eu ostento
> e que me tornam lutador perfeito.
> São estes - para tantos um tormento -
> 63 centímetros de peito[67].

Criado nesse ambiente, Custódio Carlos, provavelmente, encarou a vida militar como um destino natural, ainda que sofrido, frente a necessidade de lutar pela sobrevivência, aliada à vontade de dar vazão ao seu temperamento aventureiro e rebelde. A pouca idade do jovem soldado também não deve causar surpresa. No Brasil, desde a independência, recrutaram-se meninos para a Marinha e, com a Guerra do Paraguai, o Estado imperial enviou inúmeras crianças, sem nenhum treinamento,

---

[66] CAVACO, C. *Na estrada luminosa*. Recorte de jornal sem referências da fonte (APHC). Segundo Sílvia Arendt, "no século passado, especialmente no Rio Grande do Sul, os homens, além de serem 'bons trabalhadores', deviam ser também 'bons soldados'. Os constantes conflitos externos e internos que ocorriam na região demandavam homens que soubessem lutar. Os adultos, durante a educação dos meninos e rapazes valorizavam e incentivavam o uso da força física em combates e duelos, o manejo de punhais, armas de fogo e outros instrumentos que provocavam ferimentos. Essa educação para a guerra, exercitada no cotidiano através dos conflitos, possivelmente levava os homens a associarem um determinado tipo de violência com a sua masculinidade, ou seja, ser homem era ser bom de briga". ARENDT, Sílvia Maria Fávero. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 2001. p. 43.

[67] CAVACO, C. *Versos de...*, op. cit., p. 14.

aos campos de batalha[68]. No citado poema "Autobiografia", Cavaco buscou dar um sentido heróico à sua experiência na guerra:

> Não sei como passou a mocidade,
> se foi feliz ou muito desgraçada.
> Eu fiquei sempre junto à barricada
> vertendo o sangue pela Liberdade[69].

Os versos acima remetem a outra pergunta: por que, naquela conjuntura, a "causa da liberdade" pareceu, a Custódio Carlos, estar do lado dos federalistas?

Conforme já disse antes, nesse período, os limites políticos convencionados entre o Brasil e o Uruguai eram objeto de constantes disputas e questionamentos. Além disso, no plano econômico, a região caracterizava-se por um intenso fluxo, legal e ilegal, de homens e mercadorias. Muitos fazendeiros possuíam terras e rebanhos nos dois lados da fronteira e, dependendo dos preços e das taxas vigentes em cada país, as tropas de gado se deslocavam, ora para abastecer os "saladeros" uruguaios, ora as charqueadas sul-rio-grandenses. Deve-se considerar também que a Campanha gaúcha, onde se encontra a cidade de Livramento, dependia do porto de Montevidéo, tanto para o seu abastecimento, quanto para o escoamento de sua produção.

O Estado imperial, em seus últimos anos, resolveu dar um impulso comercial à economia da Província, a fim de minimizar os efeitos de sua fraca integração ao resto do Brasil. O grande responsável pela dinamização foi o citado Senador Gaspar Silveira Martins, estancieiro na campanha gaúcha, proprietário de terras no Uruguai e membro do Partido Liberal, representante da fração pecuarista da fronteira. Entre outras medidas, Martins conseguiu a criação de uma tarifa especial para o Rio Grande

---

[68] VENANCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das crianças no Brasil*, op. cit., p. 192. Sobre essa precocidade do ingresso na guerra, ver também, tratando especialmente da situação européia: LORIGA, Sabina. A experiência militar. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). *História dos jovens*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. (v. 2: "A época contemporânea").

[69] CAVACO, C. *Versos de...*, op. cit., p. 60.

do Sul, que atingia todos os gêneros de importação e suprimia os impostos de exportação sobre os produtos similares aos das repúblicas platinas, caso lá eles fossem igualmente isentos.

Com a proclamação da República, ocorreu um reordenamento das relações entre os poderes central, estadual e local. Rui Barbosa, Ministro da Fazenda do Governo Provisório, em fevereiro de 1890, extinguiu a tarifa preferencial e determinou medidas de repressão ao contrabando; atitudes que, evidentemente, muito desagradaram os criadores da fronteira. Os republicanos estaduais - defensores de um projeto de diversificação da economia - também não mantiveram o protecionismo concedido aos produtos da região. Assim, na década de 1890, a principal força de oposição ao Partido governista, o PRR, estava situada na Campanha[70].

Tendo em mente essa breve incursão pela conjuntura na qual eclodiu a terrível "Revolta da Degola", é possível dizer que Cavaco, ao se incorporar às tropas oposicionistas, seguia a tendência geral dos habitantes da fronteira. Porém, tal adesão não significou um claro alinhamento às posições gasparistas. Para Custódio Carlos, mais importante do que uma postura política definida, era a idéia de pertencer a um partido "revolucionário", inimigo da ordem constituída. Lutando contra os castilhistas, ele, possivelmente, acreditou estar fazendo jus ao lema bordado no seu chapéu: "Liberdade, ou morte!".

Mas, como a vida não segue em linha reta, pouco tempo depois, Cavaco passou para o outro lado da trincheira...

Ao longo da Revolução, o personagem experimentou situações de perigo e de extrema violência. Seu irmão, oficial de artilharia do Exército, desertou e aderiu às

[70] Ver: FÉLIX, L. O, op. cit., p.p. 64-73 e SOUZA, Susana Bleil de. A fronteira na Revolução de 1893. In: POSSAMAI, Zita (org.). *Revolução Federalista de 1893*. Porto Alegre, SMC, 1993.

forças federalistas de Gumercindo Saraiva. Cavaco seguiu em companhia do General Izidoro Dias Lopes e, cruzando a fronteira, incorporou-se aos regimentos isolados revolucionários do Coronel Bento Xavier.

Enquanto o grosso das colunas maragatas atacava a cidade de Dom Pedrito, sitiando depois Livramento por vinte e oito dias, a diminuta força de Xavier, com pouco mais de trezentos homens, conservou-se sobre a linha divisória Brasil-Uruguai, no local chamado "Passo da Sepultura". Esse regimento, durante o dia, incursionava pelo território brasileiro e, à noite, recolhia-se no lado uruguaio. Era uma "tropa avulsa, sem nenhum contato com qualquer exército regular, mesmo revolucionário, a nossa missão era atacar de surpresa o inimigo, matando o maior número possível", relembrou Cavaco posteriormente[71].

O jovem combatente vivenciou sua primeira batalha logo no início da invasão, quando Bento Xavier enfrentou a vanguarda dos legalistas, chefiada pelo General Hipólito Ribeiro, em missão de reconhecimento, vencendo-a após rápido confronto. A luta ficou gravada na memória de Cavaco que, ao relembrá-la, estetizou sua violência:

> Mesmo passado tanto tempo, decorridos tantos anos, sinto que é difícil, quase impossível, descrever a cena que eu assisti, vibrando de emoção e de entusiasmo, por ser brasileiro e por ser gaúcho. Aqueles homens, aqueles lanceiros, enfurecidos, quase enlouquecidos pelo cheiro de pólvora, pelo sibilo das balas, pelos gritos de dor dos que tombavam feridos, pelo ruído violento do combate, pareciam fantasmas arremetendo contra o inimigo, que fugia, deixando as armas, disparando a toda a velocidade. Aos gritos de raiva e furor, insultando, ameaçando, os lanceiros mergulhavam as lanças nas carnes dos adversários, atirando-os ao solo, quase sempre moribundos[72].

---

[71] CAVACO, C. *Na estrada...*, op. cit.

[72] Apud CAGGIANI, I., op. cit., p. 23 (sem referência da fonte). Salvo indicação ao contrário, a narrativa sobre a participação de Cavaco na Revolução Federalista apoia-se nessa obra e em CAVACO, C. *Caminhos...*, op. cit.

Para o menino socializado em uma "cultura da guerra", esse conflito foi um verdadeiro "batismo de fogo"[73]. A violência, a dor e a morte - provavelmente associadas à coragem e à virilidade dos gaúchos - despontavam, a seus olhos, como fontes de orgulho e de emoção. Custódio Carlos tornava-se um "verdadeiro" homem...

A força de Bento Xavier, diante da ameaça do inimigo numeroso e bem armado, e ante a pressão das autoridades uruguaias, foi dissolvida e seus integrantes incorporados a outros regimentos que se mantinham entre as cidades de Quaraí e Livramento. Cavaco retornou, então, a Rivera e logo voltou a lutar na tropa comandada por Júlio Barrios, passando depois ao Estado Maior de Maneco Machado, seu parente. Nesse período, meteu-se, conforme suas palavras, em muitos "(...) entreveros de cara a cara nas serras do Caverá, no Campo Osório e na Cochilha Negra (...)".

Quase no final da Revolução, Cavaco desertou das forças maragatas, unindo-se aos legalistas. Segundo Caggiani, o episódio que determinou essa mudança foi "(...) a cena brutal de um degolamento, procedimento que julgou reprovável e que o revoltou profundamente (...)":

> Um revolucionário, que como ele, integrava um contingente sob o comando do major Severino Soares, seu tio pelo lado materno, na noite anterior havia deixado, às escondidas, o acampamento na zona do Caverá, e assassinado friamente um jovem adolescente que o descobrira quando tentava roubar numa casa próxima. Por ordem do major Severino, e para exemplo dos demais, foi o mesmo degolado de orelha a orelha pelo sargento Firmino (...).

Talvez seja difícil para nós entender a razão do jovem soldado, que vibrava com a violência coletiva de uma batalha, ter se revoltado contra a violência exemplar e individualizada de uma execução. Seria porque ambos lutavam do mesmo lado?

[73] De modo semelhante, Loriga, analisando a experiência militar na Europa, afirma: "o serviço militar sanciona o ingresso do indivíduo no mundo dos adultos, sugerindo, entre outras coisas, a imagem do menino que desempenha as tarefas militares como se já fosse homem (...). Segundo essa representação

Constituíram eles, durante o conflito, laços de amizade e companheirismo? Ou, mais cinicamente, Cavaco havia percebido que o vento soprava a favor dos republicanos? Nesse ponto, as fontes disponíveis não permitem ir além das conjecturas.

De qualquer forma, Custódio Carlos, ainda seguindo a narrativa de Caggiani, "após entregar as armas e retirar do chapéu a divisa vermelha (...), montou a cavalo, atirou o poncho-pala para as costas, e cavalgou para Rivera que, de braços abertos recebia todos os que imigravam dessa luta entre irmãos".

A Revolução Federalista inscreveu-se profundamente no corpo e na mente de Cavaco. No corpo, "(...) em forma de cicatrizes, de um certeiro lançaço inimigo 'governista', em Santana do Livramento, e de um tiro de revólver de outro inimigo, nos campos do Departamento de Rivera, na República do Uruguai"; na mente, como marco inicial de sua trajetória de "revolucionário", de "peregrino de todos os ideais enobrecedores", de "legionário de todas as idéias grandiosas"[74]. Na narrativa épica que construiu sobre si, ele estabeleceu uma continuidade - alicerçada não na coerência político-ideológica mas em uma rebeldia "instintiva" -, cujo ponto inicial são os combates travados nas coxilhas da Campanha gaúcha. Nesse sentido, muito tempo depois, o Tribuno afirmou: "(...) revolucionário político (...) brigando contra os governos 'legalistas' de Castilhos e Borges de Medeiros [sucessor de Castilhos na presidência do estado]; revolucionário socialista, havendo fundado, (...) o Partido Socialista do Brasil; quero, neste instante (...) proclamar a 'Revolução Espiritual'!"[75].

(...), a instituição militar é um 'divisor de águas existencial', que assegura a emancipação econômica, afetiva e sexual do jovem". LORIGA, S. *A experiência...*, op. cit., p.p. 16-7.

[74] A primeira citação de Cavaco foi retirada de UCHA, D., op. cit. e a segunda de CAGGIANI, I., op. cit., p. 118 (sem referência das fontes).

[75] CAVACO, C. *Caminhos...*, op. cit., p.p. 82-3. A idéia de continuidade da postura revolucionária de Cavaco aparece também no texto de Danilo Ucha, não por acaso intitulado "Revolucionário desde os 12 anos". Espero ter deixado claro que, do meu ponto de vista, essa continuidade foi estabelecida "a posteriori", com o objetivo de conferir sentido e unidade à trajetória do personagem.

Antes do final das hostilidades, Cavaco, agora do lado governista, deu prosseguimento à sua vida militar, dessa vez de forma oficial, incorporando-se ao 18° Batalhão de Infantaria, comandado pelo coronel Paula Castro. A respeito de seu ingresso na caserna, afirmou:

> E porque em verdade eu nunca tive infância, nada mais natural que aceitar, como aceitei, a nova vida que surgia, sem me impressionar ou assustar; pois diante dos sofrimentos que suportara, pouco tempo depois de nascer, de ensaiar os primeiros passos, de balbuciar as primeiras palavras, curtindo frio e conhecendo a fome, qualquer modo de vida me servia. E serviu... Possuía a alma de soldado. E me agradava depois de ter vivido na desordem democrática dos acampamentos, aquelas exigências da disciplina, aqueles rigores com os quais prontamente, satisfeitamente, me familiarizei[76].

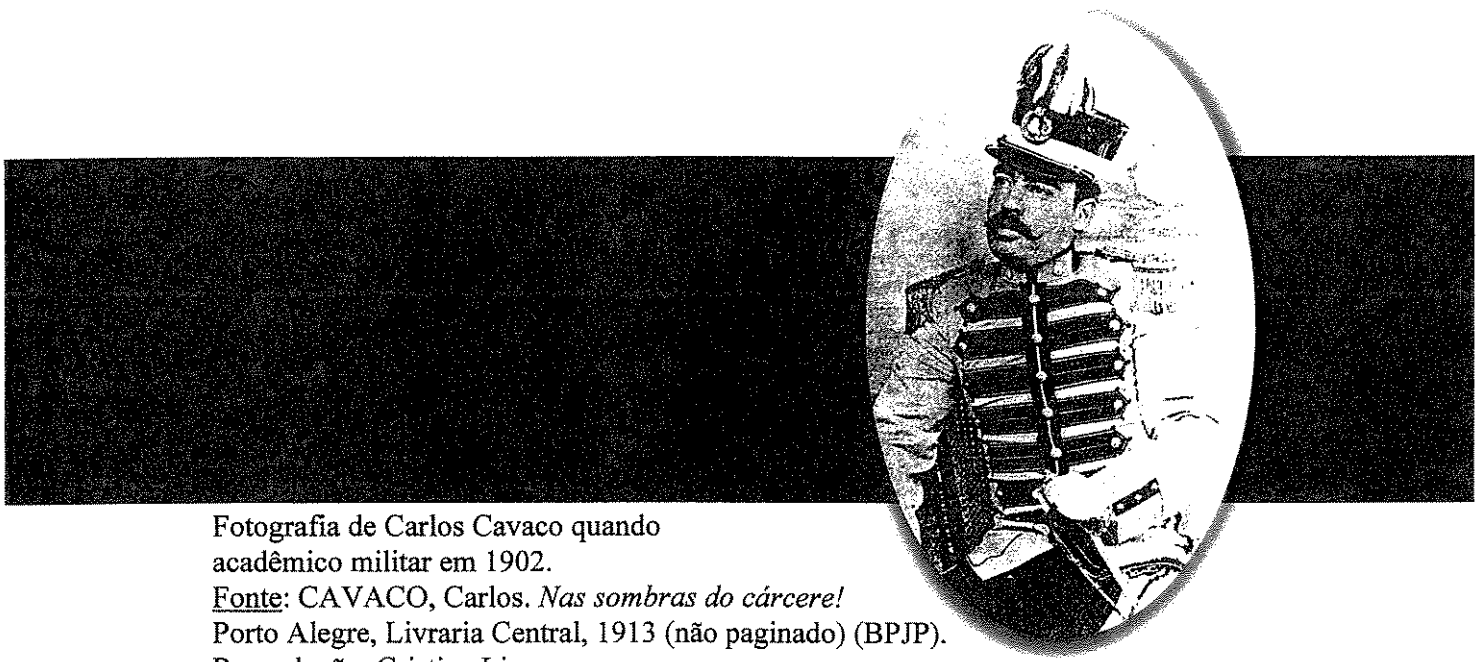
Custódio Carlos viu, pois, no Exército, a possibilidade de ter uma vida estável e segura, ainda mais se se leva em conta que a Revolução Federalista desorganizou profundamente a economia gaúcha, em especial na região da fronteira. Porém, ao contrário do que diz a citação, ele não se adaptou tão facilmente assim à disciplina militar, sendo, muitas vezes, transferido, expulso e mesmo preso por indisciplina.

Com a pacificação do estado, o 18° Batalhão recebeu ordem de seguir para Uruguaiana, e Cavaco acabou incorporado ao 2° Batalhão de Engenharia, em Pelotas. Permaneceu por quase um ano na secretaria do Batalhão, como auxiliar de escrita, - o que indica que o personagem já tinha algum grau de educação formal -, e, posteriormente, foi promovido a cabo de esquadra. Pouco depois, ascendeu sucessivamente a furriel e a 2° sargento. Nessa cidade, envolveu-se em um conflito com a polícia e, por isso, transferiram-no para o 12° Regimento de Cavalaria, em Quaraí. Lá tomou parte do ataque ao quartel dos guardas aduaneiros e, como represália à agressão de um oficial, foi submetido a inquérito, acusado de ser o

[76] Apud CAGGIANI, I., op. cit., p. 25 (sem referência da fonte).

responsável pelo incidente. Em conseqüência, incorporou-se, "a bem do serviço", no 6° Regimento de Cavalaria, em São Borja. Passou depois pela Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, onde redigiu a *Revista Acadêmica*, e pelo 9° Regimento de Cavalaria, aquartelado na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Na Capital da República, ingressou na Escola Militar do Realengo, da qual foi desligado por indisciplina. Do Rio, retornou a Livramento, servindo o 5° Batalhão de Cavalaria[77].

[77] Informações retiradas de CAGGIANI, I., op. cit., p.p. 26-7; CAVACO, Carlos. *Nas sombras do cárcere!* Porto Alegre, Livraria Central, 1913 (não paginado) e MARÇAL, João Batista. Carlos Cavaco, o primeiro agitador de Porto Alegre. *A Luta, órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro - Rio Grande do Sul*, n° 54, setembro/outubro de 1997. p. 8.



Fotografia de Carlos Cavaco quando
acadêmico militar em 1902.
Fonte: CAVACO, Carlos. *Nas sombras do cárcere!*
Porto Alegre, Livraria Central, 1913 (não paginado) (BPJP).
Reprodução: Cristina Lima.

* * *

Ao longo desse périplo, começaram a ser traçadas e tramadas outras linhas que passaram a compor a trajetória de Cavaco. Tal é o caso da boemia.

Na cidade de Pelotas, às quatro horas da madrugada de uma noite enluarada de inverno, ele participou de sua primeira serenata. Quatro violões, duas flautas, um clarinete, um cavaquinho e uma bandurra executaram uma valsa lenta, em homenagem ao "anjo louro" escondido detrás da janela. Custódio Carlos encostou o violão e, "(...) com voz amorosa, sentimental, de tenor de subúrbio (...)", entoou uma modinha da época. Disseram-lhe, no dia seguinte, que a moça homenageada chorava, escutando sua voz...[78] Voz essa, cujo poder de sedução foi atestado tanto na vida afetiva quanto na política.

Seu comportamento boêmio, por vezes, entrou em choque com a rígida disciplina dos quartéis. Certa ocasião, no Rio de Janeiro, foi preso porque compareceu

diante do comandante do 1° Distrito Militar vestido à paisana e com um violão debaixo do braço. Em outros momentos, porém, as rodas de música eram toleradas no ambiente da caserna, envolvendo soldados de várias patentes. Lembrando de sua passagem pelo 5° Regimento de Cavalaria, em Livramento, Cavaco escreveu que o seu superior, o alferes Apolinário Artur da Silva, "(...) chegava ao extremo de, estando de serviço, no quartel, reunir os oficiais inferiores, nós, no próprio Estado-Maior, tocando violão e cantando - coisas em que era exímio"[79]. Anos mais tarde, relembrando as noites de boemia, afirmou: "devo ao violão, durante os meus anos de serviços no exército, muita prisão, muita transferência a bem da disciplina, muitos castigos"[80].

Talvez tenha sido em uma dessas serenatas que Custódio Carlos conheceu a jovem Rosita Lupi, sobrinha do Coronel Otaliz Lupi, "degolado em defesa da República nas sangas do Rio Negro"; filha do Dr. José Lupi, ex-cônsul uruguaio em Santana do Livramento, "que tanto sofreu (...) pela política republicana", e de Adelaide Severo de Lupi, cujo pai, Eleutherio Severo, possuía terras na fronteira[81]. Rosita e Cavaco casaram-se no ano de 1902[82]. Em 1913, no transcorrer de uma polêmica, o último desafiou o adversário: "a minha esposa (...) foi sempre o que ainda é hoje - uma moça distintíssima. (...) Se a tua esposa teve uma origem tão pura como a minha teve, eu me comprometo a quebrar a pena e cerrar os lábios para sempre"[83].

---

[78] Narração construída a partir do relato de Cavaco. Apud CAGGIANI, I., op. cit., p.p. 28-9 (sem referência da fonte).
[79] CAGGIANI, I., op. cit., p. 26 e CAVACO, Carlos. *Aspectos de Sant'Ana*. Santana do Livramento, 07/1957. Apud CAGGIANI, Ivo. *Sant'Ana do Livramento - 150 anos de história*. Santana do Livramento, ASPES/Museu Folha Popular, 1984. v. 2. p. 31.
[80] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 27 (sem referência da fonte).
[81] Carta de Rosita Lupi de Cavaco a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 29/08/1913 (IHG-RS) e CAVACO, C. *Nas sombras...*, op. cit., p. 99.
[82] CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 185. Segundo Cavaco, Rosita, ao casar, tinha 13 anos de idade. CAVACO, C. *Nas sombras...*, op. cit., p. 57.
[83] CAVACO, C. *Nas sombras...*, op. cit., p. 99.

A moça distinta e pura provavelmente se encantou com rapaz robusto, de temperamento aventureiro, que mesclava romantismo e virilidade, dizia versos apaixonados e contava histórias da guerra, empunhando, com a mesma desenvoltura, o violão e a espada. Juntos, eles viveram uma relação tumultuada - incluindo manifestações públicas de amor, traições, brigas, separações e reconciliações -; estiveram unidos em momentos difíceis - como quando da morte do filho "Cavaquinho" e da prisão do Tribuno em 1913 -; compartilharam a vida, a militância e até as telas de cinema. Mas tratarei desse assunto nos próximos capítulos...

* * *

Na virada do século XIX, e em outros momentos da história, a vida boêmia, muitas vezes, mesclou-se com a carreira literária. E o seresteiro Cavaco não fugiu à regra...

Não consegui descobrir se ele freqüentou escolas ou professores particulares antes de ingressar no exército. Entretanto, nas fontes disponíveis, pode-se perceber que o personagem - como Xavier da Costa - foi um "devorador de livros" desde a mais tenra idade:

> Os que me conheceram quando eu era criança - parentes e amigos da nossa família - afirmam ter eu revelado, desde cedo, grande interesse pelas Letras, principalmente pela literatura romântica, onde se cruzavam espadas à sombra dos edifícios palacianos, e guerreiros amorosos faziam seus corcéis galopearem ao longo das estradas poeirentas, sob o pálio luminoso das estrelas[84].

Esses livros provavelmente estimularam a sua imaginação e motivaram seus primeiros passos de escritor. Adolescente ainda, publicou poesias e pequenos textos em prosa no jornal santanense *Colibri* e em outros periódicos literários da região da

[84] CAVACO, C. *Na estrada...*, op. cit.

fronteira[85]. A atividade literária proporcionava muita satisfação a Custódio Carlos: "lembro bem que, quando chegava o dia da publicação do *Colibri* - creio que aos sábados pela manhã - eu, que quase não dormira na véspera, pensando nos versos que traçara (...) ia esperar o jornal junto à casa do Phidias, para lê-lo e relê-lo durante o dia todo, com os 'versos' sempre sob os olhos fartos de vaidade", declarou posteriormente[86].

Não tenho condições de realizar uma análise literária da produção do personagem, nem tal estudo se enquadra nos objetivos da presente tese. Contudo, julgo importante ressaltar alguns elementos, presentes já nessas primeiras publicações, que passarão a compor a imagem pública de Cavaco.

Em primeiro lugar, saliento a perspectiva regionalista, evidenciada na exaltação da paisagem sul-rio-grandense e na valorização dos costumes e das qualidades atribuídas ao gaúcho, características que transparecem na poesia "A Minha Terra":

Queres ver a minha terra
Cheia d'encanto e primor?
Queres ver aquela estrela
Engastada em céu de amor?

Queres ver, lá nas coxilhas
Entre o rugir do campeiro
A cantiga da pastora
Na viola do tropeiro

(...)

[85] Localizei os seguintes textos literários de Cavaco, publicados antes de sua vinda para Porto Alegre em 1904: Fantasias (*Orvalho. Órgão crítico e literário*. Santana do Livramento, 11/09/1898. p.p. 1-2); A minha terra (*O Gaúcho. Revista científica, artística e literária*. Bagé, 11/1899. p. 3); Instantâneas II (*A Granada. Órgão cortante, perfurante e contundente*. Santana do Livramento, 10/01/1901. p. 2) (todos na BRG) e A tua carta (publicada no *Colibri* em 1903 e transcrita por CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 46-7).

[86] Caggiani diz que o *Colibri* foi fundado por Phidias José Rodrigues, destacado personagem do jornalismo de Livramento nos fins do século XIX e princípios do XX. CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 46. Porém, o mesmo autor, em trabalho mais antigo, afirma que o periódico pertenceu às irmãs Matilde e Alaíde Ulrich. CAGGIANI, Ivo. *Vultos de Sant'Ana*. Santana do Livramento, Editora Folha Popular, 1964. p. 18.

Quando a tardinha mugindo,
Desce o gado pela serra:
No silêncio da natura,
Queres ver a minha terra?

(...)

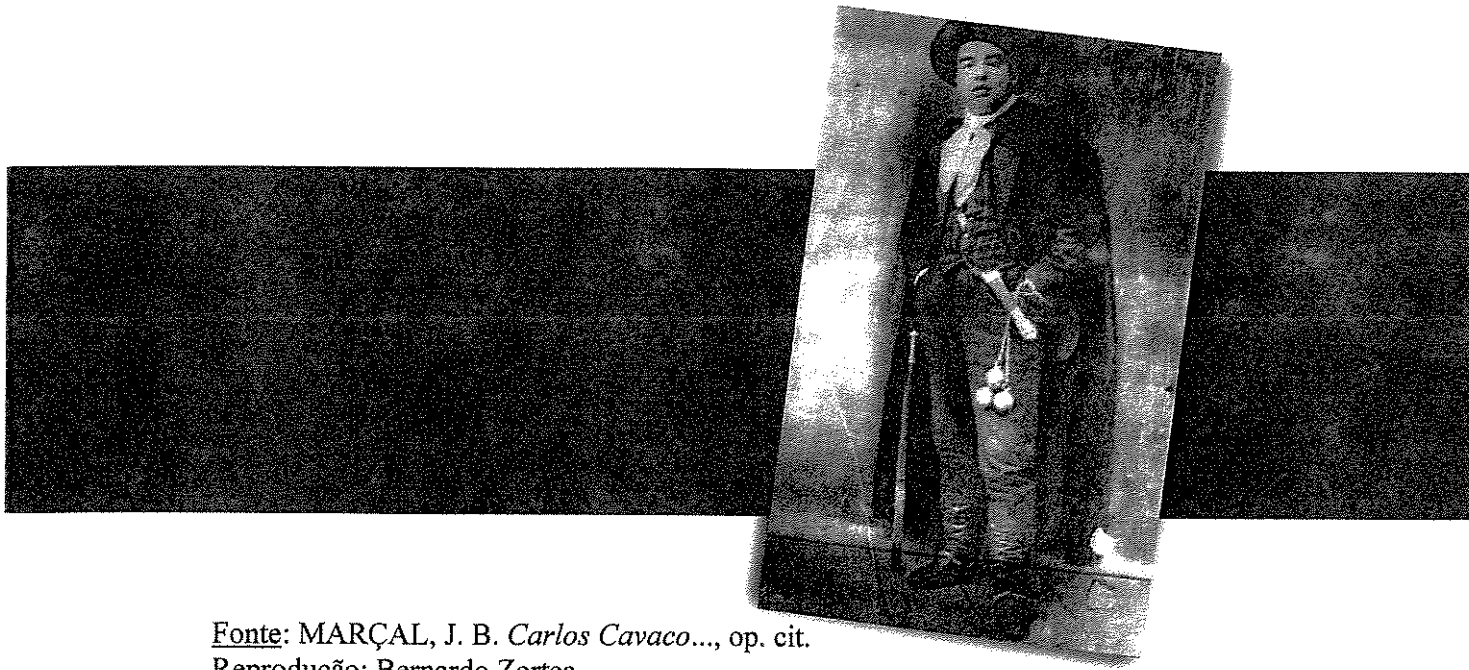
Quando o gaúcho garboso
Toma o mate-chimarrão
A sombra d'árvore copada,
Junto a uma sanga ou capão?

O homem gaúcho, na perspectiva da literatura regionalista, está sintonizado com um espaço geográfico específico: o pampa[87]. Nascido nessa região e socializado nos valores da virilidade, da coragem e da independência, Custódio Carlos cantou, em diversas obras, a bravura da gente de sua terra.

Durante a sua trajetória, ele reivindicou, inúmeras vezes, essa identidade gaúcha, seja na produção literária, seja na militância política, seja na vida pessoal. Na conversa que tive com a família Cavaco, por exemplo, a presença do regionalismo foi bastante salientada: Amanda, sua filha mais moça, disse: "(...) papai andava aqui [na cidade de Petrópolis, para onde se mudou na década de 1930] de bombacha". D. Heloísa prosseguiu: "É, vestido de gaúcho (...)". Amanda, em coro com a irmã Maria Rosicler, concluiu: "Bota, lenço vermelho..." [88].

[87] O regionalismo gaúcho conheceu sua "idade de ouro" entre 1890 e 1930 e, na interpretação de Regina Zilberman, correspondeu aos anseios de autonomia da elite local, que muitas vezes se pronunciou contra o predomínio econômico e político do centro-sul do país, considerado prejudicial aos interesses do estado: "uma das conseqüências foi a promoção dos tipos locais, de origem popular - como o gaúcho que, por ancestralmente associado à independência pessoal e à falta de laços domésticos (...), podia simbolizar a autonomia desejada - e caráter guerreiro, associado, portanto, à história da região, conquistada após demorada luta com os índios e mantida em constante estado de beligerância com os vizinhos do Prata". ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, L&PM, 1985. p.p. 96-98. Ver também: MOREIRA, Maria Eunice. Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul. In: ALVES, F. das N. e TORRES, L. H. (org.)., op. cit., p. 134.

[88] Entrevista ao autor, op. cit.



Fonte: MARÇAL, J. B. *Carlos Cavaco...*, op. cit.
Reprodução: Bernardo Zortea.

Outro elemento a ser destacado nos primeiros escritos de Cavaco - igualmente incorporado à sua imagem pública - é a valorização do amor romântico[89]. Essa atitude aparece expressa no poema "A tua carta":

> Parti e tu ficaste soluçando
> pedindo-me chorosa que voltasse;
> e o pranto rolando em tua face
> foi aos poucos minh'alma torturando.
>
> Depois, eu julguei que me afastando,
> de ti, também, a jura se afastasse,
> e que a alegria nunca mais tornasse
> ao peito que a saudade ia matando.
>
> Recebendo, porém, a tua carta,
> a pobre alma, de prazeres farta,
> esqueceu-se do negro sofrimento;
>
> e por isso d'aqui eu te agradeço,
> pois se um momento só eu não te esqueço
> não te esqueces de mim num só momento.

Nos versos de Cavaco, cabe inicialmente à mulher a manifestação do afeto: é ela quem chora quando o amado parte, que clama pela sua volta... Depois, esse

sentimento também contagia o homem, pois a saudade vai matando o seu peito. A carta da primeira acaba permitindo a plena realização do amor romântico, a absorção de um pelo outro: "(...) se um momento só eu não te esqueço / não te esqueces de mim num só momento". A musa inspiradora da poesia enquadra-se, assim, no modelo das heroínas da literatura romântica: "(...) a heroína encontra e enternece o coração de um homem que inicialmente mostra-se indiferente e distante dela (...). A heroína então ativamente produz amor. O seu amor faz com que ela seja amada, dissolve a indiferença do outro e substitui o antagonismo por devoção"[90].

Em "Instantâneas II", Cavaco chega a insinuar um certo erotismo, mas um erotismo velado, quase casto, pois, afinal, o amor romântico é incompatível com a luxúria, "(...) não tanto porque o ser amado é idealizado - embora esta seja parte da história -, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador"[91]:

> - Estendida sobre um divã adamascado (...) suspirava a bela baronesa na delícia de um sono cheio de encantos e de anhelos extravagantes; um dos roliços braços voltado sobre a cabeça pequenina e a mimosa perna até meio mostrava uma finíssima meia cor-de-rosa que parecia estalar sobre aquelas carnes palpitantes dos trinta e cinco anos de idade.

* * *

Na juventude, Cavaco também manifestou um talento que ficaria indelevelmente ligado à sua figura: a eloqüência. Ele parece ter iniciado sua carreira de orador nos últimos anos do século XIX, ao discursar no prédio da Maçonaria de Livramento, a convite de "velhos maçons que haviam sido amigos de seu pai". Em "uma fria noite de junho", o jovem Custódio Carlos subiu à tribuna e foi recebido com

---

[89] Sobre o amor romântico, ver: GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, UNESP, 1993.
[90] Idem ibidem, p. 57.
[91] Idem ibidem, p. 56.

uma "prolongada salva de palmas". Porém, ao botar a mão no bolso, percebeu que tinha esquecido o discurso em casa. Em suas palavras:

> Disse-me minha querida mãe, depois, que eu empalidecera extraordinariamente. Assustaram-se, ela e minhas irmãs, e já procuravam se aproximar de mim, para me socorrerem, quando me viram erguer a cabeça, fuzilar o olhar, e, com voz estentórica, retumbante, à Gaspar Martins - braço erguido, mão espalmada, em gesto largo - bradar: - Povo de minha terra!...
>
> O que ocorrera comigo, até hoje não sei explicar. Sei, unicamente que, como se explodisse um vulcão de eloqüência na minha garganta, emocionei, empolguei, arrebatei toda a grande seleta assistência, sendo ao terminar a minha primeira peça oratória realizada de improviso, conduzido nos braços da multidão, sob um delírio de aplausos. (...)
>
> Não fora isso e, talvez, hoje eu não passasse de um bom ledor de discursos e péssimo improvisador, como tantos que por aí andam...[92]

A narrativa constrói o mito de origem do Cavaco-tribuno, o qual irá arrebatar e inflamar as platéias nas mais diversas ocasiões: dos "meetings" operários às conferências literárias.

O fato de Cavaco ter feito sua estréia como Tribuno a convite de "irmãos" da maçonaria talvez indique algum tipo de ligação do personagem com os "pedreiros-livres". Porém, infelizmente, não consegui apurar mais dados nesse sentido. Sabe-se, todavia, que, no século XIX, a maçonaria sul-rio-grandense teve influência considerável na formação de um tipo particular de cultura política, alicerçada na construção e defesa do pensamento liberal e cientificista, em contraposição ao conservadorismo católico[93]. Isso levou muitos maçons a se aproximarem de outros movimentos de cunho republicano, anticlerical e cientificista, como o socialismo e o livre-pensamento[94]. No livro *Nas sombras do cárcere!*, Cavaco afirma que, em 1902, já era um (...) livre-pensador exaltado, tendo escrito o violento panfleto revolucionário

[92] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 34-6 (sem referência da fonte).
[93] Ver: COLUSSI, Eliane Lúcia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo, UPF, 1998. p. 19.
[94] Consultar: SILVA, Eliane Moura. *Maçonaria, anticlericalismo e livre pensamento no Brasil*. Texto apresentado no XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH. Belo Horizonte, julho 1997.

A vitória do povo![95]. Além disso, conforme será visto nos próximos capítulos, ele manifestou, seguidamente, posições anticlericais. Pode-se conjeturar, então, a respeito dos vínculos existentes, na trajetória de Custódio Carlos, entre maçonaria, livre-pensamento, anticlericalismo e socialismo, pelo menos no sentido de que todas essas correntes posicionavam-se de maneira crítica em relação à sociedade da época.

Em 1903, Custódio Carlos demonstrou, novamente, o poder de seu verbo. No dia primeiro de novembro, durante uma festa religiosa realizada em Livramento, soldados do Brasil e do Uruguai entraram em conflito. Um militar brasileiro foi morto e outros santanenses, civis e militares, acabaram presos no país vizinho. De acordo com Caggiani, Cavaco, "então sargento (...), ao lado do cadáver ainda quente do camarada brutalmente assassinado, pronunciou violento discurso aconselhando a vingança e condenando a insólita agressão". Seguiu-se uma tentativa de invasão a Rivera, que só terminou porque os brasileiros presos conseguiram fugir. Para Marçal, "nascia aí o agitador"[96].

* * *

Como procurei mostrar nessa seção, Cavaco, ao longo da infância e da juventude, enveredou por diversas searas - a vida militar, a atividade literária e a prática da oratória -, as quais passaram a compor a sua trajetória e a sua imagem pública. A militância no movimento operário só teve início após a mudança para Porto Alegre, mais especificamente em 1906. Antes porém, já existia, possivelmente, uma predisposição afetiva do personagem, que facilitou a sua adesão à causa dos trabalhadores.

---

[95] CAVACO, C. *Nas sombras...*, op. cit. (não paginado). Não encontrei outras referências a esse panfleto.
[96] CAGGIANI, I. *Sant'Ana...*, op. cit., p. 37 e MARÇAL, J. B. *Carlos Cavaco...*, op. cit.

O jovem Custódio Carlos, é claro, poderia ter tomado outros rumos. Mas, do meu ponto de vista, ao chegar a Capital gaúcha, ele trazia consigo experiências, projetos e sentimentos que, potencialmente, o aproximavam dos ideais socialistas. Em primeiro lugar, a vivência da pobreza e das privações. Ao lembrar de sua infância, tal situação aparece associada a uma percepção precoce das injustiças sociais, percebidas enquanto frutos da imoralidade das elites:

> Perto da casa modestíssima em que morávamos, eu e minha família, um lindo edifício, amplo e luxuoso, abrigava um ex-comerciante que enriquecera roubando, enganando, mentindo. Mais adiante, um outro edifício não menos lindo, e, também, amplo e luxuoso, agasalhava o seu proprietário, um patife que fizera da política um motivo fácil de exploração vergonhosa, e enriquecera da noite para o dia[97].

Some-se a isso, a participação na Revolução Federalista e no Exército, experiências ligadas, no seu entendimento, aos valores da virilidade, da coragem e da independência, que reforçaram a sua auto-imagem de homem rebelde e aventureiro. Deve-se acrescentar, ainda, o talento de Cavaco como tribuno popular e uma possível influência da cultura política liberal, cientificista e anticlerical presente na Maçonaria. Finalmente, mas de maneira alguma menos importante, ressalto o papel da formação literária de Cavaco, sobre a qual gostaria de me deter com mais vagar.

O personagem lembra que, no seu tempo de caserna, a literatura prendia a sua atenção e parecia diminuir o seu sofrimento físico. Em certa ocasião, depois de levar um tiro, a fim de disfarçar a dor que o atormentava, e enquanto um velho gaúcho procurava, com a ponta da faca, extrair a bala de sua perna, ele "(...) lia e relia versos sobre a volta de Martin Fierro"[98].

---

[97] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 12 (sem referência da fonte).

[98] CAVACO, C. *Na estrada...*, op. cit. Conforme Caggiani, essa obra, de autoria do poeta argentino José Hernández, escrita em grande parte na cidade de Livramento no ano de 1871, "(...) parece ter exercido marcante influência sobre Carlos Cavaco (...)". CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 32.

A obra de José Hernández deve ter sido, para o jovem soldado, simultaneamente, um bálsamo e um estimulante. Afinal, o autor argentino louva o herói-bandido Fierro, vítima das perseguições do governo, cuja solidão era compensada pela liberdade. O protagonista desponta como a encarnação do gaúcho forte e independente, e, provavelmente, inspirou a perspectiva regionalista de Cavaco. Ao longo da narrativa de Hernández, contrastam um tempo idílico, no qual o trabalho e a diversão confundiam-se, e um tempo "presente", marcado pelas transformações que racionalizaram a estância, adaptando-a às exigências da empresa capitalista. Frente a essa transformação, "o peão se transforma em marginal ou semi-escravo, recrutado nas lutas em defesa da fronteira com os índios, arrancado à família, ludibriado e forçado ao nomadismo se delas quiser escapar".

A experiência da marginalização aparece, por exemplo, na seguinte estrofe:

> Él anda siempre juyendo
> siempre pobre y perseguido;
> no tiene cueva ni nido,
> como si fuera maldito;
> por que el ser gaucho... barajo!
> El ser gaucho es un delito.

O poeta trata, igualmente, da exploração política dos peões, vítimas do oportunismo das elites: "porque el gaucho en esta tierra / solo sirve pa votar". Assim, Fierro "(...) ganha uma dimensão épica, como cantor de males coletivos (...): 'males que conocen todos / pero que naides contó'"[99].

Cavaco, conhecedor de muitos desses "males", logo se identificou com Fierro e, nesse processo, talvez tenha adquirido uma consciência mais clara da exploração dos poderosos, passando a combate-la. Em suas palavras:

---

[99] LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo/Campinas, Memorial/UNICAMP, 1994 (v. 2: "Emancipação do discurso"). p.p. 677-9, de onde retirei as citações da obra de Hernández e todas as informações a ela concernentes.

> Todos os que como eu, nasceram nas fronteiras do Rio Grande do Sul, não se puderam furtar a essa influência. Martin Fierro, o gaúcho valente e generoso, marchou ao meu lado durante a minha mocidade, na fase passada em Bagé, Livramento, Quaraí, Uruguaiana e São Borja. Creio mesmo que nenhum moço deixou de realizar, na sua imaginação, os feitos heróicos de Martin Fierro, ídolo de muitas gerações fronteiriças. Até aqueles que não sabiam ler, que eram analfabetos, porém que assistiram, ou tomaram parte, nas conversas de galpões, junto ao fogo, em brasa, nas noites geladas do inverno, sabiam de memória, os versos do gaúcho valente que tão depressa fazia parar a bolaços, manejando as "boleadeiras", o pingo que disparava campo fora, como levantava na ponta da adaga o índio assassino (...)[100].

Outros autores também influenciaram no direcionamento político do personagem. Segundo Caggiani:

> Seguiram-se (...) as obras de Vargas Vila, seu grande ídolo e que veio a ser amigo querido e companheiro de lutas sociais na Espanha, Guerra Junqueiro, José Herandez, Cervantes, Vitor Hugo, Máximo Gorki e Santos Chocano. Na realidade foram esses os seus verdadeiros mestres e que influíram decisivamente no seu espírito, na sua formação não só literária, mas política. Profundamente política.
>
> .....
>
> (...) nessas mesmas fontes ele bebeu o calor classista, aí ele aprendeu a amar a causa do proletariado (...)[101].

Dos escritores que sensibilizaram Custódio Carlos para a causa dos trabalhadores, destaca-se Victor Hugo, considerado por ele como "um Deus na Terra"[102]. O amor de Hugo pela idealizada plebe parisiense, expresso nas páginas de *Os Miseráveis*, e a sua crença na capacidade emancipadora da cultura, devem ter tocado o jovem gaúcho aspirante à glória literária[103]. Visando ilustrar essa influência, cito uma passagem do livro *Bíblia do Ódio*, no qual Cavaco descreve a Revolução com a mesma perspectiva romântica do autor francês:

---

[100] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 32 (sem referência da fonte).
[101] CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 31.
[102] CAVACO, C. *Versos...*, op. cit., p. 37,
[103] Ver: WILSON, Nelly. "Plebs" et peuple dans "Les Chatiments" - Hugo entre socialisme et poétique". In: *Romantisme - Colloques: Les socialismes Français: 1796-1866 - Formes du discours socialiste*. Paris, SEDES, 1995. p. 266. Segundo Hugo, "o ponto de partida do socialismo é a educação, é o ensino gratuito e obrigatório, é a luz". Apud idem ibidem. De acordo com Wilson, o escritor francês tinha uma fé inabalável na educação, muito característica do século XIX e sobretudo do socialismo utópico.

> Vês ali aquela barricada? Vês aquela bandeira vermelha recortada a aço de bala, mas flutuando sempre, ao sopro violento de tantas almas, sustentada por dois mil peitos, galharda, altiva, nobre, invencível? Vês aqueles homens com as camisas rotas, sujos de pólvora, escorrendo sangue, belos no horrível, sublimes no sacrifício, deixando pedaços de carne junto à bandeira que defendem? É a Revolução[104].

Entre Martin Fierro e Jean Valjean, Custódio Carlos construiu a sua imagem de rebelde e defensor dos oprimidos. Na trajetória do personagem, não há limites nítidos entre arte e vida, o que, aliás, era uma aspiração dos românticos. Ele apresentava-se, ao mesmo tempo, como o herói de seus romances, poemas e dramas - por vezes sob a máscara de alter-egos - e como o herói do operariado gaúcho.

O Tribuno realizou, portanto, um esforço para estetizar a sua existência, um trabalho sobre si, a partir de "práticas refletidas e voluntárias", pelas quais procurou se "transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra", que fosse "portadora de certos valores estéticos" e respondesse "a certos critérios de estilo"[105]. Alguns de seus contemporâneos perceberam a mescla de arte e vida levada a cabo por ele. Segundo o *Jornal do Recife*, de 9 de outubro de 1922, a revista americana *The Book* afirmou a respeito do escritor santanense: "A sua vida diária é o seu melhor romance". De forma semelhante, o periódico carioca *Vida Doméstica*, de maio de 1931, assim intitulou uma entrevista de Cavaco: "O romance mais empolgante do mais popular dos nossos escritores: a sua própria vida..."[106].

---

[104] CAVACO, Cavaco. *Bíblia do Ódio*. Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1921. p. 47. Cabe salientar que a nfluência de Hugo não foi incomum entre os primeiros socialistas brasileiros. O autor francês aparece caracterizado, por exemplo, como "o genial poeta das misérias humanas", no *Manifesto* do Partido Socialista Brasileiro, fundado no Segundo Congresso Socialista, ocorrido em São Paulo entre os dias 29 de maio e 1° de junho de 1902. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 28/08/1902. p. 3 (edição fac-similar).

[105] FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro, Graal, 1998 (v. 2: "O uso dos prazeres"). p. 15. Foucault utiliza a noção de "estética da existência" ao tratar da Antigüidade, mas reconhece que esse momento pode "(...) ser considerado como um capítulo - um dos primeiros capítulos - dessa história geral das 'técnicas de si'". Duas autoras, em trabalhos recentes, valeram-se da referida noção para abordar temas relacionados ao movimento operário. Ver: CAPONI, Sandra. *Do trabalhador indisciplinado ao homem prescindível*. Campinas, PPG em Filosofia da UNICAMP, 1992 (tese de doutorado) e RAGO, M., op. cit.

[106] Citações retiradas de CAVACO, C. *Versos de...*, op. cit., p. 82 e ___. *Caminhos...*, op. cit., p. 111.

Em busca de um ambiente mais favorável ao prosseguimento de sua epopéia pessoal, Custódio Carlos de Araújo "Cavaco" transferiu-se para Porto Alegre em 1904...

* * *

Nesse capítulo, examinei a infância e a juventude de Xavier da Costa e de Cavaco, antes de ambos participarem do movimento operário porto-alegrense. Durante o referido período, foi possível identificar pontos de aproximação entre as suas trajetórias: a pobreza e as privações, o ingresso no mundo adulto depois da morte dos pais, o contato com leituras e pessoas que criticavam a ordem social vigente e, algumas vezes, propunham formas de superá-la.

Porém, também são grandes as diferenças que separam as experiências do menino pardo de Porto Alegre e as do robusto "Toco" de Livramento. O primeiro, possivelmente, enfrentou preconceitos e discriminações sociais e raciais. Ainda criança, começou a aprender o ofício de litógrafo e, no ambiente das artes gráficas, teve acesso a livros e jornais e conheceu indivíduos, os quais parecem ter influenciado no seu posicionamento político. "Toco", por sua vez, já metamorfoseado em "Cavaco", vivenciou a Revolução Federalista, a carreira militar, a boemia e o início de uma prática literária. Desde essa época, manifestou uma forte entrega emocional às causas pelas quais combatia. Na juventude, conheceu autores como José Hernández e Victor Hugo, que condenavam a miséria e a exploração do proletariado urbano e rural.

Apesar das diferenças destacadas, contudo, seus caminhos convergiram na defesa de um ideal: a emancipação da classe trabalhadora, orientada pelos princípios da "sublime doutrina"[107].

[107] Expressão utilizada por Xavier da Costa para se referir ao socialismo. *Gazetinha*. Porto Alegre, 24/11/1898. p. 2 (MCSHJC).

II - A CONQUISTA DE PORTO ALEGRE: *militância e literatura*

2.1 - Xavier da Costa: a construção de uma liderança operária

A partir da última década do século XIX, a trajetória individual de Xavier da Costa confunde-se com o processo de organização da nascente classe operária sul-rio-grandense. A primeira referência que encontrei à sua participação em uma entidade de trabalhadores foi como primeiro secretário da mesa provisória, aclamada no dia 25 de dezembro de 1890, por 72 membros da "corporação tipográfica e artes correlativas", durante uma reunião realizada no salão Cosmopolita, visando instituir "uma sociedade com o fim de pugnar pelo levantamento das classes"[1]. Tal iniciativa não se constituiu em um caso isolado pois, já há alguns anos, os trabalhadores gráficos estavam na linha de frente do movimento associativo do operariado gaúcho[2]. Esse pioneirismo parece

[1] *A Federação*. Porto Alegre, 26/12/1890. p. 2 (CDHPRGS - SC) e *A Pátria*. Pelotas, 31/12/1890 (FBL). Posteriormente, Xavier da Costa esclareceu melhor quais eram as "classes" que participavam da Associação: "(...) não pertenço à classe tipográfica, encadernadora ou pautadora - predominantes na sociedade (...)". E: "(...) soube que um dos artigos dos estatutos da mesma (...) permitia que fossem também seus sócios os discípulos de Senefelder". *Gazetinha*. Porto Alegre, 07/02/1892. p. 1 e 28/02/1892. p. 1 (AHPA), respectivamente. Aloys Senefelder (1771-1834) foi o inventor da litografia. INFOPEDIA 2.0. Softkey, 1995. Verbetes "Lithography" e" Senefelder". Agradeço a Adhemar Lourenço da Silva Jr. por essas indicações.

[2] Exemplificam esse fato a fundação da Associação Tipográfica (1876) e da Sociedade Tipográfica (1877), na Capital do estado; do Grêmio dos Tipógrafos (1881) e da Sociedade Beneficente União

guardar, aliás, um sentido mais geral, verificando-se, também, em outros estados e países. Nos períodos em que o analfabetismo caracterizava a maior parte da população, especialmente os setores populares, o conhecimento da linguagem escrita, o acesso a diferentes tipos de publicação e o domínio das técnicas de impressão criavam condições propícias à difusão de ideologias reivindicatórias e à mobilização dos trabalhadores[3].

Conforme ressaltei no Capítulo I, Francisco, desde menino, participou desse ambiente, onde pôde desenvolver seu "desejo de cultura" e estabelecer contatos com leituras e pessoas, as quais, provavelmente, influíram nas suas escolhas políticas. Após haver estudado em algumas escolas de Porto Alegre, com professores particulares e como autodidata, ele adquiriu capacidades - sobretudo a leitura e a escrita - que permitiram a sua indicação ao cargo de secretário de uma das primeiras associações de trabalhadores gráficos da cidade. Segundo as memórias de Vivaldo Coaracy, contemporâneo do personagem, Xavier da Costa possuía um espírito curioso e um "certo cabedal de apreciável cultura intelectual"[4].

Que circunstâncias motivaram Francisco a ingressar na Sociedade Tipográfica? Em 1892, ele escreveu:

> (...) fui convidado pela comissão (como também foi a maioria dos artistas, que compareceu à primeira sessão preparatória da sociedade de que tratamos) para fazer parte da associação a que ia reconstruir (...). Eu não faria parte da Sociedade Tipográfica se não tivesse sido convidado; pois julgava que conforme o título que tem, só pudessem fazer parte os

---

Tipográfica Gutemberg (1888), em Pelotas, e da Sociedade Tipográfica Rio-Grandense (1890) e da União Tipográfica (1899), em Rio Grande. Ver: *Correio Mercantil*. Pelotas, 16/07/1876 e 08/08/1877 (FBL) e LONER, Beatriz Ana. Operários e participação no início da República: o caso de Pelotas e Rio Grande. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXII, nº 2, dezembro 1996. p.p. 76-7.

[3] Nesse sentido, afirma a anarquista italiana Luce Fabbri: "(...) os tipógrafos estão na vanguarda desse movimento, porque são os que mais facilmente ascendem à cultura, porque estão sempre em contato com o papel impresso, têm que manejar por ofício a linguagem continuamente, têm que saber um mínimo de ortografia, porque ao compor um jornal precisam de tempo (...). São motivações complexas, mas que estão todas ligadas à ascensão da classe operária, nos séculos XIX e XX (...)". Apud RAGO, M., op. cit., p. 219.

[4] COARACY, Vivaldo. *Encontros com a vida (memórias)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. p.p. 22-3.

> tipógrafos. Entrei para ela e como sócio, com o propósito de cumprir o meu dever como tal, isto é, auxiliar a comissão e suas sucessoras - as diretorias - no que me fosse possível, a executar as bases propostas etc. etc.[5]

As referidas bases[6] - consideradas por Xavier da Costa como "sábias e altamente moralizadoras"[7] - oferecem indicações importantes para se compreender esses momentos iniciais da constituição de uma identidade operária no estado. Os primeiros objetivos da nova associação eram os de promover "o levantamento moral e material da classe e o aperfeiçoamento da arte entre nós" e "o congraçamento, por meio de associações dos tipógrafos de todo o Estado do Rio Grande do Sul". Ou seja, os gráficos reunidos no salão Cosmopolita tinham como prioridade a defesa de seu ofício, evitando o rebaixamento daqueles que o exerciam da condição de artistas à de meros trabalhadores braçais. Nessa formulação, a palavra classe possui um significado restrito - "os membros da arte tipográfica e correlativas" atuantes do estado -, o que evidencia a própria historicidade da "(...) delimitação das fronteiras da classe operária, de uma noção mais estrita da classe - os operários qualificados, para uma mais abrangente - o conjunto dos trabalhadores manuais (...)"[8].

A defesa do ofício implicava, igualmente, a qualificação profissional e o controle do mercado do trabalho. Por isso, os gráficos almejavam:

> - providenciar para que tenham trabalho efetivo, todos os associados;
> - impedir, por todos os meios ao seu alcance, que trabalhe nas oficinas em que houver consócios, quem não pertença à associação;

---

[5] *Gazetinha*. Porto Alegre, 28/02/1892. p. 1 (AHPA).

[6] Essas bases aparecem transcritas no *A Pátria*. Pelotas, 31/12/1890 (FBL), do qual, salvo menção ao contrário, retirei as citações.

[7] *Gazetinha*. Porto Alegre, 07/02/1892. p. 1 (AHPA).

[8] BATALHA, Claudio H. M. Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade? *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, nºs 23/24, setembro 1991 / agosto 1992. p. 121. Minha análise das bases da sociedade dos gráficos de 1890 tem como referência esse texto. Para uma discussão sobre os sentidos do termo "arte" no período em questão, ver: ___. Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. *Cadernos AEL: sociedades operárias e mutualismo*. Campinas, UNICAMP/IFCH, v. 6, nºs 10/11, 1999. p. 54, nota 24.

> - regularizar as formas de aprendizagem, de maneira que não sejam prejudicados os interesses da arte, nem os do aprendiz que para ser admitido, deve ler corretamente e não ser maior de 15 ou menor de 10 anos de idade;
> - passar o atestado de habilitação aos que completarem o tempo de aprendizagem que para a arte tipográfica, deve ser de dois anos.

A última das bases revela o desejo desses artistas de se distinguirem do conjunto dos subalternos, dos pobres em geral: "procurar afastar da arte todos os que, por vícios ou mau procedimento se tornarem indignos de pertencer ao grêmio". Essa proposta somente ganha sentido quando se leva em conta o contexto de sua elaboração. As elites brasileiras do final dos oitocentos seguidamente identificavam as "classes laboriosas" às "classes perigosas", não diferenciando trabalhadores de desocupados, mendigos, contraventores e criminosos, pois todos, afinal de contas, compartilhavam os mesmos espaços na cidade e a mesma existência miserável[9]. A defesa da honra e da moral - como o "desejo de cultura" referido anteriormente - era uma forma de distinção para os trabalhadores qualificados que, progressivamente, constituíam a sua identidade a partir da noção de trabalho[10].

Pelo teor das propostas apresentadas, pode-se inferir que essa Sociedade Tipográfica ainda situava-se em um terreno próximo das corporações de ofício. Porém, ao defenderem determinadas condições de trabalho, os artistas envolvidos

---

[9] Expressões de: CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses, classes dangereuses*. Paris, Hachette, 1984. Em relação à Porto Alegre, no período compreendido entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, analisando a identificação dos populares com atributos negativos (doenças, desregramento moral, violência etc.), consultar: MAUCH, Cláudia. *Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1992 (dissertação de mestrado); PESAVENTO, S. J. *Os pobres...*, op. cit. e VARGAS, Anderson Zalewski. *"Os subterrâneos de Porto Alegre": imprensa, ideologia autoritária e reforma social, 1900-1919*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1993 (dissertação de mestrado).

[10] Conforme salienta Claudio Batalha, "(...) a partir de determinado momento e, particularmente, para algumas categorias de trabalhadores, o trabalho exerce um peso fundamental na formação da identidade de classe. Creio ser difícil encontrar exemplos, a partir de fins do século XIX, de uma identidade de trabalhadores que não se estruture em torno do trabalho. Nesse processo de elaboração dessa identidade e no seu desdobramento natural, que é a separação do operariado do conjunto dos pobres, há categorias de trabalhadores que parecem levar nítida vantagem sobre outras. Os trabalhadores qualificados, orgulhosos do seu saber de ofício, adquirido após um período - muitas vezes árduo - de aprendizagem,

adquiriram experiência reivindicatória e, possivelmente, criaram os alicerces das futuras sociedades de resistência[11].

Xavier da Costa realizou a aprendizagem e galgou a hierarquia próprias de seu ofício, passando a fazer parte do núcleo de trabalhadores qualificados, entre os quais se delineava uma identidade de classe. Ao redigir, como secretário provisório da associação, as bases acima referidas, ele expressava os anseios e objetivos dos colegas gráficos e participava do movimento mais amplo de formação da classe operária brasileira.

O personagem participou das duas primeiras diretorias da entidade. Na primeira, de caráter interino, "(...) trabalhou apenas alguns dias, desempenhando-se galhardamente de tudo o que lhe encarregaram, até entregar a associação à sua substituta legal". Já nessa última, "(...) conseguiu, além de outros trabalhos de somenos importância, sem tocar na mínima parcela do legado que lhe deixou a extinta sua homônima, oferecer aos sócios, dentro do prazo marcado pelos estatutos, o serviço beneficente da sociedade o qual já tem sido utilizado por alguns"[12].

Em 1892, Francisco respondeu a uma série de críticas feitas pelo Sr. B. de Freitas à diretoria da Tipográfica Rio-Grandense, reveladoras dos conflitos existentes no seu interior. Na ocasião, ele afirmou ironicamente:

> Hoje, porém, reconheço com pesar que andou erroneamente a digna comissão, propondo semelhantes bases; se tivesse-as substituído por algum espaventoso programa de sociedade recreativa, não teria de certo adquirido para a útil sociedade a má vontade de muitos Srs. Tipógrafos, inimigos inconscientes de tudo que pode auxiliar eficazmente as artes gráficas.

E continuou:

---

precisam de menor esforço para demonstrar sua condição do que aquele necessário aos trabalhadores sem qualificação". BATALHA, C. H. de M. *Identidade da classe operária...*, op. cit., p.p. 120-1.

[11] Essa análise inspira-se em BATALHA, C. H. de M. *Sociedades de trabalhadores...*, op. cit., 49-50.

[12] *Gazetinha*. Porto Alegre, 28/02/1892. p. 1 (AHPA).

> (...) porque estes senhores (se não são analfabetos) devem ter lido os estatutos da sociedade e portanto, saber que neles está indicado, bem claramente, o remédio para qualquer procedimento menos correto da diretoria - requerer uma assembléia geral extraordinária.
>
> .....
>
> Esse procedimento seria mais bonito do que andarem a amontoar asneiras pelas sessões livres dos jornais diários, asneiras estas que produzem péssimo efeito no espírito público, acarretando o descrédito da sociedade[13].

No mês de março do mesmo ano, tomou posse a nova diretoria da Sociedade, da qual Xavier da Costa, provavelmente, fazia parte[14]. Contudo, em 1895, o *A Federação* publicou a lista dos dirigentes da entidade, que não incluía o seu nome[15].

* * *

Por essa época, Francisco aproximou-se do grupo editor do jornal *Gazetinha*, especialmente de seu proprietário e diretor de redação Octaviano Manoel de Oliveira. De acordo com o mencionado Vivaldo Coaracy - que chegou a Porto Alegre, vindo do Rio de Janeiro, em 1905, e trabalhou para Octaviano no periódico *O Independente* -, o último "(...) não era, nunca foi, jornalista no exato sentido do vocábulo", pois sua instrução, "primária incompleta", pouco excedia o nível do analfabetismo.

---

[13] *Gazetinha*. Porto Alegre, 07/02/1892. p. 1 e 21/02/1892. p. 1 (AHPA), respectivamente. Nesses artigos, Xavier da Costa denunciou o boicote de alguns sócios para desmoralizar a diretoria: "A Sociedade Tipográfica Rio-Grandense podia proceder corretamente em relação ao enterro do inditoso companheiro Julio Soeiro; mas, propositalmente, a fim de evitar que a sua diretoria tivesse tempo para dar as devidas providências, ocultaram até vinte minutos antes do enterro, a mim e ao Sr. Valério da Costa Ferreira, presidente da sociedade, a morte daquele consócio!". Respondeu também à acusação "quanto às irregularidades havidas na cobrança das mensalidades". Referiu ainda os "imperiosos motivos que obstaram os trabalhos" da comissão "nomeada na última sessão de assembléia geral a fim de pedir aos proprietários das oficinas tipográficas, encadernadoras e pautadoras aumento de salário para os seus empregados". E, por fim, explicou o motivo porque a atual diretoria não deu posse à sua sucessora: "O Sr. Presidente espera o parecer da comissão encarregada de examinar as contas do Sr. Tesoureiro, para que a presente diretoria entregando a administração da Tipográfica Rio-Grandense, fique sem a menor responsabilidade".

[14] Fiz essa dedução, tendo por base uma nota publicada, muitos meses depois, no *A Federação*, assinada pelo 1° Secretário Francisco Costa, convocando todos os associados da Tipográfica Rio-Grandense para uma sessão de Assembléia Geral. *A Federação*. Porto Alegre, 03/03/1893 (FBL). Sobre a posse da nova diretoria, ver: *Gazetinha*. Porto Alegre, 28/02/1892. p. 3; 06/03/1892. p. 2 e 13/03/1892. p. 2 (AHPA).

[15] *A Federação*. Porto Alegre, 03/01/1895 (FBL)

Octaviano começou na imprensa como entregador do *A Federação*, nos tempos da propaganda republicana. Naquele período, as rivalidades políticas "facilmente tomavam aspectos de incontida violência": "os entregadores do órgão republicano eram escolhidos, homens fortes e decididos, sempre armados de cacete, capazes de enfrentar com valentia física os capangas dos adversários quando estes procuravam impedir a circulação da folha". O proprietário da *Gazetinha* apoiava-se nesse passado "para alegar a qualidade de 'republicano histórico' de que se gloriava e os serviços de mérito prestados à causa da República. Serviços que, nunca deixava de acrescentar, não haviam sido devidamente reconhecidos"[16]. Essa frustração com os rumos do regime instaurado em 1889 não era peculiar a Octaviano e, como destacarei posteriormente, motivou a adesão de inúmeras pessoas - inclusive a sua - aos ideais socialistas.

Não consegui saber ao certo nem quando nem onde Francisco conheceu Octaviano[17]. Talvez tenham se aproximado na Maçonaria, já que os dois eram "pedreiros livres"[18]. Ou então, em uma reunião política, pois ambos compartilhavam certas idéias e preocupações, como o republicanismo e o combate à exploração dos trabalhadores. Ou ainda, encontraram-se de maneira casual. De qualquer forma, entre eles nasceu uma forte e duradoura amizade.

Foi na *Gazetinha* que o protagonista dessa história começou a sua longa carreira na imprensa. O jornal surgiu em 1891 e circulou, com algumas interrupções, até março de 1900. Inicialmente, definia-se enquanto um "periódico crítico, literário e

---

[16] COARACY, V., op. cit., p.p. 21-2.

[17] A primeira menção que encontrei a uma atividade conjunta de Xavier da Costa e Octaviano diz respeito à participação de ambos na "chapa de honra" da sociedade dramática Filhos de Thalia, nos postos de 1° e 2° secretários, respectivamente. *Gazetinha*. Porto Alegre, 20/12/1891. p. 1 (AHPA).

[18] Sobre a atuação de Octaviano na Maçonaria, consultar: *Petit Journal*. Porto Alegre, 21/12/1905. p. 1; 19/06/1906. p. 2 e 10/07/1906. p. 1 (MCSHJC). Analisarei depois a participação de Francisco nessa Sociedade.

noticioso"; mas, em 1895 e 1896, denominava-se "órgão dos interesses do trabalho"[19]. Nessa segunda fase, Xavier da Costa substituiu Alberto Engel no cargo de ilustrador do jornal[20]. Pode-se conjeturar que ele tenha influenciado Octaviano a mudar o lema do periódico, tornando mais nítido o seu apoio à causa dos trabalhadores. De maio de 1898 em diante, a folha passou a intitular-se "órgão popular".

A *Gazetinha* serviu como porta-voz das idéias e divulgador das iniciativas dos socialistas porto-alegrenses ao longo da década de 1890, chegando a ter uma coluna específica para esse fim, chamada primeiro de "Tribuna Operária" e, depois, de "Avante! Seção do Proletariado". Em suas páginas, emergem algumas das principais questões que mobilizaram os adeptos da social-democracia, entre elas o anticlericalismo, a denúncia dos abusos dos patrões e a defesa dos direitos dos operários. Embora fosse

> simpática ao operariado, ao "bom trabalhador", a *Gazetinha* no entanto não poupava bêbados, vadios, cáftens e criminosos. Não cessava de chamar a atenção das autoridades policiais para a existência e proliferação de focos de desordem dentro da capital do estado, abrindo uma verdadeira cruzada contra a imoralidade e pugnando pelo "saneamento moral"[21].

Conforme ressaltei anteriormente, essa postura moralista era defendida por muitas lideranças do nascente movimento operário brasileiro - como Xavier da Costa - que, em seu processo de construção identitária, buscavam distinguir o "bom trabalhador" dos pobres em geral, seguidamente associados à imoralidade e à violência.

O personagem publicou diversas charges no periódico de Octaviano, as quais, lograram "(...) até certo ponto interessar o público apreciador de calungas e

[19] MAUCH, C., op. cit., p. 55. As informações sobre a *Gazetinha* foram retiradas desse trabalho.
[20] DAMASCENO, A. *Artes plásticas...*, op. cit., p. 346.

respectivas piadas, emprestando à *Gazetinha* o estilo, o timbre que almejava"[22]. As ilustrações do jornal, normalmente, não eram assinadas. Todavia, pela temática escolhida (a crítica da exploração capitalista e a defesa das 8 horas de trabalho), posso inferir que os desenhos abaixo sejam bons exemplos da veia humorística de Francisco:



Charges de autoria provável de Francisco Xavier da Costa.
Fonte: *Gazetinha*. Porto Alegre, 24/11/1895 e 24/11/1895. Apud PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *República: verso & reverso*. Porto Alegre, IEL - Ed. da Universidade/UFRGS, 1989. p.p. 54 e 56.
Reprodução: Bernardo Zortea.

Discípulo de Araújo Guerra, Xavier da Costa conhecia bem o poder de contestação das caricaturas. Essas - sobretudo no meio operário, composto majoritariamente de analfabetos - talvez fossem mais eficientes na divulgação de denúncias e idéias do que os manifestos e os textos doutrinários. Além das charges, Francisco executou para a *Gazetinha* composições alegóricas e retratos, "ganhando

[21] MAUCH, C., op. cit., p. 54.
[22] DAMASCENO, A. *Artes plásticas*..., op. cit., p. 346.

algumas vezes animadores elogios, como, por exemplo, em setembro e outubro de 1896 ao traçar os retratos de David Canabarro e Carlos Gomes - 'estimáveis lavores de muito efeito', consoante a opinião dos entendidos". Esses retratos - "próprios para quadro e em papel especial" - eram vendidos no escritório do jornal, proporcionando uma fonte de renda extra a seu autor[23].

Muitos anos depois, Xavier da Costa evocou os "(...) saudosos tempos em que um pugilo de moços republicanos, a cuja frente encontrava-se Octaviano de Oliveira, unindo o útil ao agradável, militavam na imprensa fazendo a inesquecível *Gazetinha*". De acordo com o ele, o jornal "(...) era a 'menina dos olhos' daquela rapaziada destemida e leal". Através das lembranças do personagem, fica-se sabendo dos encontros realizados à tarde, na casa de Octaviano, que durante algum tempo serviu de escritório ao jornal, dos quais participavam seus redatores e colaboradores. Nessas ocasiões,

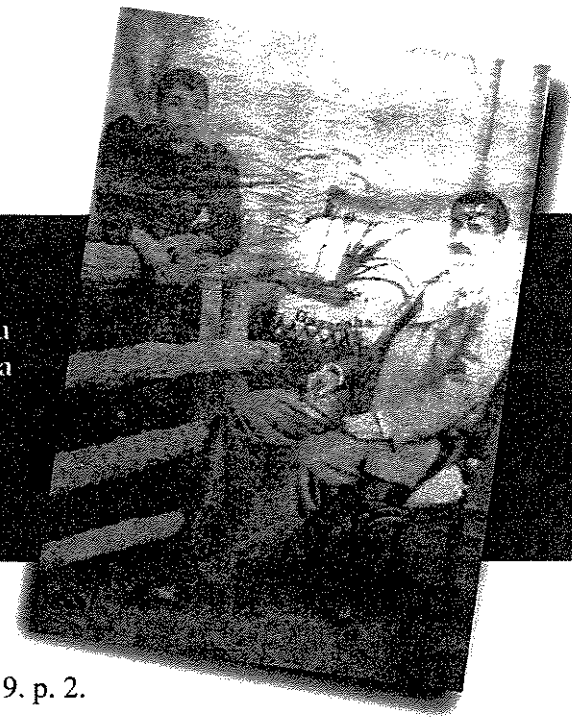
> não raro surgiam entre eles discussões entusiásticas, ardorosas, quer a propósito de triviais casos do dia, quer sobre assuntos de ordem literária ou política, discussões que, estivessem em que ponto estivessem, terminavam sempre quando D. Quindinga (como na intimidade era tratada a esposa do Octaviano), entendia oportuno que findassem.

Essa "bondosa senhora" usava "de um processo expedito e infalível" a fim de acabar com as discussões: "mandava servir o café... E era um gosto ver, como por encanto, aquela espécie de congresso em miniatura esquecia-se logo do assunto em debate, para dedicar-se ao gozo de saborear o café e os biscoitos a que se habituara, todas às noites, em casa do Octaviano". E conclui: "D. Quindinga era o poder moderador do pessoal da *Gazetinha*"[24].

---

[23] Idem ibidem e *Gazetinha*. Porto Alegre, 24/10/1897. p. 4 (IHG - RS).
[24] *O Inflexível*. Porto Alegre, 24/10/1919. p. 2 (APAXC).

"(...) é para homenageá-la principalmente que nós, que fomos do número dos redatores da valente folha local, reproduzimos esta fotografia em que entre a distinta e prezada senhora e seu digno esposo vê-se, a despertar saudades de felizes tempos, um número da *Gazetinha*"



Fotografia de Octaviano de Oliveira
com Dona Quindinga.
Fonte: *O Inflexível*. Porto Alegre, 24/10/1919. p. 2.
Reprodução: Roberto Cataldo.

Mesmo descontando-se a idealização própria da memória, as recordações de Xavier da Costa oferecem uma visão mais informal dos encontros realizados pelos primeiros socialistas da Capital gaúcha, ao menos em comparação com as atas e com outros documentos oficiais. Nas suas palavras, pode-se perceber a indistinção dos laços de amizade e das afinidades políticas existentes entre aquela "rapaziada destemida e leal", indicando que as identidades políticas não se formam apenas a partir de posicionamentos ideológicos comuns mas também, e muitas vezes preponderantemente, dos afetos pessoais[25].

[25] Como salienta Irlys Alencar Barreira, "a percepção dos afetos como elemento orgânico e não residual da vida social moderna demanda a busca de critérios analíticos capazes de superar a constatação de que eles são reminiscências de um passado ainda não submetido à nova ordem, ou simplesmente, parte das representações do social não factível de análise por remeter à esfera do imponderável. **Para o pesquisador surge o desafio de tomar os afetos como parte do próprio objeto de investigação**". *Memórias, sentimentos e espaço público - circuitos e apropriações de um evento*. Trabalho apresentado no XXIV Encontro Anual da ANPOCS. Petrópolis, outubro de 2000. Grifo meu. Sobre a questão, consultar também o dossiê "L'amitié dans la République" dos *Jean Jaurès Cahiers Trimestriels*. Le Vésinet, nº 143, janeiro-março 1997. Especificamente em relação à história do movimento operário gaúcho, abordaram o tema dos afetos, entre outros: BILHÃO, Isabel. *Rivalidades e solidariedades no movimento operário (Porto Alegre, 1906-1911)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999 e SCHMIDT, Benito Bisso. Sentimentos e história do movimento operário: quando os afetos encontram a política (Rio Grande do Sul, I República). In: *Histórias de Trabalho*. Porto Alegre, Unidade Editorial, 1999.

Ressalto, igualmente, o fato do grupo da *Gazetinha* tratar, nas suas reuniões, de "assuntos de ordem literária ou política". Conforme mostrarei depois, nessa época, havia uma grande proximidade - e, em alguns momentos, superposição - dos mundos da literatura e da política, sendo que diversos indivíduos - como Xavier da Costa e Cavaco - transitavam por eles, cruzando preocupações estéticas e ideológicas.

Na casa de Octaviano, o jovem Francisco conheceu idéias e pessoas, estabeleceu alianças e adquiriu experiência para se tornar um dos líderes mais destacados do movimento operário gaúcho ao longo da Primeira República.

* * *

No mesmo período, o personagem participou de outras reuniões, realizadas em um sobradinho da Rua Ramiro Barcelos, próximo à Rua Cristovão Colombo, onde morava um velho alemão de nome Frank. Ali foi fundada, em 17 de novembro de 1895, a Liga Operária Internacional, tendo Xavier da Costa, como Presidente; o professor normalista Pedro Tácito Pires, como Vice; os também gráficos Lucídio Marinho Prestes e José Rey Gil, como secretários; Augusto Schimmelpfenning, possivelmente marceneiro, e Pedro Mayer, provavelmente metalúrgico, como tesoureiros, e os sapateiros Ferrugêncio e Soledade, como diretores. Esses nomes ocuparam um papel de proa no movimento operário do estado até, pelo menos, a década de 1920, embora, com o passar do tempo, tenham seguido rumos diferenciados: alguns (como Prestes, Gil, Schimmelpfenning e Mayer) tornaram-se

anarquistas[26], outros (como Pires e o próprio Xavier da Costa) continuaram defendendo ideais socialistas[27].

Contudo, no final do século XIX, a bandeira do socialismo ainda era suficientemente ampla para congregar aqueles que reivindicavam reformas em benefício do operariado[28]. Apesar disso, ocorreram conflitos entre os membros da

---

[26] Estou usando o termo "anarquista" para definir a corrente do movimento operário que se caracteriza por sua oposição à participação dos trabalhadores no jogo político-eleitoral, divergindo, nesse sentido, dos socialistas, os quais defendem a criação do partido operário. Entretanto, como bem salienta Bilhão, essa distinção nem sempre é nítida pois, muitas vezes, verificam-se convergências nas idéias e nas práticas dos militantes de ambas as tendências. BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit. Além disso, de acordo com Silva Jr., os defensores da postura ácrata preferiam não se autodenominarem como "anarquistas", devido ao sentido pejorativo emprestado ao termo pelos socialistas e pela imprensa comercial, procurando outros adjetivos para a sua filiação ideológica, principalmente o de sindicalistas. SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. Anarco-sindicalismo no Brasil: notas sobre a produção de um mito histórico-historiográfico. In: D'ANGELO, Ana Lúcia Velhinho (org.). *Histórias de trabalho*. Porto Alegre, Unidade Editorial, 1995. p.p. 151-9. Porém, ainda segundo o mesmo autor, deve-se levar em conta que o sindicalismo não é meramente uma corrente do anarquismo, mas uma proposta de organização dos trabalhadores apoiada por indivíduos com diversas concepções sociais e políticas, entre eles os anarquistas. SILVA Jr., A. L. da. Anarquismo e movimentos sociais: uma tipologia de suas relações. *Cadernos de estudos*. Porto Alegre, CPGH/UFRGS, n° 8, dezembro 1993. p. 22. Sobre o tema, consultar também: TOLEDO, Edilene Teresinha. *O sindicalismo revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de idéias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo*. Campinas, PPG em História da UNICAMP, 2002 (tese de doutorado).

[27] Informações retiradas da coluna "Revivendo o passado" do memorialista Archymedes Fortini. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 11/05/1952. p. 5 (NPH). A data da fundação da Liga aparece na *Gazetinha*. Porto Alegre, 28/10/1897. p. 2 (AHPA). Sobre a profissão e a orientação ideológica de Gil e Prestes, ver: MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Unidade Editorial, 1995. p.p. 89-90 e 135-6. A profissão de Antônio Francisco Ferrugêncio e de Nicolau Tolentino da Soledade foi localizada no *Livro de registro de matrícula de todos os sócios da Sociedade de Beneficência Porto-Alegrense, 1856-1884* (AHRS) (agradeço a Adhemar Lourenço da Silva Jr. por essa última informação). Augusto Schimmelpfening aparece em 1906 como membro da diretoria econômica do Sindicato de Marceneiros e é citado como anarquista em 1907. *A Democracia*. Porto Alegre, 09/12/1906. p 4 e 24/03/1907. p. 4 (MCSHJC). O nome de Pedro Mayer (ou Meyer como é referido algumas vezes) consta da direção da União dos Metalúrgicos e Anexos em 1906, no cargo de secretário. A respeito da passagem desse último ao anarquismo, consultar MARÇAL, João Batista. *Primeiras lutas operárias no RGS: origens do sindicalismo rio-grandense*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1985. p.p. 62-3. Saliento que a participação de Schimmelpfening e Mayer em associações de marceneiros e metalúrgicos não significa, necessariamente, que eles exercessem essas profissões.

Em um relato posterior a respeito da fundação da Liga Operária Internacional, contestou-se a presença de Xavier da Costa. O anarquista Henrique Martins, inimigo político do líder socialista, afirmou em 1911: "É mentira que Costa fosse um dos fundadores da Liga Operária Internacional. Foram fundadores da Liga os operários José Ferla e José Latoada, de acordo com o pessoal da Arbeiter Verein. O Costa só compareceu tempos depois, conforme consta em ata. Quando passado algum tempo foi reorganizada a mesma Liga, não teve o Costa parte. Foi ela organizada por Felippe Damian, Pedro Mayer, Henrique Kuegler, João Tolentino, José Rey Gil, Guilherme Koch, José Weternick, Felix Frank, Antônio Ferrugêncio e outros". *O Diário*. Porto Alegre, 29/10/1911. p. 9 (MCSHJC). Não tive como verificar a veracidade dessas informações.

[28] De acordo com o *Novo dicionário da Língua Portuguesa*, editado em Lisboa em 1899 e vendido pela Livraria do Globo em Porto Alegre (segundo o carimbo colocado na primeira página do livro), "socialismo" significa "cada um dos vários sistemas, que tem por base a reforma social", ou seja, uma definição suficientemente ampla para abrigar todos aqueles que tinham "preocupações sociais".

Liga, incluindo Francisco. Conforme relatou muitos anos depois o jornal *O Syndicalista*: "(...) já em 1896 fora lançada no seio da Internacional a idéia da fundação de uma Federação Operária, que foi defendida pelo operário Antônio Ferrugêncio e cuja idéia foi combatida pelo político tartufo [Xavier da Costa] de quem já falamos acima, mas que mais tarde foi levada a efeito"[29]. A própria *Gazetinha* enfatizava, em 1896, a desunião dos operários de Porto Alegre, afirmando que a discórdia nascia das pequenas coisas[30].

Apesar das divergências, a entidade desenvolveu-se e, de acordo com Archymedes Fortini, "(...) por ser pequeno o prédio, mudou-se ela para a Rua da Concórdia, hoje José do Patrocínio, em um salão junto ao Armazém Felizberto, situado na esquina da Travessa do Carmo". Na nova sede, construiu-se "(...) um palco onde eram representadas peças de caráter operário e realizadas conferências, uma ou duas vezes por mês"[31]. Assim, possivelmente, foi na Liga que Xavier da Costa iniciou, de fato, sua trajetória de líder operário, passando a exercer influência sobre outras categorias profissionais. Talvez isso só tenha se tornado possível pelo fato do personagem conhecer o idioma alemão, pois a sociedade congregava muitos trabalhadores teutos e teuto-brasileiros[32].

Esse pluralismo lingüístico, por vezes, entravou a organização dos operários da cidade. Segundo a *Gazetinha*, a referida sociedade "tornou-se quase uma babel", pela dificuldade de nela conviverem os diversos idiomas. De acordo com o articulista,

---

FIGUEIREDO, Candido de. *Nôvo diccionário da Língua Portuguêsa*. Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899. V. 2, p. 546 (IHG - RS). Agradeço a Adhemar Lourenço da Silva Jr. pelos comentários sobre esse ponto.

[29] *O Syndicalista*. Porto Alegre, 11/1924. p. 1 (NPH).

[30] *Gazetinha*. Porto Alegre, 27/09/1896. p. 1 (AHPA).

[31] FORTINI, A., op. cit.

[32] Segundo Marçal, a Liga foi "(...) fruto do trabalho de Francisco Xavier da Costa e dos alemães reunidos em torno do jornal *Gazetinha*. (...) A palavra Internacional dá uma pista das suas ligações com a social-democracia, com um internacionalismo proletário assim muito tímido, mas que era a realidade da social-democracia". MARÇAL, J. B. *Tudo começou...*, op. cit., p. 27.

"preferível seria que os operários se reunissem em clubes conforme o idioma que falam, isto é, os brasileiros e os portugueses em um clube brasileiro, e os alemães e austríacos em outro alemão e assim os italianos etc"[33]. Frente a tal "babel", Xavier da Costa começou a desempenhar um papel recorrente em sua trajetória: o de "indivíduo-ponte", a transpor divisões entre os trabalhadores urbanos[34]

O manifesto político da Liga Operária Internacional foi lançado em 1° de maio de 1896, e seus estatutos aprovados em 11 de outubro do mesmo ano[35]. Destaco alguns artigos do documento que me parecem significativos para se compreender as propostas de Xavier da Costa e seus companheiros a respeito do movimento operário.

O objetivo principal da associação era "promover a união dos trabalhadores, não só na Capital como fora dela" (artigo 1°, parágrafo 1°). Os seus membros buscaram, efetivamente, por em prática essa meta. Assim, em 1897, noticiou-se a formação da Liga Operária Internacional de São Leopoldo, na região de colonização alemã, "(...) fundada a instâncias dos denodados socialistas de Porto Alegre que a moldaram pela Internacional dali e à qual está ligada". Na ocasião, Xavier da Costa representou a sociedade porto-alegrense[36]. Outras entidades inspiradas pela Liga foram criadas no mesmo ano[37]. Em 1898, realizou-se o 1° Congresso Operário do Rio

---

[33] *Gazetinha*. Porto Alegre, 11/05/1896. p. 1 (AHPA).

[34] Nesse ponto, sigo a interpretação de Joan Bak. Referindo-se a Xavier da Costa, ela afirma: "(...) he positioned himself to bridge divisions among urban workers - divisions of nationality, ethnicity and color". BAK, Joan. *Race, respectability and reformist workers in Porto Alegre, 1908-1913*. Trabalho apresentado no V Congresso Internacional da BRASA. Recife, junho de 2000. p. 17. Ver também: BAK, Joan. Class, ethnicity and gender in Brazil: the negotiation of workers' identities in Porto Alegre's 1906 strike. *Latin American Research Review*. Albuquerque, LARR, v. 35, n° 3., p.p. 104 e 111. Convém salientar, entretanto, que, conforme ficará claro na continuidade do trabalho, Xavier da Costa contribuiu, igualmente, para criar muitas divisões no seio do movimento operário local.

[35] *Estatutos da Liga Operária Internacional*. Aprovados em sessão de Assembléia Geral realizada em 11 de outubro de 1896. Porto Alegre, Tipografia da *Gazetinha*, 1896. Transcritos em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E. *Antologia...*, op. cit., p.p. 62-7. Salvo menção ao contrário, as citações feitas nessa parte da tese foram retiradas desse documento.

[36] *Echo Operário*. Rio Grande, 26/09/1897. p. 4 (NPH) e *Gazetinha*. Porto Alegre, 09/09/1897. p. 2 (AHPA).

[37] Em Cachoeira e Margem do Taguari organizaram-se duas sociedades com o mesmo nome: Club 1° de Maio; em Alegrete foi criada a Mútua Proteção, uma "mutuária socialista"; em Cruz Alta, a União

Grande do Sul, reunindo representantes de associações de diversos pontos do estado, com o fim de discutir diretrizes comuns de organização e ação.

Mesmo sendo a Liga uma sociedade de resistência, a idéia de auxílio mútuo permanecia muito viva no seu seio[38]. Nesse sentido, pretendia-se "proteger em todas as circunstâncias os seus associados" (artigo 1°, parágrafo 2°) e, para tanto, estabeleceu-se uma Caixa de Socorros, visando auxiliá-los nos seguintes casos: "a) de enfermidade; b) de forçada desocupação, exceto nos casos de greve em que só poderão ser auxiliados por autorização da assembléia geral; c) de transportar-se, devido à causa de força maior, desta para outra localidade, prestando-lhes para esse fim auxílio"[39].

Embora pretendesse agregar todo o operariado gaúcho - "farão parte da Liga, todos os trabalhadores ou trabalhadoras, sem exceção" (artigo 2°) -, denotando um sentido identitário mais abrangente - ainda que o termo "classe" continuasse a designar os segmentos profissionais -, a organização da Liga também levava em conta as identidades de ofício, étnicas e nacionais existentes entre os trabalhadores sul-rio-grandenses. Assim, o artigo 3° dos *Estatutos* previa:

> A Liga observará a seguinte forma constitucional:
> 1°. Constituirá uma confederação de trabalhadores de todos os ofícios e classes.
> 2°. Cada classe ou ofício poder-se-á organizar em separado, quando o julgar conveniente, elegendo um delegado à diretoria central.
> 3°. O mesmo poderão fazer os estrangeiros associados.

Operária e, em Pelotas, a União Operária Internacional. Ver: PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a União Operária seja nossa Pátria!" História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre/Santa Maria, Editora da Universidade/UFRGS - editoraufsm, 2001. p. 110.

[38] Alguns trabalhos recentes vêm mostrando que o socorro mútuo não é um fenômeno da "pré-história" do movimento operário, mas um vetor que perpassa o processo de organização da classe. Ver, para o caso do Rio Grande do Sul: FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. *Cadernos AEL: sociedades operárias e mutualismo*, op. cit.; SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. Etnia e classe no mutualismo do RS (1854-1889). *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. 25, n° 2, 1999 e ___. Condicionantes locais no estudo do socorro mútuo (Rio Grande do Sul: 1854-1889). *Locus*. Juiz de Fora, UFJF, v. 5, n° 2, 1999.

[39] *Regulamento da Caixa de Socorros*, aprovado em Assembléia Geral a 9 de maio de 1897.

Nesse processo inicial de formação da identidade operária, foram estabelecidas as fronteiras do grupo em questão, com a designação de suas alteridades, ou seja, os "eles-outros" diferentes - e, por vezes, opostos - ao "nós-operários". Assim, no artigo 24° lê-se que "a Liga Operária não poderá aceitar coligação com os partidos burgueses"; no 26°, que "só serão elegíveis os trabalhadores assalariados" e, no 29°, encontra-se a seguinte afirmação: "não serão admitidos sócios da Liga empregados públicos, militares ou padres".

Portanto, esses militantes, inspirados pelas teorias socialistas européias, consideravam necessária a organização autônoma do operariado (a frase de Karl Marx, "A emancipação do proletariado deve ser obra dele mesmo", aparece freqüentemente na imprensa operária local). A busca da independência política assentava-se, igualmente, na frustração com experiências anteriores de apoio dos trabalhadores gaúchos aos partidos burgueses. Por isso, segundo Xavier da Costa, a Liga deveria se constituir "livre dos efeitos da politicagem"[40].

Finalmente, os *Estatutos* evidenciam a preocupação dos sócios da entidade com a educação dos filhos dos operários e com a propaganda das idéias socialistas. Neles, a Liga comprometia-se a "concorrer para a educação dos filhos dos trabalhadores, por meio de aulas noturnas (...)" (artigo 1°, parágrafo 3°). tal objetivo motivou a instalação de uma Caixa, em 19 de setembro de 1897, que tinha a seu cargo:

> 1°. Concorrer com as despesas necessárias a fim de que os membros das comissões de representação da Liga, para fora da sede da mesma, não sejam prejudicados durante o seu desempenho.
> 2°. Concorrer com as despesas necessárias para o estabelecimento e custeio das aulas que a Liga criar.

[40] *Gazetinha*. Porto Alegre, 22/11/1896. p. 2 (AHPA). Sobre as experiências anteriores de apoio dos operários gaúchos aos partidos burgueses, ver: SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. A bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188?-1925). *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXII, n° 2, dezembro de 1996. p. 5.

Xavier da Costa e os demais fundadores da Liga pretendiam, pois, dar uma forma institucional à nascente identidade do operariado gaúcho, levando em conta as diferenças internas do grupo, estabelecendo suas fronteiras, identificando os "outros" que não faziam parte da classe e difundindo, junto aos trabalhadores, o sentimento de a ela pertencerem[41].

Apesar de ter sido a mais importante associação operária de Porto Alegre na época, a influência da Liga precisa ser relativizada. Em setembro de 1896, a *Gazetinha* afirmou: "a Liga Operária na sua totalidade terá de 100 a 200 sócios, existindo porém nas oficinas e fábricas muito mais de 5.000 operários"[42]. Isso mostra que, apesar dos constantes chamamentos dos líderes pela união dos trabalhadores, e de suas tentativas de forjar uma identidade de classe, nem sempre esses apelos sensibilizavam as bases. Tal fato ajuda a explicar "a visão profundamente negativa do conjunto do proletariado, presente nas análises de sua liderança", sobretudo em comparação com um idealizado paradigma europeu de combatividade[43].

* * *

[41] Como salienta Ângela de Castro Gomes: "O problema da organização é, portanto, outra face do processo de criação de uma identidade coletiva. As práticas associativas são a forma de implementar um comportamento operário que abarca o trabalhador dentro e fora de seu local de trabalho e que opera o sentimento de pertencimento que deve marcar este ator coletivo". GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo/Rio de Janeiro, Vértice/IUPERJ, 1988. p. 17. Batalha, no mesmo sentido, afirma: "a associação operária é a materialização da experiência comum no decorrer da qual se constrói a identidade coletiva; mas é, ela própria, um fator de reprodução dessa identidade. Isso não significa que o surgimento de uma identidade de classe e da consciência em determinada categoria ou grupo de trabalhadores só possam ser constatadas a partir de sua organização: elas já se fazem presentes em toda e qualquer manifestação de ação coletiva. Ocorre, porém, que no ato de criação da organização se evidencia a vontade de estabelecer uma identidade coletiva". BATALHA, C. H. de M. Identidade da classe operária..., op. cit., p. 123.

[42] *Gazetinha*. Porto Alegre, 27/09/1896. p. 1 (AHPA).

[43] BATALHA, C. H. de M. Identidade da classe operária..., op. cit., p. 115.

Segundo Manoel Alves, "um velho batalhador da classe", a Liga, a fim de levantar a moral do operariado, promovia comícios visando, principalmente, a implantação do regime de oito horas de trabalho diário. Nessas manifestações, "efetuadas em vários pontos da cidade, havia oradores com palavras inflamadas (...) como (...) Pedro Tácito Pires, (...) Francisco Xavier da Costa e (...) Lucídio Marinho Prestes"[44]. Talvez tenha sido em um desses comícios que o nosso jovem agitador cruzou olhares, pela primeira vez, com aquela que viria a ser a sua companheira ao longo de toda a vida: Leopoldina Schacherslehner.

Austríaca, nascida por volta de 1876, Leopoldina, acompanhada dos pais, chegou ao Brasil com 18 anos de idade, integrando a "turma de imigrantes" que se dirigiu à Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul. Lá, ficou morando em uma colônia e, posteriormente, a sociedade de imigração transferiu sua família para Porto Alegre, onde empregou-se em uma fábrica localizada no Bairro Navegantes[45]. Anita, a filha mais moça de Leopoldina e Francisco, contou-me as histórias que ouviu a respeito desse primeiro encontro:

> Meu pai trabalhava muito por causa da situação dos operários de cada fábrica, né? Então passava todos os dias nesses ambientes que reuniam muitos deles. E tinha uma fábrica de costureiras (sic), de moças. Lá, então, ele, ao entrar, os olhos se encontraram: aquela alemãzinha (sic) e ele que é trigueiro, é moreno, né? E se encontraram. Bem... passado uns dias, ele já falava pros amigos: "gostei muito de uma

[44] Apud FORTINI, A., op. cit.

[45] As informações a respeito de D. Leopoldina foram fornecidas por sua filha, Anita Xavier da Costa. Entrevista ao autor, op. cit. Deduzi a data aproximada de seu nascimento, a partir da idade que consta em seu registro de casamento, de 05/02/1898: 22 anos. *Livro de Assuntos de Casamento...*, op. cit.. Segundo Regina Weber, "criada num momento em que a colonização dirigida do governo preocupava-se em evitar enquistamentos étnicos, a Colônia de Ijuhy recebeu imigrantes de várias nacionalidades. As primeiras famílias de imigrantes, que chegaram em 1890, provinham de áreas da Europa cuja posse alternava entre Polônia, Alemanha e Rússia, ou então descendiam de famílias que haviam emigrado já na Europa de um país para outro (...). Nos anos seguintes, de 1891 a 1893, outros grupos estabeleceram-se em Ijuí: italianos, letos, austríacos e também alguns alemães e suecos". Conforme o *Correio Serrano* (09/12/1934, p. 1), consultado pela autora, "os austríacos que foram instalados na Linha 6 eram antigos trabalhadores de fábricas de espingardas em Steyer, na Alta-Áustria". WEBER, Regina. *Os operários e a colmeia. Trabalho e etnicidade no sul do Brasil*. Ijuí, Editora Unijuí, 2002. p. 171.

> funcionária da...", eu não me recordo como era o nome da casa, "gostei muito lá de uma alemãzinha, de onde que ela veio?".

É interessante observar que, através da militância socialista, Xavier da Costa delineou não apenas a sua trajetória política, mas também muitos de seus itinerários afetivos. Assim, conforme a narrativa transcrita acima, a luta em prol do operariado possibilitou ao moço "trigueiro" conhecer a jovem "alemãzinha".

Vale à pena continuar acompanhando as lembranças de D. Anita. Hesitante, ela recomeçou: "(...) teve então uma passeata dos grevistas... não, não foi grevistas não... foi uma passeata dos... por um motivo que eu não posso recordar... se aderiam ou não aderiam à greve, uma coisa assim, sabe?". E prosseguiu, com mais certeza:

> Eu sei então que meu pai foi lá, ele estava passando em todos os grupos... eu acredito até que já tinha sido organizada alguma coisa pela cabeça do meu pai... Então por esses grupos assim, ele organizou uma passeata. E qual não foi a surpresa dele quando ele viu na frente do grupo de moças a Leopoldina, o amor dele né? Então ela trazia uma faixa com outra colega onde dizia um lema que... isso eu não posso dizer porque eu não sei, né? Então meu pai, já marcou. Em seguida foi saber onde era a sociedade que as moças se reuniam... algum baile, alguma coisa... de diversões. Então havia jogos de dama, "devagar se vai ao longe", então esses joguinhos de sociedade, um clube das moças. E lá então meu pai entrou no clube e foi distribuir os cartões do "devagar se vai ao longe" (...) Aí que ela olhou, e ficou muito ruborizada, não sabia o que fazia... Ela não sabia quase falar o português. Na fábrica em que ela estava o proprietário era alemão. Ele então se entendia com as moças da colônia. Aí meu pai disse: "Deixa eu te ensinar" [as regras do jogo], e começou a ensinar em alemão. E ela ficou muito admirada que ele estava falando a língua dela. Então ela devia falar também a língua dele. "Nós estamos no Brasil", ele disse, já chamando a atenção dela (...). E em poucos meses, eles já estavam noivos (...).

O idioma que Francisco aprendeu desde menino na oficina do "velho Wiedemann" lhe facilitou, portanto, não apenas o desenvolvimento profissional e o a militância socialista mas, igualmente, os primeiros contatos com a sua futura esposa. A fluência no alemão lhe permitiu, ainda, vencer as resistências dos pais da moça à continuidade do namoro.

Durante a entrevista com D. Anita, fiquei pensando qual havia sido a atitude dos Schacherslehner diante do relacionamento da filha com um rapaz mulato, em uma sociedade tão marcada por clivagens e preconceitos étnicos. A depoente, embora sem abordar diretamente o assunto, deixou entrever a existência de desconfianças da parte de Eduardo, pai de Leopoldina, relativas à atuação política de Francisco: "e meu avô, pai de minha mãe, já estava meio desconfiado. E achava que não devia, porque afinal de contas é um cidadão que está mandando todas (sic) aqui... 'Isso vai ficar mal (...) A nossa menina já está assim de namoro com ele'". Suzana, a mãe da jovem, teria respondido ao esposo: "(...) 'mas ele parece um rapaz muito bom, muito ajuizado e compreensivo e tudo. Ele fala o alemão! [exclamando]', ela disse para o meu avô. 'Mas escuta, ele fala a nossa língua'. Então o velhinho já se ajeitou nisso"[46].

* * *

No dia 1° de maio de 1897, um préstito de mais de 1.000 operários desfilou pelas ruas de Porto Alegre, puxado por bandas de música e jovens portando alegorias. Segundo a *Gazetinha*, a participação estrangeira, especialmente de alemães, foi significativa na festa do trabalho, que incluiu também um piquenique de confraternização[47]. Nessa mesma ocasião, Xavier da Costa e seus companheiros fizeram publicar na imprensa o *Manifesto* e o *Programa* do Partido Socialista do Rio

[46] Citações extraídas da entrevista de D. Anita Xavier da Costa ao autor, op. cit. Os nomes dos pais de Leopoldina (possivelmente abrasileirados) constam do registro de casamento dessa última. *Livro de Assuntos de Casamento...*, op. cit. De acordo com Rambo, "para o teuto-brasileiro o elemento raça, sangue e etnia, ocupava um lugar bastante secundário na sua autodefinição como alemães. Para os teuto-brasileiros, mais do que qualquer outro identificador, cabia à língua desempenhar essa função". RAMBO, Arthur Blasio. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura - etnicidade - história*. Canoas, Editora da ULBRA, 1994. p. 45.

[47] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/05/1897. p. 3 e 03/05/1897. p. 3 (NPH).

Grande do Sul[48]. O primeiro documento exprime, entre outros aspectos, a frustração dos signatários com os rumos do regime republicano; concita o "povo" a promover "uma grande reforma", baseada na modificação do "sistema governamental"; cita os socialistas Benoît Malon e Magalhães Lima; menciona, várias vezes, os ideais da Revolução Francesa ("liberdade, igualdade e fraternidade"); condena o capitalismo e o militarismo e busca reforçar a idéia de uma identidade de classe centrada no trabalho, em contraposição à burguesia, "minoria improdutiva".

Em relação ao *Programa*, destaco, inicialmente, as medidas que visavam a ampliação das liberdades civis e a reforma do sistema político:

> I - Ampla liberdade de imprensa, de reunião, de associação em qualquer época.
>
> II - Concentração na assembléia dos representantes, unicamente, do direito de legislar; estabelecimento do referendum para a decretação das leis.
>
> III - Ampliação do sistema eleitoral; reconhecimento do direito de voto e elegibilidade à mulher; severas medidas contra a fraudação da vontade popular nas eleições.

Tais demandas objetivavam o que se pode chamar hoje de ampliação da cidadania - expectativa não realizada com a proclamação da República - e ganham sentido no contexto da República Velha gaúcha. Afinal, nesse período, os governantes do estado, inspirados no positivismo comteano, defendiam a implantação da ditadura dos mais capazes e concebiam o sistema representativo e a "verdade eleitoral" como

---

[48] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/05/1897. p. 1 (NPH). A íntegra do manifesto e do programa aparece transcrita em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 89-95. Vale a pena citar a lista completa dos signatários, na qual assinalei alguns nomes já referidos anteriormente, a fim de mostrar que, em geral, as iniciativas visando a organização dos trabalhadores porto-alegrenses eram frutos da ação de um mesmo grupo de militantes. Observe-se também a existência de vários indivíduos com sobrenomes que denotam uma origem alemã: Giuseppe Vitold, **Pedro Mayer**, Carlos Bach, **José Rey Gil**, João Antonio Amorim, Cândido Marciano da Silva, **Henrique Kuegler**, Virgolino Amélio Gonzaga da Silva, Jacinto Francisco de Alencastro, **João Tolentino de Souza**, **Augusto Schimmelpfenning**, **Lucídio Marinho Prestes**, **Felipe Damian**, **Antônio Francisco Ferrugêncio**, Henrique Brueck Filho, Carlos Stieh Filho, Antonio Publio dos Santos, Idelfonso Lima, **Guilherme Koch**, **Felix Franke**, João Sundmann, **José Wetternik**, José Paldasf, José Zeller Rethaller, Lourenço Illewbania, Ricardo Voigt, Ernesto Klettner, José Ferla, Joergen Hinrich Vollert, Rodolpho d'Albuquerque Dourado, **Pedro Tácito Pires**, Wenceslao Garcia, **Octaviano de Oliveira** e **Francisco Xavier da Costa**.

noções metafísicas ultrapassadas[49]. Se uma das principais metas dos socialistas era a modificação do sistema político, tornava-se necessário, pois, lutar pela democracia, criando condições para que o recém criado Partido participasse efetivamente do jogo eleitoral.

O ponto VI do Programa expressa, novamente, a importância conferida por esses militantes à educação dos filhos dos trabalhadores - "Instrução geral e profissional gratuita, bem como todos os utensílios necessários ao estudo, e além disso vestuário e alimentação, a expensas do Estado, para os filhos das classes pobres"- e o VII, a sua postura anti-militarista - "Redução dos exércitos permanentes do Estado e da União".

Finalmente, destaco um conjunto de propostas referentes à diminuição das desigualdades entre as classes sociais. Isso se daria, de um lado, por meio da abolição dos privilégios e pela taxação e fiscalização dos negócios da burguesia:

> VIII - Abolição de privilégios e monopólios a particulares; e na concorrência pública para as obras do Estado, dada a igualdade de vantagens entre as propostas, preferência à que houver sido feita por qualquer associação de trabalhadores.
>
> IX - Imposto gradual e progressivo sobre heranças e fortunas; estabelecimento de um limite em favor do Estado, que o aplicará unicamente no sustento e vestuário dos inválidos e indigentes.
>
> .....
>
> XVI - Supressão do anonimato nas sociedades ou companhias financeiras; severa regulamentação do jogo na bolsa.

De outro, pela implementação de medidas que tratavam da melhoria das condições de vida e trabalho do proletariado:

---

[49] Ver: FÉLIX, L. O., op. cit. Obviamente que o desprezo pela verdade eleitoral, expresso em variadas formas de fraude, foi comum a todo o Brasil durante a República Velha, embora mascarado por um verniz liberal. No Rio Grande do Sul, contudo, o governo inspirava-se na doutrina positivista de Auguste Comte, de caráter anti-liberal. Assim, não havia contradição entre a ideologia defendida pelos governantes e suas práticas políticas. O próprio Júlio de Castilhos, primeiro presidente do estado, afirmou quanto ao tema: "o voto não é nem pode ser o verdadeiro instrumento capaz de determinar precisamente o profundo trabalho da formação de opiniões, operado fora da preocupação eleitoral, que se desliza nas correntes superficiais" Apud idem ibidem, p. 86.

> X - Redução oficial do dia de trabalho a 8 horas; proibição do trabalho em oficinas aos menores de 14 anos; e para os de 14 a 18 anos de idade redução do labor a 5 horas; supressão do trabalho noturno em todos os ramos em que isto seja possível.
>
> XI - Estabelecimento, por meio de eleição, de tribunais de arbitragem compostos de proprietários e trabalhadores, a fim de resolver conflitos ou desacordos entre patrões e seus operários.
>
> XII - Fiscalização de todas as oficinas por inspetores retribuídos pelo Estado, eleitos, a metade pelo menos, dentre o operariado e encarregados de examinar as condições higiênicas, a segurança das máquinas daquelas etc...
>
> XIII - Construção de prédios, à custa do estado, sob todas as regras de higiene, para moradia de proletários, mediante aluguel eqüitativo.
>
> XIV - Assistência médica e gratuita, por meio de postos sanitários onde continuamente, quer à noite, quer de dia, se encontrem médicos e medicamentos à disposição das classes pobres, sendo tais postos estabelecidos à razão de um para 500 habitantes.
>
> XV - Abolição do pagamento dos registros de nascimentos e óbitos.
>
> .....
>
> XVIII - Estabelecimento de colônias agrícolas e industriais em terreno pertencente ao Estado, onde o resultado do trabalho, pagos os necessários dispêndios, seja dividido unicamente entre os trabalhadores das mesmas, a juízo destes.

Convém lembrar que a radicalidade desse *Programa* só pode ser corretamente avaliada quanto se examina o momento de sua elaboração, caracterizado, como já foi visto acima, pela exclusão das classes populares dos mecanismos de decisão política e pela inexistência de formas legais de assistência social e proteção ao trabalhador.

Poucos dias depois da festa do trabalho, reuniram-se os membros do Partido Socialista para elegerem a sua primeira diretoria semestral. No encontro, discutiu-se qual deveria ser o número de membros do diretório. Francisco propôs, então, "(...) que se compusesse o mesmo de um triunvirato diretor e dois auxiliares, um como secretário e outro como tesoureiro, estabelecendo-se porém que a responsabilidade de cada um fosse igual perante o partido". A proposta gerou muitos debates, pois alguns militantes preferiam uma diretoria menor, composta apenas pelo diretor, pelo secretário e pelo tesoureiro. Xavier da Costa defendeu seu ponto de vista, citando (...)

exemplos de organizações socialistas européias e provando a necessidade e mesmo coerência de princípios de não reduzir-se o diretório do partido a duas únicas pessoas". Submetida a votos, a proposição foi aprovada, elegendo-se a seguinte diretoria: Xavier da Costa, Guilherme Koch e José Ferla, como membros do triunvirato; Wenceslau Garcia, como secretário, e Octaviano Manoel de Oliveira, como tesoureiro. Terminado os trabalhos, "(...) alguns companheiros cantaram hinos socialistas em português, alemão e italiano, e após o companheiro Koch convidou os correligionários para tomarem alguns copos de cerveja". Na confraternização, foram

> (...) erguidos vários brindes ao Partido Socialista, à União Operária do Rio Grande do Sul, ao proletariado independente, à união das raças, à mulher do futuro representada nas senhoras presentes à inolvidável festa que se efetuava, à Liga Internacional, à Arbeiterverein, aos correligionários de São Paulo, aos do Rio de Janeiro e da Europa etc.
>
> O brinde de honra foi levantado à futura República Democrática Social, sendo correspondido com extremo entusiasmo[50].

O episódio revela alguns elementos importantes a respeito dessa experiência de constituição de um partido socialista no estado. Em primeiro lugar, atesta outra vez o crescente prestígio de Xavier da Costa - que conseguiu moldar o diretório conforme a sua proposta e eleger-se membro do triunvirato - enquanto líder operário. A argumentação por ele utilizada na reunião, invocando os "exemplos de organizações socialistas européias", pode ser um indício da atualização do personagem com os percursos do movimento operário no Velho Continente.

O momento dos brindes também é significativo pois mostra o desejo dos militantes de congregar, no Partido, as sociedades operárias existentes na cidade, os trabalhadores de diferentes etnias e as mulheres[51]; além do anseio de estabelecer laços

[50] *Gazetinha*. Porto Alegre, 20/05/1897. p. 2 (NPH).

[51] Apesar do avanço - levando-se em conta a sociedade patriarcal vigente - de certas propostas defendidas pelos socialistas gaúchos em relação à mulher - veja-se, por exemplo, a defesa da "elegibilidade à mulher" antes citada -, constata-se também a existência de preconceitos sexistas no interior dessa corrente. Por exemplo, na notícia da mencionada reunião, afirma-se que as senhoras

mais amplos com os "companheiros" do centro do país e da Europa. Por fim, o "brinde de honra" indica que os indivíduos ali presentes acreditavam na proximidade da concretização de sua utopia: a "futura República Democrática Social". Esse entusiasmo transparece em um poema de Xavier da Costa, publicado logo depois da fundação do Partido Socialista, do qual cito os seguintes versos:

> Proletário! Avante! Avante!
> O nosso dia há de vir.
> Que seja a luta incessante
> por um brilhante porvir[52].

* * *

Na luta por esse "brilhante porvir", o personagem e seus aliados enfrentaram a estranheza e a resistência de certos setores da sociedade local. Assim, no mesmo mês de maio de 1897, Francisco travou, pelas páginas da *Gazetinha*, uma polêmica com os jornais *Reforma* e *Deutsche Zeitung*. Segundo o militante, o primeiro, ligado ao Partido Federalista, teria afirmado que "a palavra socialista nada quer dizer"; já o "órgão germânico" havia considerado "inoportuno aqui o partido socialista".

Conforme Morais, "a moda na imprensa brasileira na virada do século [XIX] não era a notícia, mas a polêmica. (...) Quem tivesse planos de brilhar, que preparasse

---

presentes estavam "devidamente acompanhadas", como se precisassem de uma companhia masculina para garantir a sua respeitabilidade. No documento, lê-se ainda que elas, "(...) conforme a doutrina democrática social, assinaram o livro de presença e votaram na eleição do diretório". A respeito da oscilação dos líderes operários atuantes no Rio Grande do Sul entre posturas conservadoras e progressistas sobre a mulher, ver: PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. A mulher na imprensa operária gaúcha do século XIX. *Revista de História*. Porto Alegre, IFCH/UFRGS, nº 1, 1986/87; SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit. e SILVA, Maria Amélia Gonçalves da. *Rompendo o silêncio: mulheres operárias em Pelotas e Rio Grande (1890-1920)*. Porto Alegre, CPG em História da PUCRS, 1998 (dissertação de mestrado).

[52] *Gazetinha*. Porto Alegre, 06/05/1897. p. 1 (NPH).

a pena e arranjasse alguém para combater"[53]. O jovem socialista, cioso de suas idéias e talvez aspirando conquistar um maior destaque na cena pública, revidou os argumentos dos "dois jornalistas adversários ostensivos do partido socialista recém surgido aqui". Naquele momento, ele dava seus primeiros passos como polemista, declarando-se "leigo em sutilezas de discussões pela imprensa". Mas, conforme ficará claro na continuidade do trabalho, a utilização de tal forma de debate foi recorrente em sua trajetória.

Quero examinar, agora, as estratégias argumentativas utilizadas pelo personagem na contenda. Em primeiro lugar, Xavier da Costa procurou despersonalizar a discussão, dizendo ser "adepto da franqueza" e entendendo "(...) que ela deva ser posta em prática desde que não envolva ofensa pessoal injustificada". Na mesma linha, condenou o redator da *Reforma*, Henrique d'Ávila, ressaltando: "(...) o indivíduo que para a defesa da idéia ou do princípio de que se faz advogado recorre ao insulto ao adversário comete uma vilania extrema (...)". Nesse terreno impessoal, ele buscou convencer os oponentes de que estavam errados, "(...) não porque possua talento e ilustração especiais para conseguí-lo mas sim devido à indubitável superioridade da idéia que defendo". Se o socialismo era "indubitavelmente superior", a argumentação de Francisco não se dava no terreno da retórica e sim no da exposição lógica: "não precisarei em meu intento recorrer a sutilezas de estilo nem a pompas e esmerado colorido de frases; usarei tão somente da verdadeira lógica, dos inegáveis fatos".

Contudo, mesmo sustentando essa postura, o militante acabou fazendo exatamente o que condenava, ou seja, defendendo as idéias socialistas não a partir de

[53] MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand.* São Paulo, Companhia das Letras, 1994. p. 60.

uma exposição abstrata, mas de seu posicionamento na sociedade. Assim, sublinhou a superioridade de sua visão sobre os problemas operários por ser, ele mesmo, "(...) um simples operário que, após o mourejar na oficina, apenas dispõe de pouco tempo, tirado ao seu descanso, para a defesa da mais justa das causas (...)". A fim de deixar claro que o jornalista da *Reforma* estava no campo oposto, ao lado da burguesia, escreveu: "Ah! O que eu desejo sinceramente a s.s. é que nunca venha a ser simplesmente um pobre operário com encargos de família!". No artigo, a oposição Xavier da Costa/Henrique d'Ávila expressa uma contradição maior: "(...) s.s. vive numa esfera superior a essa em que nós outros, os pobres operários, vivemos, e não sente portanto, como nós, as vicissitudes tremendas oriundas do antagonismo destes dois elementos: o capital, que é rei, e a pobreza, que, digam o que quiserem, - é sempre escrava".

Xavier da Costa, orgulhoso de sua educação e cultura, também procurou desqualificar os adversários valendo-se da autoridade de livros e pensadores. Chamando ironicamente o articulista da *Reforma* de "ilustrado autor", escreveu que esse "(...) teria encontrado a explicação clara da palavra socialismo, saberia que ela quer dizer alguma cousa, se procurasse-a no comum *Dicionário Universal Português* compilado por Francisco de Almeida, edição de 1891". E continuou, após citar o referido verbete: "Ora, que reformas [propostas pelos socialistas], em conjunto, são essas, ignora apenas quem anda alheio ao movimento político do velho mundo, quem nunca leu ainda Benoît Malon".

Na polêmica, o socialista começou a burilar uma arma da qual muito se valeu em momentos posteriores de sua vida política: a ironia[54]. Francisco, além de ter

[54] Segundo White, "o alvo do enunciado irônico é afirmar tacitamente a negação do que no nível literal é afirmado positivamente, ou o inverso. Pressupõe que o leitor ou ouvinte já conhece, ou é capaz de reconhecer, a absurdez da caracterização da coisa designada (...)". WHITE, Hayden. *Meta-história: a*

chamado seu opositor de "ilustrado", referiu-se à *Reforma* como "valente órgão federalista"; querendo dizer, é claro, exatamente o contrário. Em outro momento, porém, ele abandonou a sutileza e insinuou: "sua senhoria talvez se finja ignorante nesse assunto, por qualquer conveniência cujo valor eu desconheço (...)".

Algumas vezes, o personagem declarou que não iria responder aos adversários devido à inconsistência de seus argumentos. Por exemplo: "(...) admita s.s. que eu deixe ao lado suas divagações acerca da liberdade porque essas, julgo eu, não oferecem uma argumentação fixa que valha a pena ser combatida". Ou: "A uma argumentação dessa importância, arquitetada com meras suposições resultantes da aparência dos fatos e trazida a lume da discussão como uma terrível carga de 'schwarze Husarem', francamente, torna-se admissível esta resposta do vocabulário dos garotos: 'antos sêsse'". Mais simplesmente, chegou a dizer que os opositores se valiam de uma "argumentação balofa".

Xavier da Costa procurou, igualmente, apontar contradições nos artigos da *Reforma* e do *Deutsche Zeitung*, como nessa citação:

> Diz sua senhoria:
> "Nos países democratas, é natural que o socialismo encontre terreno mais próprio para se desenvolver".
> Ora, há nisso uma enorme contradição com o primeiro artigo publicado n'*A Reforma* a respeito do socialismo.
> Nele o ilustre escritor afiançava que o socialismo não podia encontrar aqui elementos para nascer, crescer e multiplicar-se; e no entanto, agora - vem afirmar "ser natural" que esse mesmo ideal político "encontre terreno próprio para se desenvolver nos países democráticos"!

Essa contenda deixa entrever a existência de clivagens ideológicas no seio da colônia alemã de Porto Alegre, entre aqueles que achavam inoportuna a existência de um Partido Socialista na cidade, embora "justificável na Alemanha" - "O *Deutsche Zeitung* diz, em resumo, que o operário vive aqui muitas vezes melhor do que o

---

imaginação histórica do século XIX. São Paulo, EDUSP, 1995. p. 51. Ver também: HUTCHEON,

próprio patrão" - e os que defendiam o socialismo, ligados a Xavier da Costa. Mas esse é um assunto que precisa ser aprofundado em outras pesquisas...[55]

Apesar dos obstáculos, Francisco e seus correligionários fecharam o ano de 1897 e adentraram no seguinte apostando no avanço do socialismo no Rio Grande do Sul.

* * *

Desde dezembro, a Liga Operária Internacional começou a convocar seus sócios e entidades congêneres para um Congresso de âmbito estadual, a ser realizado em janeiro, com a finalidade de estabelecer diretrizes comuns ao movimento operário gaúcho. A pauta do encontro propunha duas questões: "O que é o operário; qual a sua posição no Rio Grande do Sul; e o que lhe cumpre fazer como classe produtora?" e "Qual deve ser o modo de agir do proletário, no Estado?"[56]. Até o Natal, muitas associações já tinham respondido ao convite, indicando seus delegados. Nesse sentido, a Liga designou Xavier da Costa, Pedro Tácito Pires e João dos Santos Martirena para representá-la[57].

A proximidade da realização do Congresso gerou grandes expectativas nos socialistas atuantes no estado. Antônio Guedes Coutinho, que militava em Rio Grande

---

Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000.

[55] Salvo menção ao contrário, todas as citações referentes à polêmica foram extraídas da *Gazetinha*. Porto Alegre, 16/05/1897 e 23/05/1897 (NPH).

[56] *Gazetinha*. Porto Alegre, 06/01/1898. p. 2 (MCSHJC) e *Echo Operário*. Rio Grande, 18/01/1898. p. 1 (NPH).

[57] PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p. 111. A *Gazetinha* apresenta a lista completa das sociedades participantes e dos indivíduos indicados para representá-las. Cito apenas aqueles nomes mais ligados a Xavier da Costa: José Rey Gil (pela Sociedade Tipográfica Rio-grandense), Wenceslau Garcia (pela Cooperativa Tipográfica), Wilhelm [Guilherme] Koch e José Zeller-Rethaler (pela Allgemeiner Arbeiterverein), Octaviano Manoel de Oliveira (pelo Clube 1° de Maio da Margem do Taquari) e Rodolpho Pflugrath (pela Liga Operária Internacional de São Leopoldo). A notícia menciona

desde 1893, referiu-se ao evento dessa maneira: "Quando for lido este artigo pelos nossos leitores, já deve ter sido aberto em Porto Alegre o 1° Congresso Operário, já devem ter ressoado na primeira cidade do estado do Rio Grande do Sul as vozes, cheias de entusiasmo e de convicção, dos representantes legítimos do operariado dos principais centros de população do Rio Grande"[58]. "P. Pires" [Pedro Tácito Pires?] também manifestou-se a respeito do encontro na *Gazetinha*:

> Neste momento em que o operário se não sente os estertores da fome, deve ao menos ver em futuro não mui remoto a esquálida figura da desgraça a acenar-lhe, não lhe é permitido seguir como tem seguido; é iniludível dever de todo o trabalhador vir trazer voluntariamente ao exército dos que lutam o juramento de sua fidelidade e esforço, é dever de todos os orientados levar a luz ao cérebro daqueles que estão nas trevas.

Nesse mesmo número, o jornal informou sobre a abertura do Congresso: "realizar-se-á no Salão Trein sito à Rua Dr. Flores (...). Nota-se a grande influência (sic) para essa reunião, tendo já chegado várias pessoas a fim de nela tomarem parte". Segundo a nota, no dia anterior, alguns operários haviam distribuído um boletim com essa mensagem:

> À CLASSE OPERÁRIA
>
> "Acorda operário! Levanta-te!
>
> Não durmas à sombra da mansenilheria do capitalismo, sobre o leito macio de teus direitos porque se descansares mais um minuto dormirás eternamente o sono do servilismo".
>
> Envergonhai-vos de vosso indiferentismo, operários porto-alegrenses, já é tempo de cuidardes de vossos direitos, de vossas famílias, de vossos filhos.
>
> Basta de tanto aviltamento; um pouco de tempo também para o vosso benefício, não o empregueis todo ao trabalho e ao descanso.
>
> Amanhã efetua-se a 1ª reunião do Congresso Operário, e lá deveis estar, lá é o vosso posto.
>
> Animai com a vossa presença se não com o vosso interesse aqueles que lutam por vós.
>
> Amanhã ao Congresso como o exige a honra e o direito operário[59].

---

também a participação do Grupo Libertários no evento, indicando já a presença organizada dos anarquistas no movimento operário gaúcho. *Gazetinha*. Porto Alegre, 30/12/1897. p. 2 (NPH).

[58] *Echo Operário*. Rio Grande, 01/01/1898. p. 1 (NPH).

[59] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/01/1898. p. 2 (IHG - RS).

Pode-se imaginar Xavier da Costa e seus companheiros distribuindo o citado boletim pelas ruas de Porto Alegre. Dessa forma, eles buscavam garantir a participação maciça dos trabalhadores no Congresso, o que daria maior legitimidade ao evento e força às suas reivindicações. Com esse fim, valiam-se de dois argumentos: a iminência da miséria e do servilismo e as exigências da honra e do direito. Entretanto, apesar desse chamamento "à classe operária" - e aqui temos uma utilização mais abrangente do termo classe: não os membros de um ofício em particular mas o conjunto dos trabalhadores do estado -, os artigos do *Echo Operário* e da *Gazetinha* revelam que, aos olhos dos líderes, a reunião congregaria, especialmente, os "representantes legítimos do operariado". Afinal, para eles, as bases ainda dormiam no "leito macio" do capitalismo, vítimas do "indiferentismo", e, portanto, precisavam "acordar" e "levantar", devendo os "orientados levar a luz ao cérebro daqueles que estão nas trevas".

O 1° Congresso Operário do Rio Grande do Sul começou, pois, junto com o ano de 1898, "pelas 11 horas da manhã". No primeiro dia, durante a discussão da pauta antes mencionada, Xavier da Costa efetuou uma "sublime alocução" referente ao tema: "O que é o operário?". Na manhã seguinte, tratou-se de "matéria de resolução", ou seja, de quais propostas sairiam do encontro, o que, obviamente, "esquentou" os debates e exigiu um tempo maior dos participantes.

Das 10 até às 12 horas e 40 minutos, "(...) só se tinham apresentado propostas relativas à ação do operário justificando-as e ficando a discussão das mesmas para quando reaberta a sessão". Às duas e meia da tarde, "(...) começou-se a discussão das propostas pela ordem em que haviam sido apresentadas". A fim de facilitar os trabalhos, Xavier da Costa e Octaviano de Oliveira sugeriram "(...) que se elegesse uma comissão que apurasse em um resumo de todas as idéias constantes das

muitas propostas que haviam sobre a mesa". Aceita a proposição, os congressistas elegeram o próprio Xavier da Costa, José Vitola, Wilhelm Koch, Bento Cunha e José Ferla. O primeiro ponto do resumo era:

> Criação de ligas operárias internacionais de resistência em todo o Estado e confederadas entre si; de câmaras de trabalho nas sedes sociais para colocação de companheiros desocupados, as quais servirão também de árbitros em conflitos entre operários e patrões.
>
> Instituição de bibliotecas em cada sede social e fundação de um jornal socialista.

Tal proposta - que retoma aspirações já analisadas anteriormente, com o significativo acréscimo do explícito caráter de resistência das ligas - "foi aprovada sem longo debate e por unanimidade em suas três primeiras partes sendo preterida a discussão quanto à fundação da projetada folha de propaganda socialista". A controvérsia sobre o jornal socialista talvez possa ser creditada à discordância do grupo anarquista em relação ao tema[60].

Passou-se depois ao segundo tópico, unanimemente aprovado:

> Nomeação de uma comissão central para dirigir a correspondência interna e externa dando conhecimento de todas as ocorrências que se relacionem com o movimento operário a todas as associações congêneres.
>
> Convocação de um congresso obreiro do Estado, anualmente, e com antecedência nunca menor de três meses.

A respeito dessa proposta, Xavier da Costa e Octaviano sugeriram que o Segundo Congresso se realizasse em Pelotas. A idéia foi combatida por alguns militantes - "(...) que fizeram ver as dificuldades com que muitas associações da campanha lutariam para enviar seus representantes a essa cidade e demais que a Capital necessitava ainda tanto ou mais da propaganda do que Pelotas" - e acabou derrotada. Veio, então, à mesa, outra proposição, também assinada por Xavier da Costa e Octaviano, indicando o dia 1° de maio para a realização do próximo encontro.

Certos participantes, julgando ser muito próxima a data apresentada, não concordaram e Francisco respondeu-lhes, "(...) sustentando que elaboravam um erro julgando desse modo, pois estava convencido de que havia tempo de sobra para a segunda convocação e, ainda mais, de que encontrava indubitável conveniência em escolher-se para o projetado congresso a significativa data de 1° de Maio". Apesar dessas ponderações - as quais revelam a preocupação do personagem em politizar a festa do trabalho, alinhando-se ao movimento socialista internacional -, Eduardo Mallman (representante da Sociedade Operária Mútua Proteção de Alegrete) e Wenceslau Garcia "(...) combateram a proposta lembrando, como um óbice, a deficiência de meios rápidos de comunicação entre a Capital e as várias localidades situadas nos extremos do estado". Xavier da Costa retrucou, alegando

> (...) que tal deficiência não influiria de modo algum no caso, pois nem o Rio Grande do Sul é um continente vastíssimo com imensas extensões de território intransitável e nem em lugares muito afastados da Capital, nos extremos do Estado, para onde a correspondência seja dificílima, tardia, existem associações obreiras ou número de obreiros suficientes para a fundação dessas.

A discussão intensificou-se e, frente ao impasse, os autores retiraram a sua proposta. Na seqüência, os participantes passaram a discutir a terceira parte do resumo:

> Criação de escolas e cooperativas nas sedes sociais; nomeação por este congresso de uma comissão especial encarregada de uniformizar todos os estatutos das associações obreiras deste estado ou se possível for, da União, apresentando seu trabalho ao segundo congresso depois de recebidas as anotações ou emendas a respeito enviadas pelas referidas associações.

A proposta, levantada pela União Operária de Cruz Alta, foi dividida em três partes, das quais aprovou-se "(...) unanimemente a primeira, tendo caído, por enorme maioria, as outras duas partes". Alguns congressistas, como Xavier da Costa,

[60] Hipótese sugerida por BILHÃO, Isabel. *Identidade política e disputa pelo poder: a trajetória das*

combateram a idéia da criação de cooperativas, tendo o último citado "(...) exemplos de tentativas levantadas entre nós e abortadas e declarou-se essencialmente anti-cooperativista". Francisco, Pires e Mallman também criticaram a uniformização dos estatutos, condenando "(...) tal medida como unitária e portanto desmembradora (...)". Ou seja, apesar do desejo de congraçar todos os trabalhadores do estado, Xavier da Costa e outros "companheiros" - cientes da heterogeneidade do operariado local - consideravam importante conservar uma margem de autonomia às diferentes associações.

Discutiu-se, na continuidade, o quarto tópico: "aplicação da Boicotagem como arma de luta econômica", defendida pelo Grupo Libertários. Na ocasião, José (ou Giuseppe) Ferla usou da palavra para explicar o que é a boicotagem e, depois disso, submetida a votos, a proposta "passou por unanimidade". Tratou-se, enfim, do último item do resumo:

> Convocação de um Congresso Operário de representantes de todos os Estados do Brasil.
> Fundação de cooperativas de produção; e fundação do Partido Socialista Brasileiro.

A primeira parte da proposição "(...) caiu por inoportuna e a 2ª ficou inutilizada em vista de anterior deliberação". No que tange à fundação do Partido Socialista, essa "(...) foi substituída por uma proposta apresentada pelo Sr. José Ferla em que pedia ao congresso se pronunciasse francamente socialista e a determinação de que se publicasse ou cogitasse dos meios de publicar um jornal órgão das associações operárias confederadas", a qual foi aprovada. Percebe-se, pois, que, se a palavra socialismo ainda guardava um significado suficientemente amplo para abarcar todas as tendências do movimento operário local, a fundação do Partido não era aceita pelo

---

lideranças anarquistas em Porto Alegre. Trabalho apresentado no V Encontro Estadual de História da ANPUH/RS. Porto Alegre, UFRGS, julho de 2000. p. 2.

conjunto dos congressistas, especialmente pelos simpatizantes das idéias libertárias, como Ferla[61]. Optou-se, assim, por uma formulação mais geral - caráter socialista do congresso e jornal das associações federadas -, a fim de evitar cizânias naquele momento inicial de organização do proletariado gaúcho.

Concluídas a discussão e a votação das matérias, Mallmann, presidente do Congresso, anunciou a eleição da Comissão Central da Confederação Operária Sul Rio-Grandense, que resultou nessa nominata: Francisco Xavier da Costa, Wilhelm Koch, Pedro Tácito Pires, José Ferla e Octaviano de Oliveira. Um grupo composto, portanto, em sua maioria, de socialistas ligados por laços pessoais. A inclusão do libertário Ferla evidencia a tentativa de conciliar as diferentes tendências ideológicas presentes no encontro.

No encerramento, Xavier da Costa - consagrado como o principal líder do movimento operário porto-alegrense, contando ainda com alguma influência no interior do estado - fez uso da palavra:

> (...) começou declarando não ir agradecer ao Primeiro Congresso Operário Sul Rio-Grandense a elevada prova de consideração e confiança que em si depositava elegendo-o, pela ordem de votação, **primeiro membro da Comissão Central da Confederação Operária deste Estado**; não agradecia, por duas razões poderosas: por se haver **acostumado a receber a benevolência de sua classe**, e muito principalmente por entender que o mandato que lhe fora conferido pelos delegados do operariado rio-grandense era um **novo posto de lutas que lhe indicavam**, e, assim, em vez de agradecer, cumpria-lhe afirmar perante todos que o seu máximo esforço seria no intuito de contribuir para a classe operária conquistar, com segurança, as vitórias a que tem direito.

[61] Giuseppe [José] Ferla (? - 1921) nasceu em Milão e veio para o Brasil por ocasião da criação da Colônia Cecília, no Paraná. Fracassada a iniciativa, radicou-se em Porto Alegre, onde "(...) constituiu família e militou no meio operário, fazendo parte da União Operária Internacional e sendo um dos fundadores da União Tipográfica". *Revista Liberal*. Porto Alegre, 01/1922 (NPH). No Primeiro Congresso Operário, representou, com outros companheiros, a Sociedade Tipográfica Rio-grandense, fundada em 1896, e foi vice-presidente da mesa encarregada de dirigir os trabalhos ordinários do encontro.

O orador fez diversas considerações acerca da situação do proletariado gaúcho, afirmando, "mais ou menos", o seguinte: "Avante! Lutemos! Que o raiar do século XX não ilumine no Rio Grande do Sul, em nossa classe, cabeças curvadas de vencidos submissos, porém sim frontes erguidas de rebelados sublimes pela compreensão exata, rigorosa de seus deveres!". Francisco procurou, pois, conformar a identidade da classe operária local não apenas a partir do trabalho mas, igualmente, da rebeldia, ancorada em uma compreensão "exata" e "rigorosa" dos deveres.

Talvez o leitor tenha sentido a falta de um personagem no Congresso: Antônio Guedes Coutinho, representante da União Operária e do jornal *Echo Operário* de Rio Grande, que, com tanto ânimo, havia saudado os "representantes legítimos do operariado". Pois é... Ele realmente não participou do evento devido a um incidente um tanto cômico (ou, ao menos, tragicômico): o encalhamento do vapor Meteoro, no qual viajava juntamente com João Thomaz Mignone, delegado de Pelotas. O resgate dos passageiros só ocorreu no dia 3, quando os dois militantes foram recebidos por uma comissão de congressistas e conduzidos à sede da *Gazetinha*. À noite, realizou-se uma reunião "(...) com a melhor ordem, fazendo-se a leitura das atas e das propostas apresentadas ao Congresso, que foram assinadas com pequenas restrições que em nada puderam alterar as resoluções, visto ser fora do regulamento já encerrado e vencido". Passados alguns dias, Coutinho agradeceu "(...) ao operariado porto-alegrense a forma socialística porque foram recebidos os representantes do Sul do Estado (...)"[62].

* * *

[62] Todas as citações referentes ao Congresso foram retiradas da descrição feita pela *Gazetinha*. Porto Alegre, 06/01/1898. p. 2 (NPH). Transcrita em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p.

Também no âmbito afetivo, o ano de 1898 foi marcante para Xavier da Costa. A 5 de fevereiro, "pelas seis e meia horas da tarde", na Capela de São Manoel, ele casou-se com Leopoldina, tendo Octaviano como padrinho, o que mostra, novamente, a mescla de laços pessoais e políticos existente entre os socialistas da cidade[63]. Segundo D. Anita, sua mãe, depois do casamento, deixou de trabalhar fora:

> A mamãe ficava em casa cozinhando. (...) Fazia o crochezinho, fazia tudo prá levantar as finanças da família. Os filhos aparecendo na vida deles e eles foram aumentando suas obrigações. A nossa mãe fazia até uma hortinha no fundo do pátio, (...) e quando ela não dava, ela vendia: tomates, isso ou aquilo, alguma coisinha... Muito croché também, para os filhos e para vender também. E fora disso, todos os afazeres domésticos da casa ela fazia. (...) Bem, enquanto isso ela ia ensinando em casa [aos filhos]. Como eu te disse ela não sabia o português, ela foi aprendendo assim na vida, com o meu pai (...)[64].

Constituiu-se, assim, uma família que seguia os padrões de respeitabilidade vigentes naquela época, pelos quais cabia à mulher as tarefas domésticas e a educação dos filhos e ao homem o sustento do lar. Xavier da Costa parece ter incorporado à sua vida pessoal a identidade, construída desde a infância, do operário honrado e trabalhador, diferenciando-se radicalmente das imagens de desregramento e imoralidade atribuídas pelas elites às classes populares.

Juntos, Leopoldina e Francisco tiveram seis filhos: Emília Carlota - "Noquinha na intimidade" -, professora de piano, que se "casou com um senhor lá de Gramado"; Amanda, especialista em pré-primário e uma das fundadoras do jardim de

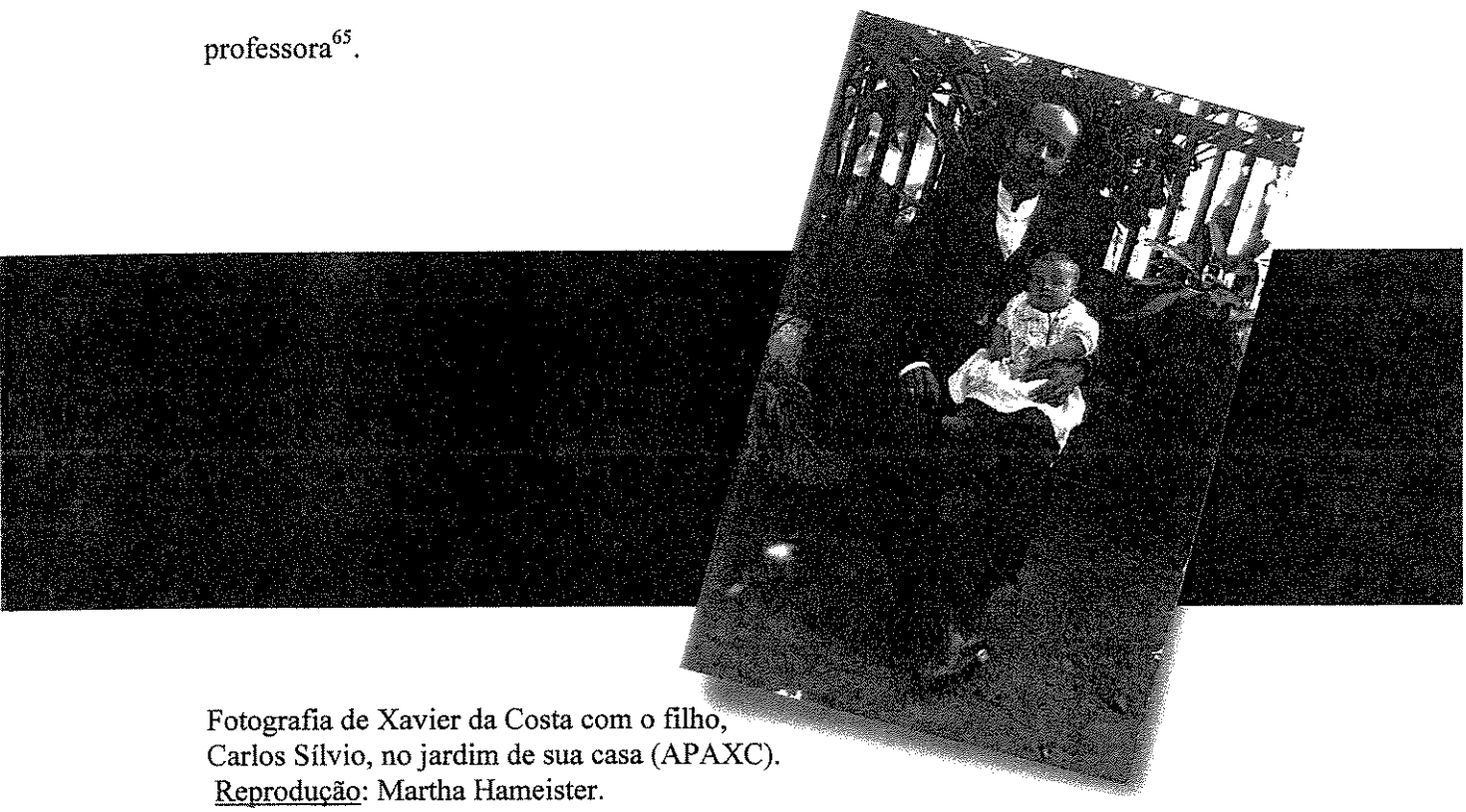
---

104-110. Grifos meus. Sobre o encalhe do vapor e as apreciações de Coutinho a respeito do encontro, ver: *Echo Operário*. Rio Grande, 16/01/1898. p. 1 (NPH).

[63] *Livro de Assuntos de Casamento...*, op. cit. (ACMPOA).

[64] Entrevista ao autor, op. cit. A aceitação do trabalho externo da mulher até o casamento e sua interrupção após o nascimento dos filhos parecem caracterizar um padrão mais geral da família operária no final do século XIX. De acordo com Michelle Perrot, "o trabalho feminino também é regulado pelas exigências familiares, ou seja, ele é intermitente, seguindo o ritmo dado pelo nascimento dos filhos". A mesma historiadora ressalta a importância de algumas tarefas executadas no lar, pelas esposas - como a "hortinha" e o croché de Leopoldina -, que resultavam em trocados para o orçamento doméstico. PERROT, Michelle. Funções da família. In: ___ (org.). *História da vida privada 4: da Revolução*

infância do Instituto de Educação (tradicional Escola Normal de Porto Alegre), "esposa de um diretor geral dos Correios e Telégrafos, José Francisco Medaglia"; Francisca Leopoldina - "Chiquina na intimidade" - a qual, "apesar de ser professora, (...) ainda tirou o curso de bibliotecária" e ficou solteira; Carlos Sílvio, médico, "o rapaz que era a alegria do meu pai"; Miguel Francisco, engenheiro e Anita, professora[65].



Fotografia de Xavier da Costa com o filho, Carlos Sílvio, no jardim de sua casa (APAXC).
Reprodução: Martha Hameister.

Portanto, os filhos do líder operário também construíram seus itinerários a partir dos "destinos de gênero" socialmente valorizados no período: as mulheres seguiram o magistério, atividade que, apesar de pública, era vista enquanto uma "extensão da maternidade"[66], e os homens adotaram profissões "de respeito", a medicina e a engenharia.

Francesa à Primeira Guerra. São Paulo, Companhia das Letras, 1991. p. 111. Para um exemplo local desse comportamento, ver: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit.

[65] Entrevista de D. Anita Xavier da Costa ao autor, op. cit.

[66] Ver: LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres...*, op. cit. A expressão "destinos de gênero" é de DELGADO, Andréa. *Destino de gênero: a*

* * *

No âmbito político, alguns meses depois do casamento de Francisco, rompeu-se o clima de entendimento reinante no movimento operário gaúcho após o Congresso de janeiro. Naquela ocasião, já haviam sido apontados os entraves gerados pela precariedade dos meios de comunicação e de transporte à organização unificada dos trabalhadores. Em agosto, o *Echo Operário* reclamou que, até então, a comissão executiva eleita pelos congressistas tinha enviado apenas uma circular às entidades participantes, explicando o motivo do atraso na publicação das resoluções do encontro: a dificuldade de se encontrar um tradutor para o alemão, uma das línguas "oficiais" do Congresso. Tal fato levou Guedes Coutinho a criticar - de forma pouco "socialística" - os correligionários de Porto Alegre:

> Parece incrível que, em sete meses, não se tenha podido ainda dar cumprimento à mais insignificante das resoluções! Ou os membros da sobretida comissão não se esforçam por dar cabal desempenho à honrosa missão de que se incumbiram, e nesses casos devem por dignidade própria manifestar a sua pouca vontade às associações federadas, ou aliás não têm capacidade para desempenhar-se do encargo e provam que o aceitaram por vaidade, cumprindo nesses casos às associações retirarem-lhe o mandato a bem dos interesses sagrados do Socialismo e satisfação dos esforços morais e materiais que gastaram para mandarem representação ao Congresso.
>
> Não seríamos tão exigentes, se ao menos essa comissão orientasse aos interessados sobre outras causas que a inibam de cumprir o seu dever; mas nada nos dizem, e não só para defesa da nossa dignidade como representante da União Operária e deste jornal, como para evitarmos suposições pouco honrosas dos nossos inimigos, exigimos uma pronta satisfação da parte do companheiro **Francisco Xavier da Costa, um dos membros mais influentes da comissão organizadora do Congresso**, e como membro que é do Comitê Executivo do mesmo[67].

---

educação de mulheres na escola feminina de artes e ofícios Santa Terezinha (Santa Maria-RS/1923-1942). Porto Alegre, PPG em Educação da UFRGS, 1994 (dissertação de mestrado).

[67] *Echo Operário*. Rio Grande, 07/08/1898. p. 1 (NPH). Grifos meus.

Nessa conjuntura - na qual o movimento operário local dava seus primeiros passos, ainda muito ancorado na respeitabilidade e na influência de certas lideranças -, acusações como as transcritas acima soavam bastante graves e exigiam pronta resposta. Ofendidíssimo, Xavier da Costa enviou uma carta à diretoria da União Operária de Rio Grande, chamando Coutinho "(...) de ignorante, especulador, malcriado, atrevido, atrabiliário, tolo, vaidoso (...)". O último revidou, resgatando a sua trajetória de vida, a fim de mostrar que essa havia sempre se pautado pela honradez e pela dedicação à causa do socialismo, e desafiou seu opositor a fazer o mesmo: "Diga-nos agora, o ilustre Sr. Francisco Xavier da Costa, quem é, de onde vem e para onde vai com toda a sua inteligência, talento, mérito e utilidades"[68].

Na seqüência, o militante porto-alegrense tratou o adversário de "(...) garoto malcriado, macaqueando jornalista sério, (...) num papelucho publicado na cidade do Rio Grande sob o mentiroso título de *Echo Operário* (...)"[69]. Coutinho respondeu que deixava de dar-lhe o "corretivo merecido" por respeito aos amigos e a si mesmo, e afirmava em tom magnânimo: "é um pobre tolo a quem voto comiseração"[70].

No mesmo período, estourou outra cisão, dessa vez entre os socialistas de Porto Alegre, agrupados na Liga Operária Internacional. O estopim do conflito parece residir nas críticas de Xavier da Costa à atuação de Pedro Tácito Pires, tanto na Liga quanto na Confederação formada em janeiro. O primeiro denunciou o "relaxamento" de Pires que, depois de solucionados os problemas de tradução para o italiano e o alemão das resoluções do Congresso, "extraviou documentos". Acusou-o, igualmente, de não ser operário, de não ter profissão definida, de "cassalista" e de pretender

[68] *Echo Operário*. Rio Grande, 26/09/1898. p. 2 (NPH).
[69] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/11/1898. p. 2 (MCSHJC).
[70] *Echo Operário*. Rio Grande, 27/11/1898. p. 1 (NPH). Posteriormente, parece ter havido uma reaproximação entre os dois líderes socialistas. Em 1905, o jornal *A Democracia*, dirigido por Xavier

transformar a Liga em um canteiro de votos dos partidos cassalista e republicano[71]. Devido a isso, Francisco abandonou a comissão, "porque me era impossível ter solidariedade com tal secretário". E afirmou: "participei minha renúncia ao Sr. Pires a fim de que ele, como secretário da Comissão Central, fizesse as devidas comunicações aos outros companheiros de mandato. Durante nove dias esperei inutilmente qualquer destas soluções: ou a Comissão comunicava às associações confederadas a minha renúncia ou dava-me o direito que eu aspirava de faze-lo"[72]. Nesse meio tempo, Pires demitiu-se do cargo que ocupava, comunicando sua decisão às entidades operárias do estado. Na circular, escreveu:

> (...) embalde esperado de meus companheiros uma ação enérgica e proveitosa, porém compreendendo-os tão fracos como eu e como eu também tão pouco capazes do exercício de funções tão elevadas, peço a minha exoneração do cargo para que fui eleito, desejando para proveito da classe, que indiqueis como meu substituto alguém que melhor saiba cumprir os deveres de representante dela.
>
> Arrasta-me a esta resolução a convicção de que os trabalhos da comissão até a presente data têm sido nulos, completamente nulos.

Coutinho aproveitou-se do fato para enxovalhar ainda mais a reputação de Xavier da Costa, citando um trecho da *Gazetinha* - "Sabemos que devido a uma parte da diretoria da Liga Operária Internacional evitar defender-se perante a respectiva assembléia geral da pecha de haver roubado ou esbanjado dinheiros da associação, exonerou-se de presidente da mesma o nosso amigo Sr. Francisco Xavier da Costa" - e insinuando: "Num caso destes pede-se demissão?!..." [73].

Frente ao desligamento do secretário, Francisco resolveu permanecer na Comissão Central da Confederação Operária e respondeu às insinuações de Coutinho: "E... para dar aso a que os 'Guedes Coitinhos' me chamem outra vez de tolo, participo

---

da Costa, referiu-se a Coutinho como "nosso inteligente correligionário" e, em 1907, como "nosso amigo". *A Democracia*. Porto Alegre, 07/05/1905. p. 3 (MCSHJC) e 16/06/1907. p. 2 (APAXC).

[71] O termo "cassalista" é uma referência a Barros Cassal, membro da ala republicana que rompeu com Júlio de Castilhos em 1890.

[72] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/11/1898. p. 2 (MCSHJC).

a esses 'talentosos doutrinadores do operariado' que, ao contrário do que eles fazem, continuo, como sempre, a agir gratuitamente..."[74]. Na Liga, porém, os problemas continuaram. Xavier da Costa exonerou-se da presidência e José Rey Gil ocupou seu lugar, tendo Pires como secretário[75]. De acordo o primeiro:

> Quando rompi com a troça de especuladores que aproveitando-se de minha ausência da Liga Operária Internacional transformaram esta infeliz associação em campo de bandalheiras de compadrescos para iludir os operários, eu já sabia que aquela corja era bem capaz de recorrer a todos os meios para anular o efeito da propaganda que eu encetei contra eles.
>
> .....
>
> Fundaram um jornal [*A Voz do Operário*] que não vai durar e não encontraram um operário decente que quisesse assumir a redação. É seu diretor de redação o ilustre desconhecido Tácito Pires... que é o mesmo Pedro Pires, o qual nunca foi nem é operário[76].

As polêmicas examinadas levaram à separação dos "representantes legítimos do operariado", organizadores do Congresso de 1898, em, pelo menos, dois grupos: os aliados de Xavier da Costa - Octaviano de Oliveira, Wilhelm Koch e outros - e seus adversários - sobretudo Guedes Coutinho, Tácito Pires, Rey Gil, João Tolentino de Souza, Augusto Schimmelpfenning. Esse papel de referência - positiva ou negativa - de Francisco não deixa de ser um índice de seu prestígio pessoal e, conforme mostrarei na continuidade da tese, constituiu-se em um eixo importante das alianças e divisões do movimento operário porto-alegrense na Primeira República.

No debate com a *Reforma* e com o *Deutsche Zeitung*, Xavier da Costa condenou os "insultos aos adversários". Todavia, na polêmica com os ex-companheiros, ambos os lados não economizaram nas ofensas pessoais. Ou seja, diante do "mundo externo" - a sociedade burguesa representada pelos citados jornais -

---

[73] *Echo Operário*. Rio Grande, 23/10/1898. p. 1 (NPH).
[74] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/11/1898. p. 2 (MCSHJC).
[75] MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas...*, op. cit., p. 90.
[76] *Gazetinha*. Porto Alegre, 03/04/1899. p. 2 (MCSHJC).

, o personagem procurou comprovar sua respeitabilidade; mas, "entre iguais", a luta por prestígio e poder tornou-se virulenta, envolvendo armas afiadas e golpes baixos.

Sublinho algumas características recorrentes nessas polêmicas: o uso da ironia no ataque aos opositores; a denúncia de desvio de verbas das associações e da introdução da "política burguesa" junto aos trabalhadores e a ameaça de violências físicas. Em tais contendas, o principal objeto de disputa era a honra, ou seja, a avaliação pública do respeito que cada lado merecia. Não por acaso, Xavier da Costa definiu a honra como "(...) coisa que eu prezo mais do que a própria vida"[77].

A conformação da identidade operária implicava, portanto, "lutas de classificações"[78] para definir quem fazia ou não parte do grupo, especialmente em momentos de conflito. Por isso, Francisco buscou demonstrar que nem Pires nem o *Echo* eram operários e que seus adversários serviam aos interesses da burguesia[79].

Assim, o raiar do século XX talvez tenha iluminado, no Rio Grande do Sul, trabalhadores com cabeças menos curvadas - como queria Xavier da Costa em seu

---

[77] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/11/1898. p. 2 (MCSHJC). Segundo Ribeiro, a honra é uma "(...) avaliação pública do respeito que um homem merece e, por isso, valor que ele deve defender a todo o custo". E ainda: "(...) a reputação de um homem se constrói com base apenas no que se mostra de seus atos e qualidades". RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida*. São Paulo, Brasiliense, 1990. p. 43. Dessa forma, os ataques à honra também precisam ser públicos, como aqueles desferidos pelas páginas dos jornais. No Antigo Regime, período estudado por Ribeiro, o duelo era uma fonte ilimitada de honra à nobreza, pois "a morte pela arma é uma boa via para a imortalidade, algo pagã, da honra" (Idem ibidem, p. 70). Nas sociedades modernas, em que o monopólio da violência deve pertencer ao Estado, os duelos podem se transformar em polêmicas e, ao invés de sangue, muita tinta é derramada (embora, como viu-se no exemplo narrado, a possibilidade de confrontação física não esteja ausente). Em ambos os casos - no duelo e na polêmica - o objeto da disputa é o mesmo: a honra.

[78] Expressão de BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: ___. *O poder simbólico*. Lisboa, DIFEL, 1989. p. 113.

[79] Passados mais de dez anos, no bojo de outro conflito entre líderes do movimento operário porto-alegrense - dessa vez entre militantes socialistas e anarquistas -, os acontecimentos de 1898/9 voltaram a ser objeto de ásperos debates. Na ocasião, Xavier da Costa justificou seu afastamento da Liga "(...) por ter se verificado um desfalque na tesouraria e os respectivos responsáveis se recusarem a prestar contas (...). Muito tempo depois (...) os mesmos srs. a quem eu acusara declararam expulsar-me da sociedade, já em dissolução, apesar de eu não mais fazer parte dela". *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17/09/1911. p. 1 (NPH). Seu opositor, o líder anarquista Polidoro Santos, respondeu com uma versão diferente: a de ser "(...) mais uma calúnia do conhecido socialista" a acusação de desfalque; e declarou que esse último havia sido demitido e expulso da Sociedade, "(...) conforme ata que se acha registrada no livro nº 1 do arquivo da União Operária Internacional [cita a ata]". *O Diário*. Porto Alegre, 20/09/1911. p. 2 (MCSHJC).

discurso de encerramento do Primeiro Congresso Operário -, mas também testemunhou um movimento operário cindido e enfraquecido pelas discussões e polêmicas dos anos anteriores[80]. De um lado, o grupo "dissidente" continuou dirigindo a Liga Internacional e fundou jornais como o *A Voz do Operário* (1899) e o *Avante* (1901)[81]; de outro, Xavier da Costa e seus aliados prosseguiram na Confederação organizada durante o Congresso[82].

* * *

Em 1899, o personagem contribuiu para a vitória da greve dos funcionários das oficinas das estradas de ferro de Uruguaiana, sendo por eles convidado a visitar Margem de Taquari, "(...) a fim de organizá-los para a defesa comum - dado o caso de se tornar necessário, mais tarde, novo movimento de reação contra abusos da direção da companhia arrendatária da referida ferrovia". Alguns jornais comentaram o fato, mostrando que o prestígio do líder socialista não se limitava a Porto Alegre. O *Correio do Povo*, por exemplo, afirmou: "O nosso amigo Francisco Xavier da Costa foi recebido naquela localidade com uma calorosa manifestação, recebendo, durante a sua estada ali, as mais significativas demonstrações do apreço e estima em que é tido

---

[80] Um indício desse enfraquecimento do movimento socialista em Porto Alegre é a não participação de militantes da cidade na 2ª Conferência Socialista Nacional, realizada em São Paulo no ano de 1902. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 28/08/1902. p. 3 (edição fac-similar).

[81] A última referência localizada por Petersen a respeito da Liga Operária Internacional é de 1905, quando a entidade aparece citada nas comemorações do 1° de maio. PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p. 130. O *A Voz do Trabalhador* contava com José Rey Gil como proprietário e Pedro Tácito Pires como redator e diretor e o *Avante!* era administrado por Pedro Mayer. PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874/1940)*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS-FAPERGS, 1989. p.p. 96 e 19, respectivamente. O editorial do primeiro número do *Avante!* apresenta alguns "considerandos" que mostram a permanência da cisão entre os socialistas de Porto Alegre. Por exemplo: "Considerando como de magna importância para o atual momento que atravessa a classe proletária, momento em que ódios e intrigas têm afrouxado os laços que deviam indissoluvelmente unir os infelizes irmãos trabalhadores (...)" e "considerando que a origem da ausência de muitos operários dos centros onde se luta não é devida somente à intriga dos interessados e interesseiros, mas em grande parte à falta de um programa que haja sido convenientemente divulgado (...)". Apud idem ibidem, p. 20.

pela classe operária". A *Gazetinha*, igualmente, pronunciou-se sobre o acontecimento, atestando ainda a participação de Leopoldina nas atividades de militância, ao lado do marido:

> Esperado aqui no domingo, 17 do corrente, o cidadão Francisco Xavier da Costa que, com sua família, vinha assistir a instalação do Clube 1° de Maio, ao meio-dia o operariado reunido e precedido de uma banda musical dirigiu-se à praia, a fim de aguardar ali a chegada do vapor que conduzia, segundo notícias telegráficas, o ilustre viajante.
>
> O belo sexo margense se fez representar por muitas senhoras e senhoritas que acompanhavam o préstito. Duas comissões de ambos os sexos foram designadas para saudarem o digno propagandista do progresso e levantamento moral da classe operária.
>
> Atracado o vapor, a música e o estrugir de foguetes anunciaram a presença do ilustre cidadão passando ele da prancha para a terra com sua digna esposa, sendo logo coberto de flores pelas formosas jovens que compunham a comissão acima citada e saudado em nome da proletariado da Margem pelo cidadão Antônio Souza que produziu uma bonita alocução.

Outra correspondência da Margem, publicada na Capital, confirma o entusiasmo que cercou a estadia de Xavier da Costa na localidade:

> (...) a palestra agradável entre Francisco Xavier da Costa e os operários de todas as nacionalidades atraía a atenção de todos porque, realmente aquele que tem a felicidade de demorar-se em palestra com o ilustre propagandista das classes trabalhadoras, fica de tal forma eletrizado que de tudo se esquece somente para ouvi-lo porque tanto em palestra íntima com na tribuna seus conselhos são de grande utilidade para todas as associações constituídas e por constituir-se.
>
> É um homem disposto a todos os sacrifícios pela elevação moral da classe a que pertence[83].

Em 1900, Francisco envolveu-se em outra polêmica, terçando a sua pena com a de Eça de Oliveira - "(...) pseudônimo de conhecido literato e distinto funcionário público" -, o qual havia condenado os anarquistas - "(...) que deviam estar em jaulas como os monstros (...)" - e afirmado ser a igualdade social uma utopia. O primeiro respondeu-lhe: "francamente nunca li tantas barbaridades juntas sobre o socialismo (...). Como desastre de escritor, esse é completo!". Na continuidade, tratou de

[82] Em 1901, *O Independente* noticiou que Xavier da Costa havia tomado posse como presidente da Confederação Obreira, provavelmente a mesma Confederação Operária fundada no Congresso de 1898. *O Independente*. Porto Alegre, 30/06/1901. p. 3 (AHPA).

diferenciar anarquismo de socialismo; mostrou conhecer certos aspectos do pensamento de Proudhon; recomendou a leitura de algumas obras ao opositor - como o *Pequeno Dicionário* de Pierre Larousse, *Mentiras convencionais da nossa civilização* de Max Nordau e *Teoria do socialismo* de Oliveira Martins -; justificou o roubo impulsionado pela miséria e expôs a teoria da igualdade do socialismo. Concluiu, ressaltando: "não sou adepto do anarquismo; - acentuo porém, de fronte erguida, perante a sociedade burguesa que se o fosse não teria o menor receio de declará-lo e defender em qualquer terreno e em qualquer emergência essa doutrina".

A tréplica de Oliveira veio pontuada de ironias. O autor criticou a "erudição" de Xavier da Costa e chamou-o de "(...) pouco arguto discípulo de Karl Marx (este metafísico de uma figa!) (...) e de "Karl Marx Júnior". Esse último preferiu encerrar a discussão, alegando: "(...) Eça de Oliveira (...) levou a questão para o ingrato terreno de personalidades, em vez de provar, como lhe cumpria, o contrário do que afirmei, isto é, que s. s. não tem conhecimentos sérios sobre a doutrina do socialismo e nem a respeito de Proudhon"[84].

O episódio acima reforça a idéia de que, na passagem do século XIX ao XX, em Porto Alegre, os partidários da causa operária mantinham entre si significativos laços de solidariedade, apesar de suas diferenças ideológicas.

Na Capital gaúcha, Xavier da Costa foi um dos colaboradores do *O Independente*, de propriedade de seu amigo, padrinho e companheiro de militância Octaviano de Oliveira. De acordo com Coaracy, Octaviano havia encerrado a publicação da *Gazetinha* após sofrer um atentado na "noite sinistra" de 13 de agosto de 1900. Logo em seguida, fundou *O Independente* o qual, ao contrário do antecessor,

---

[83] *A Democracia*. Porto Alegre, 20/08/1905. p.p. 1-2 (MCSHJC).
[84] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 02/08/1900. p. 1; 08/08/1900. p.p. 1-2; 10/08/1900. p. 1 e 14/08/1900. p. 1 (MCSHJC).

não era um "órgão de agressão e escândalo", pois "(...) cultivava o louvor, o elogio, a informação de caráter pessoal, lisonjeira à vaidade humana"[85]. Porém, o periódico também movia uma guerra aos "subterrâneos de Porto Alegre", ou seja, aos locais (prostíbulos, casas de jogo, bairros populares) e pessoas (prostitutas, vagabundos, bêbados, turbulentos) que ameaçavam o "progresso" e a "civilização" da cidade. O líder socialista, "salvo engano", não assinava suas matérias no jornal, mas aparecia seguidamente na lista de seus colaboradores, pelo menos até 1908[86].

O Independente apresenta informações sobre outros ambientes freqüentados por Xavier da Costa no início do século XX. Assim, o periódico noticiou, em 1901, que a loja maçônica Fidelidade e Firmeza, do Grande Oriente do Brasil, o tinha designado para reorganizar a sua biblioteca e, no ano seguinte, que ele havia discursado em uma sessão festiva dessa entidade e se tornado orador da Loja Capitular Orientação[87].

Os percursos de Francisco na Maçonaria também podem ser acompanhados através de outras fontes. Em 1905, por exemplo, o personagem escreveu no *A Democracia*: "no ano passado fui a S. Leopoldo em comissão maçônica". O jornal informou ainda que ele foi colaborador e, depois, redator do *Lábaro*, órgão oficial da Sociedade no Rio Grande do Sul[88]. Nele, publicou um artigo, intitulado "20 de Setembro - 1835 e 1870", comparando e louvando a Revolução Farroupilha e a Unificação Italiana: "Para nós maçons, o 20 de setembro rio-grandense ou italiano representa uma conquista inalienável da civilização".

---

[85] COARACY, V., op. cit., p.p. 23 e 25, respectivamente.
[86] VARGAS, A. Z., op. cit., p. 180. Segundo o autor, *O Independente* apresenta Xavier da Costa como colaborador em 02/07/1908, mas omite o seu nome quando arrola novamente os colaboradores em 02/12/1911.
[87] *O Independente*. Porto Alegre, 17/11/1901. p. 3; 19/01/1902. p. 3 e 24/06/1902. p. 3 (AHPA).
[88] *A Democracia*. Porto Alegre, 20/08/1905. p.p. 1-2 e 27/08/1905. p. 1 (MCSHJC).

Não obstante ter casado na Capela de São Manoel - conforme convinha aos padrões de respeitabilidade da época -, Xavier da Costa expressou, no *Lábaro*, suas convicções anticlericais:

> A seita negra que em todos os tempos tem sido a desgraça da sociedade e a inimiga figadal do Progresso, esforça-se de novo, para enterrar as unhas na consciência popular, - quer o domínio que ruiu, à semelhança das muralhas de Jericó, ao som estridente dos clarins das vitoriosas tropas unificadoras, a 20 de setembro de 1870.
>
> O chefe ostensivo da igreja romanista não pôde suportar que, em torno dos muros do Vaticano, o povo entoe hosanas à Civilização e à Liberdade [89].

Quando perguntei à D. Anita sobre a participação de seu pai na Maçonaria, ela respondeu: "Ele era maçom. Até uma certa época. Aí os padres carmelitas cantaram muito no ouvido dele (...), em seguida a benção papal (...) maçônico não era uma religião (...) só que eram inimigos da Igreja Católica". Mostrou-me, então, a benção papal, emoldurada na parede, datada de 5 de dezembro de 1931[90]. E continuou:

> (...) meu pai então, já nessa época, já tinha passado para o catolicismo. (...). Eu fiz o seguinte. Depois que meu pai faleceu, a minha mãe ainda respeitou todo o tempo, depois que eu vi que a minha mãe e a minha irmã mais velha faleceram, eu disse: "eu vou dar fim nisso". Para mim, aquilo era um pecado, ter aquilo dentro de casa. Era um estojo assim, com pedras semi-preciosas, deve estar lá no pátio, decerto um dia que fizerem um edifício vão encontrar. Aí eu fiquei assim, aquelas coisas todas bordadas, com pedrarias e tudo... ele foi Grão-Mestre, ele foi não sei que mais, meu pai quando metia a cabeça era prá ir adiante. Meu pai, quando ele começou, tinha aí vários livros (...) Todas as histórias de religião o meu pai estudou, ele não foi por causa dos carmelitas não. Ele estudou as bíblias, todas elas. Então ele disse assim: "Depois de tanto estudar, Leopoldina, eu voltei para a hora do meu batismo", que ele foi batizado católico, né? (...) Ele voltou, fez novamente a comunhão, em respeito à maçonaria, que não aceitava. Mas sempre foi muito amigo do Grão-Mestre, o enterro dele foi todo... até tu podes ver, que diz ali que tinha representações da maçonaria. (...) Se bem que ele fosse um homem

[89] *O Lábaro*. Porto Alegre, 22/09/1900 (BRG). Agradeço a Francisco das Neves Alves pela localização e transcrição dessa fonte.

[90] Diz o documento: "Beatíssimo Padre, Francisco Javier (sic) da Costa, humildemente prostrado aos pés de Vossa Santidade, implora a Benção Apostólica e a Indulgência Plenária 'in articulo mortis' ainda mesmo que, não podendo confessar-me nem receber a Sagrada Comunhão, só invoque, arrependido, com a boca ou ao menos com o coração, o Santíssimo Nome de Jesus. [ilegível] Vatic. 5 dec. 1931" (APAXC).

> muito independente, mas eu acho que ele achou alguma coisa de fundo bom nos maçônicos, porque ele nunca falou contra. (...) Porque ele lia... ele enfiava a noite, porque ele vinha muito tarde, tinha serões (...).

Além das "cantadas" dos carmelitas e do estudo de diferentes religiões, o abandono da maçonaria parece ter sido motivado, também, pela influência de Leopoldina, muito católica, a qual, embora respeitasse as convicções do marido, nunca aceitou totalmente a sua atuação de "pedreiro-livre"[91].

Apesar das contrariedades familiares, Xavier da Costa participou, durante um bom tempo, dessa "(...) instituição fundamental para a sociabilidade ilustrada (...)", alicerçada na defesa da liberdade de pensamento e no racionalismo[92]. Nas lojas, o personagem provavelmente encontrou um espaço de discussão dos grandes problemas nacionais e das principais correntes de pensamento da época. Pondo em prática o seu "desejo de cultura", não é descabido pensar que ele tenha lido e debatido alguns textos publicados no *Boletim do Grande Oriente do Brasil*, como o intitulado "Socialismo e Anarquismo" de 1892. Nesse artigo, procura-se mostrar que as lutas operárias não se adequavam ao Brasil e eram motivadas pela ação de "hóspedes inoportunos e incômodos": os "imigrantes dos velhos países da Europa". A seguir, condena-se o anarquismo - concepção social que, "(...) admitida mesmo como uma aspiração filosófica, é falsa e está longe de corresponder às leis fundamentais da sociedade. (...) é por enquanto utopia e não pode ganhar terreno eliminando tudo que se antepõe à pretensão dos seus apóstolos" -, mas valoriza-se o socialismo - o qual, "(...) como doutrina, entra nas modalidades das formas democráticas (...)". Por isso, de acordo

---

[91] Entrevista ao autor, op. cit.

[92] BARATA, Alexandre M. A Maçonaria e a Ilustração brasileira. *Manguinhos*, v. I, nº 1, julho-outubro 1994. p. 81. Como Barata, adoto, nesse trabalho, a definição de "sociabilidade" proposta por Jean-François Sirinelli: "(...) ao mesmo tempo 'redes' que estruturam e 'microclima' que caracteriza um microcosmo intelectual particular". SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996. p. 253.

com o autor - nunca nomeado - "(...) é preciso (...) opor ao doutrinamento (...) do anarquismo, o ensinamento claro e positivo do socialismo (...)".

Em outro número do mesmo ano, o *Boletim* publicou um texto de A. J. de Macedo Soares com o tema "O direito de greve e o Código Penal". Nele, salienta-se, igualmente, a peculiaridade da questão social no país, lamentando-se "(...) que se queiram aplicar aqui os processos e as soluções do socialismo europeu". Defende-se, também, a harmonia dos interesses do capital e do trabalho: "separá-los não é possível; harmonizá-los é fácil, logo que presida às suas relações o eterno princípio da justiça: (...) dar a cada um o que é seu".

Um último exemplo das posições maçônicas a respeito da causa operária: em 1902 e 1903, Belisário Pernambuco realizou conferências no Grande Oriente do Brasil alusivas ao 1° de Maio, por iniciativa da loja Amor ao Trabalho. Transcrevo trechos de seus pronunciamentos:

> Fiel ao seu legendário programa, não pode por mais tempo a Maçonaria conservar-se indiferente ao martírio do operariado, subjugado pela prepotência dos capitalistas de mãos dadas com os governos que, só se lembram do povo para entregar-lhe as armas, nas crises perigosas, apelando para o patriotismo desse rebanho enfraquecido pela fome, ultrajado pela miséria e, descrente já do futuro reparador de tantas vicissitudes.
>
> A nossa Subl.: Instituição não pode voltar as costas ao massacre moral daqueles condenados pela sentença egoística dos fortes, e, se mantiver-se impassível nessa conjectura, revelar-se-á inútil à luz do sol deste século consagrado à imortalidade...
>
> É preciso que alguma coisa se faça em benefício desse ideal de harmonizarem-se os interesses recíprocos dos operários dependentes da onipotência dos capitais...
>
> .....
>
> Urge portanto fazer-se frente à grande revolução pacífica da transformação social, exercendo-se a propaganda da libertação dos proletários, pelas normas da equidade, evitando-se, com o maior empenho, as violências, dando sempre garantias ao trabalho, - capital intrínseco, e à propriedade, fonte do salário, - capital remunerador[93].

[93] *Boletim do Grande Oriente do Brasil. Jornal Oficial da Maçon.: Brasileira*, ano 12, n^{os} 9-10, novembro-dezembro 1892. p.p. 327-329; SOARES, A. J. de Macedo. O direito de greve e o Código Penal. *Boletim do Grande Oriente do Brasil. Jornal Oficial da Maçon.: Brasileira*, ano 16, n° 12, 1892. p.p. 327-8 e PERNAMBUCO, Belisário. *Comemoração do 1° de Maio: a Maçonaria e o proletariado*. Rio de Janeiro, Papelaria Ribeiro, 1902. p.p. 7-8. Ver também, do mesmo autor: *Comemoração do 1°*

Embora seja difícil detectar uma posição unificada da Maçonaria no tocante à questão social no Brasil, pelas citações acima, pode-se elencar os posicionamentos de alguns "pedreiros-livres" referentes ao assunto. Todos salientam a relevância e a atualidade do problema e reconhecem a exploração sofrida pelo operariado. Essa é concebida como tendo uma origem moral - a prepotência e a ganância dos patrões - e, portanto, na perspectiva dos autores, sua solução dependeria da harmonização dos interesses do capital e do trabalho. Tal objetivo deveria ser atingido de forma pacífica, dentro das regras democráticas. Por isso, no primeiro artigo citado, considera-se o socialismo a orientação ideológica mais adequada ao movimento operário.

Essas concepções, provavelmente, influenciaram e/ou reforçaram as idéias de Xavier da Costa sobre a sociedade burguesa: a visão moralista das injustiças sociais, a crença no socialismo enquanto via de emancipação do proletariado, a defesa de melhores condições de vida e trabalho aos operários através de reformas graduais e de meios democráticos etc.

No mesmo período, o líder socialista foi eleito 1° Secretário do Clube 24 de Maio, fundado a 10 de junho de 1885, com a finalidade de "praticar a beneficência entre os associados", auxiliando-os em caso de doença e contribuindo para os seus funerais[94]. Nesses diferentes espaços de sociabilidade - redações de jornais, entidades operárias, lojas maçônicas e clubes beneficentes - Francisco, e muitos de seus companheiros, encontraram um ambiente favorável à manifestação e à divulgação de idéias e ao exercício da cidadania, sobretudo diante de um Estado autoritário, que

---

de Maio: a Maçonaria e o socialismo. Rio de Janeiro, Papelaria Ribeiro, 1903. Agradeço aos colegas Alexandre Barata e Eliane Colussi por me cederem cópias dessas fontes.

[94] A eleição de Xavier da Costa foi noticiada pela *Gazeta do Comércio*. Porto Alegre, 29/05/1902. p. 2 (MCSHJC) e pelo *O Independente*. Porto Alegre, 01/06/1902. p. 3 (AHPA). Retirei as outras informações sobre a Sociedade dos *Estatutos do Club Beneficiente 24 de Maio*, aprovados em sessão de Assembléia Geral, realizada em 08/04/1908. Porto Alegre, Livraria do Comércio (IHG-RS).

restringia os canais tradicionais de participação política[95]. Concomitantemente, o personagem ampliava sua influência e consolidava sua identidade de líder operário.

2.2 - Carlos Cavaco: a busca de espaço junto a "bohemia da penna"[96]

O ano era 1906 e o mês de junho apenas começava. A tarde estava triste devido à chuva fina e impertinente que fustigava os vidros das janelas. Na rua, raros transeuntes desafiavam a lama espessa acumulada sobre as lajes escuras das calçadas... Por vezes, ao pombal fronteiro, regressavam pombos arrepiados. O velho sino da Matriz soluçava uns "toques monótonos, mais tristes que alegres, melancolizando ainda mais a tarde". Cavaco, "mergulhado em pesquisas", buscava assunto para uma de suas crônicas. De repente, fortes pancadas soaram na porta do corredor. Abrindo-a, Cavaco deparou-se com um "galante menino, de olhar inteligente e gestos delicados", que lhe entregou "qualquer cousa, caprichosamente acondicionada num papel azul".

- "Aqui está, Sr. Cavaco, o que o Papai lhe manda..." - disse o rapaz, antes de partir rápido, "fugindo às grosseiras carícias da chuva".

O Tribuno voltou ao seu gabinete, onde desfez o pacote e encontrou um livro. "Cheio de curiosidade", sentindo uma "profética alegria", leu a dedicatória

[95] Segundo Hilda Sábado, na América Latina, ao longo da segunda metade do século XIX, ocorreu um significativo aumento do número de associações dos mais diversos tipos - incluindo antigas e novas formas de sociabilidade - e o desenvolvimento da imprensa; fenômenos relacionados aos processos de construção da esfera pública e de expansão da cidadania. Para a autora, essas instituições constituíram-se em "(...) âmbitos de práticas e valores igualitários, espaços de intercâmbio comunicativo em que a autoridade do argumento e da razão predominava sobre as que poderiam emanar de qualquer hierarquia externa ou prévia". SABATO, Hilda. La ciudadanía en el siglo XIX: nuevas perspectivas para el estudio del poder político en América Latina. *Cuadernos de Historia Latinoamericana - Estado-nación, comunidad indígena, industria: tres debates al final del Milenio*. AHILA, nº 8, 2000.

escrita na primeira página - "Ao Carlos de Araújo (Cavaco) meu muito prezado amigo, Poeta de fino engenho e fino burilador da Prosa, ofereço (e é o primeiro que o recebe) este volume da *Visão do Ópio*, como prova da mais firme e leal Amizade" - e pensou:

> Tinha, pois, entre as mãos, como enviado divino, o mais alto assunto para a "Crônica" do dia seguinte: Um poema! E de quem?! Do Zeferino, do nosso Zeferino, do grande poeta da *Vovó Musa*, que já foi considerado igual ao próprio Bilac! Que alegria para o meu coração de poeta! De poeta que trabalha sempre, com entusiasmo, neste desolador "pólo norte literário"![97]

O "Zeferino" referido por Cavaco era o poeta Zeferino Brasil, que, na época, gozava de grande prestígio na Capital gaúcha. Chegado à cidade em 1879, ele publicou seus primeiros versos no jornal *Pensamento* de Fanfa Ribas. Os livros *Alegros e Surdinas* (1891) e *Traços cor-de-rosa* (1892) reúnem os poemas de sua fase juvenil. No mesmo período, começou a escrever no *Jornal do Comércio* e depois passou ao *Correio do Povo*, do qual foi colunista durante muito tempo, assinando seus textos com o próprio nome ou com diversos pseudônimos: "Diavolo", "Diabo Coxo", "Phoebes de Montalvão", "Lúcifer" etc. Seguiram-se várias outras obras: *Comédia da vida* (1897), *O meio: psico-fisiologia do alcoolismo*, *Na vida e na morte* (os dois de 1900), *Juca, o letrado* (1901), *Ester* (1902), *Pecados de velho*, *Vovó Musa* (ambos de 1903) e *O outro* (1904). Naquela tarde chuvosa, Cavaco recebeu um exemplar do recém finalizado *Visões do ópio*, poema dramático em sete capítulos[98].

Custódio Carlos transferiu-se para Porto Alegre bem mais tarde, em 1904, e logo buscou integrar-se nas redes de sociabilidade literária da cidade. Já no dia 14 de abril desse ano, o *Correio do Povo* apresentou um poema de sua autoria intitulado

---

[96] O título dessa seção é inspirado no da obra de BRAZIL, Zeferino. *Bohemia da penna*. Porto Alegre, Globo, 1932.

[97] Essa narrativa parte de uma crônica de Cavaco publicada no *Petit Journal*. Porto Alegre, 04/06/1906. p. 2 (MCSHJC).

"Quanto tu passas"[99]. Desde então, o personagem empenhou-se na busca de seu reconhecimento como escritor. Assim, por exemplo, em 12 de janeiro de 1905, o *Petit Journal* informou que ele seria o responsável pela "parte biográfica" de uma "obra histórica", cujo fim era "(...) evidenciar o mérito de rio-grandenses ilustres, com a publicação de sua biografia e retrato", "iniciativa do nosso operoso colega Carlos Reis, da *Revista do Sul* (...)". No mês seguinte, foi lançada a "revista artística" *Pampa*, dirigida por três "inteligentes moços": Cavaco (diretor literário), o pintor Libindo Ferraz (diretor artístico) e João Guimarães. Sobre o novo periódico, o *Petit* comentou: "No gênero, não se fez ainda cousa melhor em Porto Alegre: os desenhos são bons e o texto apresenta excelentes produções em prosa e uma bela poesia de Zeferino Brazil. Longa e próspera existência desejamos à interessante revista, ao agradecer o exemplar que nos foi enviado"[100]. Passado algum tempo, Cavaco escreveu a Zeferino, fazendo-lhe uma solicitação - "Tudo quanto aí tiveres de literatura, manda, pois vamos dar um nº 4 (mensal) digno até de inveja" - e convidando-o a ser o diretor literário do *Pampa*[101]. Ou seja, ao que parece, o "príncipe dos poetas rio-grandenses - epíteto atribuído a Brazil - apadrinhou a iniciativa dos "inteligentes moços", contribuindo para a sua visibilidade no meio cultural porto-alegrense.

Também em 1905, a seção literária do *Álbum do Rio Grande do Sul*, organizado pelo mencionado Carlos Reis, estampou a foto do Tribuno, ladeada dessas palavras: "C. CARLOS ARAÚJO - Cavaco - É conhecido pelas suas produções em prosa e verso, publicadas em vários jornais. Possui talento e tem no prelo um livro de

---

[98] As informações sobre Zeferino Brasil foram retiradas da *home-page* do ALZEB: http://www.pucrs.br/letras/pos/acersul/zeferinobrazil/acervo.htm

[99] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 47-8.

[100] *Petit Journal*. Porto Alegre, 12/01/1905. p. 2; 18/02/1905. p. 2 e 23/02/1905. p. 2 (MCSHJC), respectivamente. Localizei os dois primeiros números do *Pampa* na BRG.

poesias que breve será dado à publicidade"[102]. De fato, no mesmo ano, viu a luz o seu primeiro livro, *Rosicler*, prefaciado por Zeferino Brasil. O ilustre poeta procurou, inicialmente, justificar as imperfeições da obra, talvez antevendo as críticas que ela poderia sofrer:

> É este um livro de estréia.
> Não esperem, portanto, os entendidos uma obra perfeita, mesmo porque a Perfeição não existe fora dos dicionários.
> Ainda nem um autor conseguiu ser perfeito, e este mesmo mundo, que é obra de Deus, é a mais imperfeita de todas as criações.

A seguir, atestando sua ligação afetiva com Cavaco, afirmou que os méritos do texto resultavam das qualidades pessoais do autor:

> Todavia há neste livro muita mocidade, muito entusiasmo, e sobretudo - muito coração.
> Porque o seu autor é, antes de tudo e além de tudo - um bom. Conhece naturalmente as maldades do Homem, tem sofrido e visto sofrer, mas nunca concorreu para o alheio sofrimento.

Depois de analisar alguns poemas, Zeferino avalizou o jovem escritor, afirmando o seu talento e apostando em seu futuro: "(...) este livro revela um talento finíssimo e alto, de que há muito a esperar-se, mau grado a modéstia do autor (...)". O próprio Custódio Carlos, na dedicatória feita a Rosita, mostrou estar ciente das limitações de *Rosicler*, ao esclarecer:

> Não é um livro d'Arte, - bem o sabes. Representa somente o resultado de esforços meus, empregados nos momentos de descanso, quando os misteres da minha classe não me chamam a postos. É o que nós, os militares, denominamos na gíria das casernas "produto da folga".
> Consta o livro, como vês, de prosa e verso, - versos mal arranjados e prosa ensaiante.

Por isso, com um tom humilde, pouco usual em sua pena, adiantou-se às possíveis contrariedades, escrevendo:

---

[101] Carta de Cavaco a Zeferino Brazil. Sem referências de local e data (ALZEB). O convite, aparentemente, foi aceito pois uma nota do segundo número do *Pampa* informa: "Toda a colaboração poética deve ser dirigida a Zeferino Brazil". *O Pampa*. Porto Alegre, 03/1905. p. 1 (BRG).

[102] REIS, Carlos A. (org.). *Álbum do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Tipografia de Cesar Reinhardt, 1905. p. 144 (IHG - RS).

> O crítico, habituado a distinguir ao longe a presa, com o faro que só possuem os críticos, - fartar-se-á, à grande, neste pobre ROSICLER, que só tem o valor da espontaneidade e do entusiasmo com que foi traçado. Pode, pois, essa ave de rapina literária, - o Crítico, atirar-se sobre este trabalho de estréia, esfacelá-lo entre as garras venenosas e saciar, assim, a sua fome de presas fáceis[103].

Apesar das críticas que talvez tenha recebido, as "estratégias de consagração"[104] utilizadas pelo personagem parecem ter sido eficazes, pois ele conseguiu impor-se no mundo das letras da Capital gaúcha. Sobretudo a partir de 1906, Cavaco passou a publicar regularmente crônicas e poesias, não só na imprensa de Porto Alegre mas também na do interior do estado[105]. Além disso, em maio desse ano - ao lado de Zeferino e outros escritores locais - fundou um grêmio literário. Segundo o *Petit Journal*, "a primeira reunião teve lugar na residência do nosso amigo e colaborador Cavaco, ficando assentada a fundação do Grêmio"[106]. Em julho, Custódio Carlos tornou-se secretário de redação do *Petit*[107]. No final de 1906, participou de um acontecimento que sacudiu a vida cultural da cidade: a visita do escritor Coelho Netto. A fim de se compreender a importância desse fato, é preciso caracterizar melhor o meio literário porto-alegrense da época.

---

[103] ARAÚJO, Custódio Carlos de (Cavaco). *Rosicler (prosa e verso)*. Rio de Janeiro, Typografia, 1905. p.p. V, VII, IX e 15, respectivamente.

[104] Expressão de ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro, Lapa/Rocco, 1996.

[105] Alguns exemplos: Cavaco publicou um pequeno conto, "A lágrima do herói", na revista *A Semana Ilustrada*. Porto Alegre, 04/08/1906 (BPJP); uma crônica sobre as visitas do Presidente Affonso Penna pelo Brasil na *Revista do Sul. Semanário artístico, literário, comercial e noticioso*. Porto Alegre, 28/07/1906. p. 1 e um poema, "Ausente", no periódico *Via Láctea. Órgão do Club Litterario Brazileiro*. Porto Alegre, 07/1906 (BRG). No *Petit Journal*, encontram-se inúmeras crônicas e poesias de sua autoria. O mesmo jornal noticiou que seu texto "Tristezas" foi incluído no número 2 da revista *Ocidente*, "publicada sob a competente direção de alunos militares" da Escola de Guerra. *Petit Journal*. Porto Alegre, 16/07/1906. p. 2 (MCSHJC). É ainda através do *Petit* que se pode verificar a repercussão da produção literária de Cavaco no interior do estado: "A nossa ilustrada colega *Gazeta do Sul*, de Bagé, teve a gentileza, que agradecemos, de transcrever do *Petit* as duas produções poéticas 'Ressurreição' e 'Beijo do Luar', do nosso colaborador e amigo Carlos de Araújo (Cavaco)". *Petit Journal*. Porto Alegre, 18/06/1906. p. 1 (MCSHJC).

[106] *Petit Journal*. Porto Alegre, 05/06/1906. p. 1 (MCSHJC).

[107] Ver: *Petit Journal*. Porto Alegre, 01/07/1906. p. 1; 03/07/1906. p. 1; 10/07/1906. p. 2; 11/07/1906. p. 2; 18/07/1906. p. 2; 20/07/1906. p. 2 e 23/07/1906. p. 1 (MCSHJC).

Desde meados do século XIX, como parte do processo de modernização do Brasil, desenvolveram-se redes de sociabilidade literária nos maiores centros urbanos do país, especialmente no Rio de Janeiro, onde se constituiu uma "República das Letras", "funcionando de acordo com seus valores e símbolos":

> Da mesma forma que a República teria suas instituições, a "República das Letras" faria vigorar as suas, por meio dos cafés, das livrarias, das confeitarias, das revistas e dos salões da rua do Ouvidor e da Academia Brasileira de Letras. Assim, os intelectuais se organizaram em grupos de mútuo apoio e de choque, compondo as igrejinhas ou as "coteries literárias"[108].

Esses intelectuais inspiravam-se em padrões estéticos e existenciais europeus, principalmente franceses. Isso explica a "necessidade compulsiva" da elite letrada brasileira de passar temporadas no Velho Continente, sentimento bem evidenciado pelo cronista carioca Luís Edmundo: "Viajar-se. Espairece-se. O diabo é a volta. Com que tristeza aqui se desembarca, no Pharoux, depois de uma amável vialegiatura por lugares como Londres, Paris, Roma, Madrid ou Berlim!"[109].

Frente a tal panorama, Porto Alegre era vista, pelos intelectuais que nela habitavam, como a "província da província". Se muitos literatos atuantes no Rio sentiam-se decepcionados por não viverem em Paris, seus pares do sul experimentavam a dupla frustração de não estarem nem na "Cidade-luz" nem na "Cidade maravilhosa". O já citado Vivaldo Coaracy caracterizou dessa maneira as "literaturas provincianas":

> No Brasil existem dois centros literários de primeira grandeza. De primeira grandeza dentro da relatividade da cultura nacional, bem entendido. Rio de Janeiro e São Paulo.

---

[108] Consultar, entre outros: CONSTANTINO, Núncia Santoro de. A conquista do tempo noturno: Porto Alegre "moderna". *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XX, nº 2, dezembro 1994; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1999; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983 e VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1996 (do qual retirei a citação, p. 35).

[109] Apud PESAVENTO, S. J. *O imaginário*..., op. cit., p. 192.

> .....
>
> Isto não significa, em absoluto, que não existam, a par da "literatura nacional", irradiando daqueles focos de atração, diversas "literaturas provincianas" disseminadas pelos Estados do Brasil. E não atribuo ao adjetivo "provinciano" o sentido pejorativo que com freqüência lhe é emprestado. Sirvo-me do vocábulo no sentido próprio, apenas para indicar o caráter local e restrito, de repercussão limitada, dessas revelações de atividade do espírito[110].

Cavaco - que depois se tornou "inimigo literário" de Coaracy - compartilhava da apreciação do último sobre o ambiente intelectual porto-alegrense, superando, porém, em pessimismo o escritor carioca. Não por acaso, ele se referia à cidade como um "(...) desolador 'pólo norte literário'". Posteriormente, escreveu a Zeferino: "sigo hoje para aí [Porto Alegre] (...). Previne esta minha resolução aos nossos confrades, e espera-me para unidos, - eu e tu, - vencermos, no Rio Grande, a decadência literária"[111].

A despeito dessa visão negativa, na Capital gaúcha, os moços com aspirações literárias procuravam articular-se para dinamizarem a vida cultural local. Tais moços - sempre atualizados com as novidades do Rio de Janeiro - devem ter morrido de inveja ao saberem da nova moda literária daquela cidade: as conferências. Em outubro de 1905, o *Petit Journal* publicou uma crônica de João do Rio, na qual o escritor afirmava: "As conferências literárias são atualmente a coqueluche do Rio. Não há festa, não há divertimento que consiga diminuir-lhes a concorrência"[112]. Em maio do ano seguinte, veio a resposta sulina: no dia 4, realizou-se a primeira conferência desse tipo em Porto Alegre, quando o "dr. Olintho", com sua "palavra carinhosa e abalizada", abordou a tese "Crianças"[113].

---

[110] COARACY, V., op. cit., p.p. 53-4.

[111] Carta de Cavaco a Zeferino Brazil, escrita do "Regimento de Cavalaria / B. Policial". Sem referências de local e data (ALZEB).

[112] *Petit Journal*. Porto Alegre, 17/10/1905. p. 1 (MCSHJC). Sobre as conferências literárias, ver: GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1999. p. 92.

[113] *Petit Journal*. Porto Alegre, 04/05/1906. p. 2 (MCSHJC).

Não é descabido pensar que Cavaco assistiu à conferência e - ciente de seus dotes de oratória e convicto de seu talento artístico - logo se imaginou na posição do "dr. Olintho". Na continuidade da tese, mostrarei que, como conferencista, o personagem não apenas obteve uma fonte de renda extra mas também percorreu itinerários inusitados, fundamentais na configuração de sua trajetória afetiva e política.

Nesse ambiente - do qual se mirava Paris através do Rio -, o anúncio da visita de Coelho Netto provocou grandes expectativas. Afinal, ele era o autor mais lido da época, arrebatando a preferência do público com dezenas de romances de minuciosas descrições realistas e apelos épicos e românticos[114]. Em julho, o *Petit* noticiou a "próxima visita" de Netto e criticou a pobreza da vida literária local, resultado, "(...) em grande parte, do amontoado de elogios que são atirados a este ou aquele indivíduo que se fez competente à força de estudado reclame". O redator - possivelmente Cavaco - solicitou então: "cesse de vez a quixotada dos reclames, haja um certo escrúpulo em tudo quanto se relaciona com a Literatura; saia de sua imobilidade a Academia Rio-Grandense, e por certo melhores dias virão para as letras gaúchas"[115].

Nos trechos citados, percebe-se que Cavaco havia, de fato, conquistado uma posição de destaque nos círculos literários de Porto Alegre. Se, ao chegar a cidade, ele era um jovem com pretensões artísticas, em busca de visibilidade e de reconhecimento; passados menos de dois anos, seu prestígio lhe permitia criticar as regras de aceitação dos autores iniciantes, além de instituições como a Academia Rio-Grandense de Letras, fundada em 1902 pela "nata" dos escritores locais[116].

Impondo-se nesse meio, o personagem sentia-se autorizado a avaliar os aspirantes ao "caminho literário". Em 13 de junho de 1906, por exemplo, ele deu seu

[114] NOSSO SÉCULO: a memória fotográfica do Brasil no século XX. São Paulo, Abril, s/d. p.p. 212-3.
[115] *Petit Journal*. Porto Alegre, 06/07/1906. p. 1 (MCSHJC).
[116] PESAVENTO, S. J. *O imaginário...*, op. cit., p. 291.

parecer a respeito do "poema de amor" "Aracy", enviado pelo "Sr. Nemesio Gay", "(...) um moço aplicado ao estudo e que muito promete na Literatura". Valendo-se de argumentos semelhantes aos utilizados por Zeferino no prefácio de *Rosicler*, afirmou:

> O assumpto é de visível infantilidade; acusando, entretanto, o muito que pode fazer o jovem estreante, depois de estudar, pois não lhe falta inspiração.
>
> O poema é em prosa, e encerra vícios, - perdoáveis, por certo, em um incipiente que vem modestamente revelar a sua inclinação para o cultivo das letras, sem reclames e sem proteções.
>
> Aconselhamos ao talentoso moço que estude sem esmorecer, pois o caminho literário que conduz à Glória principia sempre com espinhos mas termina com flores[117].

O trecho mostra, mais uma vez, que a "República das Letras" sulina tinha regras precisas de aceitação e exclusão, as quais envolviam não apenas talento, mas também a proteção de escritores melhor posicionados na "hierarquia do prestígio". As fontes evidenciam, igualmente, a existência, no meio literário porto-alegrense - como no Rio - de "grupos de mútuo apoio e de choque". Sintoma disso é a nota do *Petit*, de 16 de julho de 1906, noticiando o aparecimento da revista *Semana Ilustrada*: "Pode bem ser que a mal contida inveja oriunda do bloco literário exclusivista ponha traves ao progresso da bela revista, o fato, porém, de ter sido publicado um número tão correto da *Semana Ilustrada*, constitui já uma vitória"[118]. No mesmo mês, o jornal apresentou a poesia "Conselho", de Cavaco, dedicada ironicamente "a um indivíduo que sofre da grave enfermidade espiritual de se julgar poeta...", cuja primeira estrofe diz:

> Levas fazendo, a golpes de Vontade,
> forçando a Rima, uns versos repelentes,
> para agradar, talvez, aos teus parentes
> para ganhar, talvez, celebridade[119].

---

[117] *Petit Journal*. Porto Alegre, 13/06/1906. p. 2 (MCSHJC).
[118] *Petit Journal*. Porto Alegre, 16/07/1906. p. 2 (MCSHJC). Lembro que Cavaco colaborou com essa revista.
[119] *Petit Journal*. Porto Alegre, 12/07/1906. p. 1 (MCSHJC).

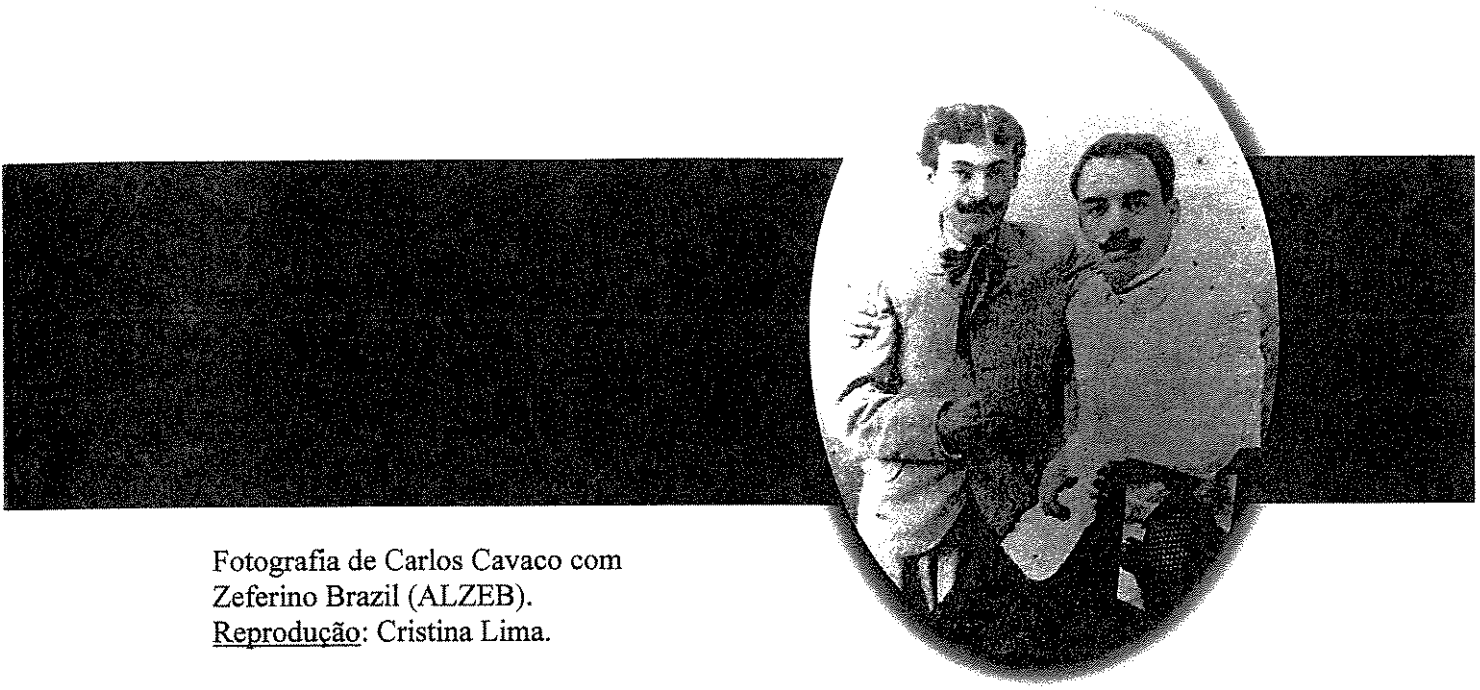
É possível pensar, pois, que, para garantir a sua posição recém conquistada de escritor reconhecido, Cavaco precisou investir contra o "bloco literário exclusivista", composto, provavelmente, de autores já consagrados, muitos deles reunidos na Academia de Letras do estado. O personagem procurava desqualificar seus opositores, acusando-os de não possuírem talento e de terem ganho celebridade a custa de reclames e bajulações.

Diante desses conflitos, quem compunha o grupo de "mútuo apoio", a "coterie", de Cavaco? Quem eram os "confrades" mencionados na sua carta a Zeferino?

O próprio Zeferino, sem dúvida, encabeça a lista. Ele e o escritor santanense, depois do apadrinhamento inicial, desenvolveram uma sólida amizade, marcada pela admiração mútua. O primeiro, na dedicatória de *Visão do Ópio*, chamou seu parceiro de "poeta de fino engenho e fino burilador da Prosa". Em contrapartida, Cavaco - juntamente com Cesar de Castro[120] e outra pessoa cuja assinatura não consegui identificar - escreveram a Zeferino, saudando-o pelo transcurso de seu aniversário: "(...) todos os dias, em todos os cantos do universo, há homens que 'passam mais um aniversário'. Mas, nem todos os dias, em todos os cantos do universo, esses homens são todos os príncipes gloriosos dos poetas de sua terra natal, os artistas que formam essa luminosa vanguarda dos excelsos eleitos da sua Pátria[121]".

[120] Cesar de Castro (1886-1930) participou, com Cavaco e Zeferino, entre outros, da organização do grêmio literário mencionado anteriormente. A lista de suas obras é citada em VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre, A Nação/IEL, 1974. p. 127.

[121] Carta de J. Cesar de Castro, [assinatura ilegível] e Carlos de Araújo (Cavaco) a Zeferino Brazil. Porto Alegre, 24/04/1906 (ALZEB).



Fotografia de Carlos Cavaco com Zeferino Brazil (ALZEB).
Reprodução: Cristina Lima.

Alcides Maya (1878-1944) também participava do grupo literário de Cavaco. Nesse período, ele ainda não tinha publicado *Ruínas vivas* (1910), romance regional que lhe abriu as portas da Academia Brasileira de Letras em 1913. Todavia era conhecido na cidade por seus livros *Pelo futuro* (1897), *O Rio Grande independente* (1898) e *Através da imprensa* (1900), e por diversos artigos publicados no *Correio do Povo*, no *A Reforma*, no *A República* e outros. Segundo Coaracy, na primeira década do século XX, Maya "(...) já havia transferido a residência para o Rio de Janeiro, convencido de que só no ambiente cultural do centro tornaria conhecido o seu nome. (...) Eventualmente, aparecia em Porto Alegre, em demoradas visitas, para conservar contato imediato com o meio literário local, que procurava estimular"[122]. Em uma dessas visitas deve ter conhecido Custódio Carlos, com quem compartilhava o enfoque regionalista e mantinha relações pessoais. Em 25 de maio de 1906, o Tribuno dedicou-lhe o poema intitulado "Ressurreição". Na mesma época, possivelmente

[122] COARACY, V., op. cit., p. 57. As informações sobre Maya foram obtidas em: MASINA, Léa. *Alcides Maya: um sátiro na terra do curupira*. Porto Alegre/São Leopoldo, IEL/UNISINOS, 1998 e PESAVENTO, S. J. *O imaginário...*, op. cit.

durante uma estadia na Capital Federal, escreveu a Zeferino essa mensagem, na qual se vislumbra os laços existentes entre os escritores: "Sobre o que me recomendaste, nada te posso dizer, pois o Alcides a quem enviei a tua carta por intermédio do Raul Pederneiras, o Alcides não me procurou; todavia espero"[123].

Coaracy registrou também a presença de "um moço louro, tez clara, olhos azuis, a revelar a ascendência germânica" nessa "coterie": Lindolfo Collor (1890-1942). "Pobre e tímido", estudante de Farmácia, "aspirava a uma carreira literária e publicou um volume de versos melancólicos, de inspiração simbolista, de que não recordo o título. (...) Lembro-me bem, porém, de sua penetrante inteligência, que brilhava nos longos serões em que discutíamos teorias estéticas na sala deserta da Farmácia Italiana, da qual foi gerente". Cavaco e Collor, provavelmente, se conheceram em um desses serões; ou então na redação do *Petit*; ou talvez por intermédio de Zeferino[124]. O certo é que seus caminhos se cruzaram várias vezes, com repercussões importantes para ambos[125]. Nas palavras de Coaracy, Lindolfo, "um dia, desenganado com o ambiente, tomou de repente um vapor e veio tentar a aventura do Rio de Janeiro. Logrou entrar para a imprensa, que lhe serviu de degrau para ingressar na política. E esta lhe proporcionou a carreira, de todos conhecida, que as letras lhe haviam negado"[126].

Dos escritores ligados a Cavaco nesse período, destaco, por fim, Arthur Pinto da Rocha (1862-1930), autor de inúmeras obras publicadas em Coimbra (Portugal) e

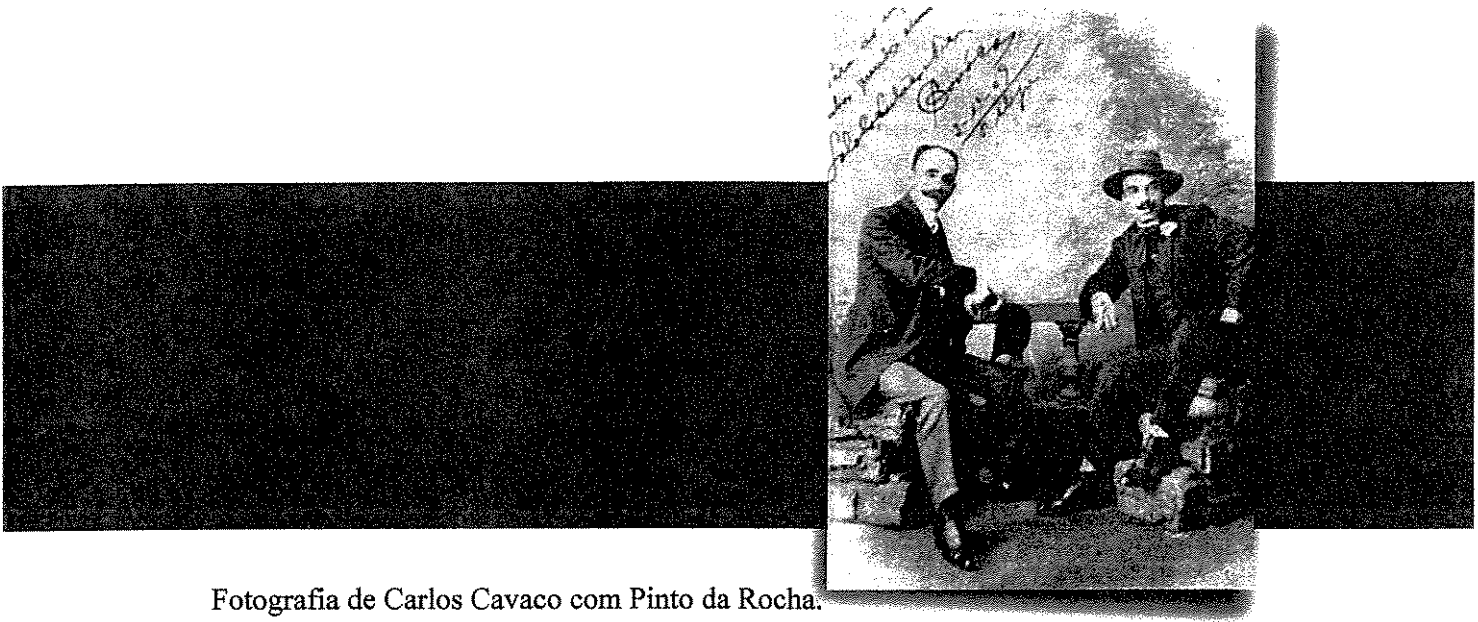
---

[123] *Petit Journal*. Porto Alegre, 25/05/1906. p. 1 (MCSHJC) e carta de Cavaco a Zeferino Brazil, escrita do "Regimento de Cavalaria / B. Policial". Sem referências de local e data (ALZEB).

[124] As duas últimas hipóteses foram construídas a partir dos seguintes indícios: Collor publicou um poema de sua autoria, "Saudade", no *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/02/1905. p. 1 (MCSHJC) e, em 1909, escreveu a Zeferino, dizendo ser seu "amigo e admirador". Cartão de Lindolfo Collor a Zeferino Brazil. Canoas, 01/12/1909 (ALZEB). As obras de Collor encontram-se listadas em VILLAS-BÔAS, P., op. cit., p. 139.

[125] No ano de 1910, Lindolfo e Custódio editaram, em Porto Alegre, o *Correio da Tarde*. Após a Revolução de 1930, o último tornou-se oficial de gabinete de Collor no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (ver o último capítulo dessa tese).

em Porto Alegre[127]. A fotografia abaixo é de 1909, mas é possível que eles já se conhecessem antes, pois os dois participaram da recepção a Coelho Netto em 1906.



Fotografia de Carlos Cavaco com Pinto da Rocha.
Fonte: CAVACO, C. *Na luz da liberdade*, op. cit., entre as páginas 8 e 9.
Reprodução: Bernardo Zortea.

Enfim, após chegar a Porto Alegre, Cavaco conheceu algumas pessoas que tiveram grande influência na sua trajetória. O exercício da literatura - assim como a militância, no caso de Xavier da Costa - abriu ao personagem um campo de possibilidades, de escolhas, a partir das quais ele delineou seus itinerários estéticos, profissionais, políticos e afetivos.

Os jovens literatos citados acima fizeram parte de uma geração - aqui entendida enquanto "(...) uma reunião de homens marcados por um grande evento ou por uma série de grandes eventos"[128] -, chamada de "Geração *Correio do Povo*"; pois,

---

[126] COARACY, V., op. cit., p. 60.
[127] VILLAS-BÔAS, P., op. cit., p.p. 428-9. Uma curiosidade: em janeiro de 1905, quando Cavaco ainda não era redator do *Petit*, o jornal atacou a reputação de Pinto da Rocha, chamando-o, entre outras coisas, de "doutor em pederastia passiva". *Petit Journal*. Porto Alegre, 03/01/1905. p. 2 (MCSHJC).
[128] Ver: SIRINELLI, Jean-François. Effets d'âge et phénomènes de génération dans le milieu intellectuel français - Les Khagneux et normaliens des années 1920: un rameau de la "génération de 1905"? *Les Cahiers de l'Institut d'Histoire du Temps Present: générations intellectuelles*, nº 6, novembro 1987. p. 43. Robert Darnton aborda a questão de forma semelhante, ao tratar da boemia literária francesa do Antigo Regime. Segundo ele, "nascimentos e mortes sobrepõem-se em demasia

"(...) nas páginas deste jornal e no do *Comércio*, assim como também através da Livraria Americana (...) ela encontrou, localmente, publicação para suas obras. (...) Parte deles, e saindo - ou não - da acanhada Porto Alegre rumo ao Rio, tiveram sensibilidade suficiente para expressar as mutações da sua cidade"[129].

Um dos grandes eventos que moldaram a "Geração *Correio do Povo*" foi a visita de Coelho Netto ao Rio Grande do Sul. O famoso romancista maranhense chegou à Capital gaúcha em 15 de dezembro de 1906, a bordo do vapor Itapacy. Esperavam-no, no cais, intelectuais, autoridades, uma banda de música e foguetes. Nesse mesmo dia, o *Correio do Povo* estampou em sua primeira página o retrato de Netto, "(...) emoldurado por um editorial e mais um belo estudo de Alcides Maya escrito do Rio (...)". Zeferino Brazil também juntou-se às homenagens, escrevendo um "(...) longo e magistral poema dedicado ao ilustre visitante".

Coelho Netto participou de inúmeras recepções e proferiu duas conferências no Teatro São Pedro: uma intitulada "Palavra" e outra, "A arte de ser bela". A 24 de dezembro, a bordo do Mercedes, "diante de um aluvião de adeuses cordiais e despedidas saudosas", deixou Porto Alegre rumo a Pelotas e, depois, partiu para outras cidades do interior do estado[130]. De acordo com as memórias de Olyntho Sanmartin,

> Dessa memorável visita ficou uma fotografia, sempre lembrada e procurada, onde aparecem Coelho Netto, dr. Adolfo Martins Menezes, intendente municipal de Uruguaiana, drs. Ulisses de Nonoahy, Sérgio Ulrich de Oliveira, Alberto Rêgo Lins e Carlos Cavaco. Esse longínquo

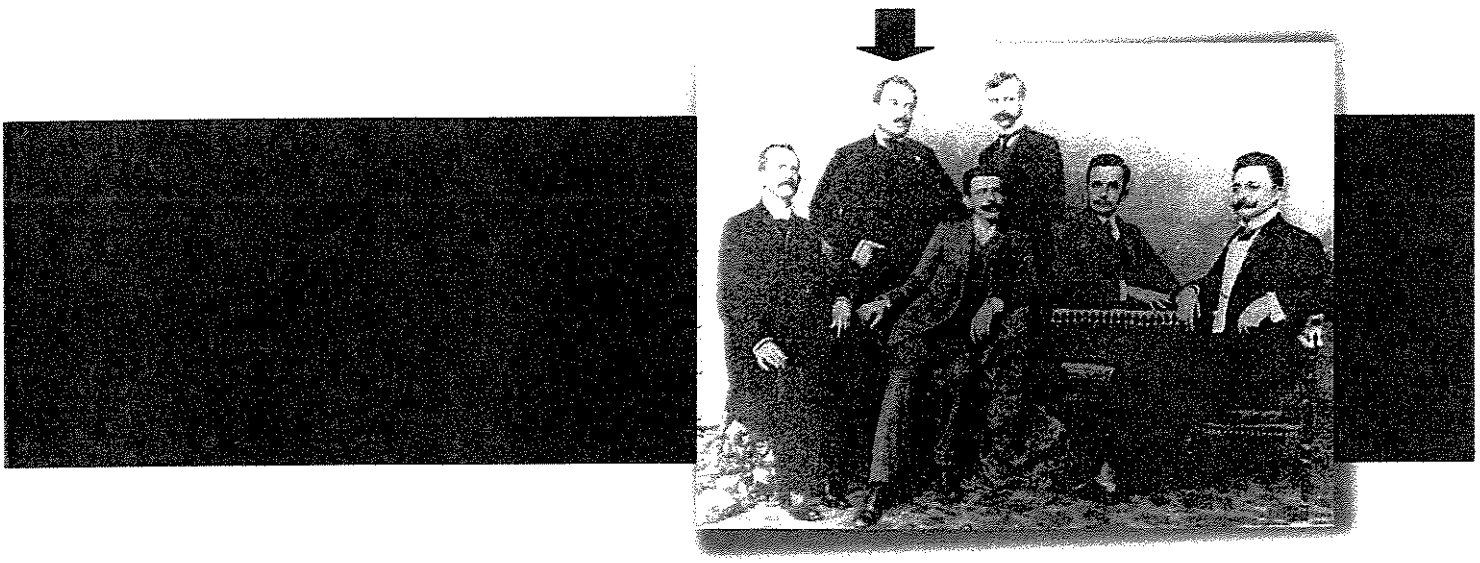
---

para serem colocados em categorias distintas, mas as 'gerações' podem ser diferenciadas em matéria de eventos experimentados". *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p. 211 (nota 31).

[129] PESAVENTO, S. J. *O imaginário*..., op. cit., p. 284.

[130] Cavaco acompanhou Coelho Netto em seu périplo pelo interior do estado. Ver: *Petit Journal*. Porto Alegre, 31/10/1906. p. 2; 05/11/1906. p. 1; 18/01/1907. p. 2; 23/01/1907. p. 2; 26/01/1907. p. 2; 30/01/1907. p. 2; 01/02/1907. p. 2; 13/02/1907. p. 1; 25/02/1907. p. 1 e 26/02/1907. p. 1 (MCSHJC).

mês de dezembro de 1906 não foi esquecido e o nome de Coelho Netto ficou incorporado à história das festas culturais da terra rio-grandense[131].



Fotografia da homenagem a Coelho Netto em 1906.
Fonte: CAVACO, C. *Na luz da liberdade*, op. cit., entre as páginas 16 e 17.
Reprodução: Cristina Lima.

Portanto, em torno de Coelho Netto, aglutinaram-se diversos escritores vinculados, em maior ou menor grau, a Cavaco: Caldas Júnior - diretor do *Correio do Povo*, onde o personagem fez a sua estréia literária em Porto Alegre -, Alcides Maya, Zeferino Brazil e também Cesar de Castro e Pinto da Rocha, igualmente mencionados por Sanmartin. A visita do ilustre romancista deve ter reforçado os laços que uniam essas pessoas, dando maior visibilidade e legitimidade ao grupo na cena cultural porto-alegrense.

* * *

Antes mesmo de chegar a Porto Alegre, Cavaco era conhecido pela sua eloqüência. Na Capital gaúcha, seus dotes de oratória também ganharam fama. Segundo Sanmartin,

[131] A narrativa sobre a visita de Coelho Netto a Porto Alegre baseia-se em SANMARTIN, Olyntho. *Um ciclo de cultura social*. Porto Alegre, Sulina, 1969. p.p. 25-6.

> Carlos Cavaco, bem apresentado, de estatura imponente, sabia proferir discursos arrebatadores, com tonalidade admirável na voz. (...) Tornava-se assim popularmente simpático, admirado e aplaudido. (...)
>
> Sua atividade cultural era intensa, participando de todos os movimentos literários. Era uma personalidade notória que se associava às promoções públicas, sendo seus discursos ouvidos com avidez e entusiasmo. Do mesmo modo nos serões, tertúlias e conferências literárias[132].

Nesse sentido, o personagem discursou em inúmeras ocasiões, como na "festa escolar" organizada pelo "ilustrado educacionista sr. Louzada", em julho de 1906, e durante a apresentação da Companhia Dramática Portuguesa, no mês seguinte. Na última, conforme a notícia do *Petit*, o "talentoso literato" orou da platéia, sendo "(...) extraordinariamente aplaudido ao terminar a sua bem imaginosa saudação. A instancias do ator Sarmento subiu ele ao palco, onde abraçaram-se efusivamente"[133].

Com sua personalidade esfuziante - "ele (...) nada fazia sem estardalhaço", resumiu o memorialista Nilo Ruschel[134] - e apoiando-se em uma bem sucedida estratégia de auto-promoção pessoal - notícias na imprensa, discursos públicos, amigos influentes - Cavaco tornou-se uma figura popular na cidade, chegando a servir de "garoto propaganda" de uma publicidade do "Elixir de Nogueira":

> PERGUNTA
>
> Porque é forte e robusto
> O "seu" sargento Cavaco?
> - Toma Elixir de Nogueira
> Salsa, caroba e guaiaco[135].

O "reclame" evidencia, igualmente, algumas características que, desde a infância, passaram a compor a imagem pública do personagem, como a força e a robustez. Apesar dessa popularidade, não encontrei muitas informações a respeito de suas atividades profissionais no período. De acordo com Caggiani, ele "abandonou a

---

[132] Idem ibidem, p. 29.
[133] *Petit Journal*. Porto Alegre, 03/07/1906. p. 2 e 01/08/1906. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.
[134] RUSCHEL, Nilo. Vamos falar no Cavaco?. In: ___. *Rua da Praia*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1971. p. 40.

vida militar em 1904"[136]. Porém, os versinhos transcritos acima, falam do "seu" sargento Cavaco.

O personagem também trabalhou nas redações da *Gazeta do Comércio*, do *Pampa*, do *Petit Journal*, entre outros periódicos. Afinal, "(...) naquela época, se improvisavam jornalistas, recrutados nas mais diversas profissões"[137]. A atividade jornalística, contudo, não parece ter sido suficiente para garantir o seu sustento e o de sua família pois, acompanhado de Rosita, ele deixou Porto Alegre e instalou-se no Rio de Janeiro[138].

Essa mudança talvez atendesse às exigências de sua carreira militar, pois, nas cartas que escreveu a Zeferino, provavelmente da Capital Federal, registrou: "Regimento de Cavalaria / Batalhão Policial"[139]. Ou então, seguindo o caminho de outros escritores gaúchos, ele pode ter visto no Rio um horizonte mais favorável à realização de suas pretensões literárias. Para os praticantes das "literaturas provincianas", chegar à "Cidade Maravilhosa" significava, "não só ver e sentir o 'clima' da 'capital literária' do Brasil, mas provavelmente obter o reconhecimento externo e colher as oportunidades que a metrópole nacional oferecia aos jovens talentos"[140]. Em uma missiva dirigida ao Presidente do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, Cavaco deixa clara a sua ambição de participar do meio literário carioca: "os horizontes da literatura me sorriam na Capital da República e um jornal ilustrado,

---

[135] *Petit Journal*. Porto Alegre, 01/06/1905. p. 1 (MCSHJC).
[136] CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco*..., op. cit., p. 27.
[137] COARACY, V., op. cit., p. 22.
[138] Deduzi que Rosita o acompanhou pelas indicações presentes na carta de Cavaco a Zeferino Brazil, escrita do "Regimento de Cavalaria / B. Policial". Sem referências de local e data (ALZEB). Diz o remetente: "Todos os dias, eu e Rosita nos lembramos de vocês - de ti [Brazil], de D. Celina, Carlinhos; de todos, enfim, dessa boa casa".
[139] Cartas de Cavaco a Zeferino Brazil, escritas do "Regimento de Cavalaria / B. Policial". Sem referências de local e data (ALZEB).
[140] PESAVENTO, S. J. *O imaginário*..., op. cit., p. 289.

por mim fundado e dedicado à colônia sul-rio-grandense no Rio - *O Gaúcho*, seria o meu alicerce de popularidade literária, conforme opiniões de Mestres"[141].

Entretanto, apesar do tom otimista, as dificuldades econômicas continuaram a direcionar a trajetória de Cavaco e parecem ter determinado a sua volta a Porto Alegre. Algumas fontes avalizam tal suposição. Do Rio, ele escreveu a Zeferino, pedindo: "Avisa-me com a máxima urgência quando tem lugar o concurso p[a]. o Tesouro estadual. Avisa-me dando instruções, amplas instruções"[142]. Mais explícita é a citada correspondência enviada ao Presidente do Estado, na qual o remetente declara, inicialmente, considerar Borges "(...) um homem pouco vulgar na geração atual, e que sabe meritar a quem méritos possui". A seguir, relata os serviços que prestou ao PRR:

> Sou, talvez, um desconhecido, talvez o último soldado do glorioso partido republicano; entretanto, em dedicação, e não em posição social, pois V. Excia. já teve ocasião de me ouvir diante do túmulo d'Ele [provável referência a Júlio de Castilhos, primeiro Presidente do Estado e figura mítica do PRR] e tem lido, bem o sei, a minha altiva colaboração política no jornal do partido.

Apoiado nessa dedicação, Cavaco apresentou sua demanda:

> Hoje, diante de uma série de fortes circunstâncias, sou forçado a pedir à V. Excia. um obséquio: - o posto de oficial na Brigada Militar. Tenho, prezado Chefe, aptidões militares que me fazem merecedor dessa distinção; tenho exame prático, 4 anos de sargenteação, fui sargento-ajte. e sargento quartel-mestre, tenho ocupado postos de alta confiança e a minha conduta boa, ótima mesmo, pode ser atestada: na vida militar, pelo Chefe do Es[to] Maior, Com[te] do D[to]., oficiais superiores, subalternos etc etc; na civil, por uma sociedade inteira, no seio da qual sempre vivi rodeado de carinhos.

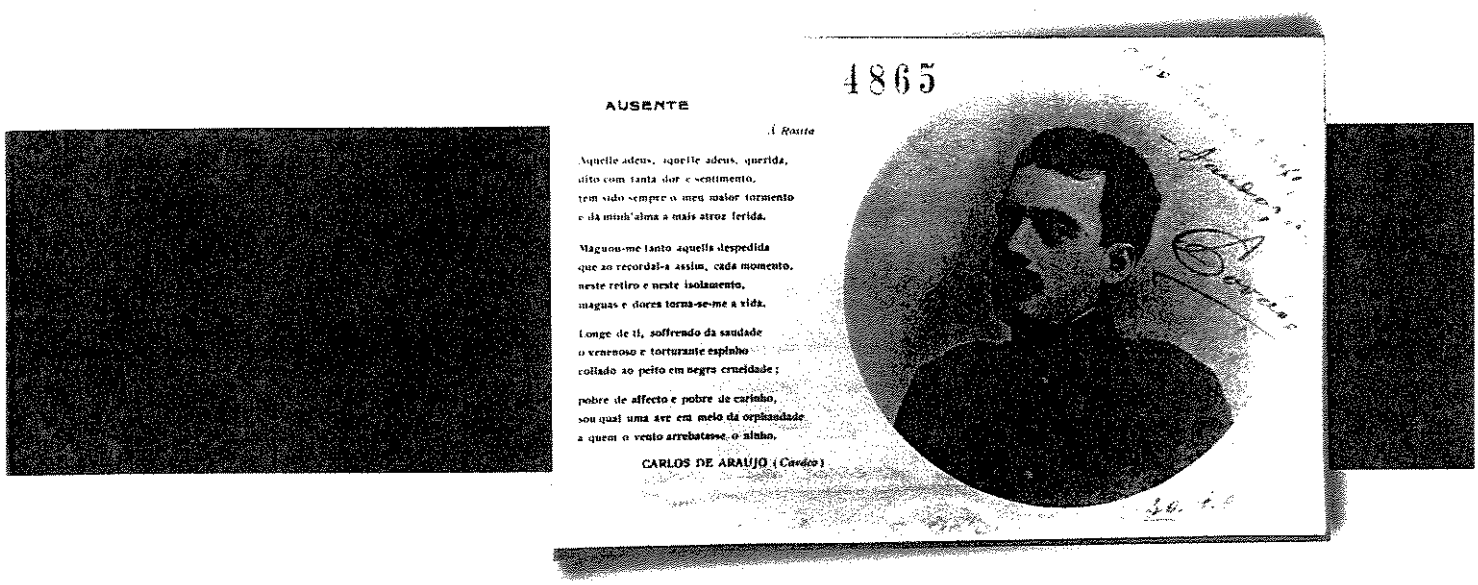
Ressaltando que outras oportunidades profissionais se lhe apresentavam na Capital federal[143], ele afirmou:

---

[141] Carta de Cavaco a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 30/04/1906 (ABM/IHG-RS).
[142] Carta de Cavaco a Zeferino Brazil, escrita do "Regimento de Cavalaria / B. Policial". Sem referências de local e data (ALZEB).
[143] Na carta, Cavaco escreveu: "Não fosse a minha idolatria ao Estado de que sou filho (...) e por certo estaria promovido na polícia do Rio conforme o desejo do [ilegível] Rodrigues Alves".

> Eu, porém, tudo abandonei p[a]. novamente pisar a terra abençoada de Borges de Medeiros, na qual aqui desejo me tornar capaz de auxiliar a República.
>
> Assim, na certeza da obtenção do que desejo, peço à V. Excia. que me indique os meios que devo empregar para realizar o meu ideal.

Enfim, Cavaco - frente a uma "série de fortes circunstâncias" - pediu auxílio a Borges a fim de obter o posto de oficial da Brigada Militar. Para tanto, invocou o seu histórico de "soldado do glorioso partido republicano" e o seu amor pelo Rio Grande e, sobretudo, valeu-se das redes de compromissos características da República Velha, como se percebe nas frases que encerram a correspondência: "o portador - meu prezado am°., colega e correligionário Octávio Barão - melhor dirá à V. Excia. o que eu aqui, por dever, não digo. De V. Excia. leal sol°. e am°...."[144]. No mesmo envelope, ele incluiu o cartão reproduzido abaixo, buscando, quem sabe, demonstrar o seu talento literário e estabelecer laços mais pessoais com o destinatário.



Impresso com fotografia e poesia assinado por Cavaco e dirigido a Borges de Medeiros, em 30 de abril de1906 (ABM/IHG-RS).
A foto impressa nesse cartão parece ter sido a imagem "oficial" de Cavaco no período. Ela aparece também no referido *Álbum do Rio Grande do Sul*, de Carlos A. Reis, e ilustra o livro *Rosicler*.
Reprodução: Roberto Cataldo.

[144] Carta de Cavaco a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 30/04/1906 (ABM/IHG-RS).

Não consegui descobrir se a solicitação de Cavaco foi atendida. De qualquer forma, em 9 de agosto de 1906, na coluna do cômica do *Petit Journal*, assinada pelo "Periquito", consta o seguinte comentário: "Por ato de hoje virou paisano o nosso amigo e companheiro de redação Carlos Araújo ('Cavaco'). É possível que amanhã o colega apareça já à caráter, enfiado em bem confeccionado terno preto e de borzeguins, dos tais..."[145]. Ao que parece, portanto, a partir desse período, Cavaco abandonou definitivamente a vida militar e passou buscar outras alternativas profissionais.

* * *

Nesses primeiros anos do século XX, os documentos consultados permitem entrever instantâneos da vida pessoal e afetiva do personagem, especialmente de seu relacionamento com Rosita, marcado por manifestações públicas de carinho e ruidosas brigas e separações. Nas palavras de Nilo Ruschel,

> Personagem tão irrequieto e novelesco, Cavaco não poderia ter uma vida familiar muito tranqüila. Por várias vezes separou-se da mulher. E depois de cada briga, ele voltava, começando pela forma romântica de então. Postava-se à esquina, perto da casa, e de longe, principiava a namorar, ao melhor estilo, a deusa dos seus sonhos... Bilhetes, versos, ramalhetes de flores[146].

Ao contrário de Xavier da Costa, o qual, seguindo os modelos de respeitabilidade vigentes na época, zelou pela privacidade de suas relações familiares; Cavaco amplificou-as, noticiando detalhes de seu quotidiano doméstico. Tal atitude não parece estar ligada apenas às suas idiossincrasias, mas igualmente a uma postura

---

[145] *Petit Journal*. Porto Alegre, 09/08/1906. p. 1 (MCSHJC). Em outubro de 1906, o mesmo jornal informou que Cavaco "(...) foi excluído do exército há pouco tempo". *Petit Journal*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

[146] RUSCHEL, N., op. cit., p.p. 43-4.

estética e existencial, inspirada pelo romantismo, que rompia as fronteiras entre arte e vida. Assim, em maio de 1906, o *Petit Journal* publicou uma poesia do Tribuno, denominada "À Rosita", com a seguinte observação do autor: "Vendo a minha 'estante' toda enfeitada de 'madressilvas' e sabendo que foi uma Rosa que a enfeitou":

> Por um capricho galante,
> - ó minha flor caprichosa!
> ornamentaste de rosa
> a minha modesta "estante".
>
> - "De rosa?!... nem semelhante...
> De madressilva cheirosa,
> que eu fui colher, cautelosa,
> no jardinzinho elegante".
>
> De rosa, sim, meu amor;
> pois mesmo vendo outra flor
> altiva, bela e graciosa,
>
> eu te garanto - não minto -
> no seu perfume eu pressinto
> sempre o perfume da Rosa...[147]

Os versos acima ilustram bem esse processo de estetização da vida, levado a cabo pelo poeta, que tomava os pequenos detalhes do dia-a-dia como fonte de criação artística. Porém, nem sempre a sua pena transmitia a imagem da felicidade conjugal, prenhe de carinhos e atenções mútuas. Ao contrário, mais freqüentes eram os textos abordando o "amor desfeito" - tema recorrente na literatura romântica -, talvez um indício das brigas que volta e meia afastavam o casal:

> Nunca mais! Entre nós tudo morreu,
> findou p'ra sempre a noite da loucura;
> devolvo, altivo, tudo que foi teu
> e que me deste, cheia de ternura.

[147] *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/05/1906. p. 1 (MCSHJC).

Em outros momentos, o tom peremptório - "findou p'ra sempre" - dava lugar à expressão da saudade, do sofrimento causado pela distância da mulher amada, como nos dois poemas intitulados "Ausente", ambos dedicados a Rosita:

> Ontem, querida, imerso na saudade
> que esta ausência cruel vai aumentando,
> passei a noite inteira suspirando
> cheio de dor e pleno de ansiedade.
>
> Aquele adeus, aquele adeus, querida
> dito com tanta dor e sentimento
> tem sido sempre o meu maior tormento
> e da minh'alma a mais atroz ferida.

No texto "Louquinha", Cavaco insinua qual era o principal obstáculo para a plena realização desse amor: "- E tiveste ciúme?" - pergunta à sua interlocutora imaginária (ou nem tanto), que responde:

> Sim, tive. A tua ingratidão é manifesta. Sempre dizes que só a mim professas amor, que eu sou a tua vida e... que sei eu?! Entretanto, ontem no baile, de tudo te esqueceste, e lembrando alguma "outra", disseste, que horror! Que no mundo tinhas duas estrelas! Duas estrelas!... Não te bastava a minha amizade, o meu grande amor? Ingrato!... Todos os homens são pérfidos, volúveis...

Mas ele a contesta:

> - Louquinha! Acreditas, então, que por outra eu te esqueça? Que existe outro coração roubando-te o meu carinho? Louquinha!
> .....
> Não compreendeste? Essas duas estrelas, que tanto fazem-te sofrer, torturando-te com o ciúme; essas duas estrelas... não adivinhaste, ainda? - São os teus olhos, querida, são os teus lindos olhos castanhos, martirizados pelos meus beijos.

Zeferino Brazil, no prefácio de *Rosicler*, destaca, igualmente, a importância do sofrimento amoroso como fonte de inspiração de Cavaco: "Crucificado, embora, pela amarga ausência da linda eleita do seu coração, o poeta espera-a resignadamente, na magnífica esperança de que, voltando arrependida, ela venha de novo

'bondosamente lhe perfumar a vida'"[148]. Nesse ponto, o personagem seguia uma tendência mais geral da literatura brasileira do período, sobretudo daquela de inspiração romântica, que associava amor e dor. Não por acaso, ele se referia à "sublimidade" do amor contrariado e afirmava: "(...) a Dor, longe de enfeiar a alma, mais bela a torna para a Alegria. Sofrer é nobre..."[149].

Na mesma época, a morte da mãe também entristeceu Cavaco profundamente:

> Ontem, ralado por uma saudade que me punge a cada instante e a cada instante me dilacera a alma, fui levar, entre lágrimas, algumas orações nascidas d'alma, ao túmulo onde repousa o ente mais perfeito que me foi dado conhecer na imperfeição do mundo - minha Mãe. Avancei, triste, por entre a quietute dos túmulos. O cemitério estava em absoluta solidão, somente interrompida pela minha maguada presença ou pela presença inocente de algum pássaro que fizera o ninho quente entre os ramos dos ciprestes, sem compreender, o pobre! que fazia a casa, para viver, num lugar de mortos... Debrucei-me sobre o mármore do sepulcro querido e... vazei a alma[150].

As fontes localizadas trazem ainda algumas pistas referentes aos vínculos que Cavaco manteve com seus irmãos após a mudança para a Capital gaúcha. Por exemplo ele dedicou à Rosina a poesia "Suspiro breve..."; a Aquino, os versos de "Leito misterioso" e às suas irmãs, os de "Volta ao lar"[151]. Além disso, depois da morte da mãe, o Tribuno parece ter se tornado o responsável pelas irmãs solteiras, como era praxe nas famílias "de bem". Nesse sentido, em maio de 1906, o *Petit* informou a chegada à cidade do "distinto médico militar" Luiz Pedro Pereira de Sousa, que "(...) conforme há dias noticiamos, vem contrair núpcias com a gentil senhorita Amanda de Araújo, digna irmã do nosso amigo e colaborador Carlos de Araújo (Cavaco)". O último, possivelmente, representou os interesses de Amanda e serviu de fiador da sua

---

[148] Citações de CAVACO, C. *Rosicler*, op. cit., p.p. 37, 21, 33, 64 e VII, respectivamente.
[149] *Petit Journal*. Porto Alegre, 21/05/1906. p. 1 (MCSHJC).
[150] *Petit Journal*. Porto Alegre, 18/06/1906. p. 1 (MCSHJC).
[151] CAVACO, C. *Rosicler*, op. cit., p.p. 26 e 31, respectivamente, e *Petit Journal*. Porto Alegre, 09/03/1906. p. 1.

honra. Uma notícia divulgada posteriormente talvez permita supor que outra de suas irmãs, Matilde, morava com ele em Porto Alegre. Conforme o *Petit*, no dia 9 de julho de 1906, "um indivíduo desconhecido, tentou penetrar na casa de residência do nosso companheiro Carlos de Araújo". O roubo só não se efetivou devido à ação de Rosita e da "senhorita Mathilde Carlos de Araújo", as quais "(...) corajosamente repeliram o agressor, empurrando-o da janela para a rua"[152].

Nos trechos citados, pode-se apreender algumas representações de gênero expressas pelo personagem. Na sua pena, a mãe e a esposa continuavam a ser objetos de grande idealização: a primeira aparece caracterizada como o "ente mais perfeito" e a segunda, comparada às flores do jardim. Todavia, nos textos de Cavaco, inspirados pela estética romântica, não cabia preferencialmente a Rosita o papel de esposa-mãe-dona-de-casa - como era o caso de Leopoldina Xavier da Costa -, mas sim, o de uma mulher ativa, que decide sobre seus relacionamentos afetivos, tomando, inclusive, a iniciativa de deixar o poeta. O último, apesar de forte e viril, sofre com a ausência da amada e suplica a sua volta. Essa perspectiva, obviamente, não ameaçava os padrões morais dominantes, mas, ao menos, indica outras percepções do masculino e do feminino presentes no período e distintas daquelas difundidas pelos discursos médicos, jurídicos e religiosos.

* * *

Cavaco engajou-se no movimento operário porto-alegrense pouco antes da eclosão da greve geral de outubro de 1906. Ao chegar a Porto Alegre, ele buscou, sobretudo, integrar-se nas redes de sociabilidade literária da cidade. Caberia, pois,

[152] *Petit Journal*. Porto Alegre, 02/05/1906. p. 2 e 10/07/1906. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.

perguntar: de que forma o personagem tomou contato com as lutas dos trabalhadores? E, mais especificamente, como seus caminhos se cruzaram com os de Xavier da Costa?

No que tange à última questão, pode-se supor que eles tenham se encontrado, justamente, nos círculos literários locais. Afinal, Francisco também exercitava-se nas letras, publicando poemas na *Gazetinha* e, depois, contos no *A Democracia*. Nesse sentido, Coaracy, em suas memórias, evoca os escritores com os quais conviveu na Capital gaúcha. Cita, entre outros, Alcides Maia, Zeferino Brazil, Marcelo Gama - todos ligados a Cavaco[153] - e alguns que "emudeceram": "Armando Cassal, Ezequiel Ubatuba, Mansueto Bernardi, José Picoreli, Homero Prates, Garcia Margiocco, Raul Totta, **Xavier da Costa** (...)"[154].

A imprensa, igualmente, parece ter contribuído para aproximar os dois protagonistas dessa história. Segundo Coaracy, "o meio porto-alegrense não favorecia a existência de publicações de exclusivo caráter cultural. Raras tentativas ou feneciam logo do mal de sete dias, ou se arrastavam penosamente, através de hiatos e interregnos, por poucos números. Em compensação, as folhas da época abriam as colunas a bom número de trabalhos de literatura, prosa e verso". O memorialista cita *O Independente* - do qual Xavier da Costa era colaborador - como "(...) um dos vazadouros procurados por escritores mais ou menos incipientes desejosos de ver em letra de forma as suas produções"[155]. Portanto, na Porto Alegre culturalmente acanhada do início do século XX - um "pólo norte literário" nas palavras de Cavaco -,

[153] COARACY, V., op. cit., p.p. 57-8. Cavaco dedicou o poema "Contraste" a Marcelo Gama. CAVACO, C. *Rosicler*, op. cit., p. 20.
[154] COARACY, V., op. cit., p. 59. Grifo meu. Cavaco não é citado por Coaracy entre os escritores atuantes nesse período em Porto Alegre, provavelmente devido à inimizade existente entre eles.
[155] Idem ibidem, p. 56.

não parece estranho que os moços com alguma formação intelectual se reunissem a fim de discutir política e literatura.

A Maçonaria foi outro pólo aglutinador dos intelectuais e literatos no período. Anteriormente, examinei a participação de Xavier da Costa nessa Sociedade e ressaltei o fato de que Cavaco debutou como Tribuno a convite de maçons de Livramento[156]. Seriam ambos "pedreiros-livres", membros dessa instituição na qual se debatiam as grandes questões da vida nacional?

Assim, ao que tudo indica, Francisco e Custódio Carlos freqüentavam os mesmos ambientes e, possivelmente, tinham muitos amigos em comum; porém, não consegui precisar como e onde os personagens se conheceram. O certo é que compartilhavam algumas idéias e preocupações, entre elas: a perspectiva cientificista, o anticlericalismo e a crítica das desigualdades sociais. No caso de Cavaco, um exemplo ilustra esse conjunto de concepções. Em 21 de junho de 1906, no *Petit Journal*, o escritor apresentou o livro *Vademecum Spirita*, ofertado por Lothario Stoesser, comunicando a sua adesão ao espiritismo: "não aconselho ao leitor a Religião espírita, sigo-a, porque julgo a mais perfeita e a que melhor se coaduna com o meu modo de pensar". Ao apontar as razões de sua conversão, afirmou:

> Hoje, felizmente, o espiritismo entrou no domínio das ciências respeitadas, estudadas.
>
> (...) A Religião Espírita tem adeptos em todas as classes e vai se generalizando pela beleza e simplicidade de seu programa religioso.
>
> O templo onde são celebrados os ofícios da simpática Religião é o mais simples que se pode imaginar. Não entra ali o luxo ofensivo que o

[156] De acordo com a segunda esposa de Cavaco, D. Heloísa, "nunca chegou ao nosso conhecimento o seu envolvimento ou participação nessa grande Sociedade que é a Maçonaria". Correspondência ao autor. Petrópolis, 04/11/2000. De fato, além da mencionada conferência, não localizei outros indícios que apontem para a participação do personagem na Sociedade secreta. De qualquer forma, a Maçonaria de Porto Alegre editou o seu livro *Despotismo católico, crê ou morre! (crítica e polêmica)*. Porto Alegre, s/e, 1912 (BPJBM), de cunho anti-clerical. CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 79. Um exemplar da obra faz parte, hoje, do acervo da Biblioteca do Grande Oriente do Rio Grande do Sul Agradeço à colega Eliane Colussi pela última informação.

> catolicismo emprega para confundir e deslumbrar. O rico está ao lado do pobre, sem a farsa contumaz da religião católica[157].

A adesão de Cavaco ao movimento operário também pode ser creditada aos seu talento de orador. Passada mais de uma década de lutas e tentativas de organização dos trabalhadores, Xavier da Costa estava consciente da importância da palavra falada no processo de conformação da identidade de classe, em especial diante de um proletariado composto majoritariamente de analfabetos e semi-analfabetos. Tal fato, provavelmente, pesou na sua decisão de convidar o Tribuno à participar da organização da greve geral. O último correspondeu a essas expectativas e, inúmeras vezes, ergueu a voz nos "meetings" operários, empolgando as platéias com seus discursos desafiadores dos "potentados e tiranos"[158].

Para aquele jovem boêmio, que se considerava um "peregrino de todos os ideais enobrecedores" e um "legionário de todas as idéias grandiosas"[159], as idéias socialistas devem ter soado muito atrativas, pelo que significavam em termos de contestação da ordem estabelecida e de defesa de uma sociedade mais justa e fraterna. Inspirado pelo *Martin Fierro* de Hernández, pelos *Miseráveis* de Hugo e por outros autores críticos da exploração do trabalho, ele encontrou no socialismo o complemento político de seus ideais estéticos[160]. Ou seja, a bandeira da "sublime

---

[157] *Petit Journal*. Porto Alegre, 21/06/1906. p. 2 (BN). Outro líder socialista atuante na época que aderiu ao kardecismo foi o já citado Antônio Guedes Coutinho. Ver: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit. Sobre as aproximações entre socialismo e espiritismo, como partes de uma cultura cientificista mais ampla, consultar: SCHMIDT, Benito Bisso. "O Deus do progresso": a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Revista Brasileira de História: Ciência e Sociedade*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, v. 21, nº 41, 2001. Nas fontes examinadas, não encontrei indícios da ligação de Xavier da Costa com a religião espírita.

[158] Expressão de Cavaco em artigo evocando a sua participação no movimento operário. CAVACO, Carlos. O 1º de maio. Recorte de jornal sem referências da fonte (APHC).

[159] Expressões de Cavaco. Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 118.

[160] Interpretação inspirada em FOUCAULT, M., op. cit. e em MORICONI, Ítalo. *Um estadista sensitivo: a noção de "formação" e o papel do literário em "Minha formação", de Joaquim Nabuco*. Trabalho apresentado no XXIV Encontro Anual da ANPOCS. Petrópolis, outubro de 2000. Nele, o autor, referindo-se às opções políticas de Nabuco, faz algumas considerações que me parecem úteis, também, para se compreender a adesão de Cavaco ao socialismo, resguardando-se as óbvias e grandes diferenças entre os dois casos: "o que me parece notável (...) é o elo que Nabuco estabelece entre

doutrina" possibilitou a Cavaco consolidar a sua auto-imagem de herói revolucionário romântico[161].

Por fim, ressalto, novamente, que o socialismo do final do século XIX e início do XX, devido ao seu caráter difuso e heterogêneo, atraiu indivíduos com experiências e projetos muito variados, como o eram Xavier da Costa e Carlos Cavaco. O momento culminante dessa parceria foi a greve de outubro de 1906, assunto do próximo capítulo.

---

formação literária (...), estética e política, lançando ao final a idéia de 'estética política'. Ou seja, Nabuco não se refere a seu monarquismo [como Cavaco em relação ao socialismo] nem como ideologia nem como escolha racional. É claro que seu monarquismo é isso, mas o interessante a ressaltar é que para ele o plano de determinação mais primordial se dá no nível estético. Entre republicanismo e monarquismo, trata-se em primeiro lugar de opção estética (...). Observe-se ainda que a estética se coloca como a dimensão por excelência da interface, do cimento entre esferas diversas e conflitantes" (p. 11).

[161] A bibliografia mostra que o movimento romântico comportou diversas vertentes, das mais conservadoras às mais revolucionárias. Ver: LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia. O romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis, Vozes, 1995. Cavaco parece ter estado próximo daquilo que Guinsburg denomina "romantismo social" - caracterizado pelo "sincretismo idealista", pela "mística do povo" e pelo "messianismo universal" -, cujas elaborações teriam marcado tanto o socialismo utópico quanto o científico. GUINSBURG, J. (org.). *O romantismo*. São Paulo, Perspectiva, 1985. p. 16. Essa questão será aprofundada no capítulo IV.

> Nunca no Rio Grande do Sul o governo nomeou autoridade um operário; não há um intendente [correspondente ao prefeito na atualidade], um conselheiro municipal [o vereador de hoje] ou suplente deste que seja operário profissional, nunca pôde ser deputado um operário; e até para a própria organização dos tribunais do júri, jamais apareceu o nome de um simples operário na lista dos jurados!

Em virtude de tal segregação, os signatários conclamavam os operários para a luta política, pois acreditavam ser nesse âmbito que as mudanças almejadas poderiam se dar:

> A postos, operários residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Habilitemo-nos todos para enfrentar com nossos dominadores no terreno político, que é onde eles se firmam e de onde dificultam os meios para a nossa emancipação; qualifiquemo-nos eleitores e concorramos, dispostos, aos prélios eleitorais; urge derrocar o principal reduto dos adversários de nossa classe!

Portanto, ao menos nesse primeiro momento, e talvez visando uma maior aceitação do Partido na sociedade local, o *Manifesto* não pregava a tomada do Estado, mas a participação de "verdadeiros" representantes dos trabalhadores em seu funcionamento e em suas decisões. Dessa forma, segundo a Comissão, poder-se-ia evitar uma solução violenta dos problemas sociais, como ocorria na Europa. O alerta sobre a possibilidade da violência também servia, na argumentação, de ameaça velada aos dominantes que se negassem a abrir mão de seus privilégios:

> Enquanto, porém, perdurar o sistema atual cujo princípio orgânico é ser esbulhado o operário da melhor parte do resultado do seu trabalho, enquanto o elemento burguês fizer o papel do leão, na partilha das condições do bem estar, há de ir aumentando, com a descrença, o desgosto popular; irão sendo acumulados, no ânimo da maioria dos trabalhadores, justos anseios de desforra que se não forem neutralizados pela urgente consecução de melhoramentos de que precisamos, explodirão, dentro de poucos anos, com a violência da justa revolta sopitada desde muito tempo. E esta explosão é que, embora provocada, de contínuo, pela "gente fina", julga a comissão abaixo assinada que nos cumpre evitar, tanto e até quando for possível, - pelo menos em prol do santo espírito de Humanidade, que os operários sempre cultuaram melhor do que os seus dominadores...[4]

[4] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1905. p.p. 2-3 (MCSHJC). Reproduzido em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 126-134.

O *Programa* do Partido retomava e desenvolvia antigas reivindicações dos militantes socialistas da cidade, que podem ser assim resumidas: medidas visando a melhoria das condições de vida e trabalho dos operários (jornada diária de 8 horas, construção de moradias baratas, fiscalização das condições de higiene e segurança das oficinas, estabelecimento de um tribunal de arbitragem para resolver desacordos entre patrões e empregados, criação de um código de trabalho, regulamentação do trabalho do menor, reorganização do serviço de assistência pública, sanitária e judiciária); abolição de privilégios e monopólios da burguesia e do funcionalismo público; difusão do ensino a todas as classes sociais; remodelação dos códigos da União, do Estado e do Município (ampliação das prerrogativas do poder legislativo, modificação dos sistemas eleitoral, judiciário e penal) e reforma do serviço militar.

Mais uma vez, percebe-se que os socialistas porto-alegrenses tinham como meta principal a ampliação da cidadania, ou seja, a luta pela distribuição eqüitativa de direitos e deveres e pela garantia da efetiva participação dos trabalhadores na vida pública. Conforme ressaltei anteriormente, esse objetivo ganhava sentido e radicalidade em um contexto caracterizado por práticas políticas fortemente autoritárias e excludentes. Para realizar essas aspirações, Xavier da Costa e seus aliados reivindicavam a "permanência dos trabalhos de qualificação eleitoral, de modo que o cidadão possa em qualquer época tornar-se eleitor" e a "escolha do domingo para a realização das eleições". De forma mais prática, procuravam facilitar a qualificação dos operários, noticiando informações como a seguinte:

> Por interessar diretamente à classe operária transcrevemos, a seguir, o anúncio que o ilustrado advogado dr. Wenceslau Escobar está publicando na imprensa diária desta capital:
> "AVISO: - Os operários que, por falta de tempo durante o dia não poderem tratar dos seus respectivos alistamentos, me encontrarão, à noite, à Rua General Câmara nº 49, pronto a dar-lhes todas as instruções a respeito. (...)

III - A GREVE DE 1906: dois socialistas agitam a cidade

3.1 - Antes da greve: embates e alianças do/no movimento operário

Na presente seção, examino a atuação de Francisco Xavier da Costa no movimento operário porto-alegrense no período que vai de 1° de maio de 1905 até a eclosão da greve geral de outubro.

A festa do trabalho de 1905 assinalou, para os socialistas da Capital gaúcha, a retomada de sua liderança junto aos trabalhadores organizados da cidade, depois de um certo refluxo no início do século, determinado pelas disputas internas ocorridas após o Congresso de 1898. Naquela data, "apesar do insistente chuvisqueiro que havia", uma multidão de operários reuniu-se à frente da Arbeiterverein e, "ao som de uma banda de música e com bandeiras desfraldadas", seguiu rumo à chácara Mostardeiro, "onde devia efetuar-se uma série de diversões". Às sete e meia da noite, reuniu-se novamente o operariado, no teatro Polytheama, em sessão presidida pelo "esforçado e inteligente operário sr. Carlos Schütz Sobrinho", quando divulgou-se um documento, escrito em português e alemão, solicitando ao Congresso Federal e ao

governo da República a aprovação do projeto de lei do deputado Medeiros e Albuquerque de proteção e indenização às vitimas dos acidentes de trabalho.

Na descrição da comemoração feita pelo jornal *A Democracia*, percebe-se que Francisco continuava a exercer uma influência significativa no movimento operário de Porto Alegre. Afinal, ele deveria ter presidido a reunião no Polytheama e só não o fez "por se achar seriamente enferma pessoa de sua família". Apesar disso, o personagem acabou participando indiretamente do ato pois, no intervalo dos discursos, cantou-se um hino com letra de sua autoria e música do "inspirado professor e artista tipógrafo sr. Manoel Corrêa"[1].

Ainda no dia 1° de maio, a comissão de festejos distribuiu "avulsos-programas", apresentando o recém-criado Partido Operário Rio-Grandense e aconselhando a classe a adquirir seus direitos eleitorais[2]. Com tal atitude, os socialistas buscavam realizar sua tradicional aspiração de formar um partido para, através dele, assumir progressivamente o poder político e conquistar a emancipação do operariado. A Comissão Central Provisória do Partido era composta, majoritariamente, por militantes que haviam se destacado nas lutas da década de 1890: o próprio Xavier da Costa, Henrique Mathias, Wilhelm Kock, José Zeller-Rethaller e Roberto Schmidt[3]. A maioria dos participantes revela, pelos seus sobrenomes, ser de ascendência germânica, mostrando, mais uma vez, que Francisco - devido ao conhecimento da língua e ao estabelecimento de laços profissionais, familiares e de amizade - circulava com desenvoltura entre os socialistas da colônia alemã da cidade.

No *Manifesto* divulgado pela Comissão, afirma-se enfaticamente a total exclusão do operariado de "(...) qualquer interferência na direção pública" do estado:

---

[1] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/05/1905. p. 2 (MCSHJC).
[2] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/06/1905. p. 1 (APAXC).
[3] MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas*..., op. cit., p. 62.

> Os jovens advogados drs. Souza Lobo e Osório de Andrade Neves, cujo escritório é situado à citada Rua General Câmara nº 27, oferecem também gratuitamente, os seus serviços para o alistamento eleitoral[5].

Esses militantes também detectaram outro entrave - além da falta de tempo, de dinheiro e de informações - à livre participação dos trabalhadores no jogo político-eleitoral: a vigência de relações clientelistas. Por isso, criticavam, muitas vezes através da ironia, o poder dos mandões locais. Um exemplo:

> INDISCRIÇÕES
>
> - (...) Diga-me uma coisa: você já está qualificado?
> - Não senhor!
> - Pois é, precisa qualificar-se, o quanto antes!
> - Porém, coronel, eu...
> - Não tem desculpa no caso; aquilo lá é considerado, para nós, uma repartição pública. Quem é empregado na tipografia tem que votar com o governo.
> - Sr. coronel, eu não troco minhas idéias por um emprego.
> - Sim, sim, é muito bonito isto; mas afinal que idéias são as suas? É maragato, não?
> - Não sr.! Como operário, resolvi não votar enquanto não for apresentado um candidato da minha classe; sou neutro, por ora, portanto.
> .....
> - Deixe-se de histórias! Você sabe (...) há muita gente que espera vaga na tipografia. (...) O sr. votará com o governo; não quero saber de neutralidade; tem que se definir...
> .....
> E o pobre moço saiu cabisbaixo, a pensar nesta tristeza: nem sempre, ganhando o seu pão com o trabalho honrado, o operário se liberta de imposições! Ou o voto ou o emprego![6].

A repercussão do texto foi explosiva. No número seguinte, o *A Democracia* informou que o Coronel Marcos de Alencastro havia acusado Cesarino da Silva Teixeira, tipógrafo das oficinas do *A Federação*, de ser o "indiscreto" informante das acusações. Xavier da Costa, então, responsabilizou-se pelo conteúdo do diálogo e retificou-o, afirmando que Alencastro tinha apenas convidado Cesarino a se alistar e

[5] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/05/1905. p. 3 (MCSHJC). Repete em números posteriores. Ver também, no mesmo jornal, o número de 24/06/1905. p. 1 (APAXC).
[6] *A Democracia*. Porto Alegre, 11/06/1905. p. 3 (MCSHJC).

assegurado que o seu voto "em nada influiria na sua posição de empregado do órgão do partido dominante"[7].

O episódio narrado acima revela o quão complicado era desafiar as práticas políticas vigentes, sobretudo a rede de dominação e controle dos coronéis[8]. O clientelismo dificultava, igualmente, a formação de uma solidariedade de classe, pois a crítica feita aos chefes locais pelos dirigentes operários podia trazer conseqüências nefastas aos trabalhadores com menos visibilidade. Cabia, assim, aos líderes dos trabalhadores, apresentarem-se como protetores de seus liderados, demonstrando coragem para desafiar publicamente os poderosos.

A proximidade das eleições federais acirrou a discussão a respeito da participação do operariado na vida política. O desejo de lançar a candidatura de "autênticos" representantes da classe não se limitava aos próceres do Partido Operário. Em 11 de junho de 1905, o *A Democracia* publicou essa nota: "Consta-nos que se a Comissão Central do Partido Operário resolver não apresentar candidato pelo 1° distrito na próxima futura eleição federal, um numeroso grupo de operários tratará

---

[7] *A Democracia*. Porto Alegre, 18/06/1905. p. 3 (MCSHJC). O desmentido de Xavier da Costa, aparentemente, não surtiu o efeito desejado pois, em 26 de setembro do ano seguinte, o *Petit Journal* informou que Cesarino havia chegado a Porto Alegre, depois de ter ocupado, "por algum tempo", os lugares de auxiliar de redação e de diretor das oficinas da *Gazeta Colonial*, na cidade de Caxias. *Petit Journal*. Porto Alegre, 26/09/1906. p. 2 (MCSHJC).

[8] Marcos Alencastro de Andrade era o mais poderoso coronel de Porto Alegre, atuando como intermediário entre seus "clientes" e os governos municipal e estadual, em troca de fidelidade e de votos (ver sua correspondência dirigida a Borges de Medeiros no ABM/IHG-RS). No *Álbum ilustrado do Partido Republicano Castilhista* (Porto Alegre, Selbach, 1934. p. XXI - IHG-RS), constam os seguintes comentários sobre o personagem: "De Marcos de Alencastro de Andrade pode-se dizer que teve em suas mãos o eleitorado do Partido Republicano de Porto Alegre. (...) não só conhecia o eleitor e seu endereço. Tinha nítida compreensão da fidelidade deste ou daquele correligionário; de suas convicções, firmes ou titubeantes; sabia quais os entusiastas e quais os retardatários, remissos ao cumprimento cívico do voto; - e também (...) quais os sinceros e os que acompanhavam o partido por interesse material". Xavier da Costa estava consciente do papel desempenhado por esse coronel junto aos poderes constituídos. Em maio de 1905, o militante escreveu ao Intendente de Porto Alegre, José Montaury de Aguiar Leitão: "(...) nesta época em que até para um pobre diabo ser empregado como simples praça da polícia administrativa, é costume apresentar-vos como passaporte aliás dispensável, suponho, para a vossa atenção, um cartãozinho firmado pelo sr. coronel Marcos Alencastro (...)". *A Democracia*. Porto Alegre, 21/05/1905. p.p. 1-2 (APAXC).

de faze-lo publicando manifesto e promovendo conferências"[9]. Tal Comissão parece ter sofrido, efetivamente, pressões dos companheiros para apresentar um candidato operário, conforme se pode deduzir da resposta dada na coluna "Correio da Casa", do *A Democracia*, a alguém chamado de "Entusiasta velho" de Porto Alegre: "(...) Sobre a opinião que o companheiro pede a fim de que 'os entusiastas velhos, de longos anos, possam ter o orgulho de provar que a classe operária rio-grandense tem homens capazes', só conseguiremos informá-lo depois de ouvir a Comissão Central do Partido"[10].

Dias depois, o mesmo periódico conclamou os operários a se alistarem a fim de, unidos, mostrarem a sua força aos partidos burgueses[11]. Encerrado o serviço de alistamento, alguns jornais, "querendo dar furos", pretenderam apresentar os seus resultados. Xavier da Costa, em artigo significativamente intitulado "Entre eles...", comentou ironicamente o fato:

> Uns, afetos ao partido federalista, deram a este excelente porcentagem no alistamento; outros, adversários, reduziram tal porcentagem.
>
> .....
>
> E... quem tem razão?
>
> Ora deixem-se de grandes luxos os partidos burgueses, porque afinal, em chegando as eleições, hão de ver que de suas contas sempre sobrarão algumas boas diferenças para nós operários.
>
> Esperem, e verão.
>
> E nem se riam do resultado, mesmo porque... ri melhor quem ri por último[12].

Ou seja, o líder socialista procurou delimitar cuidadosamente a diferença do Partido Operário dos partidos burgueses que, independentemente de serem situacionistas ou oposicionistas, defendiam os interesses "deles". Convém levar em conta, no entendimento desse fato, uma peculiaridade do Rio Grande do Sul em

---

[9] *A Democracia*. Porto Alegre, 11/06/1905. p. 3. Ainda sobre essa questão, ver, no mesmo jornal, a coluna "Várias" no número de 18/06/1905. p. 3 (MCSHJC).
[10] *A Democracia*. Porto Alegre, 18/06/1905. p. 3 (MCSHJC).
[11] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/06/1905. p. 1 (APAXC).

relação aos demais estados da Federação: a cultura política gaúcha foi marcada pelo bipartidarismo ao longo de toda a República Velha[13]. Com o crescimento e a progressiva organização do operariado, federalistas e republicanos passaram a disputar os votos dos trabalhadores urbanos. Para tanto, os primeiros valiam-se de um discurso crítico ao governo e os últimos apoiavam-se na máxima positivista da "incorporação do proletariado à sociedade moderna". Diante de tais "propostas indecentes", os socialistas buscavam mostrar a sua independência e a especificidade de seu programa.

Porém, apesar disso, Xavier da Costa e seus correligionários precisaram desmentir constantemente boatos e acusações de envolvimento na "política burguesa". Em 9 de julho de 1905, por exemplo, o *A Democracia* anunciou a reunião da Comissão Provisória do Partido Operário Rio-Grandense, na qual, "além de outros assuntos de importância para a nossa classe, (...) tratará de resolver quanto à atitude a tomar nas eleições a efetuar-se para deputados federais". Na continuidade da notícia, o redator declarou:

> Devidamente informados, podemos desde já afirmar, para satisfazer a curiosidade tanto dos nossos companheiros de classe como do público em geral, que a Comissão Central ainda não cogitou da apresentação de candidatura, e que se tratar disso, na reunião anunciada, a escolha somente recairá em operários assalariados.
>
> Esta afirmação d'*A Democracia*, único órgão autorizado do partido operário nesta capital, tem por fim desfazer o descabido boato de que a Comissão Central se achava inclinada a recomendar ao apoio da classe a chapa que for apresentada pelo partido burguês em oposição ao que governa.
>
> Acentuamos, pois, o seguinte. O partido operário se pleitear as próximas futuras eleições terá em vista a vitória de candidato ou candidatos "verdadeiramente" saídos do seio do elemento trabalhador[14].

---

[12] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/07/1905. p. 2 (MCSHJC).

[13] TRINDADE, Hélgio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937): da confrontação autoritário-liberal à implosão da aliança político-revolucionária de 30. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (org.). *RS: economia & política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979.

[14] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/07/1905. p. 3 (MCSHJC). Ao adotarem essa posição, os socialistas, provavelmente, levavam em conta também as frustradas experiências anteriores de apoio do operariado

Em outro momento, o mesmo jornal informou que Xavier da Costa havia recebido, pelo correio, acusações anônimas: "uma de ser, ele, 'encapotado defensor do governo, no seio do elemento operário', e as outras acoimando-o, uma de 'despeitado' e a segunda de 'díscolo por morbidez política'". O articulista concluiu o artigo em tom de desafio:

> Aos autores de tais missivas aí fica a resposta, que bem pode ser aproveitável, também, para outros que de qualquer dos três modos pensem...
>
> E permanecemos à espera da explicação do "porquê" somos "encapotados, despeitados e díscolos por morbidez política..."[15].

Não consegui descobrir quem foi ou quais foram o(s) autore(s) desses comentários mas, pode-se supor, que eles tenham partido ou de pessoas ligadas aos partidos burgueses - interessadas em desacreditar o Partido Operário e cooptar os trabalhadores - ou, mais provavelmente, de adeptos do anarquismo, ideologia contrária ao envolvimento do operariado na política partidária.

Em setembro, o *A Democracia* noticiou: um "numeroso grupo de operários, reunido na sede de uma das sociedades beneficentes desta capital" resolveu "(...) por unanimidade, apresentar um candidato, que seja simples operário para o

---

local a indivíduos vinculados a outras classes e grupos políticos. Em novembro de 1896, por exemplo, a *Gazetinha* afirmava: "a classe operária daqui (...) tem sido o gato morto de quase todos os partidos políticos". O articulista referia duas situações de envolvimento das organizações operárias com os grandes partidos sul-rio-grandenses: a primeira, localizada nebulosamente antes da Proclamação da República, quando o Partido Liberal havia negociado a indicação de um representante dos operários na Assembléia Provincial em troca de apoio eleitoral. O "representante" era um industrial "gasparista" (referência ao líder liberal Gaspar Silveira Martins) que "(...) nunca disse (...) duas palavras sequer em defesa dos interesses daqueles de quem era o delegado", chegando, inclusive, a votar contra tais interesses. Frente à reprovação dos operários, o industrial acabou renunciando ao cargo. O segundo caso teria acontecido em março de 1890, quando Júlio de Castilhos concordara em não apenas publicar no *A Federação* as propostas do Partido Operário, mas também em incorporar à bancada situacionista para a Constituinte estadual um representante dos operários: João Steenhagem. O último não fez muita coisa em favor das associações de trabalhadores que o apoiaram, por ser "capitalista e correligionário entusiasta da maioria da Assembléia". *A Gazetinha*. Porto Alegre, 22/11/1896. Apud: SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade...*, op. cit., p. 8. Apesar desses antecedentes, em 1898, o Partido Socialista da cidade de Rio Grande indicou o jornalista, advogado e membro do Partido Federalista Rodolfo Gomes como candidato ao Conselho municipal, o qual não se elegeu devido à fraude eleitoral característica da Primeira República. Ver: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit., 156-161.

[15] *A Democracia*. Porto Alegre, 23/07/1905. p. 2 (MCSHJC).

preenchimento de qualquer vaga que se der no seio da deputação estadual". E acrescentou: "Sabemos que (...) vai ser solicitado o apoio da Comissão Central do Partido Operário para que ela oportunamente se dirija às agremiações de trabalhadores do distrito eleitoral em que ocorrer a vaga". Xavier da Costa comentou a decisão:

> Apesar de não sermos do número de companheiros que, deixando-se levar por entusiasmos provocados por simples aparências acreditam na possibilidade de, atualmente, conseguirmos em qualquer ponto do Estado a vitória de um candidato operário, aplaudimos a iniciativa dos promotores da reunião de quinta-feira última porque, afinal de contas precisamos nos prepararmos para as pelejas eleitorais a fim de que - e quanto antes melhor - possamos ter, como os médicos, os engenheiros, os advogados, os militares e os capitalistas, um representante diretamente nosso e defensor dos menosprezados direitos de nossa classe, na assembléia estadual, pelo menos[16].

Portanto, a indicação de um representante da classe operária nas eleições passou ao largo da Comissão Central do Partido, solicitada apenas enquanto apoiadora. Francisco, membro da Comissão, viu na iniciativa um ensaio para futuros combates, mas manifestou sua incredulidade em relação às possibilidades de vitória[17].

* * *

No mesmo dia da fundação do Partido Operário, veio à público o primeiro número do *A Democracia*, auto-intitulado órgão do Partido, que passou a ser o porta-voz dos socialistas gaúchos até 1908, com algumas interrupções. O periódico tinha Xavier da Costa como redator e pertencia à empresa Diamico & C., da qual faziam parte Paulino Diamico, João Martinewski e Antônio Heit, também proprietários da Tipografia Internacional, onde era editada a folha. Quando do encerramento da primeira fase do jornal, no final de 1905, Francisco referiu-se ao grupo dessa forma:

[16] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/09/1905. p. 3 (MCSHJC).

"(...) visionários, sonhadores ou utopistas que, afrontando a indiferença pavorosa do operariado dessa terra pela própria sorte dele, desprezaram as suas conveniências pessoais para tentar, por meio de um jornal, faze-lo erguer-se para a conquista do lugar que lhe compete na comunhão social (...)"[18]. Ou seja, o *A Democracia* surgiu da percepção comum desses militantes da necessidade de um órgão dedicado exclusivamente à defesa e à conscientização da classe operária local.

Diamico, Heit e Xavier da Costa participavam do Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas[19]. Além disso, entre os dois últimos, vicejava uma forte amizade. Nas palavras de D. Anita:

> Ah, esse [Antônio Heit] era um grande amigão dele. Eram companheiros de todo o dia. (...) Eles também trabalhavam em jornais juntos. Ele foi até proprietário, porque ele tinha [faz sinal com os dedos indicando dinheiro] e o meu pai não podia. E aí então eles fundaram um jornal. (...) Ele tinha mais posse, e só tinha dois filhos. Então ele ajudava muito. (...) o seu Antônio morava perto, ali na Rua Garibaldi, ficamos amigos dos filhos dele (...) era uma grande amizade, como de irmãos sabe? Ele vivia aqui em casa, o Seu Antônio.

A depoente ainda apresentou outras pistas a respeito dos vínculos que uniam os "amigões". Inicialmente, a proximidade facilitada pelo trânsito de Francisco na comunidade alemã de Porto Alegre: "E ele [Heit] era alemão, parece que ele era alemão, se não me engano". Depois, o fato de ambos serem maçons, mostrando, mais uma vez, o papel de destaque dessa Sociedade como espaço de encontro, debate e articulações dos socialistas da cidade: "o Antônio Heit era maçônico também. A família muito católica, até as irmãs tinham muita tristeza que ele tinha passados pros

---

[17] O ceticismo de Xavier da Costa baseava-se, possivelmente, em uma avaliação adequada do contexto político local, pois a candidatura operária não parece ter vingado, já que nem o *A Democracia* nem os jornais de grande circulação da cidade forneceram outras informações sobre ela.

[18] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/12/1905. p. 1 (APAXC).

[19] Ver: *A Democracia*. Porto Alegre, 24/06/1905. p. 2 e 02/07/1905. p. 2 (APAXC), sobre a participação de Heit no Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas, e 09/07/1905. p. 2 (MCSHJC), informando que Diamico era o 1° Secretário da associação. Não localizei outras informações a respeito de João Martinewski.

maçônicos". Por fim, a existência de laços de compadrio entre as famílias, pois Carlos, filho de Xavier da Costa, era afilhado de Heit[20].

Companheiros políticos, irmãos maçônicos, amigos, compadres... Alicerçada nessa rede de relações, nasceu o *A Democracia*. Em seu primeiro número, o periódico publicou o *Manifesto* do Partido Operário e um longo editorial de autoria de Xavier da Costa. Nele, o redator explicitou os objetivos do jornal: "Ao que vem ele, é fácil explicar, porque o seu programa, embora amplo, pode ser resumido nestas palavras: lutar pelo advento da verdadeira democracia, único regime em que é possível haver, de fato, o bem estar do povo, do povo que produz e é espoliado, do operariado em suma". O líder operário afirmava, novamente, sua convicção - compartilhada por boa parte dos socialistas brasileiros do período - de que a emancipação dos trabalhadores dependia da efetiva participação dos últimos na vida política, aspiração só realizável em uma verdadeira democracia.

Na continuidade, Francisco declarou seu compromisso pessoal de lutar pela seriedade e independência do órgão:

> Em qualquer, porém, das fases da luta, *A Democracia*, enquanto quem escreve estas linhas permanecer no posto que lhe foi confiado pelos seus companheiros de classe, saberá manter a compostura correta que convém ao órgão sério de uma grande e generosa idéia. Não traz nem pretende alimentar ódios, não será abrigo de calúnias, não se prestará a bastardos interesses, a explorações indignas, à difamação de quem quer que seja - Pasquino não terá discípulos aqui!
>
> Saberá, *A Democracia*, ser altiva, talvez arrojada mesmo, mas dentro dos limites marcados pela boa moral; não irá a Pedro ou a Paulo pedir inspirações para o cumprimento do seu dever - será independente - porque, órgão operário e redigido por operário negaria o seu caráter se não o fosse; À *Democracia*, caberá, em suma, ser digna da classe operária e da nobre missão da imprensa[21].

No trecho, o autor elencou as características que, segundo ele, conformavam a verdadeira identidade do líder operário: altivez, arrojo, dignidade, independência,

[20] Entrevista ao autor, op. cit.

moralidade. O *A Democracia*, como representante da classe - "órgão operário e redigido por um operário" - deveria espelhar essas qualidades. Além disso, ao proclamar a intenção de manter o periódico "dentro dos limites marcados pela boa moral", ele, possivelmente, buscava obter uma aceitação social mais ampla para a causa socialista. Assim, no número seguinte, agradeceu o "(...) modo gentil com que foi recebida *A Democracia*, tanto pela classe operária como pelo elemento liberal da sociedade rio-grandense", e à "imprensa honesta" e "a todos quantos se interessam pela sorte do operário"[22].

Posteriormente, o jornal transcreveu os comentários de alguns "colegas" referentes ao seu surgimento, nos quais evidencia-se o prestígio de Xavier da Costa no meio jornalístico, não apenas no Rio Grande do Sul, mas também em outros estados. Nesse sentido, o *Carapuça*, de Porto Alegre, ao saudar o novo órgão, ressaltou: "Como diretor tem o inteligente Francisco Costa, que sabe abordar todos os assuntos com vantagem". Na mesma linha, o *Correio do Povo*, de Florianópolis, chamou Francisco de "hábil operário de artes gráficas, moço de talento e que, ao fazer apresentação d'*A Democracia*, estabelece com clareza e energia patriótica os intuitos do partido que essa folha representa - o Partido Operário Rio-Grandense".

As saudações deixam claro, igualmente, que o talento do personagem era reconhecido em diferentes grupos étnicos. O *Correio do Município*, por exemplo, publicado na cidade de São Leopoldo, de colonização alemã, informou: "(...) o novo jornal tem à frente de sua redação o nosso distinto amigo e talentoso colega Francisco Xavier da Costa, o que constitui segura garantia da sua prosperidade". De forma semelhante, *O Exemplo*, ligado à comunidade negra de Porto Alegre, salientou: "(...) à

[21] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1905. p. 1 (NPH). Transcrito em PETERSEN, S. R. F. *Guia...*, op. cit., p.p. 31-3.
[22] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/05/1905. p. 1 (MCSHJC).

frente de sua redação acha-se o muito conhecido e talentoso jornalista Francisco Xavier da Costa"[23]. Tal reconhecimento lhe possibilitava transpor diferenças étnicas, nacionais e lingüísticas e atuar enquanto "homem ponte" no movimento operário porto-alegrense.

A boa acolhida inicial do *A Democracia* refletiu-se, em pouco mais de um mês, no aumento do formato do jornal. O redator exprimiu, várias vezes, sua alegria pelo sucesso da folha:

> Felizmente, confirmam-se as nossas previsões: *A Democracia* vence!
>
> Nascida do esforço de quatro simples operários, dispostos a enfrentar a guerra lógica e natural dos adversários da emancipação do proletariado, e a indiferença da própria classe que por aí vive explorada e semi-descrente, - esta folha consegue o triunfo mais completo que nos era razoável esperar: o apreço do povo e o auxílio material do elemento em prol do qual surgiu.
>
> .....
>
> O apoio que lhe prestam os companheiros alegra-nos e orgulha-nos, não tanto por qualquer proveito pecuniário que nos possa resultar, porém, sim, e principalmente, porque nos confirma no posto em que nos colocamos de vanguardeiros na luta pela classe[24].

Xavier da Costa, Heit, Diamico e Martinewski viam no apoio dos companheiros o reconhecimento de sua posição de líderes do operariado; identidade, essa, baseada em um jogo de identificação e de distanciamento: eles, ao mesmo tempo, se apresentavam como membros da classe - "quatro simples operários" -, mas também se colocavam à frente dela, como "vanguardeiros" da luta dos trabalhadores[25].

---

[23] Os jornais que saudaram o surgimento do *A Democracia* foram: *Gazeta do Comércio*, *Correio do Povo*, *O Independente*, *A Justiça*, *A Federação*, *Correio do Município* (São Leopoldo), *Carapuça*, *O Progresso* (São João do Montenegro), *O Exemplo*, *Gaspar Martins* (Santa Maria), *O Comércio* (Cachoeira), *O Puritano* (São Leopoldo), *O Taquariense* (Taquari), *Cruz Alta* e *Echo da Serra* (Cruz Alta) e *Correio do Povo* (Florianópolis) (todos os jornais sem indicação de local são de Porto Alegre). Ver a coluna "Como nos acolheram" no *A Democracia*. Porto Alegre, 07/05/1905. p. 1; 14/05/1905. p. 2 (MCSHJC); 21/05/1905. p. 2; 28/05/1905. p. 2 e 04/06/1905. p. 2 (APAXC).

[24] *A Democracia*. Porto Alegre, 04/06/1905. p. 1 (APAXC).

[25] Interpretação baseada em SIROT, S., op. cit., p. 55. De acordo com o autor, o líder operário precisa ser, simultaneamente, o "mesmo" e o "outro" - o "mesmo", pois faz parte do "nós-operários" e porque

A Democracia contava com agentes em S. Leopoldo, S. João do Montenegro, Cachoeira, colônias italianas, Bagé e Alegrete[26]. Além disso, procurava conquistar as simpatias dos teutos e teuto-brasileiros que viviam no Rio Grande do Sul. Com esse objetivo, o redator informou:

> Atendendo a insistentes pedidos de vários assinantes, de origem germânica, d'*A Democracia* e, ainda, ao que resolvera a Comissão Central do Partido Operário quando se tratou da criação deste órgão, iniciamos hoje a publicação de uma parte alemão (sic) desta folha.
>
> E a iniciamos com a inserção do belo romance de Belamy, já conhecido em nosso idioma sob o título "Daqui a 100 anos"[27].

Em agosto, ocorreu uma mudança na direção do periódico. Após um "acordo amigavelmente realizado", dissolveu-se a empresa Diamico & C., retirando-se da sociedade Diamico e Martinewski, "pagos de seus compromissos e direitos referentes à Tipografia Internacional e à *Democracia*, das quais eram co-proprietários". Em substituição a ela, constituiu-se outra na mesma data, sob a razão social de "Costa & Heit"[28].

No final de 1905, Francisco reafirmou que "(...) uma verdadeira corrente de simpatias espontâneas, derivadas de associações obreiras, de trabalhadores isolados e até de membros de outras classes" cercou o novo jornal após a sua criação. Porém, esse apoio inicial foi diminuindo ao longo do ano e, em dezembro, os proprietários decidiram encerrar a publicação do *A Democracia*, pois a maior parte das assinaturas não estava sendo paga. Ao justificarem a atitude, assinalaram que a folha representou,

> (...) desde o primeiro número, não só um ônus moral pesando sobre quem assumiu o compromisso de publicá-la e sim um encargo monetário também.
>
> .....
>
> Tendo atingido o auge, pois, o sacrifício de nossos interesses, esgotados pecuniariamente, porque para sustentar o órgão da nossa

---

possui qualidades que são as "nossas"; o "outro", porque precisa reunir todas essas qualidades e levá-las à perfeição, mostrando-se como o mais capaz de dirigir as lutas dos trabalhadores.

[26] *A Democracia*. Porto Alegre, 06/08/1905. p. 1 e 17/09/1905. p. 2 (APAXC).

[27] *A Democracia*. Porto Alegre, 02/07/1905. p. 2 (APAXC).

[28] *A Democracia*. Porto Alegre, 06/08/1905. p. 1 (MCSHJC).

> classe lançamos mão de umas pequenas reservas monetárias que possuíamos, julgamo-nos perfeitamente dispensados de continuar a publicação deste jornal[29].

Durante os meses em que *A Democracia* circulou, Francisco valeu-se do periódico para consolidar a sua imagem de homem ousado e corajoso. Em julho, ele escreveu a respeito do órgão operário: "(...) só exprime o que entende ser a verdade, pouco se dando ao seu diretor e aos seus proprietários que o seu modo de entender ofenda ou satisfaça a individualidades ou corporações"[30]. Com essa convicção, o redator denunciou inúmeras vezes a exploração infligida aos trabalhadores[31] e, seguidamente, dirigiu críticas aos poderes públicos. Em uma série de artigos, por exemplo, divulgou as "barbaridades praticadas contra os presos na Casa de Correção", tendo inclusive visitado a cadeia a fim de apurar (e comprovar) queixas de maus tratos aos detentos[32]. Xavier da Costa apresentava-se, orgulhosamente, como protetor de seus companheiros; aquele que, devido à sua independência, era temido pelos poderosos: "Muita gente já nos conhece e anda 'escabriada' conosco; se nos vê mete a viola no saco, tendo medo até de que possamos ouvir com os olhos... Até certo ponto isto nos orgulha, porque demonstra que afinal certos senhores encontraram no seio da classe operária alguém a quem temer"[33].

Cioso de sua reputação, o líder socialista envolveu-se na já referida polêmica com Octávio Rocha, diretor do *A Federação*. Em dois artigos, ele rebateu as críticas do opositor (de "analfabeto" e de "aventureiro") e, depois de transcrever os elogios que lhe foram feitos por diversos órgãos da imprensa, concluiu de forma desafiadora:

> Leu tudo, sr. doutor alferes Octavio Rocha?

[29] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/12/1905. p. 1 (APAXC).
[30] *A Democracia*. Porto Alegre, 23/07/1905. p. 2 (MCSHJC).
[31] Ver, entre outras notícias: *A Democracia*. Porto Alegre, 11/06/1905. p. 2 (MCSHJC) e 17/09/1905. p. 2 (APAXC).
[32] O primeiro artigo da série sobre a Casa de Correção apareceu no *A Democracia*. Porto Alegre, 24/06/1905. p.p. 1-2 (APAXC).
[33] *A Democracia*. Porto Alegre, 06/08/1905. p. 3 (APAXC).

> Sabe sua senhoria, portanto, quem sou, o que valho e como me julgam.
>
> Encontrará algo mais, ainda, se quiser recorrer à coleção da *Federação*, pois este jornal já fez referências lisonjeiras à minha pessoa.
>
> Agora pergunto: E quem é o sr. para me chamar de aventureiro? Que valor tem? Onde está a prova real de seu talento, de sua ilustração?
>
> Responda sua senhoria a si mesmo - porque, assim fazendo, ficará devidamente castigada a sua vaidade que ofende.
>
> E almejo que esta lição, dada por um simples operário a um doutor, possa ser útil também a muitos outros senhores burgueses quer andam por aí a fingir importância...[34]

Através da contenda, Xavier da Costa reafirmou sua altivez e destemor e, conseqüentemente, sua identidade de líder do operariado, ancorada no mencionado jogo de identificação ("simples operário") e distanciamento (capaz de dar lições a um "doutor") em relação aos demais companheiros de classe. Outra estratégia por ele utilizada para reforçar tal identidade e impor-se no espaço público foi a publicação de "Cartas Abertas" dirigidas às autoridades políticas. A primeira dessas cartas, ao menos das que pude localizar, destinava-se a José Montaury, intendente de Porto Alegre desde 1896, com quem o personagem manteve, posteriormente, fortes vínculos pessoais e políticos (ver seção 5.1).

A principal reivindicação levantada na missiva consistia no aumento dos salários do pessoal da construção das caixas d'água do Bairro Moinhos de Vento. No documento, o remetente assinala a sua identidade com os construtores, dizendo estar pedindo "(...) algo em benefício de uma centena de homens, pais de família muitos dentre eles, que talvez nem me conheçam pessoalmente, porém que são meus irmãos também, - irmãos pelas condições pecuniárias, irmãos de classe, operários como eu!".

---

[34] *A Democracia*. Porto Alegre, 20/08/1905. p.p. 1-2 e 27/08/1905. p. 1 (MCSHJC). A citação é do último artigo. No contexto da polêmica, alguns aliados de Xavier da Costa vieram à público atestar as qualidades do militante. Assim, *O Independente*, de propriedade de seu velho amigo Octaviano de Oliveira, afirmou: "Esse artigo é uma resposta clara, incisiva e cheia de nobre altivez rebatendo falsas e imerecidas acusações feitas por aquele dr. ao nosso amigo Xavier da Costa, cuja vida toda de trabalho e de honestidade está acima de toda e qualquer suspeita". O redator do *A Democracia* respondeu: "aos generosos colegas e amigos Octaviano de Oliveira, Vivaldo de Vivaldi-Coaracy e Luiz M. de Azevedo

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Montaury, ao contrário, é representado pelas características que o diferenciavam dos "irmãos" da classe operária, por sua alteridade, enfim: "Vossa senhoria que nasceu, criou-se, educou-se, fez-se homem para o 'struggle for life' e diplomou-se em meios bem diversos do nosso, não sabe - e ninguém o condena por isto, - quão difícil é a vida do simples operário".

De acordo com o autor, essa assimetria era compensada por dois fatores: a sua ousadia e a generosidade do destinatário. Assim, ele qualificou o intendente de "(...) honesto e sem soberba", dotado de "coração" e de "espírito justiceiro". E, sobre si, declarou:

> Ninguém é por nós, operários, nas regiões de onde saem os que nos governam; fazem-nos uns párias e eu não sei porque! Abusam do fato da classe a que pertenço não ser composta de letrados (...).
>
> É lógico, é natural, é necessário mesmo, portanto, sr. dr., que do seio do elemento operário haja quem saia do platonismo, que seja ousado bastante para dizer, em público e raso, as coisas como as coisas são; é necessário, ainda, sr. dr. intendente, que suceda o que sucede agora: que emerja da classe operária porto-alegrense um importuno ou sonhador que, rompendo as peias das conveniências burguesas, venha do alto de uma coluna de jornal, bradar que à sombra do vosso honrado nome sr. dr. Montaury, exploram demasiadamente uma centena de pobres trabalhadores!

Francisco justificou a sua ousadia da seguinte forma: "(...) eu, (...) apesar de não me julgar isento de merecer também o epíteto de pobre diabo não preciso (...) mendigar emprego público porque tenho um ofício e ânimo para, por meio dele, manter a minha independência política (...)". Essa independência lhe permitia servir de porta-voz dos interesses dos trabalhadores das caixas d'água:

> E não vos cause estranheza que sendo tão numeroso aquele pessoal, a voz clamante por justiça não parta do seio dele mesmo.
>
> É que àquela pobre gente torna-se quase impossível poder reclamar perante vós.
>
> Sabereis porque isso, se vos derdes ao trabalho de sindicar por que razão a maioria dos que naquele sentido se têm dirigido a vós, depois de

---

e Sousa, paladinos do *Independente*, - os sinceros agradecimentos deste modesto **porta-voz da classe operária**". *A Democracia*. Porto Alegre, 27/08/1905. p. 2 (MCSHJC). Grifo meu.

> atendidos devidamente não conseguiram permanecer por muitos dias fazendo parte do mesmo pessoal...
>
> Sindicai bem, sr. dr. intendente, e compreendereis porque motivo, apesar deste ter boca, quem sopra hoje por ele sou eu...[35]

Alguns meses depois, Xavier da Costa publicou outra carta aberta, dessa vez dirigida a Borges de Medeiros. Nela, em um tom bem mais humilde, de súplica - "É de mãos postas que hoje aqui aparecemos!" -, o militante apelou para que o Presidente do Estado pusesse fim às injustiças vigentes na Casa de Correção, "a Inquisição em plena capital do civilizado Estado do Rio Grande do Sul!". Apesar do tom respeitoso, não deixou de proclamar, novamente, a independência do jornal que dirigia: "(...) a *Democracia* não tem por norma fantasiar fatos e sim evidenciar a verdade, doa a quem doer, e como é imprescindível a denúncia pública dos barbarismos que são praticados na antiga cadeia aí vai, sr. dr., a exposição de uma página negra da administração do sr. Brochado [administrador do presídio]". E, na continuidade, criticou os descaminhos do regime republicano: "Se tudo quanto de selvagem, de vil, de infame que tem sucedido nos domínios da justiça oficial, de 1889 até hoje, pode e deve ser levado à conta do regime político que Deodoro, Bocaiúva e outros fizeram vencer inesperadamente na madrugada de um 15 de novembro, - maldição, maldição sobre a república burguesa (...)". Entretanto, na conclusão da correspondência, retomou a postura de humildade e subordinação, pouco comum na sua pena: "É de joelhos, sr. dr., - vê-se? nós que não bajulamos ninguém! - é de joelhos e de mãos postas que, apelando para os vossos sentimentos de homem de bem, suplicamos piedade!"[36].

Frente aos governantes, o poder do líder socialista advinha, sobretudo, de sua visibilidade pessoal e de sua capacidade de exprimir publicamente as reivindicações dos trabalhadores. Daí, o recurso das cartas abertas. Ou seja, ele ainda não tinha

[35] *A Democracia*. Porto Alegre, 21/05/1905. p.p. 1-2 (APAXC).
[36] *A Democracia*. Porto Alegre, 17/09/1905. p.p. 1-2 (APAXC).

prestígio e força política suficientes para obter o que desejava através de "cartas fechadas", de caráter privado, conforme era a praxe nas redes clientelistas.

Enfim, diante de um governo autoritário e excludente e da vigência de práticas coronelistas - bem exemplificadas pelo caso de Cesarino da Silva Teixeira -, Xavier da Costa buscou consolidar a sua legitimidade de líder operário, atuando enquanto porta-voz dos operários junto à burguesia e aos poderes constituídos. Por meio do *A Democracia*, ele expressou o que julgava ser os anseios de sua classe, pois essa, em geral, não era composta de "letrados". Além disso, demonstrou coragem e independência ante os poderosos - bem evidentes na polêmica com Octávio Rocha -; embora, algumas vezes, como na carta aberta dirigida a Borges, sua ousadia fosse contrabalançada pelas declarações de humildade e de subordinação. Tais características - domínio da escrita, altivez, independência etc. - parecem ter marcado a diferença de Francisco em relação à maioria de seus companheiros e, sem dúvida, reforçaram a sua identidade de "vanguardeiro na luta pela classe".

* * *

Além do partido e do jornal, outra frente de atuação de Xavier da Costa no movimento operário porto-alegrense em 1905 foram as associações de trabalhadores. O líder socialista - como boa parte dos militantes operários da época - conferia uma grande importância ao associativismo, enquanto forma de organização e conscientização do proletariado. Nesse sentido, em junho, o *A Democracia* fez o seguinte apelo: "[Proletários] reergam as sociedades operárias que ainda há poucos anos fulguravam entre nós, com grande entusiasmo, e deem-lhe feição mais prática e

menos divertida porque é passado o tempo das cigarras cantarem..."[37]. No final do ano, o jornal criticou a pouca importância concedida pelo operariado às suas entidades:

> - Porque motivo as associações de nossa classe aqui morrem à míngua de recursos?
> - Porque a maioria dos nossos companheiros é covarde, tem medo de desgostar os patrões - apesar destes se reunirem, se associarem, sem se importarem se disso resulte bem ou mal para a classe trabalhadora, e sim ligando atenção somente aos interesses deles mesmos.

Na seqüência, afirmou que as sociedades operárias, se quisessem ser úteis, precisavam ter caráter de resistência: "Sim; para nada servem [as associações] porque precisando, em geral, tornar-se beneficentes a fim de obterem alguns sócios não podem, eficazmente, ser o que deviam ser: centros de resistência capazes de se impor, de se fazer respeitar"[38].

Em 1905, segundo o *A Democracia*, existiam na Capital do Rio Grande do Sul duas sociedades operárias pluri-profissionais (União Operária Internacional e Confederação Obreira) e quatro por ofício (trabalhadores em madeira, padeiros, gráficos e metalúrgicos). Havia, também, duas associações de trabalhadores de cunho étnico: a tradicional Allgemeiner Arbeiterverein e a Sociedade de Operários Polacos, criada em 1903 e reerguida em 1905[39]. A inexistência de sindicatos por indústria pode ser creditada à pouca expressividade dos grandes estabelecimentos fabris na cidade, embora estivessem ocorrendo, naquele momento, transformações estruturais no

---

[37] *A Democracia*. Porto Alegre, 11/06/1905. p. 2 (MCSHJC).
[38] *A Democracia*. Porto Alegre, 10/12/1905. p. 1 (APAXC).
[39] A lista das sociedades operárias de Porto Alegre aparece, pela primeira vez, no *A Democracia*, pelo menos nos números que consultei, em 02/07/1905. p. 1 (APAXC) e se repete em várias edições posteriores. A única menção por mim encontrada à Sociedade de Operários Polacos é do *A Democracia*. Porto Alegre, 06/08/1905. p. 3 (APAXC). Sobre os tipos de sociedades operárias existentes no Brasil na Primeira República, ver: BATALHA, Claudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000. p. 16.

sentido da passagem da produção em oficinas de pequeno porte à produção industrial em larga escala[40].

Xavier da Costa, buscando consolidar a sua posição de liderança no meio operário local, procurou participar, direta ou indiretamente, de todas as entidades referidas. Assim, foi presidente da Confederação Obreira, a qual funcionava na Rua Coronel Genuíno, n° 46, seu endereço pessoal[41]. Essa sociedade, conforme mencionei antes, provavelmente era a mesma Confederação Operária Sul Rio-Grandense, fundada no Congresso de 1898, e que já havia sido dirigida por Francisco em 1901. Ela parece ter deixado de funcionar durante algum tempo pois, no início de junho de 1905, o *A Democracia* noticiou o seu reerguimento devido à iniciativa do "operoso e honrado companheiro" Leonel Vieira, ex-1° secretário da associação[42].

Em outras entidades, a influência de Xavier da Costa se dava de maneira indireta, através de suas relações pessoais e políticas. Tal era o caso da Allgemeiner, então presidida por Wilhelm Koch, correligionário do personagem, pelo menos, desde a fundação do Partido Socialista, em 1897, e que, em 1905, participava da Comissão Central Provisória do Partido Operário Rio-Grandense (a Comissão e a Allgemeiner

---

[40] Ver: BAK, J. *Class...*, op. cit. Segundo a autora, quando a greve geral estourou em 1906, Porto Alegre possuía "uma meia dúzia de fábricas com mais de 100 operários" (p. 88). Ernesto Lassance Cunha, em seu *O Rio Grande do Sul. Contribuição para o estudo de suas condições econômicas* (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908), registra as seguintes indústrias com maior concentração de operários na Capital do estado: Cia. Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, com 300 empregados (Bak aponta 400); Companhia Fabril Porto-Alegrense (têxtil), com 320; Jung, Secco & Cia. Fábrica de Fósforos Sul Rio-Grandense, com 200; Otero, Gomes & Co. (banha), com 35; J. Pabst & Cia. (gravatas e espartilhos), com 120; José Becker & Irmão (estaleiro e fundição), com entre 80 e 100; Alberto Bins, sucessor de E. Berta & Cia. (metalúrgica), com 260; Kappel & Arnt (móveis), com 200 e Francisco Herzog (idem), com 110. Apud: PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p.p. 183-5. Bak acrescenta ainda a fábrica de sapatos da Companhia Progresso Industrial que empregava, aproximadamente, 250 pessoas (p. 88). Ver também: REICHEL, Heloísa Jochims. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. In: DACANAL, J. H. e GONZAGA, S. (org.). *RS: economia & política*, op. cit.

[41] O endereço de Xavier da Costa é mencionado no *A Democracia*. Porto Alegre, 17/09/1905. p. 3 (APAXC).

[42] *A Democracia*. Porto Alegre, 04/06/1905. p. 2 (APAXC). A referência a Leonel Vieira como secretário da Confederação, na mesma diretoria encabeçada por Xavier da Costa, é do *O Independente*. Porto Alegre, 30/06/1901. p. 3 (AHPA).

funcionavam na mesma sede, junto com a União dos Metalúrgicos: Rua Voluntários da Pátria, nº 279).

O prestígio de Xavier da Costa se fazia notar, igualmente, na União do Trabalhadores em Madeira, dirigida por Jacintho Francisco de Alencastro, outro signatário do Manifesto do Partido Socialista. Em setembro de 1905, o primeiro discursou no "festival artístico" da associação, em benefício de suas projetadas aulas, fazendo a apologia da união e sendo homenageado com "prolongada e entusiástica salva de palmas"[43]. No mês de novembro, durante uma assembléia, ele, na condição de sócio, interpelou a diretoria da entidade a respeito da anunciada conferência do ex-chefe republicano dissidente, Antão de Faria. Esclareceu-se, então, que o convite havia partido de Guelfo Zanirati, em caráter pessoal, "(...) e que a sociedade não assumira, nem assumirá, compromisso de espécie alguma em favor do mencionado ex-chefe político burguês". Ou seja, o líder socialista defendeu, novamente, a independência política do operariado[44]. Nessa assembléia, foi escolhido para compor a comissão encarregada de reformar os estatutos da agremiação, pois os antigos, "(...) segundo o demonstrou a prática, já não estavam de acordo com as necessidades a atender na luta de classe"[45].

Entre os padeiros, agrupados na Sociedade de Resistência Padeiral, o personagem também gozava de muitas simpatias, exercendo uma espécie de

---

[43] *A Democracia*. Porto Alegre, 03/09/1905. p.p. 1-2 (MCSHJC).

[44] *A Democracia*. Porto Alegre, 19/11/1905. p. 2 (MCSHJC). Lembro que, alguns meses antes, Xavier da Costa havia desmentido os boatos de seu envolvimento com a política burguesa.

[45] *A Democracia*. Porto Alegre, 19/11/1905. p. 2 (MCSHJC). No mês de dezembro, como tal comissão, "por vários motivos", não havia conseguido, "até a semana transacta", reunir-se a fim de levar a cabo a incumbência, a maioria dos sócios, "após prévia combinação", compareceu à casa de Xavier da Costa "(...) e ali deliberou desempenhar-se, naquele mesmo dia, de seu mandato". A confecção do projeto foi logo iniciada, "(...) traçando-se o plano geral do trabalho e, em seguida, passando-se aos detalhes". A comissão concluiu seus trabalhos depois das 8 da noite, sendo o original passado a limpo por Antônio Heit. Nas palavras do periódico: "é possível (...) que até o fim do corrente ano a digna sociedade tenha discutido, aprovado e promulgado os seus novos estatutos". *A Democracia*. Porto Alegre, 24/12/1905. p. 2 (APAXC).

autoridade moral na agremiação. Em 1° de setembro de 1905, entraram em vigor os novos estatutos da entidade, que passou a se denominar União dos Empregados em Padaria. A fim de comemorar as modificações, a "classe padeiral" realizou uma sessão solene, sendo Xavier da Costa o orador oficial. Nas palavras do *A Democracia*:

> Este começou por agradecer as muitas e repetidas demonstrações de alto apreço com que, de longa data, o vem distinguindo a associação padeiral. Passou, em seguida, a fazer a apologia do padeiro, descrevendo, com vivacidade de frases, o que é a vida do mesmo, e salientando a longa série de verdadeiros sacrifícios de saúde que despende no exercício profissional.
>
> .....
>
> Demonstrou, então, a necessidade dos padeiros unirem-se e orientarem-se criteriosamente para a proteção mútua, asseverando-lhes, em linguagem vigorosa, que ao levar-lhes a prédica de união cumpria o dever a que se havia imposto como propagandista do alevantamento da classe operária. (...) Terminou concitando vibrantemente a União dos Empregados em Padaria a empreender o máximo de seus esforços em prol da vitória da causa comum de todos os operários[46].

Em dezembro, a associação conferiu ao "propagandista do alevantamento da classe operária", com aprovação unânime da assembléia geral, o título de sócio honorário, "pelos relevantes serviços por vós prestados à mesma".[47].

Localizei poucas informações sobre as sociedades dos metalúrgicos e dos polacos, mas, aparentemente, ambas mantinham relações cordiais com Xavier da Costa. Tal suposição baseia-se - no caso da União dos Metalúrgicos - no fato de que a entidade era presidida por José Zeller-Rethaler, parceiro de militância de Francisco, ao menos, desde 1897. Além disso, como mencionei acima, a União funcionava no mesmo endereço da Allgemeiner e da Comissão Central do Partido Operário. No que tange à Sociedade dos Polacos, só encontrei uma referência a seu respeito no *A Democracia*. De acordo com a notícia, o "digno e esforçado companheiro Antonio Nalepinski", membro da diretoria, comunicou o "reerguimento" da associação e hipotecou solidariedade ao redator do jornal. "Agradecendo profundamente o

[46] *A Democracia*. Porto Alegre, 10/09/1905. p. 2 (MCSHJC).

cativante incentivo", o periódico fez votos pelo seu progresso e, com esse fim, ofereceu-lhe "os seus esforços - sempre leais e francos"[48].

Enfim, Xavier da Costa encontrou, na maior parte das sociedades operárias existentes em Porto Alegre na época, uma boa acolhida e, em algumas delas, o reconhecimento de sua autoridade efetiva (como presidente da Confederação Obreira) ou moral (na União dos Trabalhadores em Madeira e na Sociedade de Resistência Padeiral). Porém, na União Operária Internacional e no Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas, surgiram resistências à sua liderança.

A União Operária Internacional sucedeu a Liga Operária Internacional e congregou os anarquistas atuantes na cidade[49]. Apesar disso, porém, considero difícil determinar com precisão o perfil ideológico da entidade e o seu grau de rejeição a Xavier da Costa.

A primeira diretoria da entidade compunha-se de Manoel Ordovás, como Presidente; José Rey Gil, como 1° Secretário; Alberto Kruse, como 2° Secretário e

---

[47] *A Democracia*. Porto Alegre, 03/12/1905. p. 2 (MCSHJC).

[48] *A Democracia*. Porto Alegre, 06/08/1905. p. 3 (APAXC). Segundo a notícia, a entidade tinha objetivos de resistência e de beneficência: "Os fins desta sociedade são reunir o elemento operário polaco que aqui, devido à diferença de idioma e de costumes encontra-se em desorganização; e, como o seu caráter é internacionalista, fazer ativa propaganda pela emancipação do proletariado por meio de preleções e conferências, difundindo a instrução entre os seus associados e socorrendo-os quando necessitados". O mesmo jornal havia apontado, em maio, a participação de Nalepinski nas comemorações do dia do trabalho, enquanto "representante do movimento operária de origem eslava entre nós". *A Democracia*. Porto Alegre, 07/05/1905. p. 1 (MCSHJC).

[49] As origens da União Operária Internacional são controversas. Petersen, utilizando como fonte documental a *Certidão do Cartório do Registro Especial da Comarca de Porto Alegre*, afirma que a fundação da sociedade ocorreu em 6 de junho de 1902, "(...) tendo por fim unificar o operariado em geral, procurando fazer compreender a necessidade de união de esforços para se conseguir a melhoria econômica e moral das classes trabalhadoras". PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p.p. 140-1, nota 163. Já Marçal refere que a organização "foi fundada em 1905, por inspiração dos anarquistas. Sua criação visava preencher a lacuna deixada com o desaparecimento da Liga Operária Internacional. Queria atrair as associações operárias de Porto Alegre, algumas ao menos, contrabalançando o peso nascente da Confederação Obreira, dirigida pelo socialista Francisco Xavier da Costa". MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas...*, op. cit., p. 91. As notícias publicadas no *A Democracia* vão ao encontro dessa última afirmação. Em 23 de junho de 1905, o jornal informou: "A antiga e gloriosa Liga Operária Internacional acaba de entrar em nova fase. Em reunião de assembléia geral, efetuada há pouco, ficou deliberado que o velho grêmio passe a denominar-se União Operária Internacional". *A Democracia*. Porto Alegre, 23/06/1905. p. 3 (APAXC). Apesar da diferença cronológica, contudo, Petersen e Marçal concordam que a sociedade abrigava os anarquistas de Porto Alegre.

José Macchi, como Bibliotecário[50]. No capítulo precedente, viu-se que Rey Gil participou, juntamente com Francisco, do grupo dirigente da Liga Operária Internacional, logo após a sua criação em 1895 (o primeiro como secretário e o segundo como presidente), sendo, depois, um dos signatários do *Manifesto* do Partido Socialista e representante da Sociedade Tipográfica Rio-grandense no Congresso de 1898. A seguir, ficou do lado dos opositores de Xavier da Costa na Liga e, posteriormente, aproximou-se do anarquismo. Em março de 1907, ele escreveu: "(...) a princípio adotei os rudimentares princípios do socialismo, o socialismo autoritário, e sem descansar, continuei na marcha ascendente e progressiva para o ideal. Hoje, e isto já faz oito anos, sou socialista revolucionário, libertário ou anarquista"[51].

Entretanto, os outros três membros da diretoria eram ligados a Xavier da Costa. Kruse foi fundador e dirigente da União do Trabalho de Rio Grande em 1892, integrada também por Koch e Zeller-Rethaller[52]. D. Anita, folheando alguns exemplares do *A Democracia*, comentou, ao ler o nome de Kruse: "era nosso armazeneiro. (...) Era também amigo do meu pai[53]. José Macchi, por seu turno, participou da fundação da União dos Pedreiros e de "(...) vários outros grêmios, operários uns, recreativos e instrutivos outros (...)"[54]. Sabe-se, igualmente, de sua violenta oposição aos anarquistas e de seu apoio a Francisco durante a polêmica travada pelo último com o grupo editor do jornal libertário *A Luta*[55]. Aliás, a relação entre eles parece ter sido íntima pois, no enterro de Macchi, Xavier da Costa

[50] MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas...*, op. cit., p. 91.
[51] *A Luta*. Porto Alegre, 15/03/1907. p. 4 (NPH).
[52] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Uma história das formas de organização dos operários no Rio Grande do Sul nos anos 20 e a construção de um banco de dados sobre militantes e instituições operárias gaúchas na Primeira República*. Porto Alegre, Relatório de Pesquisa enviado ao CNPq, agosto de 2000.
[53] Entrevista ao autor, op. cit.
[54] *A Democracia*. Porto Alegre, 21/04/1907. p. 1 (MCSHJC).
[55] Ver: *A Luta*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 3 (NPH) e o artigo de Macchi, "Prova cabal", contra José Rey Gil, no *A Democracia*. Porto Alegre, 28/02/1907. p. 1 (MCSHJC).

agradeceu as manifestações de pesar, "(...) em nome da família do morto e da Comissão Central da Federação Operária do Rio Grande do Sul"[56]. Manoel Ordovás, por fim, foi quem propôs o nome de Francisco como sócio da entidade, gerando a oposição de alguns associados, conforme apontarei a seguir. Ainda visando mostrar os laços do líder socialista com a União Operária Internacional, assinalo que essa funcionava na rua Ramiro Barcelos, nº 109, mesmo endereço da União dos Trabalhadores em Madeira, na qual o personagem gozava de muitas simpatias.

Apoiando-me nesses dados, prefiro caracterizar a União Operária Internacional enquanto um campo de alianças e de conflitos, onde digladiavam-se socialistas e anarquistas. Xavier da Costa, líder dos primeiros, era uma peça chave dessas disputas, alvo de freqüentes acusações dos libertários, indício de sua importância no movimento operário local. Assim, o líder anarquista Polidoro dos Santos afirmou, no ano de 1911, que, em 3 de setembro de 1905, Francisco havia sido proposto para sócio da União. Segundo Santos, "(...) usando da palavra alguns sócios impugnaram aquela proposta e recordaram os atos do referido sr., que tão tristes recordações tinham deixado entre o operariado". E continuou:

> Um dos sócios, o Sr. Carlos Ponti, falando disse "que o Sr. Costa tinha sido um mau companheiro, tinha sacrificado princípios à sua vaidade; a ele deve-se a desorganização do movimento e a morte da Liga Operária Internacional, fatos estes do conhecimento de todos" (Ata nº 18, livro 2).
>
> Outros sócios externaram-se igualmente recordando a passagem do Sr. Costa nas associações operárias, intrigando uns, difamando outros e embrulhando todos.

Não sendo Xavier da Costa aceito na ocasião, na sessão seguinte renovou-se a indicação, "(...) garantindo o seu proponente, o operário Manoel Ordovás, que o Sr. Costa estava regenerado e que iria ser um bom companheiro... Foi então aceita a

[56] *A Democracia*. Porto Alegre, 21/04/1907. p. 1 (MCSHJC).

proposta, do que logo vieram a se arrepender os sócios da União..."[57]. No final de 1905, o *A Democracia* anunciou a eleição da nova diretoria da entidade, quando um "avultado número de sócios" deliberou pleitear a reeleição do "nosso amigo e criterioso operário Manoel Ordavaz (sic)". O jornal manifestou seu contentamento pela escolha, indicando que o presidente era um importante ponto de apoio dos socialistas na União: "(...) presentemente a estada do companheiro Ordavaz em tal cargo é uma necessidade inequívoca, visto ser indispensável para a boa marcha da União Operária não desviar-se da diretriz que lhe traçou o mesmo companheiro (...)"[58].

Xavier da Costa também participou da associação de seu ofício, o Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas, ao lado de alguns aliados como Paulino Diamico e Antônio Heit. No capítulo anterior, assinalei que a categoria dos gráficos foi uma das primeiras a se organizar no estado e que Francisco iniciou a sua militância em uma sociedade tipográfica no início da década de 1890. Em 1905, o presidente do Grêmio era Theodoro de Souza Garcia Júnior, ex-tesoureiro da Liga Operária Internacional. Segundo Polidoro dos Santos, ele foi um dos acusados por Xavier da Costa de desviar recursos da entidade. Garcia Júnior representou o Grupo Dramático Operário no Congresso de 1898 e, no mesmo ano, deixou de votar a proposta de eliminação de Francisco do cargo de presidente e de sócio da Liga. Em 1901, exerceu a função de tesoureiro da Confederação Obreira, na diretoria presidida pelo último[59]. Portanto,

[57] *O Diário*. Porto Alegre, 21/09/1911. p. 1 (MCSHJC).
[58] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/12/1905. p.p. 2-3 (APAXC).
[59] *O Independente*. Porto Alegre, 30/06/1901. p. 3 (AHPA) e PETERSEN, S. R. F. *Uma história das formas de organização...*, op. cit.

suas relações com o redator do *A Democracia* nem sempre foram fáceis, o que talvez tenha repercutido no funcionamento da sociedade[60].

Em 10 de setembro, o referido periódico noticiou a realização, a 27 de agosto, da sessão de assembléia geral do Grêmio "(...) para trata-se de casos urgentes". Na ocasião, Garcia Júnior "(...) cientificou aos consócios que apesar do espetáculo por ele organizado em benefício da biblioteca ter dado resultado negativo a sociedade não teria com isto prejuízo algum (...)" porque cobriria pessoalmente a diferença. Em seguida, o presidente interrogou a assembléia se ainda "(...) julgava-o passível de pena pelo fato de haver sido ordenada por ele a retirada de dinheiro da caixa em quantia superior a que lhe era permitida pelos estatutos". Ao questionamento, os presentes responderam de forma negativa, "(...) atendendo a que, em primeiro lugar tal autorização fora dada em circunstâncias excepcionais tornando-se, portanto, justificável o procedimento do referido funcionário, e, em segundo lugar, que este entrará com a importância correspondente ao 'déficit'". Pondo termo ao caso, Garcia Júnior e Paulino Diamico, 1° Secretário da associação, apresentaram suas renúncias, as quais foram aceitas pelos consócios. Pouco depois, procedeu-se nova eleição para o preenchimento desses e de outros cargos vagos. O resultado: Francisco Xavier da Costa elegeu-se presidente; Julio H. Otto Neu, Vice-Presidente; Mário Dias, 1° Secretário; Polidoro dos Santos, 2° Secretário; Álvaro Dias, Diretor; Antônio Guimarães, Vicente Carrejal e Cândido Francisco Ilha, membros da Comissão de Contas[61]. Durante a gestão do líder socialista, o Grêmio mudou de sede - da Rua Jerônimo Coelho, n° 35, para a Rua dos Andradas, n° 539 -, onde foram instaladas

[60] Em 1905, a relação entre Xavier da Costa e Garcia Júnior parecia ser cordial. No mês de maio, o *A Democracia* informou que se achava doente "o nosso bom amigo e velho tipógrafo Theodoro Garcia, progenitor do também nosso amigo e correligionário Garcia Júnior (...)". *A Democracia*. Porto Alegre, 07/05/1905. p. 3 (MCSHJC).

[61] *A Democracia*. Porto Alegre, 10/09/1905. p. 2 (MCSHJC).

uma biblioteca e um gabinete de leitura, evidenciando, mais uma vez, a importância conferida por esses militantes à "elevação cultural" do proletariado[62].



Fonte: *A Democracia*. Porto Alegre, 04/06/1905 (APAXC).
Reprodução: Cristina Lima.

Concluindo essa apresentação da influência de Xavier da Costa nas sociedades operárias de Porto Alegre em 1905 (ver quadro abaixo), ressalto, novamente, que o personagem, de forma direta ou indireta, conseguiu afirmar a sua liderança junto à maior parte delas. Contudo, encontrou resistências na União Operária Internacional e no Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas, devidas, possivelmente, às objeções interpostas por antigos desafetos e/ou militantes simpáticos ao anarquismo (como Gil e Polidoro dos Santos). No próximo capítulo, ver-se-á que o conflito entre socialistas e anarquistas explodiu de forma contundente após a greve de 1906. Antes disso, porém, o *A Democracia* já havia procurado demarcar, com mais precisão, a sua linha ideológica. Em carta dirigida a "Um Rebelde", o redator enfatizou:

> – Não senhor! Absolutamente não toleramos propaganda

[62] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/09/1905. p. 3 e 15/10/1905. p. 2 (MCSHJC).

anarquista nas colunas da *Democracia*. Julgue-nos como quiser, diga de nós o que entender, - fomos, somos e seremos adversários da doutrina que pretende melhorar a sociedade destruindo 'in totum' o que a burguesia organizou.

E somos assim porque não é preciso ser-se guia intelectual para alcançar-se esta verdade: do regime existente há muita coisa aproveitável, boa para nós operários.

Pregar o que o sr. prega em seu artigo é ser inimigo do bem-estar dos trabalhadores, é desorganizar tudo, é ser mau, perverso ou louco!

Temos reconhecido que, em geral, os que neste país fazem a propaganda de idéias como as suas são simples exploradores, hipócritas, são rebeldes de palavras e nada mais.

Insuflam os trabalhadores a desordens, lançam-lhes n'alma o descontentamento, promovem inutilmente a rebelião deles contra tudo e contra todos, - mas sabem aproveitar-se disso para melhorar pecuniariamente as próprias condições.

Rebeldes de tal natureza são indivíduos a quem os operários honestos não devem prestar atenção[63].

QUADRO I -
INFLUÊNCIA DE FRANCISCO XAVIER DA COSTA NAS SOCIEDADES OPERÁRIAS DE PORTO ALEGRE EM 1905

[63] *A Democracia*. Porto Alegre, 19/11/1905. p. 2 (MCSHJC).

ASSOCIAÇÃO	Presidente	Influência de XAVIER DA COSTA
CONFEDERAÇÃO OBREIRA *Rua Coronel Genuíno, nº 46*	*Francisco Xavier da Costa*	*Direta* *(como presidente).*

Observação:
Funcionava no endereço residencial de Xavier da Costa.

ALLGEMEINER ARBEITERVEREIN *Rua Voluntários da Pátria, nº 279*	*Wilhelm Koch*	*Indireta* *(através de suas relações pessoais e políticas).*

Observação:
Koch era companheiro de militância de Xavier da Costa deste 1897, pelo menos.

UNIÃO DOS TRABALHADORES EM MADEIRA *Rua Ramiro Barcellos, nº 109*	*Jacintho Francisco de Alencastro*	*Autoridade moral.* *Estatuto de "sócio".*

Observações:
Alencastro foi signatário do Manifesto do Partido Socialista de 1897.
Em 1905, Xavier da Costa foi um dos redatores dos estatutos da associação.

SOCIEDADE DE RESISTÊNCIA PADEIRAL (depois UNIÃO DOS EMPREGADOS EM PADARIA) *Rua Santo Antônio, nº 47*	*Theophilo dos Santos Machado*	*Autoridade moral.* *Estatuto de sócio-honorário.*

Observação:
Em 1905, Xavier da Costa foi orador oficial em sessão solene da entidade.

UNIÃO DOS METALÚRGICOS *Rua Voluntários da Pátria, nº 279*	*José Zeller-Rethaler*	*Indireta* *(através de suas relações pessoais e políticas).*

Observações:
Zeller-Rethaler foi um dos signatários do Manifesto de 1897.
Funcionava na mesma sede da Allgemeiner e da Comissão Central do Partido Operário.

ASSOCIAÇÃO	Presidente	Influência de XAVIER DA COSTA
SOCIEDADE DE OPERÁRIOS POLACOS ?	?	*Relação aparentemente amistosa.*

Observação:
O reerguimento da sociedade foi comunicado ao A Democracia que hipotecou sua solidariedade à iniciativa.

UNIÃO OPERÁRIA INTERNACIONAL *Rua Ramiro Barcellos, nº 109 (ou 107?)*	*Manoel Ordovás*	*Contestada (encontra resistências).*

Observações:
A sociedade abrigava anarquistas em seu seio.
Houve resistências à aceitação de Xavier da Costa como sócio.
Xavier da Costa tinha o apoio de Ordovás.

GRÊMIO DE ARTES GRÁFICAS E CORRELATAS *Rua Jerônimo Coelho, nº 35.* *Depois Rua dos Andradas, nº 539.*	*Theodoro Garcia Júnior* *Depois Francisco Xavier da Costa*	*Possíveis problemas internos e depois influência direta (como presidente).*

Observações:
Xavier da Costa tinha aliados no Grêmio como Diamico e Heit.
Relações ambíguas com Garcia Júnior.
Xavier da Costa torna-se presidente em 27/08/1905.

* * *

Ainda no ano de 1905, o *A Democracia* registrou a ocorrência de duas greves em Porto Alegre: uma, "sem nenhum resultado prático", nas oficinas do *Jornal do Comércio*, e outra, "com êxito apreciável", na seção de tecelagem da Companhia Fiação e Tecidos.

A causa da primeira foi a demissão inesperada de três tipógrafos, reputada injusta pela maioria dos colegas. Alguns deles, entre os quais Paulino Diamico, enviaram uma carta a Júlio Costa, administrador das oficinas, pedindo que esse

reconsiderasse a decisão pois, caso contrário, os empregados não retornariam ao trabalho. Deixaram de assinar a missiva os tipógrafos Bernardo de Mello Guimarães e Manoel da Costa Monteiro. Porém, o co-proprietário do jornal, o tenente-coronel Frederico Augusto Gomes da Silva, não atendeu à demanda, "(...) resultando disto a retirada dos signatários da carta, ficando o pessoal tipográfico do jornal reduzido a duas pessoas". Nessas condições, a empresa viu-se obrigada a mandar os empregados do escritório fazerem as vezes de tipógrafos. Além disso, convocou-se o Sr. Volfran de Oliveira, "despedido violentamente" semanas antes, sendo também "promovidos" a compositores os dois únicos aprendizes da casa.

A despeito dessas providências, o jornal de segunda-feira só apareceu às 2 horas da tarde, e não pela manhã, como de costume, mas o atraso foi atribuído a um "(...) pequeno desarranjo havido na máquina de impressão". Frente ao impasse, e não obstante Frederico Gomes ter considerado despedidos todos os signatários da carta, retornaram às oficinas do jornal dois deles: Manoel Campos e João Francisco Pinto.

Já os tecelões constituíram-se em parede por não haverem sido atendidos na petição que enviaram ao coronel Manoel Py, diretor-presidente da Companhia, solicitando aumento de salário. Conforme o redator,

> a notícia da atitude dos operários circulou pela cidade. E as versões alarmantes acompanhavam-na dando à pacífica greve o caráter de ameaça à ordem pública... A pedido de algum medroso fantasista ou por muito zelo, o sr. delegado de polícia coronel João Leite dirigiu-se à fábrica de tecidos. Lá encontrou tudo em paz, como era lógico.

No dia seguinte à declaração da greve, um grupo de operários visitou Py para saber de seu posicionamento a respeito da reivindicação, porém nada conseguiu. Mais tarde, nova comissão foi ter com o diretor-presidente, dela fazendo parte Xavier da Costa, "(...) a pedido de uma comissão dos grevistas, que veio ao escritório da *Democracia*". Segundo a notícia:

> O coronel Py recebeu-a com toda a urbanidade, e depois de longa palestra a respeito da causa do movimento dos operários tecelões, explicou que a demora da solução ao pedido deles era devida ao fato dos diretores da companhia estarem estudando o modo de **harmonizar os interesses desta com os dos referidos seus empregados**, e que demonstrava não haver de sua parte nenhuma prevenção contra estes.
>
> E como a comissão não levava plenos poderes para resolver em definitivo a pendência, recebeu ela a proposta feita pelo mesmo sr., de um acordo que desse fim ao movimento sem prejuízo para os grevistas e nem para a companhia, proposta que na manhã de sexta-feira foi participada a todos os operários a quem ela interessava.

À noite, Francisco, "como delegado dos tecelões", reuniu-se com os diretores da empresa, ficando então combinado que os grevistas voltariam ao trabalho e os diretores resolveriam eqüitativamente o assunto deflagrador da petição. Posteriormente, os funcionários em greve tomaram conhecimento do ato de seu delegado e o aprovaram unanimemente, sendo isso comunicado à administração da indústria. Resolvida a divergência, voltou à normalidade o funcionamento da seção de tecelagem da Companhia Fiação e Tecido.

A apreciação do acontecimento feita pelo *A Democracia* oferece algumas pistas importantes para se compreender a postura de Xavier da Costa sobre as greves:

> Folgamos em registrar o fim satisfatório da greve, durante a qual não houve nenhum ato desdourante dos reconhecidos créditos de ordeiro de que goza o operariado daquela companhia.
>
> E porque o redator da *Democracia* tomou parte ativa para tal resultado, em nome deste agradecemos aos briosos companheiros que fizeram a greve a honrosa e absoluta confiança que depositaram nele entregando-lhe a direção geral do movimento, justamente no período agudo do mesmo, e submetendo-se, sem discussão nem reservas, aos seus conselhos e às suas deliberações.
>
> Francamente o dizemos: não somos partidários do abuso de greves. Quando porém elas se tornam imprescindíveis ou inevitáveis cumpre aos que as promoverem sustentá-las, custe o que custar, até que resultem - pelo menos - algo de proveitosos para a nossa classe, e nunca desdouro para o Operariado.
>
> E greve justa, dirigida e sustentada com critério, não se prestando nunca a explorações e a bastardos manejos de especuladores - porque os há em todas as classes - há de dar bom resultado sempre!
>
> Na greve só deve ser empregada a violência como legítima e precisa resposta a outra violência, venha esta da polícia ou de quem quer que seja. É o caso do provérbio "Proceder em Roma como em Roma se procede", ou do outro - "Dançar conforme se toca..."

> **Damos preferência ao modo conciliatório** quando se manifestam desacordos da natureza desse que ocorreu entre a direção da Companhia Fiação e Tecidos e os nossos companheiros tecelões; e na preferência vai sempre até o extremo do possível.
>
> Felizmente, e nos alegramos por isto, no caso vertente não se chegou ao extremo. E bastante contribuiu para tal resultado a boa vontade que o nosso diretor encontrou, tanto da parte dos grevistas como dos diretores da companhia[64].

A narrativa a respeito da greve dos tipógrafos insinua que o movimento não foi bem sucedido devido à falta de solidariedade dos empregados da oficina e, de forma implícita, à não participação de Xavier da Costa. Os tecelões, ao contrário, teriam atingido seus objetivos em função de três fatores: por terem se submetido, "sem discussão nem reservas", à liderança do personagem; pela capacidade desse último de intermediar as negociações e pelo "modo conciliatório" adotado por patrões e empregados.

Ambos os episódios são reveladores de um processo mais amplo, de caráter estrutural, em curso no estado naquele momento: o avanço da industrialização e das relações capitalistas de produção. Assim, os tipógrafos constituíam uma categoria de trabalhadores especializados ("artistas"), com longa tradição organizativa mas que, em 1905, apesar de possuírem uma associação, estavam divididos por diferenças e disputas internas. Xavier da Costa era uma peça-chave desses conflitos. Logo, não parece casual que um dos tipógrafos apontados como tendo voltado às oficinas - quebrando, portanto, a solidariedade de ofício - fosse Manoel Pereira de Campos, sócio do jornal *A Voz do Operário*, de propriedade de notórios desafetos do líder socialista (Rey Gil e Pedro Tácito Pires)[65].

Os tecelões, por seu turno, trabalhavam em uma das maiores indústrias da cidade, a Companhia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, fundada no ano de 1891, e

[64] Ambas as greves foram noticiadas no *A Democracia*. Porto Alegre, 13/08/1905. p. 3 (MCSHJC).

que empregava, em 1908, aproximadamente 300 operários, inclusive mulheres e crianças maiores de 12 anos. Ou seja, uma fábrica moderna de acordo com os padrões da época, cujos funcionários, em grande parte, não tinham especialização, além de não formarem uma agremiação própria. Nesse sentido, a parede da Companhia de Manoel Py expressou as insatisfações de uma categoria de trabalhadores relativamente nova, numericamente significativa, pouco organizada e descontente com as transformações verificadas nas relações de produção[66]. Xavier da Costa parece ter captado tais sentimentos e conseguiu impor-se enquanto dirigente do movimento. A experiência lhe serviu como uma espécie de ensaio para a greve geral de 1906, que envolveu, majoritariamente, operários fabris e na qual o personagem atuou, outra vez, como "homem ponte" entre patrões e empregados[67].

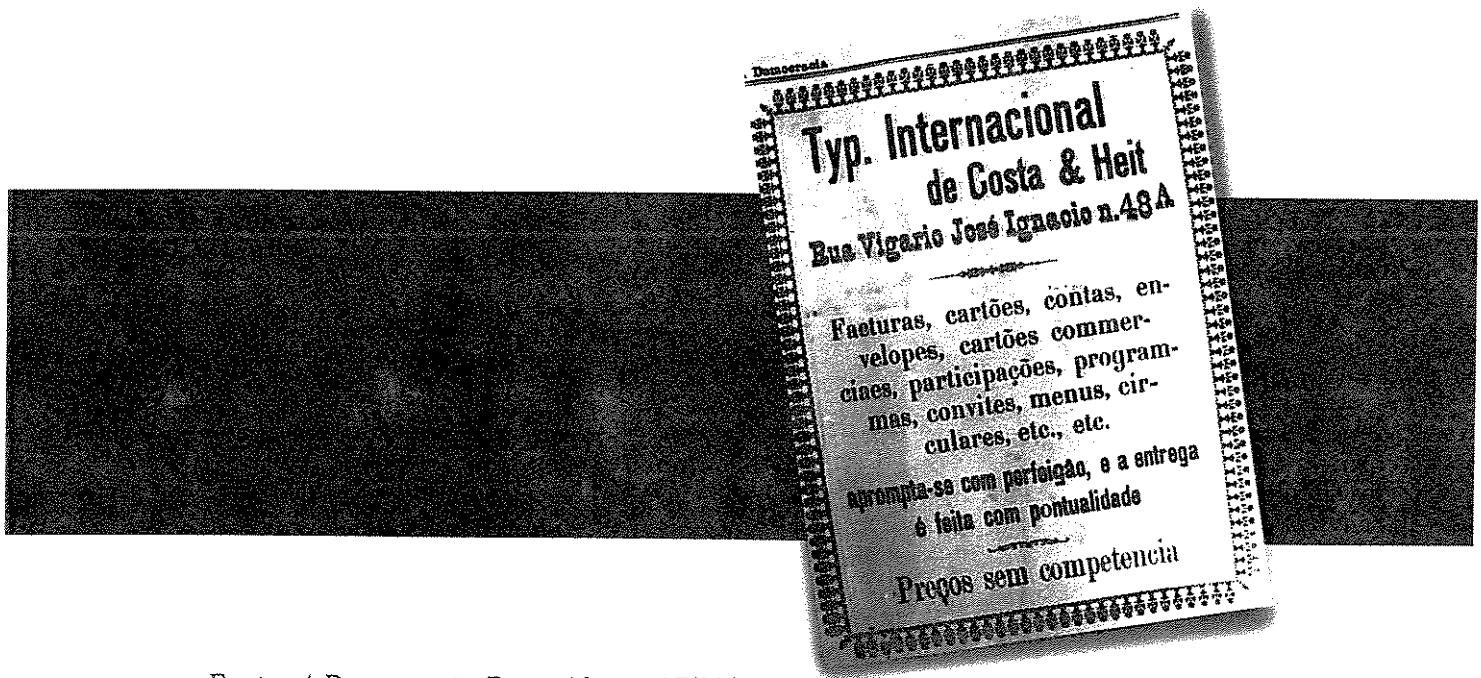
* * *

[65] PETERSEN, S. R. F. *Guia...*, op. cit., p. 96. Não encontrei outras informações sobre os demais trabalhadores envolvidos na greve do *Jornal do Comércio*.

[66] Segundo Bak, "em Porto Alegre, em 1906, muitos trabalhadores ainda estavam acostumados a trabalhar em pequenas oficinas de artesãos especializados, com sua escala humana, a possibilidade de progressão de trabalhador a mestre, e seguidamente, relações sociais paternalistas. Mas alguns trabalhadores estavam se defrontando com grandes fábricas pela primeira vez, com produção mecanizada, substituição por mão-de-obra não especializada e relações sociais mais disciplinadas e hierarquizadas. (...) Agrupadas no setor metalúrgico e na produção de roupas, móveis e comida, esses estabelecimentos tornaram-se um primeiro campo de batalha para conflitos causados pelas mudanças nas relações sociais de produção". BAK, J. *Class...*, op. cit., p.p. 87-8. Batalha faz observações semelhantes, referindo-se à greve da indústria têxtil ocorrida na Capital federal em agosto-setembro de 1903. Conforme o autor, o movimento envolvia "(...) uma categoria submetida ao trabalho mecânico, com considerável presença de mulheres e menores, e que não contava com a experiência organizativa prévia das categorias artesanais qualificadas". Porém, ao contrário dos empregados da Companhia Fiação e Tecidos, os grevistas cariocas sofreram feroz repressão e não tiveram nenhuma de suas reivindicações atendidas, provavelmente em razão do emprego da ação direta por parte dos últimos e devido à postura de preservação do privatismo nas relações de produção adotada pelo governo gaúcho. BATALHA, C. *O movimento...*, op. cit., p.p. 39-40.

[67] O movimento dos tecelões, e o papel nele desempenhado por Xavier da Costa, tiveram repercussões na imprensa estadual e nacional. O *Riograndenser Vaterland* e *O País*, do Rio de Janeiro, destacaram a importância do líder socialista na resolução do conflito. *A Democracia*. Porto Alegre, 20/08/1905. p. 2 e 03/09/1905. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.

Mesmo com essa entrega à militância, o personagem continuou dedicando uma parte significativa de seu quotidiano ao trabalho na litografia Weingärtner[68]. Afinal, a família crescia e era preciso sustentá-la... Também no campo profissional, conforme referi acima, ele tornou-se proprietário, ao lado de Antônio Heit, da Tipografia Internacional, situada à Rua Vigário José Inácio, nº 50. No *A Democracia*, o estabelecimento anunciava estar apto a "(...) prontificar com perfeição, em pouco tempo e por módico preço livros, estatutos de sociedades, relatórios etc. etc."; e a fazer cartões de visita, convites, envelopes, contas e recibos de aluguel de casas[69].



Fonte: *A Democracia*. Porto Alegre, 17/09/1905. p. 4 (APAXC).
Reprodução: Cristina Lima.

Todos esses papéis - o de militante, o de gráfico e o de pai de família - não estavam dissociados na trajetória de Xavier da Costa mas, ao contrário, articulavam-se na composição de sua identidade de líder operário. Assim, ele procurava dividir a rotina diária para dar conta de suas múltiplas funções. Em um anúncio do Grêmio de

[68] *A Democracia*. Porto Alegre, 27/08/1905. p. 2 (MCSHJC).

Artes Gráficas e Correlatas, informava-se que "o presidente F. X. da Costa reside à Rua Coronel Genuíno, antiga da Figueira, nº 46, onde atende aos srs. sócios, das 7 às 8 da manhã e das 7 às 10 da noite. Das 4 às 6 da tarde é encontrado no escritório da *Democracia*, à rua Vigário José Ignácio, nº 50"[70]. Não havia, portanto, no dia-a-dia de Francisco, uma demarcação nítida entre o espaço da moradia e o da militância. Em casa, ele convivia com seus familiares e recebia os associados do Grêmio; em casa, ele instalou a sede da Confederação Obreira; em casa, os membros da União dos Trabalhadores em Madeira vieram procurá-lo a fim de elaborarem os novos estatutos[71]. Ainda visando mostrar a íntima ligação dos diversos âmbitos da existência de Xavier da Costa, ressalto, por fim, que muitos de seus companheiros de militância também eram seus amigos pessoais.

* * *

Nesse ano de 1905, em que Xavier da Costa procurava - com a fundação do Partido Operário e do *A Democracia* e a participação em greves e associações de trabalhadores - consolidar e ampliar sua influência junto ao operariado de Porto Alegre; Carlos Cavaco buscava firmar-se na cena literária da cidade, publicando seu primeiro livro, *Rosicler*. Em 1906, os caminhos dos dois personagens se cruzaram em função da greve geral de outubro. Antes, todavia, alguns acontecimentos agitaram o movimento operário nacional e local.

---

[69] *A Democracia*. Porto Alegre, 17/09/1905. p.p. 3-4 e 10/12/1905. p. 3 (APAXC), respectivamente.
[70] *A Democracia*. Porto Alegre, 17/09/1905. p. 3 (APAXC).
[71] A idéia da casa como lugar de militância não era incomum entre os militantes operários do período. Ver, nesse sentido, tratando do caso do Rio Grande do Sul: BILHÃO, Isabel Aparecida. Família e movimento operário: a anarquia dentro de casa. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXII, nº 2, dezembro de 1996 e SCHMIDT, B. B. Sentimentos..., op. cit. Para outro contexto, abordando a trajetória da anarquista Luce Fabbri, consultar: RAGO, M., op. cit.

Em abril, realizou-se, no Rio de Janeiro, o 1° Congresso Operário Brasileiro, com a presença de socialistas e anarquistas, sendo que esses últimos deram o tom dominante ao evento. Na ocasião, contra a proposta dos delegados socialistas de formar um partido político, foi aprovada a tese sindicalista da criação da Confederação Operária Brasileira (COB), inspirada diretamente no modelo da CGT francesa, então sob influência do sindicalismo revolucionário[72]. O Rio Grande do Sul não enviou representantes, somente um ofício de adesão e solidariedade da União Operária do estado. Sabe-se, entretanto, que os anarquistas atuantes em Porto Alegre tomaram conhecimento das propostas emanadas do Congresso[73].

Os congressistas trataram, em várias de suas resoluções, da luta pela jornada de 8 horas de trabalho, colocando a questão na ordem do dia, pois acreditavam que a redução do tempo de trabalho diário ajudaria a reduzir o desemprego e liberaria os operários para estudarem e organizarem-se, fazendo crescer a sua consciência de classe. No encontro, aprovou-se a idéia de que, em dia 1° de maio do ano seguinte, o proletariado deveria lutar por essa causa[74].

Os socialistas porto-alegrenses, contudo, já vinham solicitando as 8 horas, ao menos, desde 1897, quando a reivindicação fez parte do Programa do Partido Socialista do Rio Grande do Sul[75]. Logo, tanto por parte dos anarquistas quanto dos

---

[72]HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*. São Paulo, Ática, 1991. p. 268.

[73]PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p.p. 179-80. O jornal libertário *A Luta*, de Porto Alegre, forneceu várias informações sobre o Congresso Operário do Rio e a criação da COB. Ver: *A Luta*. Porto Alegre, 29/09/1906. p. 3; 10/10/1906. p. 1; 28/10/1906. p. 1 e 15/11/1906. p. 3 (NPH).

[74] BATALHA, C. *O movimento...*, op. cit., p.p. 40-41 e BAK, J. *Class...*, op. cit., p. 87.

[75]De forma mais geral, saliento que a Segunda Internacional Socialista (1889-1914) tinha, entre suas propostas de ação comuns, a convocação para organizar, a partir de 1890, manifestações em todos os países, nos dias 1° de maio, em apoio à jornada de trabalho de oito horas. JOHNSTONE, Monty. Verbete internacionais. In: BOTTOMORE, Tom (org.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988. p. 196. Consultar também: BRANCIARD, Michel. La réduction du temps de travail dans l'histoire sociale. In: CENTRE D'HISTOIRE DU TRAVAIL (org.). *Mémoires des solidarités*. Ramonville Saint-Agne, Erès, 1997.

socialistas - em nível internacional, nacional e local -, a diminuição da jornada de trabalho emergia enquanto meta prioritária do movimento operário.

Apesar desse clima favorável à eclosão de movimentos reinvidicatórios[76], ou por causa dele, a grande imprensa de Porto Alegre saudou o 1° de Maio de 1906 como um dia de festa, já que, na ótica de seus articulistas, não existiria, no Rio Grande do Sul, o "capitalismo feroz" nem a "miséria negra que tanto incremento dá às cóleras surdas, mas terríveis do proletariado no estrangeiro"[77]. O periódico oficial *A Federação*, por exemplo, ressaltou:

> No Rio Grande do Sul, felizmente, onde não temos o que na Europa se chama proletarismo, o dia de hoje é de confraternização criadora, é de vibrantes manifestações de vida contrastando com o espetáculo das reações e protestos gerais, trágicos atentados e reivindicações que o velho mundo oferece e do qual não tem podido libertar-se[78].

Ao longo do ano, apesar dos discursos oficiais ressaltarem a harmonia social vigente no estado, o movimento operário porto-alegrense ampliou sua rede organizativa e seu leque de influências ideológicas.

Assim, em 1906, os anarquistas - atuantes no estado desde o final do século XIX[79] - adquiriram maior visibilidade na cena pública. Sintomas desse fato são a criação do jornal *A Luta* e da Escola Eliseu Reclus, ambos no mês de setembro. O *A Luta* contava, entre seus redatores, com José Rey Gil e com Stefan Michalski[80], dirigentes do Sindicato dos Marmoristas, entidade em vias de organização. O periódico, no mês de outubro, explicitou sua linha política:

---

[76] Ver: BATALHA, C. *O movimento...*, op. cit., p. 39.
[77] *O Independente*. Porto Alegre, 03/05/1906. p. 1 (FIB).
[78] *A Federação*. Porto Alegre, 01/05/1906. p. 1 (FIB).
[79] Sobre as origens do anarquismo no Rio Grande do Sul, ver: PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. O anarquismo no Rio Grande do Sul na Primeira República. *Revista do IFCH da UFRGS*. Porto Alegre, n° 15, 1991-2.
[80] Michalski (1885-1957) nasceu em Cracóvia na Polônia (então sob dominação russa) e chegou a Porto Alegre em 1890. De acordo com Marçal, era "oriundo de família operária, no começo da vida foi vendedor de jornal, mantendo os primeiros contatos com militantes anarquistas, ideologia que abraçou

> Nós (...) somos libertários, isto é, julgamos que, como base de uma sociedade livre, é necessária uma transformação da propriedade particular em propriedade social, a solidariedade humana na luta contra a natureza e a cooperação dos esforços para se obter a maior soma possível do bem-estar; e, sob o ponto de vista da organização, queremos a vida social assente sobre a iniciativa individual e o livre acordo sem delegação de espécie alguma de poder[81].

Gil e Michalski - ao lado de Polidoro Santos, Henrique Faccini, Gomes Ferro, Frederico Reynaldo Gayer e outros - foram, também, os fundadores da Escola Eliseu Reclus, cujo nome homenageava o célebre geógrafo anarquista. O *A Luta* salientou que o estabelecimento baseava-se "(...) no mesmo princípio das modernas universidades populares, onde podem os trabalhadores encontrar fácil meio de adquirir conhecimentos, que lhes são vedados em vista das condições econômicas em que a maioria se encontra"[82].

A maior visibilidade dos anarquistas, obviamente, incomodou os defensores da social-democracia. Afinal, os libertários propunham uma identidade política concorrente no seio do próprio movimento operário. Viu-se antes que a posição de Xavier da Costa em relação ao anarquismo variou de uma certa simpatia - como na polêmica travada com Eça de Oliveira em 1900 - à total condenação - conforme pode-se constatar no artigo "Um Rebelde", citado acima. A partir de 1906, o grau de rivalidade entre os partidários das duas tendências tendeu a aumentar, explodindo de forma violenta em várias ocasiões.

Tais conflitos manifestaram-se, igualmente, nas sociedades operárias existentes ou em processo de organização. Nesse sentido, durante o mês de janeiro de

---

ainda moço. Aprendendo a profissão de marmorista, virou militante da classe operária (...)". MARÇAL, J. B. *Os anarquistas...*, op. cit., p.p. 23-4.

[81] *A Luta*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 1 (NPH). De acordo com Aravanis, "o jornal assinala o início do período, quando, pode-se dizer, os anarquistas saem de seu anonimato e passam a marcar de forma visível sua presença no contexto político da época". ARAVANIS, Evangelia. *Uma utopia anarquista: o projeto social dos anarquistas do periódico "A Luta" e o seu desejo de mudar o rumo da História em Porto Alegre (1906-1907)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1997 (dissertação de mestrado). p. 11.

1911, o militante anarquista Antônio Cariboni, no jornal *O Diário*, historiou a trajetória de algumas entidades. Na primeira, afirmou que a União Operária Internacional foi instalada "com reduzidíssimo número de sócios", a 6 de julho de 1906[83], e acrescentou:

> Para dizermos minuciosamente, as crises econômicas por que tem ela [a União] atravessado durante os primeiros anos de sua existência e a guerra encarniçada e ininterrupta que tem sofrido, movida por operários mal orientados ou, pior ainda, por indivíduos ambiciosos que, como fiéis discípulos de Maquiavel, não hesitaram jamais em lançar mão de todos os meios a seus alcances, a fim de destruírem esta sociedade, para dizermos minuciosamente, repetimos, todas as dificuldades vencidas por ela, precisaríamos dispor de muito tempo.

Cariboni também referiu-se à fundação da União dos Pedreiros, em 9 de setembro, "(...) pelo extinto operário Sr. José Macchi, cujo retrato acha-se em uma das paredes da sala principal da sede dessa associação, e mais um grupo de artifícies pedreiros"[84]. O relacionamento de Macchi com Xavier da Costa ajuda a compreender o incidente ocorrido na sociedade entre o final de setembro e o início de outubro. Nas palavras do *A Luta*,

> (...) tendo sido convocada uma reunião dos presidentes das associações operárias desta capital, dirigiram-se para o salão à rua Ramiro Barcelos, diversos representantes das referidas associações e, como não fosse proibida a entrada a qualquer operário naquela casa, fizeram-se acompanhar de alguns camaradas que se interessam pelo movimento operário.

E, na seqüência:

> (...) um orador, em fastidioso discurso, começou a fazer a apologia do parlamentarismo e, em certo ponto, atacou grosseiramente os "anarquistas". Ouviram-se então alguns apartes de protesto, estabelecendo-se pequena confusão no meio da qual ouviram-se gritos ameaçadores contra os "anarquistas" e o sr. José Macchi convocador da sessão dos presidentes e dono da casa, disse que ali não havia lugar para "anarquista"[85].

---

[82] *A Luta*. Porto Alegre, 13/09/1906. p. 1 (NPH).
[83] Como se mencionou anteriormente, a União já existia desde 1905, pelo menos, sendo palco de disputas entre anarquistas e socialistas. É possível pensar, pois, que a "instalação" referida pelo autor se tratava, na verdade, de uma "reinstalação".
[84] *O Diário*. Porto Alegre, 14/01/1912. p. 4 e 21/01/1912. p. 1 (MCSHJC).
[85] *A Luta*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 3 (NPH).

A versão do acontecimento apresentada pelo *A Democracia* é, claro, bastante diferenciada. O órgão socialista, em março de 1907, destacou a "(...) atitude inconveniente do grupo de anarquistas que chefiados por Stephan Michalski, intrometeram-se numa reunião da União dos Pedreiros e ali promoveram distúrbio, como é sistema velho de tão perigosos parasitas da propaganda operária"[86]. De qualquer forma, alguns representantes de associações retiraram-se do encontro, melindrados pela "atitude inepta tomada pelos promotores da reunião dos presidentes": Guilherme Koch (da Arbeiter Verein), Antônio Nalepinski (do Grêmio 1° de Maio), Henrique Faccini (dos marmoristas), Polidoro Santos (do Grêmio de Artes Gráficas), Rodolfo Pflugrath e José Rey Gil (da União Internacional), José Rognone (da União dos Chapeleiros) e José Martins dos Santos (da União dos Empregados em Padaria)[87].

Nos relatos citados, o nome de Xavier da Costa não aparece mencionado, mas - pela sua importância no movimento operário local e pelo seu pendor à polêmica - não é despropositado supor que ele seja o "indivíduo ambicioso", o "discípulo de Maquiavel" e o orador que "atacou grosseiramente os anarquistas". Aliás, esse silenciamento talvez guarde um significado político: o de minar a principal base do prestígio do líder socialista, sua visibilidade.

Dois dos militantes que deixaram a reunião promovida por Macchi - Kock e Pflugrath - eram amigos e correligionários de Xavier da Costa. Para eles, a solidariedade aos companheiros ofendidos parece ter se sobreposto às divergências ideológicas. Portanto, muitas vezes, as proximidades políticas e os laços afetivos não

[86] *A Democracia*. Porto Alegre, 10/03/1907. p. 3 (MCSHJC).
[87] *A Luta*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 3 (NPH). A notícia finaliza da seguinte forma: "Mais tarde soubemos que, depois de sairmos, continuando a sessão dos pedreiros, com um resumido número de

significavam fidelidade incondicional, sobretudo em uma situação de confronto e agressões verbais, na qual estava em xeque a coesão da militância.

Com seus conflitos e solidariedades, o movimento operário porto-alegrense estava em plena ebulição no ano de 1906, contrariando as apreciações feitas pelos defensores da ordem burguesa e do governo estadual. No seu relatório de setembro de 1906, o secretário dos Negócios do Interior e do Exterior afirmou:

> As revoltas dos operários contra patrões, chamadas greves, que tomam caráter tão sério em outras regiões, entre nós não têm passado de esboços, sem nunca mesmo haver sido necessário a intervenção do poder público para dissipá-las. Este fato é explicável pela facilidade que aqui encontra o operário para obter os meios de subsistência[88].

No mês seguinte, explodiu a primeira greve geral do estado...

QUADRO II -
SOCIEDADES OPERÁRIAS ATUANTES EM PORTO ALEGRE EM 1906

Nesse quadro, chamo a atenção dos leitores para:

1) a participação dos mesmos militantes em várias associações;

2) o aumento do número de entidades em relação a 1905;

3) a presença, nas diretorias de algumas entidades, de socialistas e anarquistas.

---

sócios, depois de um tremendo discurso contra nós e o nosso periódico *A Luta*, foi votada a proibição da entrada ali aos 'anarquistas'".

[88] *Relatório da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior (1906)*. Porto Alegre, Tip. Emílio Wiedmann & Filho, 1908. p. 8. Apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho - RS: 1889-1930*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988. p.p. 154-5.

ASSOCIAÇÃO	Diretoria
ALLGEMEINER ARBEITER VEREIN *Rua Voluntários da Pátria, nº 367.*	*Pres.: José Zeller-Rethaler** *Secr.: Johan Dontsik* *Tes.: Rodoplpho Pflugrath**
ESCOLA ELISEU RECLUS *Rua dos Andradas, nº 64.*	*Tendência anarquista*
GRÊMIO DE ARTES GRÁFICAS *Rua dos Andradas, nº 539.*	*Pres.: Felix R. Alves*?* *Secr.: Polidoro Santos*** *Tes.: J. H. Otto Neu* *Diretor do mês: Henrique F. Kuplich***
G.R.I. 1º DE MAIO *Salão "1º de Maio", Av. Missões, Navegantes*	*Pres.: Quintilhano Raupp* *Secr.: João dos Reis* *Tes.: Valdemar Barboza*
SINDICATO DOS MARMORISTAS *Rua Voluntários da Pátria, nº 213*	*Secr.: Stefan Michalski*** *Tes.: Henrique Faccini***
TOWARZYSTWO NAPRZOD (Antiga SOCIEDADE DE OPERÁRIOS POLACOS?) *Avenida Minas Gerais*	*Pres.: José Masarek*?* *Secr.: Antônio Budzin**?* *Tes.: Antônio Ciesiolski*
UNIÃO DOS CHAPELEIROS *Rua Ramiro Barcellos, nº 128*	*Pres.: José Rognoni*** *Secr.: Luiz Werhauser* *Tes.: Alberto Schreiner**?*
UNIÃO DOS EMPREGADOS EM PADARIA *Rua da Conceição, nº 22*	*Pres.: José Martins dos Santos**?* *Secr.: Agostinho Custódio Fernandez* *Tes.: Carlos Christmann* *Fiscais: Antônio Digiorgio e Oscar (?)*
UNIÃO DOS METALÚRGICOS E ANEXOS *Rua Voluntários da Pátria, nº 367*	*Pres.: Gustavo Reinike**?* *Secr.: José Meyer**** *Tes.: José Zeller-Rethaler**

ASSOCIAÇÃO	Diretoria
UNIÃO OPERÁRIA INTERNACIONAL *Rua Ramiro Barcellos, nº 128*	*Secr.: Rey Gil*** *Tes.: Rodolpho Pflugrath** *Bibliotecário: José Macchi** *Fiscal do mês: Felisberto A. Oliveira**?*
UNIÃO DOS EMPREGADOS EM MADEIRA *Rua Ramiro Barcellos, nº 128*	*Pres.: Carlos Macchi** *Secr.: Guilherme Jung* *Bibliotecário: Oswaldo Simon*
UNIÃO DOS PEDREIROS *Rua Ramiro Barcellos, nº 128*	*Pres.: José Macchi** *Secr.: Antônio L. Maia* *Tes.: Felisberto Oliveira**?*
UNIÃO DOS ALFAIATES (em reorganização)	
UNIÃO DOS TECELÕES (em reorganização)	

Legenda:
* indica adesão ao socialismo ou simpatia por essa tendência;
** indica adesão ao anarquismo ou simpatia por essa tendência.
*** Segundo Sílvia Petersen, Pedro Reynaldo Meyer foi secretário da União dos Metalúrgicos e Anexos em 1906. Se esse militante é o mesmo José Meyer (ou Mayer), trata-se do citado opositor de Xavier da Costa, quando do rompimento do último com a Liga Operária Internacional em 1898/9.
Quadros escuros - novas associações em relação a 1905.

Fontes: associações citadas no *A Luta*. Porto Alegre, 13/09/1906. p. 4 (NPH). As posturas ideológicas dos militantes foram pesquisadas no *A Luta*, Porto Alegre, 29/09/1906. p. 4 (NPH), no qual consta uma subscrição voluntária de apoio ao jornal, e em PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Uma história das formas de organização...*, op. cit.

3.2 - A greve: "ordem e união"[89]

Desde o final do século XIX, a marmoraria de Jacob Aloys Friederichs era um dos estabelecimentos mais respeitados do ramo em Porto Alegre. Seu proprietário - nascido na aldeia de Merl na Alemanha em 1868 e chegado ao Brasil em 1884 - conquistou a medalha de ouro na Seção de Belas Artes da Exposição Estadual de 1901 pelos trabalhos que apresentou: dois monumentos e duas cruzes. A cada ano, suas oficinas iam sendo aumentadas e as encomendas multiplicavam-se, incluindo a construção dos jazigos de algumas das mais importantes famílias do estado. Esse sucesso motivou Aloys a empreender, em 1903, uma viagem à sua terra natal e a Carrara, na Itália, onde fechou negócios de importação de mármore bruto e de esculturas. Em 1905, comprou o terreno e o edifício da antiga cervejaria Campani, ampliando substancialmente as instalações da empresa. Portanto, naquele ano de 1906, tudo parecia correr bem para o "Mestre Aloys", como ele gostava de ser chamado.

Porém, em 26 de agosto, domingo, quase ao meio dia, quando Aloys ia sentar-se à mesa com a família e alguns convidados, a campainha de sua casa soou. Na porta, três empregados da marmoraria - Henrique Faccini, Carlos Jansson e Arthur do Vale Quaresma - queriam lhe entregar uma carta, em nome de todos os colegas de trabalho. Admirado, o patrão perguntou sobre o conteúdo da missiva e foi-lhe respondido que se tratava de uma proposta de melhoramento da oficina. O proprietário disse ignorar quais melhorias poderiam ser aplicadas no seu estabelecimento, já que "(...) até hoje todos estavam satisfeitos, como me era dado observar, pois, diariamente

[89] Palavras ditas por Francisco Xavier da Costa em 5 de outubro de 1906, "perante uma multidão de quase dois mil operários". *Petit Journal*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

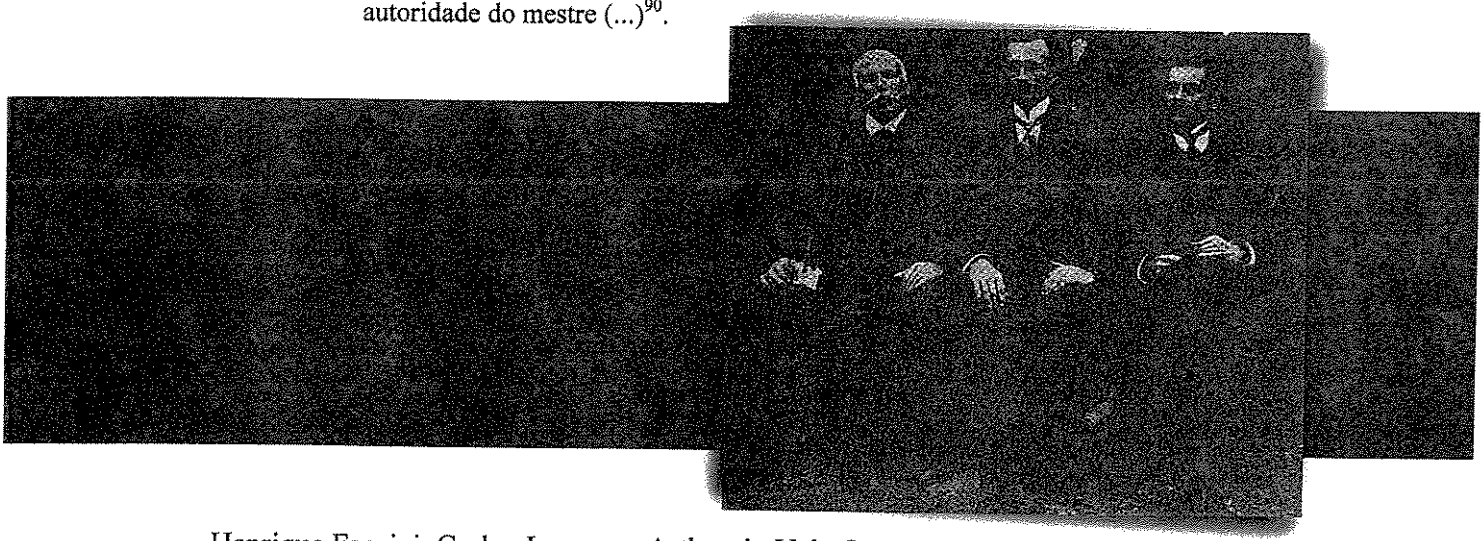
trabalhava ativamente junto com eles (...)". Os portadores da carta replicaram, dizendo tratar-se de uma inovação em Porto Alegre, e que Aloys, devido às suas aptidões humanas e profissionais, era o mais indicado a introduzi-la na Capital gaúcha. Ele prometeu dar uma resposta no dia seguinte e, ao abrir a correspondência, deparou-se com essa reivindicação:

> Tendo reconhecido nestes últimos tempos que em quase todas as partes do Mundo Civilizado os operários têm alcançado a vantagem de trabalhar menos de antes (**oito horas por dia**) podendo assim dispor algum tempo para o desenvolvimento moral intelectual da classe trabalhadora resolvemos em pleno acordo, nós abaixo assinados manifestar-vos a resolução de trabalhar somente **OITO HORAS** por dia, a estabilidade do ordenado (SALÁRIO) sendo para mais e não para menos (...).

Na continuidade, os remetentes declaravam ser o destinatário "(...) um homem honesto, laborioso e condescendente com tudo quanto é justo (...) que sempre nos tendes tratado bem"; e, por isso, esperavam uma resposta favorável à demanda, "(...) a fim de não termos necessidade de tomar resolução diferente". As últimas palavras da missiva incomodaram Aloys: "li e reli a carta, e apesar das boas qualidades que me eram reconhecidas, tanto como homem e como empregador me parecia, que a frase final continha uma certa ameaça, caso eu não desse o meu 'SIM' com brevidade. Porém, pensei, isto ficará resolvido e esclarecido amanhã quando teremos uma troca de idéias sobre o assunto". No outro dia, chegando à marmoraria, encontrou somente o "fiel polidor Pedro Caetano". Todos os demais, mesmo os aprendizes, estavam ausentes. Por um "Escuta", "o qual se declarou neutro", veio a saber que os empregados só voltariam ao trabalho depois de conhecerem a resposta à solicitação apresentada na véspera. Aloys, fez, então, um juramento:

> Enquanto eles não voltassem ao trabalho e aguardassem com calma e respeito a minha resposta, então eles poderiam esperar indefinidamente, pois, minhas condições foram estas: primeiro voltar ao trabalho, depois minha resposta.

> A questão já não girava em torno da jornada de 8 horas, com a qual eu já me tinha conformado intimamente, mas, sim pela autoridade de mestre e empregador.
>
> A violência e a arbitrariedade não deviam triunfar sobre a autoridade do mestre (...)[90].



Henrique Faccini, Carlos Jansson e Arthur do Vale Quaresma, os portadores da carta a Jacob Aloys Friederichs.
Fonte: NOTICIÁRIO SEMANAL. Histórico da Casa Aloys Ltda. Indústria do mármore, granito e bronze. Oferecido aos seus amigos e favorecedores em comemoração dos 65 anos de sua fundação e atividade: 1884-1949. Para o ano de 1950. Porto Alegre, Sul Impressora, 1950. Não paginado (ABM/ILEA/UFRGS).
Reprodução: Haike Kleber da Silva.

O episódio narrado acima oferece algumas pistas importantes para se pensar as relações entre patrões e empregados no contexto da eclosão da greve de 1906. Percebe-se, inicialmente, que, na Marmoraria Aloys, como em muitas empresas de Porto Alegre, vigorava a organização típica das oficinas manufatureiras, com um número relativamente reduzido de empregados e uma rígida hierarquia de funções, ancorada no talento e no tempo de aprendizagem profissional. O próprio Friederichs, ao chegar da Alemanha, ingressou na marmoraria do irmão Miguel - que ele viria a adquirir em 1891 - na qualidade de aprendiz, tornando-se, ao cabo de dois anos e

[90] Narração baseada no *Noticiário Semanal. Histórico da Casa Aloys Ltda. Indústria do mármore, granito e bronze. Oferecido aos seus amigos e favorecedores em comemoração dos 65 anos de sua fundação e atividade: 1884-1949. Para o ano de 1950.* Porto Alegre, Sul Impressora, 1950. Não paginado (ABM/ILEA/UFRGS). Nessa publicação, encontra-se uma cópia fac-similar da carta dos marmoristas. Grifos no original. Agradeço à colega Haile Roselane Kleber da Silva, que está pesquisando a biografia de Jacob Aloys Friederichs, a indicação da fonte.

meio, oficial canteiro e ascendendo, depois, a mestre. Na publicação comemorativa aos 65 anos da Casa Aloys, ele exibiu, orgulhosamente, as fotografias de suas obras, como a lápide "Sternberg", junto à qual consta a informação: "A lápide ao lado foi o primeiro trabalho em mármore que executou, apenas para habilitar-se e mesmo sem qualquer remuneração"[91].

Além da hierarquia de saber e do orgulho do ofício, em geral, as manufaturas caracterizavam-se pela proximidade de patrões e empregados no espaço de produção. Por isso, Aloys afirmou que trabalhava, todos os dias, ao lado de seus funcionários. Tal proximidade permitia a vigilância das tarefas executadas e favorecia o estabelecimento de relações paternalistas, nas quais

> (...) a autoridade do patrão é enfatizada e considerada essencial para que o trabalhador se veja obrigado a desempenhar suas tarefas com a eficiência exigida, mas os possíveis excessos na autoridade patronal são dissimulados sob a forma de proteção, da orientação que o bom patrão devia a seus trabalhadores passivos e abnegados[92].

Naquele momento, contudo, os marmoristas não se mostraram nem "passivos" nem "abnegados". A despeito de sempre manterem um tom respeitoso nas suas reivindicações, cobraram a redução da jornada de trabalho, seguindo os progressos do "mundo civilizado". E mais: afirmaram que uma "resolução diferente" seria tomada na hipótese do não acolhimento da demanda; ameaça intolerável ao patrão, pois ameaçadora de sua autoridade.

Talvez se possa creditar essa rebeldia ao fato de que, ao menos, dois dos signatários da carta eram anarquistas, ligados à Escola Eliseu Reclus: o citado

---

[91] Idem ibidem.

[92] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo, Brasiliense, 1986. p. 45. Ver também: HOBSBAWM, Eric. Costumes, salários e carga de trabalho na indústria do século dezenove. In: ___. *Os trabalhadores. Estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

Henrique Faccini e André Arjonas[93]. Conforme mencionei na seção anterior, o 1° Congresso Operário Brasileiro havia acentuado a importância da luta pelas 8 horas, valendo-se de uma argumentação muito próxima à utilizada na mensagem entregue a Aloys: a possibilidade de um maior tempo livre para o "desenvolvimento moral intelectual" dos trabalhadores.

Nesse contexto de transição ao capitalismo industrial, a solicitação dos grevistas soou como uma dupla afronta a Friederichs: uma, de caráter "moderno", ao seu papel de empregador capitalista; outra, de conteúdo "tradicional" - e mais grave no seu entendimento -, à sua autoridade de mestre. Provavelmente, ele não esperava que o incidente ultrapassasse os muros da marmoraria e ganhasse uma amplitude e uma publicidade inéditas no estado.

De acordo com o *A Luta*, logo depois da declaração da greve, os paredistas fundaram o Sindicato dos Marmoristas e Anexos, "(...) a fim de dar melhor orientação às suas reclamações. Entre outras resoluções o sindicato acordou fazer publicar um

[93] O ítalo Henrique Faccini, conforme mencionei na seção anterior, foi um dos fundadores da Escola Eliseu Reclus em 1906 e, no mesmo ano, junto com outros militantes, retirou-se da reunião dos presidentes das associações operárias convocada por José Macchi, quando da tentativa de impedir a propaganda anarquista. Atuou, também, como tesoureiro do Sindicato dos Marmoristas em 1906 e 1907, cujas reuniões ocorriam no Restaurante Faccini. Os Faccini foram uma das famílias que fizeram parte da Colônia Cecília. André Arjonas, espanhol, ministrou aulas de música na referida Escola em 1911. O Relatório da Federação Operária do Rio Grande do Sul de 1913 assinala que a greve de 1906 nasceu "(...) de um grupo de operários que constituía a extinta 'Escola Eliseu Reclus' e da qual faziam parte alguns marmoristas (...)". Ver: BORGES, Stella. *Italianos: Porto Alegre e trabalho*. Porto Alegre, EST, 1993. p. 77; PETERSEN, S. R. F. *Uma história das formas de organização...*, op. cit. e *Relatório da Federação Operária do Rio Grande do Sul* [1913]. Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 164.

No citado *Noticiário Semanal* da Casa Aloys verifica-se que, muitas vezes, a prática de um ofício acabava se tornando uma verdadeira tradição familiar. Assim, nessa oficina, trabalharam André Arjonas, seu irmão José e seu filho Mário. A publicação saudou o primeiro da seguinte forma: "este verdadeiramente genial artista entrou como aprendiz em 1901 e em menos de 10 anos era o escultor e criador de projetos e o artista da casa, o qual juntamente com o mestre Aloys em recíproco complemento proporcionou o desenvolvimento artístico da Casa Aloys".

manifesto aos trabalhadores em geral pedindo a sua adesão à idéia das 8 horas"[94]. É possível que o manifesto tenha sido esse:

> (...) existe nesta capital, e isso há muitos anos, oficinas aonde só trabalha-se **oito horas** por dia, mas também existem outras onde homens, moças e até crianças para começarem o trabalho de manhã precisam da luz do lampião, e só o abandonam quando esta de novo se faz necessário, tendo, além de tudo, poucas horas de descanso, que mal lhes dá tempo para ingerir o alimento.
>
> Companheiros!
>
> Para acabar com este contínuo sofrer é que empreendemos esta luta, dando o primeiro passo para as nossas reivindicações e para isso apelamos para a vossa solidariedade, pedindo o vosso apoio material e moral a fim de obtermos as **oito horas** de trabalho.
>
> **8 horas de trabalho!! 8 horas de trabalho!!**
>
> OS PAREDISTAS DA OFICINA DE MÁRMORES DE J. A. FRIEDERICHES (sic).

O texto finalizava com um aviso aos "fura greves": "Prevenimos a certos indivíduos que não aderindo à nossa parede pediram garantias à polícia, para poder trabalhar, que não contamos para cousa alguma com esses tijolos podres"[95]. Ainda nas palavras do *A Luta*, "este manifesto, como se sabe, produziu os melhores resultados"[96].

Nas versão do periódico anarquista, os grevistas "(...) mantiveram-se firmes, sem vacilar um só momento, durante uma semana". Ao final desse período, Friederichs, possivelmente assustado diante das repercussões do movimento, informou que se dispunha a reduzir a jornada de trabalho a 9 horas[97] e, caso não fosse aceita a oferta, deveriam os operários retirar os seus instrumentos de trabalho até as dezessete horas do dia seguinte, contanto que se apresentasse apenas um indivíduo de

---

[94] *A Luta*. Porto Alegre, 13/09/1906. p. 2 (NPH). Transcrito em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 147-8. De acordo com Marçal, "o Sindicato dos Marmoristas nasceu com essa greve em 4 de setembro de 1906. Seu primeiro secretário (pois entidade anarquista que se preza não tem a figura do 'presidente') foi Stefan Michalski. Tesoureiro: Henrique Faccini". MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas...*, op. cit., p. 80.

[95] Esse panfleto avulso, bastante danificado, encontra-se no ABM/ILEA/UFRGS. Transcrevi, pelo seu ineditismo, todo o trecho legível. Grifos no original.

[96] *A Luta*. Porto Alegre, 13/09/1906. p. 2 (NPH).

[97] Segundo Marçal, os marmoristas trabalhavam onze horas por dia. MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas...*, op. cit., p. 79.

cada vez. Em vista da proposta, os marmoristas nomearam uma comissão para tentar um acordo com Aloys. Esse, todavia, não acedeu às pretensões dos operários. Depois de longa discussão, a dita comissão retirou-se, "(...) declarando antes ao Sr. Friederichs que os marmoristas manter-se-iam em greve enquanto não fossem atendidos nas suas justas reclamações".

No outro dia pela manhã, um grupo de grevistas tentou retirar suas ferramentas da oficina, mas o patrão negou-se a entregá-las, "por não terem eles vindo um a um conforme avisara". O proprietário também telefonou ao 1° posto, solicitando uma força a fim de impedir a invasão da marmoraria. Os operários procuraram mostrar a inutilidade da presença policial, alegando reclamarem "(...) apenas o que lhes pertencia e que não entravam na oficina um a um porque podiam ser maltratados pelos capangas que lá estavam trabalhando, pois que, dias antes haviam sido provocados por um grupo deles que armados tentaram agredir a eles grevistas". Uma vez retirada a força, a comissão de paredistas recolheu calmamente os seus pertences[98].

Radicalizava-se, assim, a oposição entre os marmoristas - que buscavam conciliar a identidade de artesãos qualificados, proprietários das ferramentas de trabalho, com uma solidariedade de classe mais ampla, em torno das 8 horas - e Friederichs - o qual, ameaçado na sua autoridade de patrão e de mestre, não queria "dar o braço a torcer" e propunha a jornada de 9 horas. Nesse processo, maculava-se a imagem benevolente e paternalista do proprietário, que não hesitava em acionar seus capangas e a força policial contra os grevistas[99].

---

[98] Narração baseada no *A Luta*. Porto Alegre, 13/09/1906. p. 2 (NPH), de onde retirei as citações.
[99] Interpretação inspirada em BAK, J. *Class...*, op. cit., p. 91.

Por essa descrição, pode-se pensar que a greve estava sendo conduzida exclusivamente pelos anarquistas. Entretanto, no dia 10 de setembro, Francisco Xavier da Costa escreveu a Aloys:

> Am° e Snr.
>
> Embora contrariado, cumpre-me cientificar-vos de que é absolutamente impossível um acordo entre vós e os ex-vossos operários, desde que não tenhais a benevolência de atender ao que eles solicitaram, isto é - a redução do labor a 8 horas diárias.
>
> Confesso que todos os meus esforços no sentido de fazer voltar à regularidade precisa o funcionamento de vossa importante e acreditada oficina tornaram-se inúteis ante aquela dificuldade, que bem pode ser removida, desde que, harmonizados os vossos respeitáveis interesses com a boa justiça, encarando com toda a calma a questão, vos quiserdes tornar credor não só da profunda e proveitosa estima da classe operária em geral como da sincera gratidão do signatário destas linhas.

Duas razões devem ter impelido Xavier da Costa a servir de mediador no conflito. Em primeiro lugar, seu desejo de assumir a direção do movimento - como havia feito na greve da Companhia Fiação e Tecidos no ano anterior - e de, conseqüentemente, reforçar sua posição de líder do operariado, sobretudo frente ao avanço dos anarquistas. É possível cogitar, igualmente, que, devido à resistência dos paredistas, Aloys tenha recorrido a Francisco para tentar convencê-los a voltar ao trabalho. Afinal, o último possuía uma longa tradição de militância operária e transitava com desenvoltura na colônia alemã da cidade, da qual Friederichs era um representante destacado[100].

Na continuidade da missiva, Francisco explicitou a "resolução diferente", a ameaça velada feita pelos marmoristas ao patrão desde o início da greve, caso suas reivindicações não fossem atendidas:

> Apelo para a vossa razão e para o vosso coração, sr. Friederichs, e fico ao vosso dispor para resolver o caso, das 4 da tarde às 8 horas da noite, até quarta-feira próxima, prazo de espera que consegui dos ex-

[100] Ver: BAK, Joan. *Class...*, op. cit., p.p. 91-2 e SILVA, Haike Kleber da. *Jacob Aloys Friederichs: os caminhos de um líder teuto-brasileiro em Porto Alegre (1868-1950)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 2000 (projeto de tese de doutorado).

> vossos empregados, os quais desejo que fiquem em Porto Alegre, apesar de em sua maioria, inclusive o André e os aprendizes, estarem prontos para partir para o Rio de Janeiro, onde já têm ocupação bem remunerada e durante oito horas por dia, nos trabalhos das avenidas.

Esse parágrafo revela outro aspecto importante do processo de trabalho desenvolvido nas oficinas manufatureiras: a dificuldade de substituição da mão-de-obra especializada - detentora de um saber técnico e de uma "arte" aprendidas ao longo de muitos anos (como era o caso de André Arjonas, considerado, pelo próprio Aloys, o "artista da casa") -, o que servia de instrumento de barganha dos empregados nas negociações com os patrões[101].

O trecho final da correspondência mostra, novamente, a aspiração do líder socialista de atuar enquanto "homem-ponte", não só entre os diferentes grupos étnicos integrantes da classe operária gaúcha, mas também entre patrões e empregados. Afinal, conforme viu-se antes, ele defendia o "modo conciliatório" de resolução das greves: "Acreditai, Sr. Friederichs, que, no caso vertente, eu tenho apenas este interesse: pondo de acordo os interesses de um e outro lado, ser útil a vós, em que reconheço um cavalheiro honesto e laborioso, e aos operários que, como sabeis, eu considero como minha segunda família"[102].

* * *

Apesar dos apelos à harmonização dos interesses, Aloys manteve a sua posição e o movimento passou a contar com o apoio de outras categorias, tomando uma dimensão inovadora. Se antes, em geral, as divergências envolvendo

[101] Sobre a mobilidade dos trabalhadores em pedra, consultar: SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. Contribuição a uma "história dos de baixo" do sindicalismo". *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXI, n° 1, julho de 1995. p.p. 66-7.

proprietários e operários se desenrolavam no âmbito de cada empresa e/ou setor profissional; agora, o conflito ganhava um caráter público e de classe. Assim, o *A Luta* noticiou em 13 de setembro: "Os paredistas que conservam-se firmes no seu propósito, têm recebido apoio de diversas agremiações de outras classes entre as quais foram abertas subscrições para auxiliá-los, subscrições estas que tiveram bom acolhimento". No mesmo número, o jornal informou que os pedreiros haviam distribuído profusamente um avulso com essas considerações:

> É triste ver-se no momento em que os marmoristas tenazmente lutam pelas 8 horas, os operários duma classe correlativa, como é a dos pedreiros, sujeitarem-se, sem um gesto de energia, a trabalharem 10 horas por dia e, ainda mais, (como está acontecendo nas obras da Livraria Americana), obrigarem-se ao trabalho à noite, à luz elétrica.
> .....
> Operários pedreiros, reagi! Reclamai a jornada de 8 horas!

Segundo o órgão libertário, na reunião de fundação da União dos Chapeleiros, "alguns companheiros (...) referiram-se à atitude enérgica dos marmoristas, digna de imitação, sustentando sem desânimo a greve declarada para conseguir algumas horas de descanso"[103]. Ainda nesse sentido, o Relatório de 1913 da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), então dirigida pelos anarquistas, ressaltou:

> Respondendo ao apelo dos marmoristas os pedreiros lançaram-se na luta e em poucos dias era declarada a greve geral dos pedreiros que reclamavam também a jornada de 8 horas.
> Outras classes começaram a se movimentar e sucessivamente se foram declarando em greve os metalúrgicos, os carpinteiros, os tecelões, pintores, os alfaiates, os correiros, os marceneiros.
> No fim de 8 dias era quase geral a paralisação dos serviços industriais de Porto Alegre[104].

Entretanto, o movimento iniciado pelos empregados da Marmoraria Aloys encontrou resistências junto a certos operários, conforme deixa entrever o próprio *A*

---

[102] Carta de Francisco Xavier da Costa a Jacob Aloys Friederichs. Porto Alegre, 10/09/1906. Documento manuscrito avulso (ABM/ILEA/UFRGS).
[103] *A Luta*. Porto Alegre, 13/09/1906. p. 2 (NPH).

Luta: "Por ocasião de serem apresentadas as listas de subscrições para os marmoristas em greve, a alguns operários (felizmente raros), negaram-se eles respondendo: 'Eu não sou marmorista!' ou então 'Que tenho eu com os marmoristas?'"[105]. Portanto, a passagem de uma identidade de ofício a uma identidade de classe não deve ser vista como um fenômeno natural e progressivo. Ao contrário, ela depende de diversos fatores, entre os quais a capacidade de mobilização das lideranças. E foi justamente visando construir essa identidade de classe ampliada, que os militantes anarquistas e socialistas, a partir de diferentes projetos políticos, lançaram-se a campo, na disputa pelos "corações e mentes" dos trabalhadores porto-alegrenses[106].

De acordo com as informações disponíveis, presume-se que a greve foi, inicialmente, estimulada pelos anarquistas, mas os socialistas logo buscaram assumir a direção do movimento[107]. Em 11 de setembro, o *Petit Journal* anunciou a realização de um grande "'meeting' promovido pela classe operária, sendo orador o nosso companheiro e amigo Carlos de Araújo ('Cavaco')"[108]. Como ressaltei no capítulo anterior (seção 2.2), Xavier da Costa convidou o Tribuno - seu provável conhecido dos círculos literários, da imprensa porto-alegrense e, talvez, da maçonaria - a participar do movimento operário[109], possivelmente em função de seus dotes de

---

[104] *Relatório da Federação...* Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 164.
[105] *A Luta*. Porto Alegre, 13/09/1906. p. 2 (NPH).
[106] Segundo Bak, "a greve dos marmoristas jogou um papel catalítico na formação local da classe em 1906. (...) Seu exemplo inspirou uma onda de solidariedade, estimulou um ciclo de organização, culminando na greve geral, e intensificou a competição entre os anarquistas e os socialistas". BAK, J. *Class...*, op. cit., p. 92. A interpretação da historiadora encontra respaldo no *A Luta*, o qual, em 29 de setembro, afirmou: "a greve dos marmoristas foi como que um sinal de rebate despertando as consciências para a luta". *A Luta*. Porto Alegre, 29/09/1906. p. 2 (NPH).
[107] Para Marçal, os marmoristas, dirigidos pelos libertários, "(...) arrastaram consigo, na marra, as lideranças socialistas, e sua palavra de ordem - 'oito horas ou greve geral' - ganhou o coração da massa operária". MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas...*, op. cit., p. 79. Segundo Caggiani, "apesar das profundas divergências entre socialistas e anarquistas, que se agrediam mutuamente, numa guerra interminável, ambas as correntes participavam do movimento. Cada qual queria uma fatia maior na liderança da classe operária". CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 64.
[108] *Petit Journal*. Porto Alegre, 11/09/1906. p. 1 (MCSHJC).
[109] "Convidado, por Xavier da Costa, para acompanhá-lo no movimento operário, Cavaco aquiesceu de bom grado (...)". *Diário do Rio Grande*. Rio Grande, 22/10/1906. p. 1 (APAXC).

oratória. Alguns números depois, o jornal acrescentou: "nota-se grande animação para este acontecimento, tendo já havido muitas reuniões de operários etc."[110].

Uma dessas reuniões ocorreu no dia 20, quando os operários festejaram o aniversário da Revolução Farroupilha (1835-1845) - a grande data cívica do Rio Grande do Sul -, organizando uma sessão na qual discursaram Cavaco, Xavier da Costa e Zeller-Rethaler[111]. A comemoração dos líderes socialistas pode ser interpretada enquanto uma tentativa de atrair as simpatias da população à causa dos trabalhadores. Além disso, lembro que Cavaco buscou, desde a juventude, construir uma auto-imagem vinculada à figura do gaúcho valente e heróico, cujo maior emblema era, justamente, a "epopéia farroupilha"[112]. Xavier da Costa, por seu turno - no artigo publicado no órgão maçônico *O Lábaro*, em 1900, alusivo ao 20 de setembro -, afirmou: "A revolução rio-grandense tornou-se a tentativa de estabelecimento de uma pátria pequena, mas livre, em substituição a uma gigantesca, porém escrava"[113]. Ou seja, através dos festejos, os militantes procuraram aproximar a luta operária dos valores da rebeldia e da liberdade, associados, no imaginário estadual, à "Guerra dos Farrapos".

Em 22 do mesmo mês, foi distribuído nas ruas e pregado às paredes o seguinte boletim:

---

[110] *Petit Journal*. Porto Alegre, 14/09/1906. p. 2 (MCSHJC).
[111] *Petit Journal*. Porto Alegre, 21/09/1906. p. 1 (MCSHJC). Ver também: BAK, J. *Class...*, op. cit., p. 93.
[112] A Revolução Farroupilha é um dos "mitos fundadores" da identidade gaúcha, construído e difundido pela literatura e pela historiografia regionais. Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (org.). *RS: cultura & ideologia*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. p. 69.
[113] *O Lábaro*. Porto Alegre, 22/09/1900. p. 1 (BRG).

MEETING OPERÁRIO

> Convida-se a classe operária em geral para assistir ao grande "meeting" que, em prol da organização da mesma, o distinto e independente jornalista
>
> CARLOS DE ARAÚJO (CAVACO)
>
> efetuará no próximo domingo, 23 do corrente, às 4 horas da tarde, na praça da Alfândega, junto ao chafariz.

No dia e hora marcados, uma comissão de oito operários chegou à residência de Cavaco, convidando-o a seguir até o local da manifestação, "onde o aguardava o operariado constituindo forte massa popular", segundo a reportagem do *Petit*. De forma semelhante, o *A Luta* informou que a praça "regorgitava de povo".

Às 4 e meia, nas palavras da folha anarquista, "surgiu, ao lado do operário Francisco Xavier da Costa, o secretário do *Petit Journal*, órgão republicano, Carlos de Araújo (Cavaco) e sobre um banco ao qual chamou de tribuna improvisada, começou o seu discurso". No resumo feito por esse jornal da fala do personagem, verifica-se que ele procurou reforçar a identidade da classe operária pelo seu antagonismo em relação à burguesia:

> Atacou impiedosamente a relapsa burguesia, contrastando as suas prodigalidades ao lado das 'cocottes', com as misérias do povo proletário.
>
> .....
>
> Atacou ainda uma vez a estúpida burguesia e as suas extravagâncias, dizendo estar ela acostumada unicamente ao tinir do ouro, enquanto seus semelhantes - os operários - morriam a fome em suas humildes choupanas por onde sibilava o vento redobrando os seus negros padecimentos (...).

Cavaco quis demonstrar, também, o seu conhecimento das lutas dos trabalhadores europeus, pois "(...) falou sobre o movimento operário na Alemanha e nas pequenas conquistas do proletariado francês". Ressaltou, igualmente, "(...) a necessidade urgente da união operária sob o nome de Federação Operária Rio-Grandense". Além disso, não hesitou em aconselhar o operariado a resistir fisicamente

"(...) contra as exigências dos potentados exploradores" e, "(...) se preciso fosse, que fizessem barricadas no meio das ruas que ele estava disposto a morrer pela causa proletária ao lado de sua espingarda". As últimas frases do discurso tornaram-se famosas: "(...) terminou dizendo que o proletário para conseguir implantar os seus ideais era necessário reclamá-los com um ramo de oliveira numa mão e na outra, se preciso fosse, uma bomba de dinamite"[114].

Segundo o *Petit*, a cada instante, o orador recebia aplausos e vivas da multidão. Ao encerrar o comício, ele "(...) desceu da tribuna delirantemente aclamado pelo povo, que o conduziu, bem como ao propagandista Xavier da Costa, pela rua da Praia, em triunfo, sendo, ambos, vitoriados de instante a instante. Durante o trajeto foram erguidos vivas à revolução social, à classe operária etc. etc.". Chegando à sede da associação, os dois pronunciaram vibrantes discursos da sacada do edifício[115].

O evento descrito acima marcou a primeira aparição pública importante de Carlos de Araújo na condição de líder do movimento operário, identidade que ele incorporou à sua auto-imagem e que foi reforçada por memorialistas e biógrafos. No final da vida, o personagem recordou: "eu, que chefiara, no Rio Grande do Sul, com Xavier da Costa (...) greves operárias e protestos populares (...)". E: "(...) realizei greves sobre greves, até cansar, como cansei, os bezerros de ouro da Burguesia". Da mesma forma, Nilo Ruschel comentou sobre o Tribuno: "ele foi, entre nós, o precursor da agitação social, fazendo comícios para a classe operária no Largo dos

---

[114] Essa citação aparece no *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 24/09/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS); no *A Luta*. Porto Alegre, 29/09/1906. p. 2 (NPH) e no *Petit Journal*. Porto Alegre, 24/09/1906. p. 2 (MCSHJC); e foi retomada por diversos historiadores que abordaram a greve de 1906. Ver: BAK, J. *Class...*, op. cit., p. 93; CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 64; FORTES, Alexandre. *"- Nós do Quarto Distrito...": a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Campinas, PPG em História da UNICAMP, 2001 (tese de doutorado). 2 volumes. p.p. 439 e 441 e PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p. 206. A tradução das matérias do *Deutsche Zeitung* foi feita por Evandro Fernandes e René Gertz.

Medeiros". Pery Borges segue essa linha ao escrever: "Então os operários trabalhavam pelo relógio do sol. De sol a sol. Cavaco tomou-os sob sua tutela. Foi buscá-los à oficina e arrastou-os para a rua (...) e iniciou a campanha pró oito horas de trabalho". Cito, por fim, as palavras de Caggiani, biógrafo de Cavaco: "socialista vermelho, agitador, panfletário, inimigo da ordem, perigo para a sociedade. Assim era combatido Carlos Cavaco, porque a sua pena e a sua palavra estavam dedicadas à nobre causa da defesa do proletariado, que era explorado, asfixiado, esmagado, injustiçado, escravizado (...)"[116].

Cavaco, todavia, embora tenha despontado enquanto líder do operariado, não era operário, e sim um "independente jornalista". Sem possuir tal inserção de classe, ele construiu a sua ligação com as lutas dos trabalhadores de maneira afetiva. Nesse sentido, no discurso pronunciado durante o "meeting", declarou: "Vim, não para vos fazer um discurso cheio de figuras de retórica e termos empolgantes e sim para vos dizer claramente, em poucas palavras, o que se passa no fundo de minha alma". E, posteriormente, "disse que era um socialista de coração"[117].

Convém lembrar, também, que o personagem estava em busca de prestígio e visibilidade e, frente à agitação social existente em Porto Alegre, o movimento operário deve ter-lhe parecido um ótimo meio de projeção. Acrescente-se o seu já

---

[115] Para a descrição do "meeting", utilizei como fontes o *A Luta*. Porto Alegre, 29/09/1906. p. 2 (NPH) e o *Petit Journal*. Porto Alegre, 24/09/1906. p. 2 (MCSHJC). Esses jornais não esclarecem em qual associação Cavaco e Xavier da Costa discursaram.

[116] Artigos "Eu defendi Getulio Vargas!" e "O 1° de Maio", publicados por Cavaco na imprensa petropolitana, sem referências mais precisas das fontes (APHC); RUSCHEL, Nilo., op. cit., p. 44; Depoimento de Pery Borges ao A HORA. 17/03/1956. Apud: MARÇAL, J. B. *Carlos Cavaco...*, op. cit. e CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 52, respectivamente.

[117] Ver: *Petit Journal*. Porto Alegre, 24/09/1906. p. 2 (MCSHJC) e *A Luta*. Porto Alegre, 29/09/1906. p. 2 (NPH). As citações foram retiradas do último periódico. De forma semelhante, o militante Antônio Guedes Coutinho, ao defender, em 1898, a indicação do advogado e jornalista Rodolfo Gomes, membro do Partido Federalista, como candidato ao Conselho Municipal de Rio Grande pelo Partido Socialista, afirmou que esse tinha uma "alma" e um "coração" socialistas. SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit., p. 157.

decantado talento oratório e compreender-se-á melhor porque esse indivíduo "de fora da classe operária"[118] passou à história como uma de suas principais lideranças.

Talvez devido ao seu vínculo mais afetivo e estético do que propriamente ideológico com o socialismo, Cavaco foi o único líder da greve a aconselhar, publicamente, o uso da violência contra os patrões[119]. Além disso, fugindo das propostas defendidas pelos socialistas da época, ele "descreveu acentuadamente a inconveniência que haveria de eleger um deputado socialista, porque o socialismo tem servido de escada a muitos burgueses"[120]. Ao pregar a violência revolucionária e condenar a política eleitoral, o militante pode ter granjeado as simpatias de alguns anarquistas. Entretanto, na continuidade de sua trajetória, Cavaco - provavelmente influenciado por Xavier da Costa - acabou revendo essas posições, e passou a defender o uso de meios pacíficos - sobretudo a formação de um partido político - para a conquista da emancipação do proletariado.

No dia 25 de setembro, a causa da redução da jornada de trabalho e a solidariedade de classe ainda pareciam se sobrepor às divergências ideológicas dos militantes operários de Porto Alegre. Cumprindo a ameaça feita a Aloys, nove marmoristas, inclusive Henrique Faccini, embarcaram no paquete Itaipava rumo ao Rio de Janeiro, onde seriam empregados no regime de 8 horas. Xavier da Costa e Cavaco "(...) ali compareceram providenciando sobre o embarque dos grevistas

---

[118] Expressão de MARÇAL, J. B. Carlos Cavaco..., op. cit. Especificamente sobre os militantes literatos, consultar: FÜEG, Jean-François. Militants de la plume ou auteurs narcissiques. Quelques exemples dans la Belgique d'entre-deux-guerres. In: GOTOVITCH, José e MORELLI, Anne (org). *Militantisme et militants*. Bruxelas, EVO Couleurs Savoir, 2000.

[119] BAK, J. *Class*..., op. cit., p. 110.

[120] *A Luta*. Porto Alegre, 29/09/1906. p. 2 (NPH). Essa é a única diferença importante entre as reportagens do *Petit* e do *A Luta* sobre o "meeting" operário, pois o primeiro não menciona a desaprovação de Cavaco à eleição de deputados socialistas.

erguendo vivas à classe operária e à revolução social". Na ocasião, "houve muito entusiasmo e muita ordem"[121].

Com a chegada do mês de outubro, a mobilização iniciada pelos marmoristas difundiu-se por diversas categorias (ver, adiante, a lista das categorias e das empresas envolvidas na greve). No dia 4, o *Petit Journal* afirmou:

> O movimento operário que a princípio parecia se limitar a ligeiras greves de frágeis efeitos, tomou agora um caráter geral, estendendo-se por quase todas as fábricas da capital. A cada instante chegam notícias de novos movimentos de operários, que resolutamente abandonam o serviço no desejo forte de a ele não regressarem sem concessão das 8 HORAS DE TRABALHO e respectivo salário estabelecido sem prejuízo da classe[122].

* * *

É difícil saber exatamente o número de operários que aderiu à parede pois as fontes, em geral, são imprecisas quanto às cifras: fala-se de "mil e tantos", de "uma multidão" ou de "grande número" de grevistas. A imprensa comercial apontou quantias entre 2.000 (*Deutsche Zeitung* de 05/10 e *O Independente* de 07/10) e 5.000 (*A Democracia* de 15/12 e *Jornal do Comércio* de 09/10) paredistas, e o Chefe de Polícia, Pedro Mibielli, disse serem 4.000 os trabalhadores paralisados[123]. Ao longo do movimento, muitas manifestações chegaram a congregar mais de mil participantes. Pode-se imaginar, pois, o impacto da greve em um município com cerca de 100.000

[121] Ver: *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 26/09/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS); *A Luta*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 2 (NPH) e *Petit Journal*. Porto Alegre, 26/09/1906. p. 1 (MCSHJC). As citações foram retiradas do último periódico.

[122] *Petit Journal*. Porto Alegre, 04/10/1906. p. 1 (MCSHJC). Grifo no original.

[123] BILHÃO, I., *Rivalidades...*, op. cit., p.p. 45 e 51; *A Democracia*. Porto Alegre, 15/12/1906. p. 2 (MCSHJC); *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 05/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS) e *Relatório apresentado pelo desembargador Pedro Affonso Mibielli, Chefe de Polícia do Estado ao Sr. Dr. Secretário dos Negócios do Interior e Exterior em 22 de agosto de 1907*. Porto Alegre, Livraria do Comércio, 1907. Transcrito em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 153.

habitantes, em cuja área central viviam, aproximadamente, 20.000 pessoas[124]. Refletindo tal situação, a coluna cômica "Periquito", do *Petit*, apresentou esse trocadilho: "- Que julgas da greve dos operários? / - Julgo que a 'greve é um caso grave'". Da mesma maneira, o *Correio do Povo* ressaltou que, na cidade, ninguém falou de outra coisa por três dias[125].

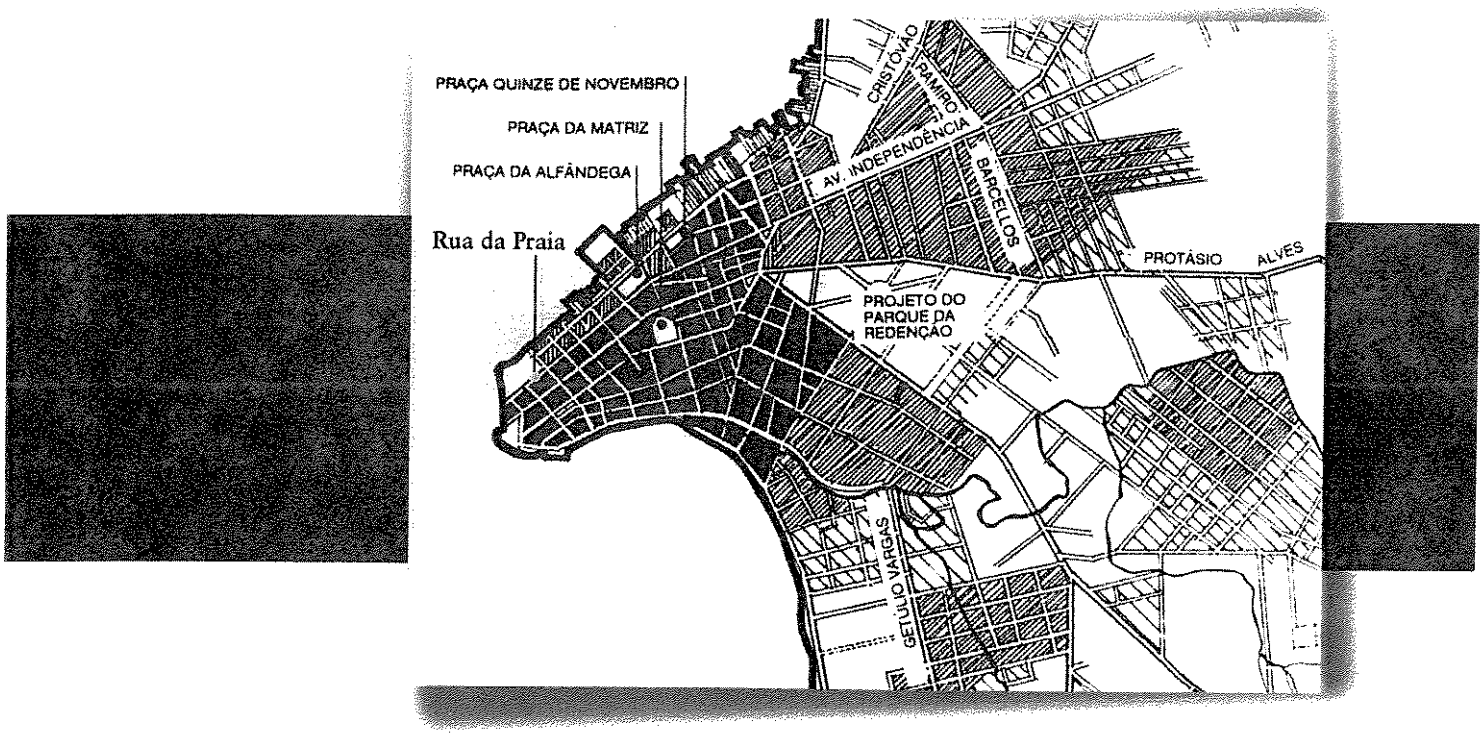
Em termos espaciais, a greve concentrou-se na parte central da Capital gaúcha e no Bairro Navegantes. Na primeira, realizaram-se comícios nas praças, especialmente na Praça da Alfândega; passeatas pela Rua da Praia, a principal de Porto Alegre; reuniões em cafés e associações operárias; despedidas no porto aos companheiros que partiam e encontros na "sede do operariado", na Rua Ramiro Barcellos. Nessa região, habitavam Xavier da Costa (Rua Coronel Genuíno, nº 46) e Cavaco (Rua Luiz Afonso, nº 151)[126]. Nos Navegantes, a zona fabril, ocorreram "meetings" em frente às fábricas, nas ruas e em uma praça e manifestações e conferências no Salão 1º de Maio[127].

---

[124] Dados retirados de CUNHA, E. L. *O Rio Grande do Sul...* Apud PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p. 181 e SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Ed. Nacional, 1977. p. 180.

[125] *Petit Journal*. Porto Alegre, 05/10/1906. p. 1 (MCSHJC) e *Correio do Povo*. Porto Alegre, 07/10/1906. p. 2. Apud: BAK, J. *Class...*, op. cit., p. 84. A autora apresenta outras citações de jornais atestando a estupefação causada pela greve em Porto Alegre.

[126] O endereço de Cavaco aparece no *Petit Journal*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 2 (MCSHJC).



Mapa de Porto Alegre.
Fonte: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *O espetáculo da rua*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - Prefeitura Municipal, 1992. p. 60.
Reprodução: Bernardo Zortea.

Considero, na presente tese, a manifestação enquanto um "ato tipicamente mágico", simultaneamente "meio de pressão e modo de expressão", pelo qual o grupo ignorado e negado torna-se visível, para si e para os outros[128]. Apropriando-se dos espaços públicos da cidade, os grevistas passaram a se ver e a serem vistos como classe. Os líderes do movimento pareciam estar cientes do "poder simbólico" da greve e, através de diversos expedientes, procuraram não só conquistar as 8 horas de trabalho, mas, igualmente, conformar a identidade desse grupo.

Nos artigos publicados na imprensa a respeito da parede, percebe-se que o conflito capital *versus* trabalho não se restringia à luta por ganhos práticos, envolvendo também uma disputa de representações. De um lado, o jornal governista

[127] Sobre o Bairro Navegantes, ver: FORTES, A. *"- Nós do Quarto Distrito..."*, op. cit.

negava a própria existência da classe operária porto-alegrense: "Nós não temos indústrias nem proletariado. Temos pequenas manufaturas que movimentam pequenos capitais e um certo número de trabalhadores que empregam-se aqui e acolá sem a fixidez que dão as ocupações determinadas e constantes"[129]. De outro, os participantes da greve, sobretudo os dirigentes, afirmavam, ao contrário, "em alto e bom som", a existência do proletariado local e a justeza de suas reivindicações. Cavaco, por exemplo, no editorial do *Petit* de 6 de outubro, escreveu:

> As greves! As greves! É o assunto da semana.
> Chegou a vez a Porto Alegre que como capital culta e centro industrial ponderável, usufruindo o esforço e a abnegação de grande número de trabalhadores nas suas fábricas e nos seus motores, não poderia ficar imune dessa corrente que da Europa vem se alastrando em prol da causa dos operários que querem redução nas horas de labor e os mais radicais ajuntam a isso também o aumento de salários.

Em outro trecho, o autor, indicando a importância do caráter público do movimento, sublinhou:

> Em nome da liberdade é que se agitam eles e só por ela que se digladiam, ardorosamente, desde a "parede" muda e pacata até o inflamado verbo, nos comícios populares, nas praças públicas que são o púlpito mais adequado para a propagação das doutrinas que dizem diretamente respeito às classes desabonadas da sociedade[130].

A maior parte dos grevistas, possivelmente, não leu esse artigo. Porém, uma boa parte deles participou de manifestações públicas, muitas vezes atraída pela eloqüência de Cavaco, "(...) um mágico da palavra, que conhece os mistérios do sonoro idioma vernáculo (...)"[131].

---

[128] A primeira definição entre aspas é de BOURDIEU, P. A identidade e a representação..., op. cit., p. 118 e a segunda, de PERROT, Michelle. *Jeunesse de la grève. France, 1871-1890*. Paris, Seuil, 1984.
[129] *A Federação*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2 (FIB). De forma semelhante, o *Deutsche Zeitung* e *O Independente* ponderaram ser a greve desnecessária pois, no Rio Grande do Sul, os patrões não eram realmente capitalistas, já que também precisavam trabalhar e lutar contra as adversidades. *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS) e *O Independente*. Porto Alegre, 14/10/1906. p. 1 (FIB)
[130] *Petit Journal*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 1 (MCSHJC).
[131] *Petit Journal*. Porto Alegre, 28/09/1906. p. 2 (MCSHJC).

Como representantes da classe operária de Porto Alegre - integrantes da "fração mais convicta dos crentes" - Xavier da Costa e Cavaco dividiram-se nas funções de propaganda e organização da greve[132]. No dia 3, enquanto o primeiro orava na reunião dos metalúrgicos, realizada no Café Estrada de Ferro; o Tribuno discursava no centro operário, "(...) onde estavam os grevistas trabalhadores em madeira, pedreiros etc., em número de mil e tantos, aconselhando a maior calma e inteira ordem na resistência pacífica que deviam oferecer às ofertas que não fossem em benefício da causa que defendiam". Às 10 horas da noite, os dois propagandistas, juntos, agiram "no sentido de solidificar o mais possível o movimento, conseguindo promessas de ordem e exemplar conduta até a resolução completa do fato que estava sendo estudado e já se acha cercado da simpatia da sociedade porto-alegrense"[133]. No dia seguinte, ambos foram ao centro do movimento, em carro aberto e acompanhados por representantes do *Correio do Povo* e do *Jornal do Comércio*. Francisco "(...) ficou dirigindo a palavra aos grevistas pedreiros na Associação e Carlos de Araújo (...) colocou-se à frente dos operários metalúrgicos fazendo discursos"[134]. Salientando o papel destacado dos dois líderes na parede, o "Periquito" divulgou mais um de seus (infames) trocadilhos: "Para agüentar valentemente esse movimento de greve em Porto Alegre é preciso ter 'costa' larga e não dar o 'cavaco'"[135].

---

[132] A expressão entre aspas é de Bourdieu. Segundo o autor, a manifestação classista constitui-se em uma "(...) espécie de aparato teatral da classe em representação, com o corpo dos representantes permanentes e toda a simbólica constitutiva da sua existência - siglas, emblemas, insígnias - por um lado e, por outro lado, a fração mais convicta dos crentes que, pela sua presença, permite que os representantes dêem a representação de sua representatividade". BOURDIEU, P. Espaço social e gênese das "classes". In: ___. *O poder simbólico*, op. cit., p. 160.

[133] *Petit Journal*. Porto Alegre, 04/10/1906. p. 2 (MCSHJC). O local da reunião dos metalúrgicos é mencionado no *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 04/10/1906. p. 4 (FIB).

[134] *Petit Journal*. Porto Alegre, 05/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

[135] *Petit Journal*. Porto Alegre, 04/10/1906. p. 1 (MCSHJC). Segundo o dicionário *Aurélio*, "dar o cavaco" significa "dar mostras de aborrecimento ou zanga, por ser objeto de troça, de pirraça ou de ridículo (...)". FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. p. 373.

Constata-se, na narração acima, que Cavaco mudou de tom e, ao lado de Xavier da Costa, passou a aconselhar aos grevistas calma, ordem, resistência pacífica e exemplar conduta. Isso, provavelmente, se deveu ao desejo dos militantes socialistas de atrair simpatias de outros grupos sociais à causa dos trabalhadores. Já no "meeting" de 23 de setembro - apesar do "discurso revolucionário" de Cavaco e dos "vivas à revolução social" do público -, o *Petit Journal* acentuou que, durante a manifestação, "reinou muita ordem; compareceram as autoridades, jornalistas, acadêmicos militares e civis, e até famílias estacionaram no local (...)". Ou seja, procurava-se legitimar o movimento no âmbito da moral dominante, inclusive caracterizando-o como um "programa familiar". No mesmo sentido, o redator do *Petit* assim explicou a importância da redução da jornada de trabalho:

> O operário (...) procura chamar os que usufruem as gotas de seu suor ao calor das usinas e das fábricas, a uma justificada compensação humana, tornando menor o tempo da labuta para que o laborante refaça e renove as suas forças, ao calor do lar, no remanso da família, ao tépido regaço da esposa e dos filhos amantíssimos.
>
> Esses também exigem que seu chefe não tenha o coração somente aquecido pelo braseiro das fornalhas: é justo que ele se inflame ao fogo dos carinhos da família que é o santuário mais digno do seu amor![136]

* * *

Não obstante as demonstrações públicas de união da classe operária da Capital gaúcha em torno das 8 horas, ocorreram, desde o início do movimento, fortes

---

[136] *Petit Journal*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 1 (MCSHJC). No mesmo campo moral, mas em lado oposto, o *Deutsche Zeitung* questionou: "O que os trabalhadores fazem agora com as suas horas livres? Eles estão a maior parte do tempo, sentados ou em pé, nas vendas e botecos e gastam o seu dinheiro muito mais do que antes (...). E o que acontecerá com o tempo livre, caso realmente as 8 horas de trabalho diárias (...) forem implementadas? Os trabalhadores irão usar esse tempo livre para promover sua saúde, descansar, realizar caminhadas e ginástica e desenvolver-se intelectualmente? Com algumas exceções, muito provavelmente não, porque aqui as condições para isso são muito mais difíceis de alcançar do que na Europa. Os botecos serão, em muitos casos, novamente utilizados para passar o tempo. A burguesia não tem nada a ver com a maneira pela qual os trabalhadores empregam o seu tempo livre. (...) Mas quando essas questões privadas adquirem um caráter social e atingem a vida

conflitos entre os adeptos das duas principais correntes que buscavam dirigi-lo: os socialistas e os anarquistas. Se, no "meeting" do dia 23, Cavaco talvez tenha conquistado a simpatia de alguns libertários; pouco tempo depois, ele demarcou agressivamente seu posicionamento ideológico, fazendo publicar essas palavras:

> A classe operária, mais que nenhuma outra, sofre a exploração do anarquismo. É contra esse pérfido elemento que os operários devem se acautelar.
>
> O anarquista é um ser propenso ao mal, sem a mínima inspiração para o bem. Basta dizer que as suas idéias de extermínio se escudam em lógicas que caem ao menor sopro de uma análise rigorosa sobre coisas de direito.
>
> (...) A resistência do operariado contra absurdas exigências de potentados se impõe; mas essa resistência é bem diversa daquela aconselhada pelos anarquistas que saem dos misteriosos covis onde habitam para morder traiçoeiramente as vítimas indefesas e descuidadas.
>
> (...) Entre o operário que resiste por detrás de uma barricada e o anarquista que surge do seio da multidão para ferir, existe grande diferença. O anarquista é um monstro; o operário é um bravo.
>
> O primeiro é um ambicioso, reclamando privilégios sob o disfarce de revoltas d'alma contra o poderio; o segundo é uma vítima das explorações dos potentados. Glorifiquem o segundo e enforquem o primeiro[137].

Na pena de Cavaco, os anarquistas tornavam-se seres não humanos, defensores de idéias de extermínio logicamente insustentáveis, monstros que habitavam covis e mordiam traiçoeiramente as suas vítimas, merecedores do enforcamento. Tal virulência pode ser encarada, em primeiro lugar, como uma resposta ao avanço dos libertários na condução da greve. O texto participa, igualmente, da intenção mais geral dos socialistas de garantir a moralidade do movimento, dissociando os termos "operário" (que resiste/bravo/vítima/a ser glorificado) e "anarquista" (que fere/monstro/ambicioso/a ser enforcado).

Ainda segundo o personagem, a classe operária de Porto Alegre, para obter o seu triunfo completo, precisava "estabelecer a união altiva e arredar do seu seio o mau

---

econômica, então a imprensa deve apontar para o lado sombrio do movimento grevista". *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS).

[137] *Petit Journal*. Porto Alegre, 01/10/1906. p. 1 (MCSHJC).

elemento". Com tal finalidade, o *Petit* anunciou, em 2 de outubro, que "a Associação dos Operários expulsou do seu seio um pequeno grupo de anarquistas". No dia 4, o periódico noticiou: "nos discursos que ontem proferiram Xavier da Costa e Carlos de Araújo ('Cavaco') aconselharam estes aos operários expulsar os anarquistas que pretendessem desvirtuar a causa que a classe operária defendia"[138].

Tais enfrentamentos tinham por base, além de rixas pessoais, concepções diferentes da forma pela qual deveria ser conduzida a greve, apesar do objetivo comum da conquista das 8 horas. Os socialistas, de um lado, queriam subordinar a parede ao seu comando e, por isso, apresentavam-se enquanto "chefes" ou "diretores" dos paredistas. Os anarquistas, de outro, valorizavam o caráter espontâneo dos conflitos coletivos de trabalho e rechaçavam a organização centralizada e o culto da personalidade. No número em que noticiou o "meeting" de Cavaco, o *A Luta* elogiou a "espontaneidade" da greve dos marmoristas, característica dos "(...) movimentos semelhantes entre operários que não esperam ordens nem obedecem a outros guias para suas ações que não a própria consciência do seu valor e a firme convicção dos direitos que lhes pertencem". O periódico também publicou os seguintes comentários de Valentim De Cesaro:

> Cuidado, companheiros, com esses "tuteladores da ordem" que apregoam o socialismo parlamentar...
>
> Esses politicastros, cuja humanidade não excede a esfera das próprias conveniências, têm a missão altamente nefanda de prestar-se a fazer o jogo dos exploradores em detrimento dos nossos interesses, antagônicos aos dos capitalistas. A meu ver, esses ambiciosos mentores e seus satélites menoscabam a verdadeira orientação, e por isso apelo para todos os de boa vontade que se empenhem em expulsar esses elementos estranhos dos centros de resistência, considerando-os tão perigosos como os próprios burgueses. As coletividades devem agir diretamente sem necessidade de intermediários e imprimir à organização a verdadeira resistência que caracteriza o sindicalismo francês[139].

---

[138] *Petit Journal*. Porto Alegre, 02/10/1906. p. 2 e 04/10/1906. p. 2 (MCSHJC), respectivamente. Ver, também, o *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 02/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS).

[139] *A Luta*. Porto Alegre, 29/09/1906. p. 2 (NPH). Observe-se que, enquanto De Cesaro elogiava o sindicalismo francês, Cavaco, em seu discurso no "meeting" de 23 de setembro, falava das "pequenas

No decorrer da greve, os conflitos entre as duas tendências só fizeram aumentar. Muitas vezes, eles não apareciam explicitamente na imprensa, havendo, mesmo, a intenção de silenciar o inimigo. Em 2 de outubro, por exemplo, o *Petit* informou: "Surgirá, dentro em breve, um jornal órgão da classe operária. Este jornal vem preencher uma grande falha, pois não existe órgão da classe em Porto Alegre". A folha secretariada por Cavaco ocultava, assim, a existência do *A Luta*, que ela havia saudado menos de um mês antes[140]. Em algumas notícias, associava-se os libertários à desordem e à violência, como nesses trechos: "indivíduos que pretendem fazer do fato motivo de arruaças, explorando a causa em benefícios próprios e no desejo de lançar nos espíritos o terror, desde ontem espalham boatos de ferimentos e mortes. Nada disso tem havido até agora, e a ordem continua inalterável". E: "Carlos de Araújo (...) mostrou que a presença da polícia nas reuniões, longe de ser uma ameaça à classe, era uma garantia contra indivíduos que se aproveitam dos movimentos populares para fazerem distúrbios"[141]. Posteriormente, o *Petit* declarou: "consta que existe (sic) indivíduos que nada tem com a causa preparadas (sic) para fazer conflitos. Os chefes do movimento designaram polícias secretas constituídas de operários para prender esses indivíduos e entregá-los às autoridades"[142]. As últimas citações revelam outra grande divergência entre socialistas e anarquistas durante a greve: os primeiros

---

conquistas" do proletariado daquele país, expressão grifada ironicamente pelos redatores do *A Luta*. Nesse ponto, já se pode verificar as diferentes matrizes ideológicas européias inspiradoras de cada grupo: o sindicalismo francês para os anarquistas e a social-democracia alemã para os socialistas. Ver também: *A Luta*. Porto Alegre, 13/09/1906. p. 3 (NPH). A respeito das diferenças entre as concepções socialista e anarquista sobre as greves, consultar: PETERSEN, Sílvia. R. Ferraz. As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919). In: DACANAL, J. H. e GONZAGA, S. (org.). *RS: economia & política*, op. cit., p.p. 288-9.

[140] *Petit Journal*. Porto Alegre, 02/10/1906. p. 2 (MCSHJC) e *A Luta*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 3 (NPH). Em 15 de setembro de 1906, o *Petit* anunciou o surgimento do novo periódico anarquista: "A LUTA - Surgiu este jornal que se propõe defender, em Porto Alegre, a classe de trabalhadores. Traz um programa bem elaborado, é feito a capricho e promete, pela causa que defende, ter uma vida longa - que é o nosso sincero desejo. Ao novo batalhador de tão nobre causa, as nossas felicitações". *Petit Journal*. Porto Alegre, 15/09/1906. p. 2 (MCSHJC).

buscavam negociar com as autoridades, consideradas interlocutoras privilegiadas das demandas da classe[143], e os segundos recusavam-se a fazê-lo, a fim de não compactuarem com o "jogo dos exploradores".

* * *

Desde o início da greve, os líderes socialistas procuraram aproveitar o momento de efervescência dos trabalhadores a fim de organizar uma instituição unificadora de suas lutas e interesses[144]. Nesse sentido, o *Petit* de 4 de outubro anunciou: "os dois propagandistas [Xavier da Costa e Cavaco] fundarão a Federação

---

[141] *Petit Journal*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

[142] *Petit Journal*. Porto Alegre, 09/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

[143] Cito, como exemplo dessa postura, a seguinte notícia: "Ontem, às 2 da tarde, Carlos de Araújo (Cavaco), um dos diretores do movimento, solicitou conferências com os dignos srs. drs. Pedro Mibielli, distinto chefe de polícia, e José Montaury, zeloso intendente municipal. Essas autoridades atenderam, gentilmente, à solicitação, havendo prolongada conferência entre eles e o diretor do movimento grevista que prometeu, em nome da classe operária, respeito à ordem pública, não obstante a firmeza no movimento que será geral e uniforme para que os operários possam conseguir o que requerem". *Petit Journal*. Porto Alegre, 05/10/1906. p. 2 (MCSHJC). Em contrapartida, alguns dias depois, segundo o *Deutsche Zeitung*, o Chefe de Polícia responsabilizou Xavier da Costa e Cavaco pelas eventuais desordens que viessem a ocorrer. "Isso foi necessário pois ambos tanto incitaram os trabalhadores que ninguém precisaria se espantar se houvesse violências. (...) A iniciativa de Carlos de Araújo de dizer que os trabalhadores deveriam ter em uma mão um ramo de oliveira e na outra, a bomba de dinamite parece que caiu em solo frutífero. Boatos inquietantes estão circulando. No sábado, a oficina de um mestre foi destruída e agora já se sussurra que há milhares de bombas de dinamite em poder do operariado e também se comenta que houve um envio de dinheiro da Argentina para subsidiar os trabalhadores". *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS). Em 11, o *Petit* retrucou: "Até hoje nem um só caso de desordem tem se dado e a força armada bem o pode atestar, pois é recebida entre vivas e aclamações dos operários que se mantêm calmos". *Petit Journal*. Porto Alegre, 11/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

[144] Cavaco, conforme mencionei, em seu discurso de 23 de setembro, havia enfatizado a "necessidade urgente da união operária sob o nome de Federação Operária Rio-Grandense". De acordo com Petersen, "a idéia de uma federação é quase simultânea ao surgimento das primeiras associações operárias gaúchas no final do século XIX", inspirando ações tanto dos anarquistas como dos socialistas. PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p. 203. Entretanto, foram os socialistas que conseguiram concretizá-la de maneira mais duradoura, provavelmente em resposta à União Operária Internacional, dirigida por Rey Gil. MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas...*, op. cit., p. 19. Os libertários foram alijados da fundação da FORGS ou, segundo a versão anarquista, "(...) não quiseram nela tomar parte por serem alguns dos organizadores demasiadamente conhecidos como politiqueiros e exploradores do movimento operário". *Relatório da Federação...* Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 165. Para Batalha, a Federação Operária do Rio Grande do Sul aparece como uma exceção no panorama nacional pois, ao contrário de suas congêneres, era dominada pelos socialistas. BATALHA, C. *O movimento...*, op. cit., p. 41.

Operária para auxiliar o movimento e criar benefícios à classe"[145]. Nesse dia, efetivamente, foi criada a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), que veio a se constituir na mais importante entidade do operariado do estado na Primeira República[146]. Todavia, apenas ao final da parede, a imprensa forneceu informações mais detalhadas sobre os objetivos da Federação. Essa - seguindo a perspectiva internacionalista característica do socialismo da época - seria composta pelos operários gaúchos e faria "(...) proposta de sólida união com os operários de todo o Universo, sendo enviadas circulares de adesão a todas as partes do Globo onde existam operários". Suas metas incluíam atividades de resistência, de beneficência e de instrução:

> Além do "fundo de resistência" colocado nos Bancos, a Federação terá um jornal defensor da classe, escolas diurnas para os filhos dos operários e noturnas para adultos - homens e mulheres -, uma cooperativa, edifícios, médicos, farmácia etc.
>
> Todos os sábados à noite haverá uma conferência sobre a classe. O operário que enfermar terá os socorros da Federação e bem assim o que se envalidar em serviço.
>
> Podemos adiantar que os dois propagandistas já deram começo à confecção dos estatutos que devem reger a grande associação[147].

Ante à crescente organização dos trabalhadores, o patronato da cidade contrapôs sua reação, realizando reuniões nos dias 5, na usina elétrica municipal, e 6 de outubro, no salão do Club Caixeiral, nas quais emergiu a liderança de Alberto Bins[148]. Porto-alegrense de origem teuta, nascido em 1869, Bins estudou na Inglaterra e na Alemanha, "de onde trouxe idéias novas, especialmente no ramo da indústria metalúrgica". Foi sócio da firma Bins & Friederichs, de 1887 até 1891, juntamente com Miguel Friederichs, irmão do mencionado Jacob Aloys. Em 1904, adquiriu a

---

[145] *Petit Journal*. Porto Alegre, 04/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[146] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 05/10/1906 (MCSHJC); *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 05/10/1906. p. 2 (FIB) e PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p. 205.
[147] *Petit Journal*. Porto Alegre, 19/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

fábrica E. Berta & Cia., dos ramos de serralharia e ferraria. Alguns anos depois, possuía três grandes estabelecimentos na Capital do estado: uma fábrica de cofres, um estaleiro e oficina mecânica e uma fundição denominada Fênix[149].

Na reunião do Club Caixeral, por ele presidida, estiveram presentes os proprietários de diversas fábricas e construtoras a fim de "(...) acordarem no meio de conjurar a greve". Logo no início, foram lidas as propostas de vários empresários a respeito dos horários de trabalho, indicando, em sua maioria, uma jornada de 9 horas. Diante disso, Bins propôs que "(...) essa hora fosse adotada unanimemente por todos os industrialistas". O *Correio do Povo* apresentou o seguinte relato do encontro:

> Fazendo uso da palavra, o Sr. Alberto Bins entrou em considerações gerais sobre o movimento grevista, que está assoberbando a nossa nascente indústria.
>
> Disse ele que a questão de hora de trabalho, levantada pelos grevistas, era uma questão muito séria, era uma **questão de princípios.**
>
> Nem na velha Europa onde o partido socialista depois do católico é mais forte ainda não conseguiu impor sua vontade.
>
> A ser isso adotado em nossa capital constituiria esse fato uma vitória de tal natureza, que **colocaria os patrões na posição de caixeiros de seus operários**, que, amanhã, se julgariam no direito de fazer novas imposições.
>
> De que não fazem disso uma **questão de interesses**, os proprietários das fábricas estão dando um exemplo, estabelecendo o horário de 9 horas de trabalho, o que equivale, para eles, a um aumento de 10% de salário.
>
> A questão é, porém, como já disse, uma questão de princípios.

Na argumentação do orador, a limitação do tempo de trabalho aparece como uma "questão de princípios" e não como uma "questão de interesses". Ou seja, mais importante do que a redução da jornada em si era, para Bins, a afronta à autoridade dos patrões. A oferta das 9 horas significava, em seu discurso, uma prova da

---

[148] BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit., p.p. 48-9; *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS) e *Correio do Povo*. Porto Alegre, 07/10/1906. p. 2. Transcrito em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 150-2.

[149] Ver: BAKOS, Margaret Marchiori. *Porto Alegre e seus eternos intendentes*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996. p. 62, de onde retirei a citação; *Noticiário Semanal...*, op. cit. e *O Rio Grande do Sul Industrial*. Pelotas, Echenique, 1907. p.p. 31-64, transcrito em FAGUNDES, Ligia K. et al. *Memória da indústria gaúcha, das origens a 1930: documentos*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS-FEE, 1987. p.p. 93-95.

> terminantemente que fecharão as suas fábricas e sustarão as obras até nova deliberação.

No mesmo dia, Cavaco - talvez em um tom exageradamente melodramático, como era de seu feitio, mas confirmando o acirramento da reação patronal - teceu essas considerações:

> Os operários requerem a diminuição das horas de serviço e se constituem em greve, unidos e ordeiros, para reclamar esse direito. A princípio, escudados no que lhes faculta a Lei faziam reuniões públicas, oravam nas tribunas erguidas nas praças, à luz do dia, sob as vistas policiais; hoje, porém, em face das ameaças de "extremas medidas", condenados a deixar a propaganda clara nas reuniões públicas, ameaçados de ficar sob as patas dos cavalos ou morrerem atravessados pelas baionetas, formam agrupamentos no interior dos edifícios para poderem proclamar as verdades sobre a situação da classe operária porto-alegrense.

Além disso, o personagem - possivelmente atendendo à direção do *Petit* - declarou "que nada tem que ver com as minhas idéias, que reputo puras, o jornal de cuja redação sou o secretário"[153]. A despeito dessa advertência, o periódico permaneceu divulgando notícias da greve, nas quais, em geral, destacava a sua progressão: "continua aumentando cada vez mais o movimento grevista da capital"; "continua em forma crescente o movimento grevista de Porto Alegre"; "permanece entre os operários o propósito de não voltar ao trabalho, sem a concessão das 8 horas de serviço"; "(...) o entusiasmo entre os grevistas não diminuiu" etc.[154]. Também não pouparei o leitor de outro trocadilho do "Periquito": "- Então a greve... / - Agrava-se"[155].

* * *

[153] *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 1 (MCSHJC). Bins anunciava suas empresas no *Petit*, o que talvez explique a vontade da direção do jornal de desvincular o órgão do movimento grevista.
[154] *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2; 09/10/1906. p. 2; 10/10/1906. p. 2 e 13/10/1906. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.

Com a continuidade da parede, os socialistas procuraram reforçar a sua organização, dando-lhe uma estrutura centralizada: "o movimento grevista obedece agora a planos organizados pela diretoria geral, comissões centrais, comissões imediatas, fiscalizadoras e representativas"[156]. É difícil saber se essas instâncias funcionaram na prática mas, em diversas notícias publicadas no *Petit*, fala-se da ação de comissões e da direção de Xavier da Costa e Cavaco. Por exemplo: "os padeiros esperam somente os resultados das comissões organizadoras para tratar com os proprietários" e "os estivadores procuraram os chefes do movimento Xavier da Costa e Cavaco pedindo instruções (...). Estas foram dadas, bem como conselhos de ordem"[157].

Os líderes socialistas, reconhecendo, ao contrário dos anarquistas, as autoridades constituídas enquanto interlocutoras legítimas das demandas do operariado, decidiram telegrafar ao Presidente da República e ao Congresso Nacional "(...) dizendo o que se passa e solicitando as intervenções em harmonia com as garantias da Lei sobre greves e 'meetings'". Resolveram ainda, a fim de reforçarem seus laços de solidariedade com os proletários do "universo", enviar telegramas aos centros operários de Londres, Berlim, Paris, Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires[158].

Concomitantemente, Xavier da Costa e Cavaco lideraram novas manifestações de grande porte. Em 8 de outubro, nos Navegantes, três a quatro mil operários reuniram-se "(...) para formar resistência pacífica ante as propostas dos proprietários que oferecem 9 e não 8 horas de trabalho". Conforme o *Petit*, "o

---

[155] *Petit Journal*. Porto Alegre, 11/10/1906. p. 1 (MCSHJC).
[156] *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2 (MCSHJC). Ver também: BAK, J. *Class...*, op. cit., p. 94.
[157] *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2 e 09/10/1906. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.
[158] *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

entusiasmo era extraordinário. A multidão se estendia ao longo das ruas que passam ao lado do Salão 1° de Maio":

> Às 5 horas da tarde ali chegava Carlos de Araújo (Cavaco), aclamado pelo povo que o queria conduzir sobre os ombros.
>
> Um grupo de moças operárias foi ao encontro do Cavaco oferecendo-lhe flores, buquês com fitas levando dizeres e pedindo que fosse à tribuna, ao que ele acedeu, falando diversas vezes, entre aclamações do povo.
>
> O entusiasmo tocou ao auge e por toda a parte eram erguidos vivas às 8 horas de trabalho, à classe e à ordem. (...)
>
> Xavier da Costa apareceu também aclamado pelos operários, erguendo em seguida a voz e pronunciando discursos[159].

Ao lado dessas manifestações aparentemente ordeiras - como os socialistas faziam questão de sublinhar -, ocorreram também episódios mais tensos que, sintomaticamente, não aparecem noticiados nem no *Petit* nem no *A Luta*. Em 5 de outubro, os trabalhadores das obras da caixa d'água e do reservatório da Intendência, no Bairro Moinhos de Vento, foram obrigados, sob ameaças de espancamento, a abandonar o serviço. Durante a tarde, ficaram ali concentrados mais de 1.000 pessoas, sendo proclamados discursos em defesa da ordem. No alto do morro, hasteou-se uma bandeira encarnada de grandes dimensões. No mesmo dia, outro piquete evitou que um grupo de operários voltasse ao trabalho na fábrica de Manoel Py, o qual pediu providências à chefatura de polícia. Pedro Mibielli, acompanhado de alguns praças, dirigiu-se ao local, mas os grevistas mantiveram a atitude tomada e o estabelecimento não pôde ser reaberto[160].

---

[159] *Petit Journal*. Porto Alegre, 09/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

[160] *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS) e *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 1 (FIB). Lembro que, no ano anterior, Xavier da Costa escreveu uma carta aberta ao Intendente Municipal, reivindicando aumento de salário para os trabalhadores das caixas d'água, e dirigiu uma greve vitoriosa dos empregados de Py. Outras ameaças e episódios violentos também marcaram o movimento. Ver, por exemplo: *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2 (intimidações aos trabalhadores da fábrica de pregos) (ABM/ILEA/UFRGS); *Petit Journal*. Porto Alegre, 15/10/1906. p. 2 (agressão feita a dois paredistas por três indivíduos armados de revólver); 16/10/1906. p. 2 (tumulto envolvendo caixeiros) e 19/10/1906. p. 2 (ameaça ao operário Carlos Mache - sic) (MCSHJC).

Nas manifestações referidas, certos símbolos - como as flores e a cor vermelha - foram utilizados recorrentemente e, portanto, merecem ser analisados. Afinal, conforme mencionei antes, pode-se também ver a greve enquanto "modo de expressão".

O vermelho coloriu o movimento em diversas ocasiões. Em 5 de outubro, Cavaco foi aclamado nos Navegantes. Segundo o *Petit*, "a nota (...) de entusiasmo era dada pelas moças operárias que chegavam a rasgar os vestidos encarnados e colocar no peito topes com o símbolo da classe". No dia seguinte, "as moças operárias, levando à frente o estandarte vermelho, fizeram uma passeata pelas ruas da cidade (...)"[161].

Essas citações evidenciam, em primeiro lugar, que as mulheres assumiram um papel de destaque na teatralização da parede. Tal fato evidencia a presença crescente da mão-de-obra feminina nas indústrias da cidade, especialmente nos setores têxtil e alimentício. Logo, o "sexo frágil" não podia mais ser ignorado pelas lideranças da greve nem pelos seus detratores[162]. Cavaco parecia ter consciência disso e, ao lado de suas irmãs, buscou estabelecer vínculos afetivos com as grevistas. No dia 8, por ocasião de um discurso do Tribuno no Salão 1° de Maio, as

> (...) senhoritas Rosina, Magdalena e Matilde, ostentando flores vermelhas no peito, estavam entre as operárias sendo saudadas a cada momento.
>
> .....
>
> Às 6 ¼ da tarde (...) Xavier da Costa, Cavaco e as senhoritas irmãs deste saíram em bondes dos Navegantes, aclamados pela grande massa popular que formava em alas ao longo do trilho...
>
> A despedida entre as três senhoritas e as moças operárias foi tocante: enquanto elas se beijavam mutuamente, a multidão erguia vivas e batia palmas no maior entusiasmo[163].

[161] *Petit Journal*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (MCSHJC). Ver também: *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS) e *Petit Journal*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[162] Sobre a participação feminina na greve de 1906, consultar: BAK, J. *Class...*, op. cit.
[163] *Petit Journal*. Porto Alegre, 09/10/1906. p. 2. Ver: BAK, J. *Class...*, op. cit., p. 115.

O vermelho dos topes, estandartes e flores exibidos pelos manifestantes de Porto Alegre remete a tradições oitocentistas do movimento operário na Europa[164]. Na Capital gaúcha, essa cor já era associada aos socialistas[165] e, na greve de 1906, o seu uso simbólico talvez tenha se dado, por vezes, de forma espontânea, como quando as "moças operárias" rasgaram os vestidos e fizeram topes encarnados. De outro lado, deve-se considerar que as lideranças da greve conheciam e admiravam as lutas dos trabalhadores europeus, adotando suas insígnias e rituais[166]. Cavaco, especialmente, idealizava as revoluções do Velho Continente, emprestando-lhes um cunho romântico. No poema "O último rebelde", ele escreveu:

> *Em plena França de 93!*
> *Peito sangrando, e face retalhada,*
> *um bravo se recosta à barricada,*
> *depois do esforço que na luta fez.*
>
> *(...)*
>
> *A bandeira vermelha se abatera.*
> *A barricada toda emudecera*
> *sob a pressão da rubra tempestade*[167]

---

[164] Eric Hobsbawm e Michelle Perrot salientam que essa cor tornou-se símbolo da revolução social de maneira "irresistivelmente espontânea", fruto de uma "improvisação, de uma iniciativa da base", nas barricadas de 1848. A oficialização do 1° de maio institucionalizou a bandeira vermelha como emblema das lutas populares. HOBSBAWM, Eric J. A transformação dos rituais do operariado. In: ___. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. p. 110 e PERROT, M., op. cit., p. p. 177-8, respectivamente. Ver também: ANGENOT, Marc. Le drapeau rouge: rituels et discours. In: COLLOQUE D'AMIENS. *L'esthétique de la rue*. Montreal, L'Harmattan Inc., 1998 e DOMMANGET, Maurice. *Histoire du drapeau rouge*. Paris, Librairie de l'Étoile, 1967.

[165] Nesse sentido, a jornalista e escritora Revocata de Mello escreveu em 30 de maio de 1906: "Haverá coisa mais encantadora, que exprimirmos o que nos vai na alma ou no pensamento, por meio de uma flor? Como será sugestivo, em lugar de reuniões públicas, observarmos uma variedade de flores a significarem-nos idéias e sentimentos (...). Por exemplo, os socialistas, com a flor vermelha ao peito (...)". *O Corymbo*. Porto Alegre, 30/05/1906. p. 6. Agradeço à colega Evangelia Aravanis o empréstimo de cópia dessa fonte.

[166] Ver, sobre a importação de símbolos europeus pelo movimento operário brasileiro: BATALHA, Cláudio H. "Nós, filhos da Revolução Francesa": a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX. *Revista Brasileira de História: Reforma e Revolução*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero/CNPq/FAPESP, v. 10, n° 20, março-agosto 1991. No Rio Grande do Sul, o vermelho também era a cor do Partido Federalista. Portanto, pode-se pensar que ela também significava, para muitos contemporâneos da greve, oposição ao PRR, mas esse não parece ser o caso de Xavier da Costa e de Cavaco.

[167] CAVACO, C. *Versos...*, op. cit., p. 12.

As flores naturais, seguidamente oferecidas aos líderes da parede, também eram muito apreciadas pelos grevistas[168]. Essa atitude - além de se constituir em um gesto comum de polidez - pode estar relacionada ao período de realização da greve - final de setembro/outubro -, marcado pelo início da primavera. Sabe-se que o movimento operário na Europa procurou aproximar cronologicamente alguns de seus rituais - o Dia do Trabalho, por exemplo - das tradições camponesas próprias da estação (festas da fertilidade etc...)[169]. Para o caso do Rio Grande do Sul, tal hipótese precisa ser melhor investigada...

* * *

Cumprindo uma das decisões acordadas na reunião do Club Caixeral, os empresários, em 10 de outubro, amparados por forças policiais, abriram seus estabelecimentos. De acordo com o *Jornal do Comércio*, "(...) os apitos reboavam no espaço, convidando os operários a reentrar no trabalho". Contudo, esse "convite" mostrou-se infrutífero, pois, no dia anterior, os empregados das diversas fábricas haviam combinado não regressar ao serviço[170].

Conforme noticiou o *Petit*, alguns patrões estabeleceram acordos em separado com os seus funcionários, indicando que, também do lado do capital, existiam divergências quanto à atitude a tomar. Assim, os trabalhadores das pedreiras de Cesar Ognibene, Antônio Divan, Antônio Locatelli, Swedo Janson e Di Gian Pietro Giovanni divulgaram um manifesto, em 9 de outubro, no qual afirmavam terem obtido a jornada de 8 horas, "(...) pelo que agradecem aos proprietários generosos a

[168] Ver: *Diário do Rio Grande*. Rio Grande, 22/10/1906. p. 1 (APAXC) e *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2; 10/10/1906. p. 2; 11/10/1906. p. 2; 13/10/1906. p. 2; 15/10/1906. p. 2 e 17/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[169] ARÊAS, Luciana Barbosa. As comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930). *História Social*. Campinas, UNICAMP, nºs 4/5, 1997/1998. p.p. 11-12.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

grandiosa e justa concessão". Os capitalistas Gregório da Silva, Attilio Santa Catharina, João Bertotti, Hugo Ferlini e Oscar Teichmann, igualmente, concordaram com a redução do tempo de trabalho. Nicolau Rocco, dono de uma confeitaria, não só concedeu as 8 horas aos seus funcionários, como "(...) abriu uma subscrição para auxiliar os grevistas, tendo ele mesmo assinado com 100$000"[171].

Apesar dessas vitórias parciais, a situação pecuniária dos paredistas, depois de mais de uma semana de greve, tornou-se delicada. Diversas providências foram tomadas no sentido de remediar as dificuldades: Cavaco, valendo-se de seu prestígio de escritor e orador, realizou uma conferência literária em benefício dos grevistas; "certo negociante" ofertou aos operários dez sacos de feijão; uma comissão secreta passou a preparar fundos de resistência, "adquirindo dinheiros (sic), gêneros e transmitindo pedidos para os operários das localidades de fora" etc[172].

Além dos problemas financeiros, as clivagens internas da classe operária local enfraqueceram o movimento. Por exemplo: os gráficos - categoria de Xavier da Costa[173] -, reunidos no dia 8, decidiram não aderir à parede, "(...) não só por causa de terem, de há muito, algumas casas posto em vigor as oito horas, como ainda por causa das divisões do modo de pagamento, por obra e por dia, e ainda muito principalmente, por não haver entre os gráficos uma nítida compreensão do que seja solidariedade operária"[174]. A diversidade étnico-linguística dos trabalhadores porto-alegrenses também parece ter dificultado a solidariedade de classe. Na perspectiva crítica do

---

[170] *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 10/10/1906 (FIB) e *Petit Journal*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[171] *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS); *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 1 (FIB); *Petit Journal*. Porto Alegre, 09/10/1906. p. 2 e 11/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[172] *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2 e 09/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[173] Em 1906, segundo o *Diário do Rio Grande*, Xavier da Costa era "operário litógrafo e hábil desenhista" no estabelecimento gráfico dos Srs. Hirtz & Irmão. *Diário do Rio Grande*. Rio Grande, 22/10/1906. p. 1 (APAXC).
[174] *A Luta*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 2 (NPH).

Deutsche Zeitung, a despeito da postura internacionalista da social-democracia, as "barreiras nacionais" e as diferenças de idioma entravavam a organização do operariado local[175].

Outro motivo de controvérsias foi o papel ocupado por Cavaco na condução da parede. O *Deutsche Zeitung*, ao noticiar o comício de 23 de setembro, chamou-o ironicamente de "novo amigo dos trabalhadores recém saído do forno", e afirmou que ele não se mostrou um conhecedor qualificado da questão operária. O periódico advertiu: "o operariado desconfia daqueles senhores que estão se mostrando amigos e salvadores dos trabalhadores"[176]. Respondendo a insinuações desse tipo, o personagem declarou: "não sou um irresponsável nem tampouco um valdevino que se ergue no seio do desconhecido na ânsia da popularidade. Melhor que as sujas opiniões de meia dúzia de 'pachecões', de almas apodrecidas pelo interesse material, está, para me julgar, a sociedade de Porto Alegre, onde vivo cercado de carinhos e simpatias". No mesmo dia, o *Deutsche Zeitung* insinuou, novamente, o oportunismo de Cavaco: "(...) como o líder dos trabalhadores Carlos de Araújo não compareceu ontem de manhã ao 'meeting' na Praça Navegantes, e como a 'Sra. Fama' ('Frau Fama') não tinha mais nada a fazer, tratou de espalhar boatos de que ele teria sido subornado por 20 contos. É realmente inacreditável tudo o que é inventado!"[177].

---

[175] *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 24/09/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS). A questão étnico-linguística também preocupou os anarquistas atuantes em Porto Alegre, no contexto da greve de 1906. Assim, de um lado, os redatores do *A Luta* apoiavam a difusão do esperanto - "de há muito julgamos ser esta língua um dos poderosos fatores que concorrerão para apressar a fatal internacionalização dos povos (...)" - e, de outro, defendiam que "a língua a adotar-se numa associação operária, organizada não importa onde, deve ser a do país em que agem os trabalhadores que procuram se associar", pois "a duplicidade de linguagem, além de muitas vezes ser a causa de dissensões entre os agremiados, ocasiona uma enorme perda de tempo e energia, com o ter de se redigir todos os trabalhos sociais em duas línguas". *A Luta*. Porto Alegre, 29/09/1906. p. 3 e 13/09/1906. p. 2 (NPH), respectivamente. Para um aprofundamento a respeito da variável étnica na "Greve dos 21 dias", ver: BAK, J. *Class...*, op. cit.

[176] *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 24/09/1906. p. 2. O mesmo jornal chamou novamente Cavaco de líder operário "recém saído do forno" em seu número de 06/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS).

[177] *Petit Journal*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 1 (MCSHJC) e *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 08/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS), respectivamente.

A legitimidade da liderança do Tribuno continuou sofrendo duros ataques ao longo do movimento. Um deles partiu de seu companheiro de boemia literária, Pinto da Rocha. Em um artigo não assinado na *Gazeta do Comércio*, ele afirmou que Cavaco, quando aluno da Escola do Realengo no Rio de Janeiro, havia praticado "barbaridades" ao reprimir um levante dos empregados da fábrica de Bangu, arvorando-se, depois, em defensor da classe operária. O último respondeu agressivamente à acusação, chamando seu opositor de "covarde" e de "pederasta passivo", e fazendo a seguinte ameaça: "recomendamos aos cínicos que pretendam (o que nunca conseguirão, fiquem certos) tornar antipática a minha defesa à causa operária, que venham a descoberto porque eu sei esmagar as víboras nos lugares públicos"[178].

Posteriormente, Cavaco escreveu uma série de artigos intitulada "De viseira erguida", "(...) em defesa da briosa classe operária e especialmente em defesa da minha pessoa alvejada pela crítica apaixonada e grosseira (...)". No primeiro, deu a sua versão do episódio ocorrido na Escola de Guerra da Capital Federal:

> Em uma manhã de dezembro de 1898, estando eu no alojamento da 4ª Companhia da Escola do Realengo (...) fui informado de que dois colegas (...) haviam sido agredidos, em à noite do dia anterior por 14 empregados da fábrica de Bangu. Procurei ver os meus colegas (...) e verifiquei estarem ambos bastante feridos.
>
> Revoltado, justamente, com esse fato, procurei desafrontar a Escola.
>
> .....
>
> Às 10 horas do dia, eu saía, evitando ser visto pelos colegas - o portão da Escola, tomando a direção de Bangu. Por mais que me ocultasse, fui avistado e seguido por um colega, moço distinto, coração leal, alma prenhe de coragem: Marcos de Andrade Alencastro [filho do Coronel Marcos de Andrade] (...). Em companhia desse moço valente esperei a saída dos empregados da fábrica, que são em número de dois mil, aproximadamente.
>
> Ao meio dia eles saíam o grande portão da fábrica e nós - eu e o meu amigo Marcos - travamos luta corpo a corpo contra a grande massa que ameaçava esmagar-nos.

[178] *Petit Journal*. Porto Alegre, 09/10/1906. p. 2 (MCSHJC). Lembro que o epíteto de "pederasta passivo" já havia sido atribuído a Pinto da Rocha pelo *Petit* em 1905 (ver seção 2.2, nota 127).

> Houve a intervenção da força policial que pretendeu efetuar a nossa prisão, não o conseguindo pelo embaração (sic) do conflito. Horas depois, feridos, regressávamos à Escola conduzindo vinte e quatro "cacetes" tomados na luta.
>
> Por esse fato fomos desligados e presos por 25 dias na Fortaleza de Santa Cruz. Saímos vitoriados pelos companheiros e o fato passou a ser proclamado de turma a turma naquele estabelecimento, sempre com simpatias e gratidão, e só agora, passados muitos anos, é que o jornal de v. s. vem publicá-lo cheio de erros!
>
> Não tomei parte em movimentos grevistas - pró ou contra - no Rio de Janeiro, e desafio a que v. s. prove, Dr. Pinto, o contrário do que digo[179].

Cavaco recebeu ainda duas cartas anônimas, nas quais lhe era aconselhado abandonar a chefia da greve pois, caso contrário, teria apenas 48 horas de vida. Como forma de defesa e de auto-promoção, o Tribuno expôs as missivas na porta do Café Ferro Carril. Visando reforçar a sua imagem de líder destemido, ele respondeu à ameaça ironicamente: "recebi as cartas ameaçadoras. Agradeço, num profundo reconhecimento, os conselhos nelas contidos. (...) Os Srs. deram-me 48 horas de vida: agradeço a generosidade e talvez use dela no prazo marcado. (...) Para terminar: vejam se estou ali na esquina...". Mas não deixou de fazer uma advertência aos remetentes: "Lembrem-se (...) que a minha simpatia não é só despertada entre operários: muita gente, muita gente espera um dado momento para mostrar dedicação e solidariedade..."[180]. O "Periquito" também salientou a valentia de Cavaco diante da tentativa de intimidação: "- Que fez o Cavaco com a ameaça de morte dentro de 48 horas, caso não abandonasse a causa dos operários? / - Não deu o "cavaco" e abandonou a ameaça"[181]. Ou seja, apesar dos vínculos afetivos que o jornalista e escritor procurou estabelecer com o operariado, sua liderança foi alvo de desconfianças, questionamentos e ameaças.

---

[179] *Petit Journal*. Porto Alegre, 13/10/1906. p. 2. Ver também, no mesmo jornal, os números de 16/10/1906. p. 1 e 19/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[180] *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 11/10/1906. p. 2 (FIB) e *Petit Journal*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[181] *Petit Journal*. Porto Alegre, 11/10/1906. p. 1 (MCSHJC).

As dificuldades econômicas dos paredistas, as suas divergências internas e a intransigência dos patrões acabaram desgastando o movimento. Sem embargo, Xavier da Costa e Cavaco tentaram realizar uma saída honrosa da greve. Em 12 de outubro, o último discursou no Salão 1° de Maio, diante de uma multidão e sob a vigilância da guarda administrativa, "(...) aconselhando as medidas a empregar, no terreno do respeito às leis, para que a causa do operariado porto-alegrense, que **já conta uma grande vitória com a média de 9 horas para o serviço**, não fosse mesquinhamente explorada pelos amigos do dinheiro (...)". No dia seguinte, o *Petit* anunciou: "a comissão diretiva vai conferenciar com os proprietários das fábricas para harmonizar o movimento sem prejuízo da classe operária"[182].

De fato, em 13 de outubro, Xavier da Costa - buscando consolidar o seu papel de "homem ponte" entre patrões e empregados - foi recebido por Alberto Bins e propôs uma jornada de 8 horas e meia. A discussão que se seguiu revela que a greve havia se tornado, realmente, uma "questão de princípios" - poder-se-ia dizer de "honra" - para os dois lados, na qual estava em jogo a posição de liderança dos negociadores:

> O sr. Bins declarou que nada podia resolver sem ouvir a opinião de seus colegas, a quem comunicaria a proposta, mas ele desde aquele momento declarava peremptoriamente que o seu horário era e será de 9 horas. Diante disso, o chefe grevista propôs, então, o horário de 8 horas e três quartos, que, se fosse concedido, seria aceito por todos os paredistas, que já na segunda-feira voltariam às fábricas e oficinas[183].

No dia 14, o *Petit* afirmou que o movimento era extraordinário nos Navegantes e na sede do Centro Operário, onde falaram Xavier da Costa e Cavaco, recomendando "(...) firmeza na causa até a decisão da conferência havida entre os industrialistas". Em 17, uma comissão de grevistas reuniu-se na Fábrica de Cofres de

[182] *Petit Journal*. Porto Alegre, 13/10/1906. p. 2 (MCSHJC). Grifo meu.

propriedade de Bins, e foi, incorporada, tratar com o empresário, o qual, em carta dirigida a Francisco, tinha prometido recebê-la. De acordo com o periódico, "depois do resultado da conferência que terá lugar entre os operários e o sr. Bins, tudo será assentado definitivamente". E acrescentou: "o entusiasmo dos grevistas continua, existindo perfeita ordem no movimento, que obedece às determinações da comissão central"[184].

Embora Xavier da Costa se intitulasse representante de todos os grevistas e o *Petit* ressaltasse que o movimento obedecia às determinações da Comissão Central, o *Jornal do Comércio* - mesclando diferenças étnicas com divergências ideológicas - apontou a existência de duas posturas entre os operários estrangeiros relativas à continuidade da greve:

> Dividem-se em dois grupos radicalmente opostos, os operários paredistas estrangeiros.
>
> Os alemães, que são socialistas, entendem que devem voltar ao trabalho, aceitando o que lhes foi proposto pelos industriais, e isso fazem por meio de um decreto com aplauso coletivo.
>
> Os polacos e italianos, anarquistas, opõem-se à volta ao trabalho[185].

Os industrialistas, por seu turno, não abriram mão do horário de 9 horas e, ao justificarem a sua atitude, levantaram dois pontos: no plano material, os prejuízos econômicos que uma maior redução da jornada de trabalho acarretaria e, no plano simbólico, a necessidade de manter a hierarquia de classes, ancorada na obediência e na submissão dos empregados. Segundo o *Correio do Povo*, quando Bins apresentou a proposta de Xavier da Costa aos empresários, esses

> unanimemente resolveram que o assunto nem merecia discussão, porque já haviam feito publicar o horário de 9 horas do qual não se afastariam. Aos grevistas competia aceitar ou não. Entendiam que a exigência desse quarto de hora tinha por fim único humilhar os

[183] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16/10/1906. p. 1. Apud PESAVENTO, S. J. *A burguesia gaúcha...*, op. cit., p. 156.
[184] *Petit Journal*. Porto Alegre, 15/10/1906. p. 2 e 17/10/1906. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.
[185] *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 14/10/1906. p. 1 (FIB).

> industriais. (...) Prosseguindo, Alberto Bins fez ver as dezenas de contos de réis que representa a concessão de uma hora que fizeram. Acentuou o modo indelicado como os grevistas tratavam seus patrões, como se fossem seus subordinados, desatenciosamente.

Na seqüência, o líder empresarial, a fim de evidenciar qual lado da disputa era o mais forte, dirigiu ameaças aos grevistas, buscando, contudo, preservar a imagem benevolente e paternalista dos proprietários:

> (...) os industriais podiam e podem usar de represálias muito mais prejudiciais aos paredistas. Assim, no momento em que desejarem, poderão resolver o fechamento das fábricas, restabelecer o horário de 10 horas e obrigar, pela fome, os operários a voltarem ao trabalho. Entretanto, assim procedem [mantendo a jornada de 9 horas] para que não se os chame de desumanos e porque desejam contemporizar um pouco ainda. Os grevistas dizem que não precisam trabalhar, pois nós também, muito mais podemos fechar as fábricas e distrair nossa atividade noutro ramo de especulação[186].

Nesse sentido, em 18 de outubro, os industriais e mestres-de-obras agrupados no Convênio divulgaram um aviso, reafirmando a manutenção das 9 horas e comunicando "(...) que somente se entenderão sobre regulamentos e outras questões internas com comissões compostas exclusivamente de operários de suas respectivas fábricas ou obras". Portanto, frente à visibilidade da classe operária porto-alegrense trazida pela greve, os empresários procuraram retroceder à situação anterior, de privatização e fragmentação dos conflitos entre capital e trabalho. Respondendo às ameaças patronais, o *Petit* assegurou: "o movimento grevista não deteve a sua marcha"[187]. Entretanto, devido à intransigência dos industriais, Xavier da Costa e Cavaco não tiveram outro remédio senão aceitar as 9 horas. Buscaram, todavia, manter a organização da classe e suas posições de liderança no momento de retorno ao trabalho. No dia 19, na sede da FORGS, ocorreu uma reunião das comissões encarregadas de resolver sobre o prosseguimento da greve:

---

[186] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16/10/1906. p. 1 (MCSHJC).
[187] *Petit Journal*. Porto Alegre, 19/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

> Presente grande número de pessoas, usou da palavra o chefe grevista Carlos de Araújo ("Cavaco"), que, em seu nome, em nome do outro chefe do movimento, Xavier da Costa, e em nome das comissões, mostrou a necessidade do operariado regressar ao trabalho com o horário estipulado das 9 horas, expondo as razões apresentadas pelos proprietários da impossibilidade de ser concedido o horário pedido pela classe em greve.
>
> O orador analisou os fatos ocorridos durante o movimento, aconselhando a necessidade urgente de se arregimentar a classe operária, aconselhou medidas de prudência; abandono de ódios, união, solidariedade e confiança no futuro.
>
> Terminou erguendo vivas à causa e recebendo muitos aplausos ao terminar o discurso.
>
> Falou em seguida o chefe grevista Xavier da Costa, que apresentou o seu modo de pensar sobre o movimento, concordando, em absoluto, com o seu companheiro "Cavaco". Em seguida consultou uma por uma as comissões, sendo todas do parecer dos dois chefes. Deu-as precisas instruções, preparou reuniões de grevistas para ser deliberado sobre o modo porque deviam regressar ao trabalho, segunda-feira próxima[188].

Em 21 de outubro, a FORGS abrigou outro encontro dos grevistas, quando "(...) Xavier da Costa deu as instruções precisas para os que se resolviam voltar ao trabalho aceitando o horário estabelecido pelo convênio (...)". No mesmo dia, no Salão 1° de Maio, Xavier da Costa e Cavaco, "perante numerosa multidão de trabalhadores", discursaram "(...) mostrando a vitória parcial alcançada pela classe e a razão de não ter sido essa vitória proclamada a mais tempo, visto o pouco tempo da greve e por conseguinte a impossibilidade de se fazer ver a necessidade de aceitar, por enquanto, este primeiro triunfo da classe operária". Conforme a notícia, os oradores "(...) desceram das tribunas aclamados delirantemente pelo povo, que os acompanhou até nos passeios que os dois agitadores fizeram pelo arrabalde dando providências para o socorrimento das primeiras vítimas das vinganças"[189].

As citações acima transmitem, em geral, a imagem de um movimento disciplinado e perfeitamente sintonizado com os ditames de seus líderes. Nelas,

[188] *Petit Journal*. Porto Alegre, 20/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

considera-se a jornada de 9 horas uma "vitória parcial", um "primeiro triunfo" dos trabalhadores porto-alegrenses. Xavier da Costa e Cavaco são apresentados enquanto chefes incontestes, protetores e guias da classe operária local. Contudo, alguns trechos indicam a existência de divergências e de tensões, como quando Cavaco pregou o "abandono de ódios" e, posteriormente, ao lado de Xavier da Costa, tratou de socorrer as "primeiras vítimas das vinganças".

Tais conflitos são também explicitados na avaliação da greve publicada no *A Luta*. O órgão anarquista afirmou, em 28 de outubro, que, durante a parede, os grevistas estavam "pessimamente organizados" por seus "intitulados chefes", sem terem "(...) a maioria, idéia exata de solidariedade de classe". Na ótica do jornal, os proletários deveriam discutir diretamente com os patrões, "prescindindo de intermediários" (de "homens ponte", diria eu...). Porém, em uma coisa, o *Petit* e o *A Luta* concordavam: a greve havia sido vitoriosa; devido à redução da jornada, para o primeiro, e como "(...) uma afirmação de direitos, que até então não eram reconhecidos aos homens de trabalho", nas palavras do segundo[190]. Apesar de "alguns mais rebeldes" não quererem conformar-se "(...) com as pequenas concessões que à nossa burguesia foram arrancadas pelos paredistas", em 23 de outubro o *Jornal do Comércio* declarou: "Tudo acabado"[191].

Será?...

---

[189] *Petit Journal*. Porto Alegre, 22/10/1906. p. 2 (MCSHJC). Segundo o *Diário do Rio Grande*, o número de operários presentes à reunião no Salão 1° de Maio era superior a 4.000. *Diário do Rio Grande*. Rio Grande, 22/10/1906. p. 1 (APAXC).
[190] *A Luta*. Porto Alegre, 28/10/1906. p. 2 (NPH).
[191] Idem e *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 23/10/1906. p. 2 (FIB), respectivamente.

QUADRO III -

LISTA DAS CATEGORIAS E ESTABELECIMENTOS ENVOLVIDOS NA GREVE DE 1906 EM PORTO ALEGRE

Categorias	
Alfaiates (não aderem?)	*Caixeiros*
Canteiros	*Carpinteiros*
Chapeleiros	*Correiros (?)*
"elemento feminino do operariado"	*Escovadores*
Empregados nos bondes	*Estivadores*
Ferreiros	*Gráficos (não aderem?)*
Marmoristas	*Metalúrgicos*
Padeiros	*Pedreiros*
Pintores	*Tecelões*
Trabalhadores em madeira	*Tripulantes de vapores*

Estabelecimentos	
Becker & Irmão (?)	*Carpintaria Porto-Alegrense*
Companhia Cel. Franz Herzog (?)	*Companhia Fabril Porto-Alegrense*
Companhia Fiação e Tecidos de Manoel Py	*Companhia Força e Luz*
Confeitaria Rocco (concessão das 8 horas)	*construção do edifício para a Livraria Americana*
curtumes (?)	*empresa de Attilio Santa Catharina (?)*
empresa de Gregório Silva (?)	*empresa de Germano Steigleder Sobrinho (?)*
empresa de Hugo Ferlini (?)	*empresa de João Bortotti (?)*
empresa de Jorge Petersen (?)	*empresa de José Evangelista (?)*
empresa de Julius Weiss (?)	*estaleiro de Alberto Bins*
estaleiros de José Becker	*Estaleiros Só & Filhos*
fábrica de Bruno Marroco (?)	*fábrica de chapéus (?)*
fábrica de chapéus de Mayser & Kessler	*fábrica de chapéus de Oscar Teichmann*
fábrica de chapéus do sr. Tcheirs	*fábrica de cofres de Alberto Bins*
fábrica de doces (?)	*fábrica de José David (?)*
fábrica de Koling & Krall (?)	*fábrica de meias (?)*
fábrica de móveis de Arbós & Salvador	*fábrica de móveis de Kappel & Arnt*
fábrica de Silveira Martins (?) (acordo prévio)	*fábricas de cerveja (não adesão)*
fábricas de sabão (?)	*fábricas de vidros (?)*
Fundição Fênix	*Fundição Só & Filho*
fundição de Jacques Max (Maas?)	*irmãos Tomatis (empreiteiros)*
marmoraria de Jacob Aloys Friederichs	*obras da caixa d'água e do reservatório da Intendência*
pedreira de Antônio Divan (concessão das 8 horas)	*pedreira de Antônio Locatelli (concessão das 8 horas)*
pedreira de Cesar Ognibene (concessão das 8 horas)	*pedreira de Di Gian Pietro Giovanni (concessão das 8 horas)*
pedreira de Swedo Janson (concessão das 8 horas)	*Progresso Industrial (não adere)*
Serraria de Germano Geiger	*Serraria Lourenço da Silva*

Fontes: *Deutsche Zeitung*; BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit.; *A Luta*; *Petit Journal*; PESAVENTO, S. J. *A burguesia gaúcha...*, op. cit. e *Relatório da FORGS* [1913]. Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit.

Observação: o ponto de interrogação indica falta de informações mais precisas ou sobre o ramo de atividade (constando apenas o nome do proprietário) ou sobre a razão social da empresa.

* * *

Final de outubro... Ao nascer do sol, Cavaco, de seu gabinete, fitava uma nesga do céu azul. Do jardim, vinha um doce perfume suave. Um par de borboletas fazia idílio sobre a pétala macia do lírio branco. Andorinhas e pombas mansas formavam grupos graciosos por cima dos telhados, gozando o frescor da manhã. Vendedores ambulantes passavam, despertando Porto Alegre com suas cantigas monótonas. Envolto em tal ambiente, o Tribuno pensava:

> Depois de uma agitação extraordinária, de um trabalho gigantesco em prol de uma causa santa, na defesa de um direito violado, quanto é bom este momento matinal na quietude do gabinete de estudo, respirando meigos perfumes e deleitando o olhar cansado nos poéticos quadros da bela natureza! A alma tem deslumbramentos, o coração tem expansões carinhosas. Parece que o anjo da Paz abriu sobre o nosso espírito as asas brancas... O silêncio seguiu-se ao ruído, o repouso ao esforço, a calma à luta[192].

Talvez inspirado pela beleza desse amanhecer, Carlos de Araújo adquiriu um lindo buquê de flores naturais e o ofereceu às operárias que, durante aquele mês, diversas vezes, haviam lhe homenageado com ramalhetes. Impresso em fita encarnada, cor símbolo da agitação grevista, lia-se a inscrição: "Às dignas operárias - Recordações do Cavaco"[193].

Se, na concepção do agitador, o final da greve significou a volta à tranqüilidade e ao remanso do lar; para boa parte dos paredistas, o retorno ao trabalho implicou grandes sofrimentos e transformações. Na fábrica de meias, por exemplo, uma moça foi despedida pelo fato de ter ofertado um buquê de flores a um chefe

[192] *Petit Journal*. Porto Alegre, 22/10/1906. p. 1 (MCSHJC). O parágrafo anterior à citação foi inspirado nessa crônica de Cavaco.
[193] Idem, p. 2.

grevista[194]. Portanto, as flores que inspiravam os devaneios de Cavaco também podiam gerar perseguições aos operários.

Apesar do *Jornal do Comércio* afirmar, em 18 de outubro, que os empregados, eram recebidos "carinhosamente" pelos antigos patrões[195]; os periódicos simpáticos à greve denunciaram os tormentos infligidos aos participantes do movimento. Nesse sentido, o *Petit Journal* do dia 20 noticiou:

> Queixam-se os grevistas que na fábrica de tecidos e na ausência do sr. Manoel Py, o apontador de nome Borba maltrata as moças que regressam ao trabalho, dirigindo-lhes injúrias. Outros dizem que um sr. Fermiano, da mesma fábrica, vai diminuindo o salário de operários que se haviam envolvido na greve.
>
> Afirmam, entretanto, que o proprietário da fábrica, sr. Py, nada disso sabe[196].

Em muitas empresas, buscando-se restabelecer a hierarquia de classes abalada pela greve, adotaram-se medidas a fim de se garantir a obediência e a submissão pessoais dos empregados, características da dominação paternalista. Conforme informou o *A Luta*: "na fábrica de meias, deixaram de trabalhar grande

---

[194] Idem, p. 2.

[195] *Jornal do Comércio*. Porto Alegre, 18/10/1906. p. 1 (FIB). Algum tempo depois, o *A Democracia* criticou violentamente o autor dessa afirmação: "(...) houve, nesta capital, um ignorante burguês gazeteiro tão desbragadamente mentiroso que publicou, num dos jornais que vivem dos dinheiros com que poucos industriais lhes pagam anúncios claramente prescindíveis e mendigados, que os ex-grevistas, ao voltarem às oficinas, foram 'muito bem recebidos', 'carinhosamente' etc. pelos respectivos patrões... Àquele jornalista, que não teve pejo de faltar à verdade (...), daremos o troco merecido, para que a parte sã da sociedade saiba, de modo indubitável, com provas indestrutíveis, com documentos, que estamos reunindo, quem é, de onde veio e para onde ele deseja ir". *A Democracia*. Porto Alegre, 15/12/1906. p.p. 1-2 (MCSHJC). Segundo o *Diário do Rio Grande*, Xavier da Costa prestou "forte auxílio" ao *Jornal do Comércio*: "foi um dos seus redatores, desligando-se somente por desencontro de opiniões, sustentadas pelo velho órgão, por ocasião da recente greve". *Diário do Rio Grande*. Rio Grande, 22/10/1906. p. 1 (APAXC).

[196] *Petit Journal*. Porto Alegre, 20/10/1906. p. 2 (MCSHJC). É interessante notar que, muitas vezes, os militantes operários, ao denunciarem os maus tratos sofridos pelos trabalhadores, atacavam apenas os ocupantes de cargos intermediários nas empresas (contramestres, gerentes, capatazes etc.) e poupavam os proprietários; indicando, talvez, uma certa eficácia da imagem paternalista construída por esses últimos ou uma estratégia discursiva objetivando a obtenção de ganhos imediatos (como a demissão dos gerentes). Tal atitude também foi verificada nas cartas abertas enviadas por Xavier da Costa às autoridades constituídas citadas na seção 3.1. Consultar ainda, para um caso semelhante: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit., p.p. 53-4.

número de operários por quererem os patrões só lhes dar serviço depois que cada um dos ex-grevistas pessoalmente fosse pedir, por favor, para voltarem à fábrica"[197].

Os líderes da parede tomaram diversas providências para auxiliar os companheiros perseguidos. Com tal objetivo, a Federação telegrafou às sociedades congêneres do interior pedindo recursos. Responderam ao apelo a União Operária de Pelotas e os operários de Cruz Alta. Além disso, constando "(...) que a amásia de um empregado de fábrica pedia aos açougueiros e vendedores para não fiar aos grevistas, pretendendo obrigá-los a ceder ao movimento pela fome", uma comissão da FORGS tratou de obter pecúlios em benefício das vítimas do fato e encarregou outras comissões de percorrer as ruas de Porto Alegre fazendo coletas. Ainda na tentativa de proteger os trabalhadores, o *Petit* publicou esse aviso: "daremos os nomes dos operários e operárias que foram mandados para fora do serviço por ordem dos gerentes etc. O número quase chega a cem". Em contrapartida, "em algumas fábricas, cujos nomes publicaremos, os operários foram todos aceitos e cumprido à risca o horário estipulado pelo convênio". Frente às perseguições, falou-se mesmo em recomeçar a greve[198].

Cavaco, diante dessas denúncias, abandonou a serenidade do seu jardim e, mais uma vez, empunhou a pena em prol dos operários, resguardando, contudo, a atitude das autoridades constituídas:

> Não obstante a bela conduta das autoridades subordinadas ao digno governo do preclaro chefe Dr. Borges de Medeiros, existe no seio da classe operária visível descontentamento em face do que se está passando: membros da classe despedidos dos empregos por haverem tomado parte no movimento geral da greve. (...)
>
> Pergunto eu: é justo o que se está passando?

[197] *A Luta*. Porto Alegre, 28/10/1906. p. 2 (NPH). Transcrito em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 158. Para outras notícias de perseguições aos ex-grevistas, ver, na mesma obra, p.p. 156-9, e ainda: *Petit Journal*. Porto Alegre, 22/10/1906. p. 2; 23/10/1906. p. 2 e 25/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[198] Ver: *Petit Journal*. Porto Alegre, 16/10/1906. p. 2; 19/10/1906. p. 2; 20/10/1906. p. 2; 22/10/1906. p. 2 e 23/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

> Quais os maiores culpados: os operários, que se constituíram em greve, pacificamente, respeitando as autoridades e as leis, ou alguns gerentes e proprietários de estabelecimentos que atiram ao horror da miséria famílias inteiras de trabalhadores, somente porque essas famílias reclamaram o que lhes assiste de direito em face da Lei?
>
> .....
>
> Não reclamo piedade para essas vítimas de ódios mal contidos - reclamo justiça, e que ela se faça antes que as horas de amargura comecem a soar para os perseguidores vingativos[199].

Muitos trabalhadores envolvidos na parede, especialmente os mais qualificados, não quiseram retornar aos antigos empregos, preferindo montar pequenas oficinas ou partir rumo a outras localidades[200]. Na explicação desse fato, é necessário considerar, novamente, o estágio de desenvolvimento capitalista do Rio Grande do Sul naquele momento, quando conviviam grandes fábricas com pequenas oficinas manufatureiras. A qualidade da produção dependia, em grande parte, do saber técnico de artesãos qualificados, o que dificultava a sua substituição. Por isso, eles contavam com a possibilidade de se tornarem pequenos proprietários ou de encontrarem melhores ocupações alhures. Anteriormente salientei que alguns empregados da Marmoraria Aloys valeram-se desse expediente, dirigindo-se à Capital Federal. Da mesma maneira, em plena efervescência grevista, o *Petit* informou: "segue para o Rio de Janeiro a primeira turma de grevistas: são operários da fábrica de chapéus do sr. Tcheirs"[201].

O financiamento das viagens foi obtido em fontes variadas. No dia 15 de outubro, a FORGS noticiou que esperava os recursos prometidos pelo operariado pelotense e de outras localidades, a fim de fazer seguir para o Rio novos grupos de paredistas. Já a União dos Chapeleiros da Capital Federal mandou fornecer passagens

---

[199] *Petit Journal*. Porto Alegre, 25/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[200] Segundo o *Petit*, "(...) muitos operários, os melhores até, os que ocuparam lugar saliente na competência do trabalho, estão no firme propósito de abandonar a capital e procurar empregos em outras localidades". *Petit Journal*. Porto Alegre, 19/10/1906. p. 2. Ver também, no mesmo periódico, notícias sobre o tema em 16/10/1906. p. 2 e 20/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[201] *Petit Journal*. Porto Alegre, 15/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

aos trabalhadores desse ofício interessados em se empregarem naquela cidade. Em 23 do mesmo mês, segundo informação do *Petit*, uma comissão de operários, "representante do grande número despachado das fábricas", decidiu enviar uma petição a Borges de Medeiros, "(...) mostrando como foram tratados mesmo depois do Convênio e solicitando passagens para fora do Estado". De acordo com o periódico, no dia 26, "com destino ao Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires, embarcaram (...) os primeiros grupos de operários, despedidos por terem tomado parte no movimento grevista"[202].

Os patrões também procuraram tirar proveito da mobilidade da mão-de-obra, com o intuito de substituir os empregados em greve e, depois, os demitidos. O *A Luta*, por exemplo, denunciou que os proprietários da firma Otero, Gomes & C. e de uma fábrica de banha não acederam às reivindicações de seus operários pois, caso esses resolvessem não voltar ao trabalho, mandariam buscar outros nos Estados Unidos ou na Europa[203]. Entretanto, uma incipiente solidariedade de classe internacional dificultava os planos dos empresários. Assim, Aloys Friederichs, o famoso "Mestre Aloys", em cujo estabelecimento iniciou o movimento, conforme a narração irônica do órgão anarquista,

> (...) depois da greve que inda está na memória de todos, seguiu para o Rio da Prata em busca de operários para sua oficina.
>
> Os operários com quem tratava, porém, ao se inteirarem dos motivos por que eram procurados, recusaram-se terminantemente aceitar o convite vantajoso que lhes era feito, manifestando-se solidários com as reivindicações dos seus colegas de Porto Alegre.
>
> E voltou tristemente o sr. Friederichs sem os operários que pensava facilmente recrutar para a oficina...[204]

---

[202] *Petit Journal*. Porto Alegre, 15/10/1906. p. 2; 22/10/1906. p. 2; 23/10/1906. p. 2 e 27/10/1906. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.
[203] *A Luta*. Porto Alegre, 10/10/1906. p. 3 e 15/11/1906. p. 1 (NPH).
[204] *A Luta*. Porto Alegre, 15/12/1906. p. 2 (NPH).

Visando reforçar esses laços de solidariedade, a FORGS enviou uma circular às associações operárias do "globo", propondo: "em determinada capital da Europa terá lugar a reunião de um Congresso Operário que além de outras coisas resolverá sobre a necessidade de nenhum operário de qualquer parte substituir o companheiro grevista no trabalho"[205].

A greve estimulou, igualmente, a circulação de militantes, possibilitando a formação de redes de relações, a difusão de idéias e a vivência de novas lutas[206]. Cito alguns exemplos desse fato. Em 15 de outubro, o *Petit* anunciou: "é bem provável a próxima viagem para o Rio de um dos diretores do movimento [possivelmente Xavier da Costa ou Cavaco] a fim de ali fazer conferências públicas e narrar os acontecimentos desta capital"[207]. No dia 22, dirigiu-se à Capital Federal Antônio Kolorynsky, "(...) envolvido nos acontecimentos da greve". Um grande número de operários compareceu a seu embarque[208]. Ao final do ano, foi a vez do citado Antônio Nalepinski, o qual, "(...) com tanto denodo assumiu posição saliente no último movimento da classe aqui (...)" e, em decorrência, atraiu "(...) contra si os ódios mesquinhos de certos burgueses que, para se desforrarem dele, armaram-lhe uma espécie de boicotagem". Premido pelas dificuldades econômicas, o militante buscou, sem sucesso, emprego em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, seguindo, finalmente, para o Rio de Janeiro, onde "(...) teve a felicidade de encontrar companheiros que o acolheram com o devido apreço e que o auxiliaram na obtenção de trabalho bem

[205] *Petit Journal*. Porto Alegre, 20/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[206] Sobre a circulação de militantes, ver: PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (org.). *Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira*. São Paulo, Scritta, 1997.
[207] *Petit Journal*. Porto Alegre, 15/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[208] *Petit Journal*. Porto Alegre, 22/10/1906. p. 2 (MCSHJC).

remunerado". Posteriormente, Nalepinski atuou no movimento operário paulista durante as grandes greves de 1917 e acabou expulso do país[209].

* * *

A greve de 1906 foi a maior manifestação pública do operariado até então ocorrida no Rio Grande do Sul, marcando a visibilidade da classe diante do patronato, dos poderes públicos e da sociedade em geral, em uma cidade onde avançavam a industrialização e as relações capitalistas. Milhares de trabalhadores que, antes, faziam suas reivindicações no âmbito de cada estabelecimento e/ou setor profissional, ocuparam as ruas e praças de Porto Alegre, agrupados em torno da bandeira das 8 horas, contestando as hierarquias e as formas de exploração vigentes.

A parede reforçou a solidariedade dos operários, consubstanciada na fundação da FORGS, e também a dos empresários que, frente à mobilização de seus empregados, viram-se obrigados a organizarem-se e tomarem medidas comuns. Entretanto, ela também exacerbou as diferenças e as tensões no interior das classes. Nesse sentido, por exemplo, acirrou-se a disputa entre os socialistas e os anarquistas pela liderança do movimento e muitos patrões adotaram acordos em separado com os seus funcionários.

E, para os protagonistas dessa tese, o que significou a greve?

Ela foi o momento culminante de sua atuação, e de sua parceria, como líderes do movimento operário porto-alegrense. Naquela ocasião, suas trajetórias, tão diferenciadas, convergiram na defesa da "causa sagrada" dos trabalhadores. De

[209] *A Democracia*. Porto Alegre, 15/12/1906. p. 3 (MCSHJC). Sobre a militância de Nalepinski em São Paulo e sua expulsão, ver: ALVES, Paulo. *A verdade da repressão*. São Paulo, UNESP, 1997. p.p. 63-

meados de setembro ao final de outubro de 1906, ambos concentraram seu tempo e suas energias na arregimentação dos operários, na propaganda das medidas almejadas, na organização "geral e uniforme" dos grevistas e no estabelecimento de canais de negociação com o empresariado e com as autoridades governamentais. Procuraram, ainda, manter o enfrentamento nos limites da moral dominante e da ordem constituída e afastar os anarquistas da condução da parede.

Terminada a "Greve dos 21 dias", Xavier da Costa e Cavaco entraram 1907 fortalecidos politicamente[210]. O primeiro, depois de um certo ostracismo no início do século XX, consolidou a sua posição de líder operário e de principal representante da tendência socialista. Além disso - ao atuar enquanto "homem ponte" entre etnias e classes sociais e defender o "modo conciliatório" na resolução das greves -, demonstrou ser um homem confiável aos olhos dos governantes. Cavaco, por sua vez, imprimiu, de início, radicalidade ao movimento, defendendo o uso da violência contra a burguesia. Pouco tempo depois, recuou e passou a recomendar calma e prudência aos paredistas. De qualquer forma, apesar de ter a sua legitimidade de dirigente operário freqüentemente contestada, firmou-se como o grande Tribuno popular, o agitador das massas da Capital gaúcha. No final da greve, o "Periquito" publicou esse falso epitáfio, atestando a fama do personagem:

> Quando o Cavaco morreu
> Contavam que tinha em vista
> Converter (e converteu)
> Cada verme em um grevista[211].

---

70 e 73-6 e CANCELLI, Elizabeth. *A cultura do crime e da lei, 1889-1930*. Brasília, Editora UNB, 2001. p.p. 220-3.

[210] CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 64 e *Diário do Rio Grande*. Rio Grande, 22/10/1906. p. 1 (APAXC).

[211] *Petit Journal*. Porto Alegre, 25/10/1906. p. 1 (MCSHJC). O poder de sedução da oratória de Cavaco foi atestado, inclusive, pelos jornais contrários ao movimento. Nesse sentido, o *Deutsche Zeitung* afirmou que, em 5 de outubro, nos Navegantes, o Tribuno realizou um "discurso agitador" diante da

Em 29 de outubro, Carlos de Araújo embarcou rumo à fronteira a serviço do *Petit Journal*. Muitas "(...) pessoas gradas, acadêmicos civis e militares e grande número de operários" foram lhe dar adeus[212]. Não é despropositado pensar que Francisco também estivesse no cais. Afinal, durante a parede, eles estabeleceram significativos laços pessoais e políticos. Todavia, aquela despedida marcou o afastamento gradual dos dois "chefes" grevistas, pois, a partir dali, suas trajetórias, apesar de alguns novos encontros, tomaram rumos cada vez mais diferenciados.

fábrica de meias Fiação e Tecidos, depois do qual a maior parte dos trabalhadores aderiu à greve. *Deutsche Zeitung*. Porto Alegre, 06/10/1906. p. 2 (ABM/ILEA/UFRGS).

[212] *Petit Journal*. Porto Alegre, 30/10/1906. p. 1 (MCSHJC).

3.3 - Depois da Greve: encontros e desencontros

Encerrada a "Greve dos 21 dias", Xavier da Costa e Carlos Cavaco tiveram participação decisiva em dois processos que marcaram o movimento operário porto-alegrense no período: o desenvolvimento de sua organização e a exacerbação dos conflitos entre socialistas e anarquistas.

Em relação ao primeiro aspecto, destaco, inicialmente, o ressurgimento do *A Democracia*, em dezembro de 1906, por iniciativa do Club Imprensa Operária, "fundado com o fim exclusivo de fazer a propaganda da reivindicação dos direitos do proletariado, por meio da publicação de jornais, panfletos, boletins etc. etc.". Xavier da Costa era o secretário do Club, o qual também agregava outros militantes a ele ligados: os já referidos Rodolpho Pflugrath (tesoureiro) e Alberto Kruse (administrador)[213]. O personagem ainda atuava como diretor da comissão de redação, composta por Wilhelm Koch, M. Pereira, G. Amtheur, F. da Silva Duarte e Julius Mark[214]. O papel preponderante de Francisco na condução do jornal foi explicitado em um artigo de Abel Zacharias da Paixão:

> O reaparecimento do *A Democracia* que, como se sabe, vem impulsionada pelos alevantados princípios da causa operária que se propõe advogar, como órgão da classe, traduz claramente os esforços de meia dúzia de batalhadores, insuspeitos e encorajados, de cujo número destaca-se o ardoroso lutador, o apóstolo da doutrina do socialismo - Francisco Xavier da Costa[215].

[213] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/12/1906. p. 3 (MCSHJC). Antes disso, ao longo da greve geral, anunciou-se, por diversas vezes, que Xavier da Costa e Carlos Cavaco fundariam um periódico - denominado ora *A Vanguarda*, ora *O Combate* - dedicado à defesa do operariado. Porém, a iniciativa não parece ter se concretizado. Ver: *Petit Journal*. Porto Alegre, 02/10/1906. p. 2; 04/10/1906. p. 2; 10/10/1906. p. 2; 20/10/1906. p. 2 e 23/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[214] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/12/1906. p. 2 (MCSHJC).
[215] Idem, p. 3.

No primeiro número dessa nova etapa, os redatores ressaltaram que continuariam a defender o programa sustentado anteriormente pela folha socialista, e afirmaram sua independência e combatividade:

> Exclusivamente dedicada aos interesses da classe operária, continuará este periódico a dar combate sem tréguas a tudo e todos quantos se tornarem prejudiciais àqueles. E nisso, que ela entende ser um sacerdócio, não respeitará as convencionais considerações com que a hipocrisia social costuma aureolar, às vezes, pessoas e coisas merecedoras de repulsa.
>
> Justiça, Moralidade e Franqueza - foi a tríade em que se baseou o procedimento da *Democracia* na sua primeira fase; Justiça, Moralidade e Franqueza é a tríade em que se baseará o procedimento dela na fase que ora inicia[216].

Portanto, o *A Democracia* reapareceu amparado em um discurso messiânico, cabendo a Xavier da Costa o papel de "apóstolo", líder de um grupo votado ao sacerdócio em prol da difusão de nobres ideais. Acima de todos, porém, luzia a figura emblemática de Karl Marx, cuja efígie ocupa toda a capa desse número. Na página seguinte, consta uma detalhada biografia do pensador alemão - caracterizado como "imortal chefe da escola democrática-social", "grande homem", "intrépido agitador", "célebre socialista", "venerando mestre", "agitador gigante" - e a indicação de várias de suas obras[217]. Valendo-se dessa representação, o jornal não só deixava claro o seu caráter socialista mas também buscava construir imagens míticas que deveriam ser veneradas pelos operários[218].

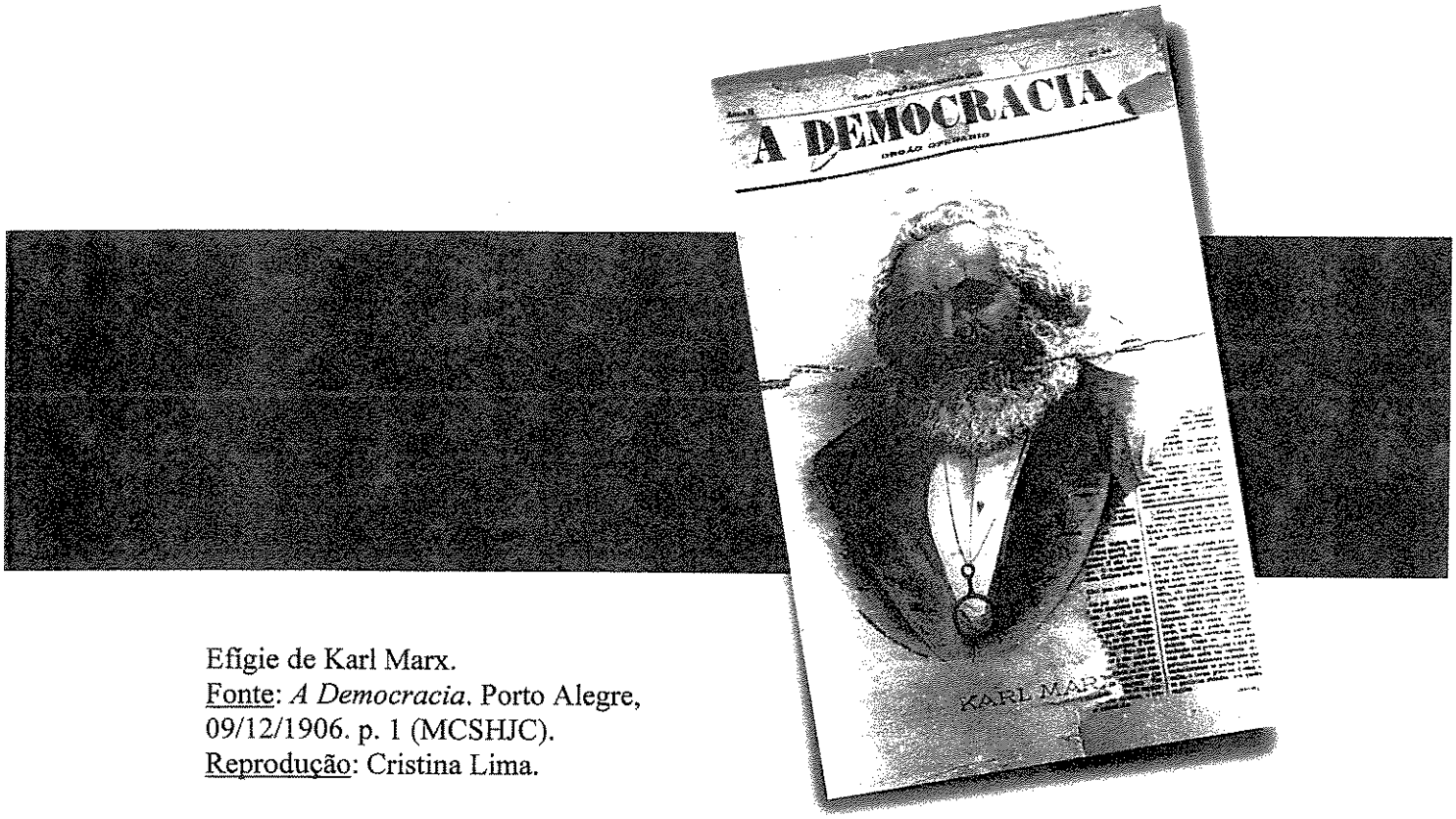
---

[216] Idem, p. 2.

[217] Idem.

[218] No mesmo sentido, vão as palavras do jornalista Fúlvio de Paula, pseudônimo de Abrilino Lança: "quem adora as religiões moralizadoras e admira os seus sacerdotes deve crer nessa bíblia que Carlos Marx escreveu, pelo início do século findo, e onde se evidencia o amor ao progresso, o culto ao Trabalho que é a vida do homem!". *A Democracia*. Porto Alegre, 15/12/1906. p. 4 (MCSHJC).

Para uma análise das imagens messiânicas presentes nos escritos de outro socialista atuante no Rio Grande do Sul, e contemporâneo de Xavier da Costa e de Cavaco, consultar: SCHMIDT, Benito Bisso. Ser socialista em Rio Grande na virada do século XIX: ciência/religião e reforma/revolução no pensamento de Antônio Guedes Coutinho. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXII, n. 2, dezembro de 1996. Sobre esse ponto, considero pertinente o questionamento de Raoul Girardet: "(...) qual teria sido o destino de um marxismo destituído de todo apelo profético e de toda visão messiânica, reduzido exclusivamente aos dados de um sistema conceitual e de um método de análise?". GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p.p. 11-12.



Efígie de Karl Marx.
Fonte: *A Democracia*. Porto Alegre, 09/12/1906. p. 1 (MCSHJC).
Reprodução: Cristina Lima.

A publicação do retrato de Marx repercutiu junto aos colegas da imprensa local. O *Rio Grandenser Vaterland*, por exemplo, referiu-se ao autor como "célebre chefe socialista" e ergueu um "vigoroso 'vivat, cresceat, floreat!'" ao *A Democracia*. A *Gazeta do Comércio* também comentou a efígie do "agitador e organizador socialista"[219]. Já o *A Luta*, como não poderia deixar de ser, destilou ironia ao tratar do tema:

> Nesta capital apareceu domingo último o primeiro número da nova fase da *Democracia*, periódico semanal, sob a direção do conhecido jornalista e operário Francisco Xavier da Costa.
>
> *A Democracia*, mantendo seu antigo programa, faz propaganda do socialismo legalitário.
>
> A primeira página do número que temos à vista é ocupada pelo retrato de Carl (sic) Marx, trazendo um artigo biográfico, traduzido do alemão, e no qual vêm artificialmente encaixados uns períodos, cuja alusão não nos escapou e a qual muito agradecemos aos ilustres jornalistas daquela folha[220].

[219] De acordo com a matéria "*A Democracia* perante os colegas". *A Democracia*. Porto Alegre, 15/12/1906. p. 3 (MCSHJC).
[220] *A Luta*. Porto Alegre, 15/12/1906. p. 4 (NPH).

Entre o final de 1906 e o início de 1907, a mais significativa cruzada dos "sacerdotes" socialistas em defesa do operariado da cidade parece ter sido a luta pela manutenção da jornada de 9 horas acordada na greve geral. Nesse sentido, no dia 15 de dezembro, o *A Democracia* publicou um artigo intitulado "Operários, alerta! Querem mudar a redução do labor diário à media de nove horas! Preparemo-nos!!". Nele, fez-se a seguinte denúncia:

> Há pouco mais de um mês circula nesta capital o boato de que alguns dos signatários do convênio dos industrialistas projetam desligar-se do compromisso, **assumido sob palavra de honra**, de respeitá-lo, e, desse modo livres de tal empecilho moral, querem fazer com que, de 1° de janeiro próximo, em diante, volte a vigorar o antigo horário para o trabalho em oficinas e nas construções.

Como foi visto na seção anterior, comentários semelhantes circulavam entre os grevistas desde o final de outubro. Porém, segundo o artigo, "o boato (...) avolumou-se e com tanta insistência ele circula, que somos obrigados a toma-lo a sério". A partir daí, o redator passou a dirigir acusações a alguns dos mais destacados empresários da capital gaúcha, em um tom muito agressivo, pouco usual nas declarações públicas dos socialistas. Chamou, por exemplo, Alberto Bins de "papa negro dos industriais de Porto Alegre" e Manoel Py de "insaciável e incorrigível mamão" da Companhia Fiação e Tecidos, "esta vaca gorda e leiteira". Além disso, referindo-se aos proprietários, deixou claro o acirramento da luta de classes então em curso na cidade: "não são simples adversários que, no conflito de interesses entre o Capital e o Trabalho, procurem defender razoáveis direitos seus: **são inimigos dos trabalhadores** (...)". Ironizou também as autoridades constituídas, normalmente poupadas dos ataques dos socialistas: "e, lá muito alto, envolto em nuvens do incenso da adulação, o governo abençoando toda essa 'divina ordem social'...".

O articulista fez, inclusive, ameaças aos industrialistas, procurando mostrar a força do operariado:

> (...) a paciência das vítimas tem limites e (...) a vindicta dos oprimidos, sempre guiada pelo desespero, completa-se com a implacável punição dos opressores...
>
> .....
>
> Querer fazer o operariado de Porto Alegre retroceder no caminho de justas reivindicações (...) é (...) uma imprudência tão perigosa como aproximar o lume à pólvora.
>
> .....
>
> Os 5.000 operários de Porto Alegre que, sem a necessária organização, sem dinheiro, sustentaram uma greve durante vinte e um dias, submeter-se-ão à irritante imposição desse brutal egoísmo de alguns industrialistas?[221].

Nesse panorama, Xavier da Costa abandonou sua tradicional posição de "homem ponte" entre capitalistas e operários e atacou pessoalmente a burguesia local. Destacou, por exemplo, a diferença irreconciliável que separava os trabalhadores de seus patrões: "nos oprimem os burgueses, nos exploram em todo o sentido; e nunca por espírito de justiça serão capazes de tratar de nosso bem estar, porque isto é contrário ao predomínio deles cuja garantia está na manutenção do operário em contínua situação de necessidade de quase tudo, às vezes até de pão". Nas palavras do personagem, o governo aparecia como cúmplice do patronato na exploração dos proletários: "(...) a alta governança apadrinha as pretensões deles, perfilha-as, esforça-se para que sejam transformadas em realidade - brilhante para eles, triste, quase sempre, para nós obreiros". Tal situação, segundo o articulista, levaria à exclusão dos trabalhadores das decisões políticas, fato denunciado seguidamente pelos socialistas porto-alegrenses: "ao Povo, que, em suma, é o Proletariado, a grande maioria da população, é vedado governar-se, isto é, não lhe permite, a burguesia, que eleja representantes seus, que exprima a sua vontade e esta seja traduzida em leis, que, afinal, escolha quem deve administrar os negócios do Estado". De acordo com o

autor, a solução para o problema residiria na união dos operários e, por isso, fez essa conclamação: "e, pois, tratemos de agir. Unamo-nos, fortaleçamos as nossas associações e combatamos a supremacia burguesa em tudo quanto ela se evidenciar"[222].

As citações acima mostram, em primeiro lugar, a radicalização do discurso dos socialistas. Se, durante a greve geral, eles procuraram manter um tom conciliador, representando a si mesmos como defensores da ordem e da harmonia sociais; após o movimento, frente às retaliações dos proprietários, passaram a criticar agressivamente o comportamento dos últimos, enfatizando o forte conflito existente entre capital e trabalho. Além disso, percebe-se que a discussão se dava especialmente no terreno moral, com o predomínio dos ataques pessoais e de termos como "honra", "egoísmo" e "ganância". Ou seja, conforme será visto de maneira mais aprofundada no próximo capítulo, no discurso socialista, a oposição burguesia/proletariado parecia derivar sobretudo das qualidades morais de cada grupo e não de uma contradição estrutural.

Embora não se possa avaliar a repercussão do chamamento de Xavier da Costa junto aos trabalhadores, o certo é que - na trilha do acirramento da luta de classes e da mobilização propiciadas pela greve geral - ocorreu, nos meses que a ela se seguiram, um crescimento da organização do operariado da cidade, conforme se constata no quadro abaixo.

---

[221] *A Democracia*. Porto Alegre, 15/12/1906. p.p. 1-2 (MCSHJC). Grifos meus.
[222] *A Democracia*. Porto Alegre. 06/01/1907. p. 1 (MCSHJC).

QUADRO IV -

SOCIEDADES OPERÁRIAS ATUANTES EM PORTO ALEGRE EM 1906-7

ASSOCIAÇÃO	Diretoria em 9/12/1906	Mudanças e Acréscimos na Diretoria
UNIÃO OPERÁRIA INTERNACIONAL *Rua Ramiro Barcellos, nº 128*	*1º secr.: José Rey Gil*** *2º secr.: Alberto Kruse** *Tes.: Rodolpho Pflugrath** *Bibliot.: José Macchi**	*2º secr.: Stefan Michalski** (em 30/01/1907)* *1º tes.: Paulino de Oliveira (idem)* *2º tes.: Guilherme Blascke (idem)* *1º bibliot.: Pedro Mayer (idem)* *2º bibliot.: Manoel Ordovás Filho (idem)* *Fiscais: Felisberto Oliveira, Augusto Schimmelpfennig** e Augusto Dias de Mello*
Observação: Progressiva predominância dos anarquistas		
GRÊMIO DE ARTES GRÁFICAS E CORRELATAS *Rua dos Andradas, nº 539. Em 04/08/1907, indica-se o endereço residencial de Xavier da Costa: Rua Coronel Genuino, nº 46.*	*Pres.: Félix Ricardo Alves* *Vice-pres.: Ossian Olson* *Secr.: Polidoro dos Santos*** *Tes.: Júlio Henrique Otto Neu* *Diretores: Álvaro Pinto e Pompeu Pompilio Petrarca*	*Pres.: Francisco Xavier da Costa (em 06/01/1907)* *1º secr.: João Francisco Pinto (idem)* *2º secr.: Henrique Kuplich (idem)* *Bibliot.: Jorge Leonardo dos Santos (idem)* *Diretores (além dos anteriores que foram reeleitos): Vicente Carrejal, Albino Johansson, Antônio Costa e Augusto Rodrigues Nunes (idem)* *Comissão de contas: Antenor da Rosa Espinola, Raul M. de Mello e Ernesto Klettner Junior (idem)*
Observação: Progressiva predominância dos socialistas		
UNIÃO DOS TRABALHADORES EM MADEIRA *Rua Ramiro Barcellos, nº 128*	*Pres.: Carlos Macchi** *Vice-pres.: Pedro Simon* *Secr.: Guilherme Jung* *Tes.: Octávio Antônio dos Santos*	*Pres.: Francisco Lima (em 26/05/1907)* *Vice-pres.: Joaquim Leão (idem)* *1º secr.: Carlos Macchi (idem)* *2º secr.: Antônio Marques (idem)* *1º tes.: Pedro Simon* *2º tes.: João Gondran (idem)* *1º bibliot.: Oswaldo Simon (idem)* *2º bibliot.: Dario Guedes (idem)*
Observação: Aparente predominância dos socialistas		
SINDICATO DE MARCINEIROS (também chamado de SINDICATO DE MARCINEIROS E ANEXAS e SINDICATO DE TRABALHADORES EM MADEIRA E CLASSES ANEXAS) *Salão "1º de Maio", Av. Missões, Navegantes*	*Não consta*	*Direção econômica: Augusto Schimmelpfening**, João Hoffmann** e W. Hartmann (em 30/12/1906)* *Secr.: Bernhard Jung (em 07/04/1907)* *Tes.: Orloff Neith (idem)* *Bibliot.: Adolf Hartmann (idem)*
Observações: Aparente predominância dos anarquistas Não é mais mencionada a partir de 02/07/1907		
ALLGEMEINER ARBEITERVEREIN *Rua Voluntários da Pátria, nº 367*	*Pres.: José Zeller-Rethaler** *Suplentes: Antônio Wandik* e Pedro Mayer* *Secr.: João Dontsch* *Tes.: Rodolpho Pflugrath**	*Pres.: Pedro Mayer (em 07/02/1907)* *Secr.: Stefan Gossorowski (idem)* *Tes.: Henrique Amthauer* (idem)*
Observação: Sociedade tradicionalmente socialista		

ASSOCIAÇÃO	Diretoria em 9/12/1906	Mudanças e Acréscimos na Diretoria
UNIÃO DOS PEDREIROS *Rua Ramiro Barcellos, nº 128. Transfere-se, em 16/06/1907, para a Rua Aurora, nº 168*	*Pres.: José Macchi** *Vice-pres.: Gaspar Reis* *1º secr.: Antônio Leite da Maia* *2º secr.: Porfírio José** *Tes.: Felisberto Antônio de Oliveira*	*Pres.: José Joaquim Ferreira (em 24/01/1907) e João Perazzoni (em 10/03/1907)* *Vice-pres.: João Perazzoni (em 24/01/1907) e José André Gonçalves (em 10/03/1907)* *1º secr.: Carlos Macchi (em 24/01/1907) e Porfírio José (em 07/02/1907)* *2º secr.: Carlos Macchi (em 07/02/1907) e Antônio Leite da Maia (em 02/07/1907)* *Tes.: Glicerio Paulino (em 24/01/1907)*
Observação: Aparente predomínio dos socialistas		
UNIÃO DOS METALÚRGICOS *Rua Ramiro Barcellos, nº 128*	*Pres.: Adolpho Brandt** *Secr.: Júlio Mark**	*Vice-pres.: Alberto Heinrich (em 30/12/1906)* *Secr.: Francisco Marsbner (em 24/03/1907)* *Tes.: Matbias Martinak (em 30/12/1906) e Paul Kocat (em 19/05/1907)*
Observação: Aparente predomínio dos socialistas (?)		
UNIÃO DOS EMPREGADOS EM PADARIA *Rua da Conceição, nº 22*	*Pres.: José Martins dos Santos* *Secr.: Agostinho Custódio Fernandez* *Tes.: Carlos Cristmann*	*Pres.: Miguel Abbade Filho (em 07/02/1907)* *Secr.: Antônio di Giorgio (idem)* *Tes.: João Sassen (idem)*
Observação: Aparente influência dos socialistas		
TOWARZYSTWO NAPRZOD *Av. Minas Gerais (não menciona o nº)*	*Pres.: José Masarek* *Secr.: Antônio Budzin** *Tes.: Antônio Ciesiolski*	*Pres.: Francisco Iakubowski (em 02/07/1907)* *Secr.: Ramão Iakubowski (idem)*
Observação: Boas relações com os socialistas		
UNIÃO DOS CAPELEIROS *Rua Ramiro Barcellos, nº 128. Transfere-se, em 14/02/1907, para a Rua General João Telles, nº 60*	*Pres.: José Rognoni* *Vice-pres.: Emílio Trindade* *1º secr.: Luiz Werkäuser* *2º secr.: Alberto Kruse** *Tes.: Alberto Schreiner*	*Pres.: Luiz Schöntag (em 14/02/1907)* *Vice-pres.: Pedro Strenge (idem)* *1º secr.: Alberto Kruse (idem)* *2º secr.: Manoel R. Pereira* (idem)* *Tes.: Luiz Werbäuser (idem)* *Fiscais: Marçal Feberti, Antônio Dick e Mario Brochado (em 02/07/1907)*
Observação: Sociedade tradicionalmente socialista		

ASSOCIAÇÃO	Diretoria em 9/12/1906	Mudanças e Acréscimos na Diretoria
GRÊMIO INSTRUTTVO E RECREATIVO 1º DE MAIO *Salão "1º de Maio", Av. Missões*	*Pres.: Quintiliano Raupp* *Secr.: João dos Reis* *Tes.: Waldemar Barbora*	
Observação:		
CLUE IMPRENSA OPERÁRIA *Não mencionado* *(muitas reuniões do Club acontecem no endereço residencial de Xavier da Costa)*	*Administrador: Alberto Kruse** *Secr.: Francisco Xavier da Costa* *Tes.: Rodolpho Pflugrat**	*O cargo de administrador desaparece em 31/03/1907* *Pres.: Porfírio José da Silva* (idem)* *Tes.: Avelino Greco (em 13/01/1907) e Antônio Budzin* (em 31/03/1907)* *Procurador: Manoel Clemente Cavalcanti (30/12/1906) e Antônio Wandick* (em 31/03/1907)* *Revisores de contas: Wilhelm Koch e Avelino Greco (em 31/03/1907)*
Observação: Associação ligada aos socialistas.		
SINDICATO DOS MARMORISTAS *Restaurante Faccini, Rua Voluntários da Pátria, próximo à Rua Conceição*	*Não Consta*	*Diretório provisório: Henrique Faccini** e Stefan Michalski (em 30/12/1906)*
Observações: Associação ligada aos anarquistas. Não é mais mencionada a partir de 02/07/1907		
FEDERAÇÃO OPERÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL *Ramiro Barcellos, nº 128* *(mas a correspondência deveria ser dirigida ao endereço residencial de Xavier da Costa)*	*Embora existente desde a greve geral, não consta na lista das associações publicada nessa data*	*Pres.: Adolpho Brandt* (em 24/03/1907) e Porfírio José da Silva* (em 16/06/1907)* *Secr.: Francisco Xavier da Costa (em 24/03/1907)* *Tes.: Wilhelm Koch* (idem)*
Observação: O histórico dessa Sociedade será examinado com mais detalhes posteriormente		
UNIÃO DE SOCORROS DOS OPERÁRIOS *Rua Felipe Camarão, nº 19*	*Não consta*	*Pres.: Ernesto Schell (em 24/03/1907)* *Vice-pres.: José Joaquim Ferreira (em 09/05/1907)* *1º secr.: Albino Gussi (em 24/03/1907)* *2º secr.: Augusto Costa (idem)* *Tes.: Clemente Lourenço Martins (idem)* *2º Tes.: Carlos Sebell (em 09/05/1907)* *Procurador: Antero Fernandes da Silva (em 24/03/1907)*
Observação:		

ASSOCIAÇÃO	Diretoria em 9/12/1906	Mudanças e Acréscimos na Diretoria
COOPERATIVA DE CALÇADOS *Estrada do Mato Grosso, nº 187*	*Não consta*	*Pres.: Manoel Otero (em 24/03/1907)* *Secr.: Alcides I. de Horonat (idem)* *Tes.: Antônio Wandick (idem)*



Observação:
Não é mais mencionada a partir de 02/07/1907

Legenda:
* indica adesão ao socialismo ou aparente simpatia por essa tendência;
** indica adesão ao anarquismo ou aparente simpatia por essa tendência.
Fontes:
- A DEMOCRACIA. Porto Alegre, de 09/12/1906 a 12/08/1907 (APAXC e MCSHJC).
- PETERSEN, S. R. F. *Relatório...*, op. cit.

A partir dos dados apresentados acima, examinarei a atuação de Xavier da Costa no movimento operário de Porto Alegre na conjuntura posterior à "Greve dos 21 dias". Antes, porém, considero importante tecer algumas considerações mais gerais sobre o panorama associativo dos trabalhadores da cidade.

Inicialmente, verifica-se, conforme já foi mencionado, a repetição de nomes nas diretorias de diversas sociedades. Isso se deve, por um lado, ao fato dos militantes constituírem uma minoria em relação ao conjunto do operariado porto-alegrense - não obstante a ocorrência de mobilizações de massa como a citada greve -, fazendo com que os primeiros se desdobrassem em cargos variados. Tal situação pode indicar, igualmente, a pouca capacitação de boa parte dos ativistas para exercerem funções que requisessem conhecimentos específicos, como o da escrita, da aritmética e da oratória. É significativo, por exemplo, o fato de Rodolpho Pflugrath ter sido tesoureiro de entidades tão diversas como a União Operária Internacional (de perfil anarquista), da

"Allgemeiner" e do "Club Imprensa Operária" (ambas ligadas aos socialistas). Afinal, provavelmente não eram muitos os companheiros habilitados a lidar com números, contas e balancetes. Além disso, várias das associações referidas também compartilhavam sedes, o que revela as dificuldades de infra-estrutura material por elas enfrentadas e/ou possíveis afinidades ideológicas.

Outro ponto importante: não consegui localizar declarações públicas de adesão ou simpatia da maior parte dos personagens mencionados na tabela a uma corrente ideológica definida. Essa lacuna talvez se deva à insuficiência das fontes consultadas, mas também pode ser reveladora do caráter politicamente neutro que as organizações operárias buscavam assumir[223]. Da mesma forma, deve-se levar em conta que muitos dos indivíduos participantes das entidades possivelmente não estavam interessados em aderir ao socialismo ou ao anarquismo, mas apenas em defender os seus interesses imediatos de classe ou categoria profissional. Por fim, não se pode deixar de considerar a inexistência de fronteiras rígidas entre as idéias e práticas defendidas pelos militantes das duas tendências no período em questão[224].

Tomando por base tais considerações, acredito ser mais proveitoso pensar as sociedades operárias não como unidades homogêneas mas enquanto espaços de formação de alianças e de emergência de conflitos. De maneira semelhante, certos militantes não podem ser automaticamente enquadrados em uma corrente política pois

---

[223] Ver: SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade...*, op. cit., p. 13.

[224] Alguns exemplos desse trânsito entre as duas correntes: em 1905, o *A Democracia* saudou o geógrafo anarquista Eliseu Reclus como "(...) um dos vultos mais salientes da propaganda socialista". Já em 1907, o mesmo jornal agradeceu ao *A Luta* "(...) a gentileza de nos ofertar um opúsculo, de elegante formato, contendo as *Bases do sindicalismo*", de Emílio Pouget (...)", e noticiou a venda, pelo órgão anarquista, dos periódicos *A Terra Livre*, *Il Libertário*, *Novo Rumo* e *O Veículo*. *A Democracia*. Porto Alegre, 09/07/1905. p. 2 e 13/01/1907. p. 4 (MCSHJC), respectivamente. Muitos anos depois, em 1916, Cavaco escreveu: "A quem pertencerá a glória final? Aos socialistas? Aos anarquistas? Pouco importa! Ela virá de uma causa - a Dor. Amparada em uma força - o Protesto. Na questão social toda a teoria serve, desde que vá diretamente à Liberdade". CAVACO, C. *Lama! (romance de combate)*. Porto Alegre, s/e, 1916. p. 240. Ver outros exemplos em SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade...*, op. cit., p. 12.

mantinham vínculos com grupos e lideranças variadas[225]. Portanto, ao se examinar as associações no nível dos personagens que delas participavam, torna-se possível vislumbrar redes de relações que escapam do campo puramente institucional e ajudam a compreender embates e coligações à primeira vista incoerentes.

Em certos momentos, porém, apesar da alegada neutralidade política das associações operárias, percebe-se a ocorrência de disputas e cisões motivadas pelo alinhamento a uma ou outra tendência ideológica. Esse fator provavelmente explica, por exemplo, a existência de duas sociedades de marceneiros: a União dos Trabalhadores em Madeira (existente desde antes da greve e mais ligada aos socialistas) e o Sindicato dos Marceneiros (surgido depois e vinculado aos libertários).

Outras entidades preferiam deixar claro seu perfil apolítico, dedicando-se a atividades educacionais, recreativas e assistencialistas, como o Grêmio Instrutivo e Recreativo 1° de Maio, a União de Socorros dos Operários e a Cooperativa de Calçados.

Nos meses que se seguiram à greve geral, tais sociedades estiveram bastante movimentadas, como se pode deduzir dos inúmeros convites para reuniões e assembléias publicados na imprensa[226].

Nesse quadro, Xavier da Costa, em um primeiro momento, ocupava somente o cargo de secretário do Club Imprensa Operária. Isso, provavelmente, se devia ao desgaste de sua imagem pública, alvo de constantes ataques, sobretudo depois de ter atuado como mediador junto ao patronato na greve de outubro, cujas negociações

---

A questão também é abordada, no caso do Rio Grande do Sul, por BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit. e PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 30.

[225] Esse é o caso, entre outros, do citado Pflugrath, o qual, apesar de ser amigo de Xavier da Costa, gozava do respeito de anarquistas e socialistas; e de Pedro Mayer que, mesmo tendo rixas pessoais com Francisco, atuava na socialista Allgemeiner e representava a União Operária Internacional na FORGS.

[226] Ver, por exemplo: *A Democracia*. Porto Alegre, 06/01/1907. p. 4; 13/01/1907. p. 2; 24/01/1907. p. 1; 30/01/1907. p. 1; 07/02/1907. p. 1; 28/02/1907. p. 1; 10/03/1907. p. 1; 24/03/1907. p. 1; 31/03/1907.

resultaram na controvertida - e pouco respeitada - jornada de 9 horas. A despeito desse resguardo estratégico, o personagem não deixou de ampliar progressivamente sua influência no movimento operário da cidade.

Em dezembro de 1906, M. Pereira criticou a passividade dos gráficos de Porto Alegre, os quais não haviam participado da greve geral. Segundo ele, "é preciso, já que o Grêmio de Artes Gráficas não pode cumprir com a sua missão, que se faça alguma coisa de interesse para a nossa classe"[227]. Naquela ocasião, cabe lembrar, o secretário do Grêmio era o anarquista Polidoro dos Santos. Menos de um mês depois, Pereira voltou ao ataque: "é justo, é louvável, que os poucos que se conservam agrupados no Grêmio se reunam, façam a eleição e deem vida à essa associação que, apesar da má estrela que a guia, tem prestado importantes benefícios a alguns de seus membros quando enfermos"[228]. Não por acaso, passados poucos dias, tomou posse a nova diretoria da entidade presidida por Xavier da Costa[229]. Entretanto, os problemas da associação parecem ter persistido como se pode deduzir do convite publicado em fevereiro, "(...) para que a assembléia delibere a respeito de assuntos graves, que afetam tanto os interesses do Grêmio como das classes gráficas em Porto Alegre"[230]. No mesmo sentido, Pereira novamente dirigiu-se à "classe gráfica", afirmando que ela deveria se organizar e reivindicar seus direitos, e acrescentou: "cooperando para esse intuito acha-se a atual diretoria (...), facilitando o pagamento das mensalidades,

---

p. 1; 07/04/1907. p. 1; 09/05/1907. p. 1; 26/05/1907. p. 1; 02/06/1907. p. 1; 16/06/1907. p. 1; 21/07/1907. p. 4 e 04/08/1907. p. 4 (MCSHJC e APAXC).

[227] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/12/1906. p. 2 (MCSHJC).

[228] *A Democracia*. Porto Alegre, 06/01/1907. p. 2 (MCSHJC).

[229] A nova diretoria foi eleita em 6 de janeiro de 1907 e empossada no dia 13 do mesmo mês. *A Democracia*. Porto Alegre, 30/01/1907. p.p. 3-4 (APAXC) e *A Luta*. Porto Alegre, 17/01/1907. p. 2 (NPH). Sobre o fato, o jornal socialista afirmou: "*A Democracia* (...) muito aspira que esta agremiação (...) renasça, como a Fênix, e preencha os justíssimos fins para que foi criada". Xavier da Costa, conforme mencionei na seção 3.1, já havia presidido o Grêmio em 1905.

[230] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/02/1907. p. 1 (MCSHJC).

diminuindo-as, já estando também em preparo outras medidas de proveito para a classe"[231].

Como presidente da sociedade, Xavier da Costa, coerentemente com o caráter internacionalista do socialismo da época, deu atenção especial ao convite dirigido à associação pelo comitê organizador do 1° Congresso Gráfico Sul-Americano, "(...) a instalar-se em Buenos Aires em 1° de junho vindouro"[232].

Apesar dos incentivos econômicos e das iniciativas visando uma articulação internacional, os gráficos de Porto Alegre não parecem ter despertado de sua letargia, pelo menos segundo a concepção dos socialistas. Nesse sentido, em agosto, Pereira retornou às páginas do *A Democracia* para reclamar da pouca solidariedade dos "discípulos de Guttemberg" em relação aos demais operários:

> (...) Não será tempo já, de os gráficos compenetrarem-se que são uma partícula desse "leão bondoso", o operariado?
>
> Porque, nós, que somos trabalhadores como os outros, não fazemos união, somente união, porque a força já a temos, e preparemo-nos para o momento oportuno?[233]

Em outras entidades, Xavier da Costa aparece como uma espécie de "eminência parda", a quem se prestava toda a sorte de homenagens e distinções. Assim, ele foi orador da sessão da União dos Empregados em Padaria na qual tomaram posse os novos diretores[234]. No mês de junho, o líder socialista fez o discurso oficial da festa de inauguração do Clube dos Democráticos, fundado por jovens operários e empregados no comércio[235].

---

[231] *A Democracia*. Porto Alegre, 14/02/1907. p. 2 (MCSHJC).
[232] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/03/1907. p. 1; 31/03/1907. p. 1 (MCSHJC) e 07/04/1907. p.p. 1 e 2 (APAXC). Não consegui saber, devido ao caráter lacunar da coleção consultada desse jornal, quais foram os resultados das discussões sobre o Congresso.
[233] *A Democracia*. Porto Alegre, 12/08/1907. p. 2 (MCSHJC).
[234] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/02/1907. p. 4 (MCSHJC).
[235] *A Democracia*. Porto Alegre, 16/06/1907. p. 4 (APAXC). Esse grêmio recreativo não aparece na lista das Sociedades Operárias de Porto Alegre publicada pelo mesmo jornal.

Na União dos Pedreiros, o prestígio de Xavier da Costa parecia ser ainda maior. Essa associação instalou em sua sede, no dia 1° de julho de 1907, uma aula noturna "(...) para sócios seus e filhos menores dos mesmos". Na ocasião,

> Por um requinte de gentileza da digna diretoria da União, foi encarregado de iniciar a escrituração da matrícula o companheiro Xavier da Costa, sócio honorário daquele grêmio.
>
> Feita a inscrição dos alunos e resolvido quanto às noites e horários em que deve funcionar a aula, os companheiros João Perazzoni, Presidente da União, José André Gonçalves, Vice-presidente, Xavier da Costa e José Francesch ofertaram à sociedade vários livros didáticos[236].

No mesmo número em que se tratou da criação da referida aula, o *A Democracia* noticiou que a União dos Trabalhadores em Madeira havia convidado Francisco, por deliberação unânime da assembléia geral, para ser orador oficial da solenidade promovida pela associação alusiva à data "(...) da tomada e destruição da Bastilha"[237].

Porém, foi na FORGS que a influência de Xavier da Costa alcançou maior repercussão. Conforme apontei anteriormente, sua fundação ocorreu em meio ao calor da greve geral devido à iniciativa do personagem e de Carlos Cavaco. Findo o movimento, localizei algumas notícias esparsas sobre a Federação, então dirigida por uma Comissão Central Provisória, referentes à prestação de contas da parede e à eleição de representantes das associações operárias[238]. Em 10 de março de 1907, o *A Democracia* publicou um aviso - assinado por Xavier da Costa (delegado do Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas) e por Koch (da Allgemeiner) - informando que, no dia 13, realizar-se-ia a sessão de posse da Comissão Central Efetiva, "(...) devendo, para esse fim, aqueles representantes [das entidades operárias] reunirem-se no prédio n° 46

---

[236] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/07/1907. p. 4 (MCSHJC).
[237] Idem.
[238] *A Democracia*. Porto Alegre, 30/12/1906. p. 4 (sobre a prestação de contas da greve); 30/01/1907. p. 1 e 07/02/1907. p. 1 (convocação da União dos Chapeleiros para eleger seu representante junto à FORGS); 14/02/1907. p. 3 (escolha dos delegados da Federação dos Metalúrgicos (sic), da União dos

da Rua Coronel Genuíno (antiga da Figueira), às 7 ½ da noite", ou seja, no endereço residencial de Francisco, o que já dá uma idéia do alcance de seu poder na FORGS[239].

No dia 24 de março, a Federação passou finalmente a figurar na lista das Sociedades Operárias de Porto Alegre do *A Democracia* com a diretoria constante do quadro antes apresentado. A Comissão Central era formada dos seguintes delegados eleitos pelas associações: Koch (da Allgemeiner), Luiz Schöntag (da União dos Chapeleiros, substituído em 21 de julho por Alberto Kruse), Samuel Uhr (da União dos Metalúrgicos, substituindo Adolpho Brandt), Manoel José Goularte (da União dos Trabalhadores em Madeira, substituído em 21 de julho por Goularte Sampaio), José Masareck (da Towarzystwo Naprzod), Pedro Mayer (da União Operária Internacional), Abel Zacharias da Paixão (da União Operária de São João do Montenegro), Antônio Budzin (do Club Imprensa Operária, a partir de 21 de julho) e Xavier da Costa (do Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas)[240]. Percebe-se, pois, que compunham majoritariamente a Comissão - possivelmente com as únicas exceções da União Operária Internacional e de seu delegado Pedro Mayer - entidades e indivíduos ligados a Francisco. Nesse sentido, é possível conjeturar que ele não ocupou a presidência da FORGS devido às já mencionadas controvérsias em torno de sua pessoa, mas exerceu, após a greve, uma influência determinante nos rumos da Sociedade.

Pedreiros e do Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas) e 10/03/1907. p. 3 (escolha do delegado da Allgemeiner) (APAXC e MCSHJC).

[239] *A Democracia*. Porto Alegre, 10/03/1907. p. 1 (MCSHJC). Embora a sede da FORGS estivesse localizada na rua Ramiro Barcellos, nº 128, onde também situavam-se outras organizações operárias (ver quadro), a secretaria ficava na casa de Xavier da Costa, funcionando, nos dias úteis, das 7 às 8 da manhã e das 6 às 8 da tarde. Verifica-se, mais uma vez, a mescla de espaços públicos e privados que pautava a vida associativa do operariado porto-alegrense, especialmente de suas lideranças.

[240] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/07/1907. p. 4 e 21/07/1907. p. 4 (MCSHJC).

A versão posterior dos anarquistas sobre a história da FORGS confirma, ainda que negativamente, o grande peso de Xavier da Costa em seu seio. Segundo o *Relatório* de 1913:

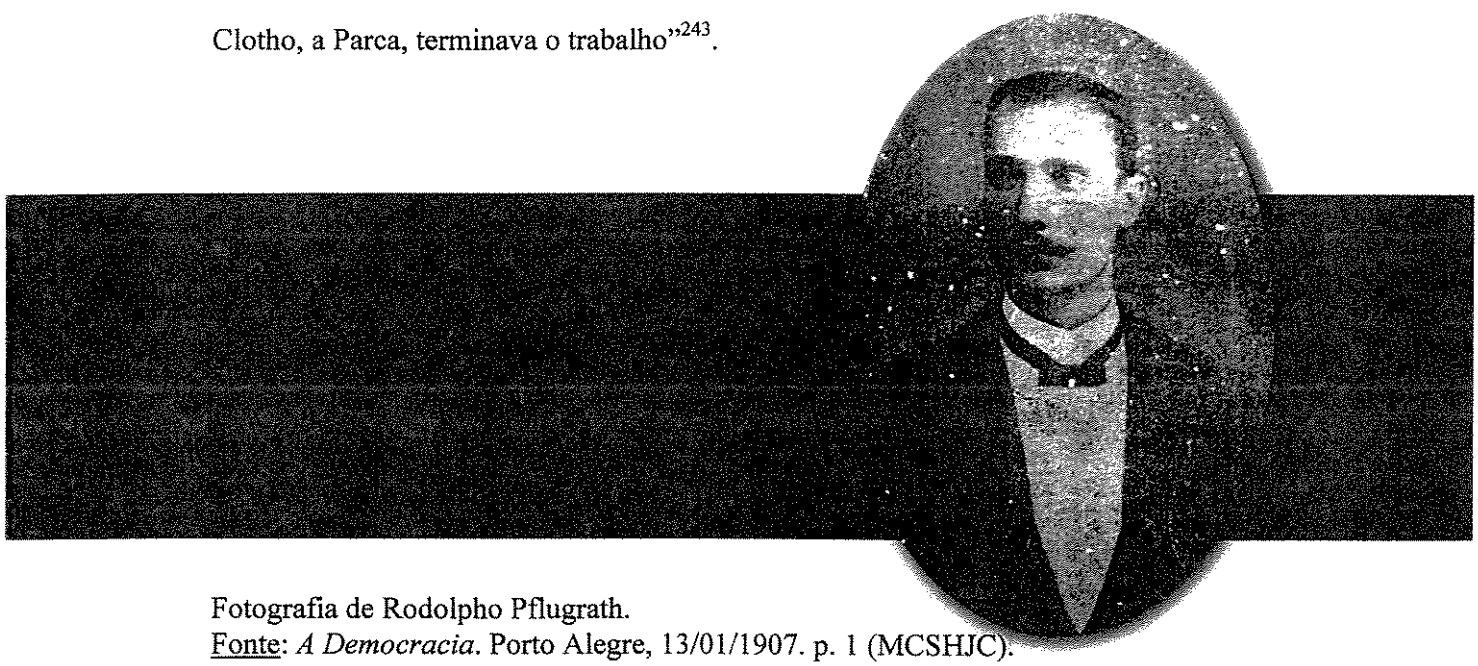
> (...) a maioria [das associações operárias] não tomou parte na fundação da Federação devido, mais a terem sido excluídas por fazerem parte delas pessoas que por sua orientação sindicalista não eram do agrado dos organizadores, e outras, solicitadas, não quiseram nela tomar parte por serem alguns dos organizadores demasiadamente conhecidos como politiqueiros e exploradores do movimento operário.

O documento afirma que, em seus primórdios, a vida da Federação era "quase apagada", pois "(...) alimentada (...) por pessoas que tinham mais amor aos seus interesses pessoais que à coletividade operária e que por isso esperavam ocasião azada para por em prática alguma tentativa de bons resultados políticos"[241]. Apesar dessas críticas, pode-se observar, até julho de 1907, pelo menos, a ocorrência de diversas reuniões com o fim de consolidar a institucionalização da FORGS, relativizando a imagem de "vida quase apagada" construída pelos anarquistas[242]. Além disso, os trechos citados do *Relatório* são relevantes para mostrarem a força pessoal de Xavier da Costa - mesmo que não citado nominalmente - e o seu papel de "divisor de águas" no movimento operário local.

Nesse período, duas mortes abalaram o operariado organizado da capital gaúcha e tocaram Francisco profundamente: a de Rodolpho Pflugrath, em 6 de janeiro de 1907, e a de José Macchi, no mês de abril do mesmo ano. Francisco escreveu o necrológio e uma pequena biografia de Rodolfo, publicadas na primeira página do *A Democracia*. No texto, salientou os laços políticos e afetivos existentes entre eles, referindo-se ao falecido como o "(...) nosso bom e dedicado companheiro de lutas e que foi também, o que não é vulgar encontrar-se hoje em dia, um amigo sincero, a

[241] *Relatório da Federação...*, op. cit. Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 165-6.

toda prova (...)". Essa mescla de amizade e militância - que, como já mencionei em outros momentos, constituiu um elemento fundamental no delineamento das lutas dos trabalhadores da cidade - é igualmente insinuada quando o autor recorda da "véspera do dia fatal": "(...) esteve ele em nossa morada, desenvolvendo um projeto de propaganda pela Federação da classe operária de todo o Estado. E com que entusiasmo falava o inditoso companheiro, sem imaginar que, no fio de sua existência, Clotho, a Parca, terminava o trabalho"[243].



Fotografia de Rodolpho Pflugrath.
Fonte: *A Democracia*. Porto Alegre, 13/01/1907. p. 1 (MCSHJC).
Reprodução: Cristina Lima.

Ao tratar da morte de Macchi, o *A Democracia* também acentuou as qualidades pessoais do extinto, bem como louvou a sua ação em favor dos trabalhadores:

> Prestou ele à causa proletária valiosos serviços, soube lutar como um bravo e convicto que era.
>
> .....
>
> Na vida pública, José Macchi era assim, e na vida do lar a sua diretriz era toda de amor: filho, esposo e pai exemplaríssimo, sempre voltado ao bem e às alegrias daqueles que eram as alegrias e o bem dele.

[242] Ver, por exemplo: *A Democracia*. Porto Alegre, 24/03/1907. p. 1; 31/03/1907. p. 1; 26/05/1907. p. 1; 02/06/1907. p. 1 e 21/07/1907. p. 4 (MCSHJC).
[243] *A Democracia*. Porto Alegre, 13/01/1907. p.p. 1-2 (MCSHJC).

No enterro de Macchi, Xavier da Costa agradeceu as manifestações de pesar, em nome da família do morto e da Comissão Central da FORGS[244].

A doença e a morte de militantes tão ativos levaram a reorganizações no movimento operário local. Entre elas, evidentemente, a necessidade de substituí-los nos cargos que ocupavam nas diretorias das sociedades operárias (ver tabela antes apresentada). Contudo, para além dessas mudanças de caráter institucional, os falecimentos de Pflugrath e Macchi também abalaram emocionalmente os seus companheiros, sentimento expresso na seguinte frase de Xavier da Costa: "com a implacabilidade semelhante a de uma insana maldição, pesa sobre o operariado porto-alegrense a atroz influência da Fatalidade!"[245]. Nesse sentido, não se deve esquecer que a organização e as lutas dos trabalhadores na época ainda dependiam, em grande parte, da dedicação e entusiasmo de pessoas imbuídas da missão de guiar os operários na "cruzada santa" pelos direitos da classe.

De outro lado, tais fatalidades permitiram a Xavier da Costa expressar, talvez de forma inconsciente, as suas idéias a respeito de como deveria ser o "bom militante": altivo e lutador, mas igualmente amigo leal; além de filho, esposo e pai "exemplaríssimo". Assim, no trânsito entre "vida pública" e "vida do lar", Francisco construiu um espelho no qual os demais operários deveriam se mirar.

* * *

Ao longo dos meses que se seguiram à greve geral, por onde andava Cavaco?

---

[244] *A Democracia*. Porto Alegre, 21/04/1907. p.p. 1-2 (MCSHJC).
[245] Idem.

Conforme se pode verificar na tabela acima, o personagem não participou das diretorias das associações operárias existentes em Porto Alegre. Sua atuação junto ao movimento dos trabalhadores se deu, sobretudo, na divulgação das idéias socialistas, valendo-se para tanto de discursos inflamados e das páginas dos jornais. Investido do papel de Tribuno, o personagem aproximava o mundo da militância política e o da literatura, suas duas grandes paixões naquele momento. Assim, enquanto acompanhava as andanças de Coelho Netto (ver seção 2.2) no estado a serviço do *Petit Journal*, ele também realizava conferências literárias e comícios dirigidos aos trabalhadores. Um exemplo dessa atividade de propaganda é apresentado, com riqueza de detalhes, pelo jornal *O Democrata* de Cruz Alta:

> Quando soube-se que em companhia de Coelho Netto havia também chegado a esta cidade o nosso inteligente colega de imprensa Custódio de Araújo ("Cavaco") (...), o operariado cruz-altense logo movimentou-se, manifestando desejos de conhecer o abnegado defensor da sua causa. E, para isso reuniu-se, sem perda de tempo, no respectivo edifício social, sendo então nomeada uma comissão para cumprimentar aquele colega (...).
>
> .....
>
> À noite, foi ele alvo de significativa manifestação de apreço por parte desses homens do trabalho, os quais, precedidos de uma banda de música e ao espocar de foguetes, foram saudá-lo.
>
> Falou por essa ocasião o sr. Jehovah da Silva Lima, que relembrou os serviços prestados por Cavaco em os últimos sucessos de Porto Alegre, durante os quais fora sempre altiva e decisiva a sua atitude como defensor entusiasta da classe operária.
>
> O manifestado, que se achava a uma das janelas do hotel, começou agradecendo a manifestação de que era alvo e passou a historiar os fatos que originaram a greve na capital do Estado e suas conseqüências.
>
> Cavaco que é um moço de talento, dispondo de um metal de voz agradável e senhor do assunto a que se propusera desenvolver, fê-lo com bastante felicidade, sendo, por isso, o seu discurso interrompido a cada passo por estrepitosos aplausos[246].

Portanto, a se julgar pelos trechos citados, a fama de Cavaco de defensor dos operários adquirida durante a greve de outubro já alcançava localidades bem distantes

[246] Transcrito no *Petit Journal*. Porto Alegre, 31/01/1907. p. 1 e no *A Democracia*. Porto Alegre, 07/02/1907. p. 3 (MCSHJC).

da capital gaúcha (Cruz Alta fica a aproximadamente 350 km de Porto Alegre). Como ressaltei antes, o movimento operário, nesse momento, ancorava-se fortemente no prestígio individual de certos líderes e, por isso, as viagens do personagem talvez fossem mais eficazes para mobilizar os trabalhadores gaúchos do que as iniciativas unicamente institucionais.

Ao tratar da peregrinação do companheiro pelo interior, Xavier da Costa explicitou as relações afetivas que os uniam e a sua aposta nessa atividade de propaganda, bem como comentou a participação de Cavaco na greve geral:

> Reproduzindo nesta coluna o que publicou o *Democrata* a respeito do Cavaco, prestamos a este uma homenagem justíssima, espécie de "juro por conta" da muita gratidão que lhe devemos, pois esse nosso devotado amigo, tendo aderido ao movimento operário pouco antes de estalar a "Greve de 21 dias", foi, neste movimento, um dos mais arrojados e infatigáveis auxiliares que tivemos na direção do mesmo.
>
> Além disso, procedendo como acaba de proceder em Cruz Alta, o Cavaco cumpre a promessa que, sob palavra, fizera ao diretor da redação d'*A Democracia*, ao partir para a viagem em que se encontra.
>
> E aquela promessa não se limita ao que ele praticou até agora (...). Cavaco, o bom agitador e, como, honrosamente para nós, se intitula - nosso irmão - que em nenhuma emergência difícil em que nos encontrássemos e ele o soubesse, durante a greve de outubro, era capaz de nos abandonar, vai realizar conferências operárias, em vários outros pontos do Estado, especialmente nas cidades do Rio Grande e Pelotas.
>
> Nutrimos razoáveis esperanças de que dessas conferências resultarão fartos benefícios para a nossa classe[247].

Cavaco retornou à capital gaúcha em 21 de fevereiro de 1907[248], sendo, então, saudado por Fúlvio de Paula, colaborador do *A Democracia*: "bem vindo seja o moço que pela sua altivez é a figura sinistra para a burguesia caricata mas que é para as classes laboriosas o atleta de seus direitos, a personificação vívida da justiça de sua causa"[249].

Em Porto Alegre, o Tribuno encontrou o movimento operário cindido por um violento conflito - sem precedentes, segundo pude perceber - entre Xavier da Costa e

[247] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/02/1907. p. 3 (MCSHJC).
[248] *Petit Journal*. Porto Alegre, 22/02/1907. p. 1 (MCSHJC).

os anarquistas agrupados no *A Luta*, especialmente Rey Gil e Michalski. Como era de se esperar, Cavaco, mais uma vez, ficou do lado de seu proclamado "irmão" nessa nova "emergência difícil"[250].

* * *

Nas seções anteriores, viu-se que os atritos envolvendo socialistas e anarquistas ocorriam, pelo menos, desde 1906, quando os últimos alcançaram maior visibilidade na cena política local e passaram a disputar espaço com os adeptos da social-democracia. As tensões acentuaram-se sobremaneira ao longo da greve geral pois os libertários não concordavam com a direção centralizada do movimento (encabeçada por Xavier da Costa e Cavaco) e com a aceitação da jornada de 9 horas. Porém, somente a partir de fevereiro de 1907, o conflito ganhou sua conformação mais agressiva[251].

---

[249] *A Democracia*. Porto Alegre, 28/02/1907. p. 3 (MCSHJC).

[250] Em maio de 1907, o *A Luta* afirmou estar surpreso com a participação de Cavaco nesse conflito, "(...) porque este Sr., ao regressar das viagens pela campanha, disse à pessoa de sua amizade que não pretendia envolver-se mais com o movimento operário. (...) Disse também que não sabia mesmo explicar como tinha sido arrastado até o ponto em que foi". *A Luta*. Porto Alegre, 15/05/1907. p. 4 (NPH).

[251] Um fator que parece ter contribuído para a eclosão do conflito foi a morte de Pflugrath, espécie de "figura de equilíbrio" entre as duas correntes. O militante, conforme as fontes permitem entrever, agia no sentido de acalmar os ânimos dos partidários mais exaltados de ambas as tendências. Esse papel apaziguador de Pflugrath é insinuado por Xavier da Costa no citado necrológio do companheiro. Ver: *A Democracia*. Porto Alegre, 13/01/1907. p. 1 (MCSHJC). Além disso, conforme apontei antes, Pflugrath atuou como tesoureiro tanto de entidades ligadas aos socialistas quanto de associações vinculadas aos libertários. Lembro também que, na reunião dos presidentes das sociedades operárias convocada por José Macchi, Rodolpho foi um dos que se retirou, quando se proibiu a propaganda anarquista. Na ocasião de sua morte, o *A Luta* acentuou a batalha por ele travada em prol das reivindicações dos trabalhadores e noticiou a iniciativa de um "grupo de camaradas nossos" de correr uma subscrição "para auxiliar a família do inditoso companheiro". *A Luta*. Porto Alegre, 17/01/1907. p. 4 (NPH). Agradeço ao colega Adhemar Lourenço da Silva Jr., que me chamou a atenção para o papel de "figura de equilíbrio" desempenhado por Pflugrath.

Nesse mês, depois de muitas fofocas e insinuações[252], a polêmica irrompeu nas páginas do *A Democracia* e do *A Luta*[253]. Segundo a versão do primeiro, o estopim da discórdia foi o boato, supostamente espalhado pelos editores do órgão libertário, de que Xavier da Costa e Cavaco haviam denunciado Antônio Nalepinski e outros anarquistas à polícia. Contudo, essa acusação inicial serviu apenas para detonar uma "guerra" bem maior, na qual cada contendor procurava, de um lado, desqualificar o opositor e, de outro, construir-se como o "pólo virtuoso" do debate.

Já mencionei antes que, no ambiente intelectual da "belle époque" brasileira, as polêmicas serviram de instrumento de projeção de jovens aspirantes à glória literária e, acrescento, à liderança do operariado. Xavier da Costa, ao longo de sua trajetória, envolveu-se em diversos "duelos escritos", tanto com defensores da ordem burguesa (como Eça de Oliveira e Octávio Rocha) quanto com outros líderes dos trabalhadores (como Antônio Guedes Coutinho). Nessas disputas, de forma geral, ele procurava afirmar sua posição de liderança recém conquistada e de arauto de novas

---

[252] Ver, por exemplo, a seção "Caixa postal da *Democracia*", no *A Democracia*. Porto Alegre, 24/01/1907. p. 4 e 07/02/1907, p. 4 (MCSHJC).

[253] A polêmica desenvolveu-se, pelo menos, através do seguintes artigos: *A Democracia*. Porto Alegre, 14/02/1907. p. 3 ("Vária"); *A Luta*. Porto Alegre, 22/02/1907. p.p. 2-3 ("Um conhecido") e p. 3 ("Os farsantes"); *A Democracia*. Porto Alegre, 28/02/1907. p. 1 ("Pelo dever - A propaganda dos anarquistas em Porto Alegre II"), p.p. 1-2 ("Os dinamitistas"), p. 2 ("Prova cabal"), p.p. 2-3 ("Mais uma dos Muckers"), p. 3 ("Vária") e p. 4 ("Os dois gênios diretores da propaganda anarquista em Porto Alegre"); *A Luta*. Porto Alegre, 02/03/1907. p. 3 ("A fúria do bonzo"), p.p. 3-4 ("A F. Xavier da Costa) e p. 4 ("O chefe" e "Ao Xavier da Costa"); *A Democracia*. Porto Alegre, 10/03/1907. p. 2 ("Quem é e como procede o anarquista Adão Pesce" e "Uma carta"), p. 3 ("Vária - Uma explicação") e p. 4 ("O Yago e os demais da latrinaria *A Luta*"); *A Luta*. Porto Alegre, 15/03/1907. p. 2 ("Uma explicação"), p.p. 2-3 ("De tudo e de todos - operário Fitzmack) e p. 4 ("Variações do bonzo" e "Hipócrita e mentiroso"); *A Democracia*. Porto Alegre, 17/03/1907. p. 2 ("Crônica"), p. 3 ("À sessão da União dos Trabalhadores em Madeira") e p. 4 ("Pelo dever - A propaganda dos anarquistas em P. Alegre III)"; *A Democracia*. Porto Alegre, 24/03/1907. p. 3 ("Ameaças de anarquista") e p. 4 ("Ainda o hebreu J. R. Gil - o Yago"); *A Democracia*. Porto Alegre, 31/03/1907. p.p. 1-2 ("O anarquismo"); *A Luta*. Porto Alegre, 03/04/1907. p. 2 ("Uma explicação"), p. 3 ("Mais uma do Costa") e p. 4 ("O bonzo socialista"); *A Democracia*. Porto Alegre, 07/04/1907. p. 4 ("O Yago J. R. Gil") e *A Luta*, 15/04/1907. p. 1 ("A propósito do neo-malthusianismo"), p. 2 ("Respostas ao bonzo") e p. 4 ("Infâmias do bonzo") (consultei os números do *A Democracia* no MCSHJC e no APAXC e do *A Luta* no NPH). Todas as citações feitas nessa parte da tese, salvo menção em contrário, foram extraídas dos artigos citados acima, os quais serão indicados por seus títulos no corpo do texto. Analisei mais detalhadamente a referida polêmica no artigo: A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907. *História em Revista*. Pelotas, v. 6, dezembro de 2000.

doutrinas no seio de um movimento em fase de estruturação. Em 1907, porém, o personagem já gozava das vantagens e das mazelas de ser "o" grande líder socialista de Porto Alegre, membro da "guarda velha" do movimento operário. Por esse motivo, o principal recurso discursivo utilizado pelos libertários para desqualificar Francisco foi de o associá-lo ao passado e, em contrapartida, se auto-representarem como o novo. Assim, logo no início da polêmica, o *A Luta* caracterizou o programa socialista como "velho e rotineiro", em contraposição ao anarquista: uma "nova orientação" que descortina aos trabalhadores "um horizonte mais vasto" ("Os farsantes") ou "uma luz que ilumina novos caminhos à humanidade em marcha para um futuro melhor" ("Um conhecido"). Da mesma forma, Rey Gil considerava sua passagem do socialismo ao anarquismo uma evolução ("Hipócrita e mentiroso").

Lembro que, naquele momento, as noções de evolução e de progresso possuíam grande força simbólica, constituindo-se em importantes eixos explicativos da realidade. Portanto, se não era possível negar o papel de Xavier da Costa no processo de organização do operariado porto-alegrense, fato ainda recente, a argumentação anarquista procurava transmitir a idéia de que essa era uma etapa ultrapassada pelo progresso dos acontecimentos. O líder socialista, não percebendo tal evolução, mantinha suas "aspirações de mando" e, por isso, foi caracterizado como "pseudo-chefe", "caricato chefe", "pretenso chefe", "chefe em declínio" etc. O periódico anarquista acentuava, igualmente, o isolamento de Xavier da Costa no movimento operário. Segundo o jornal, seus seguidores seriam apenas "alguns ingênuos" e "outros de sua espécie", uma "rodinha de ignorantes" ou uma "panelinha quase nula" ("A fúria do bonzo"). Frente ao declínio do inimigo, a piedade tornava-se o único sentimento possível: "pobre bonzo!... Delira vendo aproximar-se o ocaso de

sua trajetória no meio operário que por tantos anos iludiu e mistificou!" ("Variações do bonzo").

Outra acusação dirigida a Xavier da Costa dizia respeito ao seu suposto envolvimento com a "política burguesa". Rey Gil, por exemplo, afirmou que o líder socialista tentou fundar um partido para eleger-se deputado mas esse "morreu irremediavelmente" apesar do auxílio de "três potentados e endinheirados patronos". Os redatores do *A Luta* também chamaram o periódico socialista de "futuro órgão da *Federação*" ("O bonzo socialista"), referência ao jornal oficial do PRR, e acusaram Xavier da Costa de ter denunciado os anarquistas à polícia e de ameaçá-los com a lei de expulsão dos estrangeiros ("A fúria do bonzo").

Acusações como essas - bastante graves em um movimento que construía sua identidade por oposição à burguesia -, apesar de sempre desmentidas por Francisco, não eram uma novidade e encontravam terreno fértil, em primeiro lugar, na ênfase dada pelos socialistas à importância da participação dos operários na política-eleitoral e, em segundo, no desejo do personagem de atuar enquanto "homem ponte" entre os trabalhadores, o empresariado e as autoridades constituídas.

Entretanto, apesar dessa divergência de base (participação ou não na política partidária), verifica-se na polêmica o predomínio dos ataques à honra dos adversários sobre as discussões de cunho ideológico. Em um dos artigos, por exemplo, Xavier da Costa atacou a reputação de Rey Gil, mesclando questões públicas e privadas a fim de salientar o oportunismo do adversário. Esse, segundo o líder socialista, teria fingido chorar no enterro da esposa e havia batizado seu filho em uma Igreja Católica somente visando agradar ao próprio pai de quem esperava herdar algum dinheiro. Escreveu, ainda, que Gil defendeu "de arma no ombro" o governo castilhista em Pelotas e, em Porto Alegre, tornou-se cassalista, depois "socialista legalitário", quando dizia

"horrores" dos libertários, e agora "blasona de anarquista" ("O Yago e os demais da latrinaria A Luta").

Para defender-se, o ofendido expôs sua trajetória pessoal, buscando mostrar que essa havia sempre se pautado pela honradez e pela coerência, em contraposição ao passado de Xavier da Costa, "(...) tão cheio de retrocessos criminosos e estudadas conveniências" ("Hipócrita e mentiroso"). Em outros artigos, Rey Gil procurou novamente evidenciar o caráter oportunista do adversário. Um exemplo:

> Tipo que a tudo se tem prestado uma vez que do seu amoldamento a qualquer idéia lhe resulte vantagem para sua sede de renome, desde seu aparecimento nos meios operários tem levado uma vida de intrigas e de engrossamentos baixos, fazendo escalas por todos os partidos, procurando tão somente suas conveniências pessoais.
>
> Bateu em todas as portas. Pertenceu à maçonaria, onde "deu letra" como orador de frases empoladas, é irmão da confraria do Rosário, onde chegou a ocupar o alto cargo de "definidor de dogmas". Perambulou pelos jornais burgueses, fazendo uso da mesma linguagem jornalística de engrossamento aos políticos e aos "honrados negociantes desta praça" etc. ("A fúria do bozo").

A acusação de "amoltamento a qualquer idéia" tinha provavelmente um grande impacto no movimento operário, cujas lideranças, como foi examinado no capítulo I, procuravam ressaltar a coerência e a evolução de suas trajetórias mesmo diante das tentações da burguesia.

É interessante também perceber que, na troca de farpas, socialistas e anarquistas, apesar das diferenças político-ideológicas, valiam-se de certos argumentos e imagens comuns, reveladores de um "caldo de cultura" compartilhado. Por exemplo: ambos atribuíam ao inimigo epítetos denotando o gosto pela intriga e pela cizânia, armas importantes em um meio no qual as frágeis organizações operárias ressentiam-se dos freqüentes desentendimentos entre seus líderes. Assim, Rey Gil era chamado de "Yago", o célebre personagem de Shakespeare que intriga Otelo, o

"Mouro de Veneza", com sua amada Desdêmona. Em contrapartida, os anarquistas apelidaram Xavier da Costa de "bonzo", termo que pode significar dissimulado[254].

Os contendores também acusavam-se mutuamente de "jesuitísmo": Michalski dizia que Xavier da Costa tinha um "risinho jesuítico nos lábios roxos" ("A fúria do bonzo"), movendo "uma guerra infame e jesuítica, nas associações e nas rodas operárias" ("Os farsantes"), além de fazer "tudo quanto fizeram, em outros tempos, os jesuítas para impedir que os povos se libertassem da ignorância" ("O chefe"). O órgão socialista, da mesma forma, divulgou a seguinte ameaça: "(...) a *Democracia* exibirá em foco muitos tipos que se supõem espertos. Garantimos que não ficará, sequer, um jesuíta com capuz..."[255]. O uso adjetivado e pejorativo do substantivo jesuíta era coerente com um movimento marcado por posições anticlericais, embora a associação jesuíta=dissimulado=enganador não fosse prerrogativa dos socialistas e dos anarquistas.

Além disso, ambos os lados tratavam-se como seres malignos e violentos, quase não humanos. Nesse sentido, o *A Democracia* apresentou novamente a "Crônica" de Cavaco, publicada no *Petit Journal* durante a greve de 1906, na qual o autor afirmava que "o anarquista é um ser propenso ao mal, sem a mínima inclinação para o bem", com "idéias de extermínio", prontos a sair "dos misteriosos covis onde habitam para morder traiçoeiramente as vítimas indefesas e descuidadas". Na mesma linha, Carlos Macchi, aliado de Xavier da Costa, comparou os libertários a "cães hidrófobos" ("Uma carta"). Já os redatores do *A Luta* chamaram o líder socialista de

[254] Machado de Assis, em um conto intitulado "O segredo do bonzo", oferece mais algumas pistas para se compreender o significado do termo. Nele, o autor fala do reino imaginário de Bungo, onde vivia um bonzo ou sacerdote chamado Pomada. Segundo ele, os pomadistas, seus seguidores, deveriam ser capazes de incutir nos outros homens a convicção de que possuíam qualidades que, na verdade, não possuíam, com a finalidade de obter honras e reconhecimento. ASSIS, Machado de. O segredo do bonzo. In:___ *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro, Garnier, 1989. O epíteto é perfeitamente adequado, portanto, à imagem de Xavier da Costa que os anarquistas queriam construir.

"perigoso réptil" ("A fúria do bonzo"), a destilar sua "bile peçonhenta" sobre os opositores ("Os farçantes"), tendo-lhes inclusive ameaçado de morte ("O bonzo socialista").

Imagens escatológicas compunham igualmente a polêmica. O *A Luta* era tratado de "latrinaria" pelos socialistas, útil apenas como substituto do "water-closet-paper" ("Mais uma dos muckers") e o *A Democracia*, de "cloaca" pelos anarquistas, cuja seção livre podia ser comparada a um "cano de esgoto" ("Ao Xavier da Costa").

Algumas acusações revelam o moralismo existente nas duas trincheiras. Os socialistas, por exemplo, atacavam as propostas de controle da natalidade defendidas pelo órgão libertário, afirmando que essas visavam a dissolução da família e sua "(...) substituição pelo concubinado, pelo amasiamento ou (...) pela amigação" ("Pelo dever"). Mariano Carbonell, oponente de Xavier da Costa, por seu turno, acusou-o e à "sua panelinha" de, "nos seus conciliábulos, muitas vezes na falta de falta de cerveja", chegarem a beber "caninhas" ("Uma explicação").

O último recurso compartilhado por socialistas e anarquistas que gostaria de analisar refere-se ao uso da ironia, arma discursiva muito prezado por Xavier da Costa (ver seção 2.1). Nessa linha, o *A Democracia* afirmava que os anarquistas ensinavam coisas "bonitas e puras" aos operários ("Pelo dever") e exclamava: "como seria encantador o regime anarquista (...)!" ("Os dinamitistas"). Rey Gil, de outro lado, sublinhava as "justíssimas ambições de mando" do líder socialista ("Um conhecido") e Michalski, tratando desse último, salientava a "honestidade do moralista amigo dos operários" ("O Chefe"). Os autores de tais palavras, obviamente, queriam dizer o

[255] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/02/1907. p. 4 (MCSHJC). Esse comentário foi publicado um pouco antes da eclosão da polêmica.

contrário do que escreviam e, para não deixarem dúvidas de seu sentido irônico, grifavam-nas em itálico ou usavam o advérbio "sic" depois de empregá-las.

Outras acusações eram mais específicas do grupo encabeçado por Xavier da Costa. Assim, o personagem chamou Rey Gil de "misérrimo hebreu" e de "infeliz judeu errante" ("O Yago José Rey Gil") e o comparou a "outro hebreu que se chama Judas Iscariotes" ("Os dois gênios diretores da propaganda anarquista em Porto Alegre"). Expressões como as citadas talvez revelem não só o anti-semitismo do líder socialista, mas igualmente a presença desse preconceito nos meios operários[256]. No *A Democracia*, os anarquistas aparecem também designados como "muckers", estabelecendo-se, pois, uma associação dos libertários com os membros desse movimento messiânico ocorrido no Rio Grande do Sul entre 1868 e 1874, considerados fanáticos e depravados pela sociedade local[257].

---

[256] No *A Democracia*, pode-se encontrar outras expressões indicadoras desse anti-semitismo latente. Por exemplo: em um artigo, fala-se do "judaico egoísmo" do dono de uma fábrica de chapéus que explorava seus empregados. *A Democracia*. Porto Alegre, 13/07/1907. p. 1 (MCSHJC). D. Anita Xavier da Costa descartou a existência de qualquer preconceito em relação aos judeus da parte de seu pai. Segundo a depoente: "Esta colônia alemã e a colônia judaica... ele [Xavier da Costa] se dava muito bem. A judaica aqui... não há ninguém que não conheça meu pai, aqui na zona né? [D. Anita é moradora do Bom Fim, bairro de Porto Alegre habitado por muitos judeus]. Ainda há poucos dias me falaram que o terreno ali da Sociedade, ali da Igreja deles né? [refere-se à Sinagoga existente no Bairro], foi conseguido na Prefeitura pelo meu pai, que ajudava muito, muito". Entrevista ao autor, op. cit.

Na polêmica, são invocados dois dos três grandes complôs que marcaram, de acordo com Girardet, o imaginário político do século XIX: o "complô judeu" e o "complô jesuítico". Nessa perspectiva, as idéias de conquista e dominação do mundo, muito claras nos discursos atribuídos a jesuítas e judeus, levariam a ações conspiratórias para as quais não havia limites éticos ou políticos. GIRARDET, R., op. cit., p. 16. A não invocação do terceiro complô referido pelo autor, o maçônico, é indicativo do prestígio dessa sociedade entre os líderes do movimento operário porto-alegrense.

[257] São denominados "muckers" os integrantes do movimento popular de cunho messiânico ocorrido na região do Ferrabrás, em São Leopoldo, o qual agrupou principalmente indivíduos de origem germânica. A palavra "muckers" foi criada quando da emergência do movimento pelos moradores da localidade, tanto católicos como protestantes, e significa "santarrões", "beatos falsos", "pessoas taciturnas" e "hipócritas". SCHUPP, Ambrósio. *Os muckers: a tragédia histórica do Ferrabrás*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1993. p. 69. Segundo o *A Democracia*, os anarquistas manifestavam "(...) o mesmo fanatismo do velho Maurer [um dos líderes do movimento] a pontificar, no Ferrabrás, a hediondez libertina da seita dos Muckers" ("Pelo dever"). O jornal reproduzia, assim, um mito reinante em torno dos muckers, o de que eles seriam libertinos. Segundo Janaína Amado, o que de fato ocorreu com o grupo foi mais o contrário: a adoção de comportamentos rígidos e contidos. AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos "muckers"*. São Paulo, Símbolo, 1978. p.p. 281 e 289. Ver também: ARAVANIS, E., op. cit., p. 144, nota 32.

Portanto, na polêmica analisada, armas de diversos tipos e calibres foram usadas, havendo a predominância dos ataques de cunho moral sobre a argumentação político-ideológica. Tal situação pode ser explicada, ao menos, por três fatores. Em primeiro lugar, pelo fato das discussões em torno da honra serem características da própria polêmica enquanto gênero literário[258]. Deve-se levar em conta, igualmente, o ambiente personalista no qual emergiu o conflito, já que o movimento operário da época, como salientei em outras passagens da tese, alicerçava-se na ação e no carisma individuais de algumas lideranças. Finalmente, é preciso destacar a ênfase moralizante dos discursos socialistas e anarquistas (aspecto que será aprofundado no próximo capítulo).

Enfim, durante muitos anos, os socialistas e os anarquistas atuantes na capital gaúcha mantiveram uma relação pautada ora por demonstrações de solidariedade ora por conflitos mais ou menos abertos. Com a polêmica de 1907, ocorreu uma ruptura irremediável entre as duas tendências. Nela, aparentemente, os contendores digladiaram-se apenas no terreno das palavras. Porém, ao longo do duelo, não faltaram ameaças de violência física. Por exemplo: no mês de março, Carlos Macchi recebeu a informação de que Augusto Schimmelpfenning, "com um grupo de outros anarquistas", planejava agredi-lo e a Xavier da Costa. O último respondeu à ameaça em tom ameaçador: "nem sempre o tigre dá o salto com segurança; procure, pois, não errar o golpe, porque se não suceder assim..." ("Ameaças de anarquista").

Além disso, embora não se possa, pelas fontes consultadas, assegurar que os socialistas - especialmente Xavier da Costa e Cavaco - tenham denunciado seus

[258] Ver: VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil.* São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

adversários à polícia, conforme afirmava o *A Luta*, existem indícios apontando nesse sentido. Em 24 de março, o *A Democracia* divulgou o seguinte comentário:

> O *Jornal do Comércio* publicou esta notícia, na terça-feira da semana passada:
>
> "Nossa reportagem soube, ontem à tarde, que hoje pela madrugada a polícia judiciária, auxiliada por agentes e inspetores do 1° posto, dará cerco a um hotel situado no centro desta capital, a fim de tornar efetiva a prisão de quatro indivíduos suspeitos, recentemente chegados a esta cidade".
>
> .....
>
> (...) é bem provável que os anarquistas digam, outra vez, que a perspicácia da polícia é devida à "espionagem" exercida pelo Costa, pelo Cavaco e por toda a Comissão Central da Federação Operária...
>
> Mesmo sem espionagem, entretanto, a reportagem d'*A Democracia*, que não dorme nem se assusta de caretas, pode adiantar aos seus leitores que, por uma interessante coincidência, a bordo do "Juanita" veio, de Buenos Aires, gente que não lhe é suspeita porque é bem conhecida de um companheiro e correspondente nosso residente na capital porteña[259].

E, no número posterior: "aos bons amigos que nos têm avisado do plano de masorca e de difamação combinado, para o dia 1° de maio próximo, contra Xavier da Costa, Cavaco e Carlos Macchi, agradecemos os detalhes do aviso que, mais do que a nós, vão ser de grande e pronta utilidade à polícia, que não deve ignorá-lo e providenciará como lhe compete"[260].

A última citação indica que as comemorações do 1° de maio de 1907 também serviram de palco para os conflitos entre socialistas e anarquistas. Apesar de não se ter conhecimento de uma intervenção policial, como a sugerida no trecho, as duas correntes disputaram a interpretação correta sobre aquela data.

* * *

[259] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/03/1907. p. 3 (MCSHJC).
[260] *A Democracia*. Porto Alegre, 31/03/1907. p. 4 (MCSHJC).

Ainda no final de março, em uma reunião da Comissão Central da FORGS a respeito do 1° de maio, Xavier da Costa declarou "achar preferível às passeatas e piqueniques costumeiros na grande data operária, e que tem tirado a esta a sua verdadeira significação (...)", a realização de conferências nas sedes das "sociedades obreiras". Em abono de sua opinião, citou "(...) fatos ocorridos nas referidas passeatas e piqueniques, e que, entende ele, devem ser evitados em prol da seriedade das comemorações operárias em nossa terra". As declarações do líder socialista, de um lado, reforçavam sua imagem de moralista e, de outro, inseriam-se no debate mais amplo sobre o caráter desse dia, tema discutido em congressos operários realizados no país naquele período[261].

A direção da FORGS - na tentativa de harmonizar o tom sério defendido por Xavier da Costa com o sentido festivo normalmente atribuído à data - decidiu comemorá-la promovendo sessões solenes, discursos, passeatas e piqueniques; havendo, contudo, segundo o *A Democracia*, o predomínio do teor reivindicatório: "apesar das espertezas e das habilidades de alguns industrialistas que se esforçaram para que a comemoração do 1° de Maio não tivesse em Porto Alegre, neste ano, o caráter de acentuação de almejo de emancipação operária, ela foi efetuada brilhantemente, por iniciativa da Comissão Central da Federação Operária do Estado do Rio Grande do Sul".

Na manhã do dia referido, ocorreu uma sessão solene no salão da Rua Ramiro Barcellos onde, entre outros, discursou Xavier da Costa, representando o Grêmio de Artes Gráficas. Porém, quem despontou como a grande atração das comemorações promovidas pelos socialistas foi Cavaco que, mais uma vez, confirmou

[261] Sobre os debates a respeito do significado do 1° de Maio, ver: ARÊAS, L. B., op. cit.

seu talento de orador. De acordo com o *A Democracia*, em frente à sede da FORGS organizou-se

> (...) o préstito para a passeata de demonstração, ao qual, da sacada do prédio, dirigiu a palavra o nosso companheiro Carlos Araújo (Cavaco) produzindo magnífico discurso e sendo calorosamente aplaudido.
>
> Finda sua oração, Cavaco e sua digna esposa incorporaram-se ao préstito e este seguiu, precedido por uma banda de música, com as bandeiras de várias sociedades obreiras e ao som de vivas, pelo bairro industrial, para a chácara Germano Petersen, situada nas proximidades do Hospital Militar.
>
> .....
>
> Na esquina da avenida das Missões, próximo ao Salão 1° de Maio, onde se achava reunido um pequeno grupo de operários, o préstito parou e Cavaco pronunciou inspiradíssimo discurso, expondo, por entre prolongadas manifestações de aplauso do auditório, a verdadeira orientação, a única proveitosa, que o operariado deve seguir para a consecução de seus direitos, que é a traçada pela Comissão Central da Federação Operária do Rio Grande do Sul e pela qual se bate esta folha.

Na chácara de Petersen, prosseguiu a "(...) confraternização dos homens do trabalho": "nesse aprazível local passaram o resto do dia os manifestantes, comparecendo (...), também, grande número de famílias". Ao cair da tarde, o préstito foi reorganizado e retornou à Rua Ramiro Barcellos. Ali

> (...) falou-lhes ainda uma vez o Cavaco exalçando o operário, altivo, enérgico, porém, ordeiro, aconselhando-o a união como base para a luta profícua contra os inimigos dos trabalhadores - "o capitalismo absortor e tirano e os falsários que instigam o operário a estúpidas violências, procuram infiltrar no espírito dele o ódio, a calúnia, a infâmia até contra companheiros inatacáveis, a quem invejavam, e nas ocasiões em que se devem mostrar francos combatentes, em face do burguês, fogem covardemente, como reles miseráveis que são".

A "performance" de Cavaco revelava tanto o cunho expressivo/festivo ("de demonstração") das comemorações - inclusive pela presença de Rosita, a qual, assim como ocorreu com as irmãs do personagem na greve geral, possivelmente contribuiu para a conquista de simpatias junto ao contingente feminino do operariado - quanto o seu caráter doutrinário e de protesto. Além disso, o Tribuno procurou difundir a idéia de que a orientação da Comissão Central da FORGS era a única verdadeira e

proveitosa às lutas operárias e estigmatizou, como inimigos dos trabalhadores, os capitalistas e os anarquistas. Nos seus discursos, esses últimos tornavam-se falsários infames e covardes, caluniadores de "companheiros inatacáveis", em uma alusão nada sutil ao amigo Xavier da Costa e à polêmica recém encerrada (e possivelmente muito viva na memória dos ouvintes).

Aliás, aonde estava Francisco em meio a essas manifestações?

Ainda de acordo com a matéria do jornal socialista:

> A multidão que estacionava diante do prédio começou, após a oração de Cavaco, a exigir em insistentes brados, que Xavier da Costa falasse, e este, atendendo-a, assomou a sacada, sendo recebido por extensa salva de palmas, bravos e vivas.
>
> Restabelecido o silêncio, o diretor da *A Democracia* agradeceu a manifestação com que o distinguiam os seus companheiros de classe e pediu desculpa ao auditório por ter-se esquivado a ocupar-lhe a atenção mais uma vez naquele dia, justificando-se com o seu precário estado de saúde, sabido por todos os seus íntimos, o que o obriga a evitar todo e qualquer esforço vocal.
>
> "Entretanto", diz, "quando a minha classe o exige, sei colocar-me acima da própria fraqueza física, pois que nem esta pode abater-me o ânimo ou amolentar-me a enfibratura nas emergências em que meus modestos serviços são reclamados[262].

Com tais palavras, Xavier da Costa, provavelmente, buscava fortalecer a sua autoridade de líder, posicionando a causa operária acima das conveniências pessoais. Imbuído dessa aura heróica, ele prosseguiu seu discurso, mas não falou dos anarquistas, preservando-se de desgastes e críticas[263]. Fez, então, o histórico do 1° de Maio e discorreu sobre o significado daquele dia "(...) que, em seu modo de pensar,

---

[262] Em abril de 1907, Xavier da Costa contraiu gripe e, por essa razão, solicitou três meses de licença do cargo de diretor de redação do *A Democracia*, sendo substituído por Manoel Pereira de Campos. *A Democracia*. Porto Alegre, 14/04/1907. p. 3 (MCSHJC).

[263] Essa não alusão aos anarquistas pode ser compreendida como um recurso estratégico de Xavier da Costa. Afinal, conforme salienta Adhemar Lourenço da Silva Jr., deve-se levar em conta, nas disputas entre as lideranças operárias, "(...) a desconfiança causada quando o personagem assume a tarefa de defender a própria honra", já que "(...) um nível de honra superior é imune a ataques provenientes de menos honrados". SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. O herói no movimento operário. In: FÉLIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio P. (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p. 134. Por isso, talvez, parecesse mais adequado ao líder socialista delegar a outros companheiros, Cavaco no caso, a tarefa de defender-lhe.

teve ponto culminante na sessão e na passeata da manhã (...)" (e não, acrescento, nos festejos posteriores). Depois, concitou os operários

> (...) a se tornarem unidos, fortalecendo as respectivas associações, pois que justamente agora é que isso se torna preciso, visto que a greve de outubro do ano passado foi apenas um ensaio, um exercício para a campanha que o operariado Rio-grandense há de sustentar, em breve, se quiser deixar de ser olhado e tratado, por governos capitalistas, como um rebanho pronto para a tosquia, ou como uma turba de escravos[264].

Enfim, segundo a fonte consultada, os principais significados atribuídos ao 1° de Maio pelos socialistas porto-alegrenses eram, em primeiro lugar, o de dia de fortalecimento da união dos "homens do trabalho" e, em segundo, o de momento de preparação para um futuro glorioso de liberdade, que se acreditava iminente. Nesse sentido, o "Manifesto de 1° de Maio de 1907", publicado no *A Democracia* em português e alemão, afirmava que, naquela data, havia o "(...) almejo de alcançar-se a confraternização universal, isto é - a democracia-social em todos os países". Unidos sob a égide dessa doutrina, os "mártires do Universo" marchariam rumo à emancipação pois, como escreveu Cavaco no mesmo número do jornal, "o dia da vitória não está longe; já se ouve o clarinar dos que vêm à frente, conduzindo a força poderosa dos lutadores"[265].

Na outra trincheira "dos que vêm à frente", o *A Luta* também saudou o 1° de Maio, mas acabou dedicando boa parte de suas considerações a respeito daquele dia à crítica dos socialistas. Para o periódico, o

> (...) Primeiro de Maio surgia ensangüentado por entre as brumas do horizonte (...); rubro de vergonha e cólera por ver neste recanto da terra o cinismo jesuítico em que certos socialistas esperavam impacientes e furibundos a chegada dos singelos que haviam de seguir ao som de fanfarras e espocar dos foguetes para o piquenique na chácara do "Coronel Petersen" segundo o manifesto publicado em duas línguas

[264] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/05/1907. p. 1 (APAXC).
[265] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1907. p.p. 1 e 3 (MCSHJC), respectivamente. Essa percepção do 1° de Maio como "dia do despertar da consciência de classe" não era peculiar aos socialistas porto-alegrenses e também estava presente no movimento operário de outras regiões do Brasil. Consultar: ARÊAS, L. B., op. cit., p.p. 25-6.

> pela pseudo Federação no órgão dos operários (sic) intitulado *A Democracia.*

Ou seja, os anarquistas, assim como Xavier da Costa, defendiam o caráter de protesto da data. Porém, ao contrário do líder socialista, não transigiam com aqueles que queriam imprimir um tom festivo às comemorações. Afinal, para o órgão libertário, o 1° de Maio deveria ser um dia dedicado à luta e ao luto pelos companheiros mortos em defesa da causa operária, "(...) um protesto enérgico; a lembrar aos párias de hoje o sangue ainda não vingado dos que morreram com a conquista da liberdade, quebrando os grilhões do moderno escravagismo (...)". E ainda, referindo-se aos festejos realizados pelos socialistas:

> Decididamente os operário regabofistas esmeraram-se sobremaneira nos (...) comes e bebes, convictos (...) de que é esta a maneira mais digna de se rememorar um dia de sangue (...). (...) além de cometerem uma ignomínia à memória dos nossos irmãos abnegados, cujo sangue ainda clama vingança, fizeram deste dia um pacto de paz entre forças irreconciliáveis: o trabalho e o capital[266].

Os militantes anarquistas, ao contrário, preferiram celebrar a data com conferências no Salão 1° de Maio, promovidas pelo Sindicato dos Marceneiros.

O *A Luta* também contestou o sucesso das comemorações dos socialistas e o prestígio de Cavaco no meio operário, associando o Tribuno, como já havia feito antes com Xavier da Costa, ao passado:

> (...) os egrégios mentores do operariado só conseguiram sair com a bombochata carnavalesca às dez e tanta da manhã; isto mesmo com um número insignificante de crumiros.
>
> Ao chegarem na avenida Missões, terminava-se a Conferência no Salão Primeiro de Maio, que o Sindicato anunciava. O sr. Cavaco, **julgando-se nos tempos idos**, pôs-se em destaque sobre a calçada, pronunciando um bombástico discurso declamatório com ares e gestos de demagogo furioso, crente, talvez em arrastar consigo os assistentes da conferência que por esta ocasião afluíram à porta do salão.
>
> Qual não foi, porém, sua pasmaceira quando reconheceu que os trunfos lhe saíram às avessas.

[266] A compreensão do 1° de Maio como um dia de luto pelos mártires da causa também foi detectada por Arêas nos jornais operários do Rio de Janeiro. Ver: ARÊAS, L. B., op. cit., p. 19.

> É que os **tempos mudaram** e os operários que assistiam à conferência de protesto eram todos conscientes, tanto que a muito custo se os dissuadiu de vaiar os regabofistas que além, na esquina, se expunham ao ridículo, apesar do sr. Cavaco, orientado à última hora com a leitura do boletim-protesto, ter pronunciado um discurso semi-anárquico em contradição flagrante com o artiguete que escrevera no órgão dos operários.
>
> É que estes vis politiqueiros toda vez que se sentem impotentes diante da massa cansada de ouvir parvoíces, servem-se das nossas idéias porque sabem que elas são as únicas que lhes ferem a corda sensível, lembrando-lhes um futuro cada vez melhor, para obterem o que desejam.

Portanto, da mesma forma que os socialistas, os libertários postulavam serem os únicos capazes de orientar satisfatoriamente as lutas dos trabalhadores. Segundo essa interpretação, Cavaco, diante da mudança dos tempos, precisou valer-se de palavras "semi-anárquicas" a fim de seduzir a platéia.

Após a saída do Tribuno, o clima de animosidade permaneceu no Salão 1° de Maio. A pedido dos assistentes, foi lida pelo anarquista Gomes Ferro "a carta ultra-pornográfica do mavioso literato Carlos Araújo (Cavaco), imortal autor do custoso relicário de finíssimas poesias *O Rosicler*, e comentada por Michalski, causando grande hilariedade a uns e profunda indignação a outros que se erguiam apostrofando contra o seu autor"[267].

O jornal anarquista ironizou, igualmente, o estado de saúde de Xavier da Costa: "um dos caciques socialistas, o sr. Costa, estava tão possesso ante o inesperado

---

[267] No seu número alusivo ao Dia do Trabalho, o *A Luta* esclareceu o tom dessa carta: "a propósito dos comentários feitos pelos camaradas da *Terra Livre* e *La Battaglia*, de São Paulo, sobre as agressões que nos foram feitas pelo jornal *A Democracia*, os nossos companheiros Michalski e Ferla receberam uma carta a eles endereçada pelo sr. Carlos de Araújo (Cavaco), contendo um amontoado de desaforos a nosso respeito, em termos sujos e linguagem imunda, que desprezamos e que muito estranhamos partir dum 'fino literato'". Em 15 de maio, o periódico anarquista informou que, depois da publicação da nota transcrita acima, "(...) o Sr. 'Cavaco' fez-nos 'amáveis' referências nos discursos que por ocasião do 1° de Maio pronunciara, vindo dois dias depois bater à porta da nossa redação, espumando de raiva". Segundo a matéria, entre outras ameaças, o Tribuno disse "(...) que havia em Porto Alegre um grupo de 'Cavalheiros do punhal' do qual faz parte; que se não fosse ele ter feito forte oposição já alguns operários, que para isso espontaneamente se lhe ofereceram, nos haviam liquidado há muito tempo; enfim, que se voltássemos a ocupar-nos dele mataria um de nós, e várias outras ameaças que deixaremos no tinteiro". *A Luta*. Porto Alegre, 01/05/1907. p. 5 e 15/05/1907. p. 4, respectivamente (NPH).

fracasso do regabofe tão anunciado que ficou doente, não discursando, não sabemos se também não comendo...".

Lembro ainda que, na matéria do *A Democracia*, acentuou-se o caráter ordeiro e familiar das comemorações e, por conseguinte, dos próprios socialistas, em contraste com os libertários, instigadores de "estúpidas violências". O *A Luta* procurou inverter essa imagem, afirmando:

> [No Salão 1° de Maio] o entusiasmo foi geral e crescente, tendo havido muita harmonia entre todos e nada ocorrendo de extraordinário. (...)
>
> .....
>
> A bambochata da federação terminou com um baile de estrondo à noite, na sede à Rua Ramiro Barcelos, onde houve diversos rebuliços de cadeiras voando e facas desembainhadas, apitos de polícia, prisões, correrias, etc.
>
> Segundo nos consta na chácara do sr. Coronel também houve alguns atritos (...)[268].

Verifica-se, pois, que, para além das diferenças de cunho ideológico, existia um terreno moral comum no qual moviam-se e enfrentavam-se socialistas e anarquistas: o da defesa dos "bons costumes" e da condenação do desregramento.

* * *

Ao longo desse período conflituado (de fevereiro a maio de 1907, aproximadamente), os itinerários de Xavier da Costa e de Cavaco continuaram entrelaçados. Apesar de possuírem diferentes estilos pessoais, os dois estiveram unidos por afinidades políticas e por uma forte amizade. Tais vínculos aparecem expressos em uma carta dirigida pelo Tribuno ao redator do *A Democracia* no mês de março. Nela, o primeiro, referindo-se à polêmica com os anarquistas, tratou de desmentir o boato de que havia estabelecido "(...) compromisso de silenciar nessa

batalha (...)". Explicou, então, as razões de seu afastamento: "tenho-me esquivado de aparecer em destaque no seio da briosa classe pela qual segues te batendo, porque receio má interpretação aos meus sentimentos. (...) Não desejo, de forma nenhuma, ser considerado um ambicioso de glórias ou de popularidade - como fui considerado e tu também o sabes". Afirmou, igualmente, achar "desproveitosa" a polêmica, mas defendeu as atitudes do companheiro, elogiando-o:

> Levantaste o guante de desafio - estavas no teu direito. Agora... como evitar o conflito que recrudesce dia-a-dia para gáudio da burguesia boçal?
>
> Como evitá-lo? Ignoro, bom amigo e valente companheiro.
>
> .....
>
> Deves tentar, prezado Xavier - tu, que és um esforçado e um inteligente - deves tentar a arregimentação dos dignos Filhos do Trabalho. Ampara-os com a tua sabedoria sempre evidenciada.
>
> .....
>
> Brevemente, mais descansado, aí estarei contigo colaborando corajosamente nas colunas da valente *Democracia* - te prometo[269].

Pouco tempo depois, em uma sessão da União dos Trabalhadores em Madeira, Cavaco reiterou seu apoio ao "bom amigo e valente companheiro", dizendo "(...) que, se ali se achava, era para satisfazer ao convite que lhe havia sido feito por Xavier da Costa, o companheiro dedicado, o batalhador incansável, o operário inteligente e honesto a quem a classe devia sempre ouvir e aplaudir". E, mais adiante, fez a seguinte conclamação aos ouvintes: "cooperai para a organização completa da Federação dos Operários de que trata o digno Xavier da Costa"[270].

Posteriormente, contudo, os caminhos dos protagonistas dessa história, por razões variadas - políticas e de foro íntimo -, tenderam a se afastar, embora eles ainda tenham travado algumas lutas comuns.

* * *

[268] *A Luta*. Porto Alegre, 15/05/1907. p. 1 (NPH). Grifos meus.

Na mesma época em que ocorreu o embate entre socialistas e anarquistas, outro conflito, dessa vez no seio no PRR, também influenciou os rumos do movimento operário porto-alegrense e as trajetórias de Xavier da Costa e de Carlos Cavaco.

Desde 1906, o *Petit Journal* defendia o lançamento da candidatura pelo partido governista do médico e chefe político da cidade de São Gabriel, Fernando Abbott, à sucessão de Borges de Medeiros na presidência do Rio Grande do Sul[271]. No mês de março do ano seguinte, ao retornar de seu périplo político-literário pelo interior do estado, Cavaco declarou apoio a Abbott em carta publicada nesse periódico. Nela, o Tribuno escreveu:

> Republicano independente, dedicado à nobre causa que escolhi para defender, admirador extremado de Borges de Medeiros, o chefe distinto do meu partido, desobrigado de qualquer compromisso de reconhecimento pois que tenho até hoje vivido do meu exclusivo trabalho, venho formar ao lado daqueles que apresentam a candidatura simpática do brioso gaúcho Fernando Abbott à presidência do meu Estado.
>
> Não me animam, neste honroso ato da minha vida pública, subalternos interesses ou baixos despeitos. Continuo, como até hoje, republicano filiado ao meu partido, ao qual pertence e sempre esteve na vanguarda o extraordinário Fernando Abbott, cujo nome eu ouvi pronunciar com a maior simpatia e mesmo idolatria desde a região serrana que percorri até a fronteira toda do Estado gaúcho. Se trago a minha fraca porém leal colaboração à digna propaganda que se faz em torno do nome glorioso do meu patrício é porque em Fernando Abbott enxergo a promessa mais forte para a garantia do futuro do Rio Grande.

Ou seja, Cavaco, mais uma vez, afirmava seu pertencimento ao PRR - como na carta enviada a Borges em abril de 1906 (ver seção 2.2) -, o que não lhe parecia ser contraditório com a defesa da causa operária e do socialismo. Assim, no texto citado, escreveu: "bem conhecida de todos é a conduta briosa que mantive durante o período

---

[269] *A Democracia*. Porto Alegre, 10/03/1907. p. 1 (MCSHJC).
[270] *A Democracia*. Porto Alegre, 17/03/1907. Sem indicação de página (FJBM).

da greve nesta capital, quando uma classe sacrificada tentou arremessar de si o peso dos sacrifícios. Mal compreendido embora, não recuei nem diante das quixotescas ameaças de assassinatos e prisões. Falo, portanto, sem traves no caráter"[272]. Nos meses seguintes, o líder socialista participou de diversas manifestações de apoio a Abbott. Ainda em março, por exemplo, quando da chegada do "insigne médico gabrielense" à Capital do estado, ele "(...) produziu belíssimo improviso em nome do *Petit Journal*, transmitindo ao manifestado cumprimentos de boa vinda". Ao discursar, "(...) declarou ser o representante de uma classe social obscura mas extremamente ativa" e "falou em nome dos seus distintos companheiros operários, rudes e bravos, patriotas como os melhores (...)"[273].

Porém, apesar de Abbott manifestar publicamente sua amizade a Borges, em quem reconhecia "um patriota em toda a força do terno" e "um abnegado servidor da República"[274], seu nome não foi referendado pelo Presidente do Estado. Esse indicou Carlos Barbosa Gonçalves, também médico e chefe político de Jaguarão, como candidato oficial. A decisão provocou uma cisão no PRR, pois Abbott resolveu concorrer representando a dissidência republicana[275].

Em tal panorama, no qual, pela primeira vez, verificou-se uma situação competitiva na sucessão de Borges, Barbosa e Abbott procuraram conquistar os votos do operariado local - cada vez mais numeroso e organizado, conforme ficou

---

[271] Ver, por exemplo: *Petit Journal*. Porto Alegre, 06/07/1906. p. 2; 04/10/1906. p. 1 e 14/11/1906. p. 1 (MCSHJC).
[272] *Petit Journal*. Porto Alegre, 20/03/1907. p. 1 (MCSHJC).
[273] *Petit Journal*. Porto Alegre, 22/03/1907. p. 1. Ver também, no mesmo jornal, sobre o apoio de Cavaco a Abbott, os números de 23/03/1907. p. 1; 02/04/1907. p. 1; 06/04/1907. p. 1; 08/04/1907. p. 1; 16/04/1907. p. 1; 20/04/1907. p. 1; 22/04/1907. p. 1; 25/04/1907. p. 1; 21/05/1907. p. 1; 26/06/1907. p. 2 e 27/06/1907. p. 2 (MCSHJC).
[274] Segundo o *Petit Journal*. Porto Alegre, 22/03/1907. p. 1 (MCSHJC).
[275] De acordo com Trindade, "este conflito latente vinha lentamente se preparando nas disputas internas de liderança no Partido. Como observa (...) João Neves da Fontoura, este conflito vinha de longe e se traduzia 'na surda luta entre a corrente ortodoxa, inspirada nas diretrizes da Política Positivista, e a que

evidenciado na greve de 1906 - e, algumas vezes, obtiveram sucesso na empreitada. Em São Gabriel, por exemplo, terra natal do candidato oposicionista, 78 operários respaldaram sua indicação, acolhendo-o calorosamente quando de sua visita àquela cidade e fazendo publicar um manifesto; atitude que foi vigorosamente criticada pelos anarquistas e por alguns socialistas. Nesse sentido, o *A Democracia* divulgou o seguinte chamamento: "Companheiros de S. Gabriel! Não é essa a nossa missão como trabalhadores. O nosso modo de proceder, de agir, nesta época, não deve ser de cooperação nas tricas políticas da burguesia; o nosso empenho ou nosso dever é procurar fazer a nossa emancipação por nós mesmos"[276].

Já Carlos Cavaco, em suas memórias, evocou a seguinte situação:

> Quando se esboçou a luta pela presidência do estado, e antes que Fernando Abbott pedisse a minha adesão, recebi em minha casa, (...) a honrosa visita de um digno patrício, emissário de confiança do eminente chefe do Partido Republicano, o honestíssimo dr. Borges de Medeiros. Era Carlos Fontoura, o ilustre emissário (...).
>
> - Eu, Carlos Cavaco, assumiria a direção do órgão oficial do partido - *A Federação* - sendo candidato a deputado federal na primeira vaga que se ia dar (...). Eleito deputado federal, seria escolhido - ainda a oferta do eminente dr. Borges - para líder da bancada gaúcha[277].

Apesar das promessas tentadoras, o Tribuno preferiu apoiar a candidatura oposicionista. De qualquer forma, essa situação ilustra bem a influência exercida pela "grande política" estadual sobre a "pequena política" operária[278]. Além disso, as eleições de 1907 assinalaram a primeira divergência importante entre Cavaco e Xavier da Costa. Em maio, o último desmentiu publicamente seu apoio a Abbott:

> Como há quem perfidamente pretenda atribuir ao Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas bem como a Xavier da Costa co-participação na propaganda em favor da candidatura do dr. Fernando Abbott à

---

desejava marchar para caminhos diversos, embora sob a mesma bandeira política'". TRINDADE, H., op. cit., p. 148.

[276] *A Democracia*. Porto Alegre, 26/05/1907. p. 1. Ver também, no mesmo jornal, o número de 02/06/1907. p. 1 (MCSHJC); o *A Luta*, Porto Alegre. 01/05/1907. p. 5 (NPH) e o *Petit Journal*. Porto Alegre, 19/04/1907. p. 2 e 20/05/1907. p. 1 (MCSHJC).

[277] CAVACO, C. *Caminhos*..., op. cit., p. 16.

[278] Expressões de SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade*..., op. cit., p. 7.

> presidência do estado, declaramos, a pedido do referido companheiro, que ele é absolutamente estranho a agitações da política burguesa e que o Grêmio, do qual é presidente, não se envolveu nem se envolve em tais coisas[279].

Essa declaração de independência política da parte do líder socialista não era gratuita pois, conforme foi visto, em inúmeras ocasiões, ele precisou revidar a pecha de "politiqueiro", ou seja, de colaborar com os partidos ligados à classe dominante. Os boatos nesse sentido provavelmente aumentaram no contexto da cisão ocorrida entre os republicanos gaúchos.

Não era fácil, portanto, o trabalho das lideranças operárias no sentido de evitar a participação dos trabalhadores nas "tricas políticas" da burguesia. A situação tornava-se ainda mais complicada para os socialistas que, ao contrário dos libertários, precisavam equilibrar-se entre a vontade de garantir sua autonomia política e a aspiração de participar do jogo eleitoral, como fica claro no caso de Cavaco[280].

A despeito das discordâncias políticas, os protagonistas dessa história deram prosseguimento à sua militância junto ao movimento operário e, muitas vezes, manifestaram apoio, afeto e solidariedade recíprocos. Em abril, por exemplo, o *A*

---

[279] *A Democracia*. Porto Alegre, 19/05/1907. p. 3 (MCSHJC). O desmentido era, provavelmente, uma resposta à seguinte notícia, publicada na *Gazeta do Comércio* e transcrita no *A Luta*: "Os artistas gráficos, simpáticos à candidatura do eminente democrata Dr. Fernando Abbott, apresentarão por estes poucos dias, um voto de adesão ao seu bem lançado manifesto. Este voto será escrito em linguagem vibrante por um ardoroso agitador da classe operária". O periódico anarquista apresentou também esse comentário, assinado por "Um sócio do Grêmio": "Estamos certos, porém, que a classe gráfica, que aliás já conhece bem os agitadores operários, não se prestará a servir interesses subalternos de politicagem nem de escada para quaisquer ambiciosos subirem ao poleiro". *A Luta*. Porto Alegre, 15/05/1907. p. 2 (NPH). No mesmo sentido, o *Petit Journal* de 22 de abril de 1907 publicou essa nota, quando da visita de Pinheiro Machado a Porto Alegre: "Pede-nos a comissão central da Federação dos Operários do Rio Grande do Sul que declaremos o seguinte: Não tem fundamento a notícia publicada por dois jornais de que o operariado se fará representar nas homenagens prestadas ao eminente patrício senador Pinheiro Machado. A classe operária nada tem que ver com a questão das candidaturas, e por tal motivo não se envolverá em fatos de natureza política, sendo que um de seus defensores, Carlos de Araújo (Cavaco), quando dirigiu a palavra ao grande democrata Fernando Abbott, fê-lo em seu nome exclusivamente, só pronunciando o nome da classe operária quando quis provar o seu devotamento às causas pelas quais batalha sem ambições subalternas". *Petit Journal*. Porto Alegre, 22/04/1907. p. 2 (MCSHJC).

[280] Na eleição de 1907, o vencedor foi Carlos Barbosa. De acordo com Trindade, "(...) a máquina republicana, apoiada no aparelho do Estado e com os mecanismos de coerção em vigor, venceu sem

Democracia saudou o próximo aparecimento do órgão operário *A Vanguarda*[281], dirigido por Cavaco, e, no mês seguinte, o mesmo jornal noticiou:

> O nosso ardoroso companheiro de lutas Carlos Araújo (Cavaco) tem no prelo um folheto cujo tema é a descrição da situação dos operários nas fábricas de Porto Alegre.
>
> Estamos certos que alcançará grande sucesso a tentativa de Cavaco atendendo a sua proficiência e o assunto ser de palpitante interesse[282].

Nesse período, Cavaco exonerou-se do cargo de secretário da redação do *Petit Journal*, descontente com a série de artigos intitulada "Porto Alegre Industrial"[283]. Nela, o periódico pretendia realizar uma "(...) detalhada e minuciosa descrição dos estabelecimentos industriais desta Capital (...)", visando "(...) tornar conhecidos do público, esforços, porventura obscuros, de trabalhadores enérgicos e cheios de iniciativa, que tanto contribuem para o desenvolvimento do progresso da nossa terra (...)"[284]. O personagem possivelmente sentiu-se melindrado após a publicação da primeira reportagem da série, sobre as "Oficinas de fundição, estaleiro e fábrica de cofres, fogões econômicos, camas e móveis de ferro, baldes galvanizados etc... de Alberto Bins", o líder dos empresários na greve de 1906[285].

---

dificuldades. O candidato oficial do PRR obteve 61.073 votos contra 16.431 dados ao candidato popular". TRINDADE, H., op. cit., p. 150.

[281] *A Democracia*. Porto Alegre, 14/04/1907. p. 3 (MCSHJC). É interessante notar que, na trajetória de Cavaco, o mundo da militância e o da literatura cruzaram-se constantemente. Na citada notícia, o *A Democracia* afirmou serem os fundadores e redatores do *A Vanguarda* o líder socialista e o escritor Alcides Maya, acrescentando: "acreditamos poder apresentar parabéns ao Cavaco pela bela catequese que parece ter feito: a de Alcides Maya, que era até há pouco tempo adversário figadal do socialismo - idéia esta de que Cavaco se fez ardoroso defensor, em solene manifestação oratória, em plena praça pública, há poucos meses". Porém, algum tempo depois, o mesmo periódico retificou a informação anterior: "aquele novo semanário de combate será de propriedade unicamente de Cavaco (...). Alcides Maya, o festejado e competente publicista, será colaborador assíduo do novo jornal operário, nada tendo, entretanto, com a orientação doutrinária do mesmo". *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1907. p. 4 (MCSHJC).

[282] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1907. p. 4. O jornal acusou o envio e transcreveu um trecho desse folheto em 26/05/1907, p.p. 3 e 4 (MCSHJC). O *A Luta* também informou: "Oferecido pelo autor recebemos um exemplar do folheto *Operários*, da lavra do sr. Carlos Araújo. Na primeira página vem um nítido retrato daquele escritor. Agradecemos". *A Luta*. Porto Alegre, 02/06/1907. p. 4 (NPH).

[283] *Petit Journal*. Porto Alegre, 01/05/1907. p. 2 (MCSHJC).

[284] *Petit Journal*. Porto Alegre, 18/04/1907. p. 1 (MCSHJC).

[285] *Petit Journal*. Porto Alegre, 30/04/1907. p.p. 1-2 (MCSHJC). A reportagem era altamente elogiosa a Bins e à sua empresa. Entre outras considerações, afirmava: "Alberto Bins justifica a união dos

Já Xavier da Costa, apesar dos fortes ataques que sofreu, continuou a ser reconhecido como a principal liderança socialista de Porto Alegre, alvo de inúmeras homenagens e manifestações de solidariedade. Alguns exemplos: em pleno calor da polêmica com os libertários, a União dos Pedreiros, "(...) tomando na devida consideração a farta soma de injúrias e calúnias publicadas no último avulso dos anarquistas contra o diretor da redação d'*A Democracia*", resolveu, em sua última sessão de assembléia geral, por unanimidade, "(...) dar a esse companheiro, como resposta aos invejosos seus caluniadores, uma excepcional prova do mais alto apreço, que (...) A NENHUMA OUTRA PESSOA SERÁ CONFERIDA (...)": o título de sócio honorário[286]. Meses depois, na comemoração do 1° de Maio promovida pela União Operária de São João do Montenegro, o secretário da entidade, Daniel Sutton, "(...) referindo-se a Francisco Xavier da Costa, enalteceu os seus méritos como legítimo e incansável batalhador em prol da classe trabalhadora; demonstrou os seus relevantes serviços que nunca serão olvidados pelos operários e concitou a que todos lhe dessem o apoio que merece (...)"[287].

Como líder operário, o personagem empenhou-se em defender seus companheiros, publicando no *A Democracia* denúncias de abusos praticados por patrões e contra-mestres e exigindo melhores condições de vida e trabalho para o operariado[288]. Além disso, continuou a lutar pela jornada de 8 horas, divulgando a conquista desse horário em outras localidades[289] e curiosos reclames:

---

trabalhadores, para que não sejam esmagados na concorrência vital. Mas, como todos os espíritos realmente superiores, condena e lamenta os excessos da demagogia, em delírio, que só podem prejudicar aos desatinados que os praticam, inconscientes dos males que daí lhes advém, pessoalmente, e em geral às causas porque se batem".

[286] *A Democracia*. Porto Alegre, 28/02/1907. p. 3 (MCSHJC). Grifado no original.

[287] *A Democracia*. Porto Alegre, 26/05/1907. p. 2 (MCSHJC).

[288] Ver, entre outros: *A Democracia*. Porto Alegre, 06/01/1907. p. 2; 14/02/1907. p. 3; 10/03/1907. p. 1; 02/06/1907. p. 1; 13/07/1907. p. 1 e 21/07/1907. p. 4 (MCSHJC).

[289] Consultar, por exemplo: *A Democracia*. Porto Alegre, 19/05/1907. p. 1 e 13/07/1907. p. 4 (MCSHJC).

RELÓGIOS SOCIALISTAS

> Esses relógios (...) servem para a propaganda permanente da aspiração pela conquista do limite máximo de 8 horas de trabalho diário, pois que na capa trazem os dísticos, feitos em relevo: "8 horas de trabalho, 8 horas de instrução e 8 horas de descanso. Operários de todo o mundo, uni-vos!"[290].

O trecho citado, que pode soar hilário aos leitores (como soou a mim), mostra a tentativa dos militantes socialistas de introduzir as suas idéias no cotidiano operário, de inscrevê-las, literalmente, nas mentes e corpos dos trabalhadores.

No mesmo ano, Xavier da Costa escreveu uma "Carta aberta" ao General José Gomes Pinheiro Machado, "senador e grande eleitor da República". Nela, o remetente, como já havia feito nas suas cartas abertas anteriores, colocou-se em posição de inferioridade e subordinação diante do destinatário. Contudo, dessa vez, tal submissão foi expressa de forma ambígua, denotando uma postura menos amistosa da parte do líder socialista:

> Senador general!
> Por mim a quem não conheceis e nem tendes interesse em saber quem sou, por mim, humilíssimo operário e pelos, como eu, igualmente operários e que são meus companheiros da redação de *A Democracia* - por desejo dos quais escrevo estas linhas - apresento-vos saudações muito reverentes, como o ordena a praxe às pessoas que se querem mostrar polidas ante uma entidade superior como é Vossa Excelência.

O autor, depois de reconhecer a grande influência de Pinheiro Machado nos rumos do regime republicano - "a política nacional está sob vossa direção, o governo e o Congresso vos obedecem como bons soldados obedecem ao chefe" -, pediu a sua interferência no sentido de promover a discussão e aprovação do projeto de lei de proteção aos operários em caso de acidentes de trabalho, apresentado à consideração da Câmara dos Deputados "há dois anos, pouco mais ou menos (...)". Segundo Francisco, essa solicitação devia-se, por um lado, à inexistência de qualquer forma de

[290] *A Democracia*. Porto Alegre, 19/05/1907. p. 3 (MCSHJC).

proteção ao operário acidentado e, por outro, ao fato de que "o operariado do Rio Grande do Sul (...) acorda-se, abandona a aparência de fóssil em que jazia há longos anos e exige direitos seus inconcussos, sacratíssimos, que lhes foram usurpados por efeito da viciosa e viciadora organização social de outras plagas, macaqueada neste país em que nascemos". Ao concluir, o remetente solicitou ao Senador: "juntai aos muitos títulos de benemerência que possuis o de vos interessardes também pela sorte da maioria do povo que trabalha - que é a classe operária!"[291].

* * *

No primeiro semestre de 1908, o *A Democracia* deixou de circular "(...) devido às demasiadas dificuldades opostas, intencionalmente, à sua feitura material em oficinas dirigidas, administradas ou de propriedade de inimigos, francos ou jesuítas, da organização profícua do operariado"[292]. Algum tempo depois, o Club Imprensa Operária resolveu lançar outro periódico voltado aos interesses dos trabalhadores, sendo Xavier da Costa, como de praxe, o redator chefe[293]. Esse novo órgão, intitulado *Avante!*[294], seguia a mesma linha do antecessor e, de acordo com o

[291] *A Democracia.* Porto Alegre, 30/01/1907. p.p. 1-2 (APAXC). O pedido de Xavier da Costa, aparentemente, não surtiu o efeito desejado pois a primeira lei sobre indenização dos acidentes de trabalho na legislação brasileira, proposta e defendida pela bancada gaúcha, foi aprovada apenas em 15 de janeiro de 1919. PETERSEN, S. R. F. *As greves...*, op. cit., p. 280.

[292] *Avante!* Porto Alegre, 30/06/1908. p. 1. Apud PETERSEN, S. R. F. *Guia...*, op. cit., p. 23. Essas críticas dirigiam-se à Livraria Americana, na qual, segundo o *Avante!*, o custo de impressão era alto e os atrasos, freqüentes. Além disso, o próprio gerente do estabelecimento havia se negado a continuar imprimindo o periódico. Ver: *Avante!* Porto Alegre, 17/06/1908. p. 1 (NPH) e JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. *Comunicação e militância: a imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923).* Porto Alegre, CPG em História da PUCRS, 1990 (dissertação de mestrado). p.p. 76-7.

[293] *Echo do Povo.* Porto Alegre, 07/05/1908. p. 1 e 28/05/1908. p. 2 (FIB - MCSHJC).

[294] Esse título parece indicar uma íntima vinculação do periódico porto-alegrense com a folha homônima de São Paulo. Ver: PETERSEN, S. R. F. *Guia...*, op. cit., p. 23 e o artigo "A projetada expulsão do socialista Vicente Vacirca" no *Avante!* Porto Alegre. 24/07/1908. p. 4 (APAXC).

editorial de apresentação, propunha-se a "agitar os ânimos lassos dos trabalhadores vencidos e humilhados pelos senhores do regime a que estamos submetidos"[295].

Não consegui descobrir por quanto tempo o *Avante!* circulou mas, ao que tudo indica, sua publicação restringiu-se ao ano de 1908[296]. Nos dois números localizados[297], encontram-se textos teóricos sobre o socialismo, críticas ao descaso dos poderes públicos em relação às habitações populares, denúncias da exploração sofrida pelos empregados de certas fábricas, convites para assembléias de sociedades operárias etc. Além disso, há referências à militância de Xavier da Costa. Fica-se sabendo, por exemplo, que ele participou da comemoração do 109° aniversário da "tomada e destruição da Bastilha pelo povo de Paris", promovida pela Sociedade Auxiliadora Operária de São Leopoldo[298].

No mesmo período do aparecimento do *Avante!*, o *O Independente* homenageou o líder socialista, dedicando-lhe a seção "Tipos e figuras", na qual foram exaltadas as suas qualidades pessoais: "merecida e justa é a homenagem que prestamos hoje ao sr. Francisco Xavier da Costa, o lutador tenaz que, pela sua força de vontade, amor e constância ao trabalho e atilada inteligência, conseguiu galgar a posição que ocupa no nosso meio social". Na continuidade, o jornal apresentou dados biográficos do personagem, inclusive alguns não disponíveis em outras fontes:

> Como operário, já subiu na tribuna do júri para defender um outro operário - fato único até então no Brasil.
>
> .....
>
> Em diversas localidades foram fundados clubes operários, graças aos esforços do intemerato batalhador Francisco Xavier da Costa, bem como muitas aulas noturnas, para operários, nesta capital, nas quais ele leciona, sendo o professor assíduo e desinteressado[299].

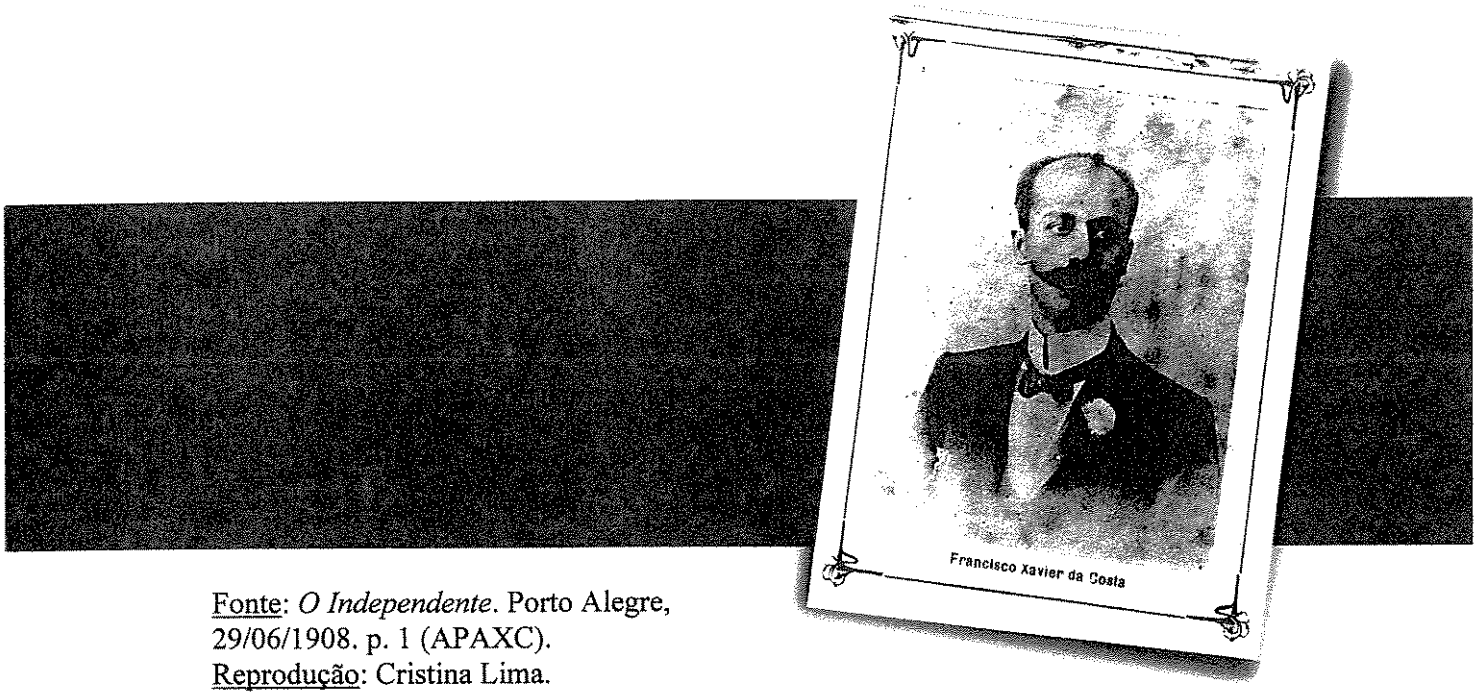
---

[295] *Avante!* Porto Alegre, 17/07/1908. p. 1 (NPH).
[296] Consultar: JARDIM, J. L. P., op. cit., p. 77.
[297] *Avante!* Porto Alegre, 17/07/1908 (NPH) e 24/07/1908 (APAXC).
[298] *Avante!* Porto Alegre, 24/07/1908. p. 4 (APAXC).
[299] *O Independente*. Porto Alegre, 29/06/1908. p. 1 (APAXC).

Encimando tais palavras, *O Independente* estampou um retrato do homenageado, que se tornou a "imagem oficial" de Xavier da Costa na época, reproduzido em diversas outras publicações[300]. Na ilustração, o semblante do modelo parece transmitir as qualidades morais a ele atribuídas pelo periódico: tenacidade, perseverança, força, coragem, seriedade. As roupas escolhidas revelam a sua vontade de mostrar-se digno e respeitável diante da sociedade local, idéia reforçada por D. Anita Xavier da Costa: "como tu sabes, naquele tempo, aqueles colarinhos alto, altas horas da noite, dez horas eram altas horas da noite, a minha mãe estava com o ferro engomando, engomando aqueles colarinhos, para o meu pai estar sempre alinhado, que ele gostava de estar sempre apresentável"[301].

[300] Ver, por exemplo: *Echo do Mar*. Rio de Janeiro, 25/12/1909. p. 1 (APAXC); *Xavier da Costa: oferecido por um grupo de amigos*. Porto Alegre, 03/12/1911. p. 1 (publicação avulsa - MCSHJC) e, posteriormente, MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa*...., op. cit. O mesmo retrato serviu de base a um desenho que decora a sala de visitas de D. Anita Xavier da Costa, de autoria do pintor, carpinteiro e militante anarquista uruguaio Anastácio Gago Filho. Consultar: RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Rio de Janeiro, VJR, 1994. V. 1, p.p. 71-2.

[301] Entrevista ao autor, op. cit. A historiadora Michelle Perrot, tratando da Europa do século XIX, também destaca essa preocupação dos operários com a aparência: "Significativamente, o item em expansão nos orçamentos operários da época é o vestuário. E esse cuidado com a apresentação implica toda uma relação com o espaço público (...). Como os operários enfrentam uma auto-imagem onde a sujeira e o desalinho marcam sua inferioridade, a dignidade operária passa pelo 'bom aspecto', a *bella figura* dos italianos. Uma roupa conveniente permite que se misturem sem vergonha à festa urbana, que 'saiam'". PERROT, Michelle. Os operários, a moradia e a cidade no século XIX. In: ___. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p.p. 103-4.



Fonte: *O Independente*. Porto Alegre, 29/06/1908. p. 1 (APAXC).
Reprodução: Cristina Lima.

É possível acompanhar outros momentos da trajetória do líder socialista pelas páginas do *Echo do Povo*, fundado em 7 de maio de 1908[302]. Segundo o jornal, em maio desse ano, ele foi orador oficial da sessão solene alusiva ao 3° aniversário da sociedade União Bailante e, em setembro, da cerimônia de batismo do estandarte da União dos Pedreiros[303]. Enfim, Xavier da Costa - não obstante as controvérsias e boatos suscitados pela sua atuação - continuou a ter uma influência significativa no movimento operário local e a ser reconhecido como "adepto fervoroso do socialismo" e "destemido batalhador da classe operária"[304].

Cavaco, por seu turno, também recebeu manifestações de apreço dos trabalhadores organizados do estado. Em 12 de abril de 1908, por exemplo, o Congresso Caixeiral prestou-lhe uma homenagem e, no dia seguinte, o Tribuno pronunciou uma conferência, sob os auspícios dessa sociedade, sobre o tema "A

[302] Os proprietários do *Echo do Povo* eram Abel Zacarias da Paixão e Antônio Heit, companheiros de militância e amigos pessoais de Francisco. O jornal também contava com a colaboração de Cavaco. *Echo do Povo*. Porto Alegre, 07/05/1908. p.p. 1 e 3 (MCSHJC).
[303] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 21/05/1908. p. 2 e 17/09/1908. p. 1 (FIB - MCSHJC), respectivamente.
[304] *O Independente*. Porto Alegre, 29/06/1908. p. 1 (APAXC).

Idade". Na ocasião, Armando Barros Cassal, referindo-se ao orador, disse: "(...) Cavaco, o defensor do proletariado, o patriota convicto, tem encontrado no seu caminho os inimigos baratos que, a semelhança de víboras, atravessam-se na estrada prontas para o salto traiçoeiro; mas basta que o pegureiro alce a voz, branda o látego, e os répteis fugirão espavoridos..."[305].

No mesmo ano - valendo-se de seus dotes de oratória e aproveitando-se do princípio da liberdade profissional vigente na Constituição gaúcha - Cavaco começou a advogar. Afinal, nessa época, os advogados utilizavam-se mais da eloqüência do que dos autos (que raramente folheavam) para soltar ou condenar um réu, transformando os júris em torneios de lirismo derramado[306].

* * *

Ainda em 1908, no contexto das eleições municipais de Porto Alegre - como havia ocorrido no ano anterior na disputa entre Carlos Barbosa e Fernando Abbott pelo governo do estado -, os grandes partidos buscaram conquistar os votos do operariado. Porém, se, naquela ocasião, os líderes socialistas dividiram-se quanto ao apoio (Cavaco) ou não (Xavier da Costa) ao candidato dissidente, agora, o Partido Operário passou a apoiar e integrar a chapa oposicionista[307].

---

[305] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 66-7 (sem referência da fonte).
[306] Parágrafo baseado em RUSCHEL, N., op. cit., p. 41. Segundo Caggiani, "(...) Cavaco fazia uma advocacia de caridade. Defendia gratuitamente, quanto cidadão que escondia na barriga do outro, um palmo de aço ou uma polegada de chumbo, ou que metia a 'mão viva' (hoje mão boba), no bolso alheio para matar a fome". E ainda: "como advogado, trabalhando tão somente na defesa, Carlos Cavaco também marcou época não só em Porto Alegre como no interior do Rio Grande do Sul. Quando a imprensa anunciava sua presença na tribuna forense, as dependências do Tribunal eram sempre pequenas para receber todos aqueles que para ali acorriam com o propósito de ouvir sua palavra". CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 81.
[307] SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade...*, op. cit., p. 14.

Convém salientar que, desde 1896, seguindo o princípio positivista do continuísmo administrativo, o posto de intendente da capital gaúcha era ocupado por José Montaury de Aguiar Leitão, homem de confiança do PRR[308]. Em 1908, formou-se uma frente de oposição para disputar o governo municipal, encabeçada por Antão de Farias, representante do Partido Republicano Democrático[309]. Esse apresentava-se como "candidato popular" e obteve o apoio de federalistas e socialistas, constituindo-se, então, a chamada "Tríplice Aliança"[310].

No dia 18 de junho, realizou-se uma conferência entre Farias e os organizadores da chapa popular. Segundo o *Echo do Povo*, o Partido Operário decidiu apoiar o candidato oposicionista e indicou o nome do marceneiro Luiz Leopoldo Wetter para a lista de postulantes ao Conselho Municipal[311]. Esse Partido reapareceu

---

[308] BAKOS, M. *Porto Alegre...*, op. cit., p. 42.

[309] O Partido Republicano Democrático foi fundado em Santa Maria no dia 20 de setembro de 1908 por Assis Brasil, com o apoio de Fernando Abbott. TRINDADE, H., op. cit., p. 150.

[310] O *A Federação* procurou desmentir, em diversos artigos, o caráter "popular" da chapa oposicionista. Em 8 de agosto de 1908, por exemplo, afirmou: "A candidatura não é popular, é federo-democrática". E, no dia 10 do mesmo mês, ressaltou: "O candidato [Antão] não é popular, surgiu dos conciliábulos entre federalistas e democratas (...)". O periódico governista também buscou demonstrar que muitos operários estavam apoiando o candidato da situação e, nesse sentido, publicou um manifesto com vinte assinaturas, "(...) convidando os nossos colegas da Liga Operária a sufragarem o nome do Dr. José Montaury de Aguiar Leitão, ao cargo de Intendente desse Município". *A Federação*. Porto Alegre, 08/08/1908. p. 2; 10/08/1908. p. 1 e 23/09/1908. p. 1 (MCSHJC), respectivamente. Já o *A Luta* aconselhou o operariado a não se envolver com nenhuma das chapas em disputa e informou: "(...) a União Operaria Internacional (...) deliberou negar todo seu concurso a quaisquer manejos políticos, dirigindo sua ação unicamente no sentido de obter vantagens econômicas sobre os patrões". *A Luta*. Porto Alegre, 26/09/1908. p. 3. Ver ainda, no mesmo jornal, os artigos "A encíclica do partido..." (13/09/1908. p.p. 1-2) e "A comédia eleitoral" (26/09/1908. p. 2) (NPH).

[311] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 19/06/1908. p.p. 1 e 3. Segundo o mesmo jornal, em seu número de 06/08/1908, p. 2, a chapa oposicionista ficou assim organizada. Para intendente: Antão Gonçalves de Farias, engenheiro. Para conselheiros: Graciano Alves Azambuja, fazendeiro; Luiz Wetter, operário; Ten. Cel. Ernesto C. Fontoura, proprietário; Henrique Schmitt, negociante; Edmundo Dreher, comerciante; Apelles Porto Alegre, professor; Francisco C. Freitas, farmacêutico; Dr. Conrado Campos Penafiel, engenheiro e José R. Souza Moura, proprietário. Cito também a nominata do PRR, publicada no *A Federação* de 01/08/1908, p. 1, na qual não consta a profissão dos candidatos (alguns já mencionados anteriormente nessa tese). Para intendente: José Montaury de Aguiar Leitão. Para conselheiros: Francisco Alves Bastos, Cel. Mario Pereira Pinto, Ten. João Christiano Wlitgen, João Henrique Aydos, Miguel Weingärtner, Dr. Joaquim Antônio Ribeiro, Major Alberto Bins, Cel. Joaquim Ilha da Fontoura e Ten. Cel. Victor Henrique da Silva (MCSHJC).

Caggiani, ao comentar as eleições de 1908 em Porto Alegre, afirma: "Xavier da Costa, que manobrara mas não conseguira ser indicado deputado estadual, quer testar a força eleitoral da classe operária metropolitana. Carlos Cavaco também quer testar a força eleitoral da fatia que lhe cabe nesse jogo. Assim, ambos não concorrem à vereança e lançam um candidato operário, o desconhecido

no início de 1908[312], fato comentado ironicamente pelo "A Luta" (com uma provável referência maldosa a Francisco):

> - E o partido operário?
> - Nasceu morto.
> - Como ser d'outra forma, se tinha como parteiro, a assistir-lhe o nascimento, o coveiro-mor das associações operárias[313].

Em 3 de setembro, Manoel Campos questionou, no *Echo do Povo*, a legitimidade e a eficácia política do ingresso do Partido Operário na "Tríplice Aliança":

> O partido operário formando na vanguarda de grupos políticos, em completo antagonismo com as suas idéias, não pode haver maior disparate, maior incoerência.
> .....
> O senhor Wetter, único candidato operário ao cargo de conselheiro, é um cidadão honesto, prestimoso e bem intencionado, conhecemo-lo pessoalmente.
> Mas, no caso de ser eleito, o que conseguiria esse laborioso homem de bem de sua classe, recebendo do conselho forte oposição da parte dos burgueses em maioria?
> A classe operária, que tem o seu partido, - arregimentado ou não - deve apresentar-se só, pleiteando a eleição, nunca fazendo cauda à coligações que vem de prejudicá-los[314].

Tal declaração foi criticada por Francisco Xavier da Costa no *Avante!*, o que parece confirmar seu apoio à chapa de oposição[315]. Cavaco, igualmente, aderiu à candidatura de Antão de Farias. Durante a campanha, o Tribuno pronunciou inúmeros discursos. Em um deles, bradou: "Operário, levanta-te! Desdobra sobre a tua cabeça altiva a bandeira do teu direito! Ergue-te! Deixa a humilde posição do sentido, porque

---

marceneiro Luiz Leopoldo Wetter. Francisco Xavier da Costa o apoia com seu Partido Operário, fundado em 1905, e Carlos Cavaco com o Partido Socialista de Porto Alegre. Cavaco e Wetter são os fundadores deste último partido". CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 64-5.

[312] O Partido Operário foi fundado em 1905 por Xavier da Costa e seus companheiros e, depois de envolver-se nas disputas eleitorais daquele ano, não teve maior continuidade (ver seção 3.1).

[313] *A Luta*. Porto Alegre, 08/03/1908. p. 3 (NPH).

[314] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 03/09/1908. p. 1 (MCSHJC).

[315] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 01/10/1908. p. 2 (MCSHJC). Cabe lembrar que, em novembro de 1905, Xavier da Costa interpelou a diretoria da União dos Trabalhadores em Madeira, questionando a realização de uma conferência de Antão de Faria na entidade.

a vitória da tua causa será a mais bela vitória da humanidade![316]. Porém, não obstante os esforços dos socialistas, a situação, mais uma vez, saiu vitoriosa do pleito realizado em 28 de setembro[317].

Apesar disso, Cavaco deu continuidade à organização do Partido Socialista. Em 1° de outubro, o *Echo do Povo* noticiou: "(...) brevemente será publicado o programa, assinado por quatrocentos cidadãos, do novo partido socialista rio-grandense, do qual fará parte o nosso colega Carlos de Araújo (Cavaco), propagandista da classe operária, e o Sr. Luiz Wetter"[318]. Ao lançar as bases do Partido, o Tribuno afirmou:

> Queremos os direitos equiparados, a diminuição dos impostos, a diminuição do horário e aumento do salário do trabalhador, a proteção para o operário viver, a emancipação da mulher, que não pode ser, que não pode continuar sendo, a escrava disfarçada do homem, amarrada por um grilhão social! Queremos escolas em vez de quartel! Queremos a paz desta terra! Queremos igualdade humana e por isso bradamos resolutos: Viva a Revolução Social![319]

---

[316] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 53 (sem referência da fonte). Segundo o autor, esse discurso foi gravado em disco.

[317] ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1908. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria Americana, 1910. p.p. 25-30 (CMPOA). Ata da conclusão dos trabalhos da junta apuradora da eleição municipal (10/10/1908). De acordo com o documento, Montaury obteve 5.106 votos; Faria, 392 e Wetter, 425. O *A Luta* não perdeu a oportunidade de fazer piada desses resultado:
"- Como te fostes de eleições?
- Bem porque não fui!
- Vê! Pensei que fazias parte do 'partido' operário...
- Qual partido, nem mais partido! O partido operário existe na cachola dos chefes pretensiosos. Pois não vistes; diziam que só o 'partido' levaria às urnas prá cima de 1.000 eleitores e toda a votação na 'chapa aconselhada' não atingiu a 400!
- Então é mais um feto enterrado pelo... pai da criança...
- Certo!". *A Luta*. Porto Alegre, 25/10/1908. p. 4 (NPH).

[318] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 01/10/1908. p. 2 (FIB - MCSHJC).

[319] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 53 (sem referência da fonte). Segundo o autor, o discurso citado foi registrado em disco pela Casa Elétrica.

Nesse caso, constata-se uma certa coerência política da parte de Cavaco, que, em 1907, apoiou Fernando Abbott e, no ano seguinte, Antão de Faria, ambos pertencentes à dissidência republicana agrupada no Partido Republicano Democrático. Verifiquei, igualmente, que Pinto da Rocha e Alcides Maya - companheiros do Tribuno nas rodas literárias de Porto Alegre - também defenderam a candidatura oposicionista em 1908. Ver: *A Federação*. Porto Alegre, 12/08/1908. p. 1 (MCSHJC) e *Jornal da Manhã*. Porto Alegre, 04/08/1908. p. 1 (BRG). No último periódico, dirigido por Maya, pode-se ler: "essa candidatura [de Faria], além de inspirar muita confiança ao povo porto-alegrense, conta com o apoio decidido da briosa classe operária da capital do estado" (matéria reproduzida do *O Estado*, de Santa Maria).

A ausência de referências posteriores a essa agremiação permite inferir que o Partido criado por Cavaco e Wetter - como os demais partidos fundados anteriormente pelos socialistas - teve duração efêmera[320].

O "namoro" (ou seria melhor "flerte"?) - marcado por recusas, aproximações e afastamentos - entre os socialistas e os grandes partidos políticos gaúchos continuou em 1909. No mês de fevereiro, Xavier da Costa realizou uma conferência na sede da União dos Pedreiros. Em nome da Comissão Central da FORGS, ele iniciou dando "(...) explicações a respeito da inclusão de um candidato operário na chapa oficial para a deputação estadual".

> Continuou narrando que, havendo sido procurado na oficina em que trabalha pelo Coronel Marcos de Andrade, chefe local do partido dominante, disse-lhe este senhor, perante seus patrões e demais companheiros, que estava o Dr. Borges de Medeiros resolvido a dar uma cadeira de deputado a um representante da classe operária, e se o sr. Xavier da Costa se encarregasse de indicar, de acordo com seus companheiros, uma comissão de três membros, escolher-se-ia um, porém, opinando que o indicado fosse ele.

Francisco afirmou ter respondido que a decisão seria tomada em reunião da Comissão Central. Levada a efeito tal reunião, formou-se uma comissão mais reduzida, composta pelo orador e outros dois membros, do que foi dado ciência ao Cel. Marcos. Esse último procurou novamente Xavier da Costa e comunicou-lhe que fora ele o escolhido, "(...) porém com a condição de acompanhar o partido situacionista". O líder socialista, de acordo com o jornal, respondeu-lhe: "(...) se o operariado do Rio Grande do Sul deve submeter-se à prepotência dos governos para

---

[320] A fundação desse Partido talvez tenha provocado cisões entre os socialistas porto-alegrenses. Pelo menos é o que se pode deduzir do seguinte diálogo, bastante cifrado, publicado no *Echo do Povo* em 8 de outubro:
"- É verdade que agora temos dois partidos socialistas?
- Como dois? Por enquanto eu vejo só um, ainda em via de organização; é apenas em perspectiva...
- Isso não é (sic) dois partidos; são dois pobres a uma porta só...".
O mesmo jornal informou que, no início de 1910, Wetter mudou-se para a localidade de Lomba Grande. *Echo do Povo*. Porto Alegre, 08/10/1908. p. 2 (MCSHJC) e 07/02/1910. p. 2 (FIB - MCSHJC), respectivamente.

ter um representante na Assembléia, jurava pela honra de sua família, esse representante não seria ele (...)". Segundo a matéria,

> Prolongadas salvas de palmas interromperam neste ponto o conferencista, que prosseguiu demonstrando como mais uma vez ficou provado o que se pode esperar das promessas políticas, e concitando os operários a reunirem-se, orientarem-se, agirem do per si, para que possam conseguir os direitos que lhe são negados, pois que já afirmou Carlos Marx: "A emancipação do proletariado deve ser obra dele mesmo"[321].

O episódio acima indica que Xavier da Costa continuava a exercer uma influência significativa no movimento operário local, razão pela qual teria sido convidado a compor a chapa situacionista. Afinal, o Cel. Marcos conhecia muito bem o eleitorado porto-alegrense (ver seção 3.1) e não escolheria um representante dos trabalhadores desprestigiado junto a seus companheiros e, em conseqüência, incapaz de atrair simpatias ao PRR (ainda mais em um período de questionamento da hegemonia desse Partido, situação patenteada nas eleições de 1907 e 1908). Além disso, o líder socialista já havia atuado como mediador entre o operariado e as autoridades constituídas em outras ocasiões e, por isso, o seu nome, provavelmente, soava mais atrativo ao Presidente do Estado do que, é claro, os dos anarquistas.

Francisco, por seu turno, equilibrava-se entre a aspiração de participar do jogo político-eleitoral (senão porque formar a comissão solicitada pelo Cel Marcos?) e a defesa da independência da luta operária, expressa na frase citada de Marx.

Enfim, apesar da enfática negativa do personagem ao convite de Borges, verifica-se, mais uma vez, o poder de sedução dos grandes partidos sobre os líderes socialistas gaúchos. Para os primeiros, a incorporação da classe operária levaria ao aumento e à diversificação de suas bases eleitorais; para os segundos, à possibilidade

[321] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 12/03/1909. p. 1 (FSP - MCSHJC).

de interferir nos rumos políticos e administrativos do país, o que era a grande aspiração dessa tendência.

Ao longo do ano de 1909, Xavier da Costa continuou desenvolvendo sua militância tanto nas associações operárias como na imprensa. Alguns exemplos: em 19 de março, ele voltou a criticar as autoridades estaduais na sessão da União dos Metalúrgicos, convocada "(...) a fim de se tratar da atitude a assumir, em vista do decreto do Governo do Estado, criando uma oficina de serralheria na Casa de Correção dessa capital". No encontro, o Sr. Clauss, proprietário de uma serralheria, expôs, "(...) em alemão e com poucas frases (...)", o motivo da reunião. Esse foi repetido em português por Francisco,

> (...) que acrescentou ser esse decreto uma prova da pouca importância e falta de consideração dispensados pelos governos à classe operária, e que o fato de haver a assembléia estadual votado 50 contos para instalar uma oficina mecânica unicamente para fabricar fechaduras quando essa instalação poderia ser realizada apenas com 10 ou 12 contos, demonstra claramente que não se trata disso mas sim de uma oficina completa para fabricar camas, cofres etc., fazendo concorrência às outras serralherias, e tornando-se assim um prejuízo, não só para os srs. proprietários como, principalmente, para os operários (...)[322].

Em julho, o líder socialista recebeu o título de sócio benemérito da Liga dos Pintores, da qual foi um dos organizadores[323]. Posteriormente, pronunciou o discurso oficial na reunião convocada pela Comissão Central da FORGS em homenagem à memória de Francisco Ferrer, quando bradou: "(...) a boa semente que o assassinado de Barcelona lançou na alma do povo germina e germinará! (...) Glória à memória do Mártir! Salve! Espanha proletária em marcha para a tua redenção"[324]. No mês seguinte, a diretoria da União Metalúrgica convidou-o para ser o orador oficial na sessão solene alusiva ao terceiro aniversário da entidade[325].

---

[322] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 19/03/1909. p. 2 (FIB - MCSHJC).
[323] *O Exemplo*. Porto Alegre, 01/08/1909. p. 1 (IIHS).
[324] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 18/10/1909. p.p. 1-2 (FIB - MCSHJC).
[325] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 01/11/1909. p. 2 e 08/11/1909. p. 2 (FIB - MCSHJC).

Na mesma época, foram criadas algumas associações de cunho recreativo e cultural, as quais visavam ocupar os trabalhadores nos seus momentos de lazer, atraindo-os para o movimento operário e promovendo a sua "elevação cultural"[326]. Entre elas, destaca-se o Grêmio Dramático Operário Xavier da Costa, cujo nome denota o prestígio do personagem nesse movimento. No dia 11 de outubro, o *Echo do Povo* informou estar a referida sociedade "(...) em estudos, para ser reapresentado (...) o emocionante drama em 3 atos, original de Domingos Fernandes e denominado *Negros e negreiros*"[327].

A influência de Xavier da Costa fazia-se sentir não apenas em entidades de trabalhadores de Porto Alegre mas também junto a agremiações localizadas no interior gaúcho e mesmo em outros estados. Assim, em 13 de novembro de 1909, ele recebeu o diploma de sócio benemérito da União Operária de Cruz Alta, com "(...) votos de solidariedade na sua campanha pela organização e alevantamento da classe operária do Rio Grande do Sul"[328]. No final do ano, o jornal *O Echo do Mar*, propriedade das Associações de Marinheiros e Remadores e da União dos Foguistas do Rio de Janeiro, apresentou dados que atestam o prestígio do personagem nas associações operárias do país:

> Xavier da Costa é sócio honorário e benemérito das sociedades União dos Pedreiros, Liga dos Pintores, União dos Estivadores, Associação dos Funileiros de Porto Alegre, União dos Trabalhadores em Madeira, União Metalúrgica, União dos Empregados em Padaria,

---

[326] Ver, por exemplo: *Echo do Povo*. Porto Alegre, 27/09/1909. p. 2 (sobre a Banda Musical Operária); 25/10/1909. p. 2 (sobre a Sociedade Musical Lyra Operária); 01/11/1909. p. 1 e 08/11/1909. p. 2 (sobre o Centro Esportivo Operário) (FIB - MCSHJC).

[327] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 11/10/1909. p. 1 (FIB - MCSHJC). Em 17 de janeiro de 1910, o periódico noticiou a posse da nova diretoria do Grêmio, presidida pela Sra. Asergia Della Poza, e acrescentou: "cabe a essa sociedade entre as suas congêneres operárias do Rio Grande do Sul ou, quiçá do Brasil, a primazia de haver tornado real e efetivo o direito da elegibilidade da mulher" (p.p. 2-3). Sobre o Grêmio Dramático, consultar também, no mesmo jornal, os números de 15/11/1909. p. 1; 10/01/1910. p. 2; 29/01/1910. p. 3; 07/03/1910. p. 2 e 06/07/1911. p. 2 (FIB - MCSHJC).

[328] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 15/11/1909. p. 2 (FIB - MCSHJC). No APAXC, há um diploma, expedido pela União Operária de Cruz Alta, conferindo a Xavier da Costa o título de sócio benemérito, datado, contudo, de 21 de agosto de 1909.

> Grêmio Dramático Operário Xavier da Costa, Centro Esportivo Operário da cidade de Cruz Alta e outras.
>
> .....
>
> É também presidente da Comissão Central da Federação Operária do Rio Grande do Sul e representante da Sociedade União dos Foguistas e Associação de Marinheiros e Remadores do Rio de Janeiro, nos casos de defesa dos interesses dos sócios destas duas associações, em Porto Alegre[329].

No que tange à imprensa, o líder socialista colaborou com vários jornais porto-alegrenses e representou outros de fora do Rio Grande do Sul, entre eles o citado *O Echo do Mar*[330]. Em setembro de 1909, tornou-se diretor de redação do *Echo do Povo* a convite de seu antigo companheiro Antônio Heit, possivelmente no lugar de Abel Zacharias da Paixão. De acordo com o primeiro, o periódico "(...) sob a minha responsabilidade intelectual não sofrerá modificações em seu programa. Folha independente e imparcial foi (...) quando surgiu, e assim manteve-se; independente e imparcial é e será enquanto eu dirigi-lo". E acrescentou, em uma provável referência às críticas por ele sofridas de "amoldamento a qualquer caráter": "tenho o orgulho de ser um dos inamoldáveis a situações dúbias; abomino as covardias e as violências injustas (...)"[331].

Esse processo de reabilitação da imagem pública de Xavier da Costa[332] - depois dos desgastes sofridos na greve de 1906 e nos enfrentamentos com os anarquistas - atingiu seu ponto alto na comemoração do "aniversário natalício" do personagem, em 3 de dezembro de 1909. Naquela data,

> Às 8 horas da noite, grande número de operários, representando as diversas associações obreiras, tendo à frente a banda musical Lyra Operária foi a residência daquele nosso amigo apresentar-lhe felicitações (...). Saudou-o o nosso jovem e talentoso amigo Pedro Gianette (...). Usaram ainda da palavra, os Srs. Affonso Ferreira da Silva, presidente

---

[329] *O Echo do Mar*. Rio de Janeiro, 25/12/1909. p. 1 (APAXC).
[330] Idem. Ver também: *Echo do Povo*. Porto Alegre, 09/07/1909. p. 2 (FIB - MCSHJC).
[331] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 20/09/1909. p. 2 e 04/10/1909. p. 1 (de onde extrai a citação) (FIB - MCSHJC).
[332] Expressão inspirada em BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit., p. 79.

> da Associação dos funileiros; Luiz Derivi, pela União dos Pedreiros, e Nelson Nunes em nome do *Echo do Povo* (...)[333].

Alguns dias depois dos festejos, reuniram-se, novamente na residência de Xavier da Costa - agora localizada na Rua Santo Antônio, nº 181, onde D. Anita mora até hoje -, "(...) os presidentes das sociedades obreiras federadas dessa capital, a fim de tratarem a respeito da construção do prédio da classe operária"[334]. Conforme será visto mais adiante, tal projeto teve conseqüências significativas no delineamento da trajetória política de Francisco.

* * *

Antes, porém, cabe acompanhar as andanças de Carlos Cavaco em 1909. Não encontrei referências à atuação do personagem no movimento operário nesse período. Provavelmente, ele continuou aliando sua militância em prol do Partido Socialista, fundado no ano anterior, com o apoio ao Partido Republicano Democrático, já manifestado nas eleições de 1907 e 1908. Tal fato motivou um comentário irônico do *A Luta*:

> O Sr. Carlos Cavaco há tempo publicou um manifesto socialista, no qual assinava-se como chefe do respectivo partido.
>
> Agora, porém, o mesmo Sr., publica outro manifesto dizendo que foi, é e será democrata, obedecendo à chefia do Dr. Fernando Abbott.
>
> Que diabo disto é aquilo? O Sr. Cavaco é democrata ou socialista?
>
> É chefe ou obedece a outro chefe?
>
> Resta sabermos a opinião do diretório central do partido socialista; talvez haja alguma dissidência... A época é de efervescências políticas[335].

---

[333] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 06/12/1909. p.p. 1-2 (FIB - MCSHJC). O *Echo do Mar* também saudou o aniversariante, caracterizando-o como "(...) uma figura de destaque no meio operário do Brasil e adepto fervoroso do socialismo (...)". *O Echo do Mar*. Rio de Janeiro, 25/12/1909. p. 1 (APAXC).

[334] O convite para essa reunião aparece no *Echo do Povo*. Porto Alegre, 06/12/1909. p. 2 (FIB - MCSHJC).

[335] *A Luta*. Porto Alegre, 16/01/1909. p. 4 (NPH).

Naquele momento, a atenção de Cavaco parece ter se voltado especialmente às atividades artísticas. Assim, desde outubro de 1908, a imprensa anunciava estarem muito adiantados os ensaios do drama em três atos de sua autoria *A carta anônima*, a cargo da Sociedade Filhos de Thalia[336].

A peça[337], um dramalhão romântico bem ao gosto da época, narra a triste história de Mauro e Carmem. O primeiro, poeta de "alma sonhadora", chegou à aldeia onde habitava a moça em "busca de novos ares" (p. 56). Depois de viverem um grande amor e ficarem noivos, Mauro começou a receber cartas anônimas, escritas por um "cruel e desconhecido inimigo de nossa família" (p. 57), denunciando uma suposta traição de sua amada[338]. O jovem deixou-se "arrastar pelo ciúme cruel" (p. 29) e partiu para nunca mais voltar. Carmem, tomada de enorme tristeza, entrou para um convento. Dez anos mais tarde, a heroína estava muito doente, provavelmente com tuberculose conforme convinha aos cânones românticos do século XIX, ainda vigentes na pena de Cavaco. Em um dado momento, ela tossiu e, levando o lenço à boca, retirou-o "com nódoas de sangue" (p. 49). Sentido a morte aproximar-se, pediu a presença de um confessor. Porém, que surpresa! Era Mauro o padre, o qual nem desconfiava da identidade da religiosa enferma. Carmem contou a ele sua história e confessou seu pecado: apesar de há dez anos vestir o burel de freira, continuava amando Mauro (p. 59). Esse acabou revelando ser:

> Mauro, que nunca te esqueceu... que se fez padre sem crenças... que procurou fugir do mundo pela porta da religião... e que, agora, a teus pés, conhecendo o muito que te fez sofrer injustamente (...) te pede

[336] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 01/10/1908. p. 2 (MCSHJC) e *O Exemplo*. Porto Alegre, 17/11/1908. p. 2 (IIHS).
[337] CAVACO, Carlos. *A carta anônima*. Porto Alegre, Oficinas Tipográficas da *Gazeta do Comércio*, 1909 (BPJP). Indiquei as páginas das citações no corpo do texto. Resolvi apresentar com mais detalhes o conteúdo e as repercussões dessa obra, por ser a primeira de Cavaco como dramaturgo e para dar uma idéia do estilo do autor em tal gênero literário.
[338] Conforme salientou a *Gazeta do Comércio*, o drama "(...) mostra (...) o erro e o mal que podem vir de uma denúncia anônima". Apud idem ibidem, p. II. Nesse ponto, o autor valia-se de sua experiência pessoal já que, como foi visto, ele recebeu ameaças e críticas anônimas ao longo da greve de 1906.

> perdão e te reclama para a vida, para o amor, longe daqui, muito longe, numa casinha esquecida entre a folhagem, onde não cheguem ruídos humanos!... Viveremos um para o outro, entrelaçaremos as nossas almas e trocaremos muitos beijos, muitas carícias, tendo somente o testemunho das aves, o palpitar das estrelas, o murmurar das fontes, o nascer das alvoradas, os crepúsculos silenciosos... Vamos, Carmem querida! (p. 60).

Mas era tarde, pois ela estava muito doente. O padre clamou aos céus por um milagre, mas nada aconteceu e Carmem morreu. O protagonista encerrava a peça com essas palavras: "Morta!... (...) Morta!... Como tudo é mentira na vida!... Mentira a esperança! Mentira a própria ilusão! Só existe uma verdade cruel - é a dor... É a dor!...".

Segundo a *Gazeta do Comércio*, na noite da estréia, o Teatro São Pedro "(...) estava inteiramente cheio: camarotes, cadeiras, galerias nobres, tudo repleto, existindo grande número de pessoas que assistiam à representação de pé por falta de localidades". No camarote presidencial, viram a encenação o ministro do Chile, sua esposa e seu secretário e o representante do presidente do Estado, Carlos Barbosa, o qual se encontrava de luto. Para o jornal, a noite marcou a "consagração artística" de Cavaco:

> Ao cair o pano sobre o final do primeiro ato tiveram começo as vibrantes ovações, que foram até o último ato do drama. Reclamado delirantemente pelos espectadores, Cavaco, a cada momento, surgia em cena por entre cerradas e longas salvas de palmas, vivas e aclamações entusiásticas da assistência.
>
> .....
>
> No palco, depois do último ato e durante as aclamações, foram arremessados, por espectadores entusiasmados, muitos chapéus, tocando, então, estas aclamações o delírio do maior entusiasmo[339].

Ao que tudo indica, *A carta anônima* consolidou a popularidade de Cavaco na sociedade porto-alegrense. Contudo, ele parece ter continuado a enfrentar resistências nos círculos literários da cidade, como se pode deduzir do seguinte trecho, extraído da apresentação do autor à publicação da peça:

> Este drama não se destina à glorificação, - é um simples ensaio, um leve experimento de forças intelectuais. Ficará na penumbra, porque o seu autor de há muito segue castigando, com a frase e com a escrita, toda essa malta de críticos baratos, que fazem rodas nos restaurantes, ou nos cafés, para trocarem elogios e se fazerem estimados pelos tímidos e pelos ignorantes[340].

Através dessa obra, Cavaco procurou apresentar outra faceta de sua personalidade: a do poeta lírico, do homem delicado. Não deixou, porém, de reforçar a sua imagem de protetor dos oprimidos, atribuindo esse papel - como convinha ao "herói romântico" que ele pretendia ser - a uma vocação interior e individual, ditada mais pela consciência e pelo coração do que pelos postulados de uma ideologia:

> A *Carta Anônima*, devo declarar, é um protesto contra o juízo errado que de mim se faz: "Revolucionário incorrigível"! "Polemista vermelho"! "Demagogo"! "Agitador das classes lutadoras"!
>
> Este drama, traçado, propositalmente em linguagem suave como a face dos lírios, leve como o sonho das crianças, combaterá, em grande parte a lenda trágica que cerca o meu nome de obscuro batalhador. Não sou um santo, mas também não sou o Demônio. Se mais de uma vez a minha voz ergueu o protesto das vítimas contra os carrascos, se a minha pena de jornalista se fez chibata em algumas ocasiões para vergastar as consciências criminosas, de tais coisas não me arrependo. Repugnou-me sempre o papel de Múmia. Os meus nervos quiseram vibrar? Pois fi-los vibrar. O meu espírito se quis revoltar contra os erros dos homens e da sociedade? Consenti nesta revolta, lutei e sigo lutando. A minha consciência é a minha conselheira; o meu coração é o meu guia[341].

Assim, entre a revolta e a melancolia[342], o personagem estetizou a sua existência e construiu a sua figura pública. É difícil averiguar como tais imagens repercutiram junto à sociedade local. Contudo, pode-se pensar que alguns dos contemporâneos de Cavaco concordavam com as palavras do jovem estudante Fernando Barreto, dirigidas ao Tribuno, na noite da segunda representação de *A Carta Anônima*: "a juventude de tua terra não sabe o que mais admira em ti: se o dramaturgo impecável, se o poeta espontâneo, melodioso e doce, se o orador forte e fluente, se o

---

[339] Apud idem ibidem. p.p. II-III.
[340] Idem ibidem, p. XIV.
[341] Idem ibidem, p. XIII.

polemista invicto, se o revolucionário ardente, se o propagandista simpático e convincente"[343].

Além de dedicar-se à literatura, Cavaco, em 1909, ao lado de Rosita, protagonizou o primeiro filme produzido no Rio Grande do Sul, o *Ranchinho do Sertão*[344]. Na verdade, a relação do personagem com o cinema havia começado um pouco antes, logo após a sua chegada a Porto Alegre, ao ser convidado por Francisco Damasceno Ferreira, agente das empresas cinematográficas francesas Gaumont e Pathé Frères, para fazer os textos de propaganda das fitas vindas de Paris. Segundo ele, "acompanhando o desenrolar das cenas, eu tomava notas, fazia apontamentos, para, no dia seguinte, ou depois, publicar, em 'rodapé' no *Correio do Povo*, folhetins, verdadeiras histórias feitas com os assuntos dos filmes"[345].

De acordo com Ruschel, Cavaco, "de tão habituado a fazer a publicidade do [cinema] Recreio Ideal (...), esmerou-se em fazer a própria, de sorte a que seu nome estivesse presente na boca do povo. Punha na música de conhecidas modinhas o seu apelido, sobretudo para incutir uma tendência de irresistível galã"[346]. A possibilidade de utilizar o cinema como veículo de promoção pessoal tornou-se ainda mais concreta

---

[342] Expressão de LÖWY, M. e SAYRE, R., op. cit. Segundo os autores, "(...) desde sua origem, o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da revolta e do 'sol negro da melancolia' (Nerval)" (p. 34).

[343] CAVACO, C. *A carta anônima*, op. cit., p. I.

[344] Na bibliografia consultada, há controvérsias quanto ao título desse filme: Caggiani chama-o de *Ranchinho de Palha* (CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 60-1), enquanto o cineasta e pesquisador Antonio Jesus Pfeil e o crítico Tuio Becker referem-se à película como *Ranchinho do Sertão* (PFEIL, Antonio Jesus. Cinematógrafo e o cinema dos pioneiros. In: BECKER, Tuio (org.). *Cinema no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, UE/Porto Alegre, 1995 e BECKER, Tuio. A primeira atriz de cinema. *Zero Hora*. Porto Alegre, 08/03/1997. p. 1 - Segundo Caderno).

[345] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 59 (sem referência da fonte). Segundo Cavaco, foi ele que solicitou ao seu "eminente amigo", Senador Pinheiro Machado, a nomeação de Francisco Damasceno Ferreira para o cargo de agente representante das empresas francesas, no que foi atendido "vinte e quatro horas depois". Apud idem ibidem, p. 57.

[346] RUSCHEL, N., op. cit., p. 39.

quando o personagem foi convidado pelos irmãos Eduardo e Francisco Hirtz[347] para interpretar o personagem principal de *Ranchinho do Sertão*.

Em sua edição de 27 de março de 1909, o *Correio do Povo* noticiou:

> Pela primeira vez, o Recreio Ideal exibirá hoje o *Ranchinho do Sertão*, cuja ação dramática foi extraída de uma das mais populares produções do malogrado poeta rio-grandense Lobo da Costa. Interpretam-na o nosso colega Carlos de Araújo Cavaco, sua exma. esposa, o jovem Alcides Luppi, o ator Machado e o sr. Ernesto Weyrauch. Esta vista nítida e bem apanhada é trabalho que muito recomenda o sr. Eduardo Hirtz, seu autor[348].

Rememorando posteriormente o episódio, Cavaco afirmou: "(...) preparei, com o auxílio de um ator, de nome Ribeiro, baiano, e pessoas de minha família, a fita cinematográfica, que 'rodou' nos arredores de Porto Alegre. Interpretei o principal papel - o de Vítor - galã gaúcho, montando, durante o filme, dois lindos cavalos (...). Foi um sucesso - artístico e de bilheteria". Apesar desse alardeado sucesso, o "galã gaúcho" recebeu críticas por sua participação na película:

> Alguns entenderam que eu, figurando no filme, me rebaixara qualquer coisa no conceito social... Artista de Cinema! Galã de filme cinematográfico!... Até um grande escritor patrício, de grande talento e cultura - Vivaldo Coroaci (sic) - me atirou, por tal motivo, o do Cinema, um punhado de "pó de mico", que eu revidei com um punhado... não sei de que. O caso é que, com *Ranchinho de Palha*, feito por mim, estava

---

[347] Os irmãos Eduardo e Francisco Hirtz eram proprietários da tipografia e litografia Hirtz & Irmão, estabelecida na capital gaúcha em 1904, onde, lembro, Xavier da Costa trabalhou no ano de 1906. Mais tarde, lançaram-se no ramo cinematográfico. Eduardo, sobretudo, destacou-se como investidor, tornando-se sócio de vários cinemas, e também como produtor e diretor. Segundo Pfeil, "ao perder uma concorrência, referente à realização de um documentário (...), Hirtz desgostoso reuniu o que até então tinha filmado e queimou num terreno baldio (...)". Ver: CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 59-60 e PFEIL, A. J., op. cit., p.p. 19-20.

[348] Apud BECKER, T. *A primeira...*, op. cit. e CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 60. Segundo o primeiro, "Rosita Luppi foi a estrela do primeiro filme de ficção do Rio Grande do Sul". Ao comentar a notícia do *Correio do Povo*, acrescenta: "sem muita sutileza, o nome da atriz desaparece sob a capa de sua função social: mulher do protagonista". Porém, apesar do silenciamento do jornal, percebe-se que Rosita era presença constante nas atividades públicas desenvolvidas pelo marido, fossem elas políticas ou artísticas, muitas das quais distantes do tradicional modelo de mãe-esposa-dona-de-casa difundido e valorizado na sociedade da época. Permito-me, nesse ponto, citar um trecho anterior do *A Democracia*, de dezembro de 1906, que, apesar de bastante danificado, pode ser indicativo da ligação da personagem com a causa dos trabalhadores: "Dentro de dois meses ou talvez menos estará ele [Cavaco] de regresso a Porto [Alegre] trazendo consigo sua [generosa] esposa d. Rosita [Luppi Araújo] que é também [ilegível] causa do proleta[riado]". *A Democracia*. Porto Alegre, 15/12/1906. p. 4 (MCSHJC).

> inaugurado o Cinema Brasileiro; talvez, mesmo, o Cinema Sul Americano[349].

Descontando-se a total falta de modéstia do personagem, a sua incursão cinematográfica mostra, mais uma vez, que Cavaco se arriscava em todos os empreendimentos potencialmente capazes de lhe trazer projeção e popularidade. Tal fato pode ser visto como resultado do trabalho sobre si por ele realizado a fim de construir uma imagem pública - a do herói romântico, irrequieto e novelesco -, na qual depositava a esperança da imortalidade. Segundo suas próprias palavras: "não houve no mundo inteiro um homem de letras, um jornalista, um escritor, que tivesse vida mais agitada, mais tumultuosa, mais discutida do que eu. Não utilizavam nunca, para mim, o meio termo: ou me admiravam até a morte, ou me odiavam, se possível... além da vida"[350].

* * *

Voltarei, agora, a tratar do projeto de construção do "prédio da classe operária", discutido em uma reunião dos presidentes das sociedades obreiras de Porto Alegre, realizada no final de 1909 e mencionada anteriormente.

Em 28 de fevereiro de 1910, o *Echo do Povo* noticiou que o intendente municipal José Montaury de Aguiar Leitão tencionava iniciar "(...) a construção de grande número de casas para operários, na várzea, nas imediações da Escola Militar". De acordo com a matéria, "o dr. Montaury mandou confeccionar vários orçamentos para esse belo empreendimento e conforme declarou, há dias, ao nosso companheiro Xavier da Costa, resolverá, depois de estudá-los meticulosamente, se a construção

[349] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 60-61 (sem referência da fonte).
[350] Idem ibidem, p.p. 57 (sem referência da fonte).

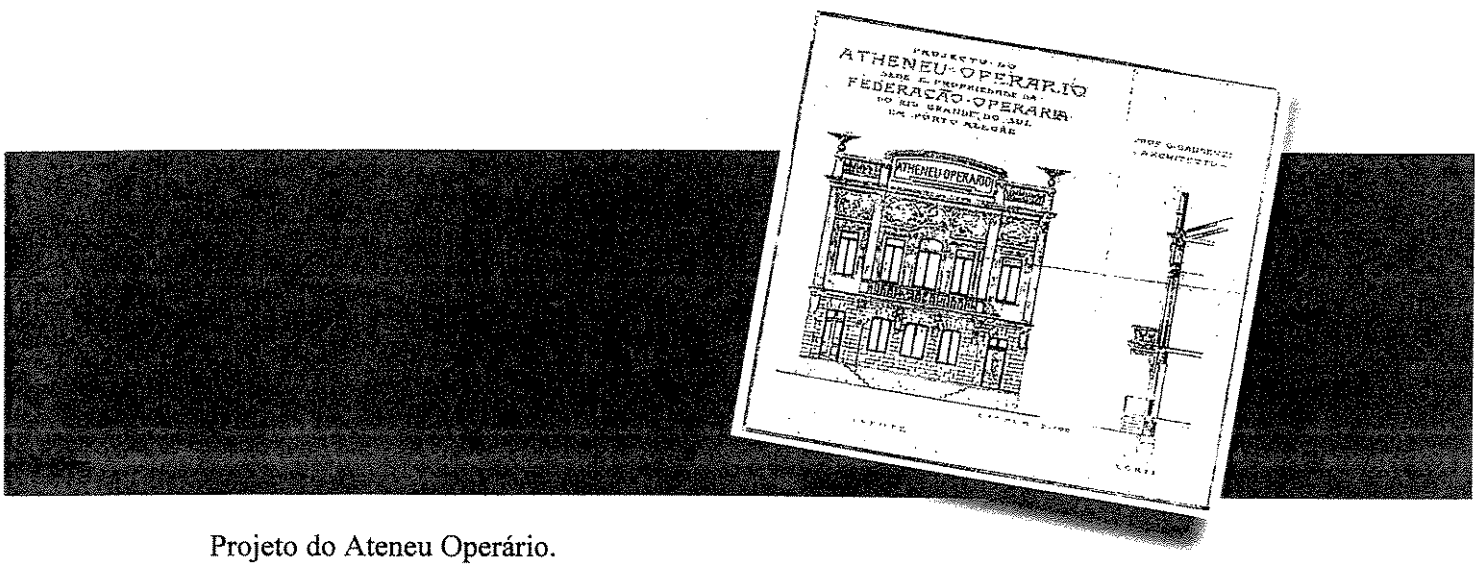
será levada a efeito por pessoal sob a direção da Intendência ou por alguma empresa particular (...)"[351]. Pode-se conjeturar que, nesse encontro do intendente com o líder socialista, o último reforçou o pedido de apoio à edificação de um Ateneu voltado ao operariado na mesma área onde seriam erguidas as referidas casas. Afinal, pouco tempo depois, o periódico informou: "tivemos ocasião, anteontem, de apreciar, na sede da Federação Operária do Rio Grande do Sul, a planta do Ateneu operário que, com o resultado de coletas entre o proletariado feitas pelas diretorias e comissões das respectivas sociedades, vai ser edificado no campo do Bom Fim, nas proximidades da Escola Militar".

O projeto despertou, segundo a notícia, "(...) entusiasmo (...) entre as sociedades operárias federadas desta capital (...)". Em relação à trajetória política de Xavier da Costa, mais especificamente, assinalou uma aproximação progressiva entre o militante e os poderes municipais.

Ainda seguindo a reportagem do *Echo*, fica-se sabendo que "o terreno para a edificação vai ser comprado com a verba para tal concedida pelo Conselho Municipal, em sua última legislatura, a pedido da Comissão Central da Federação Operária"[352]. E também: "Para tratar da escolha do terreno esteve no palácio da intendência, há dias, em conferência com o dr. José Montaury de Aguiar Leitão, o nosso companheiro Xavier da Costa, na qualidade de presidente da Federação Operária do Rio Grande do Sul"[353]. No mês seguinte, o escultor e arquiteto italiano Gaudenzi Giuseppe, professor do Instituto Técnico Profissional, espontânea e gratuitamente, entregou a Xavier da

[351] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 28/02/1910. p. 2 (FIB - MCSHJC).
[352] Em 2 de dezembro de 1909, o Conselho Municipal aprovou, sem discussão, o parecer que concedia a Francisco Xavier da Costa e outros um auxílio pecuniário até a quantia de cinco contos de réis. ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1909. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria Americana, 1910. p. 38 (CMPOA).
[353] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 07/03/1910. p. 2 (FIB - MCSHJC).

Costa, a planta do referido prédio[354]. Passados alguns dias, o *Echo do Povo* retomou o assunto, salientando que o líder socialista havia declarado, em reunião solene, ter a FORGS conseguido da municipalidade, "(...) e sem custar um vintém sequer à classe operária (...)", o terreno para a edificação do Ateneu, situado na várzea, quase em frente à Rua Felipe Camarão[355].



Projeto do Ateneu Operário.
Fonte: *O Diário*. Porto Alegre, 16/07/1911. p. 7. Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 187.
Reprodução: Bernardo Zortea.

Na manhã de 1° de maio de 1910, ao que tudo indica, durante os festejos do Dia do Trabalho, foi lançada a pedra fundamental do Ateneu e, à noite, realizou-se uma festa comemorativa em prol da construção do prédio, com a participação do Grêmio Dramático Operário Xavier da Costa e da Lira Oriental[356]. Apesar dessa animada campanha - evidenciada na realização de coletas, donativos, espetáculos teatrais, quermesses e festivais[357] -, em 1916, aparentemente, apenas o primeiro andar

[354] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 07/03/1910. p. 2 e 18/04/1910. p. 1 (FIB - MCSHJC).
[355] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 25/04/1910. p.p. 2-3 (FIB-MCSHJC).
[356] Ver programa das comemorações do 1° de Maio publicado em idem, p. 3.
[357] Consultar, entre outros: *Echo do Povo*. Porto Alegre, 28/05/1911. p. 2 (FIB - MCSHJC) e *O Diário*. Porto Alegre, 16/07/1911. p. 7. Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 187-8.

tinha sido finalizado[358]. De qualquer forma, conforme salientei antes, o projeto consolidou Xavier da Costa no papel de "homem ponte" entre parte dos operários organizados e os poderes públicos. No que tange aos primeiros, tal intermediação poderia levar à obtenção de ganhos concretos e simbólicos, como a construção de um local voltado ao ensino dos trabalhadores[359]. Já os governantes municipais - inspirados na máxima positivista da incorporação do proletariado à sociedade moderna -, possivelmente viam na obra um meio de cooptar setores importantes do operariado local às diretrizes do PRR e, simultaneamente, promover a instrução das classes populares[360]. Para Francisco, o Ateneu significou o reforço de sua liderança em um período de intensa disputa no seio do movimento operário porto-alegrense, cujos detalhes serão tratados mais adiante[361].

---

[358] Pelo menos é o que se pode deduzir do seguinte trecho das memórias do imigrante anarquista alemão Friedrich Kniestedt: "Os trabalhadores dos sindicatos de Porto Alegre tinham começado ainda antes da guerra com a construção de uma sede na Várzea. O local tinha sido colocado à disposição pela administração municipal da época. Os diversos sindicatos contribuíram com dinheiro de sua caixa, fora criado um fundo para a construção e muitos trabalhadores, sobretudo da construção civil, trabalhavam gratuitamente. Em conseqüência da guerra também o Brasil entrou numa crise econômica, o fundo se esgotou e por isso os trabalhos tiveram de ser interrompidos em 1916. A construção fora interrompida com o primeiro andar concluído". GERTZ, René (ed.). *Memórias de um imigrande anarquista*. Porto Alegre, EST, 1989. p. 123. A discussão sobre a retomada dessa obra será examinada no capítulo V. Sobre a construção do Ateneu, ver também: BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit., p.p. 80-82.

[359] Para dar uma idéia da importância desses ganhos simbólicos, transcrevo o seguinte trecho do *Echo do Povo*: "Sabemos que a Comissão Central da Federação Operária vai mandar expor em uma das vitrines da Rua dos Andradas, a bela planta daquele majestoso edifício que o operariado erguerá, brevemente, e que será como que um templo voltado ao estudo e em honra ao trabalho, atestando o cultivo espiritual dos obreiros de Porto Alegre". *Echo do Povo*. Porto Alegre, 18/04/1910. p. 1 (FIB - MCSHJC).

[360] A importância conferida, naquele momento, pelo governo gaúcho, à educação dos filhos dos trabalhadores concretizou-se na inauguração, em 1906, do Instituto Técnico-Profissional Benjamim Constant. Ver: PESAVENTO, S. J. *Os trabalhadores....*, op. cit. Para uma crítica de Xavier da Costa a essa iniciativa, consultar seu artigo "A Escola Benjamin Constant - a instrução popular" no *A Democracia*. Porto Alegre, 02/07/1907. p. 1 (MCSHJC).

[361] Cito, nesse sentido, alguns trechos dos discursos pronunciados quando do lançamento da pedra fundamental do Ateneu Operário: "A ele (...), nesta data grandiosa da comemoração do Trabalho, levantemos hosanas pelos grandes serviços morais e intelectuais que tem sabido dar à nobre classe operária. Salve! Francisco Xavier da Costa" (Isaac de Lima) e "Esse auspicioso cometimento deve a classe operária à iniciativa, à vontade inquebrantável e espírito culto de Francisco Xavier da Costa, obreiro infatigável que nesses últimos tempos mais se tem esforçado para o levantamento moral e intelectual do operariado porto-alegrense. (...) Terminada a significativa e auspiciosa solenidade, abri alas e deixai passar, por entre hinos e flores, o vulto benemérito de Xavier da Costa, nosso amigo, nosso guia espiritual, que neste momento constitui-se o orgulho da classe operária porto-alegrense" (Eloy da Gama). *Echo do Povo*. Porto Alegre, 02/05/1910. p. 2 (MCSHJC).

* * *

Nesse período, alguns indícios levantados na documentação permitem entrever outra divergência política importante entre Xavier da Costa e Cavaco[362]. No mesmo dia 1° de maio em que foi lançada a pedra fundamental do Ateneu, o *A Luta* publicou um artigo intitulado "A escravidão dos 5:000$000", referindo-se à soma doada pelo governo municipal ao projeto. Nele, o articulista Joaquim Silvano afirmava:

> (...) uma das causas, e não das de menos importância que têm retardado a evolução do movimento operário porto-alegrense, é a perniciosa influência que nele tem tido "propagandistas" desorientados e ávidos de "gloriolas" e que no afã de servirem a interesses próprios não vacilam lançar mãos dos meios mais antagônicos com o interesse geral da classe trabalhadora.

Mais adiante, o autor, embora sem mencionar o nome de Xavier da Costa, tomou-o como o alvo central de seus ataques, desferidos a golpes de ironia:

> Um desses truculentos "propagandistas", arvorando-se em representante da classe operaria, solicitou do conselho municipal um auxílio para as "escolas operárias".
>
> Os nobres conselheiros diante de tão humilde e lamentável chorominga vislumbraram uma ocasião, assas ótima, para conquistar as simpatias da "classe baixa" (...). E consignaram nas sobras do orçamento da receita a verba de 5:000$000, a ser entregue ao professor solicitando para o fim de "auxiliar" a fundação de escolas operárias.
>
> O resultante de tão "generosa" concessão foram imediatos e os melhores para os burgueses.
>
> O "representante" da classe fez logo o panegírico dos governantes bondosos que tal concederam aos operários e fez compreender a estes que era necessário tornarem-se reconhecidamente gratos a tanta bondade e proteção tão caridosa.
>
> Dizem-nos destes bons resultados os fatos: por ocasião da chegada a esta capital do deputado Monteiro Lopes, diversos sócios da União dos Pedreiros manifestaram o desejo, aliás desarrazoado, de ir cumprimentar aquele deputado. Imediatamente o "representante" fez lembrar, que tendo, o referido deputado se declarado civilista, havia perigo de se não receber os 5:000$000 indo comissão de operários cumprimentá-lo.

[362] Ver: SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade...*, op. cit., p. 15.

> Por ocasião da chegada do Marechal Hermes, um sr. capitão Miguel Branco intitulou-se representante do operariado e fez discurso. Diversos operários tencionavam fazer um protesto, pois não só não tinham dado autorização a ninguém para representá-los como o sr. Branco, não era sócio de nenhuma sociedade operária.
>
> O "representante" dos 5:000$000 logo protestou: si os operários fizessem qualquer declaração de que o capitão M. Branco não era representante do operariado arriscava-se este a ficar sem aquela "gorda" maquia....
>
> De forma de que está o operariado de Porto Alegre jungido aos 5:000$000 do conselho municipal e impedido de fazer qualquer manifestação que desagrade aos dirigentes[363].

A partir dessa longa citação, é possível deduzir que o líder socialista, buscando garantir sua posição de "homem ponte" junto aos governantes, apoiava, tal como o PRR, Hermes da Fonseca, recém eleito presidente da República. Assim, por um lado, ele desaconselhava os operários sob sua influência a saudarem indivíduos vinculados à campanha civilista (em prol do candidato de oposição Rui Barbosa) e, por outro, procurava evitar protestos contra pessoas ligadas a Fonseca. Esse apoio, igualmente, pode ser pensado, a nível nacional, nos quadros de uma rearticulação das relações entre o Estado e o movimento operário pois o Marechal "(...) foi o primeiro candidato à presidência a mencionar em sua plataforma a existência de um problema operário a ser resolvido e a se referir à vida difícil dos pobres, mesmo que não propusesse nada de concreto para solucionar tais questões"[364]. Portanto, talvez a simpatia de Francisco por Hermes fosse fruto não (ou não apenas) de oportunismo, como queria Joaquim Silvano, mas também da crença na possibilidade de melhorar as condições de vida e trabalho do operariado através da colaboração com os poderes constituídos.

[363] *A Luta*. Porto Alegre, 01/05/1910. p.p. 2-3 (NPH).
[364] BATALHA, C. *O movimento...*, op. cit., p. 15.

Já Cavaco, em 1910, além de dar continuidade à sua carreira literária e jornalística[365], engajou-se no movimento pela eleição de Rui Barbosa, ao lado do ex-desafeto Pinto da Rocha[366] e do professor de Direito Plínio Casado, que dirigiam o Comitê Civilista do Rio Grande do Sul. Designado por esse comitê, o Tribuno partiu para o Rio de Janeiro a fim de entregar pessoalmente a Barbosa toda a documentação da campanha. Recordando-se desse encontro na Capital Federal, o personagem evidenciou a admiração, a verdadeira idolatria, que votava à "Águia de Haia". De acordo com suas lembranças, ao chegar à casa de Rui pela primeira vez, travou-se o seguinte diálogo:

> - Deseja falar comigo?
> Cabeça descoberta, inclinada com respeito, respondi
> - Sou o emissário civilista do Rio Grande do Sul, que traz, para depositar nas mãos de Vossa Excelência a documentação da vitória no pleito presidencial.
> - Siga-me, por favor...
> Eu não fazia outra coisa, desde muito: seguir Rui Barbosa...
> .....
> Muito forte a luta nos Pampas? - Perguntou quase sorrindo.
> - Não muito, Excelência. O nome de Vossa Excelência é, na minha terra, no Rio Grande do Sul, um ídolo. E os gaúchos podem divergir politicamente do ídolo. Destruí-lo, destruí-lo nunca[367].

Na imprensa e nos comícios, Cavaco defendeu ardorosamente a candidatura de Rui Barbosa. Porém, não obstante a mobilização em torno do civilismo e da eloqüência do Tribuno, Hermes da Fonseca venceu as eleições. Afinal, nas palavras

---

[365] Em 1910, Cavaco publicou *O beijo (idílio sob o luar)* (Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria Americana, 1910 - BN). No livro, informa-se que ele era membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Nesse mesmo ano, segundo Caggiani, o Tribuno lançou, com Lindolfo Collor, seu companheiro dos círculos literários porto-alegrenses, o *Correio da Tarde*, de duração efêmera (CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 43.). Conforme Ruschel, no jornal, Cavaco "(...) escrevia crônicas e Collor publicava versos". RUSCHEL, N., op. cit., p. 40. Não localizei nenhum exemplar do periódico mas, como será visto no capítulo V, tal parceria teve conseqüências importantes na trajetória política de Cavaco. Ainda em 1910, o personagem editou outro jornal chamado *A Vanguarda*, sobre o qual encontrei apenas algumas referências esparsas. Ver: *O Exemplo*. Porto Alegre, 28/09/1910. p. 2; 23/10/1910. p. 2 e 06/11/1910. p. 2 (IIHS).

[366] Não consegui descobrir nem quando nem porque Cavaco e Pinto da Rocha reconciliaram-se. O drama *A carta anônima* é dedicado a ele, Zeferino Brazil, Alcides Maya e Coelho Netto. CAVACO, C. *A carta anônima...*, op. cit., p. IX.

[367] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 87 (sem referência da fonte).

do próprio Cavaco, o pleito se deu "(...) na fase da podridão política brasileira (...), porque o voto saltava da boca do rifle do cangaceiro para a boca da urna, e não era a vontade do povo que decidia da presença do cidadão no cargo eletivo, quer de presidente, quer de senador, de deputado ou de vereador"[368].

Contudo, ao escrever posteriormente sobre as eleições presidenciais de 1910, o Tribuno criticou os que associavam a disputa entre Rui e Hermes à rivalidade entre civis e militares. Condenou, igualmente, em mais uma demonstração de sua "versatilidade política", aqueles que se valiam de anedotas a fim de desmoralizar o "(...) governo honesto do Marechal Hermes (...)":

> Fizeram da farda digna do grande chefe militar, vestimenta de Judas em sábado de aleluia, e malharam covardemente, os bordados dessa farda. Era uma guerra de cochicho, de ante-sala, de sussurro, de fala-baixo. Faltava coragem aos debochadores, e eles provocavam, então, com pilhérias de cafajestes assanhados, e trejeitos de invertidos mentais, a gargalhada dos parvos e o prazer dos sem vergonhas. Bocas latrinárias vomitavam críticas chinfrins e insultos canalhas ao chefe da Nação, envolvendo nessa infâmia o próprio nome da família do Marechal! Nada respeitavam, os cadelos![369]

* * *

Poucos meses após a eleição presidencial, ocorreu uma nova disputa envolvendo os socialistas encabeçados por Xavier da Costa e os anarquistas, dessa vez pela direção da FORGS. Se, inicialmente, os últimos foram excluídos e/ou se mantiveram afastados da entidade, a partir de meados de 1910, buscaram conquistaram espaços no seu seio. Nessa época, segundo o *Relatório da Federação* de 1913, formou-se:

> (...) pouco a pouco (...) uma corrente de antipatia aos que queriam à força de sofismas levar o operariado a se chafurdar na política,

[368] Idem ibidem, p. 85 (sem referência da fonte).
[369] Idem ibidem, p. 86 (sem referência da fonte).

> corrente esta que encontrava decidido apoio nas associações operárias que, sob a orientação da União Operária Internacional, se conservavam afastadas da Federação e fazendo constantemente, por diferentes meios [ilegível] propaganda da organização operária e do afastamento dos operários dos compromissos políticos.
>
> .....
>
> Avolumando-se essa propaganda e vendo cada dia resvalarem o seu pouco prestígio e autoridade, tentaram um último esforço os politiqueiros pretendendo impor, por ocasião da eleição da nova diretoria, um presidente que lhes quadrava admiravelmente e que ia ser na Federação Operária um continuador das explorações políticas[370].

Os autores do *Relatório*, ao denunciarem os "politiqueiros" atuantes no movimento operário, estavam certamente se referindo ao grupo ligado a Xavier da Costa que, como foi visto, cada vez mais se aproximava das autoridades constituídas. Mais difícil, entretanto, é saber contra quem se voltava a acusação de "continuador das explorações políticas". Afinal, nos anos de 1910 e 1911, ocorreram diversas mudanças na direção da FORGS, a respeito das quais as fontes disponíveis são lacunares e, por vezes, contraditórias.

Assim, em 14 de março de 1910, o *Echo do Povo* registrou a eleição, por unanimidade, da nova diretoria da associação, presidida por Xavier da Costa, delegado do Grêmio de Artes Gráficas, que já exercia o cargo interinamente, e composta ainda de dois militantes a ele ligados: Guilhermino (sic) Koch, delegado da Allgemeiner, como vice-presidente, e Alberto Kruse, delegado da União dos Chapeleiros, no posto de secretário[371]. Alguns dias depois, o mesmo jornal noticiou a fundação da União dos Operários Correeiros e de Ofícios Anexos. De acordo com a matéria: "a nova sociedade cuja organização está sendo levada a efeito sob os conselhos do nosso companheiro Xavier da Costa, vai ser inscrita amanhã na Federação Operária do Rio Grande do Sul, tendo já nomeado seu delegado na

---

[370] *Relatório da Federação...*, op. cit. Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 166. Cabe lembrar que, em 1913, a FORGS era dirigida pelos anarquistas.

Comissão Central o Sr. Ricardo Maciejewski". Em abril, essa associação conferiu a Francisco, em assembléia geral e por unanimidade, o título de sócio honorário[372]. Pode-se pensar que a criação da União dos Correeiros tenha correspondido a uma estratégia de Xavier da Costa no sentido de, diante da oposição dos anarquistas, reforçar seu poder na FORGS, aumentando o número de representantes de associações a ele simpáticos.

Contudo, os conflitos no interior da Federação parecem ter aumentado no período que se seguiu à eleição do líder socialista pois, em maio, realizou-se outra votação para a diretoria, quando Luiz Derivi, delegado da União dos Pedreiros, foi escolhido presidente[373]. Até aquele momento, Derivi havia militado sobretudo junto aos libertários, sem deixar, porém, de participar de atividades promovidas pelos socialistas[374]. Esse trânsito entre as duas principais correntes que atuavam no

---

[371] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 14/03/1910. p. 2. Segundo faz crer uma notícia posterior, Koch exercia também o cargo de tesoureiro da FORGS. Ver, no mesmo periódico, o número de 25/04/1910. p.p. 2-3 (FIB-MCSHJC).

[372] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 21/03/1910. p. 1 e 18/04/1910. p. 2 (FIB-MCSHJC), respectivamente.

[373] *A Luta*. Porto Alegre, 01/06/1910. p. 4 (NPH). É interessante notar que Marçal aponta como presidente eleito da FORGS em 10 de junho de 1910, Lucídio Marinho Prestes (MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas*..., op. cit., p. 20). Tal afirmação não encontra respaldo na documentação consultada e, provavelmente, resulta de um engano do autor.

Segundo Silva Jr., Xavier da Costa renunciou à presidência da FORGS após uma greve derrotada na metalúrgica de Alberto Bins em junho de 1910. SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade*..., op. cit., p. 15. Bak, igualmente, considera que a derrota dessa greve mostrou os limites do poder do líder socialista. BAK, J. *Race*..., op. cit., p. 20.

[374] Segundo Marçal, Derivi (1885-1959) - italiano do Piemonte, chegado ao Brasil com sete anos de idade - foi um dos editores do *A Luta* em 1906. No mesmo ano, ajudou a fundar a União dos Pedreiros, "(...) passando a comandar a oposição ao grupo socialista de Francisco Xavier da Costa". Em 1907, criou o Bloco Unionista, "(...) destinado a coordenar a política anarquista junto às entidades de Porto Alegre" (MARÇAL, J. B. *Os anarquistas*..., op. cit., p.p. 53-5). Porém, de acordo com o *Echo do Povo*, desde 1909, Derivi participava do grupo de amadores do Grêmio Dramático Operário Xavier da Costa, tendo, inclusive, sido eleito tesoureiro da associação em janeiro de 1910 (*Echo do Povo*. Porto Alegre, 15/11/1909. p. 1 e 17/01/1910. p.p. 2-3 - FIB-MCSHJC, respectivamente). Ainda em 1909, tornou-se presidente da União dos Pedreiros e, nesse posto, discursou nas comemorações do Dia do Trabalho junto com Xavier da Costa e Koch (*Echo do Povo*. Porto Alegre, 26/02/1909. p. 2 - FIB-MCSHJC e *Correio do Povo*. Porto Alegre, 01/05/1909. p. 1 - MCSHJC).

movimento operário gaúcho provavelmente lhe facilitou, em um momento de intensa disputa, o acesso à presidência da FORGS[375].

Durante o mandato de Derivi, a Federação atuou de forma decisiva na vitoriosa greve dos pedreiros e carpinteiros ocorrida em Porto Alegre (mas com repercussões no interior do estado) nos meses de janeiro e fevereiro de 1911. Essa parede resultou do não cumprimento, por parte dos construtores, da jornada de 8 horas de trabalho, acordada na "Greve dos 21 dias". Um pouco antes da eclosão da greve, o *A Luta* criticou a atitude do *Echo do Povo*, que havia noticiado o projetado movimento, pois "(...) assim os patrões a pouco custo ficaram ao par dele". E, na continuidade, ironizou uma nota publicada pelo "colega":

> No fim da sua bem informada reportagem vem esta nota, que teve seu lado cômico:
> "Interrogado a respeito por um nosso companheiro, o Sr. Luiz Derivi, presidente da Federação Operário do Rio Grande do Sul, declarou ter aprovado o movimento, determinando, porém, que o mesmo não irrompa antes de completamente organizado todo o plano de ação dos grevistas."
> É a mania de serem chefes.
> Quando o não são de fato, procuram aparentá-lo...[376]

Ao tratar da parede, o periódico anarquista informa que foram trocados ofícios entre a União dos Construtores e a FORGS e que "(...) muitos empreiteiros cederam as 8 horas aos seus operários": "entre os primeiros que atenderam as reclamações dos pedreiros e carpinteiros estão o Sr. Ahrons e o Presidente do Estado, em cujas obras trabalham cerca de 400 operários". Porém, "um reduzido grupo de construtores encastelados na União de Construtores (...)" - liderados pelo presidente

---

[375] Para Jardim, Derivi fez "(...) um mandato de transição entre socialistas e anarco-sindicalistas, que assumem toda a diretoria da FORGS em 1911" (JARDIM, J. L. P., op. cit., p. 99, nota 166). Bilhão discorda dessa interpretação por não ter encontrado referências à eleição de Derivi e por acreditar "(...) que o acirramento do processo de disputa pela direção da FORGS ocorrido em 1911 não comporta essa idéia de 'mandato de transição'" (BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit., p.p. 77-8). De minha parte, penso que, devido ao sentido teleológico contido no conceito de "transição", é mais proveitoso pensar o mandato de Derivi como sendo de "acomodação" ou "mediação" em um momento de intensa disputa interna na FORGS.

da entidade, Júlio Weiss, e por Alberto Bins - decidiu resistir às pressões dos trabalhadores. Os pedreiros e carpinteiros declararam-se, então, em greve até a concessão do horário desejado. De acordo com o jornal,

> Desde a declaração da greve a Federação Operária efetuava reuniões diariamente para tratar dos assuntos referentes ao movimento.
> .....
> Assim é que depois de enviar a União dos Construtores diversas propostas à Federação Operária, estabelecendo bases de acordo, todas elas repelidas pelos operários por não lhes dar ganho de causa os construtores em sessão efetuada, sábado, 4, sentindo que não podiam mais resistir resolveram aceder às reclamações operárias, fazendo distribuir pela cidade o seguinte avulso:
> "A União dos Construtores manda de segunda feira, 6, em diante continuar as obras, com o horário de 8 horas por dia".
> Estava pois, plenamente vitoriosa a greve dos pedreiros e carpinteiros que assim brilhantemente reivindicavam a redução da jornada de trabalho para 8 horas.

Encerrada a greve, o jornal anarquista elogiou a atitude da diretoria da FORGS em relação ao movimento: "os operários que atualmente compõem a Federação Operária desenvolveram uma incansável atividade concorrendo poderosamente para o bom êxito do movimento". E acrescentou:

> Felizmente o movimento grevista dos pedreiros não sofreu nenhuma influência estranha ao operariado, o que certamente foi uma das principais vantagens com que contaram desde o começo os operários, pois é bem certo que se em seu meio houvesse algum dos oportunistas parlapatões e que nada entendem de movimento operário, começariam as eternas conferências com os patrões das quais viria a resultar a derrota dos operários[377].

Entretanto, nesse mesmo número, o *A Luta* criticou as manifestações de agradecimento feitas pela FORGS após o término da parede, "(...) porque, além de inecessárias e incoerentes, elas representam atos de inconsciência e de servilismo". A matéria referia-se aos festejos realizados para comemorar o êxito do movimento, nos quais foram saudados o governo do Estado e os empreiteiros, o jornal *Correio do Povo* e também Xavier da Costa. No que tange ao último, o articulista afirmou:

---

[376] *A Luta*. Porto Alegre, 20/01/1911. p. 4 (NPH).

> Não sabemos o que motivou esta manifestação nem como este senhor a aceitou, após as suas reiteradas declarações comunicando o seu definitivo afastamento do movimento operário. Mesmo durante os dias da recente greve declarou por boca dum seu amigo, sem que ninguém o interrogasse, que não se envolveria nela, pois não queria saber mais do movimento operário. Se nada fez pela greve, porque agradecer-lhe? E se alguma coisa fez, foi para ganhar uma manifestação? Não negaremos, certamente, que tenha trabalhado pelo movimento operário. Mas também lhe tem causado mal, porque **ele é o ponto da discórdia entre o operariado de Porto Alegre**. Não podendo tolerar que ninguém lhe faça sombra e sendo constantemente ameaçado o seu prestigio de ídolo com pernas de barro, apela a todos os meios, para inutilizar os que considera seus inimigos. Ele provoca a desunião entre o operariado, pretendendo excluir das associações aqueles que não concordam com a sua maneira de pensar, o que fatalmente dá como resultado o desenvolvimento das lutas intestinas que dificultam e retardam a marcha do movimento[378].

Nas citações acima, é possível perceber uma oscilação da postura dos anarquistas agrupados em torno do *A Luta* a respeito da FORGS e de seu presidente. Quando da preparação da greve dos pedreiros e carpinteiros, o periódico ironizou a "mania de ser [ou de aparentar ser] chefe" de Derivi, característica que, de certa forma, o vinculava a Xavier da Costa. Com a vitória do movimento, os libertários enalteceram a atitude da diretoria da Federação e saudaram a não influência dos "oportunistas parlapatões" entre os paredistas, em uma óbvia alusão a Francisco. Porém, na mesma ocasião, criticaram as manifestações, encabeçadas por Derivi, de apreço a esse último e aos membros do governo e das classes dominantes.

Enfim, apesar de participar há muito tempo do grupo anarquista, o presidente da FORGS também era próximo da principal liderança socialista de Porto Alegre. Tal proximidade, dessa vez tratada de forma positiva, é reforçada por uma matéria do *O Exemplo* sobre a greve:

---

[377] *A Luta*. Porto Alegre, 18/02/1911. p. 2 (NPH).

[378] Idem, p.p. 3-4. Grifo meu. Segundo o jornal *O Exemplo*, vinculado à comunidade negra de Porto Alegre e cujo diretor de redação era o militante anarquista Henrique Martins, a comemoração da vitória dos grevistas constituiu-se de uma "passeata cívica", formada, aproximadamente, por 5.000 pessoas, puxada pelas bandas de música Lira Oriental e Floresta Aurora. Diz a notícia: "Em seu trajeto, [os manifestantes] cumprimentaram ao *Correio do Povo*, ao *Echo do Povo*, ao dr. R. Ahrons, R. Caliendo e ao sr. Xavier da Costa; saudando aos manifestados os srs. Waldomiro Padilha e o sr. Luiz Derive [sic]

> A Federação Operária (...) deixou patente o quanto ela é útil ao proletariado; pois agiu de maneira a organizar a parede sem haver uma arruaça, sem uma manifestação hostil e sem uma palavra mais áspera a transtornar a boa marcha do serviço.
>
> Agiu, mas de um modo pacífico, demonstrando assim a orientação do seu presidente, sr. Luiz Derivi, Xavier da Costa e tantos outros que dirigiram o movimento[379].

Todavia, se a eleição de Derivi, por sua vinculação a Francisco, representou o "último esforço dos politiqueiros" para impor "um presidente que lhes quadrava admiravelmente", conforme denunciou o *Relatório* de 1913, o tiro saiu pela culatra dos socialistas. Na documentação consultada, percebe-se que o presidente da Federação aproximou-se, cada vez mais, dos libertários. Segundo matéria do *O Exemplo*, possivelmente de autoria de Henrique Martins, publicada em junho de 1911, "(...) Luiz Derive (sic) deu início à ruptura do chefismo que o vinha retardando e embargando seus passos". E ainda:

> (...) Luiz Derive (sic) presidiu-a [a FORGS] nessa época, em que estando sempre à testa de todos os movimentos, era forçado também a lutar com o pretenso chefismo que há muito vem querendo presidir os destinos operários, unicamente para proveito e renome de um...
>
> No entanto, o proletariado já tem compreendido que, assim como a política lhe é desnecessária o mesmo acontece com o chefismo, que a todo o transe deseja, prestando auxílios, traze-lo sempre obediente, só aceitando o que impor, só agindo quando acenar dos bastidores para aparecer depois no proscênio, como um decano em esforços pela classe[380].

Nem é preciso dizer a qual "decano" o texto se refere...

Com um tom semelhante, o *Relatório* de 1913 informa: "os operários contrários [aos "politiqueiros"] redobraram os esforços e conseguiram eleger uma nova diretoria inteiramente contrária à política operária e decidida partidária do

---

que foi acompanhado até a sua residência pelos manifestantes e saudado pelo sr. João Olegario dos Santos e outros". *O Exemplo*. Porto Alegre, 12/02/1911. p. 2 (IIHS).

[379] *A Luta*. Porto Alegre, 18/02/1911. p. 1 (NPH). Essa ambigüidade política de Derivi refletiu-se na própria organização da greve dos pedreiros e carpinteiros. De acordo com Silva Jr., "embora Luiz Derivi declarasse publicamente sua fidelidade pessoal a Xavier da Costa, a organização da greve dos pedreiros em Porto Alegre correspondia a ideais anarquistas de auto-organização, instituindo uma espécie de 'comissão de fábrica' (aliás, 'de obra') com funções deliberativas e executivas". SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade...*, op. cit., p. 15.

sindicalismo"[381]. Os autores do documento, provavelmente, aludiam à eleição, ocorrida em 26 de maio de 1911, da nova Comissão Central da FORGS, na qual o tipógrafo Lucídio Marinho Prestes foi escolhido presidente[382].

Alguns pesquisadores consideram que as eleições de 1911 para a diretoria da Federação assinalam o início do "período anarquista" da história do movimento operário gaúcho[383]. Tal idéia parece ser confirmada pelo seguinte trecho, extraído do *O Exemplo*:

> Terça-feira última tomou posse de seus respectivos cargos a diretoria eleita pela quase totalidade das sociedades federadas.
> .....
> Assumiram a direção da Federação Operária, companheiros que vêm, desde longos tempos, trabalhando com entusiasmo e sinceridade pela classe operária, despidos totalmente do tolo preconceito da vaidade do chefismo.
> Compenetrados da melhor boa vontade, tendo o auxílio dos demais companheiros, é de prever-se que a Federação Operária tenha agora uma época de desenvolvimento que muito redundará em proveito das classes tolhidas até então.
> .....
> O operário deve, de uma vez para sempre, compenetrar-se de que não é nas urnas dando, o seu voto a este ou aquele, que pugna pelos seus direitos, não, é justamente ao contrário[384].

Ou seja, o articulista, possivelmente Henrique Martins, considerava a diretoria recém empossada da FORGS como iniciadora de "uma época de desenvolvimento", ao marcar - segundo uma percepção linear e progressiva do tempo - a ruptura entre o passado, caracterizado pelo "chefismo", e o futuro, no qual os operários se afastariam da "política". Esse sentido de ruptura encontra respaldo, igualmente, em alguns fatos ocorridos após a eleição dos novos diretores da

---

[380] *O Exemplo*. Porto Alegre, 04/06/1911. p. 1 (IIHS).
[381] *Relatório da Federação...*, op. cit. Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 166-7.
[382] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 28/05/1911. p. 4 (MCSHJC). Conforme o jornal, também foram eleitos o pedreiro Carlos Nogueira de Oliveira para tesoureiro e o tipógrafo Severiano Correia da Silva para secretário. Ainda de acordo com a nota, de um total de 46 votos apurados, "(...) três couberam ao Sr. Luiz Derivi para presidente". Também noticiam a eleição: *O Diário*. Porto Alegre, 16/06/1911. p. 4 (MCSHJC) e *O Exemplo*. Porto Alegre, 28/05/1911. p. 2 (IIHS).
[383] MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas...*, op. cit., p. 16 e, de forma mais nuançada, PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 160.

Sociedade. O primeiro é o desligamento, já em junho de 1911, da União dos Correeiros, da União dos Pintores e da União dos Chapeleiros - associações da órbita de Xavier da Costa - da FORGS[385]. No mês seguinte, Derivi foi excluído do corpo cênico do Grêmio Dramático Operário Xavier da Costa, o que constitui o principal indício de seu rompimento definitivo com o líder socialista[386]. Por fim, em 15 de agosto, o destacado militante anarquista Polidoro Santos aparece como autor dos *Estatutos* da Federação, no posto de secretário[387]. Portanto, tudo leva a pensar em uma verdadeira "tomada" da FORGS pelos libertários[388].

Porém, é preciso relativizar o alcance de tal ruptura, pois a vitória do grupo mais identificado com o anarquismo nas eleições da Federação Operária não significou nem uma modificação considerável na forma prática de atuação da entidade, nem o afastamento de todas as sociedades ou militantes ligados ao socialismo[389]. Apesar disso, o avanço dos libertários na FORGS levou a redefinições decisivas nos itinerários dos dois protagonistas dessa história.

---

[384] *O Exemplo*. Porto Alegre, 04/06/1911. p. 1 (IIHS).

[385] SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade*..., op. cit., p. 17 e *Echo do Povo*. Porto Alegre, 25/06/1911. p. 2 (FIB - MCSHJC).

[386] BILHÃO, I. *Rivalidades*..., op. cit., p. 89. A partir daí, Derivi consolidou sua posição junto aos anarquistas, destacando-se como um dos mais importantes militantes libertários que atuaram no Rio Grande do Sul. Ver: MARÇAL, J. B. *Os anarquistas*..., op. cit., p.p. 53-5.

[387] ESTATUTOS DA FEDERAÇÃO OPERÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL - 1911 (manuscrito). Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 162-4. Polidoro era delegado da União Tipográfica junto à Federação, tendo assumido o cargo em junho de 1911, em substituição a Lucidio Prestes devido à eleição desse último para a presidência da FORGS. *O Exemplo*. Porto Alegre, 04/06/1911. p. 2 (IIHS).

[388] "Os anarquistas e anarco-sindicalistas tomam quase todas as associações de trabalhadores, a começar pela FORGS". MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas*..., op. cit., p. 16.

[389] BILHÃO, I. *Rivalidades*..., op. cit., p. 96. Segundo a autora, "(...) esta contenda (...) não chega a interferir ou modificar de maneira mais profunda a organização interna da Federação Operária, esta continuará mantendo a mesma estrutura de funcionamento, as mesmas regras quanto à eleição da diretoria administrativa e de participação na Comissão Central. Da mesma forma o papel de maior relevância da FORGS continuará sendo o de representar em público as demandas das entidades suas filiadas". Quanto à presença de socialistas na entidade após 1911, bastaria mencionar a atuação, no ano de 1913, de Guilherme Koch como membro da Comissão Construtora do Ateneu Operário ligada à Federação. Ver: *Relatório da Federação*..., op. cit. Apud PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 171-3.

A própria trajetória política de Lucídio Marinho Prestes (1872-1961), o novo presidente da FORGS, ilustra bem a dificuldade de se definir com precisão o perfil ideológico da entidade nesse momento.

Cavaco, embora sem participar diretamente da Federação, continuava a militar no movimento operário gaúcho, mesclando, como de praxe, a política, o jornalismo e a literatura. Assim, em 1911, ele colaborou com o periódico *A Defesa*, "órgão do operariado" publicado em Bagé[390]. No mesmo ano, lançou o romance *Estella* que, mantendo o estilo melodramático de *A carta anônima*, narra a triste história de amor entre a personagem título e Anarlo, encerrada com a morte de ambos[391]. O escritor português Alfredo Mendes Guimarães, em carta-prefácio incluída na segunda edição do livro, negou ser Anarlo um alter-ego de Cavaco. Porém, em diversas passagens da obra, o último atribuiu ao personagem características que faziam parte de sua imagem pública. Nesse sentido, o herói da trama é apresentado como " (...) o forte, o combatente, cuja voz ostentórica e poderosa tinha, tantas vezes, feito vibrar as multidões nos 'meetings' revolucionários!"(p. 28).

Segundo Guimarães, os grandes temas de *Estella* são o socialismo e o amor (p. XXX). Contudo, se o amor romântico, torturado e finalmente impossível, dá o tom de todo o texto, os ideais socialistas de Cavaco aparecem de forma mais sutil, sem que se mencione uma única vez a palavra "socialismo" ou suas variações. Em certas passagens, por exemplo, evidencia-se a denúncia da exploração do trabalho na sociedade capitalista:

Prestes participou da fundação da Liga Operária Internacional em 1895, na qual atuou como secretário, e depois da União Tipográfica. No ano seguinte, criou e dirigiu o semanário socialista *O Proletário*. Em 1897, foi um dos signatários do Manifesto do Partido Socialista do Rio Grande do Sul. Logo, desde o final do século XIX, ele atuou ao lado de Xavier da Costa. Presidente da União Tipográfica em 1910-11, teria, nessa época, aderido ao anarquismo. Participou da delegação especial da FORGS ao 2° Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em setembro de 1913, liderado pelos anarquistas. Porém, em 1914, aparece como integrante da redação do *A Vanguarda*, auto-intitulado órgão do Partido Socialista, e membro do Diretório Central desse Partido, presidido por Cavaco. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27/10/1931. p. 3 (MCSHJC); *O Exemplo*. Porto Alegre, 31/07/1910. p. 2 e 29/01/1911. p. 1 (IIHS); MARÇAL, J. B. *Os anarquistas...*, op. cit., p.p. 135-6; PETERSEN, S. R. F. *Guia...*, op. cit., p. 93; PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 95 e *A Vanguarda*. Porto Alegre, 03/10/1914. p. 1 (NPH).

[390] PETERSEN, S. R. F. *Guia...*, op. cit., p. 29.

> Lá fora, nas ruas, principiava a movimentação diária. Era o ruído resignado que vinha do trabalho. As oficinas iam tragando, desde cedo, bandos inteiros de humildes operários, prontos a porejarem, durante o dia todo, o suor honesto e bom em exclusivo benefício de alheias fortunas.
>
> Eram velhos, arredados dos lares distantes, saudosos e tristes, que iam ganhar o magro salário; rapazes que iam perder a fortaleza dos músculos nas rodas das máquinas; moças, sem ilusões e quase sem esperanças, destinadas ao sofrimento do ultraje vomitado pelo patrão grosseiro; crianças que, no alvorar da vida, na quadra azul do sonho, marchavam maltrapilhas e esfomeadas à conquista do pão (p. 60).

Nesse trânsito entre ficção e realidade, entre obra e vida, Cavaco construía Anarlo e a si mesmo como heróis românticos, a sonharem com "(...) a luta nas barricadas, sob o estandarte vermelho da revolução (...)" (p. 97). Além disso, da mesma forma que o Tribuno, "Anarlo era o ídolo do Povo. Havia esposado todas as causas elevadas e por elas batalhado, de viseira erguida, desconhecendo obstáculos e desprezando sempre o perigo. Nas questões sociais o seu nome era uma bandeira revolucionária tremulando no seio das classes pobres, entre os operários principalmente (p. 56)".

Imbuído de tal aura, Cavaco, no mês de agosto de 1911, discursou sobre o tema "O operário na sociedade moderna", no festival promovido pela União dos Operários Correeiros e de Ofícios Anexos em benefício das aulas noturnas da associação. Durante a quermesse realizada após a conferência, é provável que ele tenha discutido com Xavier da Costa, Antônio Heit e outros sobre os últimos acontecimentos transcorridos na FORGS[392]. Afinal, em 11 de setembro, o *Echo do Povo* noticiou:

> Comunicam-nos que, sob a direção do Sr. Carlos Cavaco, auxiliado por trinta e quatro operários, de vários ofícios, vai ser

---

[391] CAVACO, Carlos. *Estella - romance de amor*. Porto Alegre, Tipografia da Livraria do Globo, 1912 (2ª edição, 1ª edição de 1911) (BPJP). As páginas das citações extraídas dessa obra foram indicadas no corpo do texto.

[392] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 14/08/1911. p. 2 (FIB - MCSHJC). Ao noticiar a realização do evento, o jornal informou: "(...) o *Echo do Povo* será representado no festival (...) pelos nossos companheiros Xavier da Costa, Antônio Heit e Batista de Freitas".

> organizada a Confederação Geral do Trabalho, do Rio Grande do Sul, já tendo sido efetuadas, para tal fim, duas bem concorridas sessões preparatórias.
>
> A nova organização cujo programa, segundo nos informa, será amplo, já conta com a adesão de diversas associações operárias do interior do Estado, conforme ofícios e cartas recebidas pelo Sr. Cavaco, bem como com a de grande número de operários desta capital, notadamente pedreiros, carpinteiros e empregados em estabelecimentos fabris.

Ou seja, Cavaco, frente ao avanço dos anarquistas na FORGS, buscou criar uma entidade alternativa que pudesse agregar os militantes e as organizações descontentes com os novos rumos tomados pela Federação. Procurou, igualmente, atrair aqueles trabalhadores desinteressados das querelas da política operária, oferecendo, entre outras vantagens, a prestação de serviços jurídicos gratuitos, para o que se valia de sua experiência como advogado[393].

A Confederação foi oficialmente instalada em 27 de setembro, "(...) por deliberação das diretorias de diversas sociedades operárias (...)", tendo por fim principal "(...) harmonizar a ação das agremiações obreiras tornando-as solidárias no sentido de fazer com que seus esforços tendam unicamente para os interesses da classe"[394]. Xavier da Costa saudou, no *Echo do Povo*, a iniciativa de seu velho companheiro de militância:

> A Confederação Geral do Trabalho vai ser a tão desejada e verdadeira convergência dos esforços do proletário rio-grandense, transformando-se em um poder, de fato, com que as classes burguesas terão de se entender em todos os assuntos que afetarem os interesses dos

[393] Segundo a notícia, "a Confederação Geral do Trabalho será instalada com o fim primordial de defender, em todo e qualquer sentido, os proletários e os interesses deles, para o que manterá um escritório de informações, um jornal unicamente de assuntos operários, bibliotecas, aulas e salas de leitura e de palestra, e facultará aos seus associados, que ficarem sujeitos à ação das autoridades ou venham a ter negócio no fórum, preparo de papéis de casamento, requerimentos etc. serviços gratuitos de advocacia".

[394] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 02/10/1911. p. 2 (FSP - MCSHJC). De acordo com a matéria, "a reunião esteve entusiástica, tendo discursado, nela, os Srs. Ricardo Maciejewski, da União dos Correeiros, Pedro Goulart Sampaio, da União dos Trabalhadores em Madeira, Antônio Jaworski, da União dos Chapeleiros, Antônio Budzyn, da Towarzystivo Napzod, Cyrino Coimbra, Júlio Ferreira Soares, Segismundo Budzyn, João Rosa e outros. Foi eleita uma comissão de organização composta dos srs. A. Jaworski, A. Budzyn e Júlio Soares". É de se estranhar a ausência de Cavaco nessa reunião ou, pelo menos, a falta de referência a seu nome.

> trabalhadores em qualquer parte do estado. Fazemos votos que assim suceda pois é justamente isso que falta à classe proletária[395].

Poucos dias mais tarde anunciou-se que Francisco havia aceito o cargo de diretor geral das recém instaladas aulas noturnas da Confederação[396]. Esse ânimo inicial não garantiu o sucesso da nova organização operária, cuja duração foi efêmera[397].

* * *

Depois de afastar-se definitivamente da Federação Operária, Xavier da Costa envolveu-se em mais uma feroz polêmica com os anarquistas, dessa vez representados por Polidoro Santos, então secretário da FORGS, e por Henrique Martins que, apesar de não fazer parte da entidade, com ela colaborava na imprensa[398]. Francisco e seus

---

[395] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 11/09/1911. p. 2 (FIB - MCSHJC).

[396] PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p. 252.

[397] Idem ibidem e BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit., p. 86. De acordo com Caggiani, a Confederação fundada por Cavaco tinha cunho socialista e era "(...) sonhada como uma espécie de CGT gaúcha (...)", não tendo vingado devido ao predomínio anarquista sobre o movimento operário. Diz o autor: "além de Cavaco, eram seus dirigentes alguns elementos da União dos Correiros, como Ricardo Maciejewski, João Francisco Sátiro e João Joaquim Rosa. Eles defendiam a instalação na capital do Estado de uma Câmara Rio-grandense do Trabalho, para resolver, em última instância, todos os assuntos de interesse geral do proletariado". CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 67-8.

Em outubro de 1911, no contexto de uma polêmica com Xavier da Costa, o militante anarquista Henrique Martins apresentou outra visão sobre a entidade, perguntando: "(...) o que significa a pseuda Confederação dos Trabalhadores?

Não é mais nem menos do que um limitado grupo de operários destinado a guerrear a Federação e que obedece à orientação do Costa.

Digo pseuda porque foi ela 'inaugurada' pelo 'comparecimento' de sociedades que não podem dar sinais de vida. Sociedades finalmente que deixaram de exercer sua ação no seio operário mesmo devido à perniciosa ação do mesmo Costa, que as deixou outrora na mais completa inércia e agora faz reviver as mesmas sociedades, porém, com uma vida efêmera". *O Diário*. Porto Alegre, 25/10/1911. p. 2 (MCSHJC).

[398] Henrique Martins (1888-1918), amigo pessoal de Polidoro compareceu, em 1906, à despedida dos marmoristas da casa Aloys que partiram para o Rio de Janeiro em busca de trabalho. No ano seguinte, o *A Democracia* referiu-se a ele como "nosso amigo" e "operoso artista gráfico". Líder de sua categoria profissional, Martins foi fundador do Sindicato dos Tipógrafos de Porto Alegre (1907) e presidente da União Tipográfica (1911). Ainda em 1911, passou a ser diretor de redação do *O Exemplo*. Em 5 de novembro de 1911, o delegado da sociedade Naprzod, Sigismundo Budzyn, declarou: "(...) Henrique Martins nunca fez nem faz parte da Federação Operária (...) faço a presente declaração, por ter revisado o livro do ponto, sendo-me também declarado pelo Sr. Polidoro dos Santos em presença do Sr. Julião Fontoura. Igual declaração fez-me o Sr. José Mathias, presidente da Liga Operária". Apesar da ausência

aliados utilizaram as páginas do *Correio do Povo* e do *Echo do Povo* para atacar os adversários, enquanto Polidoro e Henrique valeram-se da coluna "Movimento Operário" do *O Diário*, no qual o último trabalhava como administrador das oficinas[399]. O conflito iniciou quando Santos escreveu uma carta ao último jornal, denunciando a "(...) mesquinha e pérfida campanha contra a Federação Operária do Rio Grande do Sul" movida por Xavier da Costa através do *Correio do Povo*. Para o autor, tal campanha estaria relacionada com a perda de poder do líder socialista no movimento operário local:

> O porque de tal procedimento daquele sr., que fora um dos fundadores da Federação, explica-se pela atitude ultimamente assumida por muitos dos delegados que a constituíam no sentido de se verem livres da sua perniciosa influência. O sr. Costa, depois de haver publicado espalhafatosa declaração de que, desgostoso com a ingratidão dos operários, se retirava à vida privada, pretendia ainda exercer pressão sobre as deliberações da Comissão Central, o que levou a revolta à consciência até de seus próprios amigos, como por exemplo o sr. Luiz Derive (sic), que não mais quis se sujeitar a pretensões tão absurdas.
>
> Esse movimento de reação teve o seu período agudo por ocasião da eleição da atual diretoria da Federação em que fora estrondosamente derrotado o candidato do sr. Costa à presidência.
>
> Posto fora da Federação Operária começou a campanha de difamação movida tão desabaladamente pela Crônica Operária, do *Correio do Povo*.

---

de vínculo formal com a FORGS, o próprio Martins afirmou estar "(...) ligado a essa associação por legítimos interesses de solidariedade moral, razão porque pugna por esses mesmos interesses, colaborando na imprensa, e ajudando aos fautores dela com o pequeno contingente de sua pena". Ver cartas anexas e depoimento de Henrique Martins no Processo crime nº 298, maço 15, estante 29, movido por Francisco Xavier da Costa contra Henrique Martins em 1911 (APRS). Sobre Martins, consultar também: BILHÃO, I. *Família...*, op. cit., p. 200, notas 10 e 11; *A Democracia*. Porto Alegre, 04/08/1907. p. 3 (APAXC); *O Exemplo*. Porto Alegre, 13/01/1911. p. 2 e 05/02/1911. p. 1 (IIHS); MARÇAL, J. B. *Os anarquistas...*, op. cit., p.p. 173-180; PETERSEN, S. R. F. *Cruzando fronteiras...*, op. cit., p. 95 e *O Sindicalista*. Porto Alegre, 11/1924 (NPH).

[399] A polêmica pode ser acompanhada pelas seguintes fontes: *O Diário*. Porto Alegre, 13/09/1911. p. 1 e 15/09/1911. p.p. 1-2; *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17/09/1911. p. 1; *O Diário*. Porto Alegre, 20/09/1911. p. 2 e 21/09/1911. p. 1; *Echo do Povo*. Porto Alegre, 21/09/1911. p. 1; *O Diário*. Porto Alegre, 22/09/1911. p. 1 e 24/09/1911. p.p. 1-2; *Echo do Povo*. Porto Alegre, 25/09/1911. p. 1; *O Diário*. Porto Alegre, 15/10/1911. p. 4 e 25/10/1911. p. 2; *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27/10/1911. p. 2; *O Diário*. Porto Alegre, 29/10/1911. p. 9; *Echo do Povo*. Porto Alegre, 30/10/1911. p. 1; *O Diário*. Porto Alegre, 02/11/1911. p. 1; 17/11/1911. p.p. 1-2; 18/11/1911. p. 7 e 21/11/1911. p. 1; *Echo do Povo*. Porto Alegre, 30/11/1911. p.p. 2-3; *O Diário*. Porto Alegre, 10/12/1911. p. 2 e *Echo do Povo*. Porto Alegre, 11/01/1912. p. 2; 22/01/1912. p. 2 e 04/04/1912. p. 3 (MCSHJC). Essa polêmica também foi analisada por BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit., p.p. 86-96 e por PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p.p. 252-261. Assim, limitar-me-ei a destacar, nos artigos mencionados acima, alguns elementos que me parecem importantes para se compreender a trajetória de Xavier da Costa no período imediatamente posterior à sua saída da FORGS.

> Começando por silenciar as notícias de interesse operário, foi o cronista até as falsas notas sobre pretendidas fundações de associações operárias que até hoje não deram sinal de vida[400].

Pouco tempo depois, Polidoro voltou ao ataque e, após fazer várias acusações a Xavier da Costa, levantou dez perguntas sobre a trajetória política do opositor, colocando em cheque a sua honestidade[401]. No mesmo dia, Henrique Martins ratificou as críticas do amigo e companheiro de militância e lançou mais algumas dúvidas a respeito da conduta de Francisco como líder dos trabalhadores: "é necessário que se diga a esse operariado que tenha cuidado, muito cuidado com a escora da traição personificada desde a muito nesse Sr. Costa"[402]. Xavier da Costa procurou logo responder às questões e assim justificou sua atitude:

> Eu resolvera, a conselho de amigos, não dar resposta aos insultos que, com assinatura Polidoro dos Santos, estão sendo publicados contra mim, na primeira página do *Diário*.
>
> Nascido e criado em Porto Alegre, sou felizmente, bem conhecido aqui e, certo não será qualquer irresponsável moral que há de marcar-me a reputação, que é toda minha riqueza e que defendo e defenderei, seja como for e custe o que custar.
>
> E, por essa razão, sou coagido a traçar as presentes linhas, para que, do meu silêncio, quanto a calúnias publicadas contra mim, não haja quem fora de Porto Alegre possa inferir que algo, nelas, tenha visto de verdade[403].

---

[400] *O Diário*. Porto Alegre, 13/09/1911. p. 1 (MCSHJC).

[401] *O Diário*. Porto Alegre, 15/09/1911. p. 1 (MCSHJC). As perguntas levantadas por Polidoro eram as seguintes: "- Porque motivo foi expulso da Liga Operária desta capital?
- Porque motivo, sendo ele proposto para sócio da União Operária Internacional, em sessão de 3 de setembro de 1905, não foi aceito?
- Porque motivo, durante a sua direção na Federação Operária, nunca permitiu que esta possuísse livro de tesouraria?
- Porque motivo até hoje não apresentou, conforme prometera, balanço das contas da greve de 21 dias, apesar de já serem passados 5 anos?
- A quem entregou o Sr. Costa o produto de sessenta entradas que recebera para o espetáculo do 1° de maio?
- Porque motivo não entrega os livros de escrita do Grêmio Dramático Xavier da Costa, ao respectivo tesoureiro?
- A quem entregou o Sr. Costa a importância de que é devedor aquele Grêmio ao Sr. Luiz Derive (sic)?
- Quando e por quem foi o Sr. Costa nomeado delegado do Grêmio de Artes Gráficas?
- Quem lhe deu autorização para se utilizar e emprestar móveis pertencentes a este Grêmio?
- Quem instigou a greve dos estivadores, provocando na respectiva sociedade uma cisão, que deu em resultado a morte da União dos Estivadores?".

[402] Idem, p. 2.

[403] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17/091911. p. 1 (MCSHJC). Tendo em vista a extensão e o detalhamento das respostas dadas por Xavier da Costa, resolvi não apresentá-las na presente tese.

Como se vê, mais uma vez, o conflito entre as lideranças do operariado porto-alegrense girava, sobretudo, em torno da honra dos contendores e não de diferenças político-ideológicas. Na troca de réplicas e tréplicas que se seguiu ao confronto inicial, percebe-se algumas características semelhantes a de outras polêmicas envolvendo Xavier da Costa. Por exemplo: as acusações mútuas de desvio de dinheiro das sociedades operárias, os ataques de cunho pessoal e, mais especificamente a respeito do líder socialista, as críticas de que ele pactuaria com a repressão policial aos anarquistas e provocaria, com o seu "chefismo", a cizânia entre os trabalhadores organizados.

Porém, novamente, o grande ponto de disputa dos polemistas referia-se ao peso de Xavier da Costa no movimento operário da capital gaúcha. Segundo os libertários, sua influência estava em franco declínio e, por isso, chamavam-no de "chefe de outrora", "chefe deposto", "ex-chefe", "destronado Bonzo" e outras expressões semelhantes[404]. Polidoro também buscou desmascarar aquela que considerava uma das principais táticas do oponente para ludibriar o operariado, qual seja, a de assumir o papel de "homem ponte" entre os trabalhadores e as autoridades constituídas:

> (...) a Federação Operária, continuando a sua marcha de propaganda e defesa dos interesses operários, vem dar um solene desmentido ao prestígio, que proclamam ter o sr. Xavier da Costa no

---

Remeto o leitor curioso ao artigo citado ou ao livro de PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p.p. 257-9.

[404] Logo no início da polêmica, Polidoro ressaltou que a vontade de Xavier da Costa de "(...) ferir a torto e a direito pessoas que nunca lhe fizeram mal e jamais se importaram com a sua chefia" originou-se "em duas festas operárias", nas quais ele teve "(...) a oportunidade de verificar que já não é o que dantes era...". E, pouco tempo depois, escreveu: "(...) o sr. Costa agoniza... Nos seus estertores, às vezes tenta ferir, arranhar, mas não alcança mais ninguém...". No mesmo sentido, Henrique Martins afirmou: "(...) à noite e aos domingos a casa dele [de Xavier da Costa] recorda uma igrejinha em que ele não é mais nem menos que um judas que tendo outrora algumas simpatias, tenta, com os poucos adeptos que lhe restam e que são os que fazem romaria à sua casa, destruir pela traição a causa que ora outros defendem, pelo simples fato de não ser ouvido e obedecido como um César". *O Diário*. Porto Alegre, 13/09/1911. p. 1; 15/09/1911. p. 1 e 25/10/1911. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.

> meio das classes trabalhadoras desta capital. Vem destruir a lenda de sua força eleitoral tantas vezes DESINTERESSADAMENTE oferecida, ora aos políticos do governo, ora aos da oposição.

E ainda:

> Sempre foi tática do sr. Xavier da Costa querer convencer aos incautos operários de que tem ele muitos amigos e boas relações entre as pessoas chegadas ao governo e, por outro lado, procura fazer crer a estas pessoas que possui uma legião de operários às suas ordens.
>
> As suas últimas aventuras políticas, porém, têm patenteado que o operariado, em sua grande maioria, não toma a sério o Sr. Costa[405].

Já o grupo simpático ao socialismo procurou reafirmar o prestígio de sua principal liderança e, nesse sentido, alguns indivíduos - Antônio Heit, Cincinato Câmara e Carlos Macchi - e associações - a União dos Operários Correeiros e de Ofícios Anexos, a Towarzystivo Naprzod, a Arbeiterverein, a União dos Trabalhadores em Madeira, a União dos Chapeleiros[406], a União dos Pintores e a União dos Estivadores - vieram a público manifestar solidariedade a Xavier da Costa. A intervenção desses "testas de ferro", "alter-egos" ou "títeres" de Francisco tinha o duplo fim de preservar a imagem do líder socialista e de evitar a sempre mal vista defesa da própria honra por parte dos militantes operários[407]. Assim, a apologia de Xavier da Costa vinha à público através da pena dos correligionários, como Cincinato Câmara que fez um retrospecto da trajetória política de seu "herói"[408]. Polidoro tratou

---

[405] *O Diário*. Porto Alegre, 15/09/1911. p. 1 e 21/09/1911. p. 1 (MCSHJC), respectivamente. Grifado no original.

[406] Nessa época, ao que tudo indica, ocorreu o rompimento político de Alberto Kruse com Xavier da Costa, pois o primeiro não quis deixar o posto de delegado da União dos Chapeleiros junto à FORGS, sendo, por isso, desligado da associação. *Echo do Povo*. Porto Alegre, 25/09/1911. p. 2 (FIB - MCSHJC).

[407] As expressões entre aspas foram retiradas do texto de defesa de Henrique Martins, de autoria de seu advogado Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, e referem-se a Cincinato Câmara. *Processo...*, op. cit. Sobre a desconfiança gerada pela defesa da própria honra no meio operário, ver nota 263.

[408] Diz Câmara: "(...) aquele que desempenha papel como tem desempenhado (...) Costa também é um herói". *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27/10/1911. p. 2 (MCSHJC). Segundo Bilhão, "(...) Cincinato Câmara (...), ao que parece, é apenas amigo pessoal de Xavier da Costa, não estando vinculado a nenhuma associação ou entidade de trabalhadores". BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit., p. 92. Ver também o depoimento de Câmara no *Processo...*, op. cit.

de desdenhar a importância desse apoio, escrevendo um artigo significativamente intitulado "A história do Sr. Xavier da Costa":

> O Sr. Xavier da Costa, para armar efeito, manda publicar cartas e faz ressuscitar associações para virem declarar que se retiram da Federação Operária, querendo deixar assim perceber que ainda haver possa alguma organização operária que seja solidária consigo...
>
> Esse expediente, se produz efeito nas rodas em que absolutamente se desconhece o movimento operário, não causa senão riso entre os operários que conhecem as manhas do Sr. Costa[409].

Do outro lado da trincheira, Francisco, talvez sentindo-se em desvantagem no conflito ou enjoado de lidar com tanta "lama"[410], optou pela via judicial para resolver a contenda. Em 30 de outubro de 1911, Raymundo Alexandre Pereira, advogado do líder socialista, deu queixa ao juiz distrital do crime contra Henrique Martins, devido às injúrias feitas por esse último "(...) ao querelante [Xavier da Costa], com a manifesta intenção de expo-lo ao desprezo público pela [ilegível] de defeitos à sua pessoa, de fatos ofensivos à sua reputação e honra (...) por expressões que na geral opinião são reputadas insultantes". À acusação, foram anexados artigos do *O Diário* de autoria de Polidoro e de Henrique[411]. Buscando defender-se, Martins afirmou não ter ofendido

> (...) ao querelante em sua honra, pois nos escritos ou publicações que lhe são atribuídas não há nem houve intenção dolosa ("animus injuriandi"), mas apenas justas censuras irrogadas ao mesmo querelante, por ter este, por sua norma de proceder, perturbado e entorpecido a vida civil do Grêmio [FORGS], fomentando a dissidência ou plantando o pomo da discórdia no seio da Federação Operária.

---

[409] *O Diário*. Porto Alegre, 21/09/1911. p. 1 (MCSHJC).

[410] Ao retirar-se da polêmica, conferindo a outros o direito de representá-lo, Xavier da Costa escreveu: "E, ponto final, por minha parte, neste escândalo, porque me causa náuseas lidar com a lama". *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17/09/1911. p. 1 (MCSHJC).

[411] Caberia perguntar porque Xavier da Costa processou apenas Martins, deixando Santos de fora da acusação. Para Bilhão, "algumas hipóteses podem ajudar a elucidar o caso. Inicialmente, como afirmam os aliados de Xavier da Costa em seus artigos, Henrique Martins é, naquele momento, não mais que um jovem agitador [tem 24 anos], que apesar de já estar há alguns anos na capital, mais precisamente cinco anos, ainda não pertence à diretoria da FORGS e não conquistou um espaço de carisma e relevância como o de Polidoro dos Santos. Por isso mesmo, seria muito mais difícil processar Polidoro já que ele está, vale lembrar, investido de um mandato. Processá-lo poderia trazer muito mais complicações aos socialistas a nível de organização operária". BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit., p. 95.

E também:

> (...) ainda quando se possa ou queira considerar injurioso o que ele, querelado, escreveu e publicou, é notório que o querelante tem também injuriado e feito injúrias pela imprensa a ele querelado, como se vê do número e exemplar junto do *Correio do Povo* [anexo ao processo] artigo assinado por Cincinato Câmara, pessoa oficiosa e dependente do mesmo querelante. Assim, compensadas as injúrias, nos termos da lei.

Percebe-se, portanto, que o querelante tratou o caso como uma questão pessoal, buscando reparar as ofensas feitas publicamente às suas reputação e honra. Já o querelado, na tentativa de livrar-se das acusações, oscilou entre dois pólos: ora apresentou-se enquanto defensor de interesses coletivos, evocando os danos causados pelo líder socialista à Federação Operária; ora justificou seus artigos como respostas individuais a ofensas contra ele dirigidas por Cincinato Câmara, "pessoa oficiosa e dependente" de Xavier da Costa. Ao final do processo, considerou-se procedente a queixa de Francisco de que havia sido cometido um "crime de injúrias impressas". A tese de "compensação de injúrias", levantada por Henrique, não foi vitoriosa pois, segundo o juiz Hugo Teixeira, "(...) a compensação alegada não é admissível porque não pode o querelante ser responsável pelos artigos escritos e assinados por Cincinato Câmara" e "(...) a compensação só é admitida entre as partes que reciprocamente se injuriam"[412].

[412] Ao longo do processo, o caso é tratado, sobretudo, como uma questão pessoal entre Xavier da Costa e Henrique Martins. Mesmo esse último procurou mostrar, através do depoimento de várias testemunhas, que Cincinato Câmara havia escrito o artigo ofensivo à sua honra a partir de indicações do líder socialista. Tal alegação, obviamente, foi desmentida por Câmara e descartada pelo juiz. Ver: *Processo...*, op. cit. Porém, a União Tipográfica e a FORGS buscaram dar um sentido coletivo ao fato. A primeira fez publicar a seguinte resolução: "(...) considerando que o sócio Henrique A. Martins se encontra atualmente respondendo a um processo-crime que lhe é movido por ter publicado artigos em defesa da classe operária; e considerando mais que o móbil deste processo é afastá-lo do meio operário, onde é aquele consócio tido como esforçado propagandista - Resolve: hipotecar ao mesmo consócio todo o apoio moral com as mais vivas simpatias pela vitória de sua causa e nomear uma comissão especial que se encarregará de solicitar a cada sócio o apoio material para auxiliar a defesa do referido consócio". Já a Federação divulgou ter sido, no dia 3 de dezembro de 1911, lançado em ata "(...) um voto de solidariedade convosco [Martins], não só pela simpática atitude que tens assumido em defesa da Federação Operária como pelo fato de estardes, por esse mesmo motivo, submetido a um processo sob todo o ponto de vista iníquo". *O Diário*. Porto Alegre, 21/11/1911. p. 1 e 10/12/1911. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.

Em 27 de novembro de 1911, Teixeira condenou Martins a quatro meses de prisão celular, pagamento de multa de 450$000, além das custas do processo[413]. Depois de tentar sem sucesso uma apelação, o anarquista fugiu em direção ao centro do país. Parece que trabalhou por algum tempo como compositor tipógrafo em São Paulo[414], transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, onde adotou o pseudônimo de Cecílio Vilar e continuou a militar no movimento operário[415].

Na capital gaúcha, Xavier da Costa - após perder sua liderança na FORGS e enfrentar uma desgastante batalha, na imprensa e nos tribunais, com os libertários - passou a buscar outros espaços de atuação junto ao operariado da cidade. Mas esse é um assunto a ser abordado posteriormente...

* * *

Por ora, gostaria de lembrar que, no período compreendido entre 1906 e 1911, as trajetórias de Francisco Xavier da Costa e de Carlos Cavaco se entrecruzaram, se aproximaram e se afastaram diversas vezes. O primeiro elemento a aproximar seus itinerários foi a intensa militância em prol da causa operária e do socialismo. Ambos atuaram, muitas vezes lado a lado, na imprensa, nas associações de trabalhadores, em comícios, festividades e partidos, pregando idéias que, segundo eles, indicavam os meios de se chegar à emancipação do proletariado. Nesse percurso, Xavier da Costa firmou-se como a principal liderança socialista de Porto Alegre e Cavaco reforçou sua reputação de tribuno e agitador das massas. Além disso, os

[413] Todos os dados e citações foram extraídos do *Processo...*, op. cit.
[414] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 04/04/1912. p. 3 (FSP - MCSHJC).
[415] Ver, sobre a militância de Henrique Martins: BILHÃO, I. *Rivalidades...*, op. cit., p. 101-103; MARÇAL, J. B. *Os anarquistas...*, op. cit., p.p. 173-180 e PETERSEN, S. R. F. *Cruzando fronteiras...*, op. cit., p. 95.

protagonistas dessa tese consolidaram uma significativa amizade, expressa na palavra empregada por Carlos para se referir a Francisco: "irmão".

Os dois também estiveram na mesma trincheira na polêmica ocorrida em 1907, na qual digladiaram-se socialistas e anarquistas. Foram, igualmente, os fundadores da FORGS durante a "Greve dos 21 dias" e, diante do avanço dos libertários na entidade em 1911, buscaram agregar os trabalhadores do Rio Grande do Sul em uma nova sociedade, a Confederação Geral do Trabalho, de duração efêmera.

Em outros momentos, contudo, Xavier da Costa e Cavaco seguiram caminhos diferenciados e, por vezes, opostos. Saliento, inicialmente, que, enquanto o primeiro aliava a militância no movimento operário ao seu trabalho de artista litógrafo, o Tribuno - mais exuberante - conjugava a pregação socialista e o exercício do jornalismo com a carreira artística, escrevendo livros e peças de teatro e estreando como ator de cinema.

Porém, foi a intervenção da "política burguesa" no meio operário - ou seja, a busca de apoio dos trabalhadores por parte dos grandes partidos - que suscitou as maiores divergências entre os citados líderes. Assim, no contexto das eleições estaduais de 1907, Cavaco apoiou Fernando Abbott, representante da dissidência republicana, e Xavier da Costa defendeu a completa neutralidade do operariado nas "tricas políticas da burguesia". No ano seguinte, eles se uniram em torno da candidatura de Luiz Wetter ao Conselho Municipal, na chapa encabeçada por outro dissidente do PRR, Antão de Farias, e apoiada pelo Partido Operário, pelo Partido Republicano Democrático e pelo Partido Federalista. Finalmente, em 1910, Cavaco participou da campanha em favor da eleição de Rui Barbosa à Presidência da República. Na ocasião, Francisco parece ter manifestado mais simpatias ao candidato

vencedor, Hermes da Fonseca, aproximando-se ainda do governo municipal em busca de auxílio à construção do Ateneu Operário.

Tais encontros e desencontros - frutos de decisões individuais diante de escolhas socialmente determinadas - delinearam as trajetórias políticas e pessoais de Xavier da Costa e de Carlos Cavaco e, de forma mais geral, devido à força da liderança desses personagens, conformaram a própria história do movimento operário gaúcho.

IV - QUAL É O NOSSO SOCIALISMO?
as idéias socialistas de Xavier da Costa e de Cavaco (e talvez de muitos de seus companheiros)

fontes de inspiração de seu pensamento político e ainda os grupos que os dois militantes consideravam inimigos da "sublime doutrina". Realizei a análise a partir de textos de autoria comprovada ou provável dos personagens publicados em periódicos, obras literárias (especialmente no caso de Cavaco) e dos manifestos lançados pelos socialistas porto-alegrenses.

tipo de enfoque proposto pode conduzir a interpretações excessivamente abstratas e cristalizadas, como se as idéias não fossem sempre formuladas/defendidas por pessoas reais em contextos determinados. Tentei dar conta desse problema, abordando as variações, oscilações e diferenças das concepções de Xavier da Costa, de Cavaco e, talvez, de muitos de seus companheiros. Pretendo, assim, oferecer subsídios que permitam determinar com mais precisão qual era o socialismo presente em Porto Alegre nos últimos anos do século XIX e primeiros do XX.

* * *

Em 8 de agosto de 1900, em um texto publicado no *Correio do Povo*, no contexto da polêmica com Eça de Oliveira, Francisco Xavier da Costa declarou: "sigo a teoria pregada pelo imortal Karl Marx; - o socialismo científico, ao estudo do qual dedico, especialmente, as poucas horas que me sobram do labor cotidiano na oficina onde ganho os parcos meios de subsistência para mim e minha família". Quase sete anos depois, o *A Luta*, no âmbito de outra polêmica, afirmou sobre Carlos Cavaco: "(...) no Café Ferro Carril, falando com os camaradas Ferro, Geyer e Michalski [militantes anarquistas], disse que nada havia lido sobre anarquia ou socialismo; que era simplesmente um patriota, mas um patriota sem rancor"[1].

Tais palavras são uma boa porta de entrada para pensar as relações dos dois personagens com as idéias socialistas. As primeiras, de autoria do próprio Francisco, atestam de forma explícita sua filiação ideológica ao pensamento tributário de Marx, bem como sua dedicação ao estudo dessa doutrina. Já o *A Luta* - buscando, obviamente, denegrir a imagem de Cavaco - pode ter apresentado uma informação inverídica a respeito do opositor. Porém, se ela foi enunciada publicamente, talvez revele a vinculação mais superficial e afetiva do Tribuno com o socialismo. Torna-se necessário, agora, aprofundar e matizar esse quadro inicial.

[1] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 08/08/1900. p.p. 1-2 (MCSHJC) e *A Luta*. Porto Alegre, 15/05/1907. p. 4 (NPH), respectivamente.

4.1 - Ampliação da cidadania: a grande reivindicação

A adesão de Xavier da Costa ao socialismo, como foi o caso de boa parte de seus correligionários em todo o Brasil, está ligada à frustração com os rumos do sistema republicano instaurado em 1889, que não cumpriu as promessas de ampliação da participação política dos trabalhadores. Nesse sentido, no *Manifesto do Partido Socialista do Rio Grande do Sul* de 1897, pode-se ler:

> Povo tradicionalmente entusiasta pela liberdade e pelo progresso, o rio-grandense foi um dos que, sob o regime da monarquia bem poucas simpatias demonstrara por essa forma de governo impossível de ser tolerada com agrado pelas nações amantes da civilização moderna, porque é a anulação da soberania popular.
>
> Crente de que somente a forma republicana poderia dar-lhe a felicidade almejada, quando as classes armadas proclamaram-se inesperadamente, ele, enquanto se mostrasse estupefato, não teve um protesto, um leve movimento de desgosto sequer, ao recebê-la como uma dádiva.
>
> No entanto, malgrado seu, com o regime sucessor da soberania de um homem inviolável e sagrado não lhe veio a felicidade ansiosamente desejada, porque a esta soberania substituiu uma outra que não é a sua.
>
> E, triste corolário, ainda outra vai se erguendo agora, lentamente, como uma serpente: é a pior de todas, é a mais tirânica para o povo, chama-se: - o capitalismo.
>
> É um grande mal que nasce; urge opor-se-lhe em benefício de todos, um grande remédio: - o socialismo[2].

Francisco, litógrafo pobre e negro - e, portanto, social e etnicamente discriminado na sociedade porto-alegrense do final dos oitocentos -, deve ter visto nas idéias socialistas - aprendidas através de leituras e contatos pessoais - o amparo teórico necessário para fundamentar o projeto de uma sociedade mais justa e igualitária, diante dos limites impostos pelas classes dominantes e pela política oficial.

---

[2] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/05/1897. p. 1 (MCSHJC). Lembro que Xavier da Costa foi um dos signatários desse Manifesto. Para o exame do desencanto dos operários com a República no Rio de Janeiro e em São Paulo, ver: CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. p.p. 51-64 e PANSARDI, Marcos Vinícius. *Republicanos e operários: os primeiros anos do movimento socialista no Brasil (1889-1903)*. Campinas, Departamento de Ciência Política do IFCH da UNICAMP, 1993.

Em 1905, no *Manifesto* de fundação de outro efêmero Partido Operário, encabeçado por Xavier da Costa, então reconhecido como o grande líder socialista da Capital gaúcha, reaparecem as críticas aos descaminhos da República:

> Condenou-se a monarquia como despótica, opressora, perdulária e antagônica, portanto, ao bem estar da coletividade. Manda, porém, a verdade histórica reconhecer que aquela nunca levou o seu despotismo, a sua opressão, ao ponto de estabelecer penalidades de prisão celular e multa aos operários que, reunidos, se opusessem, por meio de greve pacífica, à demasiada exploração de seu trabalho (...). E diga-se também, em abono à verdade, que durante o domínio monárquico nunca o proletariado foi arrojado às torturas da miséria como tem sucedido gradualmente de 1890 até hoje[3].

No texto "Por nós, operários" - publicado no *A Democracia* em janeiro de 1907 e assinado por Xavier da Costa -, o desencanto com a República foi, mais uma vez, explicitado com contundência:

> Dizem que a 15 de novembro de 1889 o Povo do Brasil emancipou-se, assumiu o pleno exercício de sua soberania; dizem isto, pseudo representantes do país, exibindo pletora de eloqüência em sensacionais arroubos tribunícios nas câmaras de deputados; dizem-no os jornalistas políticos da burguesia; dizem-no ainda, com ênfase, nas solenes ocasiões em que a necessidade do fogo de artifício da retórica se impõe, os que engordam apegados às tetas da receita nacional e os que se esforçam para conseguí-lo.
>
> Dizem isso, e, no entanto, o que fica a descoberto, o que é evidente é que justamente naquela data, que deveria ser a do início do regime do Povo pelo Povo, começou a derrocada das alegrias das classes chamadas proletárias, com o ludibrio atrocíssimo das esperanças que estas mantinham do alvorecer de dias mais felizes.
>
> Para os simples trabalhadores, para a multidão de deserdados da fortuna que laboram hoje para ter com que se alimentar amanhã, para o Povo propriamente dito, com a alvorada do 15 de novembro de 89 alçou-se no horizonte a nuvem negra e pejada de tristezas da escravidão...[4]

Entretanto, o alvo dos ataques dos socialistas de Porto Alegre não era propriamente o sistema de governo mas os "medalhões políticos" e os "argentários" que deturpavam o seu funcionamento. Segundo Francisco, com a República, "(...) veio o predomínio absoluto, impiedoso, egoístico, dos elementos burgueses, que arrogaram a si a supremacia em tudo sobre as classes produtoras (...) e, deste modo, fizeram com

estas a partilha feita pelo leão da fábula". Por isso, o *Manifesto* de 1905 proclamava: "certo é que não ao sistema republicano e sim às classes que se apoderaram do governo cabem os anátemas pela implantação do mal-estar, da infelicidade no seio do Povo que trabalha. Não é na forma de governo do país que reside a causa originária do mal que nos oprime - é a forma de governá-lo"[5]. Assim, Xavier da Costa e seus companheiros, em muitas ocasiões, apresentavam-se como guardiães do "verdadeiro ideal republicano". Em um artigo do *A Democracia*, por exemplo, fica clara a tentativa de se estabelecer uma continuidade entre o republicanismo e o socialismo: "nos tempos da monarquia, quando ser-se republicano parecia, aos próceres do governismo, causa tão irrisória, tão utópica, tão insensata como hoje lhe parece o ser-se socialista (...)". De acordo com o redator, provavelmente Francisco, a República havia se corrompido por obra dos oportunistas: "(...) a multidão de 'dedicados' emergidos da onda do adesionismo aos vitoriosos de 15 de novembro" ou "(...) certa gente que anos depois, em pleno regime a cujo advento se haviam oposto, timbravam, como atualmente, em se exibir 'mais republicana do que a própria República'"[6].

Já Carlos Cavaco aderiu ao socialismo mais tardiamente, às vésperas da greve geral de 1906, motivado pelo desejo de vincular seu nome a uma causa nobre que pudesse lhe abrir, ao mesmo tempo, uma via de projeção e um espaço de atuação

---

[3] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1905. p.p. 2-3 (MCSHJC).
[4] *A Democracia*. Porto Alegre, 06/01/1907. p. 1 (MCSHJC).
[5] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1905. p.p. 2-3 (MCSHJC).
[6] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/07/1905. p. 2 (MCSHJC). D. Anita, ao falar da vida política de seu pai, salientou, igualmente, a ligação de Xavier da Costa com os princípios republicanos: "Ele era socialista republicano (...)". Entrevista ao autor, op. cit.

Na França, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, uma parte dos socialistas também buscou se integrar na continuidade republicana. Jaurès, por exemplo, refletiu sobre "(...) a transformação possível do Estado republicano imperfeitamente democrático em Estado socialista (...)". Porém, naquele país, ao contrário do Brasil, o socialismo enraizava-se em uma sólida cultura republicana democrática. Ver: CHARLE, Christophe. La question de l'État de Jaurès à Léon Blum. *Jean Jaurès Cahiers Trimestriels*. Le Vésinet, nº 150, outubro/dezembro 1998 (de onde retirei a citação, p. 49) e NICOLET, Claude. *L'idée républicaine en France: essai d'histoire critique*. Paris, Gallimard, 1982.

na sociedade porto-alegrense da época. Afinal, conforme foi visto antes, ele se definia como um "peregrino de todos os ideais enobrecedores" e um "legionário de todas as idéias grandiosas".

Em termos teóricos, Cavaco, ao contrário de Xavier da Costa, não parece ter dedicado muitas horas ao estudo da "sublime doutrina", o que talvez desse margem aos comentários do *A Luta* citados no início do capítulo. Mas, através da leitura de poetas e romancistas críticos da exploração do trabalho - Victor Hugo, José Hernández e outros -, e de contatos travados nos círculos literários e boêmios da capital gaúcha - que tinham o Café Ferro Carril entre seus pontos de encontro -, aproximou-se do socialismo e do movimento operário. Contudo, apesar desse engajamento, o Tribuno não deixou de se identificar como "(...) soldado do glorioso partido republicano (...)", em abril de 1906, ou "republicano independente", em março do ano seguinte[7]. Portanto, também no caso de Cavaco, verifica-se a interpenetração de ideais e posicionamentos socialistas e republicanos.

* * *

Ante as péssimas condições de vida e trabalho do proletariado, a ausência de proteção do Estado e a exclusão dos trabalhadores dos mecanismos de decisão política, quais eram os ideais defendidos por Xavier da Costa, Cavaco e outros socialistas atuantes em Porto Alegre e os meios que, segundo eles, permitiriam a sua concretização?

[7] Carta de Cavaco a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 30/04/1906 (ABM/IHG-RS) e *Petit Journal*. Porto Alegre, 20/03/1907. p. 1 (MCSHJC), respectivamente.

Utilizando uma noção bastante difundida na atualidade, pode-se dizer que esses militantes tinham como principal bandeira de luta a ampliação da cidadania - entendida enquanto garantia de direitos políticos e sociais - a todos os indivíduos, independentemente de sua condição de classe[8]. Na polêmica com Eça de Oliveira, por exemplo, Xavier da Costa tratou do tema da igualdade entre os homens, aconselhando ao opositor:

> Leia, por exemplo, a *Teoria do Socialismo* de Oliveira Martins, que, entre outras coisas lá encontrará o seguinte:
>
> A teoria da igualdade emana da doutrina da justiça; o serem os homens desiguais não quer dizer que não sejam equivalentes quando considerados na soma das suas faculdades. Pelo contrário: da idéia de unidade e identidade da força emana necessariamente a idéia da equivalência.
>
> Eça de Oliveira não compreende o que é a idéia de igualdade de que falam os socialistas[9].

Anos depois, o *Manifesto de 1º de Maio de 1907* afirmava que o operariado deveria

> (...) patentear claramente o seu desejo de emancipar-se das injustiças predominantes no regime burguês (...) e (...) demonstrar, também, saber que **todos os humanos têm direitos iguais no planeta em que vivemos**, pois que a natureza, apesar de haver feito diferentes raças nada produziu nem produz que signifique diferenças de direitos entre os homens.

---

[8] Para a discussão das diversas concepções de cidadania presentes no Brasil nos anos que se seguiram à implantação do sistema republicano, a obra fundamental é a de CARVALHO, J. M. *Os bestializados...*, op. cit. Segundo o autor, "(...) temos que no início da República nasceram ou se desenvolveram várias concepções de cidadania, nem sempre compatíveis entre si. Se a mudança de regime político despertava em vários setores da população a expectativa de expansão dos direitos políticos, de redefinição de seu papel na sociedade política, razões ideológicas e as próprias condições sociais do país fizeram com que as expectativas se orientassem em direções distintas e afinal se frustrassem. O setor vitorioso da elite civil republicana ateve-se estritamente ao conceito liberal de cidadania, ou mesmo ficou aquém dele, criando todos os obstáculos à democratização. (...) O positivismo era pela ampliação dos direitos sociais, mas negava os meios de ação política para conquistá-los, tanto os revolucionários quanto os representativos. O anarquismo negava legitimidade à ordem política, a qualquer ordem política, não admitindo, portanto, a idéia de cidadania, a não ser no sentido amplo de fraternidade universal. Restavam **os socialistas democráticos, os únicos a propor a ampliação dos direitos políticos e sociais dentro das premissas liberais**" (p. 64, grifo meu). A mesma temática é tratada, especificamente em relação a Porto Alegre, por PACHECO, Ricardo de Aguiar. *O cidadão está nas ruas: representações e práticas acerca da cidadania republicana em Porto Alegre (1889-1891)*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 2001. Sobre a noção de cidadania, ver ainda: MARTINS, Ismênia de Lima. Cidadania e história. In: MARTINS, Ismênia de Lima; MOTTA, Rodrigo Patto Sá e IOKOI, Zilda Gricoli (org.). *História e cidadania. Anais do XIX Simpósio Nacional de História - ANPUH*. São Paulo, Humanitas Publicações-FFLCH-USP/ANPUH, 1998.

[9] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 08/08/1900. p.p. 1-2 (MCSHJC).

> Estas, que existem, não são resultantes da "vontade de alto poder indestrutível", como, infelizmente, ainda há quem acredite, são, apenas, estabelecidas por indivíduos de carne e osso como nós, e, portanto, podem e devem ser extintas e substituídas por uma **igualdade de direitos e de deveres** consentânea com a realidade das coisas[10].

Ou seja, para os autores do documento - entre os quais provavelmente estava Francisco -, as diferenças sociais não eram nem naturais, nem frutos de vontades superiores/divinas, mas derivadas das iniqüidades da ordem burguesa e, conseqüentemente, passíveis de serem transformadas pela ação unificada dos trabalhadores.

A cidadania desejada pelos socialistas encontrava sua expressão no lema revolucionário francês "Liberdade, igualdade, fraternidade". O referido *Manifesto do Partido Socialista* de 1897 afirmava: "O socialismo é o verdadeiro regime da liberdade, da igualdade e da fraternidade"[11]. Já Cavaco, ao lançar as bases do Partido Socialista de 1908, disse: "Sempre defendemos nós a liberdade, o direito, a razão, a igualdade, a justiça, a fraternidade!"[12]. Esses militantes - no que não diferiam de muitos de seus pares de outras regiões do globo - viam-se, pois, como herdeiros e continuadores dos ideais da Revolução de 1789[13]. Por isso, procuravam associar simbolicamente sua causa e suas ações às imagens daquele movimento. Nesse sentido, no *Manifesto* antes citado, afirma-se que o feriado do Dia do Trabalho foi instituído em 14 de julho de 1889, quando se comemorava o centenário da tomada da Bastilha e a "(...) democracia-social reuniu-se em congresso naquele mesmo local onde com toda

---

[10] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1907. p. 1 (MCSHJC). Grifos meus.
[11] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/05/1897. p. 1 (MCSHJC).
[12] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 53 (discurso gravado em disco, sem outra referência da fonte).
[13] Ver: BATALHA, C. *Nós, filhos...*, op. cit.; NICOLET, C., op. cit. e PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit. Segundo a última autora, "o processo de constituição da cidadania foi também alimentado por um entendimento de que a igualdade de direitos da Revolução Francesa era, afinal, uma igualdade para a burguesia e que só o socialismo seria capaz de tornar universais os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade (...)" (p.p. 176-7).

a pujança se havia demonstrado a energia popular"[14]. De maneira semelhante, o estudante Fernando Barreto comparou Cavaco a "(...) Desmoulins, atando ao vento a gravata vermelha da revolta rubra e erguendo nas ruas barulhentas de Paris o estandarte da insurreição"[15].

Visando a efetivação desses ideais, Xavier da Costa, Cavaco e seus companheiros realizaram um intenso trabalho de propaganda no sentido de conformarem uma identidade política para a classe operária porto-alegrense, assentada na união, na solidariedade e na altivez. Com tal objetivo, o primeiro escreveu em 6 de janeiro de 1907:

> Unamo-nos econômica e politicamente e só assim obteremos o que necessitamos: a nossa emancipação.
> Operários! Além de termos por nós o Direito e a Razão - somos a maioria.
> Unamo-nos, pois, e a vitória será infalível![16]

No folheto *Operários*, Cavaco também exaltou a união dos trabalhadores: "Uma única coisa pode salvar, em breves dias, a classe dos trabalhadores - é a 'União'. Sejam eles unidos, ligados para o mesmo fim, corajosos e honrados, e a vitória será uma realidade. 'Da união nasce a força'"[17]. Esses chamamentos, que, aos olhos de hoje, parecem ingênuos ou meros exercícios de retórica, tinham muito sentido no contexto gaúcho - e brasileiro como um todo - do final do século XIX e início do XX, quando o movimento operário ensaiava seus primeiros passos e contava com poucos participantes. A afirmação da identidade do operariado em oposição à burguesia parecia ser o primeiro passo de uma efetiva ação reivindicatória. Com seus discursos, artigos na imprensa e rituais (desfiles, comemorações etc.), os líderes da

[14] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1907. p. 1 (MCSHJC).
[15] CAVACO, C. *A carta anônima*, op. cit., p. II.
[16] *A Democracia*. Porto Alegre, 06/01/1907. p. 1 (MCSHJC).
[17] *A Democracia*. Porto Alegre, 26/05/1907. p. 3 (MCSHJC).

classe buscavam difundir o hábito da solidariedade entre os trabalhadores, fundamento de uma prática política eficaz[18].

A cristalização dessa identidade se dava, inicialmente, segundo os socialistas, nas associações de trabalhadores. Nelas, os operários poderiam encontrar apoio frente a exploração do patronato e a ausência de outras formas de proteção em caso de necessidade. Nesse sentido, o *A Democracia* de 11 de junho de 1905, ao noticiar um acidente de trabalho ocorrido na Companhia Progresso Industrial, perguntou: "E temos em Porto Alegre alguma caixa de socorros para operários que se invalidem temporária ou definitivamente?". Na continuidade, o redator fez a seguinte conclamação:

> [Proletários] reergam as sociedades operárias que ainda há pouco anos fulguraram entre nós, com grande entusiasmo, e deem-lhes feição mais prática e menos divertida porque é passado o tempo das cigarras cantarem...
>
> Previdência, união e resolução de vencer, a todo transe - eis o que é urgente[19].

Aos olhos de suas lideranças, as sociedades operárias também deveriam se constituir em espaços de luta contra a burguesia. Ilustra essa idéia, outro chamamento feito pelo mesmo jornal em 1907: "Unamo-nos, fortaleçamos as nossas associações e

---

[18] A última frase foi inspirada em Eric Hobsbawm que, analisando os primeiros movimentos de trabalhadores na Inglaterra, afirma: "o hábito da solidariedade, que é o fundamento do sindicalismo eficaz, leva tempo para ser aprendido (...). Leva mais tempo ainda para ser integrado ao código de ética inconteste da classe operária". HOBSBAWM, Eric. Os destruidores de máquinas. In: ___. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo, Paz e Terra, 1998. p. 20.

Segundo Pansardi, os socialistas atuantes no Rio de Janeiro e em São Paulo, ao buscarem conformar uma identidade operária, iam além da reivindicação da cidadania. Assim, o socialismo teria surgido "(...) da necessidade do operariado de criar uma imagem própria e independente enquanto classe e não apenas como cidadãos, como queriam os republicanos mais radicais". PANSARDI, M. V., op. cit., p. 7. De minha parte, considero que a formação dessa identidade era vista, ao menos pelos socialistas de Porto Alegre, como base da almejada ampliação da cidadania, ou seja, eles buscavam, simultaneamente, conquistar para os trabalhadores os "status" de operários e de cidadãos.

[19] *A Democracia*. Porto Alegre, 11/06/1905. p. 2 (MCSHJC). De forma semelhante, o mesmo jornal, referindo-se à União dos Pedreiros, afirmou: "Seus estatutos são um código do dever, tem a importância de um **evangelho de solidaridade** (...)". *A Democracia*. Porto Alegre, 07/04/1907. p. 1 (MCSHJC). Grifo meu.

combatamos a supremacia burguesa em tudo quanto ela se evidenciar"[20]. Portanto, conforme os socialistas, as associações de trabalhadores tinham uma tripla função: agregar o operariado - inicialmente segundo o ofício e/ou a etnia e, depois, em entidades pluri-profissionais -, fomentando sua solidariedade de classe; proteger os sócios necessitados e promover a resistência frente à exploração capitalista.

Para que tais objetivos fossem atendidos, Xavier da Costa, Cavaco e seus correligionários consideravam de grande importância o desenvolvimento cultural dos proletários. Por essa razão, defendiam a criação de escolas, bibliotecas e grupos de teatro e realizavam conferências, objetivando levar a "luz do saber" aos trabalhadores. Assim, quando da fundação da escola da União dos Pedreiros, o *A Democracia* saudou a iniciativa afirmando:

> (...) bem haja essa sociedade que, compreendo, com precisão de vidente, a influência decisiva e sã do cultivo intelectual do homem do trabalho, na solução da questão social, procura praticar sem egoísmo, sem nenhum vislumbre de pretensiosa supremacia sobre suas congêneres, os meios e modos de disseminar a maravilhosa luz do saber entre o elemento explorado e.... e desprezado pelas valiosas classes burguesas!
>
> .....
>
> (...) somos do número dos proletários que pensam e estão convencidos de que a classe operária jamais logrará a reivindicação real, efetiva e definitiva de seus direitos enquanto no seu seio imperar a ignorância..
>
> Triste é dize-lo – mas é a verdade: a falta de instrução na maioria dos nossos irmãos de classe é que produz todas as dificuldades que se antepõem à melhoria de suas condições.
>
> O homem ignorante coloca-se – ou é colocado – sempre, em um destes dois extremos: ou na passividade de irracional, ou no mórbido desperdiçar de esforços, provocado pelo fanatismo[21].

A idéia do conhecimento como fonte de emancipação era bastante difundida no movimento operário - e em diversas parcelas da sociedade - do Brasil da I República e ancorava-se em uma longa tradição cultural que remonta, no mínimo, ao

[20] *A Democracia*. Porto Alegre, 06/01/1907. p. 1 (MCSHJC).
[21] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/04/1907. p. 1 (MCSHJC).

Iluminismo[22]. Na mesma linha, os líderes socialistas, em geral, acreditavam-se mais educados - "iluminados" - do que os seus "irmãos de classe" e, por isso, viam-se incumbidos da tarefa de dissipar as trevas da ignorância do "elemento explorado", condição para a "solução da questão social".

Contudo, na perspectiva dos socialistas, a principal via de ampliação da cidadania era a formação de um partido político autenticamente operário ou, nas palavras de Xavier da Costa, constituído por indivíduos "verdadeiramente saídos do seio do elemento trabalhador"[23]. Essa aspiração baseava-se na crença de que as desigualdades econômicas derivavam do monopólio dos mecanismos de decisão política pelas "classes burguesas". Segundo o *Manifesto do Partido Operário* de 1905:

> (...) Ninguém poderá negar que o operariado é a grande maioria popular. Pois bem: até hoje nos tem sido vedada, sistematicamente, qualquer interferência na direção pública; a administração dos interesses da coletividade, sejam quais forem, tem sido monopolizada pelas classes burguesas que, para conseguí-lo, não se detém na escolha dos meios. (...)
> .....
> (...) nada, absolutamente nada nos é possível esperar das outras classes, porque lhes convém o nosso entorpecimento político. E sem ser pelo lado político jamais alcançaremos o caminho da nossa emancipação.
> .....
> O Estado é, por meios legais e ilegais, o promotor e o defensor dos interesses de todas as classes, com exceção dos da operária; façamo-la, portanto, ser eqüitativa e garantir igualmente os nossos submetendo-o à nossa influência também.
> À luta política pois![24]

Percebe-se, pois, que os autores do *Manifesto* entendiam a cidadania sobretudo como a possibilidade de interferir nos negócios públicos, da qual

---

[22] Ver: STAROBINSKI, Jean. *1789: os emblemas da razão*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
[23] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/07/1905. p. 3 (MCSHJC). Nesse ponto, os socialistas de Porto Alegre não se diferenciavam da maioria dos seus correligionários europeus das duas últimas décadas do século XIX. Ver: BATALHA, Claudio H. M. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do marxismo no Brasil. Vol. 2: Os influxos teóricos*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995. p.p. 14 e 15. Para um caso semelhante no Rio Grande do Sul, consultar: SCHMIDT, Benito B. *Um socialista...*, op. cit.
[24] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1905. p.p. 2-3 (MCSHJC).

derivariam os demais direitos sociais. Portanto, a luta dos operários precisava ser travada, principalmente, no terreno político-partidário, visando a eleição de "verdadeiros representantes" da classe para postos no parlamento e no governo, onde pugnariam pela melhoria das condições de vida e trabalho de seus companheiros. À luz dessa análise, pode-se entender melhor o seguinte comentário do *A Democracia*, referente à morte do operário José Ernesto de Andrade em um acidente de trabalho:

> Aí fica, na simples descrição daquela grande desgraça, mais uma das irrefragáveis razões por que se desejava há poucos anos, se pede agora, se exigirá amanhã e há de ser imposto mais tarde ao governo do nosso país - quer ele queira quer não - o estabelecimento de uma lei sobre acidentes, semelhante, pelo menos, às que existem nos principais países europeus para garantia da subsistência ao operário que se inutilize em suas funções profissionais ou à família quando ele é vítima no trabalho[25].

Enfim, para uma parcela significativa dos socialistas do período e, mais especificamente, para os protagonistas dessa tese, três eram as principais ações que conduziriam à emancipação do operariado: a arregimentação associativa, a "elevação cultural" do proletariado e a constituição de um partido genuinamente operário. Tais frentes indicam a preferência desses militantes por medidas reformistas, já que eles aspiravam a participação dos operários nos negócios do Estado juntamente com outras classes e não a sua tomada ou eliminação. Assim, o *A Democracia*, ao comentar as formas de atuação a serem seguidas pelos trabalhadores, afirma: "Nada de extremos meios de luta quando não o exijam extremas necessidades". E ainda: "Tratemos de nos organizarmos, mas sempre calmos, prudentes e com firmeza (...)". A inspiração dessa postura gradualista vinha, entre outros autores, dos escritos de C. Novel, constantemente citado no *A Democracia*:

> Evitemos que os nossos companheiros de classe se deixem levar, por maus conselheiros, pela vereda do ódio – pois que, conforme o ensinou C. Novel, luta de classes significa, não ódio ou luta contra

[25] *A Democracia*. Porto Alegre, 14/02/1907. p. 3 (MCSHJC).

> indivíduos isolados, que não são senão resultantes e não causa do antagonismo irredutível entre interesses opostos, mas luta contra o conjunto da ordem capitalista-burguesa, causa da desordem social[26].

Apesar da ênfase reformista, Xavier da Costa e Cavaco, muitas vezes, empregaram a palavra revolução, e suas variações, com sentido positivo nos textos e discursos que escreveram/pronunciaram. O último parece ter utilizado o termo sobretudo de forma retórica, buscando empolgar as massas, sem deixar claro qual era o seu entendimento do vocábulo. Isso ajuda a explicar porque, em um mesmo discurso - realizado quando da fundação do Partido Socialista em 1908 -, o Tribuno tenha associado o socialismo à conciliação - "A sua bandeira [do Partido Socialista] de paz, de amor, de concórdia, está desfraldada aos valentes, no seio turvo das tempestades políticas, sociais e religiosas desta terra" - e bradado: "Viva a Revolução Social!"[27]. Possivelmente para Cavaco - e em consonância com a "persona" de herói revolucionário romântico por ele construída -, a revolução era mais um estado de espírito do que parte de um projeto político claro e com orientação teórica definida. Dessa forma, ao caracterizar o personagem Anarlo, protagonista do romance *Estella* e seu provável alter ego, o autor escreveu: "moço de espírito ardente e revolucionário, dado às pugnas, sobre possuir uma alma de verdadeiro poeta sentimentalista e forte". E ainda: "(...) uma profunda revolta bradava lá dentro, na alma pura desse moço altivo, contra todas essas coisas erradas que a sociedade impõe e que os homens aceitam por covardia". Contudo, mesmo nesse texto de ficção, pode-se verificar a

---

[26] *A Democracia*. Porto Alegre, 14/02/1907. p. 1 (MCSHJC). Ver também o texto de C. Novel, "Sobre o futuro", transcrito no *A Democracia*. Porto Alegre, 13/07/1907. p. 3 (MCSHJC).

No *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, encontrei apenas um militante com o sobrenome Novel: o socialista Jean-Claude Novel, nascido em Lyon em 1857. Ligado ao Parti Ouvrier Français (POF), em 1904, ele publicou a brochura *Le Matérialisme scientifique et ses conséquences. Socialisme et lutte de classe*. MAITRON, Jean (dir.). *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français. Troisième Partie: 1871-1914*. Paris, Les Éditions Ouvrières, 1976. Tomo XIV, p. 188. Ver observação na nota 79.

[27] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 52-3 (discurso gravado em disco, sem outra referência da fonte).

hesitação do líder socialista em relação ao significado da ação revolucionária: "[Anarlo] era um revoltado, é certo, mas um revoltado justo, nobre, humano. Não era um semeador de lágrimas, apoteosando a morte; não indicava, aos que lhe ouviam, os meios extremos para as extremas soluções nos problemas da vida"[28]. Alguns anos antes de morrer, ao relembrar das lutas que travou em prol do operariado, Cavaco, novamente, mostrou-se vacilante a respeito do caráter revolucionário de sua militância: "(...) eu iniciara, no Brasil, com greves e protestos, **quase revolucionariamente**, e com barricadas, a luta pela Causa Social (...)"[29].

Entretanto, diversos contemporâneos de Cavaco, ao longo de toda sua vida, preferiram esquecer o "quase" da citação anterior e guardar a lembrança do personagem como possuidor de uma "alma revolucionária". Assim, o jornalista petropolitano José Queiroz Júnior, referindo-se a ele, escreveu: "Falarei hoje sobre um homem verdadeiramente excepcional, um espírito em estado de permanente revolução". Pouco tempo depois do falecimento do Tribuno, J. Eloy Santos, presidente da Academia de Letras de Petrópolis, homenageou-o com o poema "Adeus aos Leão", no qual constam os seguintes versos: "(...) Foi-se o leão / Da revolução" (...)[30].

---

[28] CAVACO, C. *Estella...*, op. cit., p.p. 3 e 124 (BPJP).

[29] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 55 (sem referência da fonte). Grifo meu. Pode-se deduzir a data aproximada da citação pois, na continuidade do texto, o autor refere-se ao Partido Socialista do Brasil como "(...) valoroso partido político de hoje (1959)" (p. 56). Também no livro *Bíblia do ódio*, publicado em 1921, Cavaco revelou sua oscilação no que tange ao significado do termo revolução, ora associando-o à evolução, ora a transformações violentas: "Revolução quer dizer evolução em marcha, idéia em triunfo, ideal em caminho.

.....

Vês ali aquela barricada? Vês aquela bandeira vermelha recortada a aço de bala, mas flutuando sempre, ao sopro violento de tantas almas, sustentada por dois mil peitos, galharda, altiva, nobre, invencível? Vês aqueles homens com as camisas rotas, sujos de pólvora, escorrendo sangue, belos no horrível, sublimes no sacrifício, deixando pedaços de carne junto à bandeira que defendem? É a Revolução. (...) É o direito de empunhar uma carabina, porque no cérebro há uma idéia e no coração há um sentimento. É o direito de morrer matando, para viver eternamente, gloriosamente no coração gigantesco do Tempo". CAVACO, Carlos. *Bíblia do Ódio*. Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1921 (BPJP).

[30] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 166 e 176, respectivamente.

Xavier da Costa também não explicitou o que entendia por revolução. Porém, mais claramente posicionado em termos ideológicos, revelou as fontes inspiradoras de sua visão sobre o tema. Nesse sentido, o *A Democracia* comentou a posição de "um jornal burguês dessa capital" sobre os socialistas alemães:

> "Os socialistas alemães não são revolucionários", adianta aquela notícia. Mas, perguntamos agora, - acaso só é revolucionário quem gosta ou pratica violências inúteis?
>
> Quem melhor do que os socialistas da Alemanha vêm, de longos anos, predicando e preparando a Revolução Social?
>
> O Partido Socialista alemão orienta-se pela doutrina do Mestre Imortal - Karl Marx. E quem conhecer essa doutrina poderá sensatamente afirmar, ou, pelo menos, supor, que ela é contrária ao princípio revolucionário?
>
> Bem se compreende que o tal noticiarista não conhece o programa daqueles legionários da reivindicação dos verdadeiros direitos do homem[31].

Ou seja, o redator apoiava sua idéia de revolução no exemplo do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) e nos ensinamentos de Marx. Contudo, frisava - possivelmente para diferenciar-se dos anarquistas - que a Revolução Social não derivaria de "violências inúteis" e sim da preparação realizada pelo Partido Socialista. De forma semelhante, o revolucionário idealizado pelos socialistas porto-alegrenses mesclava firmeza e coragem com polidez e sensibilidade, conforme pode-se apreender nessa citação de Saint Just transcrita no *A Democracia*: "O revolucionário é inflexível mas ao mesmo tempo sensível, dócil, polido e frugal. Fere no combate, porém defende a inocência ultrajada. Rousseau era revolucionário mas nada tinha de insolente e grosseiro"[32].

Logo, apesar de, algumas vezes, empregarem positivamente o termo revolução, Xavier da Costa e Cavaco, como a maior parte dos socialistas brasileiros do período, defendiam prioritariamente o emprego de estratégias reformistas na

[31] *A Democracia*. Porto Alegre, 30/01/1907. p. 4 (APAXC).
[32] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/05/1907. p. 3 (APAXC).

conquista de melhores condições de vida e trabalho aos operários, em especial a participação no jogo político-eleitoral.

4.2 - Os "luzeiros do socialismo": o Panteão de Xavier da Costa e de Cavaco

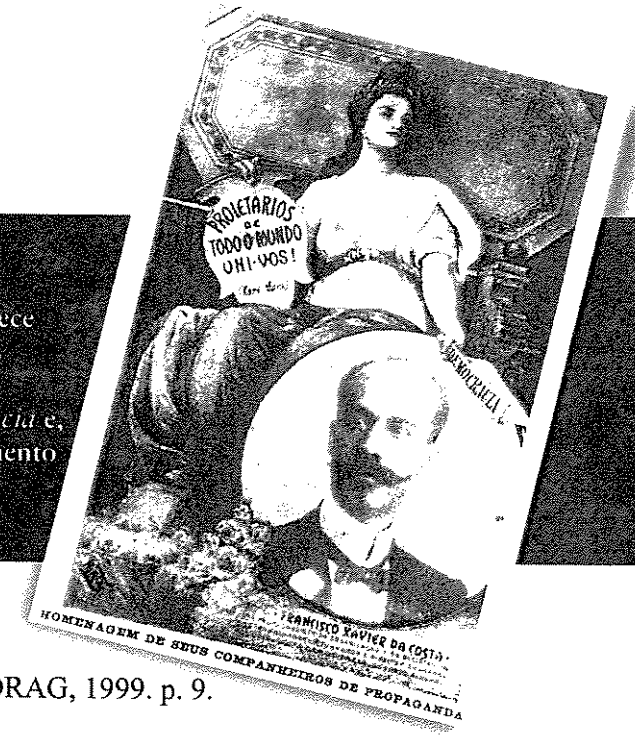
Qual era o socialismo estudado por Xavier da Costa nas poucas horas que lhe restavam após o suado labor cotidiano? Em primeiro lugar, tratava-se de um socialismo marxista ou, em suas palavras, um socialismo inspirado na "(...) teoria pregada pelo imortal Karl Marx (...)", ao menos segundo os critérios da época[33]. Todavia, um exame mais atento dos textos de Francisco mostra que Marx comparecia sobretudo como uma referência ritual, como um "Mestre" quase sobrenatural, até porque as obras do filósofo alemão eram pouco lidas em nosso meio[34]. Mesmo assim, o *A Democracia* exibia, seguidamente, frases de sua autoria. Por exemplo: "Proletários de todo o mundo, uni-vos!" e "A emancipação do proletariado deve ser obra dele mesmo!"[35].

---

[33] Como afirma Batalha, "(...) os socialistas brasileiros que atuaram na última década do século XIX e nos primeiros anos deste século [XX] podem não ser marxistas pelos critérios de hoje, mas seriam classificados como tais pelos critérios de seu tempo". BATALHA, C. H. M. *A difusão...*, op. cit., p. 11. Nesse sentido, são esclarecedores alguns dos epítetos utilizados por Eça de Oliveira para denegrir Xavier da Costa no contexto da polêmica travada em 1900: "pouco arguto discípulo de Karl Marx (este metafísico de uma figa!)" e "nosso Karl Marx Júnior". *A Democracia*. Porto Alegre, 10/08/1900. p. 1 (MCSHJC). Segundo o historiador Walter Spalding, Francisco foi "o introdutor do marxismo entre os operários de Porto Alegre". Apud MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas....*, op. cit. (não paginado).

[34] Ver: MATTOS, Marcelo Badaró. O manifesto comunista no Brasil. *Varia História*. Belo Horizonte, Departamento de História e PPG em História da UFMG, nº 22, janeiro de 2000. p.p. 172 e 176.

No cartaz, distribuído na Capital gaúcha em 1905, a fotografia mais conhecida de Xavier da Costa aparece emoldurada por uma alegoria feminina inspirada nas imagens da Revolução Francesa que, em uma mão, empunha a espada com o nome do jornal *A Democracia* e, na outra, um escudo onde aparece o famoso chamamento do *Manifesto Comunista* de Marx.



Fonte: MARÇAL, João Batista.
Um século de socialismo no Pampa.
História visual do PSB/RS. Porto Alegre, CORAG, 1999. p. 9.
Reprodução: Bernardo Zortea.

Em dezembro de 1906, o jornal prestou uma homenagem ao "imortal chefe da escola democrática social", na qual o redator demonstrou conhecer aspectos da biografia e os títulos de alguns dos principais trabalhos de Marx, tais como: *18 Brumére* (sic) *de Louis Bonaparte*, *Revelações sobre o processo contra os comunistas de Colônia*, *Sobre a crítica da Economia Política* e *Uma exposição científica da teoria marxista do valor no salário*. Afirmou ainda:

> Grande é o número de obras deixadas por Marx. Mas o trabalho que lhe deu celebridade universal foi a tríade *O Capital*, *O processo de circulação do capital* e *O processo geral da produção capitalista*.
>
> *O Capital*, publicou-o o portentoso mestre, em 1874; os dois outros volumes apareceram após a morte dele[36].

---

[35] Ver, por exemplo: *A Democracia*. Porto Alegre, 23/07/1905. p. 3; 13/07/1907. p. 4; 21/07/1907. p. 3 e 12/08/1907. p. 2

[36] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/12/1906. p. 2 (MCSHJC). Segundo Marat Martins Budaszewski (1918-1998) - filho de Zenon de Almeida (Budaszewski) (1892-1939) e de Eulina Martins Budaszewski (?-?), importantes militantes anarquistas porto-alegrenses nas décadas de 1910 e 1920 -, Xavier da Costa teria se correspondido com Engels. Nas palavras do primeiro, "(...) o Engels escreveu uma carta e nessa carta dizia que enquanto o proletariado não tem ainda forças suficientes para se apresentar no cenário político, deve forçar a burguesia liberal, dentro do partido liberal até conseguirem forças...". Entrevista a Isabel Bilhão. Porto Alegre, 21/06/1996. Não localizei nenhuma outra menção a essa carta. Da mesma forma, na correspondência de Engels preservada no IIHS, inexistem referências a cartas enviadas por Xavier da Costa.

Essas informações, e outras que possuía a respeito do marxismo, provavelmente chegaram a Xavier da Costa através de divulgadores como Luiz (ou Louis) Bertrand (1856-1943)[37] e o citado C. Novel. Nos textos de ambos, transcritos no *A Democracia*, percebe-se a influência de Benoît Malon (1841-1893), o mais acreditado teórico europeu do socialismo junto aos grupos socialistas brasileiros do período[38]. O socialismo de Malon - influenciado pelo positivismo e pela tradição humanista francesa - pretendia abarcar não somente a luta política e econômica (limitação atribuída ao socialismo marxista), mas todos os âmbitos da atividade humana, como a ciência, a filosofia e a moral. Segundo ele, duas eram as vias de ação para os socialistas: a via revolucionária - que deveria ser adotada apenas nos momentos de crise, pois as explosões violentas poderiam piorar a situação presente e

---

É interessante mencionar também que o *A Luta* negava o caráter marxista das idéias pregadas pelo grupo de Xavier da Costa. Em 17 de janeiro de 1907, o jornal libertário, no artigo "O sindicalismo e o reformismo ante o marxismo", citou as opiniões de "três reformistas insuspeitos" - a *Vanguarda Socialista*, de Milão, Calvi do jornal *La Scure* de Valenza e Vilfredo Pareto da *Gazzetta de Losanna* - "(...) para demonstrar o quanto andam enganados alguns **intitulados marxistas** que combatem este gênero de agremiação [organização sindicalista] como contrário às idéias de Carlos Marx". E acrescentou: "Embora nós não sejamos marxistas, nem por isso deixamos de confessar que Marx foi um dos muitos que na Internacional dos trabalhadores aconselharam a ação direta do proletariado para a conquista de seus direitos - A emancipação do proletariado será obra dele mesmo - que só é possível com a organização sindicalista - a verdadeira luta de classe". Alguns meses depois, o *A Luta* voltou à carga, afirmando: "Já temos demonstrado diversas vezes que os **intitulados sociais-democratas** que, nas colunas do 'órgão dos operários', pontificam em nome das doutrinas de Carlos Marx, poderiam ser tudo que quisessem, menos carlomarxistas, como se dizem.

.....

Em artigo que então publicamos demonstramos aos **'marxistas' (que jamais leram coisa alguma de Marx)** que o sindicalismo era o método de luta, o meio de ação mais de acordo com as idéias do grande sociólogo. (...)

Parece-nos que isso influiu algo sobre as mentalidades sociais-democráticas da terra, pois soubemos mais tarde que já em seu meio se fazia uma outra idéia do sindicalismo". *A Luta*. Porto Alegre 17/01/1907. p. 3 e 15/05/1907. p.p. 3-4 (NPH), respectivamente. Grifos meus.

[37] O belga Louis Philippe Bertrand era marmorista e jornalista. Militante sindical, fundador do Parti Ouvrier Belge (POB), propagador da cooperação, elegeu-se, em 1900, deputado por Bruxelas, cargo que exerceu até 1926. Ao longo de sua carreira legislativa, tornou-se um defensor convicto da tática parlamentar do POB, incluindo a aliança com o Partido Liberal a fim de derrubar a maioria católica e ascender ao poder. Escreveu inúmeras obras de teoria socialista e a respeito da situação dos operários em seu país. Para maiores detalhes da biografia de Bertrand, ver: NEUVILLE, Jean (dir.). *Dictionnaire biographique des militants du mouvement ouvrier en Belgique*. Bruxelas, Éditions Vie Ouvrière, 1995. Tomo 1, p.p. 115-120.

[38] BATALHA, C. H. M. *A difusão...*, op. cit., p. 22. As informações sobre Malon foram retiradas desse texto.

comprometer o futuro - e a via das reformas possíveis - a qual precisava ser trilhada sempre, por intermédio da conquista eleitoral da maioria parlamentar. Em suas palavras: "sejamos revolucionários quando as circunstâncias o exigem e reformistas sempre"[39]. O malonismo - também denominado "coletivismo reformista" - propunha, entre outras medidas, a administração estatal das instituições de crédito, das estradas de ferro, das minas, dos canais e dos estabelecimentos siderúrgicos e o controle pela comuna (municipalidade) dos transportes, do fornecimento de energia, do serviço de águas e dos grandes estabelecimentos comerciais.

Betrand teve partes de seu livro *Qu'est-ce le socialisme?* (Bruxelas, 1887) traduzidas e publicadas no *A Democracia*. Em vários trechos dessa obra, é nítida a influência de Malon[40], especialmente no que se refere às funções atribuídas ao Estado e às comunas na sociedade socialista:

> O "socialismo" é o contrário do "individualismo".
> Onde existe a guerra dos lucros ele preconiza a solidariedade.
> Como seria a sociedade organizada pelos socialistas? É difícil, senão impossível, prever o que será a sociedade do futuro. Pode-se entretanto indicar em suas linhas gerais, o que será a sociedade socialista de amanhã. Primeiro, a terra, as casas, as oficinas, as máquinas, serão propriedade do Estado, isto é, de todos, administradas pelo Estado, ou pelas comunas. O Estado, organizado democraticamente, representará necessariamente todo o país e não alguns privilegiados.
> .....
> Todos os cidadãos seriam funcionários do Estado ou da Comuna.
>
> Na sociedade socialista (...) todos os habitantes, depois de haverem recebido uma instrução completa e tendo as forças necessárias, deveriam à sociedade 5 ou 6 horas de trabalho por dia.
> Este trabalho seria pago em dinheiro ou em "bônus" do trabalho, que serviriam para comprar-se nos armazéns do Estado ou da Comuna, os objetos necessários ao operário e à sua família.
> .....
> (...) o Estado será proprietário do solo, do subsolo, dos capitais e dos instrumentos de trabalho, porém as comunas também representarão

[39] Apud idem ibidem, p. 23.
[40] Bertrand, em 1879, oferecia assinaturas da revista *Le socialisme progressive* de Malon. Durante uma visita a Bruxelas, esse último, sabendo da difícil situação econômica do companheiro belga, auxiliou-o, valendo-se de suas influências, a encontrar um trabalho de contador. NEUVILLE, J. (dir.), op. cit., p. 116.

> seu papel no novo organismo social.
>
> Assim, se é necessário ao Estado explorar e administrar os grandes serviços públicos de produção, de transporte etc., as comunas por seu lado, poderão ser encarregadas do serviço de alimentação, por exemplo, assim como também do vestuário e da habitação[41].

Novel, indo ao encontro do conhecimento científico hegemônico na época, defendia uma concepção evolucionista e organicista da transformação social. Nesse sentido, no texto "Sobre o futuro", dividiu a história do socialismo em quatro períodos: "embriogênico", "nascimento", "infância" e "juventude". De acordo com ele, a última fase teria começado com o Congresso Socialista de 1900 e o aparecimento, na França, da primeira Câmara de Deputados "(...) com tendências verdadeiras e nitidamente republicanas". Em suas palavras, nessa etapa, "(...) o socialismo (...) se prepara para modificar os costumes e edificar o altruísmo e, sob a pressão do sufrágio universal esclarecido, o estado transformado pelo novo meio, começará impelido pelos acontecimentos a aplicar a nova doutrina social-coletivista". O autor considerava que o estágio da "juventude" seria sucedido pela "idade madura do coletivismo", na qual "(...) a doutrina altruísta integral desabrochará em todo o seu esplendor numa sociedade transformada em todos os pontos". Contudo, tal etapa não significava o fim da evolução social, pois "(...) a massa popular, ainda que tendo, neste momento, uma satisfação material quase completa, aspirará entretanto, em vista da lei constante do progresso e da evolução, a qualquer coisa superior, mais elevada do que a que possuir":

> E se atualmente podemos prever, em parte, o que será para a humanidade, o período da juventude da nova sociedade; que será o socialismo do Estado, ou do primeiro grau, e que traz consigo a transformação da produção, pela unificação dos trustes destruindo a concorrência comercial, e trazendo juntamente, a destruição dos privilégios e dos monopólios e a sua exploração direta pelo Estado transformado; a instrução e a educação completa da infância, assistência moral e material, alimentação, vestuário, cuidados médicos e casa para

[41] *A Democracia*. Porto Alegre, 24/09/1905. p. 2 e 01/10/1905. p. 2 (MCSHJC), respectivamente.

> todos, como frutos da organização do trabalho coletivo e do desenvolvimento da mentalidade geral; será difícil prever o que será a aplicação do socialismo integral ou do segundo grau.
>
> Quanto ao período mais elevado, ou socialismo do terceiro grau, período em que o ser humano, senhor talvez absoluto da natureza, gozará da liberdade sem entraves, não podemos mesmo supor o que ele será (...).
>
> Deixemos pois o cuidado desses esclarecimentos às gerações futuras[42].

Os dois autores afirmavam, então, a impossibilidade de se prever com detalhes a organização da sociedade socialista. Porém, apesar de certas diferenças de interpretação, e coerentemente com o pensamento de Malon, associavam a última ao controle estatal da maior parte dos meios de produção, reprodução e transporte dos bens materiais e dos homens. Salientavam, igualmente, a importância da solidariedade e do altruísmo na constituição da "sociedade futura", indicando, também na trilha das teorias malonianas, que o socialismo levaria a uma transformação moral da humanidade.

Xavier da Costa, possivelmente, compartilhava das idéias de Betrand e Novel; de outro modo, não teria publicado seus textos no *A Democracia*. Já no final do século XIX, ele atribuía a Malon o papel de "propagandista emérito" da "sublime doutrina"[43]. No *Manifesto do Partido Socialista do Rio Grande do Sul* de 1897, a referência ao autor francês servia para justificar a defesa da primazia da luta política: "O problema político é urgente que seja resolvido ou que se encaminhe para isso, porque indubitavelmente, como afirmou Benoît Malon, referindo-se a ele na generalidade dos países, sua solução é condição imprescindível e necessária ao problema econômico"[44].

---

[42] *A Democracia*. Porto Alegre, 13/07/1907. p. 3 (MCSHJC).
[43] *Gazetinha*. Porto Alegre, 24/11/1898. p. 2 (MCSHJC).
[44] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/05/1897. p. 1 (NPH). O já citado Antônio Guedes Coutinho também foi muito influenciado pelas idéias de Malon. Ver: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit., p.p. 77-8.

As idéias de Malon também podem ter aportado à capital gaúcha, e à escrivaninha de Francisco, através dos textos do socialista português Sebastião Magalhães Lima, importante divulgador do coletivismo reformista no Brasil, muito citado no *A Democracia* (ver quadro abaixo)[45]. Esse último autor elaborou categorias que parecem ter auxiliado seus correligionários porto-alegrenses a analisar as injustiças sociais vigentes na República brasileira. Assim, o referido *Manifesto* de 1897 afirmava:

> (...) é ela o regime do predomínio da minorias, e assim vai dividindo a população em dois povos adversos; um que trabalha, paga e sofre - o povo pobre, o proletariado; outro que usufrui o trabalho deste, recebe e goza - compõe-se do capitalismo e do militarismo, a que Magalhães Lima intitula: capital-dinheiro e capital-soldado[46].

Contudo, as influências de Xavier da Costa iam além de Marx, Malon e Lima. Em novembro de 1898, o personagem definiu o socialismo como "(...) essa sublime doutrina a que ligaram seus nomes de propagandistas eméritos Lassalle, Marx, Malon, Liebknecht, Singer, Bebel, Amício, e outros!"[47]. Na enumeração, quatro dos sete nomes estão diretamente relacionados ao SPD: Lassalle, Liebknecht, Singer e Bebel. A fundação desse Partido é apresentada da seguinte forma no *A Democracia*:

> No seu 60º aniversário de existência Karl Marx viu realizar-se a sua maior aspiração: a fundação, na Alemanha, de um partido socialista, em oposição ao criado pelos "lassalistas", cujo programa traçado por Ferdinand Lassalle, ele francamente desaprovava.
>
> Sob sua influência, pois, o seu dedicado amigo e discípulo Guilherme Liebknecht, com a colaboração de Augusto Bebel, fundou o partido democrático-social que, em 1875, fazendo fusão com o dos "lassalistas", tornou-se o grande e poderoso partido operário socialista da Alemanha, que tem conseguido reais e estrondosas vitórias sem cometer atentados, sem pregar nem aplaudir a destruição de homens e coisas, à dinamite, nem acoroçoar o assassínio (...)[48].

---

[45] Ver: BATALHA, Claudio H. M. *Benoît Malon e o Brasil: notas sobre a difusão do socialismo*. Comunicação apresentada no XIX Simpósio Nacional da ANPUH "História e cidadania". Belo Horizonte, julho de 1997. Conforme será visto na seção 5.2, Cavaco conheceu Magalhães Lima em Portugal no ano de 1920, tendo participado de alguns eventos ao lado do socialista português.

[46] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/05/1897. p. 1 (MCSHJC).

[47] *Gazetinha*. Porto Alegre, 24/11/1898. p. 2 (MCSHJC).

[48] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/12/1906. p. 2 (MCSHJC). Sobre as razões que levaram o SPD a se transformar em partido modelo sob a Segunda Internacional, ver: BATALHA, C. H. M. *A difusão...*,

Esse jornal publicou diversas manifestações de admiração pelos socialistas da Alemanha. No número de 31 de março de 1907, por exemplo, Lassale, Marx, Liebknecht, Bebel e Volmar foram chamados de "luzeiros do socialismo"[49]. Outro socialista europeu freqüentemente destacado no *A Democracia* era o francês Jean Jaurès, considerado um "titã do socialismo"[50]. Tais homenagens mostram que Xavier da Costa e seus companheiros tinham como paradigma o movimento operário do Velho Continente. Nesse sentido, ao comentar as comemorações do Dia do Trabalho de 1907 na Europa, o periódico afirmou: "E o Velho Continente é o espelho da realidade, no tocante a progressos ou retrocessos sociais"[51].

Muitos personagens compunham o "Panteão" dos socialistas porto-alegrenses. Para dar uma idéia dessa diversidade, elaborei uma lista que inclui tanto os autores e militantes cujos textos aparecem transcritos no *A Democracia* como aqueles simplesmente mencionados no jornal:

QUADRO V -

AUTORES MENCIONADOS E/OU TRANSCRITOS NO *A DEMOCRACIA*

op. cit., p. 21. O modelo do SPD também influenciou o pensamento político de Antônio Guedes Coutinho. Consultar: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit., p.p. 78-9.

[49] *A Democracia*. Porto Alegre, 31/03/1907. p.p. 2-3 (MCSHJC).

[50] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/02/1907. p. 2 (MCSHJC). Mais uma vez, verifica-se que Xavier da Costa e Guedes Coutinho tinham muitos inspiradores em comum, pois esse último era, igualmente, um grande admirador de Jaurès. Ver: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit., p. 79.

[51] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/07/1907, p. 2 (MCSHJC). Não se deve esquecer, contudo, que, como afirma Batalha, "tudo leva a crer que o recurso à classe operária européia para fins comparativos é, antes de mais nada, o recurso a um paradigma idealizado", pois "o proletariado europeu parece distante da lenda que em torno dele é criada". BATALHA, C. H. de M. *Identidade da classe operária...*, op. cit., p.p. 116-7.

ABREU, A. - *texto "Aristocracia e república" (24/09/1905. p. 2).*

ASSIS, S. Francisco - *citação (13/07/1907. p. 4).*

AUER, Ignaz - *notícia de seu falecimento (02/06/1907. p. 2).*

BARBOSA, Rui - *texto "Excertos Áureos" (30/12/1906. p. 4).*

BEBEL, Augusto - *referência (09/12/1906. p. 2); referência (31/03/1907. p.p. 2-3); texto "O Estado Socialista (segundo Augusto Bebel)" (09/05/1907. p. 3); notícia sobre o personagem (26/05/1907. p. 3) e chamado de "grande mestre" (07/07/1907. p. 1).*

BELLAMY, Edward - *transcrição do folhetim "Ein Rückblick" (em alemão) (09/06/1905. p. 3; 09/07/1905. p. 3; 23/07/1905. p. 3; 13/08/1905. p. 2; 20/08/1905. p. 3; 10/09/1905. p. 3; 24/09/1905. p. 3; 01/10/1905. p. 3; 15/10/1905. p.p. 2-3; 22/10/1905. p.p. 2-3; 12/11/1905. p. 3; 19/11/1905. p. 3 e 03/12/1905. p. 3).*

BERTRAND, Luiz - *texto "O que é o socialismo?" (24/09/1905. p. 2 e 01/10/1905. p. 2).*

BEZERRO, Severo - *texto "O que é o socialismo?" (14/04/1907. p. 3).*

BILAC, Olavo - *artigo sobre a greve dos carroceiros no Rio de Janeiro (13/01/1907. p. 4).*

BONIFÁCIO, José ("o Moço") - *citação (12/08/1907. p. 3).*

BÜCHNER, L. - *citação (13/01/1907. p. 2).*

CASTRO, Viveiros de - *referência (28/02/1907. p. 1).*

CHAVES, G. - *citação (13/07/1907. p. 4).*

COUTINHO, Antônio Guedes - *texto "Que é o socialismo?" (09/12/1906. p. 2) e texto sem título (16/06/1907. p. 2).*

CRUZ, João da - *texto "Pária" (24/09/1905. p.p. 1-2; 01/10/1905. p. 1; 22/10/1905. p. 1 e 19/11/1905. p.p. 1-2).*

DAUDET, Ernesto - *folhetim "Um drama da Revolução" (09/07/1905. p. 1; 23/07/1905. p. 1; 13/08/1905. p. 1; 20/08/1905. p. 1; 10/09/1905. p. 1; 24/09/1905. p. 1; 01/10/1905. p. 1; 15/10/1905. p. 4; 22/10/1905. p. 4; 12/11/1905. p. 1; 19/11/1905. p. 1 e 03/12/1905. p. 4).*

DIABO COXO (pseudônimo) - *poesia "A greve" (15/12/1906. p. 3).*

ENGELS - *referência (09/12/1906. p. 2).*

FERREIRA, Félix - *texto "Trabalho e economia" (23/07/1905. p. 1).*

FOREL, Augusto - *citação (04/08/1907. p. 1).*

FRANCE, Anatole - *citação (04/08/1907. p. 1).*

FRANKLIN, Benjamin - *citação (23/07/1905. p. 1).*

GARRET, Almeida - *citação "O regime social" (14/02/1907. p. 1).*

GIUDICE, Maria - *texto "Contrastes sociais (No álbum de uma professora)" (24/01/1907. p. 1).*

GOETHE - *citação (13/07/1907. p. 4).*

GORKI, Máximo - *biografia (07/05/1905. p.p. 1-2); folhetim "Os amassadores" (14/05/1905. p. 2; 11/06/1905. p. 1; 18/06/1905. p. 1 e 09/07/1905. p. 1); Manifesto ao operariado francês (30/12/1906. p. 2) e citação (04/08/1907. p. 1).*

GUIZZARDI, Agostina - *texto "Tísica" (24/01/1907. p. 2).*

HAUPTMANN, Gerhard - *citação (04/08/1907. p. 1).*

HUGO, Victor - *trecho de "O soldado" (24/09/1905. p. 2).*

IBSEN, Henrique (sic) - *citação (04/08/1907. p. 1).*

JAURÈS, Jean - *referência (07/02/1907. p. 1); notícia sobre o personagem (26/05/1907. p. 3); chamado de "grande mestre" (07/07/1907. p. 1).*

JUNQUEIRO, Guerra - *poesia "O leque" (18/06/1905. p. 3); textos "Instrui" (02/06/1907. p. 4) e "Que é a vida" (13/07/1907. p. 2).*

LAFARGUE - *referência (09/12/1906. p. 2).*

LASSALLE - *referências (09/12/1906. p. 2 e 31/03/1907. p.p. 2-3).*

LIEBKNECHT - *referência (09/12/1906. p. 2); citação (07/02/1907. p. 1) e referência (31/03/1907. p.p. 2-3).*

LIMA, Magalhães - *texto "Cooperação e solidariedade" (06/01/1907. p. 3); referência (24/01/1907. p. 4); trechos do livro "O Primeiro de Maio" (07/02/1907. p. 1); comentários sobre o Primeiro de Maio (14/04/1907. p. 1 e 21/04/1907. p. 1); textos "O coletivismo" (26/05/1907. p. 3) e "A cooperação operária" (12/08/1907. p. 2).*

LOMBROSO - *referências (06/01/1907. p. 2; 14/02/1907. p. 1 e 28/02/1907. p. 1).*

MALON, Benoît - *referência (24/01/1907. p. 4).*

MARAT - *texto "Defesa de um ladrão por necessidade proferida por Marat" (30/12/1906. p. 2).*

MARX, Karl - *citação (23/07/1905. p. 1); biografia (09/12/1906. p. 2); referências (06/01/1907. p.p. 1 e 3 e 31/03/1907. p.p. 2-3); citação (14/04/1907. p. 3); chamado de "Mestre" (01/05/1907. p. 1; 02/07/1907. p. 2 e 13/07/1907. p. 4); chamado de "um dos beneméritos da nossa causa (02/06/1907. p. 1); citações (21/07/1907. p. 3 e 12/08/1907. p. 2).*

MAUPASSANT, Guy de - *poesia "O pão maldito" (tradução de Silvestre de Lima) (09/12/1906. p. 2).*

MERLINO, Saverio - *referência (10/03/1907. p. 4).*

MOMMSEN, Theodoro (sic) - *citação (04/08/1907. p. 1).*

NIEUWENHUIS, Domela - *texto "O militarismo" (21/04/1907. p. 4).*

NORDAU, Max - *citação (07/05/1905. p. 3); artigo "Mentira econômica" (fragmento) (14/02/1907. p. 4); texto "Excertos áureos" (28/02/1907. p. 2) e referências (10/03/1907. p. 4).*

NOVEL, C. - *textos "Vista de conjunto sobre o futuro" - excerto de "Felicidade pelo socialismo" (30/12/1906. p. 1); "Educação socialista" - excerto de "Felicidade pelo socialismo"(06/01/1907. p. 4; 24/01/1907. p.p. 1-2; 30/01/1907. p. 4 e 14/02/1907. p. 2); citação (07/02/1907. p. 1); textos "Religiões" (07/07/1907. p.p. 3-4) e "Sobre o futuro" - idêntico ao texto "Vista de conjunto sobre o futuro" (13/07/1907. p. 3).*

PATROCÍNIO, José do - *trecho do texto "A Escola" (15/10/1905. p. 2) e texto "Folhas esparsas" (09/12/1906. p. 2).*

PEDERNEIRAS, Raul - *texto (26/05/1907. p. 3).*

PRAMPOLINI, C - *"Solidariedade - Eqüidade" (06/01/1907. p. 3).*

RECLUS, Eliseu - *nota sobre sua morte (09/07/1905. p. 2) e biografia (22/10/1905. p. 1).*

RENARD, George - *"Que é ser socialista?" (07/04/1907. p. 2).*

ROBESPIERRE - *citação (26/05/1907. p. 3).*

ROMERO, Sílvio - *textos "Frades e anarquistas" (28/02/1907. p. 2) e "O trabalho" (26/05/1907. p. 3).*

SAINT JUST - *citação (09/05/1907. p. 3).*

SINGER - *referência (31/03/1907. p.p. 2-3).*

SOMBART, Werner - *citação (04/08/1907. p. 1).*

SPENCER - *citação (06/01/1907. p. 3).*

TOLSTOI, Leon - *textos "Meu testamento" (30/12/1906. p. 3) e "Álcool e fumo" (21/07/1907. p. 3).*

VOLMAR - *referência (31/03/1907. p.p. 2-3).*

WALLACE, Alfredo Russel - *citação (04/08/1907. p. 1).*

WILSON (Dr.) - *citação (13/07/1907. p. 4).*

ZOLA, Emílio (sic) - *citação (04/08/1907. p. 1).*

Observações:
- o grifo indica que o personagem foi referido e/ou citado em mais de um número do periódico, excetuando-se os folhetins e os textos publicados em partes;
- de forma geral, não foram mencionados os autores/militantes atuantes na capital gaúcha pois a inclusão desses nomes, além de pouco contribuir para o entendimento das influências teóricas dos socialistas locais, tornaria a lista excessivamente longa.

Fonte: coleção do jornal *A Democracia* (APAXC e MCSHJC).

Algumas observações podem ser feitas a respeito da listagem acima. Inicialmente, chama a atenção a variedade - teórica e política, de importância e de campo de atuação - dos nomes citados. Esse ecletismo respalda as caracterizações de "heterogêneo" e "difuso"[52] atribuídas ao socialismo presente no Rio Grande do Sul - e no Brasil como um todo[53] - entre a última década do século XIX e a primeira do XX. Porém, tal socialismo "à brasileira" - e "à gaúcha", acrescento eu - não era fundamentalmente distinto do socialismo europeu vigente na época da Segunda Internacional (1889-1914), também marcado por grande heterodoxia[54].

No afã de encontrarem explicações e saídas para a exploração vivenciada pelos operários, Xavier da Costa e diversos outros socialistas do período buscaram nos livros, jornais, opúsculos e panfletos, e mesmo nas conversas com os companheiros, teorias, interpretações, idéias, frases e slogans que pudessem indicar os rumos da emancipação do "jugo burguês". Autodidatas em sua maioria, esses militantes empenharam-se em obter conhecimentos de forma absolutamente pessoal e desordenada, mas imbuídos da missão de "iluminarem-se" a fim de levarem a "luz" aos demais trabalhadores[55].

A maior parte dos autores apontados no quadro não podem ser considerados, exatamente, referências teóricas dos socialistas porto-alegrenses. Alguns eram citados apenas para demonstrar erudição e outros como avalistas das proposições apresentadas. De qualquer forma, o redator do jornal tinha o cuidado de selecionar trechos de suas obras que valorizassem o trabalho e/ou o socialismo ou que

---

[52] PETERSEN, S. R. F. *Origens do primeiro de maio...*, op. cit., p. 51 e *A mulher...*, op. cit., p. 84, respectivamente.
[53] BATALHA, C. H. M. *A difusão...*, op. cit., p. 14.
[54] Sobre esse ponto, ver, entre outros: BATALHA, C. H. M. *A difusão...*, op. cit. e LÖWY, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo, Busca Vida, 1988. p.p. 110-122.
[55] Sobre a questão do autodidatismo entre os operários, ver: RAGO, M., op. cit., p.p. 216-227.

denunciassem a exploração dos proletários. A utilização desse tipo de argumento de autoridade é bastante clara na matéria significativamente intitulada "O que grandes intelectuais pensam do socialismo", publicada em 4 de agosto de 1907. Nela são transcritas as seguintes palavras do escritor francês Anatole France: "com toda a certeza florescerá a arte quando estivermos no coletivismo, porque ela estará mais desenvolvida no operariado do que na burguesia"[56]. Idêntico objetivo motivou a reunião de frases do "Dr. Wilson", de G. Chaves, de Goethe e de São Francisco de Assis em uma coluna do periódico, pois todas exaltam o trabalho e o trabalhador[57].

Já os folhetins tinham a dupla função de atrair o público com suas tramas rocambolescas e envolventes - contribuindo para a compra regular do jornal - e de divulgar as idéias políticas defendidas pela redação[58]. Assim, por exemplo, *Um drama da Revolução*, de Daudet, narra um romance passado às vésperas da Revolução Francesa que, como salientei anteriormente, era a grande referência simbólica dos socialistas porto-alegrenses. *Os amassadores*, de Gorki, parece aliar com perfeição as características lúdicas e pedagógicas esperadas de um folhetim voltado ao operariado. Não é a toa que, posteriormente, ele aparece também no paulistano *Folha do Povo*, dirigido às "(...) classes pobres e por isso esquecidas e desprezadas". Em 18 de junho de 1908, esse último afirmava:

> Os amassadores
> Esta bela novela do apreciado escritor Máximo Gorki que com tanto agrado foi publicada em folhetins em nossa folha vai ser dentro de poucos dias editado em folheto. Entendemos que a educação do povo será grandemente favorecida com a publicação de bons livros que lhes proporcionem uma leitura sã e proveitosa e façam despregar esses

[56] *A Democracia*. Porto Alegre, 04/08/1907. p. 1 (APAXC).
[57] *A Democracia*. Porto Alegre, 13/07/1907. p. 4 (MCSHJC).
[58] Uma apreciação semelhante é feita por Jean Leclercq, neto de operários franceses do século XIX: "Esses romances-folhetim sobre a vida [do povo] têm dois aspectos. O primeiro, óbvio: distraem, interessam, fazem passar o tempo. O segundo: discutem as dificuldades da vida, suas armadilhas, suas desgraças, seus riscos, o infortúnio e a miséria dos coitados. E um aspecto não exclui o outro. Por que haveria de excluí-lo?". Apud MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p.p. 351-2.

> rançosos e embrutecedores romances de capa e espada, assinados pelos exploradores da pena, como Montépin et caterva[59].

Não é descabido pensar que a opinião dos socialistas de Porto Alegre a respeito das vantagens de "uma leitura sã e proveitosa" fosse muito semelhante a de seus colegas de São Paulo.

Ressalto ainda, novamente, que Xavier da Costa - como outras lideranças operárias da época -, ao ingressar no mundo da cultura ilustrada, pretendia legitimar sua posição diante dos trabalhadores e da burguesia. Isso fica claro nas polêmicas do personagem com socialistas, anarquistas e membros da classe dominante e nas negociações ocorridas em momentos de greve.

Entre os autores mais citados no *A Democracia*, estão os já mencionados Bebel, Jaurès, Lassalle, Liebknecht, Magalhães Lima, Marx e Novel. Chama a atenção o fato de haver apenas uma referência a Malon mas, conforme apontei acima, as idéias desse último devem ter chegado aos socialistas porto-alegrenses sobretudo através de divulgadores (Bertrand, Novel e Lima)[60]. Antônio Guedes Coutinho, outro adepto do coletivismo, parece ser o único socialista atuante no interior do Rio Grande do Sul a oferecer subsídios teóricos aos correligionários da Capital. Em 9 de dezembro de 1906, o *A Democracia* apresentou um trecho ligeiramente modificado de sua obra *Catecismo socialista*, publicado como folhetim no jornal *Echo Operário* em 1898:

> Que é o socialismo?
> É a ciência que nos ensina a compreender qual é o lugar do homem trabalhador na sociedade atual e o que ele tem o direito de ocupar; é a ciência que, mergulhando no oceano da história, vai às suas profundezas arrancar a verdade, armada da força da razão, e, empunhandeo o facho da luz, vem espancar as trevas da ignorância para

[59] Apud idem ibidem, p. 353.

[60] Embora uma edição portuguesa da principal obra de Malon, *Le Socialisme Intégral* tenha, possivelmente, chegado ao Rio Grande do Sul. Pelo menos, o *Echo Operário* anunciou essa publicação na forma de fascículos que poderiam ser comprados pelo correio e aconselhou: "devem os operários fazer aquisição dessa importante obra que é um evangelho do socialismo". *Echo Operário*. Rio Grande, 22/01/1899. p. 4 (NPH). Além disso, o mesmo jornal recebia de Paris *La Revue Socialiste*, fundada pelo pensador francês.

> depor o deus egoísta e terrível - e colocar no altar, onde ele tem sido adorado o deus fator de todas as coisas - o trabalho[61].

Os demais autores assinalados em negrito no quadro, apesar de sua diversidade, defendiam causas e concepções que informavam o ideário de Xavier da Costa e seus companheiros. Nesse sentido, por exemplo, José do Patrocínio evocava a luta pela abolição da escravatura e pela República; enquanto Sílvio Romero, "uma das mais reputadas celebrações deste país", apresentava argumentos que reforçavam as posições anticlericais e anti-anarquistas dos socialistas locais[62]. O geógrafo anarquista Elisée Reclus foi saudado pelo *A Democracia* como "(...) um dos vultos mais salientes da propaganda socialista". Tal designação, de um lado, indica a permeabilidade da fronteira entre essas duas tendências ideológicas no período analisado e, de outro, mostra que alguns autores, devido à reputação alcançada nas suas áreas de atuação (a geografia no caso), ultrapassavam os campos políticos aos quais estavam ligados e tornavam-se referências para diversas correntes de pensamento. Assim, ao noticiar o falecimento de Reclus, o jornal de Xavier da Costa afirmou: "Não há leitor de obras referentes à magna questão social que ignore o alto valor do grande cientista. (...) Em Elyseu Reclus (sic) perdem agora a ciência e Humanidade um dos maiores apóstolos[63].

Outro autor admirado por socialistas e anarquistas era Max Nordau, especialmente devido a seu livro *As mentiras convencionais da nossa civilização*. Na polêmica com Eça de Oliveira, Francisco citou essa obra a fim de denunciar as injustiças "do direito do capitalismo moderno":

---

[61] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/12/1906. p. 2. O *Catecismo* é o trabalho mais acabado de Coutinho do ponto de vista teórico e, segundo Batalha, apresenta "uma das raríssimas descrições feitas por um socialista brasileiro da organização da sociedade futura (...)". BATALHA, C. H. M. *A difusão...*, op. cit., p. 38. Sobre a obra, ver: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit., p.p. 100-102.
[62] *A Democracia*. Porto Alegre, 28/02/1907. p. 3 (MCSHJC).
[63] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/07/1905. p. 2 (MCSHJC).

> O especulador que amontoa milhões adquire-os pelo abuso da força superior - chame-se ela astúcia, informações ou relações -, por meio da qual espolia os que trabalham e economizam, como o salteador armado com bacamarte saqueia o viajante. O empreendedor industrioso que se torna um outro Greso, deve-o a exploração metódica dos trabalhadores, que, como animais domésticos, recebem por seu trabalho pitança e estrebaria, e isso mesmo muito parcimoniosamente, e no entanto o fruto total deste trabalho cai nas algibeiras do senhor.

Apoiando-se em tais idéias, o socialista porto-alegrense acrescentou: "É condenável para Eça de Oliveira o assalto à propriedade espoliada, feito pelos infelizes a quem a fome, esgotando-lhes a resignação, dá assomos tigrinos; mas certamente não acha condenável também que o Capital e Governo roubem a eles o suor e a vida e os menosprezem em pagamento da gratidão que lhes devem"[64]. A reprovação das injustiças sociais derivadas da concentração da riqueza, a postura anticlerical, a oposição à monarquia e à aristocracia, a denúncia da exclusão dos trabalhadores dos mecanismos de decisão política - presentes na obra de Nordau - provavelmente atraíram o interesse e a simpatia de Xavier da Costa[65]. Além disso, na polêmica travada com os anarquistas em 1907, o último atacou a defesa do controle da natalidade feita pelos libertários, afirmando que Nordau "condena os bandalhos que se casam para não ter filhos"[66]. Porém, no mesmo debate, também os anarquistas utilizaram-se da obra de Nordau a fim de sustentarem suas posições. Desse modo, o

---

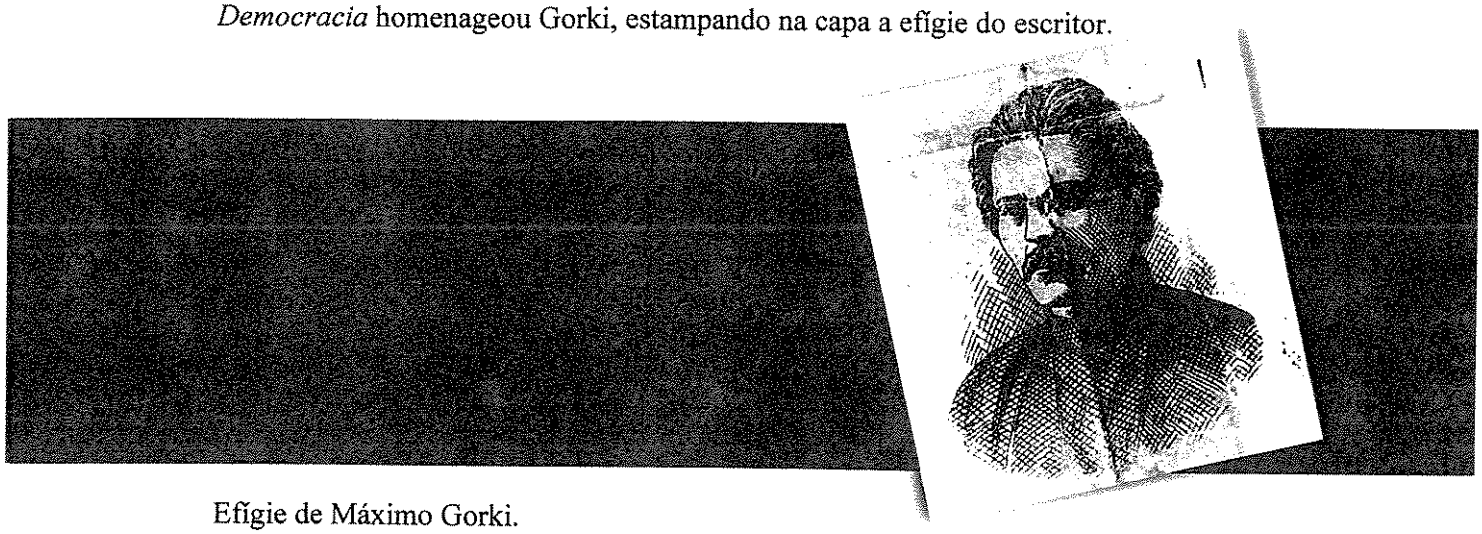
[64] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 08/08/1900. p.p. 1-2 (MCSHJC). Na edição consultada das *Mentiras convencionais...*, não localizei a citação feita pelo líder socialista. Porém, o problema da especulação é tratado com termos semelhantes por Nordau nas p.p. 165-169 desse livro. Ver: NORDAU, Max. *As mentiras convencionais da nossa civilização*. São Paulo, Cultura Moderna, s/d. Agradeço à colega Evangelia Aravanis que me chamou a atenção para essa obra.

[65] Cavaco também menciona Nordau ao analisar a imoralidade da sociedade burguesa: "(...) um baile na alta sociedade (...). Precisas testemunhar os caprichos da Canalha; necessitas ver até que ponto a Imoralidade se disfarça na Moral, a Infâmia na Virtude e o Vício na Pureza. (...) Verifiquemos as verdades de Montegazza no *Seculo Tartufo* e as de Max Nordau nas *Mentiras Convencionais* e nos *Paradoxos*". CAVACO, C. *Lama!...*, op. cit., p. 199.

[66] *A Democracia*. Porto Alegre, 10/03/1907. p. 4. Segundo Nordau, "só há duas sortes de relações entre o homem e a mulher; ou elas baseiam-se na atração natural recíproca, e, neste caso, têm sempre por fim consciente ou inconsciente a reprodução; ou então este fim não está em primeira linha, e procuram somente satisfazer o egoísmo, pouco importa de que maneira. As primeiras relações são justificadas e morais, as outras estabelecem a grande categoria da prostituição, seja qual for a maneira por que se apresentem exteriormente". NORDAU, M., op. cit., p. 216.

médico libertário Reinaldo F. Geyer justificava o uso de métodos contraceptivos citando, justamente, *As mentiras convencionais*...: "(...) o casamento não se conclui tendo em vista a geração futura, tem somente em consideração o interesse pessoal de dois que contratam a união"[67].

Os literatos Máximo Gorki, Léon Tolstoi e Guerra Junqueiro ganharam, igualmente, a admiração dos socialistas de Porto Alegre pois - apesar de terem vivido em contextos diversos e produzido obras temática e estilisticamente variadas - expressavam concepções caras a esses militantes. Logo no seu segundo número, o *A Democracia* homenageou Gorki, estampando na capa a efígie do escritor.



Efígie de Máximo Gorki.
Fonte: *A Democracia*. Porto Alegre, 07/05/1905. p. 1 (MCSHJC).
Reprodução: Cristina Lima.

Em 1907, os leitores do periódico devem ter se emocionado com as seguintes palavras atribuídas ao literato russo, muito próximas das idéias defendidas por Xavier da Costa e outros socialistas da cidade:

> Socialismo, religião da liberdade, igualdade e fraternidade (...).
> Quando os opressores vêm uma multidão de operários ficam amedrontados, mas não querem reconhecer que o proletariado está em

[67] *A Luta*. Porto Alegre, 02/03/1907. p. 3. A citação aparece na obra de NORDAU, M., op. cit., p. 213. Nesse aspecto, sigo a interpretação de ARAVANIS, Evangelia. *Leituras, edições e circulações de impressos na Porto Alegre de 1906 a 1911: uma análise a partir do periódico "A Luta"*. Comunicação apresentada no Encontro Regional da ANPUH/RS. Porto Alegre, UFRGS, julho de 2000.

> seu direito. Foram eles, os burgueses, que transformaram a religião e a ciência em instrumentos de opressão (...).
>
> .....
>
> E, por isso, viva o proletário que trabalha pela renovação do mundo!
>
> Que vivam os proletários de todos os países, que, com o seu trabalho, abriram a estrada da riqueza para os povos e agora trabalham pela reforma da sociedade. Viva o socialismo, verdadeira religião do operário! Saudações aos lutadores, saudações aos operários de todo o mundo!
>
> Esteja convosco a esperança na vitória da verdade e da justiça![68]

Alguns indivíduos - como Carlos Cavaco - aproximaram-se da "sublime doutrina" motivados, justamente, por essa mescla de literatura e política. Conforme mencionei no início do capítulo, o personagem, segundo o *A Luta*, havia confessado no Café Ferro Carril nunca ter lido nada sobre anarquismo ou socialismo. Descontando-se o propósito desabonador do comentário, pode-se supor que o ideário do Tribuno fosse mais influenciado pela obra de romancistas e poetas do que pela de filósofos e teóricos[69]. Assim, em 1918, quando a imprensa equivocadamente noticiou a morte de Gorki - que só ocorreu em 1936 -, Cavaco publicou no jornal *A Tarde*, de Santana do Livramento, o texto "Sobre o cadáver de Gorki", no qual destacou o papel desse escritor e de Tolstoi na eclosão da Revolução Russa:

> (...) quem venceu na Rússia não foi a baioneta, - foi o livro.
>
> No dia em que o A.B.C. entrasse no cérebro do teu povo, a covardia lhe fugiria da alma e o fanatismo lhe sairia do coração.
>
> E assim aconteceu, fatalmente!
>
> Para as espadas dos Gran-Duques, as tuas obras de combate e os Evangelhos comovedores de Tolstoi.

---

[68] *A Democracia*. Porto Alegre, 04/08/1907. p. 1 (MCSHJC).

[69] Posteriormente, no livro *Lama!*, lançado em 1916, Cavaco escreveu: "Ouçamos as definições de Naudier, Hamon, **Carlos Marx, Benoit, Malou** (sic), Chirac, **Engels**, Veber, Scheel, Lachâtre, Janet, Leroux, Reybaud, Webster, **Berthrand (Louis?)**, Spies, Belot, **Bakounine**, Ely, **Malatesta, Proudhon**, Merlino, **Jéan Grave**, Lloyd, Lacy, Lavelage, Gide, Cauwés, Mazel, Held, Littre, Denís, Morris, D'Eichtal, Beauregard, Bellaigue, Leroy, Baudrillard, Faure, Milano, Lum, Paepe, Welester, Royer, Gauthier, Lichtenberger, Cabanel, Labigande, Block, Ranc, Mirbeau (sic), **Koropatkine** (sic), Amandale, **Tolstoi** etc. etc. etc." CAVACO, C. *Lama!*, op. cit., p.p. 240-1. Grifos meus.

Convicto - da mesma forma que outros intelectuais do período - do papel transformador da literatura e dos literatos[70], Cavaco, com sua habitual falta de modéstia, comparou-se ao suposto finado: "Em tudo eu fui teu irmão: nos esplendores da vitória e nas tristezas da derrota; nas amarguras da fome e nas alegrias da fartura; na liberdade e na prisão; na pátria e no desterro. Chamaram-me, - talvez por isto, - o **Gorki americano**..."[71].

Guerra Junqueiro - devido à sua postura republicana e anticlerical - também conquistou o apreço de Xavier da Costa e, sobretudo, de Cavaco que, ainda na caserna, carregava consigo um exemplar da *Morte de D. João*[72]. Posteriormente, no início da década de 1920, o Tribuno conviveu com Junqueiro em Portugal.

Concluindo esse levantamento - indiciário e não exaustivo - dos autores que influenciaram as idéias socialistas de Xavier da Costa e de Carlos Cavaco, gostaria de retomar dois pontos. Primeiro, o ecletismo das fontes de inspiração dos personagens, provável conseqüência de seu autodidatismo. Contudo, ambos buscavam dar sentido e coerência ao conjunto de textos, referências e citações empregadas, empenhando-se na construção de um discurso "competente"[73] e persuasivo a respeito da exploração dos trabalhadores e das formas de superá-la. Segundo, o fato de Xavier da Costa - possivelmente devido à sua condição de artesão qualificado e ao caráter regular de sua militância - estar mais sintonizado com cultura intelectual dos socialistas brasileiros

---

[70] Ver: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões culturais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

[71] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 96 e 97, respectivamente (sem outras referências da fonte). Grifo meu. Esse epíteto - sempre divulgado com muito orgulho por Cavaco - parece ter acompanhado o personagem ao longo de sua trajetória. Consultar, por exemplo: CAVACO, C. *A carta anônima*, op. cit., p. II; ___. *Bíblia...*, op. cit., p. 7 e ___. *Versos de barricada!*, op. cit., p.p. 82-3.

[72] CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 27 (sem referência da fonte).

[73] Parodiando CHAUÍ, Marilena Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo, Moderna, 1981.

da época[74] do que Cavaco, pois esse último aproximava-se da "sublime doutrina" especialmente pela via da literatura.

4.3 - A "sublime doutrina": entre a ciência e a moral

O socialismo de Xavier da Costa não era apenas marxista mas também pretendia-se científico, ou seja, o personagem - como muitos de seus correligionários gaúchos, brasileiros e europeus - procurava respaldar as idéias que professava na cultura cientificista do século XIX[75]. Essa expressava-se nas mais diversas teorias. Por exemplo: o evolucionismo de Charles Darwin e Herbert Spencer, o positivismo de Auguste Comte, a antropologia criminal de Cesare Lombroso e Enrico Ferri e o espiritismo de Allan Kardec. Tais correntes de pensamento buscavam ultrapassar as explicações abstratas e metafísicas, tentando desvendar racionalmente a lógica do mundo natural, social, humano e sobrenatural, de preferência através da observação empírica. Todas partilhavam da convicção de que a ciência e a técnica resolveriam os problemas básicos da humanidade. Francisco vivia, pois, em um contexto - o do final do século XIX e início do XX - no qual as noções de "ciência", "técnica", "evolução"

---

[74] Veja-se a lista dos "livros mais recomendáveis para o estudo do Socialismo Científico", publicada no *Manifesto do Partido Socialista Brasileiro* de 1902: *Le Capital* e *Le manifeste communiste* (Karl Marx), *Le socialisme intégral* e *Précis du socialisme* (Benoît Malon), *Principes du socialisme scientifique* (Gabriel Deville), *Socialisme utopique et socialisme scientifique* (Fred. Engels), *La femme* (Aug. Bebel), *Histoire du socialisme* (J. Jaurès), *Il socialismo e la scienza positiva* (Enrico Ferri), *O socialismo na Europa* e *O livro da paz* (Magalhães Lima). *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 28/08/1902. p. 3 (edição fac-similar). Quase todos os autores citados foram referidos por Xavier da Costa em seus textos.

[75] Ver: BATALHA, Claudio H. M. *A difusão...*, op. cit.; LÖWY, Michael. *As aventuras...*, op. cit.; PANSARDI, Marcos Vinícius. O socialismo dos modernos e o socialismo dos antigos: a incorporação do vocabulário ideológico da II Internacional pelo movimento socialista brasileiro. *História social: revista da Pós-Graduação em História*. Campinas, IFCH/UNICAMP, nº 1, 1994; SCHMIDT, B. B. *O Deus...*, op. cit. e SEIXAS, Jacy Alves de. Anarquismo e socialismo no Brasil: as fontes positivistas e darwinistas sociais. *História & Perspectivas*. Uberlândia, (12/13): 133-148, janeiro/dezembro 1995.

e "progresso" tinham uma grande força simbólica e um considerável poder legitimador de práticas e discursos.

Nesse sentido, quero lembrar ao leitor dos curiosos "relógios socialistas" anunciados pelo *A Democracia* em 1907. No reclame, percebe-se como a valorização da tecnologia - identificada ao progresso - difundia-se no cotidiano dos trabalhadores, juntamente com as reivindicações do movimento operário:

> (...) na capa trazem os dísticos, feitos em relevo "8 horas de trabalho, 8 horas de instrução e 8 horas de descanso. Operários de todo o mundo, uni-vos!"
>
> Estes dísticos acham-se em torno da seguinte vista, também em relevo e artisticamente executada:
>
> No primeiro plano vê-se um automóvel ocupado por um homem e seguindo em estrada horizontal; à pouca distância, à direita do observador, aparecem alterosos edifícios fabris, de cuja (sic) chaminés o fumo se evola denso, e a esquerda desce de um túnel, aberto em montanha arborizada, uma locomotiva puxando extensa fila de vagões, de passageiros uns, de carga os outros; separa o terreno das fábricas e o de que eleva a montanha - um rio, indo desaguar no mar, que limita o horizonte, e neste resplandece o sol nascente. No rio veleja uma pequena embarcação, no mar há dois navios a vapor e no ar paira uma aeronave[76].

De forma semelhante, no projeto do Ateneu Operário, consta que "(...) no frontispício (...) serão colocadas duas grandes figuras de cimento, representando o Trabalho e a Ciência (...)"[77].

No terreno político, Xavier da Costa encontrou em autores como C. Novel justificativas "científicas" para o seu projeto de transformação social. Conforme o último:

> O Socialismo é uma crise porque passa a sociedade humana na sua marcha para a civilização e na tendência para o restabelecimento da ordem e da harmonia no novo meio criado pelo progresso científico. Sucede lógica e historicamente à civilização cristã, pelas mesmas causas que fizeram esta última suceder à civilização greco-romana, e esta às civilizações orientais e asiáticas.
>
> Como tudo na natureza, o socialismo passará pelos diversos processos comuns a todos os indivíduos e a todas as sociedades
>
> .....

[76] *A Democracia*. Porto Alegre, 19/05/1907. p. 3 (MCSHJC).
[77] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 07/03/1910. p. 2 (FIB - MCSHJC).

> Devemo-nos pois instruir e trabalhar sem trégua nem descanso para o triunfo definitivo, pela verdade científica da justiça, e da igualdade para todos[78].

A perspectiva evolucionista e etapista de Novel, característica da ciência da época, respaldava o reformismo político do líder socialista. De acordo com tal concepção, os operários deveriam trabalhar "sem trégua nem descanso" para o "triunfo final", quando a justiça e a igualdade - consideradas "verdades científicas" e não valores morais - triunfariam. Essa marcha era vista como inevitável, já que obedecia lógica, natural e historicamente às leis da evolução social. Em outro texto, "Religiões", Novel escreve que coube aos "irmãos" da Maçonaria - instituição à qual Francisco pertencia - a difusão do pensamento racional e científico em oposição ao misticismo das religiões. Nas palavras do autor, a referida organização "é a única potência moral que se tem, constantemente, através do passado até o presente, levantado antagônica contra a servidão das religiões. Esta força libertária feita das energias e da ciência das épocas que tem atravessado, germinou sobre a primeira opressão humana"[79].

O nome de Cesare Lombroso - assinalado em negrito no quadro apresentado na seção anterior -, um dos cientistas mais respeitados e influentes do século XIX, também aparece no *A Democracia* como referência para pensar o socialismo e os obstáculos à sua concretização:

> Só três espécies de indivíduos podem ser contra esse honesto e ajuizado sistema de luta com que o proletariado enfrenta o burguesismo

[78] *A Democracia*. Porto Alegre, 13/07/1907. p. 3 (MCSHJC).
[79] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/07/1907. p. 3-4 (MCSHJC). Por essa passagem, pode-se pensar que C. Novel e Jean-Claude Novel talvez não fossem a mesma pessoa. Afinal, o último era guesdista, corrente que - ao contrário de outras tendências socialistas francesas - mostrava-se hostil à maçonaria. Os guesdistas buscaram, inclusive, aprovar no Congresso de Lyon de 1912, da SFIO (Section Française de l'Internationale Ouvrière), resoluções condenando a participação dos maçons no movimento operário. Porém, isso não quer dizer que ele não possa ter mudado de posição com o passar no tempo. Ver: LEFEBVRE, Denis. *André Lebey, intellectuel et franc-maçon sous la IIIe République*. Paris, Éditions Maçonniques de France, 1999 e ___. *Marcel Sembat, socialiste e franc-maçon*. Clamecy, Bruno Leprince Éditeur, 1995.

> propriamente dito, e são elas: a dos perversos egoístas, exploradores e hipócritas, que esbravejam e propagandeiam contra o sistema burguês – porém seguem-no em tudo quanto lhes pode produzir vantagens pecuniárias e individuais, a dos tipos de maldade lombrosianos – e grandes mestres criminalistas hão demonstrado à sociedade que, não raro, nesta espécie salientam-se verdadeiros talentos, e a dos "ignorantes incuráveis", dos broncos, dos imbecis, aleijões mentais que inspiram comiseração por que nenhum ensinamento, nenhuma prova e nenhuma lógica indubitável poderão faze-los sair do modo de julgar e entender em que a estupidez nata os plantou.

Cabe salientar que a publicação desse artigo ocorreu em plena eclosão da polêmica entre socialistas e anarquistas em 1907. Xavier da Costa e seus aliados utilizaram-se, então, da autoridade científica e política de Lombroso - ele mesmo um socialista - a fim de atacar os libertários. Segundo o redator: "Eles [os operários europeus], como nós agora, sofreram, a princípio, a tentativa de desorientação, exercida por exploradores em benefício próprio, por perversos de nascimento e por imbecis nas condições desses que Lombroso tão admiravelmente classificou"[80]. No mesmo embate, Elisée Reclus - antes homenageado pelo *A Democracia* - foi chamado de gênio "(...) e, por isto mesmo, segundo C. Lombroso, mais ou menos desequilibrado"[81].

Em relação ao positivismo - doutrina inspiradora do governo sul-rio-grandense ao longo da República Velha e cujos princípios impregnaram diversos

---

[80] *A Democracia*. Porto Alegre, 14/02/1907. p. 1 (MCSHJC).

[81] *A Democracia*. Porto Alegre, 28/02/1907. p. 1 (MCSHJC). Ao estabelecer uma nosologia do crime, Lombroso estudou os "delinqüentes políticos". Segundo Pierre Darmon, "entre estes últimos, encontramos tanto Garibaldi, Gambetta, Marx e os mártires cristãos, quanto os regicidas, os assassinos da Convenção, os anarquistas e os 'communards'. Mas aqui Lombroso toma muito cuidado em distinguir os bons dos maus. Naqueles (Mazzini, Garibaldi, Gambetta, Marx, Engels e os mártires cristãos), ele constata 'uma fronte muito ampla, uma barba espessa, olhos muito doces e grandes (...)'. E ainda que o maxilar seja muito desenvolvido em Engels, o tipo criminalóide só é encontrado em 0,57% dentre eles, contra 2% entre as pessoas honestas.

Em contrapartida, entre os regicidas (Fieschi), os fomentadores de carnificinas políticas (Carrier, Marat), os 'communards' e os anarquistas, o tipo criminalóide se repete com uma freqüência crescente. Em 41 anarquistas que Lombroso examina na Préfecture de Police de Paris, no Serviço Antropométrico de Alphonse Bertillon, ele encontra o tipo criminalóide em 31% dos casos".

A respeito do "homem de gênio", o cientista italiano considerava que, "estudando-o de perto, não é raro encontrar nele algumas das aberrações características do criminoso nato ou do louco: uma idéia

setores da sociedade local[82] - verifica-se uma postura ambígua dos socialistas porto-alegrenses. No *Manifesto do Partido Operário* de 1905, por exemplo, pode-se ler:

> Estabelecida na terra gaúcha a doutrina comtista como orientação governamental, e em absoluta negação ao que pregavam no tempo da monarquia os propagandistas republicanos rio-grandenses, nós, os proletários, ficamos oficialmente reconhecidos como párias e tanto assim é que, de quando em quando em tentativas de aparente interesse por nossa sorte, aventa-se aqui, em conciliábulos filosóficos daquela doutrina, a comiserativa idéia de "nos incorporar à sociedade"[83].

No mesmo ano, o *A Democracia* lançou novos ataques aos adeptos do positivismo, em especial aos positivistas religiosos[84], os quais condenavam a vacinação anti-variólica[85]. Trancrevo um longo trecho do jornal sobre o assunto, que me parece bastante ilustrativo da posição de Xavier da Costa e seus companheiros a respeito dos seguidores gaúchos de Comte:

> Foram distribuídos nesta cidade, há poucos dias, opúsculos e folhas avulsas de procedência comtista, combatendo a adoção da vacina como meio preservativo da varíola.
>
> .....
>
> É preciso ser dotado de muito fanatismo ou de uma "obtusão córnea" – na frase de célebre escritor português – para negar os excelentes efeitos da inoculação da linha vacínica (...).
>
> .....
>
> Apesar do pouco caso que o Povo liga aos pretensiosos comtistas que aparentam abranger conhecimento de tudo e, assim, querem fortificar em política, medicina, artes, indústrias etc. etc., é necessário combatê-los porque, afinal de contas, sempre há no seio das

---

fixa, preconceitos, manias". DARMON, Pierre. *Médicos e assassinados na "Belle Époque": a medicalização do crime*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. p.p. 57-8 e 61, respectivamente.

[82] Ver: BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, J. H. e GONZAGA, S. (org.). *RS: cultura & ideologia*, op. cit. O autor ressalta, contudo, que "(...) o positivismo teve impacto sobre parcela restrita da elite rio-grandense. Se ele chegou a ter expressão política, cultural e religiosa foi porque essa elite concentrava grande poder político e seus membros constituíam a maioria absoluta entre os rio-grandenses dotados de cultura e educação formal" (p. 35).

[83] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1905. p.p. 2-3.

[84] Segundo Boeira, "o período de expansão do positivismo religioso no Rio Grande vai de 1897 até 1908 aproximadamente. Nesse intervalo os vínculos políticos entre os dirigentes locais da Religião da Humanidade com o PRR são notórios". BOEIRA, N., op. cit., p. 57.

[85] Os positivistas ortodoxos condenavam a vacinação obrigatória alegando que a prática ameaçava a liberdade individual e a sanidade do lar, além de duvidarem de sua eficácia para a prevenção da doença. WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense, 1889-1928*. Santa Maria/Bauru, Ed. da UFSM/EDUSC, 1999. p. 48. Nesse sentido, Boeira ressalta a timidez do governo Borges em enfrentar as epidemias de varíola e peste bubônica, cioso de não incidir no pecado do "despotismo sanitário". BOEIRA, N., op. cit., p. 53. Recomendo ao leitor interessado no tema a leitura dos diversos folhetos condenando a vacinação existentes no Acervo da CPPOA.

> coletividades alguns insensatos que se deixam levar pelas balelas dos "azinhavrados" sacerdotes da religião cuja audácia chega ao ponto de apresentar a trocista amante de um genial velho maluco como modelo de mulher pura.
>
> É mister não dar tréguas a essa gente nefasta que tem sido causa de muitos males para o Povo, desde que conseguiu imiscuir-se na suprema administração do país.
>
> Parece, até, que o fim dos positivistas ou comtistas é só desgraçar o Povo!
>
> Vaidosos e incoerentes, vivem aqui em sua maioria a expensas do erário público apesar de sua doutrina filosófica proibi-lo; e quando logram guindar-se à alta posição tratam de escandalizar brutalmente o Povo à custa de quem comem, moram e se vestem.
>
> Prova disto? – o próprio programa do comtismo, considerando os proletários como "indivíduos fora da sociedade"; outra prova? – a asseveração do dr. Positivista João Vespúcio, na Assembléia dos Representantes onde engorda ganhando ordenado duplo como deputado e como militar, de que a Assembléia – delegação, embora aparente, do Povo – não tem satisfações a dar a quem quer que seja.
>
> .....
>
> O Povo que abra os olhos ante a lepra social chamada comtismo ou positivismo, não se deixando iludir pelas bobagens de tais pretensiosos.
>
> E, em resposta aos tais avulsos contra a vacinação, pergunte aos chefes comtistas desta Capital, porque é que, sendo eles tão "sinceramente" adversários daquele meio contra a varíola, toleram que pessoas de suas famílias sejam vacinadas[86].

Por outro lado, em janeiro de 1907, o periódico socialista noticiou a publicação do folheto de Teixeira Mendes, vice-diretor do Apostolado Positivista do Brasil, intitulado *A atual atitude do patriciado e do proletariado perante a reorganização social / Ainda, a propósito das greves*, "cuja leitura muito recomendamos". Nele, o autor afirma:

> A greve representa um recurso extremo, um verdadeiro mau, a que só é lícito recorrer para evitar desgraças maiores.
>
> E os responsáveis por uma greve não são só os seus promotores diretos, são também todos que a não previnem ou a entretêm.
>
> É assim que se reconhece quanta culpa têm nas greves os patrões, não atendendo as solicitações proletárias no que encerram de justo, o que determina a exacerbação dos instintos egoístas e faz surgirem as pretensões descabidas. É assim que se percebe a culpa dos governos intervindo para prestar aos patrões um apoio que os torna surdos às mais justas representações proletárias.
>
> .....

[86] *A Democracia*. Porto Alegre, 15/10/1905. p. 1. Ver outra crítica contundente aos positivistas gaúchos no número de 19/11/1905 do mesmo jornal, p. 1 (MCSHJC).

> Em nome da Humanidade nós apelamos para os respectivos patrões, pedindo-lhes que procurem entrar em acordo amigável com os proletários perante os quais a Humanidade os torna representantes de sua providência material.
>
> .....
>
> Diante das greves os patrões não devem examinar se têm a força material suficiente, no momento, para vencê-las. Cumpre indagar se as reclamações populares são justificadas pelo altruísmo e pela razão. Se isto se der urge atender às solicitações proletárias.
>
> Por que todas as vitórias da violência contra o altruísmo e a razão são fatalmente transitórias[87].

Ou seja, poucos meses após o final da "Greve dos 21 dias" - marcada por duras negociações entre patrões e empregados, nas quais o governo estadual não interveio - Xavier da Costa invocou princípios positivistas pois eles iam ao encontro de suas idéias. Contudo, na maior parte das vezes - apesar do pensamento de Comte ser a grande moda intelectual da época, inclusive entre os líderes operários[88] -, os socialistas porto-alegrenses criticaram essa doutrina devido à sua associação com o governo do estado e com o PRR, considerados defensores da burguesia.

No caso de Cavaco, a influência das teorias cientificistas ocorreu de forma mais difusa, principalmente através da literatura e de conversas travadas em cafés, saraus e outros espaços de sociabilidade literária. Afinal, muitos escritores da época buscaram incorporar nas suas criações as formas de ver o mundo e os homens próprias dos paradigmas científicos vigentes. Em entrevista à *Revista do Globo*, Zeferino Brasil, amigo e parceiro de boemia do Tribuno, apresenta algumas lembranças que permitem verificar a penetração dessas teorias no mundo das letras da Capital gaúcha:

> Orientação filosófica? Que é isto? Deus meu! Todavia, sempre direi: - fui positivista aos 14 anos. É verdade. Eu conto. Por esse tempo me veio de São Paulo um folheto do Miguel Feitosa: *A lei dos três*

---

[87] *A Democracia*. Porto Alegre, 13/01/1907. p. 3 (MCSHJC). O referido folheto - e outros de Teixeira Mendes tratando da questão operária - encontram-se no acervo da CPPOA.

[88] Guedes Coutinho, por exemplo, mesmo criticando pontos importantes do positivismo, era um admirador dessa doutrina. Em 1900, ele chegou a afirmar: "o socialismo (...) nada mais é do que o sistema de Comte (...) reformado e ampliado de acordo com os progressos da humanidade". *O Artista*. Rio Grande, 10/03/1900. p. 1 (BRG). Ver: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit., p.p. 82-84 e SCHMIDT, B. B. *O Deus...*, op. cit., p.p. 114-118.

> *estados*. Li-o, sofregamente, e, à tardinha, num banco da Praça da Alfândega, onde nos reuníamos diversos estudantes, armei uma discussão filosófica (...).
>
> .....
>
> Enamorado sempre do mistério e atraído pelo ocultismo, fui, talvez, quem primeiro leu Allan Kardec, em Porto Alegre.
>
> Descobrindo num catálogo da livraria do Joaquim Alves Leite, o *Livro dos Espíritos* e o do *Médium*, incumbi meu irmão Francisco de os comprar[89].

Alcides Maya, outro escritor muito próximo a Cavaco, no seu primeiro livro, *Pelo futuro* (1897), manifestou simpatia pelas teorias evolucionistas, especialmente pelo darwinismo social de Herbert Spencer: "E, por isso, a mocidade estudiosa de nossa Pátria, tão atrasada ainda na esfera da inteligência, deve dedicar-se 'ex imo corde' à leitura de Spencer, gênio admirável, cujas idéias modificaram a antiga concepção de universo, de vida, da natureza humana, as noções do bem e do mal, as normas de proceder"[90]. Encerrando essa exemplificação, cito o português Guerra Junqueiro, a quem o Tribuno muito admirava, que, "para não fugir aos traços positivistas de sua geração, desejou fundir Ciência e Poesia (...)"[91].

Circulando nesse ambiente intelectual - e buscando reconhecimento literário - Cavaco também foi influenciado pelas idéias cientificistas, perceptíveis mais nos seus textos literários do que nos artigos de caráter político. Lembro, inicialmente, de sua aproximação com o espiritismo kardecista (já comentada na seção 2.2), assim justificada: "Hoje, felizmente, o espiritismo entrou no domínio das ciências respeitadas, estudadas"[92].

---

[89] SOUZA Jr. Uma hora com Zeferino Brasil. *Revista do Globo* (sem outras referências da fonte) (ALZEB).
[90] Apud MASINA, L., op. cit., p.p. 50-51.
[91] MACHADO, Álvaro Manuel (org.). *Dicionário da literatura portuguesa*. Lisboa, Presença, 1996. p.p. 253-4.
[92] *Petit Journal*. Porto Alegre, 21/06/1906. p. 2 (BN).

No romance *Estella*, Cavaco - seguindo os passos de autores como o distante Balzac[93] e o amigo Zeferino[94] - procurou caracterizar alguns personagens conforme os padrões científicos da época. Inicialmente, segundo a carta-prefácio de Alfredo Mendes Guimarães, o autor voltou-se à observação dos "(...) tipos comuns e vulgares, com suas taras e vícios, escolhendo dentre a multidão que se agita através dessas ruas e praças (...), aqueles exemplares que melhor preencheram as suas exigências artísticas de romancista e de psicólogo"[95]. A partir daí, construiu "tipos" - em especial, os vilões - potencialmente capazes de sintetizar a diversidade humana, permitindo o estabelecimento de uma classificação dos indivíduos[96]. Sobre a vilãs Bernarda, governanta geral da casa onde morava Estella, e Raza, sua comparsa, que chegavam a torturar a heroína, inclusive fisicamente, Cavaco escreveu:

> [Bernarda] Não há que se lhe diga da árvore genealógica, que ignorada é. Veio do Desconhecido, e ninguém dirá ao certo em que lar oscilou o berço da megera. (...)
>
> Bernarda é feia, horrivelmente, cruelmente feia, sobre ser extraordinariamente antipática. Tipo de cabocla reles, com os olhos repuxados, a chim, boca rasgada amplamente para a exibição da dentuça intervalada e suja, baixa de estatura menos que de alma, Bernarda tem um destaque físico ridículo especial na raça humana. É "carola", arrastando a carcaça da vida pelas igrejas, onde procura encontrar um perdão para as crueldades que pratica. Ignorante, julga-se um "ente privilegiado", tanto assim que, não obstante a fealdade que exibe, tem a mania da "coqueterie", do luxo e é um gosto ver a perversa torturar o corpo de chimpanzé no rigor molestante de um espartilho da moda.
>
> [Raza] Clorótica, entrada em anos, má, dada à intrigas e a mexericos, mentirosa e perversa, lembra, com a sua brancura doentia, aquela figura antipática que Pierre Levet estrangulou na força do ódio.

---

[93] Segundo Wolf Lepenies, Balzac, ao escrever a *Comédia Humana*, pretendeu "fazer com a sociedade aquilo que Buffon delegava à zoologia: (...) analisar as espécies sociais que constituem a sociedade francesa (...)". LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo, EDUSP, 1996. p. 14.

[94] Ver, especialmente: BRAZIL, Zeferino. *Juca, o letrado (Estudo de psicologia mórbida)*. Porto Alegre, Fundação de Educação e Cultura do S. C. Internacional, 1975 (a primeira publicação em livro é de 1900).

[95] CAVACO, C. *Estella...*, op. cit., p. XXVIII (BPJP).

[96] Da mesma forma, Brazil afirmava a respeito do protagonista de seu livro: "Juca, o letrado não é um indivíduo; é a encarnação de muitos indivíduos". BRAZIL, Z. *Juca...*, op. cit., p. II.

> Chamam-na "feiticeira", pois ignorante que é, e mal intencionada, mergulha o espírito macabro nos enredos da Magia Negra. Convence aos tolos e inspira repugnância[97].

Na composição de figuras tão abomináveis, o autor expôs preconceitos raciais e sexuais sancionados pela ciência oitocentista. Bernarda e Raza encarnam tipos psicológicos, nos quais as características da personalidade (maldade, perversidade, exibicionismo) refletem-se na aparência física ("tipo de caboca reles", corpo de chimpanzé, brancura doentia) e em determinados comportamentos, como o misticismo (a "carolice" da primeira e a prática da magia negra pela segunda), normalmente associado ao sexo feminino. A origem desconhecida de Bernarda é mais um agravante, pois permite supor a hereditariedade de sua maldade e a morbidez dos ambientes em que foi criada. Portanto, Cavaco, da mesma forma que outros escritores de sua geração, aproximou-se do naturalismo, evidenciando traços dessa corrente, como a preocupação mesologista, a fixação em estados mórbidos, o olhar classificador, a ironia e o exotismo vocabular[98]. Em tal clima intelectual, as fronteiras entre ciência e literatura ainda eram pouco nítidas e sujeitas a "contrabandos" de conceitos e modelos explicativos[99].

Entretanto, apesar da influência cientificista, o socialismo da época trazia, sobretudo, uma condenação moral das injustiças sociais. Ou seja, mais do que a transformação das estruturas econômicas e sociais orientada pelas "leis da história", Xavier da Costa, Cavaco e outros propagandistas da "sublime doutrina" no Rio Grande do Sul defendiam a "regeneração moral" da sociedade, apoiada em valores tradicionais como a honra e a bondade. De acordo com o *A Democracia*, o socialismo representava a fraternidade contra a ignorância, o egoísmo e a baixeza de caráter,

---

[97] CAVACO, C. *Estella...*, op. cit., p.p. 18-19 e 13-14, respectivamente (BPJP).
[98] Ver: CESAR. Guilhermino. Prefácio. In: BRAZIL, Z. *Juca...*, op. cit., p.p. 7-8.
[99] Sobre o assunto, consultar: LEPENIES, W., op. cit.

típicos do regime capitalista[100]. No mesmo sentido, de forma poética, Francisco afirmou:

> ... E a onda cresce!
>
> Trouxe-a consigo o tufão do Progresso...
>
> Veio de plagas longínquas, materiais ou espirituais, - pouco importa, - ela aí está!
>
> Chama-se Democracia social.
>
> Essa enorme extensão moral e política que é a nossa sociedade, cheia de montículos de preconceitos estúpidos, eivada do esterco da torpe exploração capitalista, tendo aqui e ali vulcões de lama em erupção com aparências de flamíferos gênios de patriotas e estadistas honestos, - há de ser lavada um dia pela onda santa da justiça!
>
> E é preciso mesmo que o seja.
>
> De norte a sul, impera a desumanidade, o barbarismo, a falsidade, o desbrio.
>
> .....
>
> E semi-enterrado nesta, a debater-se em convulsões de fome insaciável, um monstro passeia a sua ferocidade e se transfigura mil vezes.
>
> É o capitalismo.
>
> .....
>
> Semelha-se, antes, à hidra mitológica.
>
> Porém se esta encontrou um Hércules que a decapitasse, o capitalismo encontrará, para extinguí-lo, a força incomensurável e indefinível da grande onda saneadora, a Democracia-social, a vanguardeira da preamar da justiça! Há de vir, esta onda vigorosíssima, varrer a extensa podridão da sociedade atual, deste "mixtum-compositum" de ignorância, egoísmo, perversidade e baixeza de caráter.
>
> .....
>
> A preamar da Justiça se aproxima!
>
> Já não é somente nas regiões populares, propriamente ditas, que o marulho regenerador da sociedade se faz notar como uma promessa de melhores dias, como uma afirmação do progresso e da civilização; a preamar atinge agora regiões mais elevadas e inunda, e conquista, e domina, levando de vencida os óbices que o egoísmo burguês erguera para a defesa do reinado da iniqüidade.
>
> A preamar da Justiça desdobra-se, avança, soberana e majestosamente triunfante!
>
> A onda da Democracia-social cresce!
>
> Bendito seja sempre o ideal regenerador da Humanidade![101]

No texto de Francisco, mesclam-se odes à civilização e ao progresso, próprias da mentalidade cientificista do final do século XIX e início do XX, e imagens da mitologia greco-romana. Porém, quero destacar a maneira pela qual o autor

[100] *A Democracia*. Porto Alegre, 11/06/1905, p. 1 (MCSHJC).
[101] *A Democracia*. Porto Alegre, 18/06/1905. p. 1 (MCSHJC).

constrói a contraposição entre a social-democracia e o capitalismo: não como modos de produção antagônicos e sim enquanto forças da natureza (a onda ou o tufão do socialismo) ou seres sobrenaturais (o monstro ou a hidra do capitalismo), a digladiaram-se na "enorme extensão moral e política que é a nossa sociedade". Nesse quadro, a ordem capitalista não foi caracterizada, prioritariamente, pelos mecanismos de exploração do trabalho (a extração da mais-valia, por exemplo), mas pela ausência de valores morais: a desumanidade, o barbarismo, a falsidade, o desbrio; o "mixtum-compositum" de ignorância, egoísmo, perversidade e baixeza de caráter. Contra tal estado de coisas, o socialismo emergia como uma onda saneadora de justiça, um ideal regenerador da humanidade.

Em outro artigo do *A Democracia* - intitulado "Moral burguesa" -, moral e ciência aparecem articuladas no ataque a certos governantes do estado. Nele, o jornal comenta os desmandos do intendente da cidade de Caxias, "borracho e péssima autoridade", valendo-se da reputação de renomados cientistas da época:

> Admitimos que tais excessos, manifestados periodicamente, provenham, como é de supor-se, dessas enfermidades de que nos falam Lombroso e Mantegazza (agravadas pelo efeito do álcool) neste caso trata-se de um irresponsável, a lei assim o reconhece e por isso incompatibiliza-o de exercer cargo público. E, mal andaríamos se assim não fosse.

Mas conclui, invocando, em termos morais, as injustiças da sociedade burguesa:

> O operário, porque é operário, por muito menos seria (...) trancafiado na cadeia, fracassado; haveria grande clamor, todos gritariam assanhadamente que a ocorrência era de extraordinária imoralidade, digna de severa punição etc. (...)
>
> Ao passo que entre os potentados é como dá frisante exemplo o Sr. Montenegro: os escândalos, as imoralidades, quando se dão passam em silêncio, são imperceptíveis...
>
> Que santa moral, a da burguesia!...[102]

[102] *A Democracia*. Porto Alegre, 06/01/1907. p. 1 (MCSHJC).

Xavier da Costa e seus companheiros denunciavam, com freqüência, as "imoralidades" da elite local, tendo como parâmetros os padrões de comportamento socialmente dominantes naquele contexto. Em fevereiro de 1907, por exemplo, o *A Democracia* trouxe essa acusação: "Em toda parte a 'haute gomme' é a mesma e entende que é galante perseguindo, com olhares e frases atrevidas, senhoras e meninas que encontra nas ruas, nos bondes e em outros lugares públicos, desamparadas da presença do pai, irmão ou qualquer outra companhia que imponha respeito." A matéria ressaltava que tais ofensas normalmente eram dirigidas às mulheres pobres, pois "(...) enquanto o desaforo de canalhas com dinheiro e roupa fina não atinge as mulheres da classe a que (...) pertence - tudo vai bem para a 'moralíssima' sociedade burguesa...". E prosseguia:

> São comuns em Porto Alegre os indivíduos bem trajados, desde fedelhos, que ainda estão a fazer jus a chineladas em lugares apropriados até velhos - dos tais a que a imprensa burguesa chama de "respeitáveis cavalheiros", porém que (...) andam a fazer de "conquérants", faltando aos mais comezinhos princípios de educação, perseguindo as mulheres desacompanhadas de homem.
>
> As vítimas desses canalhas de colarinho em pé são, na maioria dos casos, as pobres costureiras, cigarreiras e empregadas em estabelecimentos industriais[103].

Cavaco fazia eco a essas acusações - e reafirmava a idéia da mulher como um ser frágil que necessitava da proteção masculina - ao justificar, em 1908, a importância do Partido Socialista quando "(...) os políticos arrastam a dignidade da Pátria nas fimbrias dos vestidos das marafonas, transformando lares honestos em prostíbulos miseráveis (...)". Ou, na mesma ocasião, ao vislumbrar o futuro dos operários, caso não fossem quebrados "os vergonhosos grilhões dessa escravidão disfarçada": "As tuas filhas depois de desfolharem entre as mãos criminosas dos potentados as delicadas flores da pureza, as grinaldas brancas dos sonhos virginais,

[103] *A Democracia*. Porto Alegre, 14/02/1907. p. 2 (MCSHJC).

servirão de repasto à gula perversa da canalha, nos antros misteriosos dos crimes sociais"[104].

Os líderes socialistas também recomendavam ao operariado que evitasse condutas consideradas imorais. Assim, o *A Democracia* saudou enfaticamente a "bela iniciativa (...) tomada por alguns dos nossos companheiros de classe" de fundar "(...) uma sociedade composta unicamente de operários e dedicada à propaganda tenaz contra o desnecessário - ou antes - prejudicialíssimo uso de bebidas alcóolicas"[105]. A moralidade operária envolvia, na visão dos socialistas, não apenas a adoção de comportamentos disciplinados mas, igualmente, a solidariedade com os demais "trabalhadores do universo". É o que se pode perceber no seguinte anúncio:

> ATENÇÃO! OS TRAIDORES!
>
> Pedimos aos companheiros que souberem quais são os operários desta capital que se comprometeram com Eduardo Hasslocher a ir substituir grevistas de S. Paulo, o obséquio de enviar a esta redação os nomes dos mesmos, a fim de os publicarmos na *Democracia*, como castigo à traição e aviso aos nossos companheiros paulistanos.
>
> Pela moralidade da classe operária é preciso que os Iscariotes sejam expostos ao desprezo público[106].

A defesa dos "bons costumes" e de valores tradicionais como a honra, a solidariedade e a bondade, e o repúdio ao egoísmo e à imoralidade da burguesia, revelam, em alguma medida, as raízes românticas das idéias professadas por Xavier da Costa, Cavaco e outros socialistas de Porto Alegre. Ao mesmo tempo que louvavam o progresso e a ciência, esses militantes atacavam elementos centrais da modernidade

---

[104] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 53 e 54, respectivamente (discursos gravados em disco, sem outras referências das fontes).

[105] *A Democracia.* Porto Alegre, 19/05/1907. p. 3. A condenação do consumo de álcool aparece, igualmente, no número de 06/01/1907 do mesmo jornal, p. 3 (MCSHJC). Sobre a ação disciplinadora exercida por determinadas lideranças e/ou instituições operárias, consultar: SCHMIDT, B. B. *Um socialista...*, op. cit., p.p. 61-2.

[106] *A Democracia.* Porto Alegre, 07/07/1907. p. 1. A respeito da "imoralidade" dos operários "fura greves", ver também o número de 15/12/1906 do mesmo jornal, p. 2 (MCSHJC).

burguesa em nome de valores e ideais do passado[107]. Como outros intelectuais do período, expressavam o "novo surto de Romantismo" ocorrido entre o final do século XIX e o começo dos anos trinta do XX, marcado pela "nostalgia das sociedades pré-capitalistas e uma crítica ético-social ou cultural do capitalismo"[108].

Os socialistas porto-alegrenses voltavam-se, principalmente, contra a mercantilização das relações humanas e a dissolução dos vínculos sociais - geradas pelo capitalismo - e o conseqüente "desencantamento do mundo", típico da ordem burguesa, que prioriza a quantificação, a mecanização e a abstração racionalista[109]. Nessa linha, o *A Democracia* afirmava: "Nós, os homens do Trabalho, devemos ter, sempre, em mira, os mais elevados ideais, que são nossos - porque não somos egoístas e tanto que o que almejamos é a felicidade geral"[110]. Xavier da Costa e seus companheiros, ao contrário de outros românticos, não buscavam "reencantar o mundo" através do retorno às tradições religiosas[111], mas sim da crença em uma visão messiânica do socialismo, expressa, por exemplo, na concepção do marxismo como "religião moralizadora" (ver seção 3.3).

No caso de Cavaco, a inspiração romântica é bem mais evidente, especialmente no romance *Estella*. Anarlo, o protagonista da trama, representa a antítese da egoísmo burguês, conforme se pode observar na fala da heroína a respeito de seu amado: "És o amigo dos fracos, o defensor dos humildes, o amigo dos desgraçados. Enxugas as lágrimas dos que sofrem e vives a lutar pelo bem, desafiando

---

[107] Nesse ponto, apoio-me na concepção de romantismo proposta por Löwy e Sayre: "(...) o romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno)". LÖWY, M. e SAYRE, R., op. cit., p. p. 34. Indico também: LÖWY, Michael. The romantic and the marxist critique of modern civilization. *Theory and society*, v. 16, n. 6, novembro de 1987 e REZENDE, Antonio Paulo. A cultura e a construção dos espelhos: história e cultura. In: BLAJ, Ilana e MONTEIRO, John M. *História & utopias*. São Paulo, ANPUH, 1996.

[108] LÖWY, Michel. *Romantismo e messianismo*. São Paulo, EDUSP/Perspectiva, 1990.

[109] Ver: LÖWY, M. e SAYRE, R., op. cit., p.p. 37-8 e 51-70.

[110] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1907. p. 1 (MCSHJC).

sempre o perigo e rindo das ameaças". Em outra passagem, o personagem carrega nos braços "o corpo desfalecido de uma pobre velhinha que a miséria fizera tombar sobre um canto da rua"[112]. Nesse panorama, o artista-revolucionário Cavaco/Anarlo deslocava a contradição burguesia/proletariado - central no pensamento socialista - para o antagonismo "espírito burguês"/"espírito do artista": o primeiro caracterizado pela frieza dos negócios e o último pela beleza das coisas simples. De acordo com o autor:

> O espírito burguês, amassado no realismo cru da existência, não acomoda uma idéia que possa elevar a alma às regiões do Sonho. O espírito do artista difere: para este há um mundo especial no cálice perfumoso de uma violeta que emergiu da terra por entre ervas daninhas: há uma história em cada beijo furtivo; um poema em cada lágrima; um acontecimento grandioso em cada suspiro...[113].

Segundo o Tribuno, o verdadeiro amor também era incompatível com a sociedade capitalista. Evocando os jovens amantes de Verona, ele descreve Anarlo e Estella como "(...) continuadores da obra grandiosa daqueles que nos balcões cheios de madresilvas do palácio dos Capuletos ensinam ao mundo burguês e material que o verdadeiro amor não morre nunca, porque é imortal!". Afinal,

> (...) o amor verdadeiro, o grande amor, o puro amor não é o que a sociedade reconhece e justifica; não representa um compromisso social e religioso. Ele deve brotar da alma para a alma, sem tropeçar antes na toga de um juiz ou na batina negra de um padre. Deve ter a espontaneidade dos aromas e a grandeza dos destinos. Fruto de um olhar, germe de um sorriso, semente de um beijo, o amor deve ser livre, espontâneo, natural, para ser grande, para ser puro, para ser amor! Ligar um ser a outro pelos laços ridículos de duas assinaturas abaixo de um

---

[111] LÖWY, M. e SAYRE, R., op. cit., p. 51.
[112] CAVACO, C. *Estella...*, op. cit., p.p. 5 e 97, respectivamente (BPJP)
[113] Idem ibidem, p.p. 57-8. A contraposição burguesia/arte está presente em outros autores do período, como na frase de Anatole France citada na seção anterior. O próprio Cavaco retoma o tema na poesia "Profissão de fé", do livro *Versos de Barricada!* de 1924: "E em defesa do Amor, do Sonho e da Arte, / eu saberei levar por toda a parte / o facho rubro da Revolução!". CAVACO, C. *Versos...*, op. cit., p. 5 (BPJP). Extrapolando o contexto da tese, creio ser possível dizer que a referida contraposição reaparece em diversos momentos, como na conhecida canção de Cazuza, Ezequiel Neves e George Israel, "Burguesia": "A burguesia fede / A burguesia quer ficar rica / Enquanto houver burguesia / Não vai haver poesia" (*Burguesia*, Polygram, 1989).

> nome é um compromisso estupidamente jurídico, juridicamente despótico[114].

Passagens como as transcritas acima, que contrapõem o amor espontâneo às convenções sociais, são recorrentes na obra de Cavaco[115], e lembram a defesa do amor livre feita pelos anarquistas e por alguns socialistas. Porém, conforme já ressaltei, tal postura não excluía uma visão conservadora dos costumes e uma condenação das "imoralidades", consideradas próprias da burguesia.

Em *Estella*, encontra-se outro elemento característico do romantismo: a idealização da vida no campo (ainda pouco afetada pelos valores burgueses) e a desqualificação do espaço urbano ("lócus", por excelência, da realização do capitalismo)[116]. Na visão moral de mundo que perpassa a obra de Cavaco, o ambiente rural e seus moradores encarnam a virtude, enquanto a cidade e os citadinos são associados aos maus sentimentos e ao artificialismo. Cito alguns trechos indicativos dessa perspectiva:

> Para essa gentalha dada à questiúnculas, a mexericos e a falatórios, o fato vinha a calhar. (...)
> Isto na cidade, em cujo seio palpita o germe das infâmias.
>
> Pelas calçadas, na "grande artéria", é o "vai-e-vem" dos mostruários humanos - mulheres que exibem ao olhar guloso do "smart" falsificado a falsificação das belezas. A hipocrisia anda solta, trajando a rigor, com o último figurino. Sorrisos dourados pelos dentistas desabrocham mentirosamente em lábios avermelhados pelo carmim. Desejos criminosos armam tendas em olhares cheios de quebrantos. Tudo quanto há de mais fino em casa veio à rua, - desde a botina de

---

[114] CAVACO, C. *Estella...*, op. cit., p. 80 (BPJP).

[115] Ver, por exemplo: CAVACO, Carlos. *O grande amor de Garibaldi*. Petrópolis, nome da editora ilegível, 1955. p. 22 (BMP).

[116] De acordo com Löwy e Sayre, a nostalgia "(...) está no âmago da atitude romântica" e "(...) incide sobre um passado pré-capitalista ou, pelo menos, sobre um passado em que o sistema sócio-econômico moderno ainda não tinha chegado a seu pleno desenvolvimento". Para os românticos, "(...) é possível (...) fugirmos da sociedade burguesa, abandonando as cidades pela vida no campo e os países 'modernos' pelos 'exóticos', abandonando os centros do desenvolvimento capitalista para nos dirigirmos em direção de um 'alhures' qualquer que conserve, no presente, um passado mais primitivo". LÖWY, M. e SAYRE, R., op. cit., p.p. 40 e 43, respectivamente. Sobre o assunto, consultar também: RODEGHERO, Carla Simone. Campo X cidade: o discurso católico frente à modernização da agricultura no Rio Grande do Sul. *Anos 90*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, nº 7, julho de 1997. p.p. 150-153.

> pelica tenra, ao "guante" que envolve a mão e aprisiona o pulso. E tudo isso lembra um original mercado de amor...
>
> - É aqui onde está a felicidade, minha querida Estella! disse Anarlo, indicando o grupo camponês que amainava a terra. (...) É aqui, em contato com as almas rudes, com os seres que ignoram as perfídias que a civilização arrasta atrás do seu carro triunfal[117].

Portanto, Cavaco expressava um sentimento presente em alguns setores da intelectualidade e do movimento operário que encaravam o campo como o último refúgio contra dois processos intimamente interligados: o avanço da industrialização, levando à deterioração das condições de vida e trabalho dos proletários, e a desagregação dos valores e sentimentos autênticos (a solidariedade, a honra, a bondade, o amor).

Para concluir, gostaria de salientar novamente a oscilação de Xavier da Costa, Cavaco e seus companheiros entre a reivindicação do caráter científico das idéias que sustentavam - manifestada na incorporação de autores e concepções próprias da cultura cientificista do século XIX - e a defesa da regeneração moral da sociedade apoiada em valores tradicionais, expressando a influência do pensamento romântico. A "sublime doutrina" desses militantes mesclava, pois, a ciência e a moral, a certeza na evolução natural da história rumo ao socialismo e a luta contra os "maus costumes" da burguesia, a apologia do progresso e as odes à vida bucólica.

[117] CAVACO, C. *Estella...*, op. cit., p.p. 25-6 e 30, respectivamente (BPJP).

4.4 - Quem são os nossos adversários?:

burgueses, soldados, padres e anarquistas

Xavier da Costa e Carlos Cavaco, ao buscarem construir uma identidade para o operariado de Porto Alegre, também apontaram os grupos (e, dentro deles, certos indivíduos) considerados "adversários" (os "outros") da classe, por possuírem atributos opostos ou diferentes daqueles que caracterizavam (ou deveriam caracterizar) os "verdadeiros" operários[118]. Muitos desses "outros" já foram indicados ao longo da tese. Assim, na presente seção, sintetizarei e analisarei os argumentos utilizados pelos personagens a fim de desqualificar seus opositores, procurando evidenciar o caráter moralizante dos mesmos.

* * *

Cavaco, lembrando do socialismo do início do século XX, afirmou: "naquele tempo o socialismo era diferente do socialismo atual. Quem vestisse farda, envergasse batina ou trabalhasse junto a um cofre - soldado, padre, burguês - não era, não podia

[118] A literatura contemporânea sobre a problemática da identidade tem sido praticamente unânime em afirmar que tal conceito não pode ser desvinculado do de alteridade. Busca-se, assim, conceber a identidade enquanto categoria relacional e não essencialista. Nessa perspectiva, no processo de construção identitária de cada indivíduo ou grupo, haveria, sempre, a identificação de outros indivíduos ou grupos como diferentes e/ou opostos, os quais, pelo contraste, reforçariam a coerência interna do "eu" ou do "nós". Ver, entre vários outros: CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: ___. *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense, 1985 (para as identidades individuais) e LEVI-STRAUSS, Claude (dir.). *La identidad*. Barcelona, Petrel, 1981 (para as identidades coletivas).

ser socialista"[119]. Nessa frase, já se pode identificar três dos grupos que os socialistas da Capital gaúcha percebiam como "inimigos".

Um dos principais alvos dos ataques de Xavier da Costa, Cavaco e demais socialistas porto-alegrenses era, portanto, a burguesia e a "política burguesa", sobretudo, conforme antes ressaltei, no sentido de uma condenação moral das injustiças sociais. Os jornais ligados a essa corrente assinalavam, com freqüência, em artigos e ilustrações, a contraposição entre os capitalistas, que não trabalhavam e viviam regiamente, e os operários, que se sacrificavam nas fábricas e oficinas e passavam fome. No *A Democracia*, por exemplo, pode-se ler: "Potentados, vós sois indignos, porque não sabeis o valor desse pão com o qual matais a fome de vossa mulher e de vossos filhos. (...) Só é digno o homem que sabe ganhar o pão com que se sustenta, pelo trabalho honesto"[120].

Os socialistas também criticavam a imoralidade dos costumes da sociedade burguesa. Em um conto de Francisco, significativamente intitulado "A honra", isso fica bem evidenciado. Nele, um banqueiro descobre que a mulher o estava traindo com o seu sócio. Ao intimá-la a dizer a verdade, ela responde: "É verdade! saiba-o bem claro, enganei-o, porque o sr. me enganava também. (...) enquanto eu, tranqüila, aguardava a sua chegada ao lar, o sr. na orgia, no deboche, nos braços das amantes, não pensava na honra, na minha honra também que o sr. manchava adulterando Por que há de ser a mulher, somente, a portadora da honra conjugal?"[121]. De forma semelhante, Cavaco, no romance *Estella*, descreve a licenciosidade da classe dominante:

> O Despudor calça luvas de pelica, veste na moda e diz banalidades.

[119] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco*..., op. cit., p. 52 (sem referência da fonte).
[120] *A Democracia*. Porto Alegre, 21/07/1907. p. 4 (MCSHJC).
[121] *A Democracia*. Porto Alegre, 18/06/1905. p. 1 (MCSHJC).

> .....
>
> Nas alcovas, onde erram perfumes tentadores e os tapetes se esgueiram moles e silenciosos; por detrás das cortinas adamascadas, entre rendas e arminhos, sedas e veludos, ao reflexo irônico do aço dos espelhos e ao fulgor diabólico das pedrarias bizarras, os dramas de adultério e de deboche se desenrolam, enquanto consciências imaculadas apodrecem tristemente nas enxergas dos hospitais e nos bairros da pobreza!
>
> .....
>
> Há bailes que lembram saturnais, e para onde os pais e mães de família (principalmente as mães de famílias!) conduzem as filhas perfumadas e nas exigências do último figurino chegado pelo correio... E enquanto os ouvidos cor-de-rosa se enchem de frases acanalhadas, cheirando à cerveja e a vinho, nos cantos das salas, aos grupos, como símbolos da estupidez social, as hipócritas matronas atassalham as reputações alheias e condenam os corações onde o verdadeiro amor penetrou como um clarão de madrugada!
>
> É a Sociedade...[122]

Nos trechos citados, os líderes socialistas dirigem à burguesia acusações que, normalmente, eram utilizadas por essa última contra os grupos populares: as de imoralidade e de desregramento sexual. Verifica-se, pois, apesar da inversão de posições, a existência de um substrato moral comum às duas classes, ancorado na valorização do trabalho e da "pureza" do lar.

Além disso, segundo os socialistas, após a Proclamação da República, os "argentários", frustrando as aspirações populares, haviam assumido a direção do país e do estado, afastando os trabalhadores de qualquer interferência nos negócios públicos. Tal situação manifestava-se, especialmente, no tratamento diferenciado oferecido pelos poderes constituídos à elite e aos populares. O *A Democracia* condenava essas injustiças e, a fim de aproximar as denúncias da realidade dos leitores, valia-se de incidentes do cotidiano de Porto Alegre ou de outras cidades brasileiras. Nesse sentido, em agosto de 1905, o periódico noticiou que Virgilio Clavier, de seis anos de idade, havia sido alvejado com uma pedra por dois jovens, sendo seu estado "desesperador". De acordo com a matéria, o pai da vítima

> (...) é carpinteiro e há dez dias que não pode retirar-se da cabeceira de seu filho; sua esposa está em adiantado estado de gravidez.
>
> São, em resumo, paupérrimos.
>
> Clavier deu parte deste lamentável fato às autoridades, mas... ele é tão "insignificante" que não mereceu a menor atenção.
>
> Ora aí está mais um exemplo bem frisante do modo pelo qual e quase sempre os pobres trabalhadores e seus filhos são tratados pela nunca assas decantada justiça oficial.
>
> "Quanto tens, quanto vale".
>
> .....
>
> E ainda há quem estranhe as rebeldias à organização social vigente, que dá aos ricos o direito de superioridade sobre os pobres![123]

Porém, nem sempre os poderes públicos recebiam ataques tão incisivos dos socialistas. Na verdade, percebe-se que, em alguns momentos, os últimos radicalizavam seu discurso anti-burguês, tratando os governantes como inimigos dos operários - por exemplo: no final do século XIX (quando da formação do movimento), em 1905 (com o surgimento do *A Democracia*) e após a greve geral (devido às retaliações promovidas pelo patronato) - e, em outros, procuravam aproximar-se das autoridades locais e estaduais, considerando-as mediadoras nos conflitos coletivos de trabalho - como na "greve dos 21 dias". Essa oscilação pode ser resumida nas seguintes palavras do *A Democracia*, relativas às medidas de combate à varíola tomadas pelo secretário Protásio Alves na cidade de Margem de Taquari:

> (...) agrada-nos poder noticiar que o governo cumpre o seu dever.
>
> Não fizemos favor ao oficialismo, e nem é lisonja ou "engrossamento", como se diz hoje em dia, - nos manifestando assim.
>
> (...)
>
> **Não somos capachos do governo nem somos seus oposicionistas sistemáticos**. Quando o bem do Proletariado, que é o Povo, é respeitado pelo alto, aplaudimos este; e quando o governo despreza os interesses do Povo para curar do mero partidarismo, do sectarismo ou de outra qualquer coisa contrária àqueles mesmos interesses, - o condenamos e o atacamos sem ambages, sem rebuços, "custe-nos o que custar, aconteça o que acontecer"[124].

---

[122] CAVACO, C. *Estella...*, op. cit., p.p. 126-7 (BPJP).

[123] *A Democracia*. Porto Alegre, 27/08/1905. p. 2 (MCSHJC). Na mesma linha, o *Manifesto do Partido Operário* de 1905 afirmava: "A justiça oficial, guiada pela burguesia, é mãe carinhosa, cheia de complacências desarrazoadas diante do criminoso pertencente às altas camadas sociais, e madrasta severa, perversa, odienta, quanto tem de pronunciar-se a respeito da falta ou do delito cometido por um desprotegido trabalhador". *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1905. p.p. 2-3.

[124] *A Democracia*. Porto Alegre, 23/07/1905. p. 2 (MCSHJC). Grifo meu.

Em uma leitura retrospectiva, constata-se, entretanto, uma progressiva, embora hesitante, aproximação dos socialistas com o PRR (ver próximo capítulo), culminando nas tratativas para a construção do Ateneu Operário, levadas a cabo por Xavier da Costa junto ao Conselho Municipal e ao intendente José Montaury no ano de 1910.

* * *

Os socialistas também combatiam - de forma coerente com os princípios da II Internacional[125] - o militarismo. Nesse sentido, o *Manifesto do Partido Socialista* de 1897 afirmava a respeito da implantação da República: "Um outro mal existe desde o início da nova instituição, a soberania militar sobre o povo. Como extingui-lo? Pelo Socialismo". A publicação do citado documento ocorreu poucos anos após o final da sangrenta Revolução Federalista, o que ajuda a explicar o teor da passagem abaixo:

> Na ordem política, o ponto culminante ou de partida é este: (...) as mesquinharias elevadas à altura de casos de que depende a salvação geral e, assim, um incessante prurido de revolta que constrange o progresso, fazendo retirar do labor produtivo o operário e o agricultor, para a formação de legiões armadas a fim de tornar mais tristemente notável, quando se efetua o mais vergonhoso barbarismo que existe no século XIX - a guerra (...)[126].

Adentrando no século XX, os partidários dessa corrente criticavam a perda da capacidade de reflexão dos soldados e sua transformação em servidores passivos das classes dominantes. Em 1905, o *A Democracia* declarava: "no regime burguês a coisa é esta: quem assenta praça perde a noção do seu eu, deixa de ser um homem para

[125] Segundo Johnstone, "a luta contra a guerra sempre foi essencial para a Internacional e, desde a fundação desta (1889), refletira-se nas resoluções de seus congressos". Com a deflagração da Primeira Grande Guerra, apoiada pelos principais partidos da Segunda Internacional, deu-se o colapso da organização. JOHNSTONE, M., op. cit., p. 197. Sobre o impacto da Guerra entre os socialistas de Porto Alegre, ver o capítulo V.

tornar-se uma coisa, um maquinismo, um aparelho qualquer para produzir o que e como querem os dominadores do dia"[127]. No *Manifesto de 1° de Maio de 1907*, os socialistas acusavam "(...) os governos, defensores da burguesia, do seio da qual saem (...)" de afogar "(...) o Povo com pesados ônus, para conseguir o dinheiro necessário ao custeio da construção de navios de guerra e outros elementos de extermínio - espingardas, canhões, pólvora, balas etc...". Alertavam, então, que esses armamentos seriam utilizados pelos "(...) filhos do povo (...) transformados em janízaros da burguesia (...)" no fuzilamento de "(...) seus próprios irmãos de condição social - embora nascidos além fronteiras - que se dispuseram à reivindicação dos seus sagrados direitos, ainda mesmo no terreno legal estabelecido pela burguesia!". E prosseguiam:

> Mas isto não deve prosseguir assim! Trajando a blusa do operário ou do soldado o proletário é sempre o proletário: alvo de menosprezo, de extorsões, de abusos, de injustiças, em suma; a sua causa é sempre a mesma, o seu inimigo é um só, o regime burguês - embora, este, umas vezes mostre um tentáculo e outras outro com que nos arrebenta para sugar-nos a existência, pois que é um gigantesco polvo[128].

Ou seja, o *Manifesto* procurava evidenciar a condição proletária do soldado - cujo inimigo deveria ser, portanto, a burguesia e não seus companheiros de classe - e o caráter internacional da luta dos trabalhadores.

Ainda no que tange ao militarismo, permito-me avançar um pouco no tempo, e transcrever algumas considerações de Cavaco sobre a guerra travada no Velho Continente em 1914:

> O que aí está, na Europa da arte, é a conseqüência horrível, o fruto fatal do militarismo exagerado. E mais do que outra qualquer, a classe operária irá sofrer as resultantes dessa medonha hecatombe que cobre de sangue e de infortúnios tantos povos dignos de melhor sorte. Sobre as classes trabalhadoras do Universo inteiro, é que o anjo negro da miséria estenderá sinistramente as sombras tristes das suas asas. O operário será

[126] *Gazetinha*. Porto Alegre, 01/05/1897. p. 1 (MCSHJC).
[127] *A Democracia*. Porto Alegre, 22/10/1905. p. 2 (MCSHJC).
[128] *A Democracia*. Porto Alegre, 01/05/1907. p. 1 (MCSHJC).

> e já está sendo a maior vítima desse barbarismo que se pratica entre estalos de dum-dum e arremessos de gases mortíferos em pleno século XX. A fome já se fez sentir com todas as suas conseqüências incalculáveis e fatais. Agora, segundo um telegrama oficial, é o cólera que faz a sua entrada satânica nos campos de batalha, esmagando rapidamente dez mil austríacos. E devemos aplaudir a guerra? E devemos justificar a guerra? Não, mil vezes não![129]

* * *

Xavier da Costa, Cavaco e seus correligionários apontavam, igualmente, o clero como inimigo dos operários. No mês de maio de 1907, por exemplo, o *A Democracia* - em artigo significativamente intitulado "Para que servem os padres" - noticiou o assassinato de uma moça em um confessionário da capital francesa. Informou ainda que o principal suspeito do crime, o Abade Paisan, guardava consigo mais de 5.000 cartas amorosas. Para o jornal,

> Aí está mais uma prova da necessidade social do clericalismo...
> E é a turba a que pertence o Abade Paisan, que, expulsa da França, vai estabelecendo acampamento de conquistadora no Brasil!
> Pais de família, abri os olhos. Povo, alerta contra a praga negra[130].

Mais uma vez, enfatizava-se a imoralidade dos adversários do "povo", no caso os jesuítas, aos quais, no imaginário da época, atribuíam-se planos de dominação do mundo: o "complô jesuítico" (ver seção 3.3). Influenciados pelo racionalismo cientificista do final do século XIX e, talvez, por determinados autores maçônicos, os socialistas porto-alegrenses provavelmente concordavam com os argumentos apresentados no texto "Religiões" de C. Novel. Nele, essas são caracterizadas como ideologias legitimadoras das desigualdades sociais e entraves ao progresso e à civilização:

---

[129] *A Vanguarda*. Porto Alegre, 03/10/1914. p. 1 (BRG). Pouco tempo depois, Cavaco abandonou sua posição anti-militarista e passou a defender o sorteio militar e o ingresso do Brasil na Guerra (ver seção 5.2).
[130] *A Democracia*. Porto Alegre, 09/05/1907. p. 4 (APAXC).

> (...) no fundo, o seu [das religiões] fim é cegar os povos com respeito às causas das desigualdades sociais, ensinando-lhes a "resignação" e glorificando o ascetismo e a renúncia ás alegrias terrestres.
>
> (...) Na realidade, as religiões são a causa única da conservação da iniqüidade capitalista e fundaram e perpetuam a desigualdade que esmaga os povos.
>
> .....
>
> Elas são pois nocivas às sociedades, pelo "status quo" e paragem, que impõem á civilização. Por esta razão, principalmente, o seu desaparecimento será o maior progresso da humanidade[131].

Nas obras literárias de Cavaco, percebe-se, igualmente, a postura cética do autor no tocante ao clero e à religião. Em *A carta anônima*, a Igreja aparece enquanto um espaço de refúgio e auto-punição, pois Carmem e Mauro não se tornaram religiosos motivados pela fé, mas buscando superar o fracasso de seu amor. No romance *Estella*, tal percepção está presente de maneira mais sutil: viu-se que a vilã da história era "carola" e freqüentava a Igreja. A própria heroína seguia a fé católica e rezava em diversas ocasiões. Também Anarlo, depois de receber uma flor de sua amada, agradeceu genuflexo a Deus. Assim, deduz-se que, para Cavaco, ao menos nesse livro, ser católico e freqüentar a Igreja não eram valores, positivos ou negativos, em si, podendo significar verdadeira devoção ou mera hipocrisia social.

Em 1912, Dom Elizalde, ex-padre chileno, realizou, no Teatro São Pedro, uma conferência defendendo o positivismo. Freitas Vale, delegado de polícia e católico fervoroso, atacou o conferencista e criticou as autoridades que haviam cedido aquele espaço - um teatro oficial - para a divulgação da doutrina de Comte, sendo apoiado por outro escritor católico. De acordo com Cavaco,

> Mesmo sem conhecer pessoalmente o ex-vigário de Santiago do Chile, publiquei, defendendo-o, defendendo a sua pretensão, um violento artigo no *Correio do Povo*, intitulado "Crê ou Morre!". Travou-se a luta

[131] *A Democracia*. Porto Alegre, 07/07/1907. p.p. 3-4 (MCSHJC). Contraditoriamente, nesse mesmo ano, os anarquistas afirmaram que Xavier da Costa era "irmão" da Confraria do Rosário. Além disso, conforme salientei na seção 2.1, em um determinando momento de sua trajetória, o líder socialista abandonou a maçonaria e converteu-se ao catolicismo. Não consegui descobrir, porém, quando ocorreu essa mudança.

> com os soldadinhos de Gutenberg - os tipos de impressão - e ficamos assim, golpe prá cá, golpe prá lá, durante mais de um mês, até que talvez cansado, ou arrependido de tantas recíprocas descomposturas, meu adversário me deixou a arena, e guardou a arma de combate[132].

Durante a "luta", o Tribuno recebeu centenas de cartas - algumas elogiosas, outras insultuosas. Entre elas, uma o tocou especialmente. Dizia o remetente: "Sr. Carlos Cavaco - Vá a uma das nossas livrarias, e lá escolha o livro que entender, ficando com ele como lembrança de um admirador que o acompanhou com carinho e simpatia na sua polêmica defendendo o ex-padre Elizalde - um amigo"[133]. Aceitando a oferta, o Tribuno escolheu, na Livraria Americana, uma obra sobre a Liberdade, da autoria de Esquiros. Dias depois, as "Maçonarias" (no plural na fonte) editaram o livro *Despotismo católico, crê ou morre! (crítica e polêmica)*, com seus artigos anticlericais[134]. Posteriormente, o Tribuno continuou manifestando seu anticlericalismo. Em um texto de 1916, chegou a afirmar:

> Cada vez que o Vaticano, empanturrado de vinganças, de ódios e de ambições, abre as portas misteriosas de seu viveiro de abutres, um cataclisma se estende, como uma mortalha de angústia, sobre a face inteira da América.
>
> A América é o reduto definitivo dessa seita maldita.
>
> É a última trincheira da ignorância erguida pelo padre.

Na continuidade, levantou argumentos de ordem moral para atacar os "tigres de batina", nos quais fica patente a visão da mulher - bastante difundida naquele contexto - como um ser frágil, suscetível a engodos e, simultaneamente, perigoso, pois detentor de grande influência junto aos homens:

> Entram [os padres] pelos espíritos fracos das crianças e das mulheres, como corvos assaltando ninhos de rouxinóis e de colibris.
>
> E sabendo que a vontade do homem é, quase sempre, uma conseqüência da vontade da mulher, conquistam o coração da fêmea para domarem o coração do macho.

---

[132] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 79 (sem referência da fonte).

[133] Idem ibidem. Em relação ao remetente, Cavaco afirmou: "Disseram-me depois que se tratava de um alto personagem da administração oficial".

[134] Idem ibidem. Conforme Cavaco, "a edição foi de cem mil exemplares, sendo gratuitamente distribuídos em todo o Brasil e no estrangeiro". Ver: CAVACO, C. *Despotismo católico...*, op. cit.

> Cegam os olhos para roubarem as almas.
> Saem das igrejas para os alcouces, do altar para o leito prostituído, rezando latim e cantarolando trechos de opereta bandalha.
> Desfolham por toda a parte as delicadas rosas da inocência e do pudor, manchando com as sombras das batinas as alvuras das consciências.
> .....
> Enchem os conventos com a flor da mocidade feminina, transformando os seres que a natureza formou para as funções orgânicas da vida, para a multiplicação da espécie, em mariposas aladas da crença cerrando as asas enfraquecidas entre as paredes frias dos claustros silenciosos, como flores roubadas à primavera e mergulhadas em jarras de velório![135].

Cabe salientar que, apesar de oponente da clerezia, o autor tinha uma forte admiração por Jesus Cristo, cujos ensinamentos, acreditava, haviam sido deturpados pela Igreja:

> Transformam [os padres] a cruz redentora do Cristo em lenho maldito de exploração.
> Fazem do verbo de Jesus um látego vingador.
> Transformam a filosofia grandiosa do mártir em argumento de vingança mentido contra a própria Bíblia[136].

Enfim, Xavier da Costa, Cavaco e outros socialistas de Porto Alegre professavam um anticlericalismo moralizante - alimentado por idéias socialistas, positivistas e maçônicas - que condenava a hipocrisia da Igreja, os vícios do clero e seu afastamento dos verdadeiros princípios cristãos[137].

* * *

[135] CAVACO, C. *Lama!*, op. cit. p.p. 177-8.
[136] Idem ibidem, p. 178. No mesmo sentido, o livro *Versos de Barricada!* foi dedicado a Cristo: "o maior mártir e o maior Revolucionário de todos os tempos" (p. 2). Em uma das poesias da obra - "Novo Cristo" -, Cavaco chegou a comparar-se a Jesus: "Eu também, como Cristo fui negado, / e maltratado como foi Jesus. / Numa cruz também fui crucificado, / expirando também sobre uma cruz. / (...) / Como Cristo, eu havia proclamado / o direito do fraco sobre o forte; / igualdade na vida, paz na morte, /e proteção para o desamparado". CAVACO, C. *Versos...*, op. cit., p. 40 (BPJP). Segundo Caggiani, o posicionamento anticlerical de Cavaco, "(...) à medida que a velhice foi chegando, começou a arrefecer". Ver alguns exemplos desse "arrefecimento" nas p.p. 79-80 e 155 desse livro.
[137] Para uma análise das idéias anticlericais na França - que, em muitos aspectos, se assemelham àquelas divulgadas pelos socialistas da Capital gaúcha - ver: RÉMOND, René. *L'anticléricalisme en*

Os anarquistas - embora partilhassem de certos aspectos das críticas dos socialistas à exploração burguesa, ao militarismo e aos clérigos - eram apontados pelos últimos como os grandes inimigos da "sublime doutrina" e, conseqüentemente, dos trabalhadores. Afinal, os libertários atuavam no seio do operariado e disputavam espaços de influência com Xavier da Costa, Cavaco e seus correligionários.

Já foi visto que, no momento de formação do movimento operário porto-alegrense - final do século XIX e primeiros anos do XX -, não obstante algumas divergências, predominava a convivência harmônica entre os partidários dessas correntes. Tal postura fica clara na polêmica de Francisco com Eça de Oliveira, na qual o primeiro lembrou "(...) de dezenas de muitos (...) homens notáveis, de caráter limpo e bons costumes que foram e são anarquistas (...)"[138]. Contudo, sobretudo a partir de 1906, frente ao avanço dos anarquistas no meio operário, as disputas envolvendo as duas tendências tornaram-se cada vez mais freqüentes e virulentas (veja-se, especialmente, as polêmicas travadas nos anos de 1907 e 1911, o processo movido por Xavier da Costa contra Henrique Martins e a disputa pela direção da FORGS). Não vale a pena retomar aqui os argumentos utilizados pelos socialistas para desqualificar seus opositores (analisados na seção 3.3), mas é interessante lembrar que os ataques tinham mais um cunho moral do que propriamente ideológico[139]. Assim, os libertários foram associados a grupos vinculados, no imaginário do período, a valores negativos: judeus (egoístas e traidores), jesuítas (dissimulados) e "muckers" (fanáticos e baderneiros); além de receberem acusações de oportunismo, de fomentar a intriga, de desviar recursos das organizações operárias

France. De 1815 à nos jours. Bruxelas, Editions Complexe, 1985. Sobre o anticlericalismo e a moral da Igreja, consultar especificamente as p.p. 27-30.

[138] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 08/08/1900. p.p. 1-2 (MCSHJC).

e de defender práticas imorais como o controle da natalidade. Ou seja, ao sublinharem a "imoralidade" dos anarquistas, os socialistas buscavam apresentar-se enquanto o "pólo virtuoso" do conflito, único capaz de conduzir dignamente as lutas do operariado.

* * *

Finalizando, procurei mostrar que os protagonistas dessa tese - como muitos outros socialistas da época - construíram suas identidades políticas não apenas a partir de idéias mais ou menos comuns, mas também da identificação - ancorada em valores morais - dos inimigos da "causa", fossem eles "externos" (a burguesia, o militarismo e o clero) ou "internos" (os anarquistas) ao movimento operário. Salientei, ainda, as oscilações de Xavier da Costa e de Cavaco em relação a tais grupos, variando da condenação à simpatia, do rechaço à aproximação.

[139] Embora, conforme salientei em outros momentos, existisse uma diferença política de base entre socialistas e anarquistas: os primeiros, através do partido operário, buscavam participar do aparelho estatal e os últimos almejavam a eliminação do Estado.

V - E A LUTA CONTINUA!
(mas nada será como antes...): a adesão à "política burguesa"

Nesse último capítulo, retomo a narrativa das biografias de Francisco Xavier da Costa e de Carlos Cavaco, acompanhando seus itinerários a partir de 1912 até o falecimento dos personagens em 1934 e 1961, respectivamente. O foco da exposição recai sobre a participação de ambos na "política burguesa", especialmente a atuação do primeiro como Conselheiro Municipal (1912-1920 e 1928-1930) e a do segundo no Ministério do Trabalho após 1930. Cabe salientar que, apesar da extensão do período delimitado, realizei uma análise menos detalhada em comparação com os capítulos precedentes pois, conforme apontei na "Introdução", a pesquisa prioriza a militância socialista dos dois líderes operários.

5.1 - O Conselheiro Xavier da Costa: novos espaços de atuação política

Em outros momentos da tese, salientei que, sobretudo após a greve geral de 1906, os grandes partidos sul-rio-grandenses - o republicano (e suas dissidências) e o federalista -, representantes de diferentes setores da elite local, buscaram cooptar as lideranças socialistas de Porto Alegre. Tal processo envolveu hesitações, afastamentos e aproximações. Por exemplo: a aceitação de Cavaco e a recusa de Xavier da Costa em apoiar o republicano dissidente Fernando Abbott nas eleições estaduais de 1907; a participação dos socialistas na chapa oposicionista (com os federalistas e os democratas) no pleito municipal de 1908 e a enfática negativa de Francisco ao convite do Cel. Marcos para compor a nominata dos candidatos a deputado pelo PRR no ano seguinte.

O apoio da municipalidade ao projeto de construção do Ateneu Operário e o avanço dos anarquistas na FORGS em 1910/11 parecem ter pesado decisivamente no ingresso definitivo de Xavier da Costa no Partido governista. Some-se a isso a eclosão de uma onda de greves em 1911 que incentivou as elites a incrementarem sua política de cooptação dos socialistas[1].

No mês de outubro do mesmo ano, Antônio Heit escreveu uma carta aberta a Borges de Medeiros, pedindo "(...) que a classe trabalhadora, do nosso querido Rio Grande do Sul, seja, também, contemplada com um representante na próxima eleição para a Assembléia Estadual". E continuando, esclareceu: "não cogito quem seja o escolhido; ouso pedir, unicamente, que, a escolha que V. Ex. fizer, recaia em pessoa competente, tirada do

[1] Ver: BAK, J. *Race...*, op. cit., p. 4; PETERSEN, S. R. F. *As greves...*, op. cit., p. 292; ___. *Que a União...*, op. cit., p. 276 e SILVA Jr., A. L. da. *A bipolaridade...*, op. cit., p. 15. Conforme o último autor, "a novidade dessas greves e mobilizações é o papel de mediador exercido pelos intendentes municipais e por Carlos

seio do operariado, conhecedora das necessidades da classe, e que, na banca do trabalho, sinta o quanto é penosa a existência dos que com o suor do seu rosto precisam ganhar o pão quotidiano para si e sua família". Afirmou ainda:

> A classe proletária também merece ter um representante seu na Assembléia Estadual, que se comprometa a agir dentro das normas do Partido que V. Ex. exemplarmente dirige, e que tem elevado o Estado do Rio Grande do Sul à esfera dos primeiros da Comunhão Brasileira.
>
> Nutro a convicção de que um representante naquelas condições alcançaria a dupla vantagem de prestar bons e necessários serviços tanto à classe operária como ao glorioso Partido Republicano[2].

Não é preciso pensar muito para adivinhar quem seria o "representante naquelas condições" imaginado por Heit: Francisco, seu amigo, colega de imprensa e correligionário de longa data; um litógrafo competente e conhecedor dos problemas operários. Porém, de que maneira se poderia demonstrar a fidelidade do líder socialista às normas do PRR se, antes, ele defendida a completa independência dos trabalhadores nas "tricas políticas" da burguesia?

Desde o final de 1911, Xavier da Costa e Heit empenharam-se em vincular a imagem do primeiro às diretrizes e tradições do Partido Republicano. A partir de 27 de novembro, o *Echo do Povo*, de propriedade de ambos, passou a estampar na margem de sua capa o slogan: "Para Presidente do Estado do Rio Grande do Sul: Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros"[3]. Em junho de 1912, o líder operário discursou ao lado do túmulo de Júlio de Castilhos - figura mítica do PRR -, nas comemorações do 20° aniversário da Revolução Federalista. Na solenidade, ressaltou:

> Como eu, porém, todos vós, os desapaixonados, os republicanos sinceros, os rio-grandenses amigos do renome são da terra nativa, o povo que deseja paz para trabalhar e honra nos governantes para que o fruto de seu labor não desapareça nas insaciáveis faces do esbanjamento, todos, enfim, para quem o governo ideal é aquele cuja diretriz é marcada pelo Progresso, pela

---

Barbosa, Presidente do Estado, inclusive concedendo a reivindicação de 8 horas de trabalho aos operários empregados em obras públicas e recebendo comissões de grevistas".

[2] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 12/10/1911. p. 1. Reproduzido em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 161-2.

[3] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 27/11/1911. p. 1, repetindo-se nos números posteriores (MCSHJC).

> Moral, pela Justiça, sabem e sentem os efeitos da organização política e administrativa que Júlio de Castilhos nos legou.
>
> Bendita, pois, seja tua memória, ó inexcedível Mestre![4]

O personagem declarava-se, pois, um "republicano sincero", assentando sua elegia a Castilhos e à ordem política e administrativa por ele legada - ou seja, o PRR e o governo estadual -, em valores como a honra e a moral que, conforme foi visto, também embasavam as idéias socialistas do orador.

No mesmo ano, Borges atendeu, em parte, a demanda de Heit e o nome de Xavier da Costa foi incluído, não na lista dos candidatos oficiais à Assembléia estadual, mas na nominata ao Conselho municipal. A FORGS, então dirigida pelos anarquistas, veio a público expressar sua opinião sobre o fato e desqualificou Francisco enquanto representante dos operários:

> Corre pelos jornais anunciada a candidatura do sr. Francisco Xavier da Costa, apresentada pelo Partido Republicano, ao cargo de conselheiro municipal.
>
> Sendo aquele sr. Operário, declaramos que a FORGS não tem absolutamente nenhum compromisso com a sua candidatura, e declaramos mais, que se o partido republicano teve a intenção de ser agradável à classe operária com a apresentação de tal candidatura, a sua escolha não poderia ter sido mais infeliz, pois aquele operário acha-se há muito divorciado de sua classe e nem sequer é sócio de uma sociedade federada[5].

A despeito desse pronunciamento, Xavier da Costa elegeu-se na chapa encabeçada pelo "eterno" intendente José Montaury de Aguiar Leitão[6] para o quatriênio 1912-16[7]. Na 1ª sessão ordinária, os conselheiros escolheram os membros das comissões permanentes do órgão: João Moreira da Silva, Eurípedes Mostardeiro e Germano Petersen Júnior na

---

[4] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 17/06/1912. p. 2 (MCSHJC - FSP).
[5] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 24/09/1912. p.p. 1-2 (MCSHJC - FSP).
[6] Expressão de BAKOS, M., op. cit.
[7] Os eleitos foram: Montaury, engenheiro (6.051 votos) para Intendente; Joaquim Antônio Ribeiro (4.766 votos); Germano Petersen Júnior, industrialista e proprietário (4.603 votos); Antônio Chaves Barcelos Filho, proprietário e comerciante (4.559 votos); Edmundo Arnt, industrialista (4.478 votos); Eurípedes Mostardeiro, fazendeiro (4.453 votos); Eugênio du Pasquier, industrialista (4.448 votos); João Moreira da Silva, (4.418 votos); Oswaldo Frederico Linck, (4.355 votos) e **Francisco Xavier da Costa (4.337 votos)** para conselheiros. ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (doravante designados apenas como *Anais...*). Ano de 1912. Porto Alegre, Livraria Americana, 1913. p.p. 23-5. Grifo meu. (CMPOA).

Comissão de Orçamento; Petersen Júnior, Edmundo Arnt e Eugênio du Pasquier na Comissão de Contas e Xavier da Costa, Antônio Chaves de Barcellos Filho e Oswaldo Frederico Linck na Comissão de Petições e Redação[8]. Enfim, de acordo com os dados disponíveis, Francisco tornou-se o primeiro operário[9] - e mulato - a ocupar um assento no Conselho Municipal de Porto Alegre, sendo reeleito em 1916[10] e eleito novamente em 1928[11].

Localizei as profissões de alguns dos conselheiros empossados na coluna *Revivendo o passado* de Archymedes Fortini. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 07/04/1963 (recorte sem referência de página - APAXC).

[8] *Anais*.... Ano de 1912, op. cit., p.p. 25-6 (CMPOA).

[9] Ver: FORTINI, Archymedes. *Revivendo*...; FRANCO, Sérgio Costa. Um vereador operário. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 30/09/1982 (recorte sem referência de página - APAXC) e MARÇAL, J. B. *Um século*..., op. cit., p. 12.

[10] Nesse ano, foram eleitos: Montaury (6.130 votos), para intendente e, como conselheiros: Evaristo Lopes dos Santos (6.049 votos), Floriano Nunes Dias (6.045 votos), Generoso Vieira (6.042 votos), Raphael Escobar (6.034 votos), **Francisco Xavier da Costa (6.032 votos)**, Benjamim Flores (6.031 votos), Franklin Gonçalves Lopes Ferrugem (6.032 votos), Américo Moreira (6.030 votos), do grupo Republicano, e, com a soma dos votos do grupo Federalista (5.949), Ovídio Silveira Martins (794 votos individuais) (Atas de 02/10 e 15/10). Não localizei a profissão dos novos conselheiros eleitos. *Anais*.... Ano de 1916. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1918. p.p. 19-29 (CMPOA). Grifo meu.

De acordo com Bakos, "o Conselho Municipal de Porto Alegre tem por principal objetivo assessorar o Intendente nas questões orçamentarias. Compõe-se de nove conselheiros eleitos, de quatro em quatro anos, que **não podem ser reeleitos para o quatriênio seguinte**. Reuniu-se, durante dois meses por ano, em sessões públicas para votar as despesas e receitas municipais do próximo ano e examinar as contas do anterior". BAKOS, M., op. cit. Grifo meu. Pelo menos no período examinado (1912-1930), ocorreu uma exceção à norma assinalada em negrito: justamente a reeleição de Xavier da Costa para os períodos 1912-16 e 1916-20.

[11] Nesse ano, foram eleitos: Alberto Bins (7.457 votos) para intendente, Sinval Saldanha (7.417) para vice-intendente e, como conselheiros: Frederico Trein (7.468 votos), **Francisco Xavier da Costa (7.421 votos)**, Camillo Martins Costa (7.296 votos), José da Costa Dias (7.279 votos), Germano Petersen Júnior (7.246), Oswaldo Vergara (7.238 votos). Adolpho Stern (7.197 votos), Octavio Barreto de Oliveira (7.195 votos), do PRR, e Basil Sefton (5.016 votos acumulados), da oposição (Ata de 24/08/1928). Não localizei a profissão dos novos conselheiros eleitos. *Anais*... Ano de 1928. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1929. p.p. 59-60. Grifo meu.



Fotografia de Xavier da Costa no Conselho Municipal (data desconhecida).
Fonte: MARÇAL, J. B. *Um século...*, op. cit., p. 12.
Reprodução: Bernardo Zortea.

Segundo alguns pesquisadores, o ingresso de Xavier da Costa no PRR significou uma traição à causa dos trabalhadores[12] ou, ao menos, o fim de sua atuação como líder operário[13]. Em termos mais amplos, tal fato marcaria a retração dos socialistas no movimento operário sul-rio-grandense[14] e revelaria, igualmente, a fragilidade dessa corrente ante as tentações da burguesia[15]. Do meu ponto de vista, creio que a adesão de Francisco ao

[12] Segundo Marçal, "Francisco Xavier da Costa (...) namorava descaradamente o Partido Republicano Rio-grandense" e "foi cooptado pela classe dominante pela promessa de recursos para a construção de um Ateneu Operário em Porto Alegre". E ainda: "Francisco Xavier da Costa, o mais expressivo dirigente operário socialista, se deixa levar pelo coronel Marcos de Andrade, chefete local do Partido Republicano, se envolve no jogo da política burguesa, perde espaço na FORGS e... deixa o caminho aberto para os anarquistas". MARÇAL, J. B. *Os anarquistas...*, op. cit., p. 174; *Memória histórica...*, op. cit., p. 25 e *Primeiras lutas...*, op. cit., p.p. 15-16, respectivamente.

[13] De acordo com Petersen, "não há razões (...) para não imaginar que, depois de tão longa trajetória no meio operário, Xavier da Costa tivesse perdido aí [em 1912] sua influência, embora esta seja uma questão não investigada neste livro". PETERSEN, S. R. F. *Que a União...*, op. cit., p. 291.

[14] Nesse sentido, Petersen e Lucas afirmam: "A progressiva aproximação entre as lideranças da social-democracia (das quais o expoente neste momento era (...) Francisco Xavier da Costa (...)) e o Partido Republicano Rio-grandense fez (...) com que os anarquistas combatessem aqueles elementos, a quem denominavam 'politiqueiros' e ampliassem progressivamente sua influência na FORGS". PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 160. De forma mais enfática, Marçal, buscando delimitar as etapas da história do movimento operário gaúcho, assinala que a eleição de Xavier da Costa ao Conselho Municipal marcaria o fim do "período social-democrata". MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas...*, op. cit., p. 16.

[15] Marçal considera a social-democracia "(...) historicamente traidora, (...) pequeno-burguesa até a raiz dos cabelos". MARÇAL, J. B. *Tudo começou...*, op. cit., p. 27. Para uma crítica aos autores que vêm os socialistas da I República como meros joguetes na mão do Estado e da burguesia, espécie de antecipação do "peleguismo" varguista, consultar: BATALHA, Claudio H. de M. *Le syndicalisme "amarelo" à Rio de*

Partido governista levou, efetivamente, a uma diminuição da visibilidade dos socialistas enquanto grupo organizado na FORGS e em outras sociedades operárias de Porto Alegre. Entretanto, diversos indivíduos ligados à social-democracia continuaram a militar junto ao operariado local[16]. Além disso, no caso específico de Xavier da Costa, não penso ser adequado falar de seu afastamento do meio operário. Pelo contrário, em razão de diversos fatores, ele passou a buscar novos espaços onde pudesse continuar a exercer sua liderança sobre parcelas significativas do operariado gaúcho.

O primeiro desses espaços foi, justamente, o Conselho Municipal. Nele, o personagem, muitas vezes, defendeu os interesses dos trabalhadores porto-alegrenses, envolvendo-se, inclusive, em acirrados debates com os demais conselheiros, representantes das "classes conservadoras"[17]. Por outro lado, manteve total fidelidade aos governantes e diretrizes do PRR e, aparentemente, abandonou a pregação socialista nas suas declarações públicas. Pode-se dizer, portanto, que Xavier da Costa continuou a ser um líder operário mas deixou de ser uma liderança socialista.

Como Conselheiro, Francisco atuou sobretudo em três frentes: encaminhando propostas relativas à disciplinarização do espaço urbano de Porto Alegre, nas quais procurava assegurar melhores condições de vida para os grupos populares diante do crescimento da cidade; lutando pela concessão de benefícios aos funcionários municipais e

---

Janeiro, 1906-1930. Paris, Université de Paris I, 1986 (tese de doutorado) e Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo, ANPOCS/Vértice, 1990.

[16] Esse é o caso de Carlos Cavaco (ver próxima seção). Conforme Petersen e Lucas, "apesar do predomínio da orientação dos anarquistas sobre as sociedades operárias gaúchas nesta década 1910-1920, o grupo socialista não desapareceu. Ainda que seu mais importante e histórico mentor, Francisco Xavier da Costa, tivesse aderido à política do PRR e sejam muito escassas as informações sobre os socialistas, há testemunhos neste período de sua permanência nos meios operários, embora seja impossível determinar o peso específico desta tendência". PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 192.

[17] Segundo Sérgio Costa Franco, "(...) Francisco Xavier da Costa conseguiu marcar positivamente a sua presença no modorrento Conselho Municipal, onde até então só vinham funcionando representantes das chamadas classes conservadoras. Percorrendo-se os Anais daquele Conselho, ver-se-á que Xavier da Costa soube assumir posições corajosas e independentes, ficando, por isso mesmo, vencido em muitas votações". *Correio do Povo*. Porto Alegre, 30/09/1982 (recorte sem referência de página - APAXC).

propondo e participando de homenagens dedicadas aos "grandes vultos" sul-rio-grandenses e brasileiros.

Na segunda década do século XX, Porto Alegre já não era mais a "cidade-aldeia" ou a "povoação de categoria inferior", como Borges de Medeiros a classificou por volta de 1890[18]. Entre 1900 e 1910, a cidade atingiu uma taxa anual de crescimento da população de 5,9%, tornando-se ainda o porto mais importante do Rio Grande do Sul, escoadouro dos produtos da zona colonial. Sua indústria também ganhou hegemonia no estado e atraiu mão-de-obra de outras localidades[19]. O poder público precisou implementar medidas a fim de dar conta dos problemas derivados de tal crescimento: carência de moradias, dificuldade de transportes, ocorrência de epidemias etc. Além disso, da mesma forma que em outras regiões do Brasil, os governantes municipais, inspirados nos modelos urbanísticos europeus, procuraram embelezar e "civilizar" a Capital gaúcha, promovendo, por exemplo, a construção de habitações modernas e higiênicas e a repressão a "vícios" como o jogo e a prostituição. Contudo, a se julgar pelas fontes consultadas, essas ações pareciam insuficientes para resolver as dificuldades dos habitantes, em especial dos proletários. Assim, no mês de outubro de 1911, Antônio Heit escreveu no *Echo do Povo*:

> Aqui, em Porto Alegre, presenciamos, diariamente, o desaforo de proprietários de casas que, aproveitando-se desse ou daquele motivo (às vezes um adicional de 1$000 nos impostos anuais) aumentam o aluguel de suas casas de 5$, 10$, 20$ e mais, mensais.
>
> Os açougueiros elevam o preço da carne, e se alguém lhes pergunta porque elevam o preço desse alimento, têm como resposta: "Isto é carne de trato". Embora muitas vezes, a carne, de gordura nada tenha.
>
> Formam-se "trusts" como, por exemplo os da banha e do açúcar, e os preços elevam-se, unicamente para saciar a ganância de três, quatro ou mais capitalistas.
>
> Enquanto assim sucede, os ordenados são, de certo modo, diminuídos, e o pobre trabalhador vê-se a braços para satisfazer as suas obrigações de homem honrado.

[18] Segundo BAKOS, Margaret M. Decorando a sala de visitas: Porto Alegre na virada do século 19. In: MAUCH, Claudia e outros. *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre/ Canoas/ São Leopoldo, Ed. da Universidade-UFRGS/Ed. ULBRA/Ed. UNISINOS, 1994. p. 144.
[19] SINGER, P., op. cit., p.p. 164 e 180.

> Estamos atravessando uma época em que o pobre vegeta, porque de outro modo não podemos classificar uma existência tal[20].

Posicionando-se como representante desses "pobres e honrados trabalhadores", Xavier da Costa - sozinho ou com outros conselheiros - apresentou diversas propostas que visavam a resolução dos problemas advindos do crescimento da cidade, principalmente no intuito de restringir a "ganância dos capitalistas". Nesse sentido, logo no seu primeiro mandato, ele e Edmundo Arnt, em 8 de novembro de 1912, submeteram à apreciação do Conselho um projeto de lei do qual extraí os seguintes trechos:

> Considerando que se torna imprescindível agir com rigor para que os esforços da municipalidade, no sentido de dotar a capital com melhores condições estéticas e higiênicas, não sejam prejudicados por efeito do espírito de ganância e de rotina de alguns munícipes; Considerando que (...) aumenta em Porto Alegre o número de becos, em zonas que ora vão sendo povoadas, dando a certos pontos o feio aspecto de antigas aldeias chinesas; Considerando também que o estabelecimento de tais becos obedece, não tanto à necessidade de serem construídas moradias, de aluguel módico, para gente pobre, como há quem o diga, mas principalmente ao móvel de que, com pouco capital, explorar muito rendosamente as condições daqueles que precisam morar nas referidas zonas, que é onde se encontra a maioria das fábricas. O Conselho Municipal de Porto Alegre no cumprimento preciso de seu dever de zelar pelo bem coletivo, decreta: Art. 1°: Fica proibida desde a data da aprovação deste, a abertura, dentro dos limites urbanos da capital, de becos e travessas, e que, impropriamente, há quem denomine avenidas (...). Art. 2°: As moradias já construídas em becos daquelas condições, e cujo aluguel mensal seja superior a 15$000, ficam taxadas, por efeito desta lei em mais 50% sobre os impostos com que atualmente são tributados. (...)[21].

Essa longa citação reafirma, em primeiro lugar, a visão moral de Francisco a respeito dos problemas sociais, atribuídos, no caso, ao "espírito de ganância" de certos capitalistas. Verifica-se, igualmente, a disposição do personagem de continuar lutando, agora no Conselho, contra a exploração da "gente pobre" (os operários que moravam perto das fábricas), levada a cabo pelos proprietários de casas de aluguel. Por fim, percebe-se a sua afinidade com os princípios de reordenamento urbano difundidos naquele contexto entre governantes, engenheiros, médicos, intelectuais e outros setores da sociedade

[20] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 05/10/1911. p. 1. Transcrito em PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p. 177.

brasileira: embelezamento, higienização, abertura de largas avenidas etc.[22]. No dia 26 de novembro, a Comissão de Orçamento declarou que compete ao Intendente "legislar sobre construções dentro do município" e sugeriu a conversão da proposta de Xavier da Costa e Arnt em emenda ao projeto de orçamento, diminuindo, porém, para 25% a taxa sobre os impostos cobrados dos proprietários das casas já construídas nos becos com aluguéis superiores a 15$000. A emenda foi aprovada, contra o voto do Conselheiro Chaves, na sessão de 9 de dezembro[23].

A linguagem formal e padronizada das atas oculta as discussões que, provavelmente, acompanhavam as votações de pareceres, emendas e projetos de lei, no máximo indicadas pela expressão "acalorados debates". Entretanto, em algumas reuniões, os conflitos de interesses tornavam-se explícitos. Por exemplo, em 22 de novembro de 1912, Xavier da Costa e Oswaldo Frederico Linck apresentaram um projeto propondo a cobrança de impostos sobre os automóveis, tanto os de condução de passageiros como os de carga, e a organização e rigorosa aplicação de um regulamento de trânsito, "(...) a fim de que seja exercida perfeita fiscalização do serviço de automóveis e evitados desastres de abuso de velocidade, imperícia ou imprudência do chofer (...)"[24].

Na Porto Alegre que se modernizava, o fluxo mais intenso de automóveis ainda era uma perigosa novidade e demandava disciplinamento e fiscalização. Todavia, a Comissão de Orçamento reprovou o projeto "(...) visto tratar-se de assunto da competência do

---

[21] *Anais*... Ano de 1912, op. cit., p.p. 31-2.
[22] Ver, nesse sentido, PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos: a cidade do "outro" no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, v. 19, nº 37, 1999. Sobre o problema habitacional na Capital gaúcha, consultar BAKOS, M. M. *Porto Alegre*..., op. cit., p.p. 123-183.
[23] *Anais*... Ano de 1912, op. cit., p.p. 48-9 e 64.
[24] Idem, p.p. 46-7.

Intendente"[25]. Não se dando por vencido, em 2 de dezembro, Francisco pediu a palavra e combateu o parecer da referida Comissão pois,

> (...) segundo a sua opinião, aquela comissão não entendeu o fim dele, queria apenas que se pedisse ao Dr. Intendente a regulamentação do serviço e, ao mesmo tempo, lançamento de um imposto para aqueles veículos. Estendendo-se em considerações disse aquele Conselheiro, achar que o automóvel é um veículo de luxo, apenas usado pelas pessoas ricas, de modo que deve ser taxado para o pagamento do respectivo imposto.

O Conselheiro Chaves - que já havia se manifestado contrário à proposta referente aos becos - retrucou e disse "não ser da competência do Conselho conhecer da pobreza ou riqueza de qualquer pessoa, pois que todos perante o direito são iguais. De mais achava não se justificar o lançamento do imposto sobre automóveis, uma vez que não foi ainda modificado o calçamento da cidade, que causa grades prejuízos àqueles veículos", recebendo o apoio de Germano Petersen. Posto em votação, o parecer foi aprovado contra os votos de Arnt e Francisco[26].

Nesse caso, digladiaram-se duas lógicas opostas: aquela sustentada por Xavier da Costa, que via a sociedade dividida em classes com interesses antagônicos, devendo os governantes realizar a redistribuição das riquezas através dos impostos; e outra, compartilhada por Chaves Barcelos Filho - comerciante e proprietário - e Petersen Júnior - industrialista e proprietário -, os quais acreditavam não caber aos poderes públicos fazer distinções de classe, pois todos seriam iguais perante a lei. Assim, o Conselho Municipal, sobretudo após o ingresso de Francisco, funcionava, às vezes, como caixa de ressonância dos conflitos sociais existentes em Porto Alegre.

Além de preocupar-se com o disciplinamento do espaço urbano da Capital gaúcha e com a melhoria das condições de vida dos trabalhadores[27], o Conselheiro Xavier da Costa

---

[25] Idem (Ata de 22/11/1912), p. 53.
[26] Idem, p.p. 57-8.
[27] Nos *Anais* do Conselho Municipal de Porto Alegre, localizei as seguintes intervenções de Xavier da Costa (individualmente ou com outros conselheiros) em assuntos referentes a essas temáticas: 1913: proposta de

manifestou especial interesse pelos problemas do funcionalismo municipal. Em 30 de novembro de 1917, por exemplo, ele expôs a seguinte proposta: "(...) que seja nomeada uma comissão incumbida de elaborar e apresentar, com urgência à discussão um projeto de reorganização da Secretaria do Conselho, inclusive a do quadro dos seus funcionários que deverão ficar equiparados para todos os efeitos, quanto a direitos e deveres, aos da Intendência Municipal". Poucos dias depois (04/12), a Comissão de Reclamações e Redação emitiu um parecer, afirmando: "(...) é ao Intendente que compete organizar regulamento sobre obrigações dos empregados apenas cabendo ao Conselho, quanto à respectiva secretaria, organizar ou alterar o seu Regimento interno (...)". Descontente, Francisco mandou

> (...) consignar em ata o seu protesto verbal e contra à exceção feita à sua proposta com o fato de submetê-la ao parecer daquela comissão, em antagonismo à praxe até aqui seguida. Acrescenta o Sr. Conselheiro (...) sentir-se deveras magoado com isto, pois parece reconhecer na prática de tal exceção o propósito de dificultar, senão impedir, que seja aprovada a proposta em questão.

---

construção de albergues noturnos (20/11). *Anais*... Ano de 1913. Porto Alegre, Livraria Americana, 1914. p. 21. 1915: emenda referente ao imposto de policiamento dos cabarés ou cafés-cantantes ou concertos (25/11) e empréstimos externo destinado à reforma de calçamentos, ampliação das obras da hidráulica, construção de casas para operários e de um teatro municipal e alargamento de várias travessas (02/12). *Anais*... Ano de 1915. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1918. p.p. 30-31 e 34-35, respectivamente. 1917: emenda elevando a 30% o imposto sobre cortiços e porões estabelecidos dentro do perímetro urbano (30/10); projeto de taxação de estabelecimentos comerciais, sobretudo de "cafés cantantes e clubes de forma ou estilo de cabaré" (09/11); proposta de organização de uma comissão encarregada de medir terrenos não edificados para proceder taxação (23/11), que gera fortes discussões entre os conselheiros (04/12/1917, 11/12/1917); proposta de baratear as passagens dos operários em serviço nos carros da Companhia Força e Luz em 50% (04/12). *Anais*... Ano de 1917. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1919. p.p. 18-19, 30-31, 52, 76-7, 91 e 74-5, respectivamente. 1919: proposta de tributação de "certa classe de diversões mundanas" (02/12). *Anais*... Ano de 1919. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1920. p. 50. 1928: projeto de lei, autorizando o Intendente Municipal a realizar as seguintes obras (por administração ou por concorrência pública): a) prolongar até Belém Novo o ramal da Estrada de Ferro da Vila Nova, b) construir no 7° distrito um matadouro modelo e um frigorífico anexo, c) construir um balneário popular em Belém Novo e d) construir no município entrepostos de leite (26/12); isenção de impostos ao construtor do Cinema Capitólio, "alteroso edifício, de estilo moderno e perfeitas linhas arquitetônicas" que ajuda a "remodelar e aformosear a capital do Estado" (21/11); reforma tributária, com impostos progressivos, visando debelar a crise de habitações populares (27/12). *Anais*... Ano de 1928, op. cit., p.p. 151-2, 276-8 e 367-381, respectivamente. 1929: projeto de descontos e isenções para os proprietários que construírem entre 10 e 20 casas de alvenaria para moradia particular em terreno baldio da zona urbana do município (20/12, 23/12, 28/12 e 31/12) e lei concedendo os mesmos benefícios aos proprietários que construírem prédios de cimento com igual número de habitações (31/12). *Anais*... Ano de 1929. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1930. p.p. 80, 84-5, 95, 182 e 338-9, respectivamente (CMPOA).

Posteriormente (7/12), novas discussões o levaram a retirar o projeto. Todavia, no mesmo mês, juntamente com o Conselheiro Franklin Ferrugem, enviou à mesa diretora outra proposta - dessa vez bem mais detalhada - de reorganização da Secretaria. O Conselheiro Benjamim Flores solicitou uma consulta ao advogado da Intendência a respeito do caso. Esse último, depois de várias explicações, respondeu "(...) que o Conselho Municipal de Porto Alegre é competente para adotar o projeto dos Conselheiros Xavier da Costa e Franklin Ferrugem, e em conseqüência pode o mesmo Conselho elaborar o seu regimento Interno, organizar o quadro do pessoal da respectiva Secretaria e nomear os empregados que ali devem trabalhar". A proposição foi enfim aprovada em 14 de dezembro[28].

O esforço de Francisco para fazer aprovar o projeto revela, possivelmente, sua intenção de conquistar um espaço de influência junto ao funcionalismo municipal. Como secretário eleito do Conselho em 1915, 1916 e 1917 e, portanto, chefe dos empregados da Secretaria do órgão, o personagem deve ter conhecido de perto os problemas de seus subordinados e estabelecido relações pessoais com alguns deles, passando a apresentar medidas que os beneficiassem.

Durante o seu último mandato, Xavier da Costa continuou atuando em prol dos funcionários do Município. Em 28 de dezembro de 1928, enquanto membro da Comissão de Petições, Reclamações e Redação, ele assinou pareceres, todos aprovados em plenário, favoráveis à restituição do imposto de décima (imposto municipal sobre a propriedade de imóveis) ao Corpo de Bombeiros; ao aumento do subsídio concedido à Associação dos Funcionários Municipais e à subvenção solicitada pela S. Amparo Mútuo dos Funcionários Públicos Estaduais e Municipais[29]. No ano seguinte, em 26 de dezembro, apresentou a

[28] *Anais*... Ano de 1917, op. cit., p.p. 62, 75-76, 85, 89-90, 93-96 e 97-98.
[29] *Anais*... Ano de 1928, op. cit., p.p. 314-7.

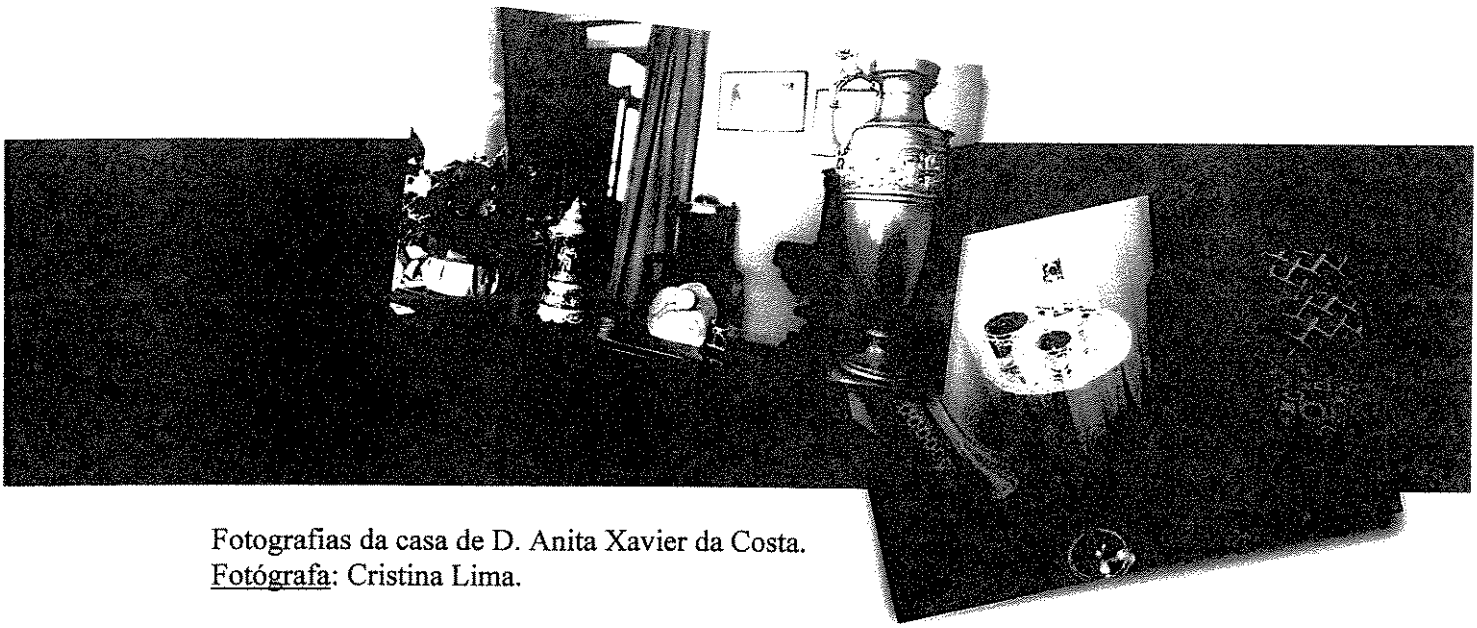
proposta de criação de um montepio do funcionalismo municipal[30]. Como resultado, Xavier da Costa conquistou grande prestígio e influência no seio dessa categoria. Tal reconhecimento pode ser percebido em alguns objetos que hoje ornam a casa de D. Anita: o jogo de prata (bandeja, cinzeiro etc.) com a inscrição "Lembrança dos funcionários da Secretaria do Conselho Municipal. Salve! 3-12-1929"; o faqueiro, presente dos policiais civis[31], e o troféu no qual está gravado "Ao benemérito cidadão F^co^. Xavier da Costa. Sindicato dos Empregados da C. C. P. A. [Companhia Carris Porto-Alegrense, de transporte urbano] 3-12-931". Avançando no tempo, pode-se ler em um dos necrológios do Conselheiro: "(...) o funcionalismo público municipal renderá suas homenagens à memória do major Xavier da Costa, porque este em vida, como conselheiro municipal, apresentou leis de proteção a essa classe de servidores do município"[32].

---

[30] *Anais*... Ano de 1929, op. cit., p.p. 88, 92, 95, 104, 159 e 177. Outras propostas de Xavier da Costa (individualmente ou com outros conselheiros) concedendo benefícios aos funcionários municipais: 1912: autorização ao intendente para fornecer os uniformes necessários aos agentes, inspetores e auxiliares da polícia administrativa com mais de um ano de serviço (11/11, 26/11 e 09/12). *Anais*... Ano de 1912, op. cit., p.p. 41-2, 49 e 65. 1913: concessão de benefícios a um jornaleiro que ficou inválido a serviço do município (09/12). *Anais*... Ano de 1913, op. cit., p. 43. 1915: autorização para o intendente "instituir o auxílio de 3:000$000, de uma só vez, à viúva, na falta desta, ao filho ou aos filhos de menor idade, ou, se não houver filho ou filhos nestas condições, à genitora do agente, inspetor, enfermeiro ou auxiliar da polícia administrativa que for vitimado quando no exercício de seu dever" (25/11, 02/12 e 07/12). *Anais*... ano de 1915, op. cit., p.p. 31, 35 e 40. 1917: autorização ao intendente para conceder gratificações aos funcionários municipais com mais de 25 anos de serviço, elevar os vencimentos dos agentes, inspetores, enfermeiros e auxiliares da Polícia Administrativa e aumentar o efetivo da Polícia Administrativa (30/10 e 06/11); autorização ao Intendente para pagar a um antigo funcionário da municipalidade vencimentos que lhe cabiam e não haviam sido pagos (23/11); reorganização do quadro dos funcionários municipais e extensão aos jornaleiros da Municipalidade das mesmas vantagens facultadas aos funcionários de quadro (23/11, 30/11 e 11/12). *Anais*... Ano de 1917, op. cit., p.p. 19, 26, 51-2, 66 e 89, respectivamente. 1919: assinala-se, no Projeto de Receita e Despesa do Município para o exercício de 1920, a necessidade de buscar "nos lucros da classe comercial recursos que suavizem a situação particular penosa da Polícia Municipal" (02/12) e projeto de lei autorizando o Intendente a pagar gratificações aos subintendentes (12/12 e 15/12). *Anais*... Ano de 1919, op. cit., p.p. 50, 63 e 65-6, respectivamente. 1920: autorização para o pagamento da 4ª parte dos vencimentos relativos aos anos de 1915 a 1919 do Diretor Geral da Intendência, Sr. Francisco de Aquino, o mais antigo dos funcionário do Município (27/08) e proposta de aumento dos vencimentos mensais dos funcionários da Secretaria do Conselho (27/08). *Anais*... Ano de 1920. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1921. p.p. 9-12 (CMPOA). 1929: propostas de criação de um fundo especial destinado à completar e aperfeiçoar a organização do Corpo de Bombeiros de Porto Alegre (28/12 e 30/12) e de reorganização do quadro dos funcionários da Secretaria do Conselho Municipal, incluindo aumento de cargos (23/12). *Anais*... Ano de 1929, op. cit., p.p. 96-7, 104, 123, 162-4, 178-9 e 173-4, respectivamente.

[31] Informação de D. Anita Xavier da Costa ao autor.

[32] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 12/05/1934. p. 7 (MCSHJC).



Fotografias da casa de D. Anita Xavier da Costa.
Fotógrafa: Cristina Lima.

A partir de 1912, conforme assinalei antes, Xavier da Costa deixou de se identificar publicamente como socialista e, buscando estabelecer uma continuidade entre o seu passado e a sua nova posição política, passou a se apresentar como republicano. No citado necrológio do *Correio do Povo*, afirma-se: "Republicano desde sua juventude, teve oportunidade de ao lado do Partido Republicano Rio-Grandense prestar a este os mais relevantes serviços, sendo que o título de major da extinta Guarda Nacional lhe fora conferido por indicação do dr. Júlio de Castilhos"[33]. Parece difícil acreditar que Castilhos, morto em 1903, pudesse ter indicado o nome de Francisco, até então um militante socialista crítico da sociedade burguesa e dos descaminhos da República, para tão prestigiada honraria, reservada aos soldados fiéis do PRR. De qualquer forma, é interessante perceber a tentativa - bem sucedida - do Conselheiro Xavier da Costa de reforçar seus vínculos com as tradições republicanas sul-rio-grandenses. Nesse sentido, em 6 de novembro de 1917, ele, juntamente com Evaristo Lopes, apresentou uma emenda ao projeto de orçamento de Porto Alegre, autorizando o Intendente

[33] Idem.

> A despender até a quantia de oito contos de réis para fazer erigir em uma das praças de Pedras Brancas um monumento artístico e expressivo, embora modesto, para onde sejam transladados da quase ignorada sepultura em que se acham, no cemitério dessa localidade, os ossos do grande patriota José Gomes de Vanconcellos Jardim, que foi valoroso e devotado presidente da República Rio-Grandense e um dos farroupilhas que mais souberam elevar o glorioso renome da Pátria Gaúcha[34].

Além disso, propôs e participou de diversas cerimônias dedicadas aos "grandes vultos", especialmente aos próceres do PRR, e às "grandes datas" da história brasileira: romarias ao túmulo de Castilhos[35]; comemorações alusivas à data da Proclamação da República[36]; saudações a Borges, Pinheiro Machado, José Montaury, Alberto Bins (intendente de Porto Alegre de 1928 a 1930) e Getulio Vargas[37], entre outras iniciativas[38].

Por vezes, esses rituais podiam se transformar em objetos de disputas simbólicas e políticas. Em 24 de agosto de 1920, o Conselho teve que se pronunciar a respeito do ofício do Diretório do Partido Republicano Federalista de Porto Alegre, pedindo a cessão de uma sala do Palácio Municipal para a exposição dos restos mortais do Conselheiro Gaspar Silveira Martins. Xavier da Costa, relator da Comissão de Reclamações e Redação, declarou em seu parecer:

---

[34] *Anais*... Ano de 1917, op. cit., p. 25. A proposta foi aprovada em 09/11 (p. 32). Lembro que, anteriormente, Xavier da Costa já havia manifestado sua admiração pela "epopéia farroupilha" como, por exemplo, em seu artigo publicado no jornal maçônico *O Lábaro*, citado na seção 2.1.

[35] Por exemplo: *Anais*... Ano de 1913, op. cit., p. 15 (Ata de 22/10); Ano de 1915, op. cit., p.p. 11 e 13 (Atas de 21/10 e 28/10) e Ano de 1918, op. cit., p. 11 (Ata de 22/10).

[36] Ver: *Anais*... Ano de 1914, op. cit., p. 29 (Ata de 12/11) e Ano de 1917, op. cit., p. 39 (Ata de 13/11).

[37] Alguns exemplos: *Anais*... Ano de 1915, op. cit., p.p. 11-2 (Ata de 21/10 - homenagem a Borges e Pinheiro Machado); Ano de 1917, op. cit., p. 100 (Ata de 15/12 - homenagem a Montaury); Ano de 1919, op. cit., p.p. 4-5 e 65 (Atas de 15/10 - homenagem a Borges - e de 15/12 - homenagem a Montaury) e Ano de 1929, op. cit., p.p. 4 e 129 (Atas de 15/10 - homenagem a Bins - e de 31/12 - homenagem a Vargas).

[38] Outras homenagens propostas por Xavier da Costa ou das quais ele participou: 1913: elogio ao general Salvador Ayres Pinheiro Machado (10/03). *Anais*... Ano de 1913, op. cit., p. 3. 1918: homenagem ao clínico de Pedras Brancas, Dr. Lauro de Azambuja, pelo seu trespasse prematuro (22/11). *Anais*... Ano de 1918, op. cit., p. 23. 1919: voto de pesar pela morte do Chefe da Seção de Polícia, Sr. João de Deus Siqueira (15/10) e propostas preliminares para a comemoração do centenário da cidade de Porto Alegre em 1922 (02/12 e 05/12). *Anais*... Ano de 1919, op. cit., p.p. 4-5, 52-3 e 55, respectivamente. 1928: homenagem ao aviador gaúcho João Rodolpho Enet (06/12 e 19/12) e ao presidente do conselho Oswaldo Vergara (17/12). *Anais*... Ano de 1928, op. cit., p.p. 121, 131 e 129, respectivamente. 1929: proposta de visita ao túmulo do extinto Conselheiro Dr. Adolpho Stern (15/10); comunicação ao Cônsul de Portugal em Porto Alegre da homenagem prestada pelo Conselho devido ao falecimento do Dr. Antônio José de Almeida, ex-presidente da República Portuguesa (04/11) e homenagem a J. J. Seabra, Intendente do Distrito Federal (07/11, 11/11 e 13/11). *Anais*... Ano de 1929, op. cit., p.p. 4, 21, 24, 25-34 e 36, respectivamente.

> Não desejo entrar no julgamento minucioso da ação política-social desse extinto chefe em que se incarnaram uma das derradeiras esperanças dos impenitentes inimigos do regime proclamado em 15 de Novembro de 1889. (...)
>
> .....
>
> Conselheiro Municipal, eleito pelo povo que sufraga os candidatos republicanos, não venho fazer aqui obra de apaixonado partidarismo, maximé quando se trata de um caso como o que presentemente ocupa a nossa atenção. Cumpro, porém, o dever que considero sacratíssimo, inseparável da exata compreensão do mandato que me foi conferido, dever complementar do meu caráter de representante, embora modesto, do Governo do Município, emitindo o presente parecer em que proponho seja indeferido o requerimento de cessão de uma sala do Palácio Municipal para nele ser exposto o cadáver do notável tribuno rio-grandense e chefe da revolução de 1893, dr. Gaspar Silveira Martins.

A votação desse parecer acabou empatada, sendo decidida pelo Presidente do Conselho que optou pelo deferimento do pedido[39]. Em todo caso, o Relator, embora tenha anunciado agir sem "apaixonado partidarismo", reafirmou novamente sua total fidelidade ao PRR e sua condição de "representante modesto do Governo do Município".

Enfim, como Conselheiro Municipal, Xavier da Costa assumiu uma nova identidade política - a de representante do PRR - e, ao mesmo tempo, continuou lutando pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores porto-alegrenses. Nesse cargo, reatualizou sua posição de "homem ponte", agora entre os poderes públicos e o "povo", categoria difusa que abarcava não apenas os operários organizados - interlocutores privilegiados de Francisco no período da militância socialista - mas igualmente os pobres em geral, os subalternos, os desassistidos pelos governantes. Tal intermediação efetivou-se, sobretudo, através da participação do personagem nas comissões permanentes do Conselho: a Comissão de Orçamento (em 1917 e 1919), a Comissão de Contas (de 1917 a 1919) e, em especial, a Comissão de Petições e Redação - também chamada de Comissão de Reclamações e Redação e Comissão de Petições, Reclamações e Redação - (de 1912 a 1920, de 1918 a 1919, de 1928 a 1929), à qual cabia emitir pareceres sobre pedidos de isenção ou redução de multas e impostos, concessão de subvenções etc.

Em novembro de 1914, Xavier da Costa, na qualidade de presidente dessa última Comissão, buscou normatizar as solicitações de isenção de pagamento de décimas urbanas dirigidas ao Conselho:

> Somos de parecer (...) que o Conselho Municipal adote um termo médio que será a providência mais justa e profícua no momento, não infelicitando ainda mais os contribuintes em situação precária e salvaguardando os legítimos interesses da Fazenda Municipal. Este termo médio é o Conselho tomar o alvitre de não conceder na presente legislatura isenção de pagamentos de impostos prediais senão unicamente a hospitais e estabelecimentos de instrução gratuita, livres de preconceitos de religião, raça ou posição social e mandar sustar apenas, a cobrança da décima urbana até o fim do exercício de 1915, dos prédios dos peticionários em situação pecuniária reconhecidamente precária (...)[40].

Contudo, apesar dessa tentativa de regulamentar a concessão de auxílios, na maior parte das vezes, o deferimento de um pedido dependia da apreciação subjetiva do relator da Comissão. Isso lhe permitia estabelecer relações pessoais com os peticionários, os quais, seguidamente, tornavam-se "reconhecidos" e "devedores" pelas solicitações atendidas. Por exemplo, em 31 de outubro de 1919, o Conselho aprovou o seguinte parecer da Comissão de Reclamações e Redação:

> Maria Izoliza da Silveira requereu, em 13 de Dezembro de 1918, relevação de pagamento de décimas em atraso e das respectivas multas, desde 1916, até aquela data, de um prédio de sua propriedade, sito no distrito de S. José.
>
> Por efeito da cláusula 8ª do Contrato Municipal, de 4 de Junho de 1909, o Conselho não pode, salvo quanto a imóveis ocupados por estabelecimentos pios ou instrutivos, autorizar dispensas de pagamentos de décimas urbanas.
>
> No caso vertente, porém, trata-se de uma senhora valetudinária, **conforme já foi verificado pelo relator desta comissão**, e que não dispõe, para a sua subsistência, de outra renda além da resultante do referido prédio, que é pouco mais do que um casebre.
>
> Assim, pois, na impossibilidade de contribuir de modo mais eficaz no sentido de evitar que a requerente fique totalmente reduzida à indigência por efeito da perda, por dívida, do referido imóvel, a Comissão de Reclamações e Redação é de parecer que o Conselho autorize o Dr. Intendente a mandar

---

[39] *Anais*... Ano de 1920, op. cit., p.p. 4-7.

[40] *Anais*... Ano de 1914, op. cit., p.p. 23-5. Inspirado nesses princípios, Xavier da Costa, relator da Comissão de Petições e Redação, sugeriu a concessão de auxílios pecuniários ao Asilo São Benedito - "(...) única instituição de seu gênero que acolhe, sustenta e educa meninas desamparadas, de cor preta (...)" - e aconselhou o indeferimento da dispensa de impostos à Sociedade Beneficiente Buerger Club, devido ao caráter "(...) rigorosamente exclusivista quanto a idioma e quanto à raça" da entidade. *Anais*... Ano de 1913, op. cit., p. 19 (Ata de 05/11) e Ano de 1914, op. cit., p. 17 (Ata de 29/10), respectivamente.

> dispensar a dita senhora do pagamento das multas acima citadas e na forma requerida. (...). Francisco Xavier da Costa, relator; João Augusto Schmitt[41].

Ao percorrer as atas do Conselho, deparei-me com diversos casos semelhantes ao de D. Maria Izoliza. Embora seja impossível conhecer os sentimentos dessas pessoas, não me parece descabido pensar no quanto elas ficavam agradecidas a Xavier da Costa pela aprovação de suas demandas. Assim, o personagem foi conquistando novos espaços de influência e formando uma clientela junto aos grupos populares da cidade[42]. Tais relações estendiam-se do âmbito público ao privado: segundo D. Anita, muitos indivíduos chegavam a formar fila diante de sua casa a fim de solicitar auxílios de vários tipos a seu pai[43].

Na mesma época, Francisco logrou integrar-se nas redes de sociabilidade da política governista. Por exemplo, ele foi sócio do Centro Republicano Júlio de Castilhos e presidente do Grêmio Republicano Marcos de Andrade[44]. Nessas associações, os membros destacados do PRR cultuavam a memória do "Patriarca" Castilhos, discutiam os problemas e os rumos do Partido e traçavam estratégias visando a sua manutenção no poder.

---

[41] *Anais*... Ano de 1919, op. cit., p. 30. Grifo meu.
[42] Segundo Bak, "ele usou sua posição a fim de obter patronagem para seus amigos e clientes". BAK, J. *Race*..., op. cit., p. 6.
[43] Entrevista ao autor, op. cit.
[44] PETERSEN, Sílvia R. F. *Da ação direta à disciplina do Partido: percursos do movimento operário gaúcho nos anos 20*. Porto Alegre, Relatório de Pesquisa inédito enviado ao CNPq, 2000. p. 24 e COSTA, Alfredo R.



Fotografia de Francisco Xavier da Costa sob o olhar
vigilante de Júlio de Castilhos (APAXC).
Reprodução: Martha Hameister.
Fotografias dos membros do Grêmio Republicano Marcos de Andrade.
Fonte: COSTA, A. R. da, op. cit., p. 106 (APAXC).
Reprodução: Bernardo Zortea.

Convém lembrar que, no ano de 1909, Xavier da Costa havia recusado o convite de Marcos de Andrade para ingressar nas fileiras do PRR, em nome da autonomia do movimento operário. Contudo, depois de eleito Conselheiro, estreitou relações com o poderoso Coronel. No jornal *O Inflexível*, fundado pelo primeiro em 1918, encontram-se diversos elogios à atuação do "(...) prestigioso chefe da política local republicana e vice-presidente da Assembléia dos Representantes do Estado", chamado de "mandatário da confiança popular" e "(...) estimado e infatigável político cuja agradável palestra e ensinamentos são, para nós, de alto valor (...)"[45]. As palavras de D. Anita revelam, de

da (org.). *O Rio Grande do Sul. Obra histórica, descritiva e ilustrada*. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1922. V. I, p. 106 (APAXC), respectivamente.
[45] *O Inflexível*. Porto Alegre, 28/10/1918. p.p. 1 e 2 (APAXC).

maneira ainda mais clara, a proximidade dos dois líderes: "Marcos de Andrade tem até o nome da rua. Tem a rua do meu pai, Conselheiro Xavier da Costa, e paralelo com a do meu pai era desse Marcos de Andrade. Então eu sempre dizia assim: 'amigos até nas estradas, nos caminhos'. Esse também, ele foi um grande amigo do papai. Nos acompanhou nas horas alegres e nas horas tristes"[46].

Borges de Medeiros, igualmente, era alvo de enfáticas manifestações de apreço e fidelidade da parte de Francisco. Em uma carta datada de 21 de fevereiro de 1914, por exemplo, o Conselheiro, após agradecer o envio da Mensagem dirigida à Assembléia dos Representantes pelo Presidente do Estado, afirmou:

> Acabo de relê-la; e peço permissão para, nestas linhas, de envolta com o meu sincero agradecimento pela valiosa oferta, reiterar o testemunho da minha profunda admiração ao saber, ao patriótico devotamento, à indefectível orientação cívica e à sã doutrinação republicana de Vª. Exª., evidenciadas, mais uma vez, naquele magistral documento.
>
> Com o máximo acatamento subscrevo-me, como sempre,
> correligionário ao inteiro dispor de Vª. Exª.[47]

Novamente, as lembranças de D. Anita ajudam a compor o feixe de laços pessoais e políticos que unia Xavier da Costa aos grandes nomes do PRR: "O Borges era amigo. Ele entrava aí com a bengalinha dele (...) a ponteira tinha um lugar aberto, e se tirava a ponta tinha um punhal. (...) Então meu irmão pedia: 'pai, pede para o Dr. Borges tirar a faquinha que ele tem para abrir a barriga dos bandidos'"[48]. Tal proximidade garantia o funcionamento das relações clientelistas, como se pode perceber em outra carta dirigida por Francisco a Borges, solicitando a colocação de Anna Heit - "(...) uma das seis irmãs do meu amigo e companheiro Antônio Heit, proprietário do *Echo do Povo*, periódico republicano de que sou diretor espiritual" - no magistério público. Conforme o remetente, Anna havia se formado na Escola Complementar mas não conseguia ser nomeada porque não tinha "(...)

[46] Entrevista ao autor, op. cit. Em Porto Alegre, a Avenida Cel. Marcos é paralela à Rua Conselheiro Xavier da Costa.
[47] Carta de Francisco Xavier da Costa a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 21/02/1914 (IHG-RS).

alguém digno de consideração oficial (...)" que se interessasse pelo seu futuro. O autor da missiva inseria-se, pois, na pirâmide de trocas de bens e favores própria do clientelismo que, no caso, tinha o "egrégio chefe" Borges no cume e Anna, "(...) pobre moça de 17 anos de idade, orfã de mãe e cujo pai é um simples proletário", na base. A assimetria era compensada pela intermediação de Xavier da Costa, agora um Conselheiro "digno de consideração". Nesse posto, ele podia valer-se do prestígio pessoal adquirido para escrever "cartas fechadas" às autoridades em favor de seus protegidos (e não mais as famosas "cartas abertas" do período da militância socialista)[49].

De acordo com D. Anita, o principal interlocutor e amigo de Francisco entre os expoentes do PRR foi José Montaury:

> (...) eles iam lá almoçar, ele e o meu padrinho [Montaury era padrinho de batismo de D. Anita], o José Montaury, né? Iam prá lá. Então eu via aquelas fotografias, aquelas velhinhas beijando a mão de meu padrinho e de meu pai, eles botavam o meu padrinho que era um intendente de nome, assim junto do meu pai, achavam que eram iguais e eram iguais mesmo. No íntimo dos dois eram iguais, e sempre se quiseram muito bem, né?
>
> De meu padrinho eu me lembro, depois que eu já estava grandinha. Mas desde que eu nasci ele vinha aqui todo o domingo. Não faltava um domingo. E mesmo depois da morte do meu pai, eu me lembro que ele aparecia aí, minha mãe chorava, e ele chorava também [50].

Já sobre Alberto Bins - sucessor de Montaury na Intendência e, no passado, opositor de Francisco em diversos confrontos do movimento operário com o patronato - ela declarou:

> Muito amigo do papai. Era de origem alemã, né? (...) Ele morava perto, aí, na Santo Antônio ou na Barros Cassal. Tanto que eu já tinha um conhecimento e só via o pai dizer assim: "Leopoldina eu vou lá no Alberto", ele chamava de Beto, era muito amigo do Alberto Bins. E às vezes até meu pai tinha umas discórdias com ele por causa das avenidas, por causa do plano diretor, meu pai teve muito choque assim com o Alberto Bins. Eles estavam fazendo aquele plano e tudo, e passava em vilas e tocava no dodói do meu pai, né?, tinha gente operária nessas vilas, iam abrir avenidas (...) Eu via, o papai

[48] Entrevista ao autor, op. cit.
[49] Carta de Francisco Xavier da Costa a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 05/04/1913 (IHG-RS). No documento, consta a seguinte anotação à caneta: "Já foi atendido [Protásio]".
[50] Entrevista ao autor, op. cit.

> chegava aborrecido. E minha mãe sempre tomava parte: "Mas Chico, e o progresso Chico?" (...) Aí o papai dizia: "Mas eu não estou de acordo, vão tirar... seu tu visse aquele povo (...) as mulheres, a riqueza delas é aquela tropilha de filhos. Tem uma escolinha ali, vão tirar a escola, não sei que mais... Mas eu vou abrir a boca no Conselho". Se conseguiu ou não conseguiu eu não sei. Mas eu sei que às vezes ele discordava um pouco do Alberto Bins (...)[51].

Em dezembro de 1906, o *A Democracia* havia chamado Bins de "papa negro dos industriais de Porto Alegre". Nas memórias - talvez um tanto idealizadas - de D. Anita, ele tornou-se o "amigo Beto" de Xavier da Costa. Não é possível determinar precisamente as causas e a profundidade dessa mudança. De qualquer forma, os dois líderes continuaram a discordar ("um pouco"?) em relação ao tratamento concedido pelos poderes públicos à "gente operária" de Porto Alegre.



Fotografia de Xavier da Costa, Cel. Marcos,
Alberto Bins, José Montaury e outros (APAXC).
Reprodução: Martha Hameister.

Enfim, Xavier da Costa tornou-se, efetivamente, um "fiel soldado das hostes republicanas"[52] e, como um autêntico político dos partidos dominantes na República Velha,

[51] Idem.
[52] Expressão usada por Xavier da Carta em sua carta a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 05/04/1913 (IHG-RS).

recebeu títulos militares da Guarda Nacional: primeiro o de Capitão e depois o de Major[53]. Apesar disso - o que talvez possa soar contraditório -, continuou atuando no movimento operário local. Assim, no Conselho, emitiu pareceres favoráveis a associações de trabalhadores de caráter beneficente[54] e, sobretudo, prosseguiu sua luta em prol da construção do Ateneu Operário.

Em 23 de novembro de 1917, ele propôs autorizar o Intendente "a realizar um acordo com Federação Operária do Rio Grande do Sul no sentido da Municipalidade concluir o edifício do Ateneu Operário, sito na Avenida Bonfim, desde que a referida Federação assuma o compromisso de manter naquele prédio aulas noturnas absolutamente gratuitas, para operários e filhos dos mesmos"[55]. No início do mês de dezembro (04/12), a proposta foi rejeitada por seis votos contra um (o de Francisco). Indignado,

> O Sr. Conselheiro Xavier da Costa diz, então, que o ato dos seus colegas ofende-o profundamente, visto notar qual a sua significação; trata-se, a seu ver, de uma flagrante desconsideração que julga não dever ser alvo. Acha pois que o seu lugar não é mais ali como secretário do Conselho e sim aquele em que possa agir sem consideração alguma àqueles que o ofendem imerecidamente.
>
> Renuncia, pois, o cargo de secretário e, abandonando o lugar que ocupava, vai sentar-se na cadeira da extrema direita[56].

No dia 11 de dezembro, Francisco pediu a retirada de sua proposta e, juntamente com os conselheiros Generoso Vieira e Franklin Ferrugem, apresentou o seguinte

---

[53] A primeira referência que encontrei a Xavier da Costa como Capitão aparece em um diploma do Clube Militar de Oficiais da Guarda Nacional (fundado em 01/01/1910), conferindo-lhe o título de sócio efetivo em 21/03/1915 (APAXC) e, como Major, na Ata de 05/08/1928 do Conselho Municipal de Porto Alegre. *Anais*... Ano de 1928, op. cit., p. 52.

[54] Ver, nesse sentido, os seguintes pareceres favoráveis de Xavier da Costa, como presidente/relator da Comissão de Reclamações e Redação: 1914: relevação do pagamento de décimas do prédio onde funciona a aula noturna da Sociedade Beneficente União Operária 13 de Janeiro (Ata de 05/11). *Anais*... Ano de 1914, op. cit., p. 22 ; 1919: idêntica solicitação da mesma Sociedade (Ata de 25/11) e isenção do pagamento de décimas requerido pela Liga Beneficente dos Pintores de Porto Alegre (Ata de 02/12). *Anais*... Ano de 1919, op. cit., p.p. 40 e 49, respectivamente.

[55] *Anais*... Ano de 1917, op. cit., p. 52. Antes disso, em 26/11/1912, o Conselho deferiu o requerimento da Comissão Construtora do Ateneu Operário do Rio Grande do Sul, que solicitava isenção do imposto de construção do prédio a ser edificado no Campo da Redenção (*Anais*... Ano de 1912, op. cit., p. 50) e, em 24/11/1913, a Comissão de Orçamento aprovou a concessão da quantia de 3 contos de réis para a FORGS, destinada ao prosseguimento das obras do referido edifício (*Anais*... Ano de 1913, op. cit., p. 24).

[56] *Anais*... Ano de 1917, op. cit., p.p. 77, 78 (citação) e 80, respectivamente.

substitutivo: "Fica o Sr. Dr. Intendente Municipal autorizado, a auxiliar material, pela forma que julgar conveniente, as instituições que ministrarem ensino gratuito e noturno aos proletários adultos e menores a exemplo do que fazem as escolas Hilário Ribeiro e Bibiana de Almeida, mantidas pelo Município". Com esse enunciado mais geral, a proposição acabou sendo aprovada[57].

Conforme sugerem algumas fontes, Xavier da Costa, a fim de obter a subvenção oficial para o Ateneu, havia proposto à FORGS a construção de um Tiro de Guerra[58] no segundo andar da sede operária, idéia recusada pelos anarquistas. Em todo o caso, a proposta provocou discussões e cisões no seio da Federação, indicando que o personagem continuava a ter influência na entidade[59].

No Conselho, Francisco não apenas apresentou medidas e pareceres relacionados aos trabalhadores organizados e grupos populares em geral, mas também - como representante do situacionismo - outros favoráveis à administração municipal e ao que julgava ser o desenvolvimento da Capital gaúcha. Por exemplo: em 21 de dezembro de 1928, ele submeteu aos colegas um projeto de lei criando o imposto do selo, ou seja, um imposto visando o aumento da arrecadação da Intendência a partir da cobrança de alíquotas sobre "os atos emanados do Governo do Município e que forem concernentes à respectiva administração" e "os negócios da economia do município"[60]. Prosseguindo a exemplificação, em 26 de dezembro de 1929, enquanto relator da Comissão de Petições, Reclamações e Redação, recomendou a isenção de impostos municipais da "empresa que o

---

[57] Idem, p. 91.

[58] "Os Tiros de Guerra eram sociedades civis voluntárias que permitiam ao jovem furtar-se ao serviço militar por meio do pagamento de taxas. Assim, os atiradores tinham uma vida de civil durante os dias úteis para receberem instrução militar apenas no fim-de-semana. (...) Em Porto Alegre funcionavam, em 1917, os Tiros 4 e 318". SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. O Povo X *der Pöbel*. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELOS, Naira (org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. CANOAS, ULBRA, 1994. p. 87-8, nota 1.

[59] Ver: BILHÃO, I. *Rivalidades...*, p. 82; GERTZ, R. (org.). *Memórias...*, op. cit., p.p. 123-4 e SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. *"Povo! Trabalhadores!": tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre, 1917)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1994 (dissertação de mestrado). p.p. 362-366.

Dr. José A. S. Pinheiro e outros pretendem organizar para a exploração industrial dos derivados da mandioca", pois "no memorial incluso os peticionários demonstram as reais vantagens que advirão dela para a riqueza pública, impedindo que se escoem para fora do Estado quantias consideráveis destinadas à aquisição de farinha de trigo"[61].

* * *

A eleição de Xavier da Costa em 1912 acabou criando uma espécie de tradição no Conselho Municipal de Porto Alegre e na política local do PRR: a de incluir, na lista dos candidatos oficiais, um representante do operariado. Nesse sentido, em 1920, foi eleito Roberto Mathias Stoll[62] e, quatro anos depois, Vigo Tompes Collin[63]. Não obtive informações mais detalhadas a respeito do primeiro mas, quanto ao último, pude constatar sua íntima ligação com Francisco[64].

Vigo Collin era alfaiate e despontou no movimento operário porto-alegrense na conjuntura da greve geral de 1917, como integrante da Liga de Defesa Popular, comissão criada pela FORGS para organizar o operariado no período imediatamente anterior à greve

---

[60] *Anais*... Ano de 1928, op. cit., p.p. 133-142.

[61] *Anais*... Ano de 1929, op. cit., p.p. 210-211 e 296-298, respectivamente.

[62] Nesse ano foram eleitos: Montaury (6.711 votos) para intendente e, como conselheiros: Alcides Flores Soares (profissão desconhecida) (6.628 votos); Armando Adolpho Barcellos da Silva, capitalista (6.621 votos); Eleutherio de Castro Araújo, comerciante (6.628 votos); Firmiano Osorio Nunes, proprietário (6.626 votos); Fernando de Freitas e Castro, médico (6.628 votos); Henrique Augusto Koch, comerciante (6.628 votos); José Bertaso, industrialista (6.627 votos); **Roberto Mathias Stoll, operário (6.626 votos)** e Victor Henrique da Silva, capitalista (6.597 votos). Xavier da Costa obteve 28 votos (Ata de 02/10). *Anais*... Ano de 1920, op. cit., p.p. 18-9. Grifo meu.

[63] Os eleitos foram: Octavio Francisco da Rocha (8.067 votos) para intendente, Alberto Bins (8.029 votos) para vice-intendente e, como conselheiros: Pedro João Gonçalves Dossena (7.529 votos), Jayme da Costa Pereira (7.417 votos), Affonso Pereira da Fonseca (7.378 votos), Eduardo Sarmento Leite da Fonseca (7.300 votos), Egydio Hervé (7.290), **Vigo Tompes Collin (7.271 votos)**, Francisco Bento Júnior (7.261votos), Victor Adalberto Kessler (7.261 votos)e João Pinto da Fonseca Guimarães (5.460 votos) (Ata de 02/10). Não consta a profissão dos conselheiros eleitos. *Anais*... Ano de 1924, op. cit., p.p. 46-7.

[64] Além disso, Stoll e Collin, como Xavier da Costa, participaram da Comissão de Reclamações e Redação, o que talvez indique a existência de outra "tradição": a de posicionar os conselheiros operários enquanto intermediários entre a Municipalidade e os grupos populares. Ver: *Anais*... Ano de 1920, op. cit., p. p. 19-21 e Ano de 1924, op. cit., p. 49.

e que se converteu no comitê diretor da parede[65]. Em maio do ano seguinte, elegeu-se presidente da Federação; porém, em julho, exonerou-se do cargo[66]. Sua vinculação a Xavier da Costa foi explicitada por D. Anita: "(...) era o alfaiate de meu pai. Ele tinha uma grande admiração pelo meu pai, até meio exagerada. Ele chegava a imitar os gestos de meu pai. Quando meu pai chegava à sua alfaiataria, ele dizia: 'o meu conselheiro'. Meu pai dizia: 'calma, um dia eu ainda posso ser preso e tu vais se complicar...'"[67].

De fato, no Conselho, Collin seguiu os passos de Francisco, quer na sua fidelidade a Borges e ao PRR, quer na sua ação favorável aos trabalhadores. Segundo a Ata de 25 de outubro de 1924,

> Pedindo (...) a palavra o Sr. Conselheiro Vigo Tompes Collin, após decorrer (sic) sobre a ação do operariado, do qual é ele representante no seio do Conselho, apresentou a seguinte moção:
>
> "O Conselho Municipal de Porto Alegre, reconhecendo mais uma vez, na pessoa do impoluto e egrégio patriota Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, digníssimo Presidente do Estado, o representante máximo das mais acrisoladas aspirações do povo (...), congratula-se com S. Excia. a quem afirma franca e absoluta solidariedade, pela eficiente colaboração do Governo Rio-Grandense na obra altamente meritória de jugular a sedição que irrompeu em São Paulo (...).
>
> À S. Excia., todas as homenagens de veneração e profunda gratidão deste Conselho"[68].

Em 26 de dezembro de 1927, Collin declarou que, no início do mês, havia sido apresentado ao Conselho um memorial da Associação dos Padeiros solicitando a

---

[65] PETERSEN, S. R. F. e LUCAS, M. E., op. cit., p.p. 196-9.

[66] *O Imparcial*. Porto Alegre, 20/05/1918. p. 4. Apud SILVA Jr., A. L. da. *Povo! Trabalhadores!...*, op. cit., p.p. 363-4 e *A Notícia*. Porto Alegre, 20/07/1918 (ABM/ILEA/UFRGS).

[67] Entrevista ao autor, op. cit.

[68] *Anais...* Ano de 1924, op. cit., p. 55. Cito outras ações de Collin no Conselho que sugerem uma continuidade com o trabalho desenvolvido por Xavier da Costa: 1924: Collin, juntamente com Pedro Dossena, discordou do parecer do relator da Comissão de Reclamações e Redação indeferindo o requerimento da Sociedade Beneficente União Operária 13 de Janeiro (o parecer discordante foi rejeitado mas concedeu-se uma subvenção à entidade) (Atas de 14/11 e 18/11) e propôs novamente (como Xavier da Costa em 1915) um auxílio de 3:000$000, de uma só vez, a viúvas, filhos menores ou progenitoras de agentes, inspetores, enfermeiros ou auxiliares da Polícia Administrativa vitimados em serviço, que não foi aprovado (Ata de 16/12). *Anais...* Ano de 1924, op. cit., p.p. 72-4, 79 e 131-134, respectivamente. 1925: Collin "(...) discorreu longamente sobre a resolução do Conselho atendendo ao pedido de um auxílio pecuniário feito pela Sociedade Beneficente União e Progresso, fazendo entre outras considerações, a de que se trata de uma associação de operários dignos e merecedores do apoio moral e material dos poderes públicos (...)" (Ata de 21/12). *Anais...* Ano de 1925, op. cit., p. 106. 1926: Collin foi um dos representantes do Conselho no ato das homenagens do Tiro Nº 4 ao General Andrade Neves (Ata de 11/11). *Anais...* Ano de 1926, op. cit., p.p. 40-41.

regulamentação dos trabalhos dominicais da categoria. Contudo, como até aquele momento nenhuma resolução referente ao assunto tinha vindo a plenário, pedia providências a respeito[69]. Dois dias depois, o relator da Comissão de Reclamações e Redação, Pedro João Gonçalves Dossena, emitiu parecer taxando "(...) as padarias que funcionarem aos domingos em dez contos (...) de impostos anuais, pagáveis adiantadamente". Mesmo afirmando a adesão dos empregados e da maioria dos proprietários à idéia do descanso dominical, o parecer mostrou-se polêmico e despertou contrariedades nos demais membros da Comissão, Afonso Pereira da Fonseca e João Pinto da Fonseca Guimarães[70]. No plenário, em 30 de dezembro, os debates foram ainda mais acirrados:

> (...) pedindo a palavra o Sr. Conselheiro Vigo Collin, para justificar o seu voto favorável ao "parecer". Em seguida pediu a palavra o Conselheiro Jayme da Costa Pereira para justificar o seu voto contrário ao mesmo. Em torno da discussão desse "parecer", travaram-se diálogos acalorados (...). Terminada a discussão, o Sr. Presidente pôs em votação o referido "parecer", sendo o mesmo rejeitado; votando pela aprovação, os Srs. Conselheiros Vigo Tompes Collin e Gonçalves Dossena e, pela rejeição os Srs. Conselheiros Victor Kessler, João Pinto, Afonso Fonseca e Jayme da Costa Pereira[71].

Todavia, em uma sessão extraordinária realizada logo no início de 1928 (14/01), incluiu-se novamente na pauta "(...) o requerimento da Associação dos Repartidores de Pão assinado pelo Sr. Francisco Xavier da Costa, datado de 13 do corrente, em que aquela Associação (...) volta com novos argumentos, para pedir a regulamentação do descanso dominical para a classe":

> Pediu a palavra o Conselheiro Jayme da Costa, para dar parecer verbal nessa petição. Começou dizendo que o Conselho Municipal sempre olha com simpatia para toda e qualquer classe de trabalhadores. O assunto da petição já fora explanado nesta Casa e provocara até fortes debates, mas, pela forma como fora encaminhado não lograra a sua aprovação. Entende que o Conselho deve, por eqüidade, atender ao pedido da Associação dos Repartidores de Pão. Continuando diz que dá o seu voto favorável, por eqüidade, visto já ter sido atendido o pedido idêntico feito por varejistas e barbeiros, muito embora seja contrário a qualquer cerceamento da liberdade de trabalhos. Como o orador, pensa também o Conselheiro Victor Kessler, seu companheiro de Comissão.

[69] *Anais*... Ano de 1927, op. cit., p. 91.
[70] Idem, p.p. 160-61.
[71] Idem, p. 97.

> Entende que o Conselho deve atender ao pedido, como medida de eqüidade ou revogar disposições idênticas relativas a outras classes. Terminou lendo o seguinte projeto de lei: - "O Conselho Municipal decreta: - Art. 1° - (...) Padarias que trabalharem das 24 horas de sábado às 24 horas de domingo, pagarão 10:000$000. - Art. 2° - Revogam-se as disposições em contrário. (...) - Terminada a leitura do projeto, o Conselheiro Jayme disse ainda, que com a aprovação do mesmo, o Conselho satisfazia aos desejos de uma classe de trabalhadores, o que certamente não havia sido feito antes, por falta de esclarecimentos de que dispunha agora o Conselho. Terminou pedindo a aprovação do projeto. - Em seguida falou o Conselheiro Dossena para declarar que o seu voto já fora pelo deferimento do pedido em sessão anterior. - Ao submeter à discussão o projeto, o Conselheiro Dr. Sarmento Leite, declarou que subscrevia in-totum as considerações expendidas pelo Conselheiro Jayme. Encerrada a discussão foi o projeto submetido a votação e aprovado unanimemente[72].

O longo trecho acima revela uma completa mudança de posição do Conselho em relação à demanda dos padeiros. Jayme da Costa que, em dezembro, havia rejeitado o projeto, passou a defendê-lo diante dos "novos esclarecimentos" incluídos no requerimento da Associação dos Repartidores de Pão. Embora expressando - coerentemente com a idéia positivista da preservação do privatismo nas relações de produção - sua oposição a "qualquer cerceamento da liberdade de trabalhos", ele apoiou a proposta "por eqüidade", pois certas categorias já gozavam do descanso dominical (o PRR, inspirado pelo positivismo, condenava o favorecimento de setores econômicos específicos). O argumento sensibilizou outros conselheiros como Kessler e Sarmento Leite. Tal mudança, além de basear-se em "novos argumentos", possivelmente decorreu da intervenção de Xavier da Costa, o qual, a julgar pelo tom dos discursos dos conselheiros, deve ter acionado seu prestígio e sua rede de influências para fazer aprovar rapidamente o parecer.

O tema da regulamentação das relações de trabalho continuou a ocupar um lugar central nos debates dos conselheiros de Porto Alegre, motivados pelas pressões de várias categorias profissionais. Em 22 de outubro de 1928, foram os carregadores de carne verde que solicitaram o descanso dominical. Dessa vez, Francisco, relator da Comissão de Petições, Reclamações e Redação, mandou arquivar a petição por entender que escapava à

[72] *Anais...* Ano de 1928, op. cit., p.p. 4-6.

competência do Conselho atendê-la (29/12)[73]. No ano seguinte, a referida comissão deu parecer semelhante ao Requerimento da União Beneficente dos Oficiais de Barbeiros e da Sociedade União dos Barbeiros dos 3° e 4° distritos da Capital gaúcha: "(...) o desejo deles não pode ser atendido, por escaparem à competência do Conselho Municipal as medidas que sugerem. (...) Aquilo a que os suplicantes aspiram nada mais é do que a regulamentação direta do trabalho, o que só ao Congresso Nacional é lícito fazer; é matéria de legislação social"[74].

Destino diferente teve o memorial, assinado por quarenta e dois comerciantes varejistas do centro de Porto Alegre, demandando, em 22 de novembro de 1929, a uniformização do horário de funcionamento das suas casas de calçado, fazendas, armarinho e miudezas, jóias, louças, ferragens etc. A Comissão reconheceu "(...) em princípio, a conveniência da regulamentação, maximé quando dessa possa advir eficaz contribuição para maior e melhor desenvolvimento da competência intelectual e profissional dos empregados do comércio, classe digna de apreço e de toda a nossa simpatia"[75]. Quando da discussão do Projeto de Lei de Orçamento do Município para 1930, Francisco apresentou uma emenda, que foi aprovada, propondo a cobrança de 6:000$000 "para conservar aberta depois das 19 horas, exceto aos sábados, na zona compreendida pelo seguinte perímetro: Ruas Ramiro Barcellos e Venâncio Aires, Riacho ao litoral [correspondente à área central da cidade], qualquer casa de comércio, salvo os hotéis, pensões, bares, cafés, leitarias, farmácias, restaurantes e outras que a Intendência determinar em regulamento (...)"[76]. Conforme será visto depois, Xavier da Costa era muito bem quisto tanto entre os proprietários quanto entre os empregados das casas comerciais da cidade, sobretudo aqueles reunidos na Associação Comercial e no Clube Caixeral de Porto Alegre, respectivamente.

[73] Idem, p.p. 97, 185 e 425.
[74] *Anais*... Ano de 1929, op. cit., p.p. 303-5.
[75] Idem, p.p. 217-8.

Assim, com a aprovação da emenda, o personagem atendia às reivindicações das duas categorias, procurando harmonizar seus interesses.

Portanto, no final dos anos 20, a questão da regulamentação das relações de trabalho gerou pressões e conflitos na sociedade gaúcha e brasileira como um todo. Em Porto Alegre, o problema não encontrou uma solução legal unificada e estável mas dependeu de jogos de influência e de alianças, dos quais Xavier da Costa participou ativamente. Por isso, os padeiros, comerciantes e caixeiros atingiram seus objetivos no Conselho, enquanto os carregadores de carne verde e barbeiros não tiveram a mesma sorte. Após 1930, o governo federal procurou dar conta dessas demandas e acabou conferindo um novo direcionamento à luta de classe[77].

* * *

Após 1912, Xavier da Costa deu continuidade à sua atuação na imprensa e nas associações operárias. No início de 1915, ele dirigiu a *Gazeta do Povo*, "Diário Independente" de propriedade de Antônio Heit que substituiu o *Echo do Povo*[78]. Em outubro de 1918, fundou *O Inflexível*, "Diário Republicano" perfeitamente afinado com as diretrizes do PRR. No seu artigo-programa, a nova folha prometia ser "inflexível na defesa do ideal governista" e afirmava:

> Irredutível na liça, na defesa do nosso credo político queremos manter a devida compostura de cavalheiros, ao terçar as armas como adversário.

---

[76] Idem, p.p. 114-5.

[77] Em 29/12/1931, o Conselho Consultivo de Porto Alegre, que substituiu o Conselho Municipal e não contava com a participação de Xavier da Costa, "(...) resolveu louvar-se com o ponto de vista do senhor Prefeito [Alberto Bins], ao entender que foge à alçada da Prefeitura a limitação das horas de funcionamento do comércio ou de qualquer forma a restrição da sua liberdade, tanto mais quando se acha em vésperas de promulgação a lei federal, que regulará as horas de trabalho dos empregados (...)". ANAIS DO CONSELHO CONSULTIVO DE PORTO ALEGRE. Anos de 1931-1932. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1932. p.p. 20-21. Para um panorama dos estudos atuais referentes às lutas dos trabalhadores urbanos no pós-1930, ver: SILVA, Fernando Teixeira da e COSTA, Hélio da. Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

[78] *Gazeta do Povo*. Porto Alegre, 24/03/1915. p. 1 (FALSJ) e MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit. Infelizmente não consegui localizar nenhum exemplar desse jornal.

> Quando, porém, no fragor do embate, o antagonista desviar-se da diretriz que a dignidade impõe, saberemos, compatíveis com as nossas responsabilidades, absolutamente concordes com os rigorosos ditames da moral, aparar o golpe que ele em tais condições vibrar e, sem descurar da defesa da causa posta sob a égide do *O Inflexível*, castigá-lo devidamente com o desprezo[79].

O trecho citado expressa a mesma disposição para a polêmica que o redator advogava anteriormente; agora, porém, na defesa de outro "credo político": não mais o socialismo e sim o "ideal governista". Nesse sentido, o periódico prestava freqüentes homenagens aos grandes vultos do PRR (Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Pinheiro Machado, Marcos de Andrade etc.[80]), publicava o calendário católico e o positivista e elogiava as ações do poder estadual. Por exemplo, em 1918, quando Porto Alegre sofria os efeitos devastadores de uma epidemia de gripe espanhola, o jornal publicou a seguinte notícia, intitulada "Um belo gesto":

> No laconismo das notas de origem oficial disse ontem a nossa brilhante colega *A Federação*:
>
> "O dr. Borges de Medeiros, Presidente do Estado, não voltou, depois do meio dia, ao seu gabinete de trabalho.
>
> S. Ex. reservou a tarde de hoje para inspecionar pessoalmente, em companhia do dr. Protásio Alves, secretário do interior, os hospitais de isolamento instalados em diversos pontos da cidade, e onde vão sendo recolhidas as pessoas atacadas de 'influenza espanhola'"[81].

Xavier da Costa foi ainda colunista sindical do *Correio do Povo* durante muitos anos, além de colaborar com o *Jornal do Comércio* e com várias outras publicações[82]. Seu prestígio como jornalista aparece evidenciado no texto "Por um aniversário", de J. M., alusivo ao segundo ano de publicação do *O Inflexível*:

---

[79] *O Inflexível*. Porto Alegre, 25/10/1918. p. 2 (APAXC). O jornal circulou durante um ano, aproximadamente. MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit.

[80] Ver, por exemplo: *O Inflexível*. Porto Alegre, 26/10/1918. p. 1 (homenagem a Borges, com foto); 28/10/1918. p. 1 (elogios ao General Barreto Vianna e ao Coronel Marcos de Andrade, presidente e vice-presidente da Assembléia de Representantes do Estado, com fotos); 18/03/1919. p. 1 (homenagem a Pinheiro Machado, com foto); 21/10/1919. p. 1 (convite para cerimônia em homenagem a Júlio de Castilhos) e 24/10/1919. p.p. 1 e 4 (homenagem a Júlio de Castilhos, com foto) (APAXC).

[81] *O Inflexível*. Porto Alegre, 29/10/1918. p. 2 (APAXC). Pelas razões expostas, não me parece pertinente atribuir ao jornal a designação de "diário de esquerda", como faz Marçal em *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit.

[82] MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit.

> Dizer, assim, mui toscamente, que o Costa sabe fazer jornal parece uma proposição paradoxal. E no entanto, não o é. Periodicamente ele tem vindo à cena, nos momentos mais precisos de combater pela verdade republicana e pelos princípios básicos da democracia moderna, apresentando-se na arena, com invejável descortino de idéias e conceitos os mais elevados.
>
> Além da Arte não lhe ser desconhecida, o seu tirocínio jornalístico e o seu acurado gosto artístico para todas as confecções gráficas têm dado um valor inestimável no escabroso terreno da competência.
>
> Sabe compor um jornal e conhece o predileto paladar do meio em que vive.
>
> Dotado de ânimo resoluto e habilidade prática, para a feitura e direção de um jornal à moderna, o Chico - como o chamávamos nos tempos idos -, sempre mostrara-se, nas lides da imprensa, verdadeiramente infenso às fases abstratas das idealizações.
>
> Tanto na prosa como no verso sempre foi um escorreito. Doces quimeras jamais o embalaram, e a esterilidade banal nunca lhe encontrou apoio ou guarida (...).

Ou seja, o autor conferia à trajetória jornalística de Francisco coerência e linearidade, alicerçadas na competência, no talento e na defesa da "verdade republicana" e dos "princípios básicos da democracia moderna". Encerrando o artigo, J. M. assinalava, simbolicamente, a culminância desse caminho:

> Coincide a data do aniversário desse denodado paladino da imprensa, com o dia lutuoso em que tristemente se relembra o desaparecimento do excelso patriarca do Rio Grande.
>
> É mais um atestado vibrante do republicanismo sem jaça do seu redator-chefe.
>
> Importa em dizer-se, que Xavier da Costa, à testa da direção suprema do *O Inflexível*, será um orientador infatigável e decidido propugnador da magnânima doutrina de JÚLIO DE CASTILHOS[83].

* * *

No âmbito do associativismo, o personagem fundou a União dos Operários Estivadores em 1919, a União dos Trabalhadores em Trapiches de Porto Alegre em 1922, o Centro dos Chauffeurs em 1928[84] e, no ano seguinte, A Cosmopolita - Associação dos

[83] *O Inflexível*. Porto Alegre, 24/10/1919. p. 1 (APAXC). Grifado no original.

[84] No APAXC, encontram-se os *Estatutos do Centro dos Chauffeurs*, datilografados e datados de 1928. Segundo o documento, o Centro destinava-se "(...) a pugnar pela elevação moral da classe e a proporcionar

Empregados em Hotéis e Similares. Em 1921, era sócio da Cooperativa de Consumo dos Operários, entidade ligada ao PRR; sócio benemérito da Sociedade Beneficente União e Progresso; delegado da Associação dos Foguistas e membro da comissão técnica da União Tipográfica[85].



Fotografia de Xavier da Costa na A Cosmopolita – Associação dos Empregados em Hotéis e Similares e Brasão desenhado por Xavier da Costa para a Associação de Mútuo Auxílio e Resistência Defesa Operária (APAXC). Reprodução: Martha Hameister.

Xavier da Costa também esteve ligado ao Clube Caixeral de Porto Alegre. Em 20 de fevereiro de 1918, ele recebeu o título de "sócio protetor" da agremiação e, no ano seguinte, juntamente com Evaristo Lopes Filho, representou o Conselho Municipal na festa comemorativa do trigésimo aniversário do Clube[86]. Posteriormente, em 1929, emitiu parecer favorável à isenção do pagamento de décimas solicitada por essa entidade, que foi aprovado. Justificando sua posição, afirmou:

---

amparo e proteção aos seus sócios (...)", prestando assistência judiciária, médica e pecuniária em casos especiais e conforto e apoio moral em todas as emergências.

[85] As informações desse parágrafo foram retiradas das seguintes fontes: *Correio do Povo*. Porto Alegre, 10/10/1921. p. 3 (MCSHJC); MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit. e PETERSEN, S. R. F. *Da ação direta...*, op. cit., p. 24.

[86] Diploma pertencente ao APAXC e *Anais...* Ano de 1919, op. cit., p. 32 (Ata de 14/11).

> (...) o Clube Caixeral, com existência de 47 anos, tem merecimentos excepcionais que o fazem credor de todo o amparo que lhe possa o Conselho conceder. (...) No seu quase meio século de vida o Clube vem facultando benefícios de tal monta que um deles somente bastaria para dar-lhe o direito a ser deferido o que ora requer. Ao Clube Caixeral devem a classe de empregados no comércio e os patrões mesmo a fundação das primeiras aulas de curso de escrituração mercantil e de outras matérias; em seu antigo salão realizaram-se séries de importantes conferências instrutivas; com a sua feição beneficente prestou, e ainda hoje presta, assinalados serviços; a sua biblioteca e salas de leitura e as suas reuniões e concertos vocais e instrumentais foram e são contribuição valiosas para o aperfeiçoamento intelectual de boa parte da mocidade, e longa tem sido a luta e memoráveis são as campanhas do Clube Caixeral para a conquista de vantagens justas para a classe que representa[87].

Como integrante da Comissão de Petições, Reclamações e Redação, Francisco aprovou, igualmente, em 9 de dezembro de 1929, a concessão de um terreno para a construção do edifício da Associação Comercial de Porto Alegre, "(...) com a condição de ser permitido, em sua sede, mediante estipulações razoáveis, o funcionamento de todas as associações, corporações e sindicatos comerciais, industriais, agrícolas etc. e da Bolsa de Porto Alegre"[88]. Enfim, o prédio deveria abrigar entidades patronais e laborais, cristalizando, de maneira simbólica, a harmonia entre o capital e o trabalho, princípio caro ao positivismo comteano, inspirador dos governantes do estado e do município.

Presume-se, então, que, nessas associações, Xavier da Costa deu curso à sua luta em prol dos direitos e da "elevação cultural" dos trabalhadores e, simultaneamente, buscou atraí-los para a "verdade republicana", no caso, a "magnânima doutrina" castilhista corporificada no PRR. Através de sua pessoa, o partido governista tornou-se um concorrente importante na disputa pela condução política do operariado porto-alegrense. Em algumas ocasiões, contudo, o personagem voltou a radicalizar o discurso classista e a denunciar as difíceis condições de vida dos proletários gaúchos.

---

[87] *Anais...* Ano de 1929, op. cit., p.p. 104-5 (Ata de 30/12). Sobre os Clubes Caixerais no Rio Grande do Sul, ver: DUARTE, Paulo Cesar Borges. A fundação e os objetivos dos clubes caixerais no Rio Grande do Sul - 1879 a 1890. *História em Revista.* Pelotas, UFPel, v. 6, dezembro de 2000 e MARÇAL, João Batista. *Comerciários, fechem as portas para descansar. A luta dos comerciários brasileiros pelo descanso semanal.* Porto Alegre, Edição do Sindicato dos Empregados do Comércio de Porto Alegre, 1997.

[88] *Anais...* Ano de 1929, op. cit., p.p. 62-4, 171-2 e 249-253.

Na sessão de 22 de junho de 1927 da Associação de Mútuo Auxílio e Resistência Defesa Operária, por exemplo, ele foi convidado a dar posse ao "triunvirato diretor" eleito:

> Acedendo ao convite aquele antigo "líder" operário dirige a palavra à assembléia fazendo largas ponderações sobre a situação atual do operariado brasileiro e com especialidade da parte deste que moureja no Rio Grande do Sul.
>
> Insiste ser muito mais séria do que aparenta a crise econômica do povo e que em futuro próximo, se providências não forem dadas no sentido de tornar menos cruel a conquista do pão pela classe operária, esta certamente ver-se-á obrigada a agir com decisão, quiçá, com violência, para conquistar tudo quanto realmente lhe compete. O sr. Costa concita a Defesa a desenvolver, com firmeza, a propaganda necessária para que os obreiros locais não se encontrem despercebidos se, por desgraça, a grande tempestade social que evidentemente se avizinha da América do Sul, começar a se manifestar em nossa terra mais cedo do que muita gente presume[89].

Os anarquistas, obviamente, criticavam a influência de Xavier da Costa no meio operário. Em 1924, o jornal *O Sindicalista*, editado pela FORGS, publicou o necrológio de Polidoro Santos, no qual afirma sobre o último:

> Conhecedor profundíssimo da sociologia, abordava qualquer assunto com uma proficiência e lógica admiráveis, que desconcertou por várias vezes alguns dos chamados intelectuais políticos que pretenderam enganar os trabalhadores, desviando-os do verdadeiro caminho a seguir para a sua integral manifestação. Tal foi o caso de um indivíduo que, como litógrafo que era, se imiscuiu no meio operário para tirar proveitos pessoais tanto que, mais tarde, se fez eleger de acordo com o governo, conselheiro municipal e o qual pretendeu mistificar os trabalhadores (...)[90].

* * *

Soldado fiel do PRR e líder operário... Além de combinar essas identidades políticas, Xavier da Costa continuou trabalhando como litógrafo, salientando-se enquanto "(...) exímio técnico da Livraria do Globo"[91]. Afinal, o cargo de conselheiro não era remunerado e as sessões, normalmente, só se realizavam de outubro a dezembro, em geral à noite.

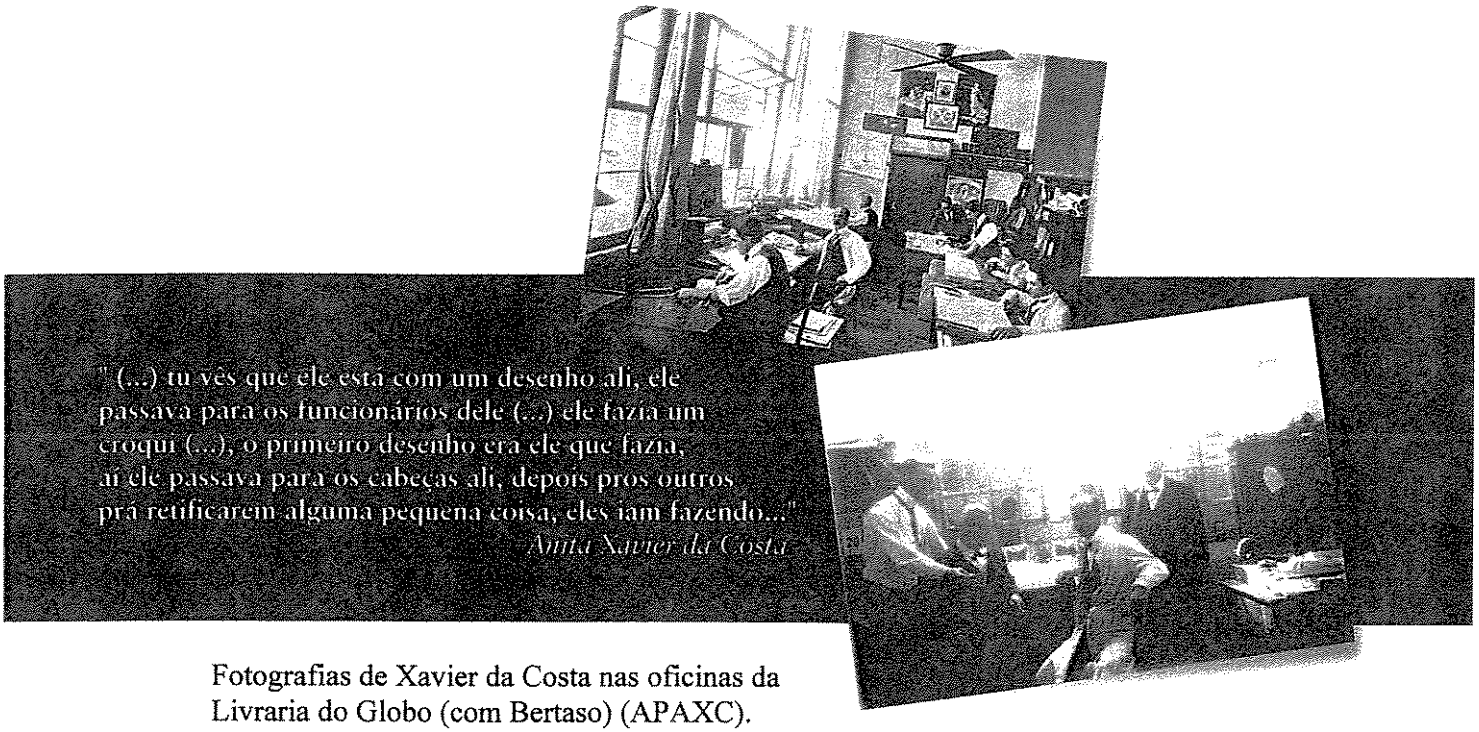
---

[89] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 24/06/1927. p. 6 (IHG-RS).
[90] *O Sindicalista*. Porto Alegre, ano 6, nº 3, novembro de 1924 (NPH).
[91] *Correio do Povo*. Porto Alegre, 12/05/1934. p. 7 (APAXC).

Desde 1918, a direção da Globo estava a cargo de José Bertaso, que havia se empregado na Livraria aos doze anos de idade e galgado diversos postos: servente, caixeiro, chefe da loja, administrador das oficinas, gerente, interessado sócio e proprietário[92]. Sua origem humilde e ascensão profissional possivelmente contribuíram para o estabelecimento de um estilo paternalista na condução da empresa. Francisco tornou-se chefe das oficinas da Livraria[93] e, conforme D. Anita, um verdadeiro "irmão" de Bertaso. Nesse período, segundo ela, seu pai, apoiado pelo patrão, atuou no sentido de difundir a instrução entre os grupos populares:

> (...) ele fez da nossa casa, tirou o andar todo lá de cima, prá fazer uma aula para estas pessoas que eram assim, que diziam que não tinham tempo [para estudar]. "Tem tempo rapaz, eu saio daqui [da Livraria do Globo] - naquele tempo saíam pelas oito horas - tu vais comigo, tu vais ganhar uma sopinha ou um cafezinho lá da minha patroa, e nós vamos estudar". Então ele chegava a ter trinta, quarenta senhores aqui. (...) Quer dizer... assim ele foi reunindo, reunindo esse pessoal... ele tinha serão na Livraria do Globo para a nossa manutenção, para levantar um pouco mais as finanças, porque os filhos foram aumentando, e as escolas, e tudo. (...) Aí então tinha aquelas aulas completas aqui. E ele que ensinava. E vou te dizer mais, ele que dava o material, por que não tinham. (...) lá na Livraria do Globo (...) ele falava com o Seu Bertaso, que eram dois irmãos, tu visse as fotografias que eu te mostrei, lá no gabinete do meu pai. Então ele... fazia esta caridade, a bem dizer. Falava com o Seu Bertaso, Seu Bertaso dava aqueles papéis que tinham tido algum defeito, alguma coisa, e meu pai vinha com maços e maços prá casa. Chegava em casa e dava prá patroazinha dele, a minha mãe: "Vai costurar Leopoldina, faz o caderno pros rapazes!". Então minha mãe costurava aquilo, ela tinha sido costureira né?, então ela costurava e fazia os cadernos (...). Lápis também ele conseguia na Livraria do Globo. Ia lá e falava com o Bertaso, e Bertaso dizia: "toma Chico, toma Chico!", ele chamava meu pai de Chico, "toma Chico! leva lá pros teus guris"[94].

[92] Consultar: BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia.* São Paulo, Globo, 1993. p. 53 e TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40.* São Paulo/Porto Alegre, EDUSP/Com-Arte/Editora da Universidade-UFRGS, 1999. p.p. 55-6.
[93] MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit.



Fotografias de Xavier da Costa nas oficinas da Livraria do Globo (com Bertaso) (APAXC).
Reprodução: Martha Hameister.

A contrapartida dessa relação fraterna - característica do paternalismo - parece ter sido a submissão de "Chico" à autoridade de Bertaso. Assim, o primeiro procurou organizar os empregados da Globo, fundando a Sociedade Beneficente de seus funcionários[95] mas, ao menos de acordo com D. Anita, buscou igualmente incutir nos operários o valor do respeito aos patrões:

> E aí o meu pai disse: "Mas eu não sou contrário às greves, quando é obrigado a alguém levantar a voz, tem que ser alguém que puxe este rebanho, né? E eu estou me oferecendo para isso, eu vou de fábrica em fábrica, eu vou falar, eu vou chamar a atenção deles [dos operários], que antes de tudo a retidão do trabalho, o horário, se eles querem conseguir um local que eleve eles a mais, então devem obediência ao patrão. Então vamos fazer isso. Eu sou operário - dizia ele assim - eu devo obrigação ao Bertaso (...)"[96].

Deixando a imaginação viajar pelo passado, pode-se ver o Conselheiro Xavier da Costa, político respeitado e cumpridor de seus deveres profissionais, vestido de fraque e sobrecasaca, bigodes retorcidos, caminhando na Rua da Praia onde situavam-se a Globo e a redação do *O Inflexível*. Na "sala de visitas da capital" - como o escritor Augusto Meyer

---

[94] Entrevista ao autor, op. cit. D. Anita, em entrevista a Joan Bak, também mencionou a existência dessas aulas. Ver: *Race...*, op. cit., p. 6.
[95] MARÇAL, J. B. *Francisco Xavier da Costa...*, op. cit.

chamou esse logradouro - ele devia parar no Gioconda, no América ou no Colombo, conhecidos cafés da cidade, a fim de discutir política, literatura e outros assuntos, talvez até com Cavaco, "habitué" das rodas boêmias. As evocações do memorialista Achylles Porto Alegre ajudam a vislumbrar o clima de tais ambientes:

> O café moderno é o ponto de reunião dos intelectuais, dos jornalistas, dos artistas e dos políticos. Aí, entre uma fumaça e um gole de café, se combinam os mais arrojados planos literários, artísticos e administrativos. Aí se concebem num relance, diante da chávena ou do cálice inspirador, o romance, o artigo de fundo, a crônica, o quadro, a eleição do presidente da República ou a organização de um Ministério. Aí se planejam revoluções e deposições de governo[97].

"(...) Rua da Praia, quase na Avenida Borges [de Medeiros] hoje, ali passava bonde na Marechal [Rua Marechal Floriano], né? E ele vinha da Livraria do Globo"

Anita Xavier da Costa



Fotografia de Xavier da Costa (APAXC).
Reprodução: Martha Hameister.

Mas Francisco, exemplar pai de família, provavelmente retornava cedo para a casa, na Rua Santo Antônio, e lá jantava acompanhado de Leopoldina e dos filhos, antes de subir à sala de aula improvisada do segundo andar. A família Xavier da Costa, ao que consta,

---

[96] Entrevista ao autor, op. cit.

[97] PORTO ALEGRE, Achylles. O café da fama. In: ___. *Flores entre ruínas*. Porto Alegre, Wiedmann & Cia., 1920. p. 21. Em suas memórias sobre a Rua da Praia, Ruschel salienta: "Ainda se notavam os derradeiros fraques e sobrecasacas pela rua - do conselheiro Xavier da Costa, bigodes retorcidos (...)". RUSCHEL, N., op. cit., p. 85. O escritório e as oficinas do *O Inflexível* ficavam na Rua dos Andradas [nome oficial da Rua da Praia], nº 181. As citação de Meyer e as informações a respeito da Livraria do Globo e dos cafés foram retiradas de: TORRESINI, Elizabeth W. R. Porto Alegre: dos cinemas, cafés, jornais, livrarias e praças. A capital dos livros (1929-1948). *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXI, nº 1, julho de 1995. Ver também: SILVA Jr., A. L. da. *"Povo! Trabalhadores!...*, op. cit., p.p. 158-9.

seguia as convenções da "boa moral" vigentes na época, pautadas por uma clara divisão dos espaços e das tarefas destinados a cada sexo. Na fala de D. Anita:

> A nossa vida em família aqui era isso. Pela manhã, meu pai ia para a Livraria do Bertaso, do Globo (...). Depois nós íamos prá escola de manhã, as três mais velhas, a Noquinha, a Amanda e a Chiquinha; o Carlos e o Miguel iam para o Ginásio Anchieta, e eu, à tarde, porque era pequena, para a escola complementar (...). Não trabalhávamos. (...) Nós mulheres chegávamos em casa, cada uma tinha os seus afazeres. Não perguntávamos o que era para fazer, nós já sabíamos direitinho. A mamãe ficava em casa cozinhando, não tínhamos empregada[98].

Francisco, diferentemente de Cavaco, levava uma vida familiar discreta e reservada. Mesmo os momentos festivos eram vivenciados, em especial pelas mulheres, no recesso do lar, protegidos contra as "imoralidades" da rua. D. Anita, ao ver uma foto de seu álbum, lembrou:

> Aqui tinha um grupo, "Grupo Sempre Alegre", era uma sociedade que papai permitiu para as filhas (...) Então tinha bailados (...), tinha o professor aquele, professor de educação física, então ele ensaiava e depois tinha bailados delas, moças aí, umas, outras cantavam, outras tocavam violino (...) aqui na casa, ali na sala tinha piano e esse rapaz aqui era duma orquestra, uma orquestra maravilhosa, dois violinos e tudo, aí tinha um que era declamador, mas eu só podia ficar assim até às 8 horas, depois... quando ia começar eu tinha que sair, por causa da idade, a mãe não deixava[99].

* * *

Concluindo a presente seção, destaco que Xavier da Costa construiu - na política, na profissão e na família - a sua imagem pública, e a si mesmo, em consonância com os padrões de respeitabilidade dominantes na Porto Alegre aburguesada e multi-racial dos anos 1910 e 1920[100]. Nesse contexto, aquele operário mulato conseguiu articular alianças, superar preconceitos e enfrentar opositores para assumir uma nova identidade política: ao

[98] Entrevista ao autor, op. cit. Já enfoquei esse assunto na seção 2.1.
[99] Idem.
[100] Nesse ponto, estou estendendo temporalmente as conclusões de Joan Bak sobre "(...) a importância que a respeitabilidade assumiu, tanto para os operários reformistas como para os brasileiros de descendência africana em Porto Alegre na véspera da Primeira Guerra Mundial". Prossegue a autora: "O pacto político entre

invés do líder socialista, o Conselheiro/Capitão/Major prestigiado no seio do partido oficial e no meio operário (ou em parte dele), "homem ponte" entre os poderes públicos e o "povo". Alicerçando sua trajetória, constata-se novamente a importância conferida pelo personagem à moral enquanto elemento regenerador da sociedade.

5.2 - Carlos Cavaco: "Don Juan dos Pampas" e "Gorki americano"

Quando Francisco foi eleito Conselheiro pela primeira vez, o *Echo do Povo* noticiou:

> A Xavier da Costa estava projetada uma grande manifestação pública de apreço, promovida por numerosos operários, e da qual, a convite destes, seria orador o festejado literato sr. Carlos Cavaco.
>
> Informado disto, aquele nosso companheiro procurou esse amigo, e solicitou-lhe, expondo motivos ponderáveis, que influísse e envidasse esforços para que tal manifestação não seja levada a efeito, confessando-se o diretor do *Echo do Povo*, entretanto, penhoradíssimo pela intenção dos iniciadores da planejada demonstração de alta estima e solidariedade[101].

Os "motivos ponderáveis" expostos pelo novo Conselheiro talvez estivessem ligados ao seu desejo de, naquele momento, não evocar a imagem do líder socialista que, juntamente com Cavaco, havia agitado as massas operárias na greve de 1906 e em outras ocasiões. Para o Tribuno, porém, a homenagem devia ser motivo de júbilo, pois a eleição do "irmão de lutas" concretizava um antigo desejo dos socialistas: ver um operário no poder. O ingresso de Xavier da Costa no PRR não diminuía a importância do feito, já que o próprio Cavaco havia manifestado, por vezes, sua condição de "soldado do glorioso partido

---

o dominante PRR e os operários reformistas, incluindo alguns brasileiros de descendência africana, repousou em parte na aceitação dos valores morais da elite e das classes médias". BAK, J. *Race...*, op. cit., p.p. 22-3.

[101] *Echo do Povo*. Porto Alegre, 03/10/1912. p. 2 (FSP).

republicano"[102]. Porém, mesmo reivindicando tal identidade política, o último continuou a propugnar os ideais do socialismo. Com esse objetivo e a fim de contrabalançar o peso dos libertários no meio operário, ainda no ano de 1912, lançou o jornal *O Monitor* em parceria com Manoel Campos[103].

* * *

Desde a sua chegada a Porto Alegre, Cavaco ficou conhecido pela sedução que exercia sobre as mulheres. Segundo o jornalista Pery Borges: "as garotas passavam em procissão à frente da *Gazeta do Comércio* - onde ele trabalhava -, para embeberem-se na fisionomia franca, alegre, máscula, e irresistível de Carlos Cavaco"[104]. Esse magnetismo parece ter se acentuado após as investidas do personagem na literatura, escrevendo textos nos quais mesclava um exacerbado romantismo e um sutil erotismo; na militância operária, projetando-se como o destemido tribuno popular, e no cinema, personificando o "cowboy gaúcho". Em suas palavras, "muitos maridos que, quando em minha companhia, se mostravam loquazes, e até carinhosos, fingiam que não me viam, ou não me conheciam, quando, acompanhados das dignas esposas, passavam por mim nas ruas"[105]. O mito do Cavaco sedutor perpetuou-se nas lembranças de muitos dos seus contemporâneos. No romance *Memórias do Coronel Falcão*, finalizado em 1937, Aureliano de Figueiredo Pinto (1898-1959) apresenta a seguinte cena passada no restaurante do Hotel Lagache: "De Rios e Barros apareceu com o Cavaco e o Diogo Ramirez para o jantar. A gravata colorada. O fraque atrabiliário. Rompante de caudilho, o famoso escritor encheu o salão. Dominador.

---

[102] Ver carta dirigida a Borges de Medeiros por Cavaco em 30/04/1906, citada na seção 2.2. No mesmo sentido, em 29/08/1913, Rosita Lupi Cavaco escreveu ao Presidente do Estado, referindo-se ao destinatário como "(...) Chefe do Partido ao qual pertence o meu Esposo" e a Cavaco como "(...) o homem que ainda ontem erguia a voz no Clube Júlio de Castilhos, como propagandista oral da Junta Pró-Borges (...)". Carta de Rosita Lupi de Cavaco a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 29/08/1913 (ABM/IHG-RS).

[103] MARÇAL, J. B. *Memória histórica...*, op. cit., p.p. 24-5 e JARDIM, J. *Comunicação e militância...*, op. cit., p. 77, nota 108. Não consegui localizar nenhum exemplar desse jornal.

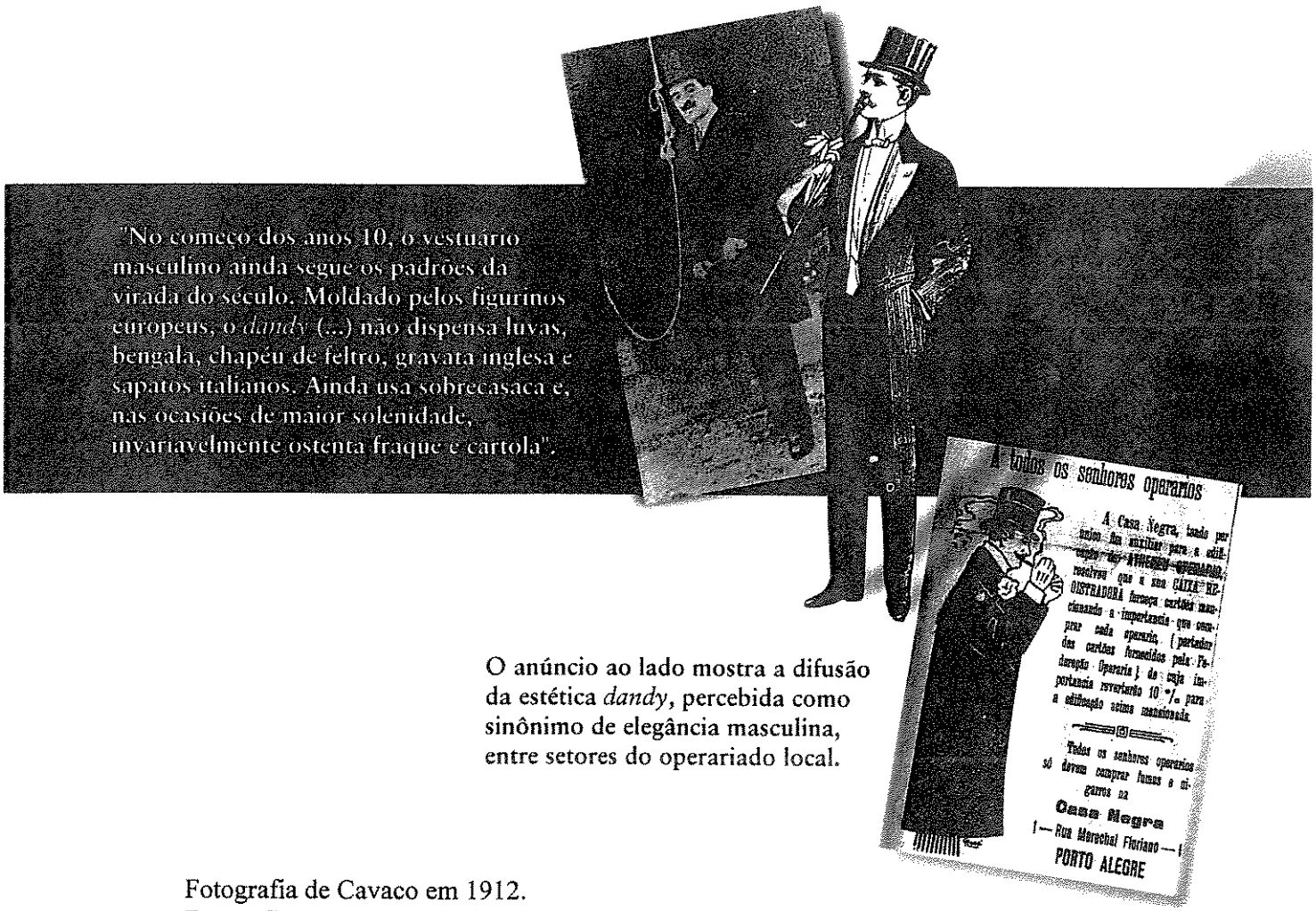
[104] *A Hora*, 17/03/1956 (sem referência de local e página). Citado por CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 98 e MARÇAL, J. B. *Carlos Cavaco...*, op. cit.

Galhardo. E o casal que jantava ao canto permutou posições: o cavalheiro exigiu que a dama não ficasse de frente para o tribuno das massas proletárias"[106].

Moço robusto, pulsos de aço e cara de galã de filme dramático, vestido ao rigor da moda - de monóculo, sapatos de polimento, polainas, gravata de alto preço, cartola, bengala e luvas cor de pérola -, Cavaco encarnava um misto de boêmio e dândi[107], fazendo as moças suspirarem ao descer a Rua da Praia, enchendo-a com seu vulto agitado e romanesco, envolto em longa capa[108]. Sua maneira de vestir e seus trejeitos eram bastante peculiares e um senhor chegou a ser com ele confundido por "(...) levar chapéu espanholado e ter meneios 'acavacados'"[109].

---

[105] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 98 (sem referência da fonte).
[106] PINTO, Aureliano de Figueiredo. *Memórias do Coronel Falcão*. Porto Alegre, Movimento, 1986. p. 52. Agradeço ao colega José Remedi a indicação dessa fonte.
[107] Para uma caracterização do comportamento de dândis e boêmios, ver: AINSA, Fernando. Del escritor dandi y bohemio al intelectual comprometido en el Uruguay del 900. *Cuadernos Americanos*, n° 72, 1998.
[108] Esta frase mistura expressões de Cavaco, de Caggiani (extraídas de CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 98 - sem referência da fonte) e de RUSCHEL, N., op. cit., p. 39.



O anúncio ao lado mostra a difusão da estética *dandy*, percebida como sinônimo de elegância masculina, entre setores do operariado local.

Fotografia de Cavaco em 1912.
Fonte: CAVACO, C. *Nas sombras...*, op. cit., entre as p.p. 159 e 160.
Reprodução: Cristina Lima.

Fonte: Desenho NOSSO SÉCULO: a memória fotográfica do Brasil no século XX. São Paulo, Abril Cultural, 1982. p. 121.
Reprodução: Bernardo Zortea.

Anúncio da Casa Negra.
Fonte: *Correio do Povo*. Porto Alegre, 01/12/1912. p. 1 (MCSHJC).
Reprodução: Evangelia Aravanis, a quem agradeço a indicação e o empréstimo da reprodução do anúncio.

Outra arma fundamental da sedução de Cavaco era a voz, firme e forte, que chegou até nós gravada em discos[110]. Ora tonitruante, ora suave; ora "flor", ora "petardo"; ora

[109] Conforme relatou o próprio Cavaco no *Petit Journal*. Porto Alegre, 31/10/1906. p. 2 (MCSHJC).
[110] Localizei apenas um disco de Cavaco no MCSHJC, sem data de gravação, com o discurso *Alma gaúcha*, nº 773 do *Selo Gaúcho* da Casa Elétrica de Porto Alegre, que existiu de 1914 a 1919 (segundo RUSCHEL, N., op. cit., p. 221). Porém, encontrei referências a outros quatro títulos: *Discurso de Carlos Cavaco ao povo no dia de sua liberdade* (nº 544), *Partido Socialista* (nº 559), *Operário* (nº 560) e *Gaspar Martins* (nº 772)

"perfume de lírio", ora "lava de vulcão"[111], essa voz não lhe servia apenas para agitar os operários do estado, mas também para sussurrar palavras de amor no ouvido das moças.

No final de 1912, o feitiço virou-se contra o feiticeiro: o Tribuno sedutor escandalizou a pacata Porto Alegre ao ser acusado do seqüestro da menor Leonor, filha do major do exército João Príncipe. O fato teve grande repercussão e "(...) flutuou por muito tempo na maré alta dos comentários, nas rodinhas de café e, obrigatoriamente, nas salas e quintais da cidade baixa como da cidade alta"[112]. A imprensa publicou farta cobertura do episódio e alguns jornais chegaram a dar duas e até três edições diárias, tal o interesse despertado pelo caso[113]. Das inúmeras versões apresentadas nas fontes, cito a do jornalista Amaro Júnior que, apesar de longa e tendenciosa, oferece uma narrativa mais completa, articulada e saborosa do "affaire":

> Carlos Cavaco tinha uma grande fraqueza. Era um terrível D. Juan (....). Acusado de várias conquistas (apesar de ser homem casado) acabou se complicando justamente por causa de uma delas. Nos últimos dias do mês de dezembro de 1912, raptou uma menor de quinze anos, filha de uma alta patente militar, cujo desaparecimento causou o maior impacto já sentido até então na nossa cidade durante os sete dias que durou o seqüestro. Porto Alegre teve um final de ano de total "suspense" e todo mundo apontava Cavaco como o provável seqüestrador, mas ele, estrategicamente, viajara para Caxias e lá ficou algum tempo até que as autoridades solicitaram sua presença na capital. Incontinente regressou e à sua chegada, na gare da Viação Férrea, uma multidão hostil o aguardava aos gritos de "lincha" e "mata", chegando, mesmo, um exaltado a desfechar dois tiros contra a carruagem que o transportava junto com a esposa. A massa acompanhou a pé o carro sempre gritando impropérios e cercando a casa onde morava, ocasião em que mais dois tiros foram desfechados, felizmente sem atingir ninguém.
>
> (...) O "affaire" tornou-se sensacional quando entrou em cena um famoso cão policial de nome "Flack", o qual depois de cheirar algumas peças de roupa da menor desaparecida, percorreu, correndo várias ruas - sempre acompanhado pelo seu dono, pela polícia e por grande número de populares -

---

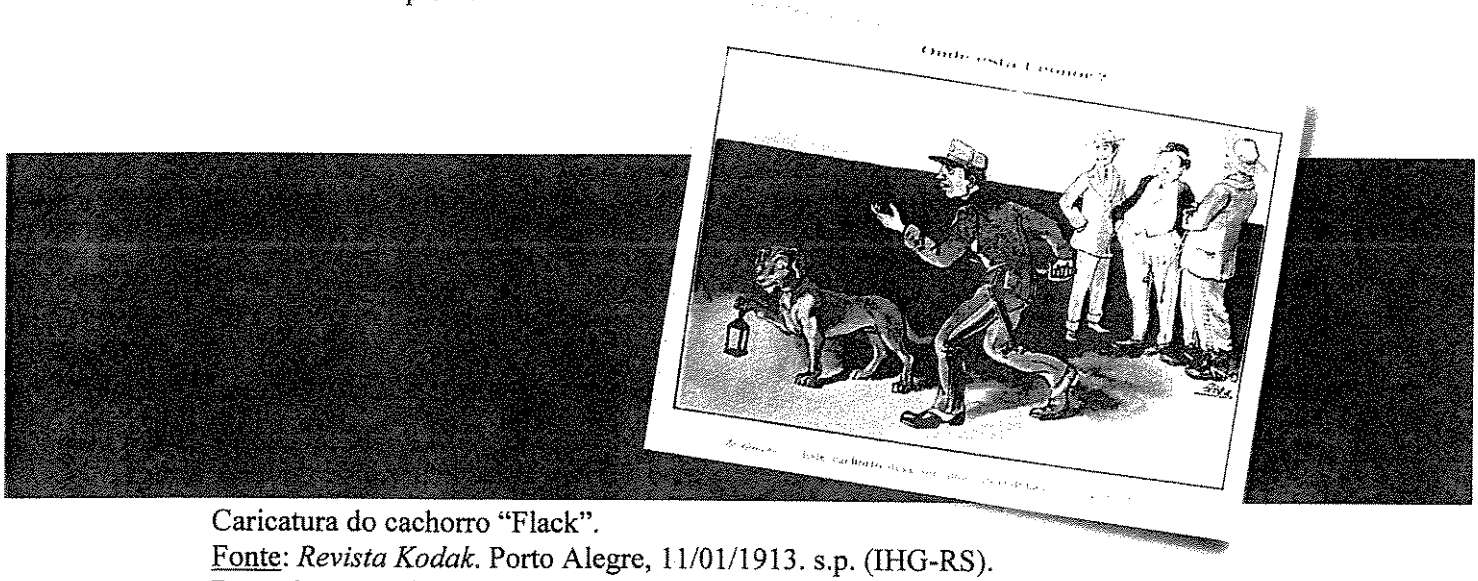
(SANTOS, Alcino e outros. *Discografia brasileira 78 rpm, 1902-1964*. Rio de Janeiro, Funarte, 1982. v. 1. p.p. 458-9 e 467.).

[111] As caracterizações da voz de Cavaco são de Caggiani e de Manoel Victor. Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco*, op. cit., p.p. 36-7 (sem referência da fonte).

[112] RUSCHEL, N., op. cit., p. 40.

[113] CAGGIANI, I., *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 102-3. Consultei os seguintes periódicos sobre o "caso Leonor": *Correio do Povo*. Porto Alegre, 29/12/1912. p. 14, 31/12/1912. p. 14 e 01/10/1913. p. 10; *O Diário*. Porto Alegre, 01/03/1913. p. 2, 26/03/1913. p. 3 e 02/04/1913. p. 3; *Echo do Povo*. Porto Alegre, 06/01/1913. p. 1 (todos no MCSHJC) e *Revista Kodak*. Porto Alegre, 11/01/1913. s.p. e 16/08/1913. s.p. (IHG-RS). Agradeço a Evangelia Aravanis, Isabel Bilhão e Miguel Duarte pela indicação dessas fontes.

> indo até a casa de Carlos Cavaco onde, à porta, latiu demoradamente e, depois, retornou à Chefatura de Polícia, onde se encontrava o indigitado, agarrando-o pelo pulso e pelo casaco.
>
> (...) Cavaco nunca deixou de alegar inocência afirmando que apenas havia emprestado alguns livros à moça e que era amigo da sua família.
>
> Dias depois, porém, tudo ficou esclarecido. A desaparecida reapareceu, indo diretamente apresentar-se na casa particular do Chefe de Polícia, contando uma história estranha de tentativa de suicídio que não convenceu ninguém. Interrogada mais profundamente acabou confessando que efetivamente fora raptada e seqüestrada por Carlos Cavaco com o auxílio de um inspetor e um agente da polícia municipal, em cujas residências estivera escondida naqueles sete dias (...). Foi apurado, também, que o inspetor cúmplice do raptor, a pretexto de auxiliar as investigações, atirava pó-de-mico nos locais onde o cão "Flack" cheirava, a fim de "desmoralizar" o cachorro...
>
> Carlos Cavaco, que estava alojado num quartel da Brigada Militar, foi recolhido à Casa de Correção, acusado de rapto, sedução, seqüestro e estupro[114].



Caricatura do cachorro "Flack".
Fonte: *Revista Kodak*. Porto Alegre, 11/01/1913. s.p. (IHG-RS).
Reprodução: Roberto Cataldo.

Em 14 de agosto de 1913, começou o julgamento de Cavaco, sendo seu advogado o "tribuno-boêmio" Pereira da Cunha, "um dos liminares da tribuna forense", enquanto a acusação compunha-se de "gigantes da palavra" como João Nabuco e Álvaro Sérgio Masera[115]. No discurso do último, verifica-se a força da imagem pública construída pelo réu, na qual mesclavam-se história e literatura, homem e personagem. Masera buscou

[114] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 102-3 (sem referência da fonte). Segundo Caggiani, a versão de Amaro Júnior "(...) se aproxima mais do que realmente ocorreu" (p. 102).
[115] As expressões entre aspas são de RUSCHEL, N., op. cit., p. 41.

provar que o acusado, ao seduzir Leonor, concretizava desejos e intenções antes expressas em suas obras literárias, especialmente no romance *Estella*:

> Demonstrando a relação que há entre as declarações da menor, a vítima, e o processo de sedução, o mesmo advogado lê este outro trecho:
>
> "Estella permaneceu nos braços fortes de Anarlo durante muito tempo, sem pronunciar uma única palavra. Em um beijo longo, profundo, elou as duas bocas que se buscavam com tanta ansiedade! Não era precisamente um beijo (...) Era uma coisa estranha, original, parecendo que aquelas duas almas fugiam pelos lábios em contato, desapareciam entrelaçadas, fortemente ligadas, e surgiam de novo no desejo de fazerem das duas bocas uma só boca, daqueles dois corpos, um só corpo!"
>
> .....
>
> (E assim, de trecho em trecho, o dr. Masera estabeleceu analogia entre o caso de Estrella (sic) e o da menor Leonor Príncipe da Silva).

E, posteriormente, acrescentou:

> Pois, bem: provarei que toda essa série de fatos ou circunstâncias [do suposto crime] constituem as cenas constantes de *Estella* e de outras obras do acusado.
>
> Assim, em relação aos olhos de Cavaco, - esses olhos cujo brilho fascinante nenhuma mulher resiste... -, Estella para eles se volta e, vencida, exclama que a luz daqueles olhos é que a cega... e que a faz perder...
>
> Leonor comparece e declaro-se (sic) vítima do olhar fascinante de Cavaco, a cujo brilho e linguagem não resistiu[116].

Que ironia! O mito do Cavaco sedutor voltava-se contra ele mesmo! O desejo romântico de fundir arte e vida servia, agora, aos intentos de seus acusadores. Já Pereira da Cunha valeu-se de um argumento muito comum na história jurídica brasileira no âmbito dos crimes de sedução: a transformação da vítima em ré.

> Afirmo que Carlos de Araújo Cavaco não foi o deflorador de Leonor Príncipe. Ela mesma disse que foi deflorada em Mato Grosso.
>
> Afirmo e demonstro!
>
> Portanto, não é este um processo em que se venha acautelar a honra ofendida.
>
> A honra já se foi!
>
> O vento, lá em Mato Grosso, levou a coroa virginal de Leonor.
>
> .....
>
> (...) Em Corumbá, Leonor teve amores escandalosos e inconfessáveis com um mestre de música.
>
> Eu pergunto, pois: onde está a honra de Leonor?[117]

[116] *Tribunal do Júri. Processo Carlos Cavaco. Discursos da acusação e defesa, apanhados por ocasião do julgamento*. Porto Alegre, 1913. p.p. 4 e 6, respectivamente (APJP). A publicação desses discursos é mais uma evidência do interesse despertado pelo caso junto à sociedade local.

A despeito da tentativa de Cunha de "desonrar" a menor, Cavaco foi condenado a 8 anos e 2 meses de prisão. Não me cabe aqui fazer o papel de um novo juiz e discutir a validade desse veredicto. Penso ser mais proveitoso indagar a respeito dos motivos da condenação de Cavaco, sobretudo quando se sabe que, na sociedade brasileira da época, os sedutores em posição semelhante ao personagem seguidamente eram absolvidos. Inicialmente, deve-se levar em conta a posição social de Leonor, filha de um militar graduado e bem relacionado pois, conforme Amaro Júnior, pouco depois do sumiço da moça, "(...) o próprio presidente da República, marechal Hermes da Fonseca, telegrafara ao dr. Carlos Barbosa, presidente do Estado, solicitando o máximo empenho nas diligências policiais, pois o pai da jovem era seu amigo pessoal"[118]. Além disso, de acordo com certos órgãos da imprensa, a família Príncipe da Silva seguia os padrões de respeitabilidade vigentes no período - ao contrário de Cavaco, conhecido pela vida boêmia - e, portanto, a "honra" da suposta vítima ficava menos fragilizada diante dos ataques da defesa.

[117] Idem, p.p. 16-7. Sobre crimes de sedução, ver, entre outros: BESSA, Karla Adriana Martins. Os crimes de sedução e as relações de gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, UNICAMP, n° 2, 1994; ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989; LEAL, Elisabete. De vítima a ré: recortes do universo popular feminino em Porto Alegre de meados do século XIX. *Cadernos de Estudo*. Porto Alegre, CPG em História da UFRGS, n° 10, dezembro de 1994 e SILVA, M. A. G. da., op. cit.

Fotografia da família do Major Príncipe da Silva na intimidade, seguindo os códigos de representação fotográfica das mulheres "honradas" da época.

(Consultar: LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo, Edusp/FAPESP, 1993.)



Fonte: *Revista Kodak*. Porto Alegre, 11/01/1913. s.p. (IHG-RS).
Reprodução: Roberto Cataldo.

É importar considerar também, na explicação da dureza da pena infligida ao réu, que Cavaco tinha muitos desafetos literários e políticos em Porto Alegre. Ao longo de sua vida pública, ele participou de inúmeras polêmicas e, freqüentemente, seus discursos e artigos traziam violentas acusações contra membros da sociedade local. A esses inimigos, nunca nomeados de maneira explícita, o personagem atribuiu a condenação:

> Tramava-se, subterraneamente, (...) o combate à minha pessoa, procurando, os conspiradores, um motivo qualquer, uma causa, uma justificativa, enfim, para conseguirem a minha derrota, embora eles soubessem que o golpe final, o definitivo, o vitorioso, seria vibrado por mim. Não tendo um vício sequer - não jogava, não fumava, não bebia álcool - era preciso, fatalmente preciso, encontrar o motivo. Surgiu, então, explodindo em barulhento escândalo, "um caso amoroso". Deixei, assim, para essa canalha covarde - onde se destacavam cafajestes bem vestidos e bem colocados, sacripantas de toda a espécie, - de ser o "Mirabeau dos Pampas", o "Danton da Causa Social", o "Rovachol que incendiava com a própria palavra", para ser o Lovelace irresistível, o D. Juan de Capa e Espada, o Casanova perigoso, capaz, com um simples olhar, ou um gesto romântico, de conquistar a mais pura Vestal que ainda andasse pela Terra[119].

Na citação, o Tribuno apresenta-se como um homem de moral ilibada, vítima de um plano urdido por pessoas da elite - "cafajestes bem vestidos e bem colocados" -,

[118] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 102 (sem referência da fonte).
[119] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 99-100 (sem referência da fonte).

contrárias à sua atuação em favor da "causa social". Aproveita também para ironizar o seu decantado magnetismo e a "pureza" de Leonor[120].

Caberia ainda perguntar se Cavaco não se apaixonou realmente pela menor? Afinal, não era ele um defensor do amor espontâneo em oposição às convenções sociais? Mas essa é apenas uma conjectura, difícil de ser confirmada através dos indícios disponíveis... De qualquer forma, o episódio marcou uma virada - temporária, conforme mostrarei depois - na imagem do Tribuno: ao invés do líder popular, o perigoso sedutor; no lugar do escritor talentoso, o devasso estuprador. A reportagem fotográfica da revista *Kodak*, lançada em janeiro de 1913, de cunho bastante sensacionalista, evidencia claramente tal mudança:

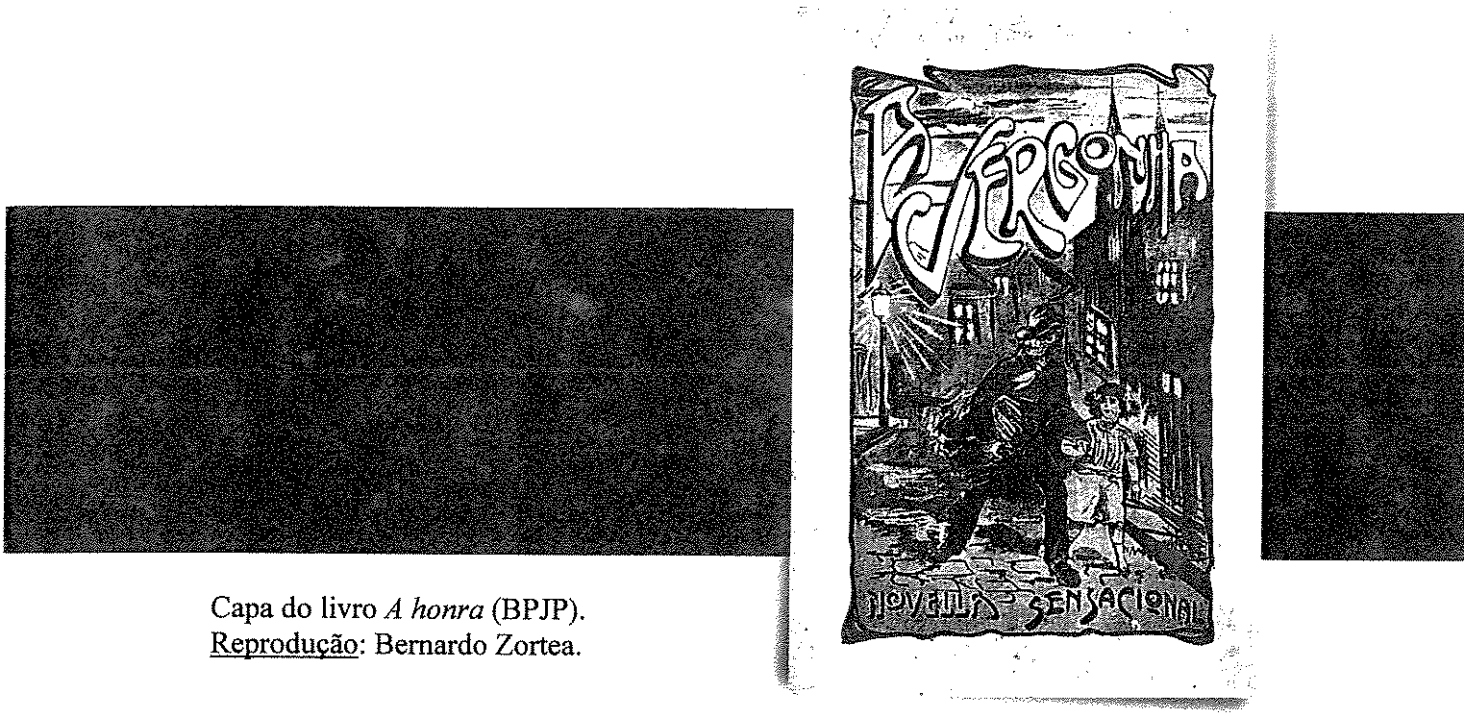
[120] Essa versão acabou se consolidando na memória da família Cavaco. Quando perguntei a D. Heloísa sobre a militância socialista de seu marido, ela respondeu: "(...) É por isso que ele foi preso, todas essas coisas. Diziam que era negócio de mulheres e tal... tapeação. Era política! (...)". Entrevista ao autor, op. cit. Caggiani, Marçal e Ruschel também reforçam a idéia de perseguição política para explicar a prisão de Cavaco. Conforme o primeiro, "ocorre que pela sua atuação, principalmente na defesa intransigente da classe operária, (...) Carlos Cavaco tinha contra si o poder opressor daqueles que detinham em suas mãos o poderio econômico e que viam nele um inimigo em potencial". CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 99. Já Marçal afirma: "Cavaco não era um santinho, mas a burguesia exigia a sua cabeça por ser socialista e tomar sempre a defesa da classe trabalhadora". MARÇAL, J. B. *Carlos Cavaco...*, op. cit. Ruschel, por fim, assinala: "No processo de Cavaco a pressão era tremenda, vinda de cima, naturalmente". RUSCHEL, N., op. cit., p. 41.



Montagens fotográficas da revista *Kodak* e foto da cama onde teria ocorrido o estupro.
Fonte: *Revista Kodak*. Porto Alegre, 11/01/1913. s.p. (IHG-RS).
Reprodução: Roberto Cataldo.

O olhar enviesado de Cavaco, sugerindo um comportamento dissimulado, em contraste com a postura cândida das meninas; a visão sórdida dos ambientes onde teria acontecido o crime; a condição de casado do suposto raptor, todos esses elementos contribuíram para criar um clima hostil ao acusado. Some-se a isso a publicação da "novela sensacional" *A Vergonha*, de Arnaldo de Moravia e Maurício Ayres, versão romanceada do "caso Leonor" que parece ter feito muito sucesso. No livro, "Carlos Casal" - o qual "tinha a volúpia da tribuna e do publicismo. Não importava a incoerência, contanto que se fizesse ruído, ruído ensurdecedor em torno do seu nome" - seduz e deflora a menor "Eleonora Duque"[121].

[121] MORAVIA, Arnaldo de e AYRES, Maurício. *A vergonha. Novela sensacional*. Porto Alegre, Livraria Central de Oswaldo Vieira & Cia., 1913 (BPJP). A citação é da página 7. Segundo nota dos editores: "em



Capa do livro *A honra* (BPJP).
Reprodução: Bernardo Zortea.

A partir da prisão, Cavaco procurou reverter esse estigma. Lá escreveu *Na cela n. 3!*, tratando de seu martírio no cárcere e respondendo às acusações que lhe foram feitas durante o processo. Em uma passagem, afirma:

> Lutador leal, resoluto, altivo, decidido, eu havia batido com a minha luva imaculada em todas as faces, arrogantemente, nobremente, dando batalha franca a todas as causas que eu reputava merecerem o meu protesto, sem recuar um passo, sem desviar sequer uma única linha no cumprimento exato do dever.
>
> Revoltava-me, portanto, aquele gesto mais do que covarde dos meus perseguidores e marchava para o seio da refrega na disposição de entregar a minha própria vida na defesa intransigente da minha causa.
>
> Era o meu sangue que esses monstros queriam?
>
> Pois teriam o meu sangue, porque eu saberia fartar a fúria insaciável desses bandidos, mostrando-lhe o meu desprezo pela sua infame covardia[122].

O personagem buscou (re)construir-se perante a opinião pública cruzando duas imagens emblemáticas: a do herói altivo e corajoso, que segue a vida em linha reta para cumprir um destino de glórias, e a do mártir, disposto a imolar-se pela(s) sua(s) causa(s). Também em 1913, foi lançado *Nas sombras do cárcere!*, compilação de um conjunto de

---

vista de se ter esgotado a 1ª edição deste livro, e continuando a chegar-nos pedidos de todas as localidades do Estado, resolvemos imprimir esta 2ª edição, com a tiragem de cinco mil exemplares, correta e melhorada".

[122] CAVACO, Carlos. *Na cela n. 3!* Porto alegre, s/e, 1913 (APHC). p.p. 25-6.

cartas de Cavaco enviadas do presídio ao amigo Alfredo Mendes Guimarães. O último justificou dessa maneira a divulgação das missivas:

> (...) lendo-as, essas cartas, tu adquirirás mais uma vez essa grande certeza de que o teu amigo é um inocente e um bom, e essa certeza te dará, de resto a calma necessária para analisares este fato - o tão falado "Caso da menor Leonor". Poderás então, Povo amigo, se assim quiseres, esmiuçar todo o cisco que os invejosos e os caluniadores atiraram sobre a consciência limpa do teu amigo Cavaco, e aclarar assim essa dúvida que ainda sentes a minar-te a mente, - se Cavaco será ou não culpado[123].

O Tribuno escreveu outro livro na cela nº 3 da Casa de Correção: *Lama! (romance de combate)*, publicado somente em 1916, talvez sua obra mais conhecida. Conforme Zeferino Brasil, trata-se de "(...) um livro de qualidades másculas de análise, de observação e de crítica social". E prossegue: "É certo que a sociedade não se corrige com essas veemências de linguagem; mas ao escritor cabe a glória de haver praticado essa tentativa de saneamento moral"[124]. O enredo, permeado de divagações sobre a "imoralidade" da sociedade vigente, enfoca a amizade do "moço aldeão" Bartolomeu da Maya - que, na "Capital", conhece a "lama", ou seja, a corrupção e os vícios da burguesia - com Phebus d'Almar, alter-ego de Cavaco[125], redator do jornal socialista *Avante!* e combatente da "Revolução Social"[126].

Papel importante na reabilitação da imagem de Cavaco coube a Rosita. Segundo as fontes consultadas, ela e o marido vivenciaram um drama familiar em maio de 1912: a morte do filho Cavaquinho, com aproximadamente 17 meses de vida[127]. O acontecimento deve ter contribuído para debilitar sua saúde. Na versão de Cavaco, foi esse o motivo que o levou a viajar a Caxias em 25 de dezembro, pouco depois do desaparecimento de Leonor: "Eu partira para Caxias, a conselho médico. O estado de saúde da minha esposa não era

---

[123] CAVACO, C. *Nas sombras do cárcere!* Porto Alegre, Casa Editora Livraria Central, 1913. p. II (BPJP).
[124] Publicado no *O Independente*. Apud CAVACO, C. *Cego de amor!...*, p.p. 63-4.
[125] Segundo Zeferino Brasil, referindo-se a Phebus d'Almar: "Aí está a tua [de Cavaco] alma. Aí está o teu coração. Aí está o teu sonho. Aí estão as tuas predileções literárias e estéticas. Aí está a tua incomparável bondade. Aí estão as tuas sagradas rebeldias". Idem ibidem, p. 64.
[126] CAVACO, C. *Lama!*, op. cit.

bom, e, uma estadia ao longe, no ar puro da serra, constituía um fato urgente e indispensável"[128]. A prisão do Tribuno agravou ainda mais os sofrimentos de Rosita, a qual passou a receber "(...) cartas anônimas e atrevidas, insultos e ameaças (...)". Contudo, mesmo doente, ela procurou minimizar as privações de Cavaco, preparando suas refeições em casa, "(...) no contínuo anseio de acudir, solícita, a todos os desejos do seu pobre amigo encarcerado (...)"[129].

Mesmo doente, Rosita moveu uma intensa campanha pela libertação do marido, defendendo-o na imprensa e travando calorosas discussões com os seus detratores[130]. Cavaco reconhecia tal empenho, mas enfatizava a fragilidade da esposa: "(...) a pobrezinha, que tão nobre é, tão virtuosa, tão digna, conhecendo a verdade, avaliando a minha dor de inocente pela sua dor de ofendida, proclama sem medo, a todo mundo, pelo jornal e fora dele, o meu martírio, a minha inocência!"[131]. A "pobrezinha", no entanto, teve a ousadia de escrever ao Presidente do Estado em 29 de agosto de 1913, pouco depois do julgamento de Cavaco:

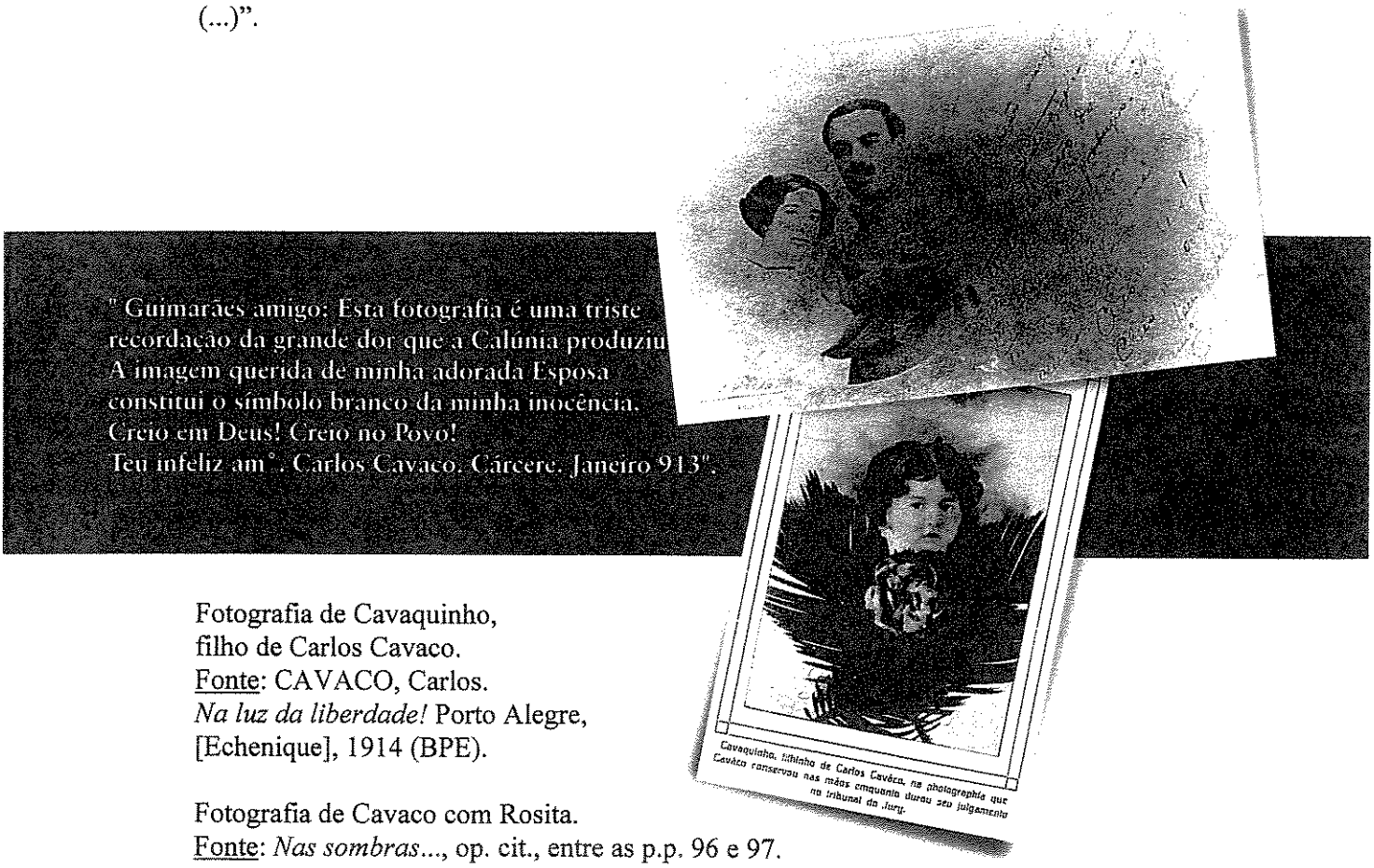
> Antes de seguir para o Rio de Janeiro, onde vou pedir à imprensa que me permita a defesa livre da liberdade do meu desventurado Esposo (...), vítima de tantas atrocidades, de tão grandes injustiças, venho ainda à presença de V. Excia., que é o Chefe do Partido ao qual pertence o meu Esposo.
>
> .....
>
> V. Excia. talvez ignore que Carlos Cavaco foi arrancado do leito da Enfermaria da Cadeia, onde estava quase em absoluta incomucabilidade (sic), sem o direito de falar, nem sequer com os outros presos, (...) levado nos braços dos enfermeiros e soldados da Brigada para o Tribunal do Júri e aí barbaramente julgado e condenado à pena máxima.
>
> Os telegramas, cartas, e cartões que me têm sido enviados de toda parte, de todos os pontos, além daqueles que, em elevado número, se encontram em poder do eloqüente tribuno Sr. Dr. Pereira da Cunha, atestam sobejamente que a popularidade do nome do meu esposo (...) aumentou ao impulso de novas simpatias. Carlos Cavaco, que ainda pode prestar relevantes à causa republicana, sofre há já 8 longos meses, inocente! Inocente, sim Exmo. Snr.,

---

[127] Sobre o fato, ver: CAVACO, C. *Nas sombras...*, op. cit., p.p. 41 e 85.
[128] CAVACO, C. *Na cela...*, op. cit., p. 8.
[129] Segundo Alfredo Mendes Guimarães em CAVACO, C. *Nas sombras...*, op. cit., p. VII. Ver também, a respeito dos insultos sofridos por Rosita, as p.p. 25, 41-2, 57 e 58-9.
[130] Idem ibidem, legenda da foto entre as p.p. 96 e 97.
[131] Idem ibidem, p.p. 53-4.

> porque o coração de uma Esposa não se engana, principalmente quando um clamor de simpatia se levanta em torno da figura do mártir que o calabouço segue guardando!
>
> E eu peço, Exmo. Sr. Dr. Borges de Medeiros, não como uma esmola, mas como um ato humano e de justiça, que V. Excia. proteja o republicano encarcerado, que já deu provas de lealdade a V. Excia. (...)[132].

Rosita utilizou argumentos variados para convencer Borges a interceder a favor de Cavaco: iniciou com um tom sutilmente ameaçador, expressando a intenção de ir à Capital Federal alardear o drama do marido; a seguir, enfatizou a lealdade do último ao PRR, os sofrimentos a ele infligidos na prisão e o "barbarismo" de seu julgamento; destacou também a crescente onda de simpatia dirigida ao "encarcerado", o qual, em virtude dessa popularidade, poderia prestar relevantes serviços à "causa republicana" e, por fim, atestou a inocência do "mártir" de forma emocional - "(...) o coração de uma Esposa não se engana (...)".



Fotografia de Cavaquinho, filho de Carlos Cavaco.
Fonte: CAVACO, Carlos. *Na luz da liberdade!* Porto Alegre, [Echenique], 1914 (BPE).

Fotografia de Cavaco com Rosita.
Fonte: *Nas sombras...*, op. cit., entre as p.p. 96 e 97.
Reproduções: Bernardo Zortea.

[132] Carta de Rosita Lupi de Cavaco a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 29/08/1913 (ABM/IHG-RS).

Não consegui descobrir se Borges deu uma "mãozinha" a Cavaco ou se a campanha de sua esposa teve a repercussão esperada. O certo é que, no dia 1° de março de 1914, após uma apelação, ele foi libertado. O "clamor de simpatia", salientado na carta de Rosita, revelou-se então com toda a intensidade. O Tribuno logrou reverter a imagem negativa criada em torno de sua pessoa e voltou às ruas nos braços do povo. Uma comissão - "(...) composta dos distintíssimos combatantes (sic) da 'Nova-Idéia' (...)"- organizou a manifestação de desagravo ao "destemido jornalista e orador"[133]. Conforme as recordações de Mario Lopes, publicadas no *O Independente* em março de 1917:

> Era domingo, e quase que a população em peso de Porto Alegre foi esperar, às portas da prisão, o poeta amigo, e dali, nos braços dos amigos, e rodeado por uma compacta massa popular, calculada em 8.000 pessoas e que impedia, por completo, o trânsito público, seguiu o poeta, ao ruído das ovações e dos aplausos e entrou na nossa principal artéria, sempre de cabeça altiva e peito descoberto, com aquela altivez que a canalha não pôde abater, e com aquela coragem que ele trouxe do berço, afrontando os seus terríveis inimigos, que, como feras, pareciam querer engolir-lhe, quando viram aquela verdadeira consagração popular.
>
> .....
>
> O povo fez muito bem, cumpriu com o seu dever, porque: quem mais do que Carlos Cavaco tem defendido os seus direitos?
>
> Ninguém!
>
> Carlos Cavaco, com risco da própria vida, afrontando seus inimigos que, de revólver em punho, o impediam de falar, subia nos bancos das praças públicas e produzia discursos veementes em defesa do povo arrebatando as multidões.
>
> Não foi só nas ruas, não foi só nas praças públicas, que o "Máximo Gorki americano", como alguém lhe chamou, defendeu os direitos do povo, - foi também pelas colunas da imprensa diária, onde traçava artigos vermelhos, pugnando pelos interesses do povo e do proletariado[134].

Mas Cavaco foi ainda mais longe: capitalizou o período de reclusão a seu favor, reforçando a imagem do herói injustiçado. Nesse sentido, lançou o "livro de consagração"

---

[133] CAVACO, C. *Na luz da liberdade!* Porto Alegre, [Echenique], 1914. p. 79 (BPE). Cavaco também utiliza a expressão "Idéia Nova" no livro *Lama!* - dedicado a Victor Hugo, Vargas Vila e Guerra Junqueiro, "luminosa trindade da Idéia Nova" -, em cujo "Prefácio" afirma: "Hoje a luta é diferente. Em vez do verbo do canhão, estraçalhando as carnes em nome de um princípio, é o canhão do verbo iluminando as consciências em nome de uma idéia. Da Idéia Nova". CAVACO, C. *Lama!*, op. cit., p.p. 5 e 14, respectivamente (a dedicatória e o "Prefácio" são datados de 1913).

[134] *O Echo Americano. Literatura - crítica - combate.* Porto Alegre, 04/1917. p. 7 (MCSHJC).

Na luz da liberdade!, onde afirma: "O sofrimento não me abateu, a dor não me humilhou, porque eu carrego comigo, como herança de raça essa coragem serena que faz do lutador um mártir e do mártir um lutador"[135]. Além disso, por muito tempo, realizou conferências versando sobre temas como "Na prisão!" (noticiada pelo *Diário da Tarde* de São Gabriel em 1914) e "Os mistérios do cárcere" (segundo *O Maragato* de Livramento em 1917)[136].



Fotos das manifestações em homenagem a Cavaco, quando de sua saída da prisão em 1914.
Fonte: CAVACO, C. *Na luz...*, op. cit., capa, entre as páginas 79 e 80 e entre as páginas 64-65 (com legendas) - nessa ordem.
Reprodução: Bernardo Zortea.

[135] CAVACO, C. *Na luz...*, op. cit., p.p. 7-8.
[136] Apud idem ibidem, p.p. 62-3 e *O Echo Americano. Literatura - crítica - combate*. Porto Alegre, 04/1917. p. 6 (MCSHJC), respectivamente.

A foto assinalada mostra Rosita ao lado de Cavaco, possivelmente muito feliz depois de tantos sofrimentos e de tantas lutas. Na legenda, ela é indicada apenas como a "Ex^{ma} Esposa" do homenageado. Esse ofereceu-lhe e a suas irmãs o livro *Na luz da liberdade*:

> Porque, vocês, moças, indefesas, entregues à sanha brutal dos chacais, não contando nem sequer com a lei para a defesa, não esmoreceram um instante sequer, não curvaram as cabeças que a dor tornava altivas, não recuaram um passo, não cederam um centímetro de direito e, quase isoladas no seio turvo da tormenta, sitiadas pelo furor da canalha e pela covardia dos falsos amigos que fugiam vergonhosamente, sustentaram a grande batalha contra as legiões do Mal, desfraldando, afinal, o estandarte da vitória[137].

Guerreiras corajosas mas... "moças indefesas". A aparente contradição do autor exprimia a idéia socialmente aceita na época da fragilidade natural das mulheres, mesmo quando, na prática, essas mostravam-se ativas e destemidas na busca de seus objetivos. A introjeção pelo personagem dos papéis de gênero tradicionais fica evidente quando ele compara, em prosa e verso, Rosita a Leonor:

> Rosita, que foi minha Esposa aos 13 anos de idade, e que tem mantido uma invejável linha de conduta no lar que Ela diviniza e na sociedade que Ela honra, recebe insultos, ameaças e desconsiderações até de pessoas que tinham o dever de primar pela lisura e urbanidade de proceder.
>
> Leonor, que abandona o lar paterno aos 16 anos de idade, sem piedade para os pais, sem respeito à sociedade, sem amor à família; que mente despudoradamente, ora dizendo uma coisa, ora outra; que inventa histórias, fala em suicídio, escreve, escandaliza, fabrica episódios de velhinhos, ilude a famílias respeitáveis; que não cora fazendo narrações de circunstâncias à própria imprensa; que se apresenta nas janelas, nos corredores, nos passeios, indiferente a toda essa tormenta de escândalo que ela, unicamente, exclusivamente ela provocou; Leonor recebe homenagens, galanteios, madrigais, sorrisos, considerações, respeitos, como se fora uma vestal que nunca apagou o fogo sagrado!

[137] CAVACO, C. *Na luz...*, op. cit., p. 24.

CONTRASTE

MALDITA!
(A ti, alma de treva!)

Alma cruel! Espírito vazado
no crime sem perdão, na atrocidade!
É por todo este pranto derramado
que eu te reputo filha da maldade!

Feriste sem razão, tigre domado!
E, desprezando as luzes da verdade,
conseguiste que eu fosse encarcerado
nesta prisão de dor e saudade!

E não tremeste, original pantera!
E não tremeu teu coração de fera
quando sorrindo abriste esta ferida!

Mas, um dia terás o teu castigo.
Leva, portanto, a maldição contigo:
- Maldita sejas tu por toda a vida!

BENDITA!
(A ti, alma de luz!)

Mãe de meu filho! Esposa estremecida!
Heroína do amor e da verdade,
que ofereceste a tua própria vida
Em holocausto à minha liberdade!

Alma de santa pela dor ferida
e ferida também pela saudade!
Eu beijo aqui a lágrima vertida
Pelos teus olhos cheios de bondade.

Beijo essas mãos que um dia me ampararam,
e esses braços que tanto me abraçaram
Para reter o sangue na ferida.

Companheira fiel do meu tormento,
que não me abandonaste um só momento:
- Bendita sejas tu por toda a vida!...[138]

Se, no início de sua trajetória de boêmio e literato, Cavaco contestou alguns valores morais e estéticos da sociedade local, abrindo espaço para pensar outras figuras femininas e masculinas, após a experiência da prisão, ele, aparentemente, tornou-se mais moralista, cristalizando as formas de "ser mulher" em oposições binárias: mulher diabólica/mulher santa, mulher das trevas/mulher da luz, mulher da rua/mulher do lar, mulher escandalosa/mulher recatada, mulher namoradeira/mulher esposa e mãe...

Rosita, por seu turno, não pareceu tão frágil e recatada assim ao lutar pela soltura do marido. Entretanto, quando o Tribuno viu a "luz da liberdade", ela - como tantas outras esposas de militantes - retornou às "trevas" do silêncio, às "sombras" da história[139].

---

[138] CAVACO, C. *Nas sombras...*, op. cit., p.p. 57, 69 e 70, respectivamente.

[139] Sobre a atuação destacada - mas geralmente "invisível" - das esposas de militantes, ver: BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política.* Campinas, CPG em História da UNICAMP, 1995 (dissertação de mestrado) (biografia de Laura, esposa do militante comunista Octávio Brandão) e SILVA, Maria Amélia Gonçalves da. *Entre a anarquia e o silêncio: a trajetória de Elisa Hedwig Augusta.* Trabalho apresentado no XX Simpósio Nacional de História - História: Fronteiras. Florianópolis, julho de 1999 (tratando da esposa do anarquista Friedrich Kniestedt).

* * *

Depois de voltar triunfalmente às ruas, Cavaco continuou dedicando-se à militância socialista, à literatura e à imprensa, três das suas paixões confessáveis. Em *Na luz da liberdade*, escreveu:

> OPERÁRIOS
>
> Como outrora, nos tempos perigosos da grande greve geral, Eles, no dia da minha liberdade, vieram resolutamente, lealmente unir os corações ao meu.
>
> Constituíam, nesse dia, a parte maior, mais forte e mais vibrante do Povo.
>
> .....
>
> Por isso, cada vez mais eu me consagro, de corpo e alma, à defesa intransigente, franca, sincera, da distinta classe![140]

Imbuído desse espírito, em 1914, ele reativou o "jornal de combate" *A Vanguarda!*, "órgão do Partido Socialista". No seu segundo número, os redatores noticiaram a ótima receptividade obtida pela folha: "os exemplares eram arrebatados das mãos dos vendedores, tal a curiosidade para ser conhecida a apresentação do órgão do socialismo no momento atual". Anunciava-se também o candidato socialista à deputado federal nas próximas eleições - o Dr. Pereira da Cunha, membro efetivo do Diretório Central do Partido e advogado de Cavaco no "caso Leonor" - e a realização de "(...) uma grande reunião dos operários das diversas fábricas, a fim de ser discutida a solidariedade inteira da classe à causa socialista". Além de Pereira da Cunha, compunham o Diretório: Cavaco (no posto de presidente), antigos militantes operários como Lucídio Marinho Prestes (que havia flertado com os anarquistas em 1911) e Antônio Francisco Ferrugêncio, Francisco Thomas Cardoso, Dario Alves Ferreira e Severiano Correa da Silva[141]. Não

[140] CAVACO, C. *Na luz...*, op. cit., s/p.

[141] *A Vanguarda!* Porto Alegre, 03/10/1914. p.p. 1-2 (BRG). Por essa época, Cavaco também colaborou com *O Paladino*, órgão dos funcionários públicos do Estado. CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 43. Não localizei nenhum exemplar desse último jornal.

obstante o tom otimista das notícias, nem o *A Vanguarda!*, nem o Partido Socialista, parecem ter visto a alvorecer do novo ano.

Ainda no âmbito do jornalismo, o personagem criou a revista *Eco Americano* em 9 de julho de 1915, que durou mais de quarenta anos, sendo a sua circulação interrompida repetidas vezes. Cavaco assumia, no periódico, uma perspectiva americanista, bem expressa no lema "órgão da união dos povos americanos" e na reivindicação de "uma bandeira única para as nações americanas e um hino só para os países do continente"[142].

Em setembro do mesmo ano, o Tribuno voltou a atestar sua ligação com o PRR, ao discursar diante do féretro de Pinheiro Machado, o mais destacado representante do Partido junto ao governo federal, assassinado no dia 8. Sobre uma cadeira, em plena Rua da Praia, afirmou:

> (...) Esse cadáver que aí passa apertado entre as tábuas negras de um esquife (...) não é o cadáver de meu chefe, porque eu não tenho chefe. É o corpo de um grande amigo, que ainda depois da tempestade de lama que a covardia e a inveja atiraram contra o meu nome, estendia-me a mão cavalheiresca e leal, hoje abatida pelo punhal infame do sicário.
>
> .....
>
> Ele teve erros que eu combati na imprensa com a pena, na tribuna com a palavra e nos campos com a lança. Mas teve predicados tão raros que o tornaram o chefe supremo de um povo de homens livres[143].

Nessa época, Cavaco viajou por diversas cidades do interior gaúcho, de outros estados e mesmo do exterior, proferindo conferências socialistas e literárias, escrevendo em jornais e participando de manifestações: São Gabriel, Bagé, Pelotas, São Paulo (onde foi redator do *A Reação*), Curitiba, Campos (no Paraná) e Salto (no Uruguai). Conforme o *Vida Proletária* da Capital paulista: "está entre nós o grande espírito liberal que com o arrojo de sua mentalidade fulgurante tem descarnado no Estado do Rio Grande do Sul todas as chagas da burguesia vilã". E, nas palavras do *Diário de Campos*:

---

[142] CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 39-41. O ideário da revista expressava um clima cultural mais amplo presente na América Latina, sobretudo a partir do início do século XX. Ver: ACHUGAR, H. La hora americana o el discurso americanista de entreguerras. In: PIZARRO, A. (org.)., op. cit., p. 639.
[143] CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 131.

> Carlos Cavaco tem uma voz própria para a oratória, uma voz cheia, que prende a atenção. (...) É um orador perfeito e nada lhe falta para fazer que a multidão vibre e delire! E o nosso acerto tem uma prova: no Rio Grande, "onde o micróbio da greve se tem desenvolvido de maneira assombrosa", Cavaco é o orador querido que governa o povo com a sua palavra ardente, na praça pública[144].

Em 1° de maio de 1916, ele participou da festa do trabalho no arrabalde São João e, perante "milhares e milhares de pessoas, constituindo uma multidão raramente vista (...)", "(...) discursou violentamente sobre a data, entrando em análises sociais, criticando claramente homens e fatos - sempre interrompido por delirante aplausos - e terminou com um hino à liberdade de consciência e à confraternização humana"[145].

O líder operário, dando prosseguimento à sua carreira literária, publicou a comédia dramática *A primeira rosa* em 1915, o romance social *Lama!* e o drama *Cego de amor* no ano seguinte[146]. A última peça, ao que tudo indica, fez bastante sucesso, tendo merecido diversas edições brasileiras e pelo menos uma em espanhol[147]. Cavaco também participou de homenagens a Alcides Maya e a Zeferino Brasil, procurando, com eles, estabelecer a sucursal gaúcha da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, a qual "(...) será, dentro em pouco, o terror dos miseráveis gananciosos que exploram os trabalhos dos intelectuais brasileiros e a bandeira protetora de todos aqueles que, no verso ou na prosa, na crônica ou no poema, no jornal ou no livro encontram a conquista do pão do espírito e do pão do corpo"[148].

Entretanto, o Tribuno não sustentava a si e à sua família somente com a literatura e o jornalismo. Em maio de 1916, o *Echo Americano* anunciou:

---

[144] Sobre as viagens de Cavaco no período, ver as notícias de jornal transcritas em *Na luz...*, op. cit., p.p. 59-68 e *Lama!*, op. cit., p.p. 325-334. As citações são desse último livro, p.p. 327-8.
[145] *O Echo Americano. Literatura - crítica - combate*. Porto Alegre, 15/05/1916. p. 3 (IHG-RS).
[146] CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p.p. 48 e 73.
[147] Conforme levantamento de Júlio Petersen, a peça teve edições brasileiras em 1916, 1920, 1950 e 1952. A publicação em espanhol - *Ciégo del amor* - saiu em Buenos Aires no ano de 1920 (BPJP). Ver: CAVACO, Carlos. *Cego de amor!... (drama em três atos)*. Porto Alegre, Livraria Universal de Carlos Echenique, 1916 (BPJP).

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

> O advogado CARLOS CAVACO aceita causas criminais, cíveis e comerciais, defendendo em qualquer tribunal do Estado - estadual ou federal. Encarrega-se de recebimentos em repartições publicas, cobranças amigáveis e judiciais, arrazoamentos de apelações, causas de divórcios, heranças etc. Faz correspondências, artigos de jornais, papéis de casamentos e dá aulas de francês, espanhol, português, história e literatura[149].

* * *

Enquanto Cavaco agitava os operários do país com seus discursos inflamados, redigia jornais e escrevia obras literárias, na distante Europa, a guerra fazia vítimas e causava destruições. Em artigo intitulado "Basta de sangue" - publicado no *A Vanguarda* e citado no capítulo anterior - o líder socialista denunciou os horrores dos "estalos de dum-dum e arremessos de gases mortíferos". No "Prefácio" de *Lama!*, ele voltou ao tema:

> Já estava escrito este prefácio quando teve lugar o selvagem, desumano, estúpido conflito europeu! (...) Não cruzei os braços, porém: tendo sido aclamado presidente do Partido Socialista, protestei em praça pública, em um meeting vibrante, contra esse atentado monstruoso levado a efeito contra a civilização. E o protesto ficou lançado![150].

Os ecos do Velho Continente faziam-se sentir no Rio Grande do Sul, onde os teutos e seus descendentes constituíam um expressivo contingente da população. A idéia do "perigo alemão" - presente no estado com intensidade variável desde o início da imigração em 1824 - potencializou-se durante a Primeira Guerra[151]. Embora o Brasil tenha declarado neutralidade no conflito, a imprensa nacional divulgava, geralmente, uma visão favorável aos aliados. Na Capital gaúcha, esse era o caso dos jornais *A Federação*, *Correio do Povo* e *A Noite*. Contudo, os germanófilos locais fundaram o *Bismarck* e depois adquiriram *O Diário*, a fim de contraporem-se às notícias negativas sobre a Alemanha. Houve,

---

[148] *O Echo Americano. Literatura - crítica - combate*. Porto Alegre, 15/05/1916. p.p. 1-3. A citação é da p. 3 (IHG-RS).
[149] Idem, p. 5.
[150] CAVACO, C. *Lama!*, op. cit., p. 14.

igualmente, reservistas alemães que abandonaram o país para lutarem pela Pátria natal. No mesmo sentido, em novembro de 1915, chegou à cidade um indivíduo chamado Zimmermann, objetivando agradecer os donativos enviados à Alemanha via Cruz Vermelha. No ano seguinte, ele criou a associação Germanischer Bund, a qual chegou a congregar uns cem sócios[152]. Todos esses fatos mostram que a Guerra não era percebida como algo distante pelos habitantes de Porto Alegre mas, devido à própria composição étnica da sociedade local, enquanto um elemento a ser levado em conta nos seus projetos e temores quotidianos.

Em tal conjuntura, os altos círculos militares brasileiros começaram a demonstrar intranqüilidade frente ao despreparo bélico do país, incluindo-se aí a falta de reservistas. Buscou-se, então, tornar efetivo o serviço militar, medida vista com maus olhos por boa parte da população. Para rever essa percepção negativa e mobilizar a juventude, promoveu-se uma grande campanha cívica liderada pelo escritor Olavo Bilac. O "Príncipe dos Poetas Brasileiros" iniciou sua pregação no Estado de São Paulo em outubro de 1915. Alguns meses mais tarde, em agosto de 1916, fundou, ao lado de Miguel Calmon e Pedro Lessa, a Liga de Defesa Nacional, instalada a 7 de setembro. Na qualidade de secretário da entidade, percorreu várias unidades da Federação e, em 1° de outubro, chegou a Porto Alegre. A recepção ao poeta no cais foi uma consagração pública. Diversos homens ilustres compuseram a comissão que o recebeu e o acompanhou até o Grande Hotel, entre eles, o intedente Montaury, os literatos Alcides Maya e Zeferino Brasil e - atenção! - Carlos Cavaco e Xavier da Costa. No dia 2, o Tribuno saudou Bilac com um "vibrante discurso", empolgando a grande massa popular de aproximadamente 2.000 pessoas[153].

---

[151] GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.
[152] Idem ibidem, p.p. 16-7.
[153] Narrativa baseada em CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 83 e SANMARTIN, O., op. cit., p. 33. Segundo o *A Vida Gaúcha*, já no "(...) dia antecedente ao da chegada de Olavo a Porto Alegre, foi também levada a efeito pelo povo uma grandiosa manifestação popular ao grande poeta. Para orador oficial foi

Cabe perguntar por que os dois protagonistas dessa tese apoiaram a campanha do serviço militar se, antes, defendiam concepções anti-militaristas?

Quanto a Francisco, deve-se levar em conta a sua mudança de identidade política: enquanto líder socialista, ele se alinhava com o pacifismo da II Internacional; porém, na condição de membro do PRR, passou a seguir as diretrizes do Partido a nível estadual e nacional. Assim, posteriormente, o *O Inflexível* apresentou um editorial alusivo ao 1° aniversário da entrada do Brasil na Guerra, no qual afirma-se:

> O benemérito presidente do nosso Estado nos seus discursos e ainda no telegrama passado ao Presidente da República e à bancada Rio-Grandense batia franca e lealmente pela nossa cooperação efetiva na guerra.
>
> Moral e politicamente, estamos ligados, hoje, à causa dos aliados, a nossa situação não poderia ser outra porquanto tudo nos indicava esse caminho, e o povo do Rio Grande, bem como todos os brasileiros, nunca pensaram em pactuar com os crimes que arquitetava o militarismo prussiano, porquanto isso é contra a sua índole, educação e sentimento[154].

Já Cavaco estava ciente da contradição entre seu posicionamento socialista e o apoio à campanha de Bilac:

> Sendo, como era, o "Socialista", um "anti-militarista", imaginem o efeito produzido por meu discurso defendendo a Lei do Serviço Militar no seio do povo. Eu era o presidente popular do Partido Socialista e como tal, e de acordo com o nosso programa político, o meu dever era combater essa lei. Mas, dentro de mim, do meu corpo material, se erguia como a fúria e a majestade de um leão, a alma do filho do valoroso ajudante de campo de Caxias, e ex-cadete da Escola Militar, o ex-sargento-ajudante do 12° Regimento de Cavalaria. Em discurso, em oratória, certos temas agradam mais do que outros, e nenhum como o que eu utilizava em defesa da Pátria ameaçada, podia melhor arrebatar a massa popular. As minhas frases eram verdadeiros estilhaços de granadas detonando, explodindo, nos ouvidos da multidão, que parecia acometida de loucura cívica, gritando, de instante a instante: "Viva o Brasil!"- "Viva o Brasil!"[155]

Na fala de Cavaco, a adesão ao ideário da defesa nacional aparece justificada de forma individual e afetiva - "de dentro de mim" -, como resultado dos anseios de uma alma

---

escolhido o brilhante tribuno patrício Carlos Cavaco que num discurso arrebatador, cheio de imagens belíssimas saudou o brilhante beletrista". Transcrito no *Echo Americano. Literatura - crítica - combate*. Porto Alegre, 16/12/1916, p. 2 (IHG-RS).

[154] *O Inflexível*. Porto Alegre, 26/10/1918. p. 1 (APAXC).

[155] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 84 (sem referência da fonte).

genética e historicamente voltada à luta militar em nome das causas nobres[156]. Percebe-se também, outra vez, seu desejo de auto-promoção, de tratar de temas arrebatadores, de associar-se, enfim, às lutas que podiam lhe dar visibilidade na cena pública[157]. De fato, no tenso ambiente da Capital gaúcha, ele conseguiu impor-se enquanto líder local dos "patriotas". Orador talentoso, ao finalizar a saudação a Bilac, foi "conduzido nos ombros do povo por diversas ruas de Porto Alegre. Estava, assim, garantida a aceitação do Sorteio [militar] e aberto o caminho para a propaganda cívica, no Rio Grande do Sul (...)"[158].

Em 9 de abril de 1917, uma segunda-feira, as hostilidades entre aliadófilos e germanófilos intensificaram-se sobremaneira com a divulgação, pela imprensa porto-alegrense, do torpedeamento do mercante Paraná por submarinos alemães (fato ocorrido no dia 6 daquele mês). A comoção foi imediata: à tarde, planejou-se um comício patriótico no centro da cidade, no qual Cavaco discursaria. Esse recebeu convites para "conversar" com o Chefe de Polícia, com o Intendente Municipal e com o Delegado do 1° Distrito que, provavelmente, tentaram dissuadi-lo do intento de agitar a população. Assim, ele acabou falando em praça pública sobre a agressão da Alemanha, embora aconselhasse calma aos ouvintes[159].

---

[156] No livro *Lama!*, finalizado em fevereiro de 1914, Cavaco, ao tratar do militarismo, faz uma ressalva: "não se trata aqui da espada que se desembainha na defesa das grandes causas, das causas da Justiça, do Direito, da Liberdade. Trata-se da espada mercenária, ao serviço da infâmia, aos caprichos da indignidade, suspensa, como um destino mal, sobre as garantias do pensamento, sobre a liberdade de consciência". Portanto, ao contrapor a "espada justiceira" à "espada infame", ele já relativizava o seu anti-militarismo, condenando a luta armada apenas quando essa não visava a defesa das "grandes causas". CAVACO, C. *Lama!...*, op. cit., p. 132.

[157] Nesse ponto, minha análise vai ao encontro da interpretação de Silva Jr.: "(...) creio ser mais correto explicar a atitude de Cavaco [em relação ao problema da defesa nacional] não pelo seu ideário, mas principalmente pela emoção com que pautava sua conduta. (...) É certo que alguns desses depoimentos [como o transcrito no corpo do texto] envolvem um quê de auto-promoção (...)". SILVA Jr., A. L. da. *Povo! Trabalhadores!...*, op. cit., p. 157.

[158] Segundo o próprio Cavaco. Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 84 (sem referência da fonte).

[159] Silva Jr. realizou uma minuciosa narração dos conflitos envolvendo aliadófilos e germanófilos ocorridos em Porto Alegre após o torpedeamento do mercante brasileiro. As informações sobre esse tema expostas na presente tese provém, em sua maioria, de dois trabalhos do autor: *Povo! Trabalhadores...*, op. cit., p.p. 154-215 e O povo X *der pöbel*, op. cit. Assim, só farei referência das fontes quanto utilizar outros textos ou documentos.

Na quarta-feira, o projetado comício finalmente realizou-se. À noite, cerca de 3.000 pessoas reuniram-se em frente ao Café Gioconda, um dos preferidos de Cavaco. Diante da assistência que carregava bandeiras do Brasil e da Argentina, o Tribuno discursou a respeito do torpedeamento do Paraná, "crime bárbaro e ignóbil", e mais uma vez aconselhou "o povo a manter-se com uma atitude digna da educação dos porto-alegrenses" e "terminou pedindo de todos os corações que o cercavam os sentimentos de piedade e humanidade para os filhos da nação alemã que se encontravam na capital". A seguir, teve lugar uma passeata pelas ruas centrais da cidade. Os manifestantes, liderados por Cavaco, vivaram o *Correio do Povo*, o *A Federação* e o *A Noite*; saudaram Borges de Medeiros e percorreram os consulados da Argentina, da Inglaterra, da França, de Portugal e do Chile.

A partir de quinta-feira - não obstante o reforço do policiamento de Porto Alegre ordenado pelo Presidente do Estado - aconteceram novas manifestações, inicialmente pacíficas (nos dias 12 e 13) e, em seguida, extremamente violentas (sobretudo de 14 a 16). Foram atacadas mais de 200 fábricas e casas comerciais de propriedade ou associadas aos teutos e seus descendentes, de diversos ramos e tamanhos Os manifestantes também investiram contra jornais simpático à Alemanha - *O Diário* e o *Deutsche Zeitung* - e clubes dessa etnia - o Turnerbund e a Germânia. Referindo-se à participação de Cavaco nesses acontecimentos, Ruschel escreveu: "Aqui ele fez incêndios. Quando o Brasil entrou na guerra, em 1915 (sic), capitaneou a multidão, de archote em punho para tocar fogo em propriedades de alemães"[160]. Contudo, nos jornais do período, não há menção ao seu envolvimento nos quebra-quebras, "(...) cujos líderes nem parecem ter nomes". Conforme o próprio Cavaco, quando as autoridades resolveram apurar os responsáveis pelos tumultos,

> Dois nomes apareceram com a responsabilidade dos acontecimentos: o meu e o desse gênio do Direito, pertencente a uma família de gente honrada, digna, exemplar: Maurício Cardoso. Foi o que disseram a mim e a Maurício, que achou muita graça dessa tolice. Contaram-me, também, que uma das

[160] RUSCHEL, N., op. cit., p.p. 42-3.

> testemunhas de acusação, procurando envolver o meu nome na responsabilidade dos incêndios - uma infâmia de mentira! - dissera: "Não vi. Não sei ao certo. Não posso dizer que foi Cavaco quem determinou os incêndios... Mas, a palavra desse homem é um fósforo aceso ateando incêndios por toda a parte"[161].

Ou seja, se Cavaco não participou diretamente das violências e, antes mesmo delas acontecerem, chegou a recomendar calma e piedade à população, sua "palavra" parece ter contribuído para deflagrá-las. Nesse sentido, a capa do *Echo Americano* de abril de 1917 apresenta a seguinte conclamação de seu diretor:

> VIVA O BRAZIL!
>
> Ontem pedíamos a paz, em nome dos sentimentos de humanidade; hoje pedimos a guerra, em nome dos sentimentos de dignidade. Ante a suprema afronta do maior déspota, do maior tirano de todos os tempos - o Kaiser sinistro - uma única resolução deve ser tomada: o Brasil de pé e em armas! Em armas, para devolver nas pontas das baionetas e das lanças a luva de aço arremessada à face da Pátria; de pé, para que o seu vulto apareça no coração da História, dentro dos séculos, como o exemplo frisante do heroísmo, do brio e da altivez. Sejamos um povo digno de nós mesmos. Formemos ao lado dos que se batem pela causa sagrada da Civilização. Para a frente e para o alto! A águia negra, que projeta a sombra sinistra de suas asas sobre a felicidade da raça humana, deve cair abatida pelo protesto da Liberdade![162]

Com tal objetivo, Cavaco passou a arregimentar voluntários que quisessem ir lutar na Europa. Grande número de pessoas de todas as idades e de todas as classes inscreveram-se no corpo de patriotas "Legionários do Sul", liderado por ele. Em 15 de abril de 1917, o *Correio do Povo* divulgou essa carta do Tribuno:

> Tendo sido organizado por mim - como sabido é - o primeiro corpo de patriotas do Rio Grande do Sul, é mister que este fato tenha em todo o território rio-grandense, a maior divulgação possível. Intitula-se o corpo do qual deverão fazer parte mil pessoas combatentes, "Legionários do Sul", dele podendo fazer parte todo aquele que o entender. Atualmente estão alistados nos "Legionários do Sul" duzentos e tantos brasileiros, entre eles um general do exército (o general Pedro Carolino de Almeida), um médico (o dr. Inácio Capistrano Cardoso, chefe da nossa Cruz Vermelha) e vinte senhoras e senhoritas que compõem o corpo de enfermeiras dos Legionários. Aceitamos a inscrição de qualquer patriota que se digne enviar o seu nome à redação da *Noite*, nesta capital[163].

---

[161] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 93 (sem referência da fonte).
[162] *Echo Americano. Literatura - crítica - combate*. Porto Alegre, 04/1917 (MCSHJC).
[163] Apud CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 90.

Segundo me consta, os "Legionários" não chegaram a pisar no Velho Continente. Todavia, ao desfilarem pelas ruas de Porto Alegre, usando no braço direito uma faixa verde e amarela e entoando hinos patrióticos, fomentaram o clima belicoso existente na cidade. A "Canção dos legionários", provavelmente de autoria de Rafael Clark, escrita pouco antes do início dos tumultos, já relacionava Cavaco com atitudes anti-germanófilas violentas:

> Um batalhão de cavacos
> Montando cavalos pretos
> Reduz a Alemanha em cacos
> E a Áustria... fica em gravetos[164].

Enfim, o personagem catalisou a "loucura cívica" de parte da população porto-alegrense e, mesmo que indiretamente, motivou os atos de violência dirigidos aos teutos e teuto-brasileiros moradores da Capital gaúcha[165].

Em 17 de abril, o *A Noite* anunciou: "Resolveu o povo, ontem, realizar uma grande manifestação ao poeta amigo Carlos Cavaco, por ter sido ele o iniciador dos meetings de protesto no Rio Grande do Sul contra o barbarismo alemão, quando ainda existia o receio de se avançar uma palavra contra o Kaiser em terras rio-grandenses". Prudentemente - ante a intensidade dos quebra-quebras - o homenageado "(...) pediu que fosse transferida a manifestação, a qual terá lugar na próxima semana em dia previamente designado"[166]. De qualquer maneira, a pressão de Cavaco e seus turbulentos legionários surtiu efeito: Borges

---

[164] *O Imparcial*. Porto Alegre, 16/04/1917. p. 1. Apud SILVA Jr., A. L. da. *Povo! Trabalhadores...*, op. cit., p. 210.

[165] Concordo, pois, com Silva Jr., quando esse afirma: "(...) o indivíduo Carlos Cavaco não parece estar em posição de liderança no decorrer do quebra-quebra, mas não se pode negar que sua figura está. Dizendo-se de outra forma: mesmo que Cavaco não tenha emitido ordens para cometer esta ou aquela violência, era em seu nome que muitos agiam. A imagem de Cavaco era maior e mais significativa do que as ações do 'homem empírico'". SILVA Jr, A. L. da. *Povo! Trabalhadores!...*, op. cit., p. 211.

[166] *A Noite*. Porto Alegre, 17/04/1917. p. 1 (ABM/ILEA/UFRGS). Agradeço à colega Haike Kleber da Silva pela indicação dessa fonte.

de Medeiros, em 25 de maio, consultado pela bancada sul-rio-grandense, foi o primeiro Presidente de Estado no Brasil a se pronunciar partidário da declaração de guerra à Alemanha.

Com a entrada do Brasil no conflito, Cavaco e Xavier da Costa, pelas razões expostas acima, defenderam de novo uma causa comum. O primeiro seguiu redigindo artigos[167] e liderando manifestações contrárias ao Kaiser e seus súditos. Escreveu também peças teatrais alusivas ao episódio, como os dramas *Portugal na Guerra* e *Mãe Brasileira*, encenados em Porto Alegre em 1918[168].

[167] Ver, por exemplo, o artigo "Os crimes da Alemanha". *Echo Americano. Literatura - crítica - combate.* Porto Alegre, 01/04/1918. p. 3. Anexo ao processo-crime nº 899. Réu: Carlos de Araújo Cavaco. Maço 59, estante 29. 1918 (APRS).
[168] CAGGIANI, I. *Carlos Cavaco...*, op. cit., p. 73.

Fontes e Bibliografia

1 - Correspondência

Carta de Carlos Cavaco a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 30/04/1906 (ABM/IHG-RS).

Carta de Carlos Cavaco a Getulio Vargas. Petrópolis, 06/01/1954 (CPDOC/FGV).

Carta de Carlos Cavaco a Lindolfo Collor. Rio de Janeiro, 14/11/1933 (CPDOC/FGV).

Carta de Carlos Cavaco a Maciel Júnior. Rio de Janeiro, 29/06/1933 (CPDOC/FGV).

Carta de Carlos Cavaco a Lindolfo Collor. Rio de Janeiro, 02/09/1934 (CPDOC/FGV).

Carta de Carlos Cavaco a Lindolfo Collor. S/l, 26/04/1935 (CPDOC/FGV).

Carta de Carlos Cavaco a Zeferino Brazil. Regimento de Cavalaria / B. Policial. S/l, s/d (ALZEB).

Carta de Carlos Cavaco a Zeferino Brazil. S/l, s/d (ALZEB).

Carta de D. Heloísa Cavaco ao autor. Petrópolis, 04/11/2000.

Carta de Francisco Xavier da Costa a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 05/04/1913 (IHG-RS).

Carta de Francisco Xavier da Costa a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 21/02/1914 (IHG-RS).

Carta de Francisco Xavier da Costa a Jacob Aloys Friederichs. Porto Alegre, 10/09/1906 (ABM/ILEA/UFRGS).

Carta de J. Cesar de Castro, [assinatura ilegível] e Carlos de Araújo (Cavaco) a Zeferino Brazil. Porto Alegre, 24/04/1906 (ALZEB).

Carta de Rosita Lupi de Cavaco a Borges de Medeiros. Porto Alegre, 29/08/1913 (IHG-RS).

Carta pela qual Vossa Majestade Imperial há por bem nomear Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro o Tenente Custódio Carlos de Araújo. Palácio do Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1866 (APHC).

Cartão de Lindolfo Collor a Zeferino Brazil. Canoas, 01/12/1909 (ALZEB).

Telegrama de Getulio Vargas a Xavier da Costa. Porto Alegre, s/d (APAXC).

2 - Discos

CAVACO, Carlos. *Alma gaúcha*. Discurso registrado em disco. Porto Alegre, Casa Elétrica, Selo Gaúcho, n° 773, s/d.

CAZUZA. *Burguesia*, Polygram, 1989.

3 - Documentos impressos

ANAIS DO CONSELHO CONSULTIVO DE PORTO ALEGRE. Anos de 1931-1932. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1932.

ANAIS DO CONSELHO CONSULTIVO DE PORTO ALEGRE. Ano de 1934. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1935 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1908. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria Americana, 1910.

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1909. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria Americana, 1910. p. 38 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1912. Porto Alegre, Livraria Americana, 1913 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1913. Porto Alegre, Livraria Americana, 1914 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1915. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1918 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1916. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1918 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1917. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1919 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1919. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1920 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1920. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1921 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1928. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1929 (CMPOA).

ANAIS DO CONSELHO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Ano de 1929. Porto Alegre, Oficinas Gráficas do *A Federação*, 1930 (CMPOA).

BENÇÃO papal a Francisco Xavier da Costa. Vaticano, 05/12/1931 (APAXC).

CAVACO, Carlos. *"Viva o Brasil", Canalha!...* Panfleto s/l, s/d (NPH).

DIPLOMA da União Operária de Cruz Alta conferindo a Francisco Xavier da Costa o título de sócio benemérito. Cruz Alta, de 21 de agosto de 1909.

DIPLOMA do Clube Caixeral de Porto Alegre conferindo a Francisco Xavier da Costa o título de Sócio Protetor. Porto Alegre, 20/02/1918 (APAXC).

DIPLOMA do Clube Militar de Oficiais da Guarda Nacional conferindo a Francisco Xavier da Costa o título de sócio efetivo. Porto Alegre, 21/03/1915 (APAXC).

ESTATUTOS do Club Beneficiente 24 de Maio. Aprovados em sessão de Assembléia Geral, realizada em 08/04/1908. Porto Alegre, Livraria do Comércio (IHG-RS).

NOTICIÁRIO SEMANAL. *Histórico da Casa Aloys Ltda. Indústria do mármore, granito e bronze. Oferecido aos seus amigos e favorecedores em comemoração dos 65 anos de sua fundação e atividade: 1884-1949. Para o ano de 1950.* Porto Alegre, Sul Impressora, 1950.

PERNAMBUCO, Belisário. *Comemoração do 1º de Maio: a Maçonaria e o proletariado*. Rio de Janeiro, Papelaria Ribeiro, 1902.

PERNAMBUCO, Belisário. *Comemoração do 1º de Maio: a Maçonaria e o socialismo*. Rio de Janeiro, Papelaria Ribeiro, 1903.

TRIBUNAL DO JÚRI. Processo Carlos Cavaco. Discursos da acusação e defesa, apanhados por ocasião do julgamento. Porto Alegre, 1913 (APJP).

XAVIER DA COSTA: *oferecido por um grupo de amigos*. Porto Alegre, 03/12/1911. Publicação avulsa (MCSHJC).

4 - Documentos oficiais

CARTEIRA de identidade de Francisco Xavier da Costa. Porto Alegre, 27/04/1917 (APAXC).

DELIBERAÇÃO nº 2.301 de 26/11/1965 da Câmara de Vereadores de Petrópolis (BMP).

LISTA geral dos cidadãos qualificados votantes da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Porto Alegre em o ano de 1880 (AHRS).

LIVRO de assuntos de casamento da Nova Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Porto Alegre (ACMPOA).

LIVRO de registro de matrícula de todos os sócios da Sociedade de Beneficência Porto-Alegrense, 1856-1884 (AHRS).

MNJI - Segurança Pública - Ordem Política e Social. Documento 2.184 de 10/02/1933, assinado por Seraphim Braga.

PORTARIA de Getulio Vargas e Oswaldo Aranha nomeando Xavier da Costa membro do Conselho Consultivo do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 08/12/1931 (APAXC).

PROCESSO-CRIME nº 298, maço 15, estante 29, movido por Francisco Xavier da Costa contra Henrique Martins em 1911 (APRS).

PROCESSO-CRIME nº 899. Réu: Carlos de Araújo Cavaco. Maço 59, estante 29. 1918 (APRS).

TÍTULO de eleitor de Francisco Xavier da Costa. Porto Alegre, 04/03/1914 (APAXC).

TÍTULO de eleitor de Francisco Xavier da Costa. Porto Alegre, 14/02/1922 (APAXC).

TÍTULO de eleitor de Francisco Xavier da Costa. Porto Alegre, 04/04/1933 (APAXC).

5 - Entrevistas

Entrevista de Dona Anita Xavier da Costa ao autor. Porto Alegre, 13/09/1999.

Entrevista de Dona Heloísa Cavaco, Dona Maria Rosicler Bezerra de Cavaco e Dona Amanda Alvorada de Araújo Cavaco ao autor. Petrópolis, 27/11/1999.

Entrevista de Evaristo de Moraes Filho ao Programa de História Oral do CPDOC/FGV. Rio de Janeiro, 02/06/1978.

Entrevista de Marat Martins Budaszewski a Isabel Bilhão. Porto Alegre, 21/06/1996.

6 - Periódicos

O Artista. Rio Grande, 10/03/1900 (BRG).

Avante! Porto Alegre, 17/07/1908 (NPH).

Avante! Porto Alegre, 24/07/1908 (APAXC).

La Batalla. Montevidéu, 20/05/1918 (FALSJ).

Boletim do Grande Oriente do Brasil. Jornal Oficial da Maçon.: Brasileira, ano 12, n^{os} 9-10, novembro-dezembro 1892.

CAVACO, Carlos. *Eu defendi Getulio Vargas!* (recorte de jornal sem referências da fonte) (APHC).

CAVACO, Carlos. *Eu e o mundo*. Petrópolis, s/d (recortes de jornal sem referências das fontes) (APHC).

CAVACO, Carlos. *Getulio, o maior!*, 20/04/1960 (recorte de jornal sem referências da fonte) (APHC).

CAVACO, Carlos. *Na estrada luminosa* (recorte de jornal sem referências da fonte) (APHC).

CAVACO, Carlos. *O 1º de Maio* (recorte de jornal sem referências da fonte) (APHC).

Correio do Povo. Porto Alegre, 12/05/1934, 13/05/1934 e 22/01/1961 (APAXC).

Correio do Povo. Porto Alegre, 17/09/1911 (NPH).

Correio do Povo. Porto Alegre, 1900, 1906, 1909, 1911, 1912, 1913, 1921, 1931, 1932 e 1934 (MCSHJC).

Correio do Povo. Porto Alegre, 1927 e 1930 (IHG-RS).

Correio Mercantil. Pelotas, 16/07/1876 e 08/08/1877 (FBL)

O Corymbo. Porto Alegre, 30/05/1906.

A Democracia. Porto Alegre, 1905-1907 (APAXC e MCSHJC).

Deutsche Zeitung. Porto Alegre, 1906 (ABM/ILEA/UFRGS).

Diário de Notícias. Lisboa, 1920-21 (BNL).

Diário de Notícias. Porto Alegre, 12/05/1934 (APAXC).

Diário de Notícias. Porto Alegre,13/05/1934 (MCSHJC).

Diário de Petrópolis. Petrópolis, 23/12/1961 (BMP).

Diário do Rio Grande. Rio Grande, 22/10/1906 (APAXC).

O Diário. Porto Alegre, 1911-1913 (MCSHJC).

Echo Americano. Literatura - crítica - combate. Porto Alegre, 1916 (IHG-RS).

Echo Americano. Literatura - crítica - combate. Porto Alegre, 04/1917 (MCSHJC).

Echo Americano. Literatura - crítica - combate. Porto Alegre, 01/04/1918. p. 3. Anexo ao processo-crime nº 899. Réu: Carlos de Araújo Cavaco. Maço 59, estante 29. 1918 (APRS).

Echo do Mar. Rio de Janeiro, 25/12/1909 (APAXC).

Echo do Povo. Porto Alegre, 1908-13 (MCSHJC).

Echo Operário. Rio Grande, 1897-1898 (NPH).

Eco Americano. Rio de Janeiro/São Paulo, 1953 (BPJP).

O Estado de São Paulo. São Paulo, 28/08/1902 (edição fac-similar).

Estado do Rio Grande. Porto Alegre, 1930-31 (IHG-RS).

O Exemplo. Porto Alegre, 1908-11 (IIHS).

A Federação. Porto Alegre, 1890 (CDHPRGS - SC).

A Federação. Porto Alegre, 1893 e 1895 (FBL).

A Federação. Porto Alegre, 1906 (FIB).

A Federação. Porto Alegre, 1908 (MCSHJC).

A Federação. Porto Alegre, 1929 e 1934 (APAXC).

Folha Popular. Santana do Livramento, 16/02/1962 (APHC).

O Gaúcho. Revista científica, artística e literária. Bagé, 11/1899 (BRG).

Gazeta da Tarde. Porto Alegre, 15/05/1895 e 13/07/1896 (MCSHJC).

Gazeta do Comércio. Porto Alegre, 29/05/1902 (MCSHJC).

Gazeta do Povo. Porto Alegre, 24/03/1915 (FALSJ).

Gazetinha. Porto Alegre, 1891-1899 (AHPA, IHG-RS, MCSHJC e NPH).

A Granada. Órgão cortante, perfurante e contundente. Santana do Livramento, 10/01/1901 (BRG).

O Independente. Porto Alegre, 1901-1902 (AHPA).

O Independente. Porto Alegre, 1906 (FIB).

O Independente. Porto Alegre, 29/06/1908 e 10/02/1922 (APAXC).

O Inflexível. Porto Alegre, 1918-1919 (APAXC).

A Informação. Porto Alegre, 10/01/1922 (MCSHJC).

Jornal da LBV. S/l, 02/1985 (APHC).

Jornal da Manhã. Porto Alegre, 04/08/1908 (BRG).

Jornal da Manhã. Porto Alegre, 13/05/1934 (APAXC).

Jornal de Petrópolis. Petrópolis, 1957 e 1961 (APHC).

Jornal de Petrópolis. Petrópolis, 23/12/1961 (BMP).

Jornal do Comércio. Porto Alegre, 1906 (FIB).

Jornal do Recife. Recife, 17/04/1927 (Fundação Joaquim Nabuco).

O Lábaro. Porto Alegre, 22/09/1900 (BRG).

A Luta. Porto Alegre, 1906-1911 (NPH).

Máscara. Porto Alegre, janeiro/fevereiro de 1928.

Necrológico de Francisco Xavier da Costa publicado na imprensa sem referências da fonte (APAXC).

A Noite. Porto Alegre, 17/04/1917 (ABM/ILEA/UFRGS).

A Notícia. Porto Alegre, 20/07/1918 (ABM/ILEA/UFRGS).

Orvalho. Órgão crítico e literário. Santana do Livramento, 11/09/1898 (BRG).

Pampa. Porto Alegre, 1905 (BRG).

A Pátria. Lisboa, 1920-21 (BNL).

A Pátria. Pelotas, 31/12/1890 (FBL).

Petit Journal. Porto Alegre, 1905-1907 (MCSHJC).

Petit Journal. Porto Alegre, 21/06/1906. p. 2 (BN).

Revista do Sul. Semanário artístico, literário, comercial e noticioso. Porto Alegre, 28/07/1906 (BRG).

Revista Kodak. Porto Alegre, 11/01/1913. s.p. e 16/08/1913. s.p. (IHG-RS).

Revista Liberal. Porto Alegre, 01/1922 (NPH).

Revista Social. Petrópolis, 12/1961 (BMP).

A Semana Ilustrada. Porto Alegre, 04/08/1906 (BPJP).

O Sindicalista. Porto Alegre, 11/1924 (NPH).

SOARES, A. J. de Macedo. O direito de greve e o Código Penal. *Boletim do Grande Oriente do Brasil. Jornal Oficial da Maçon.: Brasileira*, ano 16, nº 12, 1892.

SOUZA Jr. Uma hora com Zeferino Brasil. *Revista do Globo*. S/l, s/d (ALZEB).

O Tempo. Rio Grande, 22/05/1940 (BRG).

Tribuna de Petrópolis. Petrópolis, 23/12/1961 (BMP).

Tribuna de Petrópolis. Petrópolis, 30/11/1996 (APHC).

A Vanguarda. Porto Alegre, 03/10/1914 (BRG).

Via Láctea. Órgão do Club Litterario Brazileiro. Porto Alegre, 07/1906 (BRG).

Voz de Portugal. S/l, 06/04/1958 (APHC).

Zero Hora. Porto Alegre, 25/12/1984. p. 3 (BPE).

7 - Variados

ESTATUTOS do Centro dos Chauffeurs, 1928 (APAXC).

Poesia manuscrita e assinada por Francisco Xavier da Costa. S/l, s/d (APAXC).

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Luciano Aronne. *Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-30)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro, Lapa/Rocco, 1996.

ACHUGAR, H. La hora americana o el discurso americanista de entreguerras. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo/Campinas, Memorial/UNICAMP, 1994 (v. 2: "Emancipação do discurso").

AINSA, Fernando. Del escritor dandi y bohemio al intelectual comprometido en el Uruguay del 900. *Cuadernos Americanos*, nº 72, 1998.

ÁLBUM ilustrado do Partido Republicano Castilhista. Porto Alegre, Selbach, 1934.

ALVES, Eustáquio. *Misérias da política*. Rio de Janeiro, Alba, 1933.

ALVES, Paulo. *A verdade da repressão*. São Paulo, UNESP, 1997.

AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos "muckers"*. São Paulo, Símbolo, 1978.

ANGENOT, Marc. Le drapeau rouge: rituels et discours. In: COLLOQUE D'AMIENS. *L'esthétique de la rue*. Montreal, L'Harmattan Inc., 1998.

ARAÚJO, Maria Celina D'. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *O batismo do trabalho. A experiência de Lindolfo Collor*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

ARAVANIS, Evangelia. *Leituras, edições e circulações de impressos na Porto Alegre de 1906 a 1911: uma análise a partir do periódico "A Luta"*. Comunicação apresentada no Encontro Regional da ANPUH/RS. Porto Alegre, UFRGS, julho de 2000.

____. *Uma utopia anarquista: o projeto social dos anarquistas do periódico "A Luta" e o seu desejo de mudar o rumo da História em Porto Alegre (1906-1907)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1997 (dissertação de mestrado).

ARÊAS, Luciana Barbosa. As comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930). *História Social*. Campinas, UNICAMP, nos 4/5, 1997/1998.

ARENDT, Sílvia Maria Fávero. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 2001.

ASSIS, Machado de. O segredo do bonzo. In:___ *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro, Garnier, 1989.

BAK, Joan. Class, ethnicity and gender in Brazil: the negotiation of workers' identities in Porto Alegre's 1906 strike. *Latin American Research Review*. Albuquerque, LARR, v. 35, n° 3.

___. *Race, respectability and reformist workers in Porto Alegre, 1908-1913*. Trabalho apresentado no V Congresso Internacional da BRASA. Recife, junho de 2000.

BAKOS, Margaret M. Decorando a sala de visitas: Porto Alegre na virada do século 19. In: MAUCH, Claudia e outros. *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre/ Canoas/ São Leopoldo, Ed. da Universidade-UFRGS/Ed. ULBRA/Ed. UNISINOS, 1994.

___. *Porto Alegre e seus eternos intendentes*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996.

BARATA, Alexandre M. A Maçonaria e a Ilustração brasileira. *Manguinhos*, v. I, n° 1, julho-outubro 1994.

BARREIRA, Irlys Alencar. *Memórias, sentimentos e espaço público - circuitos e apropriações de um evento*. Trabalho apresentado no XXIV Encontro Anual da ANPOCS. Petrópolis, outubro de 2000.

BARRETO, Álvaro Augusto de Borba. *O movimento operário rio-grandense e a intervenção estatal: a FORGS e os círculos operários (1932-1935)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1996 (dissertação de mestrado).

___. Uma avaliação da produção historiográfica sobre os círculos operários. *Anos 90*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, n° 7, julho de 1997.

BATALHA, Cláudio H. de M. "Nós, filhos da Revolução Francesa": a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX. *Revista Brasileira de História: Reforma e Revolução*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero/CNPq/FAPESP, v. 10, n° 20, março-agosto 1991.

___. *Le syndicalisme "amarelo" à Rio de Janeiro, 1906-1930*. Paris, Université de Paris I, 1986 (tese de doutorado).

___. Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República. *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo, ANPOCS/Vértice, 1990.

___. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do marxismo no Brasil. Vol. 2: Os influxos teóricos*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995.

___. *Benoît Malon e o Brasil: notas sobre a difusão do socialismo*. Comunicação apresentada no XIX Simpósio Nacional da ANPUH "História e cidadania". Belo Horizonte, julho de 1997.

___. Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade? *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, n^{os} 23/24, setembro 1991/agosto 1992.

___. Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. *Cadernos AEL: sociedades operárias e mutualismo*. Campinas, UNICAMP/IFCH, v. 6, n^{os} 10/11, 1999.

___. Vida associativa: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário. *Anos 90*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, n° 8, dezembro 1997.

___. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe II. L'expérience vécue*. Paris, Gallimard, 1949.

BECKER, Tuio. A primeira atriz de cinema. *Zero Hora* (Segundo Caderno). Porto Alegre, 08/03/1997. p. 1.

BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Campinas, CPG em História da UNICAMP, 1995 (dissertação de mestrado).

BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo, Globo, 1993.

BESSA, Karla Adriana Martins. Os crimes de sedução e as relações de gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, UNICAMP, n° 2, 1994.

BILHÃO, Isabel Aparecida. Família e movimento operário: a anarquia dentro de casa. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXII, nº 2, dezembro de 1996.

___. *Identidade política e disputa pelo poder: a trajetória das lideranças anarquistas em Porto Alegre*. Trabalho apresentado no V Encontro Estadual de História da ANPUH/RS. Porto Alegre, UFRGS, julho de 2000.

___. *Rivalidades e solidariedades no movimento operário (Porto Alegre, 1906-1911)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.

BODEA, Miguel. *A greve geral de 1917 e as origens do trabalhismo gaúcho*. Porto Alegre, ProArte/L&PM, s/d.

___. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (org.). *RS: cultura & ideologia*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

BORGES, Stella. *Italianos: Porto Alegre e trabalho*. Porto Alegre, EST, 1993.

BOSI, Alfredo. A arqueologia do Estado-providência: sobre um enxerto de idéias de longa duração. In: ___. *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1996.

___. *O poder simbólico*. Lisboa, DIFEL, 1989.

BRANCIARD, Michel. La réduction du temps de travail dans l'histoire sociale. In: CENTRE D'HISTOIRE DU TRAVAIL (org.). *Mémoires des solidarités*. Ramonville Saint-Agne, Erès, 1997.

BRAZIL, Zeferino. *Bohemia da penna*. Porto Alegre, Globo, 1932.

___. *Juca, o letrado (Estudo de psicologia mórbida)*. Porto Alegre, Fundação de Educação e Cultura do S. C. Internacional, 1975.

CAGGIANI, Ivo. *Carlos Cavaco: a vida quixotesca do tribuno popular de Porto Alegre*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1986.

___. *Sant'Ana do Livramento - 150 anos de história*. Santana do Livramento, ASPES/Museu Folha Popular, 1984.

___. *Vultos de Sant'Ana*. Santana do Livramento, Editora Folha Popular, 1964.

CANCELLI, Elizabeth. *A cultura do crime e da lei, 1889-1930*. Brasília, Editora UNB, 2001.

CAPONI, Sandra. *Do trabalhador indisciplinado ao homem prescindível*. Campinas, PPG em Filosofia da UNICAMP, 1992 (tese de doutorado).

CARLYLE, Thomas. *Les héros*. Paris, Éditions des deux mondes, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

CAVACO, C. *Na luz da liberdade!* Porto Alegre, [Echenique], 1914.

CAVACO, Carlos. *"Viva o Brasil", Canalha!...* Rio de Janeiro, A Amanhã, 1943.

___. *A carta anônima*. Porto Alegre, Oficinas Tipográficas da *Gazeta do Comércio*, 1909.

___. *A freirinha do convento da saudade...* Porto Alegre, Livraria Americana, 1930.

___. *A idéia em marcha! (Peça em 1 ato, em verso)*. Lisboa, Imprensa de Manuel Lucas Torres, 1920.

___. *Bíblia do Ódio*. Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1921.

___. *Caminhos do meu destino*. Rio de Janeiro/São Paulo, Livraria Freitas Bastos, 1960.

___. *Caxias*. Rio de Janeiro, Tipografia Baptista de Souza, 1942.

___. *Cego de amor!... (drama em três atos)*. Porto Alegre, Livraria Universal de Carlos Echenique, 1916.

___. *Despotismo católico, crê ou morre! (crítica e polêmica)*. Porto Alegre, s/e, 1912.

___. *Estella - romance de amor*. Porto Alegre, Tipografia da Livraria do Globo, 1912.

___. *Lama! (romance de combate)*. Porto Alegre, s/e, 1916.

___. *Musa vermelha*. São Paulo, Livraria Teixeira, 1928.

___. *Na cela n. 3!* Porto alegre, s/e, 1913.

___. *Nas sombras do cárcere!* Porto Alegre, Casa Editora Livraria Central, 1913.

___. *Nas sombras do cárcere!* Porto Alegre, Livraria Central, 1913.

___. *O beijo (idílio sob o luar).* Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria Americana, 1910.

___. *O grande amor de Garibaldi.* Petrópolis, nome da editora ilegível, 1955.

___. *Rosicler (prosa e verso).* Rio de Janeiro, Typografia, 1905.

___. *Versos de barricada!* América do Sul (sic), s/e, 1924.

___. *Flor de Portugal (romance): episódio da campanha nacionalista.* Rio de Janeiro, Schettino, 1922.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.* São Paulo, Brasiliense, 1986.

CHARLE, Christophe. La question de l'État de Jaurès à Léon Blum. *Jean Jaurès Cahiers Trimestriels.* Le Vésinet, n^0 150, outubro/dezembro 1998.

CHAUÍ, Marilena Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.* São Paulo, Moderna, 1981.

CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses, classes dangereuses.* Paris, Hachette, 1984.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: ___. *Psicologia social: o homem em movimento.* São Paulo, Brasiliense, 1985.

COARACY, Vivaldo. *Encontros com a vida (memórias).* Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

COLUSSI, Eliane Lúcia. *A maçonaria gaúcha no século XIX.* Passo Fundo, UPF, 1998.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. A conquista do tempo noturno: Porto Alegre "moderna". *Estudos Ibero-americanos.* Porto Alegre, PUCRS, v. XX, n° 2, dezembro 1994.

COSTA, Alfredo R. da (org.). *O Rio Grande do Sul. Obra histórica, descritiva e ilustrada.* Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1922.

DAMASCENO, Athos. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900) - (Contribuição para o estudo do processo cultural sul-rio-grandense).* Porto Alegre, Editora Globo, 1971.

___. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre, Globo, 1962.

DARMON, Pierre. *Médicos e assassinados na "Belle Époque": a medicalização do crime*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

___. *O grande massacre dos gatos. E outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

DELGADO, Andréa. *Destino de gênero: a educação de mulheres na escola feminina de artes e ofícios Santa Terezinha (Santa Maria-RS/1923-1942)*. Porto Alegre, PPG em Educação da UFRGS, 1994 (dissertação de mestrado).

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

DIEHL, Astor. *Os círculos operários no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1990.

DOMMANGET, Maurice. *Histoire du drapeau rouge*. Paris, Librairie de l'Étoile, 1967.

DUARTE, Paulo Cesar Borges. A fundação e os objetivos dos clubes caixerais no Rio Grande do Sul - 1879 a 1890. *História em Revista*. Pelotas, UFPel, v. 6, dezembro de 2000.

DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro, Zahar/UFRJ, 1993.

___. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro, Graal, 1987.

DULLES, John Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

FAGUNDES, Ligia K. et al. *Memória da indústria gaúcha, das origens a 1930: documentos*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS-FEE, 1987.

FALCÓN, Ricardo e PRIETO, Agustina. Los socialistas y el régimen oligárquico en Argentina (1890-1912). *Cuadernos del Claeh*. Montevidéu, setembro de 1989.

FEBVRE, Lucien. *Autour de l'Heptaméron*. Paris, Gallimard, 1944.

___. *Le problème de l'incroyance du 16 siècle*. Paris, Albin Michel, 1974.

___. *Martin Lutero: um destino*. México, FCE, 1956.

FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Candido de. *Nôvo diccionário da Língua Portuguêsa*. Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997.

FORTES, Alexandre e outros. *Na luta por direitos. Estudos recentes em História Social do Trabalho*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1999.

___. *"- Nós do Quarto Distrito...": a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Campinas, PPG em História da UNICAMP, 2001 (tese de doutorado). 2 volumes.

___. Como era gostoso o meu pão francês: a greve dos padeiros de Porto Alegre (1933/1934). *Anos 90*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, nº 7, julho de 1997.

___. Da solidariedade à assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. *Cadernos AEL: sociedades operárias e mutualismo*. Campinas, UNICAMP/IFCH, v. 6, nºs 10/11, 1999.

FORTINI, Archimedes. *O passado através da fotografia*. Porto Alegre, GRAFIPEL, 1959.

___. Revivendo o passado. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 11/05/1952. p. 5.

___. Revivendo o passado. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 07/04/1963..

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro, Graal, 1998 (v. 2: "O uso dos prazeres").

FRANCO, Sérgio Costa. Um vereador operário. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 30/09/1982.

FÜEG, Jean-François. Militants de la plume ou auteurs narcissiques. Quelques exemples dans la Belgique d'entre-deux-guerres. In: GOTOVITCH, José e MORELLI, Anne (org). *Militantisme et militants*. Bruxelas, EVO Couleurs Savoir, 2000.

GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1996 (dissertação de mestrado).

GÉRARD, Alice. Le grand homme et la conception de l'histoire au XIX^{e} siècle. *Romantisme, revue du dix-neuvième siècle*. Paris, XXVIII^{e} année, n° 100, 1998.

GERTZ, René (ed.). *Memórias de um imigrande anarquista*. Porto Alegre, EST, 1989.

___. Um jornal anarquista em Porto Alegre: *Der freie Arbeiter*. *Veritas*. Porto Alegre, v. 35, n° 140, dezembro 1990.

___. *O perigo alemão*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, UNESP, 1993.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

___. Provas e possibilidades à margem de "Il ritorno de Martin Guerre", de Natalie Zemon Davis. In: ___. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1989.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo/Rio de Janeiro, Vértice/IUPERJ, 1988.

___. *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1999.

___. *Burguesia e trabalho: política e legislação social no Brasil, 1917-1937*. Rio de Janeiro, Campus, 1979.

GONÇALVES, Adelaide e SILVA, Jorge E. (org.). *A imprensa libertária no Ceará, 1908-1922*. São Paulo, Imaginário, 2000.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s/d.

GUIDO, Angelo. *Pedro Weingärtner*. Porto Alegre, SEC, 1956.

GUINSBURG, J. (org.). *O romantismo*. São Paulo, Perspectiva, 1985.

HALL, Michael M. História oral: os riscos da inocência. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, DPH/SMC, 1992.

HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil*. São Paulo, Ática, 1991.

HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: uma biografia*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1994.

HOBSBAWM, Eric J. A transformação dos rituais do operariado. In: ___. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HOBSBAWM, Eric. Costumes, salários e carga de trabalho na indústria do século dezenove. In: ___. *Os trabalhadores. Estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

HOBSBAWM, Eric. Os destruidores de máquinas. In: ___. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

Home-page do ALZEB: http://www.pucrs.br/letras/pos/acersul/zeferinobrazil/acervo.htm

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000.

INFOPEDIA 2.0. Softkey, 1995.

JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. *Comunicação e militância. A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)*. Porto Alegre, CPG em História da PUCRS, 1990 (dissertação de mestrado).

Jean Jaurès Cahiers Trimestriels. Le Vésinet, n° 143, janeiro-março 1997.

JOHNSTONE, Monty. Verbete internacionais. In: BOTTOMORE, Tom (org.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?. *Le Débat*, nº 54, março-abril 1989.

___. *Saint Louis*. Paris, Gallimard, 1996.

LEAL, Elisabete. De vítima a ré: recortes do universo popular feminino em Porto Alegre de meados do século XIX. *Cadernos de Estudo*. Porto Alegre, CPG em História da UFRGS, nº 10, dezembro de 1994.

LEFEBVRE, Denis. *André Lebey, intellectuel et franc-maçon sous la IIIe République*. Paris, Éditions Maçonniques de France, 1999.

___. *Marcel Sembat, socialiste e franc-maçon*. Clamecy, Bruno Leprince Éditeur, 1995.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo/Campinas, Memorial/UNICAMP, 1994 (v. 2: "Emancipação do discurso").

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo, Edusp/FAPESP, 1993.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo, EDUSP, 1996.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992.

LEVI-STRAUSS, Claude (dir.). *La identidad*. Barcelona, Petrel, 1981.

LIMA FILHO, Henrique Espada. *Micro-historia: escalas, indícios, singularidades*. Campinas, PPG em História da UNICAMP, 1999 (tese de doutorado).

LONER, Beatriz A. *Construção de classe operária: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas, UFPel/Unitrabalho, 2001.

___. A história operária no Rio Grande do Sul. *História Unisinos*. São Leopoldo, Unisinos, número especial, 2001.

___. Operários e participação no início da República: o caso de Pelotas e Rio Grande. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXII, nº 2, dezembro 1996.

LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1998.

___. A experiência militar. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). *História dos jovens*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. (v. 2: "A época contemporânea").

___. Mannequins ou faiseurs d'histoire?. *Critique*, n^{os} 632-3, janeiro-fevereiro, 2000.

___. *Soldats. Un laboratoire disciplinaire: l'Armée Piémontaise au XVIII^{e} siècle*. Paris, Mentha, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997.

LÖWY, Michael. The romantic and the marxist critique of modern civilization. *Theory and society*, v. 16, n° 6, novembro de 1987.

___. *Romantismo e messianismo*. São Paulo, EDUSP/Perspectiva, 1990.

___ e SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia. O romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis, Vozes, 1995.

MACHADO, Álvaro Manuel (org.). *Dicionário da literatura portuguesa*. Lisboa, Presença, 1996.

MAITRON, Jean (dir.). *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français. Troisième Partie: 1871-1914*. Paris, Les Éditions Ouvrières, 1976.

MARÇAL, João Batista. Carlos Cavaco, o primeiro agitador de Porto Alegre. *A Luta, órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro - Rio Grande do Sul*, n° 54, setembro/outubro de 1997. p. 8.

___. *Comerciários, fechem as portas para descansar. A luta dos comerciários brasileiros pelo descanso semanal*. Porto Alegre, Edição do Sindicato dos Empregados do Comércio de Porto Alegre, 1997.

___. Francisco Xavier da Costa, Patriarca do Socialismo no Rio Grande do Sul. *A Luta, órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro - Rio Grande do Sul*, n° 46, junho de 1996. p. 5.

___. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Unidade Editorial, 1995.

____. *Primeiras lutas operárias no RGS: origens do sindicalismo rio-grandense*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1985.

____. Tudo começou com a social democracia. *Coojornal*. Porto Alegre, junho 1980.

MARTINS, Elóy B. *Um depoimento político*. Porto Alegre, Edição do autor, 1989.

MARTINS, Ismênia de Lima. Cidadania e história. In: MARTINS, Ismênia de Lima; MOTTA, Rodrigo Patto Sá e IOKOI, Zilda Gricoli (org.). *História e cidadania. Anais do XIX Simpósio Nacional de História - ANPUH*. São Paulo, Humanitas Publicações-FFLCH-USP/ANPUH, 1998.

MASINA, Léa. *Alcides Maya: um sátiro na terra do curupira*. Porto Alegre/São Leopoldo, IEL/UNISINOS, 1998.

MATTOS, Marcelo Badaró. O manifesto comunista no Brasil. *Varia História*. Belo Horizonte, Departamento de História e PPG em História da UFMG, nº 22, janeiro de 2000.

MAUCH, Cláudia. *Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1992 (dissertação de mestrado).

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

MORAVIA, Arnaldo de e AYRES, Maurício. *A vergonha. Novela sensacional*. Porto Alegre, Livraria Central de Oswaldo Vieira & Cia., 1913.

MOREIRA, Maria Eunice. Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul. In: ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique (org.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande, Editora da FURG, 1993.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Sobre fronteira e liberdade - representações e práticas dos escravos gaúchos na Guerra do Paraguai (1864-1870). *Anos 90*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, nº 9, julho de 1998.

MORICONI, Ítalo. *Um estadista sensitivo: a noção de "formação" e o papel do literário em "Minha formação", de Joaquim Nabuco*. Trabalho apresentado no XXIV Encontro Anual da ANPOCS. Petrópolis, outubro de 2000.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya*. Santa Maria, nº 34, julho/dezembro 2000.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1999.

___. Meninos e meninas na rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, nº 37, 1999.

NEUVILLE, Jean (dir.). *Dictionnaire biographique des militants du mouvement ouvrier en Belgique*. Bruxelas, Éditions Vie Ouvrière, 1995.

NEVES, Sílvia. *Sonhos com Carlos Cavaco*. Porto Alegre, Edições Caravela, 1996.

NICOLET, Claude. *L'idée républicaine en France: essai d'histoire critique*. Paris, Gallimard, 1982.

NORDAU, Max. *As mentiras convencionais da nossa civilização*. São Paulo, Cultura Moderna, s/d.

NOSSO SÉCULO: a memória fotográfica do Brasil no século XX. São Paulo, Abril, s/d.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. *O cidadão está nas ruas: representações e práticas acerca da cidadania republicana em Porto Alegre (1889-1891)*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 2001.

PANSARDI, Marcos Vinícius. O socialismo dos modernos e o socialismo dos antigos: a incorporação do vocabulário ideológico da II Internacional pelo movimento socialista brasileiro. *História social: revista da Pós-Graduação em História*. Campinas, IFCH/UNICAMP, nº 1, 1994.

___. *Republicanos e operários: os primeiros anos do movimento socialista no Brasil (1889-1903)*. Campinas, Departamento de Ciência Política do IFCH da UNICAMP, 1993.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997.

PEIXOTO, Afrânio. O nome das ruas. In: ___. *Miçangas, fama (folclore) e história.* Rio de Janeiro, Editora Cátedra, 1977.

PERROT, Michelle. Funções da família. In: ___ (org.). *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra.* São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

___. *Jeunesse de la grève. France, 1871-1890.* Paris, Seuil, 1984.

___. Os operários, a moradia e a cidade no século XIX. In: ___. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho - RS: 1889-1930.* Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

___. *A emergência dos subalternos: trabalho livre e ordem burguesa.* Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1989.

___. Esta história que chamam micro. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso e XAVIER, Regina Célia Lima (org.). *Questões de teoria e metodologia da história.* Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

___. *História do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984.

___. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (org.). *RS: cultura & ideologia.* Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

___. Lugares malditos: a cidade do "outro" no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). *Revista Brasileira de História.* São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, v. 19, nº 37, 1999.

___. *O cotidiano da república: elites e povo na virada do século.* Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1990.

___. O diabo escondido (da arte do cômico). In:___ (org.). *Porto Alegre caricata: a imagem conta a história.* Porto Alegre, EU/SMC, 1993.

___. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.* Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

___. Os trabalhadores do futuro. O emprego do trabalho infantil no Rio Grande do Sul da República Velha. *História.* São Paulo, UNESP, nº 14, 1995.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Da ação direta à disciplina do Partido: percursos do movimento operário gaúcho nos anos 20*. Porto Alegre, Relatório de Pesquisa inédito enviado ao CNPq, 2000.

___. *"Que a União Operária seja nossa Pátria!" História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre/Santa Maria, Editora da Universidade/UFRGS - editoraufsm, 2001.

___. A mulher na imprensa operária gaúcha do século XIX. *Revista de História*. Porto Alegre, IFCH/UFRGS, nº 1, 1986/87.

___. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (org.). *Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira*. São Paulo, Scritta, 1997.

___. *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874/1940)*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS-FAPERGS, 1989.

___. O anarquismo no Rio Grande do Sul na Primeira República. *Revista do IFCH da UFRGS*. Porto Alegre, nº 15, 1991-2.

___. *Uma história das formas de organização dos operários no Rio Grande do Sul nos anos 20 e a construção de um banco de dados sobre militantes e instituições operárias gaúchas na Primeira República*. Porto Alegre, Relatório de Pesquisa enviado ao CNPq, agosto de 2000.

___. As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919). In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (org.). *RS: economia & política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979.

___ e LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - Tchê!, 1992.

PFEIL, Antonio Jesus. Cinematógrafo e o cinema dos pioneiros. In: BECKER, Tuio (org.). *Cinema no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, UE/Porto Alegre, 1995.

PICCOLO, Helga. A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul: considerações historiográficas. In: ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique (org.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande, Editora da FURG, 1993.

PINTO, Aureliano de Figueiredo. *Memórias do Coronel Falcão*. Porto Alegre, Movimento, 1986.

PINTO, Celi Regina J. *Positivismo - um projeto político alternativo (RS: 1889-1930).* Porto Alegre, L&PM, 1986.

PORTO ALEGRE, Achylles. *Flores entre ruínas*. Porto Alegre, Wiedmann & Cia., 1920.

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, UNESP, 2001.

RAMBO, Arthur Blasio. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura - etnicidade - história*. Canoas, Editora da ULBRA, 1994.

REICHEL, Heloísa Jochims. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (org.). *RS: economia & política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979.

REIS, Carlos A. (org.). *Álbum do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Tipografia de Cesar Reinhardt, 1905.

RÉMOND, René. *L'anticléricalisme en France. De 1815 à nos jours*. Bruxelas, Editions Complexe, 1985.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1998.

REZENDE, Antonio Paulo. A cultura e a construção dos espelhos: história e cultura. In: BLAJ, Ilana e MONTEIRO, John M. *História & utopias*. São Paulo, ANPUH, 1996.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *Mata Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

RODEGHERO, Carla Simone. Campo X cidade: o discurso católico frente à modernização da agricultura no Rio Grande do Sul. *Anos 90*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, n° 7, julho de 1997.

RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Rio de Janeiro, VJR, 1994.

ROSE, R. S. *Uma das coisas esquecidas. Getulio Vargas e controle social no Brasil - 1930-1954*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1971.

SABATO, Hilda. La ciudadanía en el siglo XIX: nuevas perspectivas para el estudio del poder político en América Latina. *Cuadernos de Historia Latinoamericana - Estado-nación, comunidad indígena, industria: tres debates al final del Milenio*. AHILA, nº 8, 2000.

SANMARTIN, Olyntho. *Um ciclo de cultura social*. Porto Alegre, Sulina, 1969.

SANTOS, Alcino e outros. *Discografia brasileira 78 rpm, 1902-1964*. Rio de Janeiro, Funarte, 1982.

SCHMIDT, Benito Bisso. "O Deus do progresso": a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Revista Brasileira de História: Ciência e Sociedade*. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, v. 21, nº 41, 2001.

___. A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907. *História em Revista*. Pelotas, v. 6, dezembro de 2000.

___. Anita Xavier da Costa: memórias da filha de um pioneiro do socialismo no Rio Grande do Sul - da fogueira das lembranças ao álbum de recordações. *Horizontes antropológicos: cultura oral e narrativas*. Porto Alegre, PPG em Antropologia Social da UFRGS, ano 5, nº 12, dezembro de 1999.

___. Sentimentos e história do movimento operário: quando os afetos encontram a política (Rio Grande do Sul, I República). In: *Histórias de Trabalho*. Porto Alegre, Unidade Editorial, 1999.

___. Ser socialista em Rio Grande na virada do século XIX: ciência/religião e reforma/revolução no pensamento de Antônio Guedes Coutinho. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXII, n. 2, dezembro de 1996.

___. *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

SCHUPP, Ambrósio. *Os muckers: a tragédia histórica do Ferrabrás*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1993.

SEIXAS, Jacy Alves de. Anarquismo e socialismo no Brasil: as fontes positivistas e darwinistas sociais. *História & Perspectivas*. Uberlândia, (12/13): 133-148, janeiro/dezembro 1995.

SERNA, Justo e PONS, Anaclet. *Cómo se escribe la microhistoria*. Madrid, Cátedra, 2000.

___. El ojo de la aguja. De qué hablamos cuando hablamos de microhistoria? In: TORRES, Pedro Ruiz (org.). *La historiografia*. Madrid, Marcial Pons, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões culturais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. Anarquismo e movimentos sociais: uma tipologia de suas relações. *Cadernos de estudos*. Porto Alegre, CPGH/UFRGS, n° 8, dezembro 1993.

___. *"Povo! Trabalhadores!": tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre, 1917)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1994 (dissertação de mestrado).

___. A bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188?-1925). *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXII, n° 2, dezembro de 1996.

___. Anarco-sindicalismo no Brasil: notas sobre a produção de um mito histórico-historiográfico. In: D'ANGELO, Ana Lúcia Velhinho (org.). *Histórias de trabalho*. Porto Alegre, Unidade Editorial, 1995.

___. Condicionantes locais no estudo do socorro mútuo (Rio Grande do Sul: 1854-1889). *Locus*. Juiz de Fora, UFJF, v. 5, n° 2, 1999.

___. Contribuição a uma "história dos de baixo" do sindicalismo". *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXI, n° 1, julho de 1995.

___. Etnia e classe no mutualismo do RS (1854-1889). *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. 25, n° 2, 1999.

___. O herói no movimento operário. In: FÉLIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio P. (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

___. O Povo X *der Pöbel*. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELOS, Naira (org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. CANOAS, ULBRA, 1994.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Eliane Moura. *Maçonaria, anticlericalismo e livre pensamento no Brasil*. Texto apresentado no XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH. Belo Horizonte, julho 1997.

SILVA, Fernando Teixeira da e COSTA, Hélio da. Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

SILVA, Haike Kleber da. *Jacob Aloys Friederichs: os caminhos de um líder teuto-brasileiro em Porto Alegre (1868-1950)*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 2000 (projeto de tese de doutorado).

SILVA, Maria Amélia Gonçalves da. *Entre a anarquia e o silêncio: a trajetória de Elisa Hedwig Augusta*. Trabalho apresentado no XX Simpósio Nacional de História - História: Fronteiras. Florianópolis, julho de 1999.

___. *Rompendo o silêncio: mulheres operárias em Pelotas e Rio Grande (1890-1920)*. Porto Alegre, CPG em História da PUCRS, 1998 (dissertação de mestrado).

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Ed. Nacional, 1977.

SIRINELLI, Jean-François. Effets d'âge et phénomènes de génération dans le milieu intellectuel français - Les Khagneux et normaliens des années 1920: un rameau de la "génération de 1905"? *Les Cahiers de l'Institut d'Histoire du Temps Present: générations intellectuelles*, n° 6, novembro 1987.

___. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996.

SIROT, Stéphane. *Maurice Thorez*. Paris, Presses de Sciences Po, 2000.

SOUZA, Susana Bleil de. A fronteira na Revolução de 1893. In: POSSAMAI, Zita (org.). *Revolução Federalista de 1893*. Porto Alegre, SMC, 1993.

STAROBINSKI, Jean. *1789: os emblemas da razão*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Edilene Teresinha. *O sindicalismo revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de idéias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo*. Campinas, PPG em História da UNICAMP, 2002 (tese de doutorado).

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo/Porto Alegre, EDUSP/Com-Arte/Editora da Universidade-UFRGS, 1999.

___. Porto Alegre: dos cinemas, cafés, jornais, livrarias e praças. A capital dos livros (1929-1948). *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXI, nº 1, julho de 1995.

TRINDADE, Hélgio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937): da confrontação autoritário-liberal à implosão da aliança político-revolucionária de 30. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (org.). *RS: economia & política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979.

___. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, DIFEL, 1974.

UCHA, Danilo. Revolucionário desde os 12 anos. *Zero Hora*. Porto Alegre, 08/10/1982. p. 7.

VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história. Os protagonistas anônimos da História*. Rio de Janeiro, Campus, 2002.

VARGAS, Anderson Zalewski. *"Os subterrâneos de Porto Alegre": imprensa, ideologia autoritária e reforma social, 1900-1919*. Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, 1993 (dissertação de mestrado).

VARGAS, Getulio. *Diário*. Rio de Janeiro, FGV, 1995.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1996.

VENANCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das crianças no Brasil*, op. cit.

VENTURA, Antônio. *Anarquistas, republicanos e socialistas em Portugal: as convergências possíveis (1892-1910)*. Lisboa, Cosmos, 2000.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

VERISSIMO, Erico. *O retrato (O tempo e o vento II)*. São Paulo, Globo, 1994. 2 volumes.

VERISSIMO, L. F. Estranho país. *Zero Hora*. Porto Alegre, 25/03/2002. p. 3.

VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre, A Nação/IEL, 1974.

VITORINO, Artur José Renda. Classe contra classe: tipógrafos e linotipistas. *Trabalhadores: fábrica e cidade*. Campinas, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo/Prefeitura Municipal de Campinas, n° 4, 1989.

VIZENTINI, Paulo G. F. *Relações internacionais e desenvolvimento: o nacionalismo e a política externa independente (1951-1964)*. Petrópolis, Vozes, 1995.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense, 1889-1928*. Santa Maria/Bauru, Ed. da UFSM/EDUSC, 1999.

WEBER, Regina. *Os operários e a colmeia. Trabalho e etnicidade no sul do Brasil*. Ijuí, Editora Unijuí, 2002.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo, EDUSP, 1995.

WILSON, Nelly. "Plebs" et peuple dans "Les Chatiments" - Hugo entre socialisme et poétique". In: *Romantisme - Colloques: Les socialismes Français: 1796-1866 - Formes du discours socialiste*. Paris, SEDES, 1995.

XERRI, Eliana Gasparini. *Uma incursão ao movimento operário de Rio Grande no início do século XX*. Porto Alegre, CPG em História da PUCRS, 1996 (dissertação de mestrado).

ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, L&PM, 1985.

UNICAMP
BLIOTECA CENTRAL
ÇÃO CIRCULANTE